

DESCOBRIMENTOS E CONQUISTAS

II

A VIAGEM DE VASCO DA GAMA

8 de Julho de 1497 — 29 de Agosto de 1499

*As qualidades passivas são inadequadas
à conquista daquilo a que por erro se chama
fortuna, amante dos audazes e filha dilecta
da sorte que é cega.*

OLIVEIRA MARTINS—*Os Filhos de D João I*—pag 26

SUMÁRIO DO 2.º VOLUME

A Viagem de Vasco da Gama

1497 — 1499

- I — A partida — 1497 — 8 Julho 497
- II — Na Angra de S. Helena
- III — O Cabo da Boa Esperança
- IV — A Terra da Boa Gente
- V — No Zambeze
- VI — Em Moçambique — 2 Março 498
- VII — Em Mombaça
- VIII — Em Melinde
- IX — A chegada à Índia — 20 Maio 498
- X — A visita ao Samorim
- XI — O regresso a Portugal — 29 Agosto 499



Arribas da Gula à tarde - Cascaes - Pastel - (Quadro d'El-Rei D. Carlos)

A viagem de Vasco da Gama

8 de Julho de 1497 — 18 de Setembro de 1499

1497		ITINERÁRIO
8 julho	sabado	Partida de Lisboa.
15 "	sabado	Avista as Canárias.
16 "	domingo	Passa em frente do Rio do Oiro.
23 "	domingo	Passa em frente da Ilha do Sal.
27 " /	5. ^a feira	Chega à Ilha de S. Tiago — Praia.
3 agosto	5. ^a feira	Sai de S. Tiago.
18 "	6. ^a feira	Parte-se a verga ao S. Gabriel.
22 "	3. ^a feira	Aparecem garções e baleias.
27 outubro	6. ^a feira	Aparecem baleias e fôcas.
1 novembro	5. ^a feira	Aparecem <i>golfões</i> .
4 "	sabado	Avistam terra. A armada que se espalhára reúne e salva.
7 "	3. ^a feira	Na volta da terra avistam uma bahia, que Pero d'Albuquerque vai reconhecer e à qual o capitão-mór põe o nome de <i>Santa Helena</i> .
8 "	4. ^a feira	A armada entra naquela baía onde beneficia os navios; reconhecem um rio a 4 léguas para SE, a que chamam S. Tiago.
9 "	5. ^a feira	Desembarcam e apanham um indigena — um <i>bushman</i> .
12 "	domingo	Fernão Veloso acompanha os indigenas ás povoações.
16 "	5. ^a feira	A armada sai da Baía de Santa Helena.
18 "	sabado	Avistam o Cabo da Boa Esperança.
19 "	domingo	À vista do Cabo, sem o poderem dobrar.
22 "	4. ^a feira	Dobram o Cabo e avistam a grande angra que lhe fica a Sul — <i>Bahia Falsa</i> .
25 "	sabado	Entram na <i>Aguada de S. Braz</i> , (hoje Mossel B.), onde ficam 13 dias e desfazem a náu dos mantimentos.
1 dezembro	6. ^a feira	Aparecem muitos indigenas.
6 "	4. ^a feira	Assentam um padrão.
7 "	5. ^a feira	Os indigenas destroem-o.
8 "	6. ^a feira	Largam desta baía.

13 dezembro	3. ^a feira	Grande tormenta.
15 "	6. ^a feira	Avistam os <i>Ilheus Chãos</i> .
16 "	sabado	Passam pelo último padrão de Bartolomeu Dias, 5 léguas a E. dos <i>Ilheus Chãos</i> .
17 "	domingo	Nas alturas do R. do Infante, terminus da viagem de Bartolomeu Dias.
19 "	3. ^a feira	Fazem-se na volta da terra e descaem para os <i>Ilheus Chãos</i> .
25 "	2. ^a feira	"Tinham descoberto por costa 70 léguas".
28 "	5. ^a feira	Fundeiam perto da costa para pescar; Rio do Ouro?

1493

10 janeiro	4. ^a feira	Desembarcam e ali se demoram 6 dias. Chamam a êste lugar, <i>Terra da Boa Gente</i> , e ao Rio, <i>do Cobre</i> .
15 "	2. ^a feira	Saem daqui e fazem-se ao largo.
22 "	2. ^a feira	Avistam uma terra baixa.
25 "	5. ^a feira	Entram no Rio a que chamam dos <i>Bons Sinais</i> , onde ficam 32 dias a beneficiar os navios. Adoece muita gente de escrobuto. Assentam o padrão S. Rafael.
24 fevereiro	sabado	Saem deste porto.
25 "	domingo	Avistam três ilhas, e passam por elas durante a noite — são as <i>Ilhas Primeiras</i> .
1 março	5. ^a feira	Avistam Moçambique ao entardecer.
2 "	6. ^a feira	Fundeiam junto à <i>Ilha de S. Jorge</i> .
3 "	sabado	Entram no porto.
10 "	sabado	Voltam para a Ilha de S. Jorge.
11 "	domingo	Missa na Ilha de S. Jorge; fazem-se de vela, mas a corrente impele-os para sul.
15 "	5. ^a feira	Voltam para a Ilha de S. Jorge.
24 "	sabado	Fazem aguada na Cabaceira, à força.
25 "	domingo	Fazem aguada em socego.
26 "	2. ^a feira	Entram novamente no porto de Moçambique.
27 "	3. ^a feira	Voltam para a Ilha de S. Jorge.
29 "	5. ^a feira	Largam para o mar.
1 abril	domingo	Ilha do Açoutado.
6 "	6. ^a feira	O S. Rafael toca num baixo. Terras de S. Rafael.
7 "	sabado	Fundeiam na Costa em frente a Mombaça.
8 "	D. Ramos	O capitão-mór manda dois portugueses a visitar o Sheick.
10 "	3. ^a feira	Levantam ferro para entrar no porto mas o navio do capitão-mór recusa entrar.
13 "	6. ^a feira	Saem de Mombaça.
14 "	sabado	Fundeiam em frente a <i>Melinde</i> .
15 "	domingo	Aproximam-se mais do porto.
17 "	3. ^a feira	Idem.
18 "	4. ^a feira	O Sheick de Melinde visita Vasco da Gama.

1493

ITINERÁRIO

22 abril	domingo	O Sheick manda um piloto.
24 "	3. ^a feira	Saem de Melinde.
29 "	domingo	Avistam a estrela do norte.
17 maio	5. ^a feira	Avistam a costa da Índia.
20 "	domingo	Fundeiam em frente a Pandarane.
21 "	2. ^a feira	Desembarca um degredado.
22 "	3. ^a feira	Aproximam-se mais da terra.
28 "	2. ^a feira	Vasco da Gama recebe convite para desembarcar.
29 "	3. ^a feira	Desembarca; vai de machila a Kappat e daí à povoação do Samorim.
30 "	4. ^a feira	Recebe um presente do Samorim.
31 "	5. ^a feira	Regresso a Pandarane.
4 junho	2. ^a feira	O capitão-mór prepara um presente para o Samorim.
5 "	3. ^a feira	Segunda entrevista com o Samorim.
23 agosto	6. ^a feira	Faz-se de vela, mas torna a fundear.
29 "	4. ^a feira	Partida definitiva.
30 "	5. ^a feira	Ataque de embarcações indígenas, repellido.
15 setembro	sabado	Coloca o padrão Santa Maria.
19 "	4. ^a feira	Toma água e lenha.
23 "	domingo	Fundeia em Aujediva.

1499

5 outubro	6. ^a feira	Partida de Aujediva.
2 janeiro	6. ^a feira	Avista a costa de África.
8 "	sabado	Entra em Melinde.
27 "	domingo	Sai de Melinde.
28 "	2. ^a feira	Passa por Zamzibar.
1 fevereiro	6. ^a feira	Entra em Moçambique.
2 "	sabado	Coloca o Padrão S. Jorge e larga para sul.
3 março	domingo	Aguada de S. Braz.
20 "	4. ^a feira	Dobra o Cabo da Boa Esperança.
25 abril	5. ^a feira	Chegam à Ilha de S. Tiago; Vasco da Gama parte numa caravela em que leva o irmão Paulo da Gama muito doente para a Ilha Terceira.
10 julho	4. ^a feira	Nicolau Coelho com o Berrio chega a Cascais.
29 agosto	5. ^a feira	Vasco da Gama chega a Lisboa.

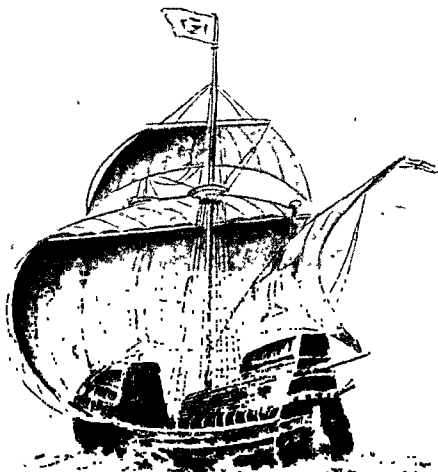
A. S. Gabriel.

120 tonnes

19^m de longueur

6^m de largeur

3^m de profondeur



**Calendário dos anos 1497-1499, para elucidação
da viagem de Vasco da Gama**

1497

Julho							Agosto						
✠	—	2	9	T Alta R Ouro	23	30	—	6	13	20	27	—	
Segunda	—	3	10	17	24	31	—	7	14	21	28	—	
Terça	—	4	11	18	S Tiago 25	—	1	8	Asc de N Senh 15	22	29	—	
Quarta	—	5	12	19	26	—	2	9	16	23	30	—	
Quinta.	—	6	13	20	27	—	3	10	17	24	31	—	
Sexta..	—	7	14	21	28	—	4	11	S Helena 18	25	—	—	
Sábado	1	8	Canárias 15	22	29	—	S das Neves 5	12	19	26	—	—	
Setembro							Outubro						
✠	—	3	10	17	S das Merces 24	—	1	8	15	22	29	—	
Segunda	—	4	11	18	25	—	2	9	16	23	30	—	
Terça	—	5	12	19	26	—	3	10	17	24	31	—	
Quarta..	—	6	13	20	27	—	4	11	18	25	—	—	
Quinta..	—	7	14	S Matens 21	28	—	5	12	19	26	—	—	
Sexta	1	8	15	22	29	—	6	13	20	27	—	—	
Sábado	2	9	16	23	30	—	7	14	21	S Simão e S Joas 28	—	—	
Novembro							Dezembro						
✠	—	5	12	19	26	—	—	3	10	17	24	31	
Segunda	—	6	13	20	27	—	—	4	11	18	Natal 25	—	
Terça	—	7	14	21	28	—	—	5	12	19	26	—	
Quarta	1	S Helena 8	15	22	29	—	—	6	S Luiza? 13	20	27	—	
Quinta..	2	9	16	23	30	—	—	7	14	S Tomé 21	28	—	
Sexta	3	10	17	24	—	—	1	S Conç 8	15	22	29	—	
Sábado	4	S Mart 11	18	S Catarina 25	—	—	2	9	16	23	30	—	

1498

Janeiro							Fevereiro						
✠	—	7	14	21	28	—	—	4	11	18	25	—	
Segunda	1	8	15	S. Vicent. 22	29	—	—	5	12	19	26	—	
Terça...	2	9	16	23	30	—	—	6	13	20	27	—	
Quarta...	3	10	17	24	31	—	—	7	14	21	—	—	
Quinta...	4	11	18	25	—	—	1	8	15	22	—	—	
Sexta...	5	12	19	26	—	—	2	9	16	23	—	—	
Sábado.	Reis 6	13	20	27	—	—	3	10	17	24	—	—	
Março							Abril						
✠	—	4	11	18	25	—	1	Ramos 8	15	22	29	—	
Segunda	—	5	12	19	26	—	2	9	16	23	30	—	
Terça...	—	6	13	20	27	—	3	10	17	24	—	—	
Quarta...	—	7	14	21	28	—	4	11	18	25	—	—	
Quinta...	1	8	15	22	29	—	5	12	19	26	—	—	
Sexta...	2	9	16	23	30	—	6	Indulgen- cia 13	20	27	—	—	
Sábado.	3	10	17	24	31	—	7	14	21	28	—	—	
Maio							Junho						
✠	—	6	13	20	27	—	—	3	10	17	S. João 24	—	
Segunda	—	7	14	21	28	—	—	4	11	18	25	—	
Terça...	1	8	15	22	29	—	—	5	12	19	26	—	
Quarta...	2	9	16	23	30	—	—	6	13	20	27	—	
Quinta.	3	10	17	24	31	—	—	7	14	21	28	—	
Sexta...	4	11	18	25	—	—	1	8	15	22	S. Pedro 29	—	
Sábado.	5	12	19	26	—	—	2	9	16	23	30	—	

498

Julho

✠	1	8	15	22	29	—
Segunda	2	9	16	23	30	—
Terça...	3	10	17	24	31	—
Quarta..	4	11	18	25	—	—
Quinta..	5	12	19	26	—	—
Sexta .	6	13	20	27	—	—
Sábado.	7	14	21	28	—	—

Agosto

—	5	12	19	26	—
—	6	13	20	27	—
—	7	14	21	28	—
1	8	15	22	29	—
2	9	16	23	30	—
3	10	17	24	31	—
4	11	18	25	—	—

Setembro

✠	—	2	9	16	23	30
Segunda	—	3	10	17	24	—
Terça...	—	4	11	18	25	—
Quarta..	—	5	12	19	26	—
Quinta..	—	6	13	20	27	—
Sexta ..	—	7	14	21	28	—
Sábado.	1	8	15	22	29	—

Outubro

—	7	14	21	28	—
1	8	15	22	29	—
2	9	16	23	30	—
3	10	17	24	31	—
4	11	18	25	—	—
5	12	19	26	—	—
6	13	20	27	—	—

Novembro

✠	—	4	11	18	25	—
Segunda	—	5	12	19	26	—
Terça. .	—	6	13	20	27	—
Quarta.	—	7	14	21	28	—
Quinta.	1	8	15	22	29	—
Sexta .	2	9	16	23	30	—
Sábado	3	10	17	24	—	—

Dezembro

—	2	9	16	23	30
—	3	10	17	24	31
—	4	11	18	25	—
—	5	12	19	26	—
—	6	13	20	27	—
—	7	14	21	28	—
1	8	15	22	29	—

1499

Janeiro							Fevereiro						
✠	—	6	13	20	27	—	—	3	10	17	24	—	
Segunda	—	7	14	21	28	—	—	4	11	18	25	—	
Terça.	1	8	15	22	29	—	—	5	12	19	26	—	
Quarta..	2	9	16	23	30	—	—	6	13	20	27	—	
Quinta..	3	10	17	24	31	—	—	7	14	21	28	—	
Sexta.	4	11	18	25	—	—	1	8	15	22	—	—	
Sábado.	5	12	19	26	—	—	2	9	16	23	—	—	

Março							Abril						
✠	—	3	10	17	24	31	—	7	14	21	28	—	
Segunda	—	4	11	18	25	—	1	8	15	22	29	—	
Terça...	—	5	12	19	26	—	2	9	16	23	30	—	
Quarta.	—	6	13	20	27	—	3	10	17	24	—	—	
Quinta..	—	7	14	21	28	—	4	11	18	25	—	—	
Sexta ..	1	8	15	22	29	—	5	12	19	26	—	—	
Sábado	2	9	16	23	30	—	6	13	20	27	—	—	

Maio							Junho						
✠	—	5	12	19	26	—	—	2	9	16	23	30	
Segunda	—	6	13	20	27	—	—	3	10	17	24	—	
Terça...	—	7	14	21	28	—	—	4	11	18	25	—	
Quarta.	1	8	15	22	29	—	—	5	12	19	26	—	
Quinta .	2	9	16	23	30	—	—	6	13	20	27	—	
Sexta ..	3	10	17	24	31	—	—	7	14	21	28	—	
Sábado .	4	11	18	25	—	—	1	8	15	22	29	—	

1499

Julho							Agosto						
✠	—	7	14	21	28	—	—	4	11	18	25	—	
Segunda	1	8	15	22	29	—	—	5	12	19	26	—	
Terça..	2	9	16	23	30	—	—	6	13	20	27		
Quarta..	3	10	17	24	31	—	—	7	14	21	28	—	
Quinta.	4	11	18	25	—	—	1	8	15	22	29	—	
Sexta ..	5	12	19	26	—	—	2	9	16	23	30	—	
Sábado.	6	13	20	27	—	—	3	10	17	24	31	—	
Setembro							Outubro						
✠	1	8	15	22	29	—	—	6	13	20	27	—	
Segunda	2	9	16	23	30	—	—	7	14	21	28	—	
Terça...	3	10	17	24	—	—	1	8	15	22	29	—	
Quarta..	4	11	18	25	—	—	2	9	16	23	30	—	
Quinta.	5	12	19	26	—	—	3	10	17	24	31	—	
Sexta...	6	13	20	27	—	—	4	11	18	25	—	—	
Sábado.	7	14	21	28	—	—	5	12	19	26	—	—	
Novembro							Dezembro						
✠	—	3	10	17	24	—	1	8	15	22	29	—	
Segunda	—	4	11	18	25	—	2	9	16	23	30	—	
Terça...	—	5	12	19	26	—	3	10	17	24	31	—	
Quarta..	—	6	13	20	27	—	4	11	18	25	—	—	
Quinta..	—	7	14	21	28	—	5	12	19	26	—	—	
Sexta...	1	8	15	22	29	—	6	13	20	27	—	—	
Sábado.	2	9	16	23	30	—	7	14	21	28	—	—	

II — A viagem de Vasco da Gama

1497-1499

«A nossa
sobre profundas
ras; guiada pela
grafia, apoios de
luminoso, constante e regular, e dirigida por novos
instrumentos e aplicação de regras de astronomia e
geometria».

António Ribeiro dos Santos, *Memórias
da Literatura Portuguesa*.

1 — A partida

1497

Bartolomeu Dias regressara da sua monumental viagem além do Cabo da Boa Esperança; tinham-se recebido cartas de Pero de Covilhã com informações sobre o Índico e costa ocidental de África, e na Ribeira concluíram-se as naus que D. João II ainda mandara construir.

Estavam da Gama, o antigo Vedor da Casa de D. Afonso V, e Elrei D. João II escolhera para a viagem, vinha de morrer, e D. Manoel, o novo Rei, não convidava o filho mais velho de Estevam, Paulo da Gama, por este andar «amorado» em consequência de ter batido e ferido o juiz de Setúbal (1). Mas, mesmo que se não dera esse incidente, Elrei D. Manoel não o convidaria por ser Paulo da Gama «de condição mansa», e para uma empresa destas era indispensável muita energia e dureza de carácter.

Em Dezembro de 1495, D. Manoel reúne conselho em Montemor-o-Novo, para tratar do proseguimento da empresa que D. João II tentara e

(1) Gaspar Correia — *Lendas* — vol. I, pag. 13

para a qual mandara construir navios; o conselho, porém, foi de parecer que não se devia proseguir nos descobrimentos, contentando-se com o pacífico trato da Guiné.

D. Manoel não se conformou com esta opinião e mandou proseguir nos preparativos, mandando chamar a Extremoz, onde se achava, em 2 de Janeiro de 1497, Vasco da Gama a quem queria entregar o comando da expedição.

Vasco da Gama era um homem simultaneamente ousado e prudente, desprovido desses impulsos que os génios possuem e que se umas vezes dão o successo, outros conduzem a desastres formidáveis.

Era um homem sereno, frio, duro até à crueldade, obstinado e reunindo as qualidades de soldado às de marinheiro, cousas, aliás, frequentes na época. Tinha 37 anos de idade, estava em pleno vigor da vida: estatura mediana, forte, membrudo, vermelho, "mui fragueiro de condição e mui entendido em todas as cousas".

Inflexível, não esquecia uma ofensa; obstinado, poz os olhos no Oriente ao partir de Lisboa e não o desfilou mais, até fundear na costa da Índia.

O irmão, Paulo da Gama, era a sua antítese, tão brando e manso quanto Vasco da Gama era colérico e assomado; estimavam-o, a bordo, pela sua bondade e mansidão, qualidades que o sobrinho, D. Cristóvam da Gama, herdou (1).

D. Manoel, em Extremoz, investiu Vasco da Gama no comando, "com palavras de muita confiança", incitando-o a não esmorecer na empresa, "e daquelas partes trazer o fructo de todas as despesas".

A armada foi-se aprontando e Elrei passou de Extremoz a Évora donde despediu Vasco da Gama para Lisboa.

Os navios eram dois, construídos no lugar da *Telha* ao sul do Tejo, próximo a Alhos Vedros, como vimos, sob a direcção de Bartolomeu Dias, que estava indigitado para a capitania-mór dessa viagem. A madeira fôra por ordem de D. João II mandada cortar pelo seu moço de monte João de Bragança, e conduzida para casa da Mina em 1494. Os dois navios chamavam-se *S. Gabriel*, de 120 tonéis e *S. Rafael* de 100 (2). A estes navios juntou-se um outro, *S. Miguel*, uma caravela de 50 tonéis, comprada a um piloto de nome *Bérrio*, nome que passou para o navio, e, ainda, uma nau de 200 tonéis comprada a Aires Correia, de Lisboa, e destinada a transportar a reserva de mantimentos para a viagem.

O capitão-mór embarcou no *S. Gabriel*, levando como piloto Pero de Alemquer, "homem muito esperto nas cousas do mar", e fôra o piloto de Bartolomeu Dias, na viagem de 1487 em que dobraram o Cabo; mestre era Gonçalves Alvares; escrivão Diogo Dias, irmão de Bartolomeu Dias (3).

No *S. Rafael* embarcaram Paulo da Gama, piloto João de Coimbra, escrivão João de Sá.

O capitão do *S. Miguel* ou *Bérrio* era Nicolau Coelho, tendo por piloto Pero Escobar (4), e escrivão, Álvaro Braga.

Na nau dos mantimentos, ia Gonçalo Nunes, creado de Vasco da Gama.

(1) Castanheda — *Descobrimentos e Conquistas* — Livro I, cap. I.

(2) Juntando-se $\frac{1}{5}$ à tonelagem indicada obtem-se a correspondente actual. Damião de Goes — *Crónicas de Elrei D. Manoel* — 1.^a parte.

(3) João de Barros, por engano chamava-lhe Álvaro Dias.

(4) Em 1510 andava na Índia, onde tigura num naufrágio.

Segundo Castanheda embarcaram nesta armada 148 homens, e o mesmo dizem Osório e Goes; João de Barros diz 170; Faria e Sousa, 160; e Ramuzio, 180. Levaram dois intérpretes; um, Fernão Martins, de Árabe, e outro, Martins Afonso, "da língua dos pretos, por ter andado muitos anos no Manicongo".

Até nós ainda chegaram os nomes de mais alguns homens desta armada, e que ninguém deve esquecer: Álvaro Velho (1), Fernão Veloso, o soldado que Camões immortalizou:

"He Velozo no brâço confiado"

Gonçalo Pires, marinheiro, Sancho de Mexia, que parece ser homem de côr escura e muito feio, segundo se deduz duma passagem do Roteiro; Pedro de Faria Figueiredo com seu irmão Francisco, que morreram no Cabo das Correntes; Leonardo Ribeiro, também immortalizado por Camões;

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhozo, cavaleiro e enamorado.

Pero de Corbillones, franciscano, capelão da armada; João da Ameixoeira, que pelo nome era natural dos arredores de Lisboa, marinheiro do S. Gabriel; João de Setúbal, João Nunes...

Cada marinheiro ia ganhar cinco cruzados por mês, e os que tivessem officio de carpinteiro, calafate, cordoeiro, ferreiro ou tanoeiro, mais dois cruzados. Cada homem casado, recebeu 100 cruzados de prémio; e cada solteiro 40; Vasco da Gama e Paulo da Gama receberam dois mil cruzados cada um; e Nicolau Coelho, mil.

Iam na armada dez degredados para serem lançados nas terras com que fôsse preciso estabelecer comunicação; também iam *padrões* lavrados e prontos a assentar.

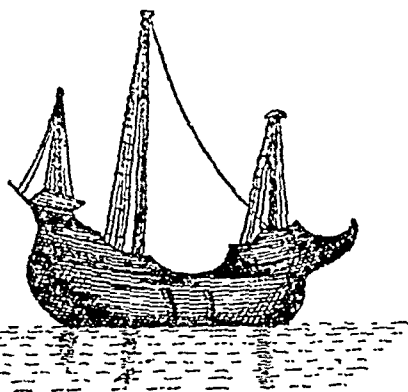
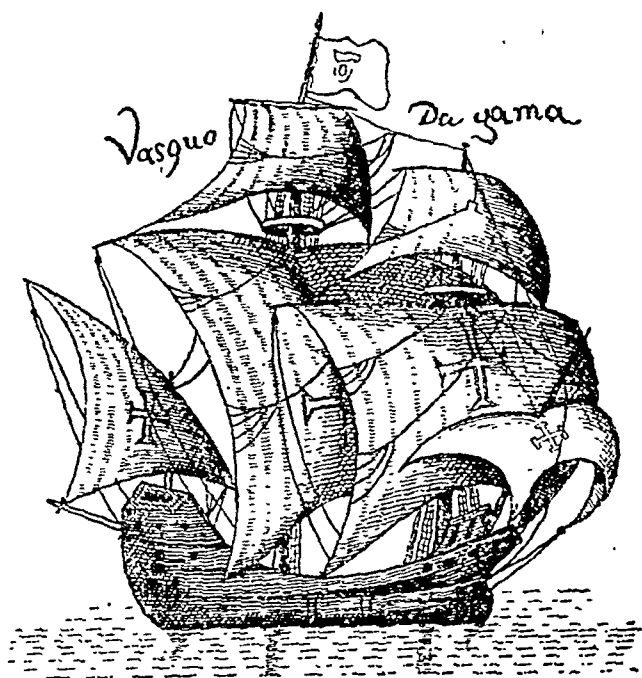
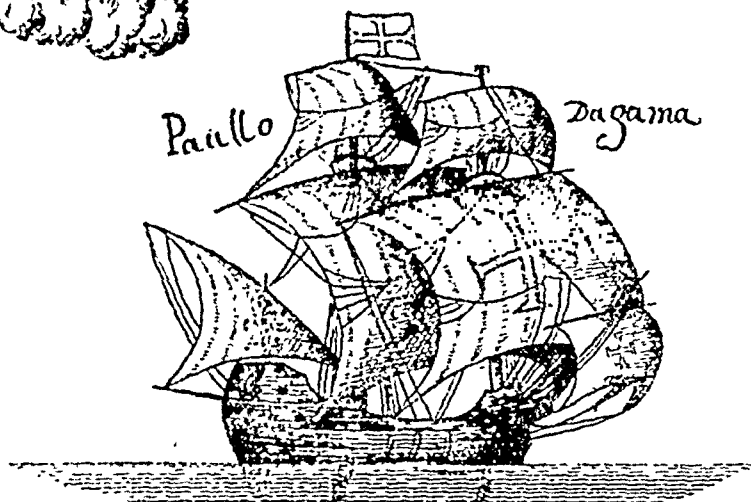
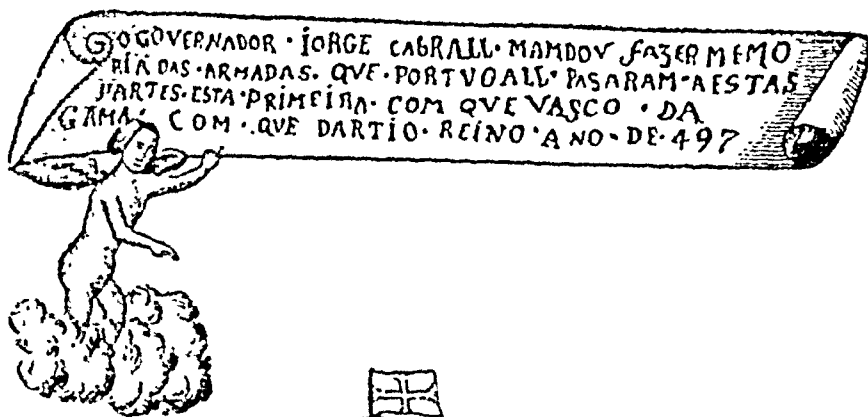
Os navios foram despachados por Fernão Lourenço, feitor da casa da Mina, "que foi um dos magníficos homens daquelle tempo, e que do seu fundou de novo os paços de Santos-o-Velho", que, depois, D. Manoel comprou.

Bartolomeu Dias acompanhou a expedição até à Mina, — prémio de consolação que lhe deram.

Na sexta-feira, 7 de Julho de 497, Vasco da Gama com os capitães e mais gente foram passar a noite na Casa de Nossa Senhora do Restelo, em Belem, pequena ermida que o Infante D. Henrique ali mandara construir e onde as freiras do Convento de Cristo de Tomar administravam os Sacramentos aos marinheiros, antes de partirem para as suas viagens:

"per muitas vezes eram juntos muitos homens, estando hi per espaço de tempo em armadas que se faziam destes reinos para muitas partes; e isso mesmo dos que iam e vinham a tratar suas mercadorias para logares desvairados: na qual estada, que assim estavam no dito porto, não podiam

(1) Pretende-se que fôsse o autor do Roteiro da viagem publicado por Alexandre Herculano. Outros indicam Álvaro Braga, o escrivão do *Bérrio*; este não pode ser por isso que a pag. 2 diz o Roteiro: «e achamos a nau dos mantimentos e Nicolau Coelho e Bartholomeu Dias». Herculano inclina-se a que fôsse Sancho de Mexia. Adeante discutiremos este ponto.



Honorio de neçulaocoelho qz fizerao

ouvir missa, carecendo com elo os eclesiasticos sacramentos, e morriam muitos ali, e os lançavam naquelas arcias, sendo desfalecidos de não poderem haver sacerdote que os confessasse, nem egreja, nem cimiterio em que taes corpos, assim mortos, podessem ser lançados. E por os ditos mortos assim não haverem o que pela Santa Madre Egreja é estabelecido, e suas almas com seus corpos receberem em elo pena e pouca consolação; e os vivos e sãos que assim ali estavam e por tal logar passavam, assaz recebiam com ela afeição e pouco conforto por somente ali não acharem agua; por onde, por serviço de Deus e do seu santo nome, e em louvor e reverencia da Gloriosa Virgem Maria, minha Senhora e madre de meu Senhor Deus, mandei ali fazer uma egreja, pondo-lhe o nome de Santa Maria de Belem, mandando, ainda, fazer um cano e chafariz e fontes para uso da dita Egreja e para os subditos que em tal ponto estiverem e para os que ali forem, poderem haver agua» (1).

O caso da vigília na ermida e embarque para viagem era caso vulgar, mas esta expedição destinada a uma larga demora, atraíu muita gente ao Restelo.

Na manhã de sábado, 8 de Julho de 497 (2),

... Co'a virtuosa companhia
De mil Religiosos deligentes,
Em procissão solenne a Deus orando,
Para os Bateis viemos caminhando.

Na frente os meninos do côro nas suas batinas vermelhas, agitando os turibulos em que ardia o incenso; depois, os frades em duas alas, com as mão metidas nas mangas dos hábitos; a seguir o Vigário sob o pátio, ladeado das lanternas, com a custódia de ouro empunhada; e depois, Vasco da Gama com os outros capitães, rodeado pelos fidalgos da côrte e seguido pelos soldados e marinheiros e pela multidão de povo, parentes, amigos ou curiosos, e as mulheres chorando alto.

Iam todos descobertos, empunhando tochas acesas, e entoando a ladainha.

Era uma manhã de Junho, da nossa terra, luminosa, macia; as andorinhas riscavam o azul do ceu nos seus volteios rápidos, e as gaivotas em largas revoadas, vinham pousar na água; o ar estava empregnado do cheiro da marezia e das giestas em flor.

Ao chegarem à praia onde os batéis tocavam, lançaram-se todos de joelhos sobre a areia húmida e fez-se um grande silêncio que deixava ouvir o marulhor das vagas expirando-se. E das mulheres,

«A branca areia as lágrimas banharam
Que em multidão com elas se igualavam» (3).

(1) Carta de doação da ermida e casas de Belem à ordem de Cristo. 18 de Setembro de 640

(2) «Dia de Nossa Senhora de Março», diz erradamente Gaspar Correia. Ramuzio e Maffai marcam o dia 9; António Galvão, 20; o Visconde de Santarém, 2 de Julho; Castanheira, Barros, Faria e Sousa, 8 de Julho; e 8 de Julho diz o autor anónimo do *Roteiro*: Goes diz 2 de Julho, a pag. 23 das *Crónicas de Elrei D. Manoel*, e 8, sábado, a pag. 36.

(3) Camões — *Lusiadas* — C. IV, pag. 92.

E o Vigário, postos os olhos no ceu azul e luminoso, ergueu o braço direito e sôbre as cabeças descobertas e curvadas, lançou uma grande cruz de benção — In nomine Patet et Filii...

O resto foi abafado pelos soluços que as mulheres comprimiam e então explodiram:

"Qual vae dizendo: ó filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio e doce amparo
Desta já cansada velhice minha... (1)

Os batéis, vigorosamente impelidos pelos remos, dirigiram-se para as naus, que de vêrga de alto, prontas a partir, se balouçavam pesadamente, ao sabor da ondulação.

Levam as âncoras, "e quando foi ao desfraldar das velas, que os mareantes segundo o seu uso, deram aquele alegre princípio de caminho dizendo:

— Boa Viagem!

"Todo los que estavam na vista deles, com uma piedosa humanidade, dobraram estas lagrimas, e começaram de os encomendar a Deus, e lançar juizos, segundo o que cada um sentia daquela partida..."

E logo, abriram
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos
E como é já no Mar costume usado,
A vela desfraldando, o Ceu ferimos,
Dizendo: — Boa Viagem! Logo o vento
No tronco fez o usado movimento (2).

"Assim que uns olhando para a terra, e outros para o mar e juntamente todos ocupados em lagrimas e pensamentos d'aquella incerta viagem, tanto estiveram promptos nisso, té que os navios se alongaram do porto" (3).

Já a vista pouco a pouco se desterra
Daqueles patrios montes que ficavam;
Ficava o caro Tejo e a fresca serra
De Sintra; e nela os olhos se alongavam:
Ficava-nos, tambem, na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavam;
E já, depois que toda se escondeu,
Não vimos mais, emfim, que Mar e Ceu (4).

Ao largar da armada appareceu Elrei "no seu batel os acompanhando e falando a todos com benções e boas horas se despediu deles, ficando sob o remo até desaparecerem" (5).

(1) Camões — *Lusiadas* — C. IV, pag. 90.

(2) Camões — *Lusiadas* — C. V, pag. 1.

(3) João de Barros — *Asia* — Dec. I, liv. IV, C. I.

(4) Camões — *Lusiadas* — C. V, pag. 1.

(5) João de Barros — *Asia* — Dec. I, liv. IV, C. I.

2 — De Lisboa à Angra de Santa Helena

1487

Em nome de Deus, Amen". — Assim começa o Roteiro da viagem.

"Na Era de 1497, mandou Elrei D. Manoel, o primeiro deste nome em Portugal, a descobrir, quatro navios, os quaes iam em busca da especiaria, dos quaes navios ia por capitam mor Vasco da Gama, e dos outros, d'um deles Paulo da Gama, seu irmão, e d'outro Nicolau Coelho.

"Partimos do Restelo um sabado, que eram 8 dias do mez de Julho da dita era de 497, nosso caminho que Deus Nosso Senhor deixe acabar em seu serviço, Amen" (1).

Daqui se vê que o autor do Roteiro ia escrevendo os diferentes successos dia a dia, ou de dias a dias, mas durante a viagem, isto é, que foi um dos tripulantes e não um ouvinte, o que ainda se comprova com o facto de que apenas chegou a Lisboa, mais se não importou com o Roteiro, deixando de mencionar os successos do fim da viagem, acabando a descrição, na altura do Rio Grande.

"Primeiramente, chegámos no sabado seguinte á vista das Canárias..." Foi no sábado, 15 de Julho, passando, durante a noite, a sotavento da *Ilha de Lançarote*.

Na madrugada seguinte, 16, estavam em frente da *Terra Alta*, ao sul do Bojador, onde estiveram duas horas a pescar; à noite achavam-se atravez do Rio do Oiro, com tanta cerração, que os navios se não viam uns aos outros.

"E fez de noite tamanha cerração, que se perdeu Paulo da Gama de toda a frota por um cabo, e pelo outro o capitão mor. E depois de amanhecer não houve vista dele nem dos outros navios, e nós fizemos o caminho das Ilhas de Cabo Verde..."

No domingo, 23 de julho, ao amanhecer, avistam a *Ilha do Sal*, e passada uma hora avistam, também, os outros três navios, "a nau dos mantimentos, e Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias, que iam em nossa companhia até à *Mina*, os quais também tinham perdidos o capitão mor (2). E depois de vermos juntos, seguimos nossa rota, e faleceu-nos o vento, e andámos em calmaria até quarta feira, — 26 — pela manhã".

"E ás dez horas do dia, — 26 de julho, — houve vista do capitão mor, avante de nós obra de 5 leguas, e sobre a tarde nos viemos a falar com muita alegria; onde tirámos muitas bombardas e tanjemos trombetas, e tudo com muito prazer pelo termos achado".

"E ao outro dia, que era quinta feira, — 27 de julho (3) — chegamos a *Ilha de S. Thiago*, onde pouzámos na praia de *Santa Maria*, com muito prazer e folgar, e ali tomámos carnes, agua e lenha e corregermos as vergas dos navios porque nos era necessario".

Aqui, Bartolomeu Dias, que ia para a Mina, separou-se do capitão-mór.

"E uma quinta feira, que eram 3 dias d'agosto, partimos em leste".

(1) *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama* — edição de 1861.

(2) Daqui se deduz que o autor do *Roteiro* não ia no navio de Vasco da Gama, nem na nau dos mantimentos, nem na de Nicolau Coelho, nem na de Bartolomeu Dias, isto é, ia no *João de Coimbra* ou *João de S. Tornaremos*, ain-

A 18 de agosto, com vento do sul, e a 300 léguas de S. Tiago, "quebrou a verga ao capitão mor, — S. Gabriel, — e pairámos com o traquete e papa-figo, dois dias e uma noite; e em 22 do dito mez, indo na volta do mar, ao sul e quarta do sudoeste, achámos muitas aves, feitas como *garções* (1); e quando veio a noite, tiravam contra sudoeste, muito rijas, como aves que iam para terra; e neste mesmo dia vimos uma baleia, e isto, bem a oitocentas léguas ao mar".

Engolfaram-se, então, para sul, e nesse rumo navegaram todo o resto do mês de agosto, setembro e outubro, sempre ao longo da terra, "com muitas tormentas de ventos, chuvas e cerrações, que todos se viram em assaz perigo" (2).

"Tão depressa ha uma bonança admiravel, como d'ahi a meia hora se veem e ouvem de toda a parte só relampagos e trovões e raios os mais espantozos que se podem imaginar, principalmente, quando o sol está proximo do equinocio, pois são, então, mais vehementes e mais importunos. D'ahi a um instante, renasce a bonança, e depois recomeça a borrasca, e assim continuadamente. Levanta-se ás vezes, de repente, um vento tão impetuoso, que não ha mais que fazer senão amainar e ferrar com diligencia todas as velas, e parece que os mastros e vergas se vão partir, e o navio perder-se".

"É freqüente ver vir de longe grossos redemoinhos, a que os marítimos chamam *dragões*, e que se passassem por cima dos navios os despedaçariam e meteriam no fundo. Quando os marinheiros os vêem, pegam em espadas, e batem com umas nas outras em cruz, na prôa, ou da banda, donde vem este temporal, e crêem que isto o estorva de passar por cima do navio, e o desvia para o lado.

"Alem disso, neste clima, as chuvas são mui damnosas e se uma pessoa se recolher e não muda promptamente de vestidos, fica logo toda coberta de borbulhas e pustulas pelo corpo, e cria bichos na roupa. Era necessario cobrir os navios com panos encerados, servindo de toldos, para nos livrar, assim da chuva como do sol; e nem por isso deixamos de padecer muito. E' impossivel contar por meúdo todos os transes, trabalhos, incomodos e fadigas que padecemos por espaço de trez mezes, por razão destes *travados*, (ou tornados), — que assim se chamam taes borrascas; são peores que um grande vento, e mesmo que uma tormenta, e os navios se estragam com eles, brevemente. O navio caminha em balanços, ora para uma banda ora para outra; mas quando lhe dá o vento em popa, as velas seguram o navio direito; e se dá de bolina, só pende para um dos lados. Estes tempos alquebram muito os navios, principalmente os que são grandes e carregados; e de ordinario os fazem abrir tanto que se sobrevem tormenta, não podem resistir muito tempo" (3).

Tambem Camões nos fala nas tempestades destas passagens:

(1) Garças grandes: «passaros grandes com os cotos das azas pardazes, e os corpos brancos, a que chamam *gaivotões*». Pimentel, arte de navegar.

(2) Castanheda.

(3) *Viagem de Francisco Pyrard* — vol. I — pag. 10.

Subitas trovoadas temerosas,
 Relampagos que o ar em fogo acendem,
 Negros chuveiros, noites tenebrosas,
 Bramidos de trovões. que o Mundo fendem. . .

Vi, claramente visto, o lume vivo
 Que a marítima gente tem por santo
 Em tempo de tormenta, e vento esquivo,
 Da tempestade de escuro e triste pranto.

Os marinheiros, apavorados, falavam abertamente em retroceder; mas Vasco da Gama não cedeu: "sem nunca dormir nem tomar repouso, mas sempre com eles nos trabalhos, acudindo com o apito do mestre como todos faziam; com que se foram tanto metendo ao mar, que o acharam todo em tormenta desfeita, com cerrações e escuridão. E por os dias serem muito pequenos, sempre parecia noite, com cinturas nas enxarcias com os mastros, porque com a braveza do mar, parecia, cada hora, que o navio se fazia em pedaços. Com o medo e trabalho adoeceram, porque também não podiam fazer comer, e chamavam todos que arribassem a Portugal. Mas os capitães se escuzaram, dizendo que não faziam senão o que fizesse Vasco da Gama, o qual com os seus, ora bravo ora manso, tinha com eles mui grandes trabalhos. E por ser homem mui colerico, ás vezes, com agastadas palavras os fazia calar, ainda que bem via a razão que tinham, que se viam a cada hora mortos, desesperados de vida, e quasi havia dois mezes que iam naquela volta; mas o capitão mor não queria, fazendo já o navio muita agua, com o que, os trabalhos eram dobrados, porque os dias eram pequenos e as noites grandes, onde lhe acudiam as chuvas tão frias, que os homens se não podiam bolir" (1).

Chegaram as cousas a ponto, que as tripulações combinaram prender os capitães e retroceder para Portugal: prevenido, Vasco da Gama fez chamar à sua camara os três marinheiros, cabeças do motim, fê-los descer a um porão, e fechou-os nêle; a seguir chamou o mestre e o piloto, e fê-los pôr a ferros, "tomando-lhes quantas cousas tinham da arte de navegar"; e subindo à ponte atirou pela borda fóra as cartas e instrumentos de navegação, gritando para a tripulação que apinhada o observava:

— Gentes! Olhai que já não tendes nem mestre nem piloto, nem quem vos ensine o caminho de hoje em diante, porque êstes que tenho presos debaixo da coberta, primeiro que tornem a Portugal morrerão! Mestre e piloto agora é Deus! Encomendai-vos a êle e a mim; e que ninguém de hoje ávante me fale em arribar, porque eu, ou hei-de chegar à Índia, ou a Portugal não hei-de tornar!...

A tripulação, domada, submeteu-se.

A 27 de outubro, "vespera de S. Simão e S. Judas, que era 6.^a feira, achámos muitas baleias, e umas que se chamavam fôcas e lobos marinhos".

Tambem appareceram *feijões frades*, (aves de plumagem branca com pintas pretas) e *mangas de veludo*, aves todas brancas com as azas pretas.

Na quarta feira, 1 de novembro, dia de Todos os Santos, "o mar appareceu coberto de uns golfões que nascem ao longo da costa, a que da-

vam o nome de *trombas*» (1); em volta do navio voejavam várias aves: — «entenaes e corvos grandes de bico pardo».

No sabado, 4 de novembro, duas horas antes do amanhecer, sonhando, acharam fundo de 110 braças, e pelas 9 horas avistaram terra, «a qual foram demandar com muita alegria». Então os navios aproximaram-se do S. Gabriel e salvaram ao capitão mór, «com muitas bandeiras e estandartes e bombardas, e todos vestidos de festa». Aproximaram-se muito da terra, mas não a conheceram, e tornaram na volta do mar.

Na terça feira, 7, viraram de novo sobre a terra e avistaram então a costa baixá, e uma baía que o piloto Pero d'Alemquer foi reconhecer, e a achou «muito boa e limpa e abrigada de todos os ventos, sómente do noroeste»; a 8, a armada entrou nela e Vasco da Gama, por ser o dia 8 de novembro, chamou-lhe *Angra de Santa Helena* (2).

3 — Na Angra de Santa Helena

1497

A baía de Santa Helena é excelente, mas não tinha água potável: «na Angra não se metia rio, nem regato, nem mesmo encontravam fontes, nem poços» (3). Nicolau Coelho, saíu a reconhecer a costa e, «a quatro léguas para SO» encontrou um rio, «que vem de dentro do sertão, que é em boca um tiro de pedra, e é de altura, duas ou três braças em qualquer água, e chama-se o *Rio de Santiago*...» (4) e para lá passou a armada.

«Nesta terra há homens baços, que não comem senão lobos marinhos, e baleias, e carne de gazelas e raízes diversas, e andam cobertos com peles, e trazem umas bainhas em suas naturas. E as suas armas são uns cornos tostados, metidos em umas varas d'azambujo; e teem muitos cães como os de Portugal, e assim mesmo ladram» (5). É o primeiro contacto dos europeus com Hotentotes. A terra, nesta região, é arenosa, arida, deserta e de

(1) No *Roteiro da carreira da India*, feito por Vicente Dias, «piloto d'ela», lê-se: «Tanto que forem das Ilhas de Tristão da Cunha, para o Cabo da Boa Esperança 50 até 100 leguas, começam a aparecer umas cousas que chamam *sargaços*, e de cem leguas em diante, acha-se umas moutas grandes a que chamam *trombas* que tem uma vara de comprimento e outra de largo. Aqui se acham *antenaes*, corvos grandes de bico pardo, e outras aves do tamanho de pombos, pintados de branco e preto a que chamam *feijão*; e cem leguas antes do cabo se acham *trombas* mais pequenas e manadas de passaros pequenos, brancos, a que chamam *borrelhos*; e 50 ou 40 leguas antes do cabo se achará um junto de água negra e grossa que sendo de dia e for de a conhecer, entenderão que estão do cabo uma singradura; até ao cabo aparecem uns corvos pretos e uns passaros pretos a que chamam *calcamares*, e gaivotas brancas, e depois vermelhas, que são juntos da costa do Cabo». No roteiro do Aleixo da Mota: «Cem leguas a Oeste deste Cabo da Boa Esperança se começam a ver uns passaros grandes com os colos das azas pardozas, e os corpos brancos, a que chamam *gaivotões*; e do Cabo para a Aguada de S. Braz se acharão em bandos e postos no mar. Ver-se-hão, também, por esta paragem, lobos marinhos que são do tamanho de cachorros e pardos; tudo isto se verá com maior quantidade, na Aguada de S. Braz, por nela haver muito peixe em que andam mariscando .. Cincoenta leguas a Oeste do Cabo, se acharão uns passarinhos como pardaes, cinzentos, em manadas, a que chamam *borrelhos*, e mais perto deste Cabo, corvos negros, muito nedios e pequenos, com os bicos brancos.

(2) Santa Helena é a 18 de agosto...

(3) Damião de Góes — *Cronica d'Elrei D. Manuel* — 36.

(4) Hoje Rio Berg

(5) *Roteiro* — pag. 5

aspecto triste. «As aves desta terra são assim mesmo como as de Portugal, corvos marinhos, gaivotas, rolas, cotovias, e outras muitas aves, e a terra é muito sadia e temperada e de boas ervas» (1).

«Ao outro dia depois de termos pousado, que foi à quinta feira,—8 de novembro,—saímos em terra com o capitão mor»; e Vasco da Gama, com os pilotos foram.

“. tomar do sol a altura
E compassar a Universal pintura (2).

Ignoravam onde estavam. O próprio Pero d'Albuquerque, que fizera a viagem do Cabo com Bartolomeu Dias, supunha-se a mais de 30 léguas do Cabo. Levaram por isso para terra os pesados instrumentos da época, para tomar a altura do sol,—os astrolábios,—de uso impossível a bordo com o balanço dos navios.

Armaram uma espécie de cabrea com três paus (3), e dela suspenderam o astrolábio grande, de madeira, que tinha três palmos de diâmetro. Próximo do meio dia, Vasco da Gama observa o sol rodeado pelos pilotos, que de braço estendido sustentam os astrolábios de latão, pequenos, pelo anel superior enfiado num dos dedos, enquanto que com a mão direita dirigem a mediclina a fazer incidir um raio luminoso pelos buracos das pinulas.

A parte superior da mediclina foi subindo na graduação até $76^{\circ} \frac{1}{3}$; a distância zenital do sol, ao meio dia, era portanto, $90^{\circ} - 76^{\circ} \frac{1}{3} = 13^{\circ} \frac{1}{3}$, complemento da altura.

As sombras corriam para sul para onde ficava, também, voltada a pinula inferior.

Então abriram o *Calendario do Regimento*, pagina de novembro, e acharam que a declinação do sol era $19^{\circ} - 21^{\circ}$, ou sejam $19^{\circ} \frac{1}{3}$ sul. Sendo sul a declinação, e correndo para sul as sombras, somaram-a com a distância zenital meridiana do sol, para obter a latitude, e acharam, segundo as regras do Regimento $13^{\circ} \frac{2}{3}$, os quais, somados aos $19^{\circ} \frac{1}{3}$ da declinação davam 33° .

O Cabo fica 1° mais ao sul.

O astrolábio empregado por Vasco da Gama, era o antigo astrolábio grego modificado e simplificado: durante muito tempo supoz-se ser êste astrolábio de origem árabe, por serem êstes quem o trouxe para a Península. O astrolábio plano deve-se a Eudoxio de Cnido — 409 — 356 A. C. — ou a Apolonio de Perga, século III a II A. C. (4).

João de Barros atribue a mestre Rodrigo, mestre Joseph visinho, e a Martim Behaim (5), a aplicação do astrolábio à navegação; os dois primeiros diziam-se discípulos de Zacuto, e o último foi-o de Regiomontano, e veio para Lisboa em 1484.

(1) *Roteiro* — pag. 5.

(2) *Luziadas* — Camões — C. V — XXVII.

(3) Luciano Pereira — *A Astronomia dos Luziadas*.

(4) Mais tarde adoptou-se para a observação das estrelas, o *bordão de Jacob*, ou *bailestilha*, composta de duas peças; flecha e martelo; no século XVII appareceu o quadrante inglês.

(5) Já a êle nos referimos.

As *tábuas náuticas* usadas, eram de origem peninsular; o astrolábio plano, donde proveio o náutico, já era conhecido na Península antes da vinda de Behaim.

No começo do século XV o Infante D. Henrique chamára a Portugal, como vimos, mestre Jacome de Maiorca, construtor de instrumentos náuticos e cartografo.

D. João II conseguiu reunir altas competências em cosmografia, tais como: o Bispo de Ceuta, D. Diogo Ortiz, Mestre Rodrigo, Mestre José Vissinho, Martim Behaim e Abrahão Zacuto; êste último veio de Salamanca, em 1492.

Emquanto Vasco da Gama com os pilotos se entretem a

“.tomar do Sol a altura
E compassar a universal piutura,

achando,

«.ter de todo já passado
Do Semicapro Peixe a grande méta,
Estando entre êle e o circulo gelado,
Austral, Parte do Mundo mais secreta;

Os soldados e marinheiros tambem desembarcam,

«.na espaçosa
Praia, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa
Da terra que outro povo não pizou.

Uns vão buscar lenha, outros:

«.que em espingardas e nas béstas
Para ferir os servos se fiavam,
Pelos sombrios matos e florestas
Determinadamente se lançavam,
Outros, nas sombras, que das altas sestas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da água, que suave e queda
Por alvas pedras corre à praia leda (1).

Outros, ainda, "mariscavam lagostas por haver ali muitas".

Paulo da Gama, num batel, arpoava baleotes, "o qual passatempo lhe houvera de custar a vida...": amarrára êle a linha à embarcação, e um baleote fisgado, mergulhou com tal violência, que arrastou a embarcação e a adornou, começando a meter água pelo bordo; rápido, um marinho, cortou a linha com um golpe de faca, e assim escaparam.

(1) Camões — *Lusiadas* — C. V est. 26 - 27 e CIX est. 67.

Alguns dos que “pelos sombrios matos e florestas” se meteram, vão dar com um preto que ao pé duma monteira, empunhando um tição, tão entretido estava a queimar um cortiço de abelhas, que não deu pela aproximação dos portugueses, que, caíndo sobre êle, o tomaram e levaram ao capitão-mór.

Era pequeno o cafre, feio de rôsto, de côr baça, “e quando falava, parecia que soluçava; seus vestidos são peles de alimárias, feitos como capas francesas... nem comem senão lobos marinhos e baleias, e carne de gazelas, e raízes d’ervas, e andam cobertos com peles, e trazem umas bainhas em suas naturas...”

As suas armas, “eram varas de azambujo, tostadas, e nos cabos metidos uns ossos de alimarias, tostados, que lhes serviam de ferros, e ferem com êles... e tem muitos cães como os de Portugal, e assim mesmo ladram... Parecia-se com Sancho de Mexia” (1).

O capitão-mór fe-lo sentar a uma mesa com dois grumetes, êle “comeu e bebeu de tudo o que lhe deram”. Vestiram-o garridamente e puzeram-o em terra.

Ao outro dia, — 17 de novembro, — voltou o indígena, agora acompanhado por mais 14 ou 15, e Vasco da Gama veio à praia vê-los e fez-lhes mostrar canela, cravo, aljofar, ouro, mas “êles não entenderam daquelas mercadorias nada, como homens que nunca as viram”.

A nada o bruto se movia.

Mas sendo-lhes mostrados cascadeis, e aneis d’estanho, e

Um barrete vermelho, côr contente

“com isto folgaram muito. E d’ahi por deante, até ao cabo do seguinte, vinham muitos onde estava a nossa frota”.

No domingo, — 12 — apareceram mais de quarenta; e nós, depois que jantámos saímos em terra, e com ceitis que levávamos, resgatámos conchas que êles traziam nas orelhas, que pareciam prateadas, e rabos de rapozas que traziam metidas em uns paus, com que abanavam ao rosto; onde eu resgatei uma bainha que um deles trazia em sua natura, por um ceitil. Pelo que nos parecia que eles prezavam o cobre, porque eles mesmos traziam umas continhas dele nas orelhas”.

Por esta descrição parece que a gente da terra eram *Bushmen*, pois, além dos característicos de fealdade e pequeno corpo, que os assemelhava ao Mexia, — feio devia ser — *falavam aos soluços* e usavam zagaia ponteadas de osso ou corno, e não se faz menção de animal doméstico além do cão.

Nêsse mesmo dia, domingo 12 de novembro, um soldado da armada, mais aventureiro e curioso, de nome Fernão Velozo, vendo os “domésticos já tanto e companheiros”, resolveu acompanhá-los à povoação, “para vêr da terra o trato”.

He Velozo no braço confiado
E de arrogante crê que vai seguro.

(1) Roteiro da viagem de Vasco da Gama

Os pretos vão-o guiando, seguindo ao longo da praia onde caçam um grande lobo marinho, que com grande destreza esfolam e esquartejam, assam e devoram, acompanhando os bocados com umas raízes.

O cheiro do assado era infecto, e Velozo, enjoado, e lembrando-se da ceia que a essa hora devia já estar pronta a bordo, resolveu voltar. Os pretos pareceram admirados daquela resolução tão súbita e seguem-o; desconfiado, Velozo, aperta o passo e os pretos fazem o mesmo; Velozo, então, deita a correr, e os pretos mais ligeiros do que êle, cercam-o e detem-o; Velozo grita, e Vasco da Gama, que estava à mesa, ceando, ouvindo os gritos, mandou o batel de Nicolau Coelho a acudir-lhe. Os marinheiros remam para terra, mas "porque Fernão Velozo nunca deixava de falar valentias" (1), quando o viram sobre a praia descer com passos a meio chouto, acinte detiveram-se em o receber. A qual detença deu suspeita aos negros... que o mesmo Veloso fizera algum sinal que não saíssem. E querendo entrar no batel, remeteram a êle dois negros para o entreter, da qual ousadia saíram com os focinhos lavados em sangue, ao que acudiram os outros; e foi tanta a pedrada e a fréchada sobre o batel, que o próprio Vasco da Gama teve de acudir, recebendo uma fréchada num pé, e ficando feridos mais dois marinheiros, e Gonçalo Alvaro, mestre do S. Gabriel.

Alguns bésteiros que iam na embarcação ainda "empregaram neles o seu almazem por não ficarem sem castigo" (2).

Que em mais que nos barretes, se suspeita,
Que a cor vermelha levam desta feita (3).

Disse, então, a Velozo um companheiro,
(Começando todos a sorrir),
Oulá, Velozo amigo, aquele outeiro
É melhor de descer que de subir.
Se é! (responde o ousado aventureiro),
Mas quando eu para cá vi tantos vir
Daqueles cães, depressa um pouco vim
Por me lembrar que estaveis cá sem mim.

"E tanto que tivemos nossos navios aparelhados, e limpos, e lenha tomada, nos partimos desta terra, uma quinta feira pela manhã, que era 16 dias de novembro, não sabendo nós, quanto erámos do Cabo da Boa Esperança, salvo Pero d'Albuquerque, dizia que o mais que podíamos ser, seriam 30 leguas á ré do Cabo".

(1) Por êle ser mui rebolão, assomado e falar sempre em valentias, não se deram os nossos muita pressa, nem os negros lhe fizeram mal, nem entendiam que pedia socorro contra êles — *Damião de Goes* — crónica 37.

(2) João de Barros — *Azia* — Dec. I — Liv. IV — cap. III.

(3) Camões — *Luziadas* — C. V — CXXXVII — XXXV.

4 — O Cabo da Boa Esperança

1497

Largando da Baía de Santa Helena com vento sul-sudoeste vento excepcional, ali nesta época do ano, fizeram-se na volta do mar, e no sábado 18 de novembro, à tarde, 'ouvemos vista do dito Cabo da Boa Esperança', (1), e em este mesmo dia viramos na volta do mar, e de noite viramos na volta da terra. E ao domingo pela manhã, que foram 19 dias, do mês de novembro, fomos outra vez com o Cabo, e não o 'podemos dobrar, porque o vento era sul sueste, e o Cabo faz nordeste-sudoeste, e em este dia mesmo, viramos em a volta do mar, e a noite de segunda-feira, (20), viemos em volta da terra. E a quarta-feira, (22), ao meio dia, passamos pelo dito Cabo, ao longo da costa, com vento à popa (2)

E junto com este Cabo da Boa Esperança, ao sul, faz uma Angra muito grande (3), que entra pela terra dentro seis leguas e em boca houvera bem outras tantas»

Agora, a armada, seguia de vento em popa e mar chão, "com muito prazer e folias, e tangeres de trombetas, e pelo tempo ser de bonança, iam tão junto da terra que viam, além da frescura dela, muitas creações de gado grosso e meudo todo mui grande e gordo (4)

Com o mesmo tempo de borançã passaram o Cabo das Agulhas, assim chamado "porque na altura dele as de marear ficam fixas e apontam directamente o norte, sem declinar para oeste, e depois de se dobrar o mesmo Cabo, começam a noroestar»

A terra apresentava-se verdejante, alegre, risonha, para quem vinha dos areas de Santa Helena, e esperava encontrar a escuridão e terrores do Cabo "muito viçosa de arvoredo e de agua»

Pulando de alegria abraçavam-se todos, dando por findos os grandes trabalhos da viagem, e no dia seguinte, dia de Santa Catarina, a tarde, — 25 de novembro um sabado, — entravam na Aguada de S. Braz (5), "que fica 60 leguas avante do Cabo, é uma bahia muito grande, abrigada de todos os ventos, sómente do norte, a gente é baça e coberta de peles, pelejam com azagaias de paos tostados e cornos e ossos por ferros, e com pedras (5)

"Nesta terra ha muitos elefantes e mui grandes, e ainda bois que são mui mansos e gordos em extremo e são capados, e deles não teem cornos

E dos mais gordos se servem os negros para andar neles, e trazem os albardados com albardas castelhanas de tabua, e sobre elas uns paus que fazem da feição de andilhas e nelas andam, e os que querem resgatar metem-lhes um pau de esteva pelas ventas»

(1) Roteiro

(2) Castanheda diz 4ª feira 20, o que é erro 4ª feira fôra 22, Barros e Goes diziam 20

(3) É a Baía Falsa

(4) Hoje Mossel Bay

actuais, e B do

S. Francisco —

(5) Casta

tre os nomes originaes portuguezes e os
az — Mossel, Formosa — Plettemberg,

— Flesh Bay

— Parte I — C 35

"Nesta angra está em mar, trez tiros de bésta uma ilha em que ha muitos lobos marinhos(1), e deles são tamanhos como ursos grandes e são mui temerозos e teem grandes dentes, e são tão bravos que se vão aos homens como touros; e tem a pele tão dura que nenhuma lança a pode passar, por grande força que leve; e estes dão urros como leões e os pequenos berram como cabritos; e são tantos, que indo os nossos folgar um dia a este ilheu, viram obra de trez mil entre grandes e pequenos. Ha, tambem, umas aves a que chamam *solíticarios*, que são como patos, e não voam porque não teem pennas nas azas, e azurram como asnos" (2).

Nesta aguada de S. Braz desmancharam a nau de Gonçalo Nunes e incendiaram-na. Dificilmente obteem dos indigenas uma ou outra cabeça de gado vaccum, mas obtem carneiros a troco de fazendas e barretes.

Era gente muito boa e pacifica, "prazenteira e dada a tanger e a bailar, entre os quaes havia uns que tangiam com uma maneira de frautas pastoris que ao seu modo pareciam bem" (3).

Ali resgataram manilhas de marfim contra barretes vermelhos e conseguiram 12 bois e 4 carneiros. Vendo os marinheiros em terra, os indigenas, "começaram de tanger frautas acordadas a quatro vozes de musica, que, para negros, concertavam muito bem; o que, ouvindo Vasco da Gama, mandou tanger as trombetas, e bailaram como os nossos" (4).

Na sexta-feira, 1 de Dezembro, aparecem na praia, "obra de 90. homens baços, d'arte daqueles de Angra de S. Helena, e andavam deles ao longo da praia, e deles ficavam pelos outeiros" (5).

Vasco da Gama, num batel, foi correndo ao longo da praia, atirando punhados de cascadeis que os pretos corriam a apanhar, o que admirou os marinheiros, porque quando Bartolomeu Dias ali estivera, o tinham recebido mal.

No dia seguinte, sabado, 2 de Dezembro, apareceram uns 200 pretos tangendo flautas, "e uns tangiam alto e outros baixo, em maneira que concertavam muito bem para negros, de quem se não esperava musica, e bailavam como negros". Traziam 12 bois e 5 carneiros. O capitão mor mandou tocar as trombetas, e os marinheiros puzeram-se a bailar dentro dos bateis, e o capitão mor, tambem, de volta connosco".

Desembarcaram alguns homens, que resgataram um boi negro por três manilhas, "o qual jantámos no domingo, e era mui gordo, e a carne dele era saboroza; como a de Portugal" (6).

No domingo pela manhã, voltam os pretos, mas agora, com mulheres e creanças. Vasco da Gama mandou a terra um Martim Afonso, "que já andára no Manicongo" a resgatar bois por manilhas, mas, então, os pretos recusaram; o capitão mor, para lhes dar a entender que lhes podíamos fazer mal, e que lho não queríamos fazer, mandou tirar duas bombardas que estavam na popa do barco. E eles estavam todos assentados na praia junto ao mato, e quando ouviram desfechar as bombardas, começaram de fugir tão rijo para o mato, que as peles com que andavam cobertos e as armas, lhes ficaram... e fugiram para cima duma serra e levaram o gado ante si" (7).

(1) E' a Ilha dos Passaros — 14 Dezembro 497.

(2) São os *manigotes* — *Aptenlytae demersay* de Linneu; os Cape Pinguins dos ingleses.

(3) Barros — Azia — Dec. I — LIV — CIV.

(4) Castanheda — LI — C. 3.

(5) Roteiro p. 10 — 11

(6) Roteiro — p. 10 e 11.

(7) Roteiro — p. 11 e 14.

Na quarta-feira, 6 de Dezembro, "puzémos uma cruz e um padrão em a dita angra de S. Braz (1), a qual cruz fizemos com uma mezena e era mui alta E á 5.^a feira seguinte estando nós para partir da dita angra, vimos obra de 10 ou 12 negros, os quaes, antes que nós d'ali partissemos derribaram, assim, a cruz e o padrão. Depois de termos todo o que nos era necessario, partimos d'aqui, e em este mesmo dia tornámos a pouzar duas leguas d'onde partiramos, porque o vento era calma. A' sexta feira, dia de N.^a Senhora da Conceição — 8 Dezembro — pela manhã, demos nossas velas e seguimos nosso caminho" (2).

Na terça-feira seguinte, 12 de Dezembro, "que era vespera de Santa Luzia, ouvemos uma grande tormenta e corremos á popa com o traquete muito baixo, e nesta rota perdemos Nicolau Coelho; e em este dia (13), quando veio o sol posto, viram-o de gavia, á ré de nós 4 ou 5 leguas". Durante a noite reuniram todos.

"E como esta era a primeira tormenta em que os mareantes se tinham visto em mares e clinas não sabidos, andavam tão fora de si, que não havia mais acordo entre eles que chamar por Deus, curando mais da penitencia dos seus pecados que na navegação das velas, porque tudo era sombras de mortes (3). Neste caminho avistaram o *Rio de S. Thiago* (4).

A bonança passou, e na sexta-feira 15 de Dezembro, (Goes diz 16), pela manhã (5), estavam nos *Ilheus Chãos* (6), "os quaes estão aquem do *Ilheu da Cruz* cinco leguas"; fôra neste Ilheu, que Bartolomeu Dias colocara o *Padrão S. Gregorio*, o seu último padrão.

"E esta terra é muito graciosa e bem assentada (7), e aqui vimos andar em terra muito gado; e quanto mais para deante, tanto mais a terra era melhor, e de mais altos arvoredos... e iam os nossos *tão perto, que tudo isto viram*".

No sabado 16 de Dezembro, passaram pelo derradeiro Padrão de Bartolomeu Dias, — S. Gregorio, — "e no dia seguinte, domingo 17, fomos com vento á popa prolongando a costa até horas de vespera, que nos saltou o vento ao levante, e nos fizémos na volta do mar, e andámos com uma volta ao mar e outra á terra, até á terça feira (19), acerca do sol posto, que nos tornou o vento ao poente, pelo qual estívimos aquella noite á corda, para o outro dia irmos reconhecer a terra onde ou em que paragem eramos".

"E quando veio a manhã, — 20 de Dezembro, — fomos de frêcha á terra, e achámonos ás 10 horas do dia com o *Ilheu da Cruz*, que era á ré do que nos fazíamos 60 leguas. E isto causaram as correntes, que aqui são muito grandes, e em este mesmo dia tornámos a passar a carreira que já tínhamos passado, com muito vento á popa, que nos durou trez ou quatro dias, onde rompemos as correntes... e assim, iam todos muito alegres por passarem donde Bartolomeu Dias tinha chegado..." (8).

"Dia de Natal, que foi a 25 dias do mez de Dezembro tínhamos descoberto por costa, 70 leguas, (para leste da I. da Cruz). Em este dia, depois de termos jantado, em metendo uma moneta, achámos o mastro

(1) Também, dos *Vaqueiros*, Barros diz que o padrão era de pedra.

(2) Barros — Dec I — Liv. IV — c. 3.

(3) Idem, idem — c. 8.

(4) Hoje Rio Berg.

(5) Roteiro — p. 15

(6) Roteiro — pag 16 — Hoje *Bird I*, do lado occidental de Algoa Bay,

(7) Roteiro — pag. 16).

(8) Roteiro — p. 14 e 17.

com uma fenda abaixo da grávea uma braça, a qual fenda abria e cerrava; pelo que o remendámos com brandaes, até que fossemos tomar porto abrigado onde o corregessemos».

Estavam, finalmente, fóra do Mar Tenebroso, mas entravam num mar para elles desconhecido. Correntes e temperaturas amansavam. De dia, calma, com ligeira brisa, céu azul e puro; de noite o céu recamado de estrelas brilhantes, e por duas ou três vezes, nos topos dos mastros, a luz de Frei Pedro Gonçalves, o Santelmo dos portugueses. Tudo eram promessas de bonança, e ao terror succedia, agora, a esperança.

«E á quinta feira, — 28 de Dezembro, — púzámos ao longo da costa (1), onde tomámos muito pescado, e quando veio ao Sól posto tornámos a dar nossas velas, e seguir nosso caminho; e aqui nos ficou uma ancora, que nos quebrou um calabrete com que estávamos ao mar».

5 — A terra da Boa Gente

1498

«E aqui andamos tanto pelo mar sem tomármos porto, que não tínhamos, já, agua que bebessemos, nem fazíamos já de comer, senão com agua salgada, e para nosso beber, não nos davam senão um quartilho, de maneira que nos era necessario tomarmos porto.

«E sendo uma 4.^a feira, que eram 10 dias de Janeiro (1498), ouvêmos vista de um rio pequeno, e aquí pouzámos ao longo da costa (2).

«E ao outro dia, (11 de Janeiro), fomos com os bateis a terra, onde achámos muitos homens e mulheres negros, e são de grandes corpos, e um senhor entre eles. E o capitão mor mandou sair em terra um Martim Afonso, que andou no Manicongo muito tempo, e outro homem com ele. E eles lhe fizeram gazalhado».

«E o capitão mór mandou áquele senhor uma jaqueta e umas calças vermelhas, e uma carapuça e uma manilha. E ele disse, que qualquer coisa que houvesse na sua terra que nos fosse necessario, que no-la daria de mui boa vontade».

«E isto entendia o dito Martim Afonso; e aquella noite, foi o dito Martim Afonso e outro com aquele senhor a dormir a suas cazas (3), e nós tornámos para os nossos navios...»

«Esta terra segundo nos pareceu, é muito povoada, e ha nela muitos senhores, e as mulheres nos parecia que eram mais que os homens, porque onde via haver vinte homens, vinham quarenta mulheres. E as cazas desta terra são de palha, e as armas desta gente são arcos muito grandes, frechas e azagaias de ferro».

«E ha nesta terra, segundo nos pareceu, muito cobre, o qual trazem nas pernas e pelos braços e pelos cabelos, retrocidos. Isto mesmo, ha nesta terra estanho, que eles trazem; vimos guarnições de punhaes, e as bainhas

(1) Roteiro — p. 17 — Parece ser na altura do *R. S. Cristovão*, hoje Umzemkulu.

(2) Deve ser o Rio Závora — Adiante o autor do Roteiro diz que em Mombaça appareceu uma *Zavra*, péquena embarcação; provinha o nome desta ponta de ali ir alguma embarcação daquelas, e nós estropiámos o nome?

(3) Para o festejar em sua casa, o que assim fez com galinhas e outras aves, e por pão papas de milho — Goes, *Crónica D. Manuel* — 39.

deles, são de marfim, E a gente desta terra, preza muito, panno de linho, e nos davam muito deste cobre por camizas, se nós lhas quizessemos dar».

«Esta gente traz umas cabaças grandes, em que levam do mar para o sertão, agua salgada, e deitam-a em umas poças na terra, e fazem dela sal»

«Aqui estivemos cinco dias tomando agua a qual nos acarretavam aos bateis, aqueles que nos vinham ver».

«Não tomámos agua quanto nós quizerámos, porque o vento nos iguava (1) de viagem. E nós estávamos ancorados ao longo da costa no rolo do mar: e a esta terra pozêmos o nome de *Terra da Boa Gente*, e ao rio, do *Cobre*».

Tem havido dúvidas sôbre a identificação deste ponto da costa: a nós afigura-se-nos ser o *Rio Závora*. Na carta de viagem de Vasco da Gama, que acompanha a edição dos *Lusiadas* de 1731, com notas de Inácio Garcês Ferreira vem marcado ao norte do Cabo das Correntes, próximo de Inhambane, o *Rio dos Reis*, designação que leva a crêr que é um rio onde estiveram ou por onde passaram a 6 de Janeiro, o que, Camões confirma:

‘Trazia o sol o dia celebrado
Em que três Reis da parte do Oriente
Foram buscar um Rei de pouco nado,
No qual Rei outros três há juntamente:
Neste dia, *outro porto* foi tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
Num largo rio, ao qual, o nome dêmos
Do dia, em que por êle nos metemos (2)

João de Barros diz (3): «dia de Reis entrámos no rio deles e alguns lhe chamam do *Cobre*». O autor do Roteiro, porém, corroborado por Goes, Castanhede e Osório, diz-nos que a 6 de Janeiro andava a armada no mar, e só a 10 entrou no rio do Cobre. Barros confunde os dois rios, Cobre e Reis, fazendo deles um só; veem distintos na carta de Bellin, incluída na história geral das viagens, onde o rio dos Reis se acha colocado para sul do rio do Cobre, ou Ayuada de Boa Paz; e num dos mapas de Linschoten, o rio dos Reis corresponde ao rio Aroé do mapa de Anville, onde figura desembocando na Baía de Lourenço Marques, entre o rio da Lagoa e o rio de Inhambane.

Theal, no seu livro *The Portuguese in South Africa*, identifica-o com o Limpopo. Quintela, diz, «que é um rio pequeno, em que não podem entrar navios», o que faz supôr que fosse o *Rio Zavala*

Por mim, inclino-me a que o *Rio do Cobre* fôsse o Rio Závora, e que Vasco da Gama, nesse dia de Reis andava navegando, pois se nesse dia tivesse entrado em qualquer porto, não é de crêr que o autor do Roteiro o tivesse deixado de mencionar.

Damião de Goes diz que, no Rio do Cobre, desembarcou Vasco da Gama dois degredados, que fencionava recolher no regresso da India.

Do Rio do Cobre largou Vasco da Gama a 15 de Janeiro de 1498.

Foi ali que os portugueses estabelecem as primeiras relações com os *Bantus*.

(1) De feição.

(2) Camões — *Lusiadas*. C. V. e 63.

(3) Esta é, também, a opinião do sr. Aires de Ornelas.

6 — No Zambezi

1498

A 15 de Janeiro de 498, "tornaram a dar ás velas", e na segunda-feira, — 22 — avistaram uma terra baixa de alto arvoredos, "e indo assim nesta rota, vimos um rio, largo em boca, e porque era necessario saber e conhecer onde eramos, pousámos; e uma 5.^a feira á noite—25 de Janeiro—entrámos, estando já, (ali), o navio *Bérrio* desde o outro dia, que foram oito dias por andar de Janeiro (1) (23)".

"Esta terra é muito baixa e alagadiça, e é de grandes arvoredos, os quaes dão muitas frutas de muitas maneiras, e os homens desta terra comem délas".

Da gente que viram, "alguns entendiam palavras de arabigo, que lhes falava um marinheiro por nome Fernão Martins..."

"Esta gente é negra, e são homens de bons corpos, andam nús, sómente trazem uns panos d'algodão pequenos, com que cobrem suas vergonhas, e os senhores desta terra trazem estes panos maiores. E as mulheres moças, que nesta terra parecem bem, trazem os beiços furados por trez logares, e ali trazem uns pedaços de estanho retorcidos. E esta gente folgava muito connosco, e nos traziam aos navios dísso que tinham, em almadias, que eles teem. E nós isso mesmo iamos á sua aldeia a tomar agua".

"Depois de haver dois ou trez dias que aqui estavamos, vieram dois senhores desta terra a ver-nos, os quaes eram tão alterados, que não prezavam cousa que lhe dissessemos; e um deles trazia uma touca posta na cabeça, com uns vivos lavrados, de seda, e o outro trazia uma carapuça de setim verde. Isso mesmo vinha na sua companhia um mancebo que, segundo eles acenavam era doutra terra d'ahi longe, e dizia que já vira navios grandes como aqueles que nós levávamos, com os quaes sinaes nós folgámos muito, porque nos parecia que nos iamos chegando para onde desejavamos. E estes fidalgos mandaram fazer em terra, ao longo do rio, umas ramadas onde estiveram obra de sete dias, onde cada dia mandavam aos navios resgatar pannos, os quaes traziam umas marcas d'almagre... E nós estivemos neste rio 32 dias, em que tomámos agua e alimpámos os navios e corregeram ao S. Rafael o mastro; e aqui nos adoeceram muitos homens, que lhes inchavam os pés e as mãos, e lhes cresciam as gengivas tanto sobre os dentes, que não podiam comer..." Era o escorbuto.

Emfim, que nesta ignota expessura
Deixámos para sempre os companheiros

"E aqui pozemos um Padrão, ao qual pozeram o nome de *Padrão de S. Rafael*, e isto porque ele o levava, e ao rio, *Bons Sinaes*" (2), por causa das informações que ali obtiveram acêrca da Índia.

(1) 23 de Janeiro foi terça-feira; a quinta-feira mais próxima foi 25; «25 de Janeiro dia da conversão de S. Paulo», diz Damião de Goes.

(2) É o rio de Quelimane.

A praia prestava-se para lançarem os navios *a monte*, mas com receio de alguma surpresa da gente que não conheciam, preferiam limpá-los dando-lhes "pendores no mar".

Querenando porê, os navios, verificaram que o *S. Miguel* estava incapaz de servir e sem concôrto possível por ter muitos *liames*, ou curvas partidas, pelo que o desfizeram. Descarregaram a capitania para a nau de Paulo da Gama, e fazendo-a deitar à banda até pôem a quilha a descoberto, collocaram-lhe andaimes sôbre os quais toda a gente se pôz ao trabalho; uns raspavam o costado, enquanto outros tiravam das juntas a estôpa podre, e os calafates iam metendo estôpa nova, breando-a logo. Com tal presteza trabalharam, que num dia e numa noite acabaram com um dos lados da nau; esgotaram, então, a água que quasi a enchia, voltaram-a sôbre o lado concertado, e repararam o outro, agora a descoberto; e tão bem feito foi aquele trabalho, que depois de direito, o navio não metia gôta de água.

Fizeram o mesmo à outra nau. Do *S. Miguel* aproveitaram os mastros, vêrgas e uma ou outra peça capaz e as ferragens; e Nicolau Coelho passou para a capitania.

Os indígenas desta terra "eram homens baços, que não eram muito pretos, nus, sômente cobertos suas vergonhas com folhas d'arvore e ervas".

Não receavam ir a bordo onde vendiam "umas aves que queriam parecer galinhas, e umas frutas amarelas, do tamanho de nozes, coisa muito gostosa de comer".

Os marinheiros davam-lhes biscoitos e vinho. Mostraram-lhes um espelho "e eles ficaram mui espantados, e olharam-se uns aos outros, e tornavam a olhar o espelho, e faziam todos grandes rizados e prazeres".

Aqui, foi ainda Paulo da Gama o homem da situação, e mais uma vez demonstrou as suas excelentes qualidades: "era de tão boa condição, que de noite e dia visitava todos e os consolava e curava, e repartia com eles mui largamente dessas cousas de doentes, que levava para a sua pessoa".

À entrada do rio, sôbre uma rocha foi assente o Padrão, e Vasco da Gama em paga do bom trabalho feito pelos marinheiros, perdoou aqueles que se tinham revoltado antes da passagem do Cabo, e ainda conservava presos; declarou-lhes, porê, que quando chegassem a Lisboa os apresentaria a Elrei, para êste os perdoar ou punir, como quizesse.

E os pobres, chorando, responderam:

— Amen, Amen, assim o queira Nosso Senhor, por sua grande misericórdia...

Um dia, estando Vasco da Gama numa bateira pequena, á borda do navio do irmão, apenas com dois marinheiros que remavam, e estando agarrado às cadeias da enxárcia enquanto falava com êle, a corrente do rio, descia tão impetuosa que lhe levou a bateira, ficando êle e os marinheiros dependurados das cadeias, até que lhes acudiram e os meteram para dentro da nau.

No dia da partida, — 24 de Fevereiro, — o S. Rafael, ao sair a barra do rio, encalhou num baixo de areia, de onde com dificuldade se safou quando veio a maré.

Era sábadô, êsse dia 24 de Fevereiro, em que a armada safu do Rio dos Bons Sinais, deixando,

. nesta incognita espessura,
 os companheiros
 Que em tal caminho e tanta desventura,
 Foram sempre, connosco aventureiros.

Largaram na volta do mar êsse dia, e essa noite, para se arredarem da costa "a qual era mui graciosa de vista. E ao domingo, — 25, — fomos ao nordeste, e quando veio a hora da vespera, vimos estar trez ilhas ao mar, e eram pequenas; e as duas são de grandes arvores, e a outra é calva e pequena mais que as outras, e de uma á outra haveria quatro legoas; e porque era noite, virámos na volta do mar, e de noite passámos por elas. E ao outro dia, — 26, — fomos nosso caminho, e andámos seis dias pelo mar, porque á noite pairávamos».

Eram as *Ilhas Primeiras*.

Encontraram uma almadia e aprezeram-a; nela ia um mouro de longa cabaia de algodão branco, e por sôbre ela, um pano pintado; na cabeça uma carapuça redonda, de côres, com fio de oiro; argolas de oiro nas orelhas. Era um corrector de Moçambique, chamado Davané, natural de Cambaya, o qual entrando na nau de Vasco da Gama "estava como pasmado, olhando o que nunca vira».

E comprehende-se o pasmo do homem, que nunca no mar da Índia vira navios como aqueles, nem gente como a nossa. Vasco da Gama trata-o muito bem, naturalmente; e apoz alguns dias, o Davané, esperto e hábil, já cubiçava "fazer-se corrector dos nossos, porque carregando as naus, fazia muito proveito».

Próximo ao parcel de Sofala, o Davané avisou Vasco da Gama para que se guardasse, e os navios fizeram-se mais ao mar, e por esta razão, não viram Sofala; adeante apresaram outra pequena embarcação onde iam dois pretos de Moçambique, que conseguiram fazer-se entender por meio de um preto da Guiné, que vinha na nau de Paulo da Gama.

7 — Moçambique

1498

"E uma quinta feira, que foi o primeiro dia do mez de Março, á tarde, vimos quatro ilhas, duas perto da costa e duas ao mar, e por não ir de noite dar nelas, se fez na volta do mar, porque determinára ir por entre elas, como foi, mandado adeante Nicolau Coelho, por ser o seu navio mais pequeno que os outros; e indo ele na sexta feira, — 2 de Março, — por dentro d'uma angra que se fazia entre a terra e uma das ilhas, errou o caminho, e achou baixo, o que foi causa de virar atraz para os outros navios que iam apoz ele; e em virando, viu que saíam d'aquella ilha, sete ou oito barcos á vela, e haveria deles ao navio de Nicolau Coelho uma grande legua. E os nossos, que iam com Nicolau Coelho deram uma grande grita com prazer de ver esses barcos, e foram salvar Vasco da Gama, dizendo Nicolau Coelho:

— Que vos parece, senhor, já esta é outra gente!

"E ele lhes respondeu mui ledo, que se deixassem ir na volta do mar, para que podessem aferrar áquella ilha donde saíram os barcos, e que surgissem ali, para saberem que terra era essa; se achariam entre aquella gente novas da Índia».

"E, contudo, os barcos os seguiam sempre, capeando-lhe a gente deles que os esperassem. E nisto surgiu Vasco da Gama, com os outros capitães... e foi pousar em uns ilheus afastados dela — Ilha de Moçambique,

— pouco mais de legua ao mar (1) Surto nestes ilheus, aos quaes ora chamam de *S Jorge*, por causa do padrão deste nome, que Vasco da Gama nele poz depois, vieram uns trez ou quatro barcos, a que os da terra chamam *zambucos*, com suas velas de palma e a remos A gente dos quaes vinha tanjendo uns anafis e cantando, a mais dela bem tratada, e entre eles havia brancos, o que foi para os nossos muito grande prazer (2)

“E diziam-nos que fossemos para dentro, e que se nós quizessemos, que eles nos meteriam no porto, os quaes entraram nos navios, e comeram e beberam disso que nós comiamos, e depois que se enfadaram foram-se, e os capitães houveram por conselho que entrassem em esta angra para saberm o trato desta gente .. (3)

A gente que vinha nos barcos, eram homens baços e de bom corpo, vestidos de pannos d'algodão listrados e de muitas côres, uns, cingido ate ao joelho, outros sobraçado como capas, e nas cabeças fotas com vivos de seda lavrados de fio d'ouro, e traziam terçados mouriscos e adargas Estes homens, como chegaram aos navios, entraram neles mui seguramente, como quem conhecia os Portugueses, e assim conversaram logo com eles, e falando aravia, no que se reconheceu que eram mouros

“Vasco da Gama lhes mandou dar de comer, e eles comeram e beberam, e perguntados por Fernão Martins, que sabia aravia, que terra era aquella disseram que era uma Ilha do Senhorio dum grande rei que estava adeante (4), e se chamava *Ilha de Moçambique*, povoada de mercadores que tratavam com mouros da India, que lhes traziam prata, panos, cravo, pimenta, gengivre, aneis de prata com muitas perolas aljofres e rubis E que doutra terra que ficava atraz, — Sofala, — lhe traziam ouro, e que se quizesse entrar para dentro do porto que eles o meteriam, e la veria mais largamente o que lhe diziam (5)

“Por estes mouros mandou Vasco da Gama ao *Sheick* um presente de conservas da Ilha da Madeira, e a este Mouro deu um capelar de grãa e outras pequenas cousas, com o que se partiu contente (6)

Não ficaram menos contentes os portuguezes, por adquirirem a certeza não só de estarem no bom caminho, mas já perto da Índia, apezar de Vasco da Gama notar o sobresalto e estranheza dos Mouros, quando perceberam que êle o não era, como a principio supunham

No dia seguinte voltou a bordo o mouro, com alguns refrescos que o *Sheick* mandava, pedindo para que entrassem no pôrto (7), o capitão mór resolveu aceder

O navio de Nicolau Coelho, por ser o mais pequeno, foi tentar a entrada sondando a barra, “e indo para entrar foi dar na ponta daquela ilha, e quebrou o governalho, (leme), e assim como deu assim saiu para o alto, e eu era ali com ele (8)

“E quiz Nosso Senhor, que assim como deu na pontã assim tornou a sair para o alto e não perigou, e olhando que a barra era boa para entrar, foi surgir a dois tiros de besta da povoação da Ilha, que, como digo, se chama *Moçambique*, e esta em 15 grãus da banda do sul, e tem muito bom porto e e abastada de mantimentos da terra

(1) *Castanheda* — L I cap V

(2) Barros — *Ásia* Dec I — LIV, cap III

(3) *Roteiro* — pag 23 e 24

(4) Quiloa

(5) *Castanheda* — LI, cap V

(6) Barros — Dec. I — LIV, cap III.

(7) Barros — *Dec I* — LIV — Cap III

(8) *Roteiro* — p 24 — É por esta frase que se attribue a autoria do *Roteiro* ao escrivão Álvaro Velho

"A povoação é de casas palhaças, povoada de mouros, que tratavam dali para Sofala em grandes naus, sem cobertura nem pregadura, cosidas com cairo; e as velas eram de esteira de palma; e algumas traziam agulhas genóiscas que por elas se regiam e por quadrantes e cartas de marear.

"Com estes mouros vinham tratar mouros da Índia e do Mar Roxo, por amor do oiro que ali achavam; e quando eles viram os nossos, cuidaram que eram turcos, pela noticia que tinham da Turquia pelos mouros do Mar Roxo".

"Surgiram defronte da povoação, a qual estava assentada em um pedaço de terra torneado por agua salgada, com que fica em ilha, tendo terra baixa e alagadiça, donde se causa ser ela muito doentia, cujas casas eram palhaças, somente uma mesquita e as do Sheick, que eram de taipa, com eirados por cima. Os povoadores da qual eram mouros vindos de fora, os quaes fizeram aquella povoação como escala da cidade de Quíloa, que estava adeante, e da Mina de Sofala, que ficava atraz, porque a terra, em si, é de pouco trato, e os naturaes, que eram negros de cabelo revoltado como os da Guiné, habitavam a terra firme.

"A qual povoação de Moçambique, desde aquele dia, tomou tanta posse de nós, que o seu nome é hoje a mais nomeada escala de todo o mundo, e por frequentação, a maior que teem os portuguezes, e tanto que poucas cidades há no Reino, que de 50 anos a esta parte enterrassem em si tanto defunto, como ela tem dos nossos. Cá, depois que nesta viagem a Índia foi descoberta até ora, poucos anos passaram, que á ida ou á vinda, não invernem nela as nossas naus, e alguns anos inverna quasi toda uma armada, onde ficou sepultada a maior parte da gente, por causa da terra ser muito doentia".

"E aqueles que foram primeiro á nossa frota, o foram dizer ao Sultão (1), que assim chamavam ao governador do logar, que o governava por Elrei de Quíloa de cujo senhorio era esta Ilha" (2).

"Os homens desta terra são ruivos e de bons corpos e da seita de Mafamede, e falam como Mouros: e as suas vestiduras são de panos de linho e algodão, e são ricos e lavrados, e todos trazem toucas nas cabeças, com vivos de seda lavrados com fio d'oiro, e são mercadores e tratam com mouros brancos, dos quaes estavam aqui, em este logar, quatro navios delles, que traziam oiro, prata e cravo e pimenta, e gengibre, e aneis de prata com muitas perolas, e aljofar e rubis, e isso mesmo, todas estas cousas trazem os homens desta terra... E tudo isto entendia um marinheiro que o capitão mor levava, o qual fora já cativo dos mouros, e portanto entendia estes que aqui achámos..." (3)

"E mais nos disseram que o Preste João estava dali perto, e que tinha muitas cidades ao longo do mar, e que os moradores delas eram grandes mercadores e tinham grandes naus, mas o Preste João estava muito dentro pelo sertão, e que não podiam lá ir senão em caravelas. Os quais Mouros traziam aqui, uns dois cristãos índios, cativos. E estas e outras muitas cousas diziam estes Mouros, do que eramos tão ledos, que com prazer chorávamos e rogávamos a Deus, que lhe aprouvesse de nos dar saude para que vissemos o que todos desejávamos... (4) E aqueles que foram primeiro á nossa frota, o foram dizer ao Sultão, que assim chamava ao go-

(1) Era Sheick e o seu nome Zacoeja; árabe; subordinado ao de Quíloa. Homem alto, forte, já de meia idade mas mui bem disposto.

(2) Castanheda — L. I — cap. V.

(3) Roteiro — p. 25.

(4) Idem — Idem.

vernador do lugar, que governava por Elrei de Quiloa, de cujo senhorio era esta ilha»

«Em este lugar e ilha a que chamavam Moçambique, estava um senhor a que eles chamavam Sultão, (1) que era como vice-rei, o qual veio aos nossos navios por muitas vezes com outros seus que com ele vinham. E o capitão lhe dava muito bem de comer, e lhe fez um serviço de chapéus e marlotas e coraes e outras cousas muitas. E ele era tão alterado, que desprezava quanto lhe davam e pedia que lhe dessem escarlata; e nós não a levavamos, mas disso que tínhamos, disso lhe davamos».

Efectivamente o Sheick foi a bordo do navio de Nicolau Coelho, que fora o primeiro a entrar, mas por falta de interprete capaz, (2) não se entenderam, e pouco se demorou a bordo. Era «um homem baço, de bom corpo e boa prezença, vestido duma jaqueta de veludo de Meca, de muitas côres, e um pano azul com vivos de fio dourado cingido, que o cobria até aos joelhos, e uns calções até aos ardelhos, de pano branco, e o tronco nú, e sobre o pano cingido outro de seda, em que trazia uma adaga guarnecida de prata, na mão um traçado e na cabeça uma touquinha de pano de seda de côres, com vivos e cadilhos de fio doiro, posta sobre uma carapuça de veludo preto de Meca»

Os mouros que com elle vinham, vestiam quasi da mesma maneira «homens limpos, pretos e baços, porque são filhos de cafras da terra e Mouros brancos mercadores, que de muito tempo tem os tratos por todas as terras da India, com que ficaram naturaes»

O Sheick regressou a terra acompanhado por alguns soldados e marinheiros do navio, a quem elle «convidou com tamaras de conserva, e mandou a Nicolau Coelho, um póte de tamaras pizadas, as quaes tinham conserva de cravo e de cominhos» (3)

Voltou o Sheick por vezes aos navios, e enquanto lhes pareceu que nós eramos Turcos ou Mouros de alguma outra parte, porque eles nos perguntavam se vinhamos da Turquia, e que lhes mostrassemos os arcos da nossa terra, e os livros da nossa Lei» (4)

Aí informaram Vasco da Gama de que estava a 900 léguas da India, e que não podia prescindir de pratico por causa dos baixos do caminho, que encontraria importantes povoações pelo caminho, ao longo da Costa Africana, que o Preste João (5) ficava muito para o interior, indo-se para elle por Sofala por onde saia muito ouro, que o comércio da costa estava todo nas mãos dos Mouros

Apoz muitos recados, visitas, conversas, duvidas e delongas de toda a espécie, Vasco da Gama conseguiu obter dois pilotos que seriam pagos adeantadamente, recebendo cada um, 39 *maticaes*, «que é um pezo doiro que na terra serve por moeda e peza 21 vintens», (6) e uma porção de *marlotas*

Em Moçambique fez Vasco da Gama desembarcar dois dos degredados que trazia, com esse fim, aos quaes deu instruções para descobrirem

(1) Caeoeja lhe chama Goes — 40

(2) Fernão Martins segundo Correia, Martim Afonso, segundo Goes

(3) *Roteiro* pag 29

(4) *Damão de Goes* — Chron d'Elrei D Manoel

(5) Este Preste João era de certo um dos Regulos do interior de Sofala, naturalmente os Portuguezes perguntavam aos Mouros por um monarca muito poderoso e rico e tambem naturalmente, estes indicavam um dos senhores da terra onde se colhia o ouro que vinha de Sofala naturalmente o Monomotapa

(6) Cada *matical*, segundo Goes, valia 420 reis, segundo Barros, trinta *maticaes* faziam 14 mil reis.

o Preste João: os escolhidos foram, um Damião Rodrigues e um João Machado, que iam degredados por terem morto um homem, no Rocio de Lisboa. (1)

No sabado, 10 de Março, "havendo sete dias que chegara", saíu a armada do porto, e foi fundear "junto a uma ilha que estava ao mar, uma legua de Moçambique"; — S. Jorge.

"E ao domingo — 11 — dissémos nossa missa em louvor de S. Jorge, em a Ilha, debaixo d'um arvoredó muito alto".

"E depois da dita missa viemos para as naus, e logo nos fizémos á vela, e começámos de seguir nossa via, com muitas galinhas, cabras e pombos que aqui resgatámos por umas continhas amarelas, de vidro". (2)

Entre a gente que viera a bordo a negociar ou por curiosidade, appareceram, um dia, "trez Abexins da terra do Preste João". Vasco da Gama leva-os á sua câmara, para os ouvir; os homens, ao entrar, dando com uma imagem de S. Gabriel, que ali estava pendurada, "de retavolo de pincel, assentaram-se em gíolhos e fizeram a sua adoração".

Vasco da Gama, encantado por finalmente encontrar cristãos, interrogou-os detidamente e presenteou-os bem.

Os bateis dos navios iam diáriamente a terra, talvez á Cabaceira, buscar lenha e água; uma manhã, porém, uns cinco ou seis zambucos atacam o batel ficando alguns marinheiros nossos feridos de golpes de azagaia: começava a guerra. Vasco da Gama fez saír dois bateis com bombardas que bateram a praia.

Como acima dissémos, a armada largou da Ilha de S. Jorge, no domingo, 11 de Março, depois da missa. O vento era escasso, a corrente contra e forte; depois, calmaria, o que os fez conservar á vista de terra até 4.^a feira, 14, á tarde, em que veio uma viração que lhes permitiu irem na volta do mar; mas descaíram com a corrente, e na 5.^a feira, 15, estavam quatro léguas ao Sul de Moçambique: voltaram a fundear junto da Ilha de S. Jorge, onde veio recado do Sheick, mostrando-se desgostoso pelo incidente de Cabaceira, "e desta paz foi embaixador um mouro branco, que era Sherife, que quer dizer clérigo, e era um grande bebedor". (3)

Como um dos pilotos lhe tivesse fugido, Vasco da Gama respondeu que só faria boas pazes, quando lhe entregassem o fugitivo. Passados dias, veio a bordo, "um mouro com um menino, seu filho, e meteu-se em um navio dos nossos, dizendo que se queria ir connosco, porque era de junto com Meca, e viera aqui, a Moçambique, por piloto de uma nau desta terra".

Vasco da Gama aceitou logo, e bem fez, porque êste mouro prestou-lhe excelentes informações, não só da derrota para a Índia, como, ainda, para a costa Africana e Mar Vermelho.

A armada, porém, precisava água, e na 5.^a feira, 22, voltou a entrar no porto, e os bateis, armados, foram á Cabaceira, "da qual água bebem os da Ilha, por ahí não haver outra, senão salgada". Os indígenas ainda tentaram opôr-se á aguada, mas foram repellidos a tiro.

No sabado, 24 de Março, "vespera da Anunciação de Nossa Senhora", — pela manhã, veem os mouros á praia gritando e desafiando, com pulos

(1) João Machado, daqui passou a Quiloa, Mombaça, Melinde, Cambaya, Belgate, e entrou ao serviço de *Sabaio* de Goa, onde o encontraremos. O Damião morreu em Moçambique e foi o João Machado quem o enterrou na ponta da Ilha, no lugar onde depois foi o cemiterio da igreja de S. Miguel.

(2) *Roteiro* — p. 27-29.

(3) *Roteiro* — p. 30.

e arremessos de azagaias; Vasco da Gama, fez novamente bombardear a praia, «e depois de estarmos dêles enfadados, viemos a jantar aos navios, e êles começaram logo de fugir e acarretar o fato em almadias para uma aldeia que está da outra banda. E nós, depois que jantámos, fomos nos bateis vêr se podíamos tomar alguns dêles...» (1)

Paulo da Gama, aprezoou uma almadia com quatro pretos, milho e panos de algodão.

No domingo, 25, completou-se a aguada; a 26 bombardeia novamente a Cabaceira, e na 3.^a feira, 27, sae e vai fundear junto de S. Jorge.

«As naus desta terra são grandes e sem cobertas, e não têm prega-dura, e andam apertadas com *tamiça*, e isto mesmo os barcos; e suas velas são esteiras de palma, e os marinheiros delas têm agulhas genoiscas porque se regem, e quadrantes e cartas de marear». (2)

8 — Mombaça

1498

Finalmente, na 5.^a feira, 29 de Março, vem algum vento com a lua nova e a armada larga; a corrente, porém, era mais forte que o vento, e contrária; de forma que no dia seguinte — 30 — estavam a 28 léguas ao S. da Ilha de S. Jorge. A 1 de Abril o vento reforçou, e Vasco da Gama

As velas manda dar ao largo vento

O piloto, porém, «ou por odio que nos tinha, ou porque assim lho mandára o Sheick», ou, o que é mais crível, por impericia e desconhecimento dos navios, meteu-os por entre umas ilhas, e interrogado pelo capitão-mór, atrapalhou-se: pensando em traição Vasco da Gama, fêlo açoutar, donde ficou à mais oriental das Ilhas de Querimba, na altura da qual isto se passou, o nome de *Ilha do Açoutado*, Vasco da Gama fez andar os navios para fóra dessas ilhas, e «á 2.^a feira havemos vista de certas ilhas que estão em mar cinco léguas».

«A' quarta feira, que foram 4 d'Abril, fez derrota ao Noroeste: e antes do meio dia houve vista d'uma terra grossa e de duas ilhas (3) que estavam juntas com ela, e deredor d'elas havia muitos baixos... Esta noite seguinte fomos na volta do mar e quando foi pela manhã, não vimos terra; então fizemos caminho de N. O., e quando veio a tarde vimos terra, — 5 de Abril. E esta noite seguinte, fizemos caminho ao Norte, e quarta de N. O., e no quarto d'alva fizemos caminho ao N. N. O. E vindo, assim, com vento tendente, duas horas ante-manhã, — 6.^a feira, 6 d'Abril, — deu o navio S. Rafael em seco em uns baixos, (4) que estão da terra firme duas leguas; batendo, bradou aos outros que vinham detraz, os quaes, tanto que ouviram os brados, pousaram dele um tiro de bombarda, e lançaram os bateis fóra, e como foi baixamar, ficou o navio de todo em secco, e com os bateis, lançaram muitas cousas ao mar, e como veio a maré do dia, que foi pessima, saiu o navio, com que todos folgámos muito».

(1) *Roteiro* — p. 32-33.

(2) *Idem* — p. 28.

(3) Hoje baixos Wasen.

(4) *Roteiro* — p. 36-37.

O S. Rafael agora safou-se, mas na volta lá ficou, como veremos, ficando o baixo com o seu nome, bem como a serrania que fica por detrás da Ilha de Pemba.

Apareceram almadias vendendo bananas e laranjas "muito boas, melhores que as de Portugal, e ficaram no navio dois mouros, que foram ao outro dia conosco, a uma cidade que se chama *Mombaça*".

No sábado, 7 de Abril de 1498, vespera de Ramos, "a horas do sol posto", acharam-se em frente de Mombaça, "que é muito fresca, e ha nela muitas frutas, e hortaliças como as de Portugal, de muito bons ares, aguas, trigo e czação... e não entrámos no porto. E em nós chegando, veio a nós uma *zavra*, carregada de Mouros, e d'avante da cidade estavam muitas naus embandeiradas com seus estandartes. E nós, por lhe fazermos companhia, fizémos outro tanto nos nossos navios, que nos não falecia senão gente, que não tínhamos, porque ainda essa pouca que tínhamos, era muito doente.

"E ali pousámos com muito prazer, parecendo-nos que ao outro dia iríamos ouvir missa em terra, com os christãos que nos diziam que aqui havia, e que estavam apartados sobre si, dos mouros, e que tinham alcaide seu. (1)

"Os pilotos que nós levávamos diziam que em esta ilha de Mombaça eslavam e viviam mouros e christãos que nos diziam que aqui havia, e que estavam apartados uns dos outros, e que cada um tinha seu senhor...

"A cidade estava metida no fundo de um esteiro que torneava a terra fazendo duas bocas com que ficava em modo de ilha, tão encoberta aos nossos que não houveram vista dela senão quando ampararam com a garganta do porto. (2)

Descoberta a cidade, que ficava "situada sobre pedra viva, em um alto, onde bate o mar", como as casas fossem de pedra e cal, com janelas e eirados, "à maneira de Hespanha, e ela ficava em uma chapa que dava grão vista ao mar, estava tão formosa, que houveram os nossos que estavam em algum porto deste Reino".

"Esta cidade é grande, e está assentada em um alto onde bate o mar, e é porto onde entram muitos navios cada dia, e tem á entrada um padrão; e tem a vila junto com o mar uma fortaleza baixa. (3)

"E posto que a vista dela namorasse a todos, não consentiu Vasco da Gama ao piloto que metesse os navios dentro, como ele quizerá, por ir já suspeito contra ele, e surgiu fóra".

Nessa mesma noite de 7 de Abril, vieram as naus, "em uma *zavra*, obra de cem homens, todos com terçados e tavolachinhas; (4) e como chegáram onde o capitão-mór estava, quizeram entrar com as armas, e êle não quiz; e não entraram mais de 4-5 dos mais honrados dêles, e estiveram obra de duas horas conosco, e então, se foram. (5)

No domingo de Ramos, 8 de Abril, o Sheick mandou de presente um carneiro, laranjas, cidrões, limões, verduras e canas de assucar, "e um anel por seguro", e pedia-lhe para que entrasse no porto; "e vieram dois homens muito alvos, que diziam que eram christãos, (e a nós assim nol-o

(1) *Roteiro*. 36-37

(2) Goes — cron.

(3) *Roteiro* — 41. Ao contrario do que diz Barros, vê-se que este baluarte donde depois atacam D. Francisco d'Almeida, já existia. Quando a nau de Sancho de Toar — viagem de Cabral, — ali naufragou, os Mouros aproveitam as 7 ou 8 peças dela, que montaram naquele baluarte.

(4) Escudos pequenos.

(5) *Roteiro*. 37-38.

parecia), com este presente E o capitão mór lhe mandou um ramal de coral, e mandou-lhe dizer que ao outro dia iria para dentro» (1)

O capitão-mór mandou dois homens a terra, a visitar o Sheick e a cidade, foram a casa «de dois mercadores christãos, e elles mostraram a estes dois homens uma carta em que adoravam, na qual estava delineado o Espirito Santo . E depois de tudo isto, o Rei mandou mostras de cravo, pimenta, gengibre e trigo tremez ao capitão, e que disto podiamos carregar» (2)

«A' terça feira, — 10 de Abril, — em alevantando as ancoras, para ir para dentro, o navio do capitão mór não quiz virar, descaindo sobre um baixo

Vendo o perigo, o mestre brada, e os marinheiros, gritando,

Maream velas, ferve a gente irada
O leme a um bordo e outro atravessando
O mestre astuto, em vão da popa brada,

.
A celeuma medonha se levanta,
No rude marinheiro que trabalha
O grande estrondo a Maura gente espanta

.
Eil-os subitamente se lançavam
A seus Bateis velozes, que traziam
Outros, em cima, o mar alevantavam
Saltando na agua, a nado se acolhiam,
De um bordo e do outro, subito saltavam,
Que o medo os compelia do que viam (3)

Até o piloto de Moçambique se atirou dos castelos de popa ao mar, tamanho foi o terror em todos

«E como foi noite, o capitão *pingou* (4) dous mouros, dos que traziamos, que lhe dissessem se tinham traição ordenada, os quaes disseram que, como fossemos dentro, que tinham ordenado de nos tomar, e de vingarem do que fizemos em Moçambique, e estando para pingar outro, com as mãos atadas deitou se ao mar»

De noite, — 10 - 11 de Abril, — vieram alguns indigenas a nado, ate aos navios, e ainda começaram a picar as amarras do «Berrio» e do «S Rafael» No «Bérrio» os homens de vigia cuidaram que eram toninhas, e depois de os conhecerem bradaram aos outros navios, e outros estavam ja pegados nas cadeias da exarcia do traquete do «S Rafael», e como foram sentidos, calaram-se, desceram abaixo e fugiram (5)

(1) *Rotelro* 37 38

(2) *Idem* 39

(3) *Camões — Luziadas CII* — est 24 26

(4) Pingos de oleo a ferver O ferro deste navio ficou no fundo os mouros, depois, tiraram o e puzeram o á porta da casa do Sheick onde mais tarde D Francisco d'Almeida o viu

(5) *Rotelro* 40, Castanheda 1-9

9 - Melinde

1498

Na manhã de 13 de Abril, "sexta feira de indulgencia"

Os marinheiros duma e doutra banda
 Levam, gritando, as ancoras acima,
 Mostrando a rude força que se estima

 Mas já as apudas proas apartando
 lam as vias humidas de argento:
 Assopra-lhe galerno o vento, e brando,
 Com suave e seguro movimento. (1)

Foram fundear oito léguas ao norte, junto à costa. Na manhã seguinte, apareceram dois zambucos ao mar; foram aprezá-los e apanharam um que trazia muito mantimento, ouro e prata e 17 pessoas.

No sabado, — 14 de Abril, — a armada chegou em frente de Melinde, "a qual está de Mombaça 30 léguas... em uma angra, e está assentada ao longo duma praia, a qual vila se quer parecer com Alcochete; e as casas são altas e mui bem caiadas, e teem muitas janelas, e tem ao longo dela, da banda do sertão que está apegado com as cazas, um palmeiral muito grande e toda a terra ao redor são lavours de milho e outros legumes. (2)

"A cidade de Melinde, (3) jaz ao longo da praia, em um campo razo cercado de palmares e arecaes; tem muitos pomares e hortas com noras, de boa hortaliça e fructa d'espinho e outras prumajes; tem o surgidouro longe da povoação por estar em costa brava. A terra é fertil de mantimentos e creação de gado, galinhas e caça, tudo muito barato; é bem arrumada; as cazas são de pedra e cal, e cantaria, com eirados, muito formosa da banda de fóra, e de muitos ricos laves e pinturas por dentro.

"Os naturaes são gentios baços de cabelo revoltto, bem dispostos; os estrangeiros são Arabios e andam nus da cintura para cima; e para baixo, cingidos com panos de seda e algodão. Os nobres os usam sobraçados; nas cabeças trazem fotas com cadilhos de seda e ouro; e suas armas são terçados, lanças, adargas, arcos e frechas; tratam-se muito bem, teem grande opinião de cavaleiros... Os mais dos mercadores que servem nesta cidade, são Guzerates do Reino de Cambaya; na terra ha ambar, ouro, marfim, breu e cera; o Rei é mouro; serve-se com muitas cerimonias, e tem assaz bom Estado". (4).

No domingo de Pascoa, — 15 de Abril, — com grandes folias e os navios embandeirados, foram fundear a meia légua do porto, com grande prazer da tripulação por "a cidade ser grande e de nobre cazarja, cercada

(1) Camões — *Luziadas CII* — est. 65-67.

(2) *Roteiro*. p. 42.

(3) *Damião de Goes* — cron. d'Elrei D. Manuel — 43.

(4) *Roteiro*. p. 43-44 — *Damião de Goes* — cron. de D. Manuel. 44.

de muro, assentada em praia, fazendo grande amostra aos nossos». (1) A gente da terra, porém, não appareceu a bordo, com receio, pois se soube logo do aprezamento das embarcações.

Na segunda feira, — 16 de Abril, — pela manhã, Vasco da Gama, mandou a terra um dos mouros que prendera, com um degredado, os quaes voltaram a bordo, depois do meio dia, com dois enviados do senhor da terra e um presente de três carneiros, laranjas, e canas de assucar. O capitão-mór retribuiu tambem com um presente, e na terça feira, 17, — apróximou-se mais de terra e mandou desembarcar o Davane, (2) a falar com o Sheick, mandando-lhe por êle, um balandrau vermelho, um chapéu, e dois ramaes de coral; na quarta feira, 18, (3) «depois de jantar», veio o Sheick aos navios na sua závra, e o capitão-mór foi ao seu encontro no batel.

O Sheick vinha sentado numas almofadas de veludo postas numa cadeira; vestia cabaia de damasco cramezim, forrada de seda verde e na cabeça uma touca foteada. Atrás dêle um negro com um guarda-sol aberto, de cramezim, «a modo de esparavel posto em uma haste de pau doirada».

Junto dêle vinha sentado um velho, com um terçado guarnecido de oiro e prata anilada, e em frente, um grupo de músicos, «tangendo anafis e buzinas de marfim, da altura dum homem, e eram muito lavradas, e tangiam-se por um buraco que tem em meio, tão concertado que parecia mais musica d'outro instrumento que d'aqueles barbaros».

As naus foram embandeiradas; armaram-se toldos com panos de Flandres «de figuras», lançaram-se alcatifas e lambeis; lanças nos cabides, com os ferros bem limpos, espadas núas pendentes, bem como corpos de armas, couraças ricas e as armas dos capitães; «a copeira posta com suas baixelas e todo o concerto, como homens de muita riqueza».

Vestido o Gama vem ao modo Hispano;
Mas Francesa era a roupa que vestia,
De setim da Adriatica Veneza
Cramezim, côr que a gente tanto preza;

*

De botões d'oiro as mangas vem tomadas
Onde o sol reluzindo, a vista cega;
As calças soldadescas recamadas
Do metal que Fortuna a tantos nega;
Teem pontas do mesmo, delicadas,
Os golpes de gibão ajusta, e achega;
Ao Italico modo a aurea espada;
Pruma no gorro, um pouco declinada. (4)

(1) Gaspar Correia — *Lendas I* — 47.

(2) *Relatório de Vasco da Gama* — «fica bom».

(3)

(4)

(5) «... de ... Cristovão da Gama na Ethiopia, quando recebeu a visita da Rainha Sabla Vangel, diz: «e o capitão mór muito gentil homem, vestido de calças e jubão de setim rôxo e tela d'ouro, com muitos recamos; roupa francesa de pano preto, fino, toda recamada d'ouro e sua gorra preta com uma medalha muito rica — *Trafado V*».

Vasco da Gama ia no seu batel toldado e embandeirado, com doze homens de armas "dos melhores vistosos"; ao largar de bordo os navios salvaram, e as tripulações "deram uma grande grita".

Das embarcações que acompanhavam o capitão-mór, corresponderam à salva das naus, disparando os berços que levavam, "a qual trovoadá, como era cousa nova nas orelhas d'aquella gente, foi para elles tão grande espanto, que houve entre elles todos rumor de se acolherem à terra".

Vendo "a torvação deles" mandou Vasco da Gama "cessar aquelle tom"... "e como chegou onde Elrei estava, logo se o dito rei meteu com elle e ali passaram muitas palavras e boas". O Sheick pediu ao capitão-mór para que fosse a terra, mas este desculpou-se dizendo ser-lhe isso vedado.

Andaram, então, em redor dos navios, "donde lhe tiraram muitas bombardadas, e elle folgava muito de as vêr tirar, e nisto andaram obra de três horas".

Então, o Sheick retirou, mandando um filho com um mouro subir a bordo do navio de Vasco da Gama, e na tolda puzeram-lhe uma mesa coberta por uma toalha de Flandres, com conservas, confeitos e amendoas, que levavam em frascos de vidro, e azeitonas grandes e pequenas, e caixas de marmelada». (1)

Na quinta feira, -- 19 de Abril, -- Vasco da Gama com Nicolau Coelho, foram em bateis, correr ao longo da praia apinhada de gente para os vêr, e entre esta, dois cavaleiros "escaramuçando e folgando muito".

No porto estavam fundeados quatro pangaãos de Diu, de Baneanes: "quatro naus de *christãos* da Índia "diz o Roteiro", (2) "os quaes a primeira vez que vieram ao navio de Paulo da Gama, onde o capitão mor estava, ali lhe mostraram um retabulo, em que estava Nossa Senhora com Jesus Cristo nos braços, ao pé da cruz, e os apóstolos. E os indios quando viram este retabulo, lançaram-se ao chão; e aos quaes enquanto aqui estiveram vinham fazer as suas orações. E traziam cravo, pimenta, e outras cousas que ofereciam". (3)

Podiam ser cristãos Nestorianos da Índia, mercadores de Cranganor, na Costa de Malabar, ou simplesmente hindus que confundiam as figuras do "retavolo de pincel" com as divindades do culto brahmanico. Inclina-mo-nos, porém, a que fossem Nestorianos, pois o Roteiro diz:

"Estes indios são homens baços e trazem poucas roupas, e trazem grandes barbas e os cabelos da cabeça muito longos, e trazem-os trançados, e não comem carne de boi, segundo eles dizem, e a sua linguagem é entremeada de Mouro, e alguns deles sabem alguma, pouca, aravia, pela continua comunicação que teem com eles. (4)

"E como veio a noite fizeram muita festa, e tiraram muitas bombardadas e lançaram muitos foguetes, e davam grandes gritos".

Vasco da Gama estava satisfeito, "parecendo-lhe ser aquella gente mostra d'alguma christandade que haveria na Índia do tempo de S. Thomé".

Entre esta gente, veio, tambem, um Gugerate, de nome Malemo Caná, ou Canaique, o qual se propoz a pilotar os navios até à Índia, "sa-

(1) Gaspar Correia — *Lendas I* — p. 62

(2) *Roteiro* — 46-47.

(3) *Idem* — *Idem*.

(4) *Idem* — p. 47.

bia bem de navegação, e mostrou a Vasco da Gama uma carta da Costa Indiana, arrumada a moda dos Mouros, que era em meridianos e paralelos mui meudos, sem outro rumo dos ventos».

Vasco da Gama mostrou-lhe um Astrolábio grande e outro pequeno, e o Mouro não mostrou admiração, antes disse que os pilotos do Mar Roxo usavam semelhantes instrumentos de latão, «de figura triangular, e quadrantes, com que tomavam a altura do sol, e principalmente de estrelas de que se mais serviam na navegação».

E que êle e os mareantes de Cambaya e de toda a Índia, pois que a sua navegação era por outras estrelas, assim do norte como do sul, e outras notáveis que cruzavam por meio do ceu, de oriente para poente, não tomavam a sua distância por instrumentos semelhantes áqueles, mas por um outro, o qual instrumento lhe trouxe logo a mostrar, que era de três táboas.. e servem a êles, naquela operação que ora a nós serve o instrumento a que os mareantes chamam *balestilha*».

Novê dias se demorou a armada em Melinde, sempre em festas, «e havia aqui muitos tangeres»; ali repararam de novo os navios empregando breu da terra, «que havia muito bom e cheiroso, e fizeram amarras de caíro»; perto da praia assentaram o *Padrão Santo Espirito*: «era uma columna de marmore branco, com seu pé e capitel, que tinha em cima o escudo das quinas com sua corôa, e da outra banda outro escudo em que entrava a esfera, e ao pé letras talhadas na pedra, e dentro, douradas, que diziam *Rei Manuel*». (1)

O padrão foi assente num outeiro sobre o porto, «a parte da mão esquerda da cidade, logar mui vistoso, que de todo o mar se via a columna, a que Elrei mandou pedreiros que a ajudaram a assentar; que, sendo posta no seu logar, foi solemnizada com orações de trez clérigos que havia nas naus e com as trombetas e salvas d'artilharia das naus».

Aqui contratou o capitão-mór pilotos que o conduzissem à Índia, e, segundo o uso da terra, entregou logo, a cada um 50 cruzados de ouro, moeda que o Rei tanto apreciou, que quiz ficar com ela; vendo isto, Vasco da Gama presenteou-o com 10 portugueses de oiro metidos num lenço, informando que cada um dêles valia 10 dos pequenos.

Em terra ficou o grumete degradedado, Pero Esteves, para indagar dos costumes do país, deixando-lhe o capitão-mór cincoenta tostões para as suas despesas.

Na terça feira, — 24 de Abril, — a armada saíu de Melinde, guiada pelo piloto Malemo Caná. Era a época da *monção pequena*, nome que os nossos pilotos depois lhe deram. Nesta monção pequena, *ou de março*, são as calmarias tais, que, por vezes, os navios só chegam à Índia em fins de maio.

10 — A chegada à Índia

Calicut

1498

No domingo, — 29 de Abril, — avistaram a *estrela do Norte*, «a qual havia muito que deixáramos de ver», e na quinta feira, — 17 de Maio, — (2)

(1) Gaspar Correia — *Lendas* — Vol. I. p. 66-67.

(2) O *Roteiro* diz: «e uma sexta feira que foram 17 dias de Maio». O dia 17 de Maio de 1498 foi quinta e não sexta feira. — Goes repete o erro. A data precisa de fundear em Calicut é 20 de Maio.

"vimos uma terra alta, a qual havia vinte e trez dias que não viamos terra, vindo sempre com vento á poupa". Era o Monte Dely ou Ely, a N. O. de Cananor.

Já a manhã clara dava nos outeiros,
 Por onde o Ganges murmurando soa,
 Quando da excelsa gavea os marinheiros
 Enxergaram terra alta pela prôa;

 Disse alegre o piloto Melindano:
 Terra é de Calicut, se não me engano. (1)

Ao caír da noite fizeram-se no rumo S. S. O. "para nos arredarmos da costa, e ao outro dia, — 18 — viemo-la demandar, e não nos chegámos tanto a ela, que o piloto podesse haver perfeito conhecimento da terra, isto pelos muitos chuviros e trovoadas que faziam em esta terra nesta travessia e costa porque navegámos".

"E ao domingo, — 20 de maio, — fomos juntos com umas montanhas, as quaes estão sobre a cidade de Calicut, — é o Monte Dely — e chegámos tanto a elas, até que o piloto que levávamos as conheceu e nos disse que aquella era a terra onde nos desejavamos de ir",

Esta é, por certo, a terra que buscaes,
 Da verdadeira India, que aparece;
 E se do Mundo mais não desejaes
 Vosso trabalho longo aqui fenece

 Já se viam chegados junto á Terra,
 Que desejada já, de tantos fora;
 Que entre as correntes do Indiano se encerra,
 E o Ganges, que no ceu também mora.

"E em este dia, — 20, — á tarde, fomos pousar abaixo desta cidade de *Calicut* duas leguas, — Pandarany, — e isto porque ao piloto pareceu que uma vila que ali estava, a que chamam *Capua*, — *Capocate*, ou antes *Kappat*, (2) — que era Calicut; e abaixo desta vila está outra que se chama *Pandarany*; (3) e pousámos ao longo da costa, obra de uma legua e meia da terra".

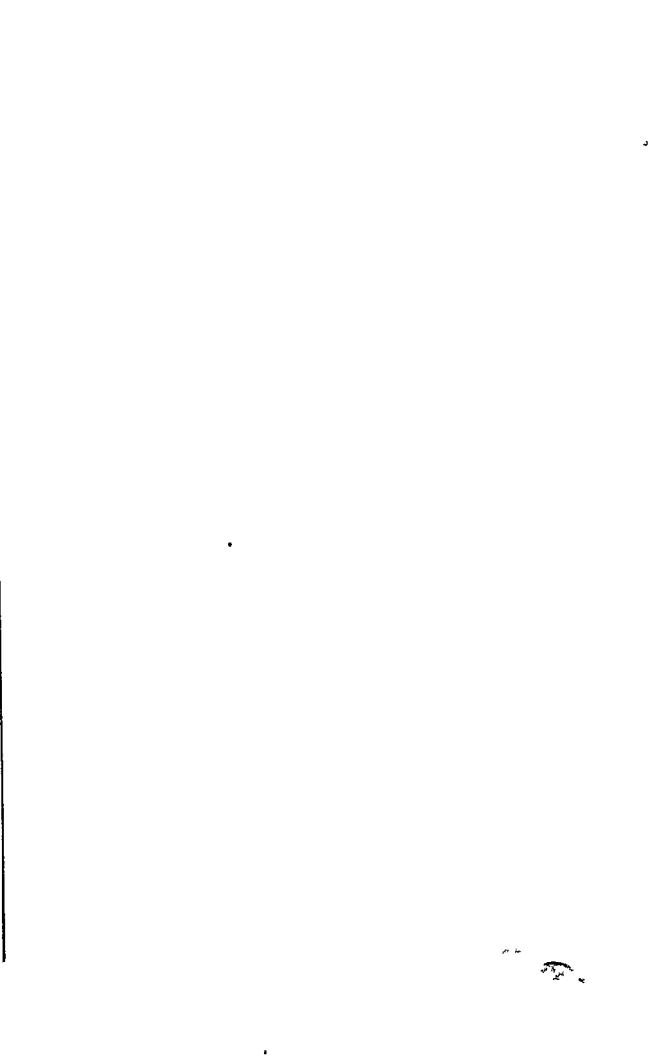
Era um domingo, — 20 de Maio, — época da monção das chuvas, fazendo por isso, fortes aguaceiros.

Zinadin na sua História, diz ter Vasco da Gama chegado a *Pandarane*; Barros e Goes seguem a opinião do *Roteiro*, dizendo que surgiram duas léguas abaixo de Calicut, mas que depois passaram para Capua, Capocate ou Kappat, por ser mais seguro porto nesta época do ano, e que, daqui foram por terra visitar o Rei de Calicut. Gaspar Correia e Casta-

(1) Camões = *Luziadas* CVI e 92-93 = CVII, e I.

(2) Pequena povoação, 8 milhas ao N. de Calicut: «Porque dali começa a cidade de Calicut neste logar que se chama Capocate = Gaspar Correia = *Lendas* I = 71.

(3) Pandarane Coulão, pequena povoação, poucas milhas ao N. de Kappat.



nhedra, dizem ter a armada fundeado em Capocate, donde Vasco da Gama foi visitar o Rei em *Panane*, (1) a 5 léguas de Calicut, ao longo da Costa, e onde era a habitual residência do Soberano.

Na *História dos Portuguezes na Índia*, manuscrito em *olas*, na posse do Rajá Venkatikota, descendente do Samorim, diz que os *Firingis* chegaram à costa do Malabar no ano da Hegira de 904, ou a 6 de Rackadom, do ano de 672 (era Malabar). — «Trez navios de Firingis, vieram a Pandarane Kolam; era inverno, e por isso ancoraram aqui e desembarcaram. Foram a Rorikote onde souberam todas as noticias relativas ao Malabar. Desta vez não negociaram e regressaram a Portugal. Dois anos depois, tornam a vir de Portugal com 6 navios e vieram a Rarikote». Ora o mês de Rackadom é Julho-Agosto, e ás vezes só Agosto. Num antigo manuscrito em poder do actual Samorim, uma espécie de Diário de 1497 diz-se: «1497 — O Gama saíu da cidade Bilam (Belem?) em Março de 1497. O Gama viu pela primeira vez o M. Ely a 26 de Agosto de 1498».

Esta informação concorda com Gaspar Correia.

Segundo um antigo documento Indiano, o desembarque de Vasco da Gama foi em *Kollam*, que tambem se chama *Pantalayin* ou *Pantalaymi Kollam*, *Pandarani*, etc. Segundo aquele documento os navios fundeiam em *Kappat*, (2) e depois são conduzidos ao Norte, isto é, a Pandarani. Gaspar Correia, diz terem fundeado em Kappat. Em Pantalaymi é possível o desembarque no inverno, na pequena enseada ao Sul do promontório. Em fins de Agosto, havia monção forte. Kappat fica a 8 milhas ao N. de Calicut e é porto. Gaspar Correia diz que esse porto era o princípio da cidade de Calicut, quando o que talvez quizesse dizer é que era o princípio do Estado de Calicut.

O Samorim viveria em Calicut? Hoje, ainda o principal ramo da familia daquele principe vive em Kottakol, a 9 milhas de Tirur, e outro ramo em Tiruvannur, a 3 milhas de Calicut.

Pantalayini é, tambem, *Pantalayini-Kolam*.

Passavam almadias de pescadores, junto dos navios, e, chamados subiram a bordo a vender peixe.

Tanto que á nova terra chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram (3)

«E ao outro dia, — 21 de Maio, — isso mesmo vieram estes barcos aos nossos navios, e o capitão mor mandou a terra um João Martins, degredado, que falava aravia e hebreu; cristão novo, e homem de subtil entendimento; e aqueles com quem ele ia levaram-o onde estavam dois mouros de Tunis, e a primeira salva que lhe deram foi esta, que se ao deante segue:

(1) Damião de Goes I — 38-43; Gaspar Correia I — 68 a 121; Castanheda I — 12 a 15 *Roteiro*, 50. Barros, Goes, e o *Roteiro* dizem ter surgido 2 leguas abaixo de Calicut, seguindo depois de Calicut, para o norte, e fundeando a 5 leguas de Calicut, no inverno, segun ser mais seguro no segundo inverno, segun leguas de Calicut. Segundo pelo rei em Panane, cate e foi recebido

(2) Kappat é uma aldeia 8 milhas a N. de Calicut. Estava então, em toda a força a monção de S.O. Pandarani Kollam povoação ao N. Kappat, fica protegida por um destes bancos de lodo, que são um dos característicos desta costa: foi neste abrigo que o piloto meteu os navios.

(3) Camões — *Luziadas* CVII — 16 — Barros I — 4-8.

— Al diablo que te doo; quem te traxo acá?

“E perguntaram-lhe o que vinham buscar de tão longe.

“Então o agazalharam e deram-lhe de comer pão trigo com mel, e depois que comeu veio-se para os navios, e veio com ele, um daqueles Mouros, o qual, tanto que foi em os navios, começou a dizer estas palavras:

— Buena Ventura! Buena Ventura!... Muitos rubis, muitas esmeraldas!... Muitas graças deveis dar a Deus por vos trazer a terras onde ha tanta riqueza!

Os marinheiros pasmavam de ouvir falar a sua língua, “e não criamos que homem houvesse, tão longe de Portugal, que nos entendesse a nossa fala” (1).

“Esta cidade de Calicut é de Christãos (2), os quais são homens baços e andam deles com barbas grandes e os cabelos da cabeça compridos, e outros trazem as cabeças rapadas, e outros tosquiadas, e trazem em a moleira uns topetes, por sinal que são christãos, e nas barbas bigodes; e trazem as orelhas furadas, e nos buracos delas muito ouro, e andam nus da cinta para cima, e para baixo trazem uns panos d’algodão muito delgados; e estes, que assim andam vestidos são os mais honrados, que os outros traziam como podem.

“As mulheres desta terra, em geral são feias e de pequenos corpos, e trazem ao pescoço muitas joias d’ouro, e pelos braços muitas manilhas, e nos dedos dos pés trazem aneis com pedras ricas. Toda esta gente é de boa condição, e são maviolos quanto ao que parecem...

“Esta cidade de Calicut é mui bela e mui grande cidade, situada à beira mar, estendendo-se de uma a outra ponta por mais de legua e meia de praia, e em todo este cumprimento, entre a cidade e o mar, são casas de Macuás, pescadores, e outra gente pobre. Todos teem ali seu pagodes e templos. Toda a praia é coberta de almadias ou barcos de pescadores, e outros.

“A cidade tem mais de cinco leguas de circuito, mas o que propriamente se chama Calicut é um grande territorio cheio dos mais belos e soberbos edificios e suas grandes cercas, de sorte que cada casa ha mister de um grande espaço para todos os seus jardins, pomares, viveiros e terras de semear; e por isso se não vê por toda a parte senão casas d’estarte fabricadas, cheias de povo, assim Naires, Malabares, Mouros, como de toda outra qualidade de estrangeiros que ahí são bem agazalhados, com differença das outras cidades Malabares, onde sómente móram Mouros...

“Ha grande numero de tãques publicos, mui grandes, bem lageados,

(1) A este homem chamam Barros e Goes *Monçaide*, e Castanheda *Bomtaibo*; veio com Vasco da Gama para Portugal.

(2) Nestorianos haviam muitos ali.

As origens do cristianismo no Malabar são difficilimas de destrinçar; mas parece fora de dúvida que lá deve ter sido implantado desde os primeiros tempos da nossa era. A tradição diz ter sido o cristianismo introduzido na Índia pelos apóstolos S. Bartolomeu e S. Tomé, sobretudo, o último, e por isso os cristãos do Malabar se chamam cristãos de S. Tomé e fixam a sua vinda ao Malabar no século III; depois, no século VII veio outro Tomé — Tomé Cana — estabelecer-se em Cranganor; e no século IX ou X uma outra colónia vinda da Babilónia se estabelece em Coulaõ.

A cruz achada enterrada em 1547 em S. Tomé de Meliapur com uma inscrição em língua pelvi parece não ser anterior ao século VII.

A inscrição de Singafu, na provincia de Xemsi na China, desenterrada em 1626, faz-nos ver missionários nestorianos na China, desde 635. Esta inscrição foi traduzida pela primeira vez por Álvaro de Semedo, *procurador das provincias do Japão e China*.

Os viajantes que percorrem a Ásia central e a China do século XII ao XV afirmam a grande extensão e prosperidade do cristianismo naquelas terras: dali veio a lenda do Preste João.

e guarnecidos de baluartes de pedra de cantaria, bem limpos e bem conservados. Cada religião tem os seus separadamente. . . Os muros da cidade não são fortes, e apenas e cercada de trincheiras de terra e muros baixos.

“As cazas não são fabricadas em ordem, nem dispostas em ruas como na Europa, mas confuzas e dispersas para aqui e para ali. Os seus mercados, a que chamam *Bazar*, são tão cheios o dia inteiro de toda a sorte de povo, que mal se pôde por eles transitar. Vê-se ali, gente de todas as Nações. As cazas comuns são de terra, cobertas de folhas de coqueiro, mas os ricos e abastados, fabricam as suas cazas de boa pedra, e cobrem-as de telha. Todos os edificios são em quadro, formando quatro galerias com varandas nos quatro extremos e um pateo ao meio. A sua obra de carpintaria e marcenaria é a mais linda que ver se pode. É entalhada de diversas figuras graciosas, como ca, entre nós, os mais bonitos bufetes e mezas e tudo pintado.

“Nas cazas ha andares, mas não tantos como entre nós.

“Tem grandes atrios a entrada das cazas. Não ha casa que não tenha o seu jardim. É a cidade mais mercantil e mais cheia de toda a sorte de trato e comercio que ha nas Indias, e nela se encontram mercadores de todas as partes do Mundo, e de todas as Nações e Religiões, por razão da liberdade e segurança com que ali se vive.”

A fundação de Calicut attribui-se a Cheruman Perumal.

A primitiva residência real foi em Coullão, quando os mouros de Meca appareceram na India e se estabeleceram no Malabar, converteram o seu Rei que foi em peregrinação a Meca, onde ficou, tendo, antes de partir, repartido os seus estados pelos parentes e amigos, o pôrto onde embarcou com uma pequena faxa de terreno em volta, reservou-o para Marna Vikrana, com o titulo de *Samorim* e suzerania sobre os outros. Esta foi a origem de Calicut, que prosperou, e em pouco suplantou Coullão, crescendo o poder dos Samorins com o auxilio dos *Moplas* ou Mouros que lhe alargam o dominio para oeste e sul.

Calicut tornou-se o centro commercial mais importante da India. Os grandes negociantes do Cairo tinham ali representantes para despacho dos navios que mandavam a carregar as especiarias.

Os árabes estavam ali instalados havia sessenta anos, e eram, pela sua riqueza, muito considerados.

“Ao tempo que nós chegamos a esta cidade de Calicut, Elrei estava dela quinze leguas (1), e o capitão mor mandou la dois homens, pelos quaes mandou dizer que um embaixador d’Elrei de Portugal estava ali, e que trazia cartas dele, e que se ele mandasse, que ele lhas levaria la, onde ele estivesse.

“O qual rei, como viu o dito recado do capitão, fez mercê aos dois homens que lho dêram, de pannos muito bons. E mandou-lhe dizer, que ele fosse muito bem vindo, e que logo se vinha a Calicut, como de feito logo partiu com muita gente depoz si. E mandou-nos por estes dois homens um piloto que nos levasse a um lugar que se chama Pandarany, abaixo donde pouzâmos primeiro, que agora estamos devante da cidade de Calicut, porque ali estava bom porto, e que ali nos amarrassemos, porque ali, onde estamos era mau porto e de pedra, como de facto era assim, e que era costume, que os navios que vinham a esta terra pousassem ali, por estarem seguros.

“E o capitão, visto este recado d’Elrei, e como não estamos bem,

(1) Em Panane, diz Goes, Pandarane, diz Castanheda

mandou que dêssemos logo ás velas, e fomos pouzar em aquele porto — Pandarane (1).

“E não fomos tanto dentro, como o piloto que nos Elrei mandou quizerá. E depois de estarmos assentados e amarrádos no dito porto, veio recado ao capitão-mor, d’Elrei, como estava já ali na cidade, e mandou um homem que se chamava *Bale*, (2) — o qual é como alcaide, que ele de continuo traz consigo 200 homens de espada e adargas, — àquela vila de Pandarani, para haver de ir com o capitán mor onde Elrei ficara, e outros homens honrados”.

Este recado e partida teve logar oito dias apoz a chegada, isto é, a 28 de Maio.

De Pandarani a Calicut, por terra, eram doze milhas.

“O Rajah ora residia em Panane, ora em Calicut, onde era a residência principal, tudo cercado de muralhas e cavas, com pontes levadiças ás portas, e em toda a cava ao redor entra agua. Grande numero de soldados dia e noite estão de guarda às portas, que são quatorze. Para chegar aos aposentos do Rei, é preciso passar, ainda, mais trez portas bem guardadas...”

“Esta cidade (de Calicut), diz a cronica d’Elrei D. Manuel, está retirada ao longo d’um arrecife como costa brava; é muito grande em distancia mais que em fabrica, porque as cazas são mui afastadas umas das outras, com muitos jardins, das quais só as do Rei e os Pagodes são de pedra e cal, telhados de tijolo; todas as outras são palhaças cobertas de folhas de palmeira, e isto por lei. É muito graciosa de jardins, pomares e hortas; tem muitas noras e tanques d’agua, cobertas e cercadas d’areaes que a fazem mui graciosa; é muito abundante, assim de mantimentos da terra, como dos que lhe veem de carroto... Na cidade se acha todo o género de mercadorias, em tanto, que ha muita abundancia de todas estas cousas, que os nossos viram, e lhes fez espanto, a qual cidade é cabeça de todo o Malabar e o Rei era o mais poderoso e rico de todos os reis d’aquella provincia, antes que os Portugueses viessem á India”.

O caminho que levava ás casas do Rei era tão direito, “como jogo de bola” e ladeado de sebes com árvores de toda a espécie entre as quais muitas, “das chamadas *tristes*, e de que fazem açafraão”.

Da cidade ao palácio mediava “um quarto de legua” de caminho de boas casas; defronte do paço uma grande praça quadrada, onde todas as manhãs se fazia o mercado. O palácio era vasto, composto por diversos corpos separados, com vários andares e muitas galerias e jardins, hortas, tanques, piscinas, e canais revestidos de cantaria, com escadarias para se descer até ao fundo; em diversos pontos, fontes, que jorravam água para dentro de tanques.

A quinhentos passos do palácio, o *pagode*, que era o maior do Reino. O principal ídolo, — Brahama — achava-se no mais recôndito do templo, “com cabeça d’homem mui disforme e horrendo, e do mesmo feitio como que costumamos representar os diabos”. Era de oiro, cravejado de pedraria. Todo o templo era forrado com folhas de cobre polido.

À entrada, num grande adro fechado por muro, e ao lado da porta uma piscina para as abluções rituais, e um tanque com as cinzas dos cadáveres. Dentro, envolvida por um gradeamento de metal, uma vaca de cobre.

(1) *Roteiro* — p. 53.

(2) *Bale* — Wali, governador. chefe, corrupção do árabe *Wazir*, ministro do rei; outros chamam-lhe *Catual*, «que é como corregedor da côrte», diz a crónica de Elrei D. Manuel.

O interior do templo era muito escuro, apesar do grande numero de lâmpadas permanentemente acesas

O cumprimento que Naires e Brahmanes faziam ao aproximar se do Rei, consistia em se curvarem juntando as mãos acima da cabeça, abrindo a mão os braços por três vezes, proferindo

— *Tabiran ! Tabiran ! Tabiran ! Samorin !*

11 — A visita ao Samorim

1498

Na segunda feira, 28 de Maio, veio recado do Catual, 'que e como corregedor da Corte', dizendo que o Samorim o receberia, e na terça feira 29, Vasco da Gama desembarcou e levou consigo treze homens dos seus, dos quais, eu fui um deles (1) E todos iam muito bem ataviados, e levavamos bombardas nos bateis, e trombetas e muitas bandeiras, e tanto que o capitão foi em terra estava o alcaide com muitos homens consigo, armados, e deles sem armas, os quais receberam o capitão com muito prazer e gazalhado, como homens que folgavam de nos ver.

'Ali tomaram ao capitão numas andas d'homens, (palanquim) em que os homens costumam em aquella terra andar . E o capitão se poz nelas e levaram o seis homens a revezes e partimos com toda aquella gente depóz, caminho de Calicut, e daqui fomos a outra vila que se chamava Cappate (2) Ahí aposentaram o capitão mor em casa de um homem honrado e mandáram fazer de comer para nós outros, o qual foi arroz com muita manteiga e muito bom pescado cozido.

'E o capitão mor não quiz ali comer, e depois que nos comemos, foi o capitão mor embarcar a um rio que ali ia perto, o qual vae entre o mar e a terra, — em que estavam muitos navios grossos, acrescenta Goes, — ao longo da costa . E as barcas em que embarcámos eram duas, as quaes estavam liadas, para que podessemos ir juntas, afóra outras muitas barcas em que ia outra muita gente . Da que ia por terra não digo nada, que era infinitissima, a qual vinha toda a nos ver e por este rio iriamos obra de uma legua, onde vimos muitas naus grossas e grandes, as quaes estavam varadas em secco por respeito do porto que ali não ha

'E depois que desembarcamos, o capitão mór tornou as suas andas, e fomos nosso caminho, onde a gente era tanta, que nos vinha a ver, que não tinha conto . E assim como as mulheres saiam das cazas com os filhos nos braços, assim se iam depoz nós

'Aqui nos levaram a uma grande egreja . que tinha a porta principal um padrão d'arame, da altura d'um mastro e em cima deste padrão esta uma ave que parece galo, e outro padrão, da altura d'um homem e muito grosso (3) E em o meio do corpo da egreja esta um corucheu todo

(1) Roteiro — p 54 — Damão de Gomes — 20.1 — — — —
«escrivão da sua nau», João de Sá, Alvaro — — — —
tins e Alvaro Velho — Gaspar Correia cit
xoelra . Como já vimos a paginas 25 aqui

(2) O original diz *Capua* . Goes diz *Capututi* «Foram jantar a uma povoação que se chama *Capotall*, o Catual numa caza e Vasco da Gama noutra» — Goes 47

(3) E o *linga* — Castanheda 1 15

de canto, e tinha uma porta, que um homem cabia, e uma escada de pedra por que subiam a esta porta, a qual porta era de arame, e dentro estava uma imagem pequena, a qual eles diziam que era Nossa Senhora, e deante da porta principal da egreja, ao longo da parede, estavam sete *campas*, (sinos), pequenas

Aqui estão das Deidades as figuras
Esculpidas em pau, e em pedra fria;
Varios de gestos, vazios de pinturas,
E segundo o Demonio lhes fingia (1)

"Aqui fez o capitão sua oração (2), e nós entrámos com ele, e nós não entrámos dentro em esta capela, porque seu costume é não entrarem nela senão homens certos que servem as egrejas, aos quais lhes chamam *cáfis*.

"Estes *cáfis* trazem uma linhas por cima do hombro lançadas, (o hombro é o esquerdo) e por baixo do hombro direito, assim como os cle-
rigos d'Evangelhos, a estóla. Estes nos lançaram agua benta; dão um barro branco, que os christãos desta terra costumam pôr nas testas e nos peitos, deredor do pescoço e em os buchos dos braços. Toda esta cerimonia fizeram ao capitão mor, e lhe deram aquele barro que puzesse, e o capitão o tomou e deu a guardar, dando a entender que depois o poria.

"E outros muitos santos estavam pintados pelas paredes da egreja, os quaes tinham diademas, e a sua pintura era em diversa maneira, porque os dentes eram tão grandes que saiam da boca uma polegada, e cada santo tinha quatro e cinco braços; e abaixo desta egreja (3) estava um grande tanque lavrado, de cantaria, assim muitos outros, que pelo caminho tinhamos visto.

"E daqui nos fomos; e á entrada da cidade, nos levaram a outra egreja a qual tinha estas mesmas cousas acima contadas. Aqui recresceu a gente muito, que nos vinha ver, que não cabia pelo caminho, e depois que fomos por esta rua um grande pedaço, meteram o capitão mor em uma caza, e tambem nós outros com ele, por respeito da gente que era muita.

"Aqui mandou Elrei um irmão do Baile, o qual era senhor nesta terra, o qual vinha para ir com o capitão mor, e trazia muitos atambores, anafins, e charamelas, e uma espingarda, a qual ia tirando ante nós; e assim levaram o capitão mor com muito acatamento, tanto e mais do que se podia em Hespanha fazer a um Rei.

"E a gente era tanta, que não tinha conto, e os telhados e cazas eram todos cheios, afóra a que comnosco ia de roldão, entre a qual gente iriam, ao menos, dois mil homens d'armas.

"E quanto mais nos chegávamos para os Paços onde Elrei estava, tanto mais gente recrescia. E tanto que chegámos ao Paço, vieram-se para

(1) *Lusiadas* — c. VII — c. 47.

(2) Vasco da Gama e a sua gente estavam convencidos de se acharem entre cristãos, embora de rito diverso. João de Sá, porém, espantado pelas imagens, que via pelas paredes, com múltiplos braços, ao ajoelhar disse para os outros: — Se isto é Diabo, eu adoro o Deus verdadeiro. . . E Vasco da Gama que o ouviu, sorriu-se.

(3) Numa capela interior, «estava encaixada na parede uma imagem, que por o lugar ser escuro, não podemos bem ver que imagem era, nem estes homens o quizeram dizer, estando dentro, apontando com o dedo para ela, dizendo *Maria, Maria*. . . o que, os nossos, parecendo-lhes que seja aquela imagem da Virgem Maria, tambem fizeram em gíolhos. . . »

o capitão, homens muito honrados, e grandes senhores, afóra outros muitos que já iam com ele, e seria uma hora de sol(1)

“Quando chegámos aos Paços entramos por uma porta, a um terreiro mui grande, e antes que chegassemos a porta onde Elrei estava, passámos quatro portas, as quaes passamos por força dando muitas pancadas a gente, e quando chegámos a derradeira porta, onde Elrei estava, saiu de dentro um velho, homem baixo de corpo, o qual é como bispo, e o rei se rege por ele nas cousas da igreja, o qual abraçou o capitão a entrada desta porta, e á entrada dela se feriram homens, e nós entrámos com muita força

entravam já na sala,
Onde aquele potente Imperador,
Num camilha jaz, que não se eguala
De outra alguma no preço, e no valor
No recostado gesto se assinala
Um venerando e prospero Senhor (2)

Numa vasta sala rodeada de assentos em amfiteatro, — “armado em corô”, — sentaram-se os Naires O chão coberto por um tapete verde, as paredes forradas de seda e ouro

“Elrei estava em um patim, lançado de costas em uma camilha, a qual tinha estas cousas um pano de veludo verde debaixo, e em cima um colchão muito bom, e em cima do colchão um panno d algodão muito alvo e delgado mais que nenhum, de linho, e tambem tinha almofada deste item

“Tinha vestido uns pannos d’algodão com rozas d’ouro batido semeadas por ele(3) Um dos pannos fazia uma ponta comprida, em que estavam enfiados muitos aneis d’ouro com grandes rubis, tinha no braço esquerdo uma manilha acima do cotovelo, que pareciam trez manilhas juntas, a do meio mais grossa, todas de rica pedraria e esta do meio, pendurada, uma pedra que refuzia, que era diamante da grossura dum dedo polegar, que parecia uma coisa sem preço, e ao pescoço um fio de perolas, quasi do tamanho d’avelans, o fio de duas voltas ate ao umbigo, e acima, tinha uma cadeia d’ouro roliça, delgada, em que tinha uma joia, de feição de coração cercada de perolas mais grossas e toda cheia de rubis, e no meio uma pedra verde, da grandura duma fava grossa, que segundo mostrava era de grande preço, que se chamava esmeralda . Os cabelos compridos, pretos, apanhados e atados sobre a cabeça, com um nó dado neles, derredor do nó tinha um fio de perolas como as do pescoço e na ponta do fio, uma perola pendente da feição de perilha, mais grossa que todas, que muito parecia rica coisa as orelhas furadas de grandes buracos, com muitas orelheiras d’ouro de grãos redondos Junto d’Elrei estava um moço, seu pagem, com um pano de seda de redor de si, que tinha uma adarga vermelha, guarnecida d’ouro

(1) Isto é, uma hora antes do por do sol

(2) Camões — *Lusitadas* C VII e 57

(3) Goes diz que vestia a manilha de ouro e a pedra de rubi

de ouro e perolas na cabeça

ouro — Evidentemente o S

creve-o vindo á praia ver

peça de estofa branco enroscado no dorso e descendo ate aos joelhos e um pedaço formando turbante na cabeça estava descalço e um pequeno escravo transportava uma umbela com que o protegia.

"A' mão esquerda d'Elrei, uma copa d'ouro muito grande, da altura d'um pote de meio almude, e era da largura de dois palmos de boca, a qual era mui grossa ao parecer, na qual laça lançava bagaço de umas ervas que os homens desta terra comem pela calma, a qual erva chamam *atambar*; (1) e da banda da direita estava um bacio d'oiro, quanto um homem podesse abranger com os braços, em o qual estavam aquelas ervas, e muitos agomis de prata, e o céu de cima era todo dourado.

"Junto do catre estava um homem velho, que lhe dava o betele que mastigava.

"E assim como o capitão mor entrou, fez uma reverencia segundo o costume d'aquella terra, a qual é juntar as mãos e levantar-as para o ceu, como costumam os christãos levantar a Deus, e assim como os levantam, abrem e cerram os punhos muito apinhio.

"E ele acenou ao capitão com a mão direita, que se fosse para debaixo daquelle cerrado onde ele estava; porem o capitão não chegava a ele, porque o costume da terra é não chegar nenhum homem ao rei; salvo um seu privado, que lhe estava dando aquellas ervas, e quando algum homem lhe fala, tem a mão ante a bocca, e está arredado.

"Assim como acenou ao capitão, olhando para nós outros, mandou que nos assentassemos em um poial perto dele, em logar que nos via ele estar; e mandou-nos dar agua ás mãos, e mandou trazer uma fruta, que é feita como melões, salvo que de fora são crespos, mas de dentro são doces; e tambem nos mandou trazer outra fruta, que são como figos, e sabem muito bem; e tinhamos homens que nol-os estavam aparando, e Elrei estava olhando como nós comíamos, e estava-se rindo para nós, e falava com aquele seu privado que estava á sua ilharga, dando-lhe a comer aquellas ervas.

"E depois disto olhou ao capitão que estava assentado defronte, e disse que falasse com aqueles homens com quem estava, que eram muito honrados, e que dissesse o que quizesse, que eles lho diriam.

Servia de interprete o Taibo Davané que traduzia o hindustani para o arabico, que, depois, o João Martins vertia para português: uma trapalhada de que resultou entenderem-se mal.

"Responden o capitão mor, que era embaixador d'Elrei de Portugal e que trazia uma embaixada que não havia de dar senão a ele.

"Disse Elrei que era muito bem; e logo o mandou levar dentro a uma camara, e como foi dentro, Elrei se levantou donde estava e se foi para o capitão mor, e nós ficámos em aquelle logar. Isto seria ali, junto com o sol posto. E assim como Elrei se levantou, foi logo um homem velho, que estava dentro daquelle patim, e alevantou a camilha, e a baixela ficou ali.

"Elrei, como foi onde estava o capitão, lançou-se em outra camilha em que estavam muitos panos lavrados d'oiro, e fez perguntar ao capitão, a que vinha. E o capitão lhe disse, como era Embaixador d'um Rei de Portugal, o qual era senhor de muita terra, e era muito rico de todas as cousas, mais que nenhum rei d'aquellas partes; e que havia 60 anos que os reis seus antecessores mandavam cada ano navios a descobrir, contra aquellas partes, porquanto sabiam que em aquellas partes havia reis christãos como eles, e que por este respeito mandaram a descobrir esta terra, e não porque lhes fosse necessario nem ouro, nem prata, porque tinham tanta em abundancia, que lhes não era necessario havela desta terra. Os quaes

(1) Atambor, Tambuldac, é o betel, folha em que embrulham areca com um pouco de cal.

capitães iam e andavam um ano e dois, até que lhes falecia o mantimento, e sem acharem nada, se tornavam para Portugal.

“E que, agora, esse Rei que se chamava D. Manuel, mandara fazer estes trez navios, e o mandara por capitão de um deles, e lhe dissera que não tornasse a Portugal até que lhe não descobrisse este Rei dos christãos, e que se tornasse lhe mandaria cortar a cabeça; e que se o achasse lhe desse duas cartas, as quaes cartas lhe ele daria ao outro dia, e que assim lhe mandava dizer por palavra, que era seu irmão e amigo.

“Elrei respondeu a isto, e disse que ele fosse bem vindo, e que assim o havia ele por irmão e amigo e que lhe mandaria embaixadores a Portugal com ele, dizendo o capitão que assim lho pedia por mercê... e porquanto, como era já muito noite, o capitão se despediu d’Elrei, e veio ter connosco onde estavam lançados em uma varanda, onde estava um grande castiçal d’arame que nos alumiaava, e isto seriam já bem quatro horas de noite.

“Então nos fomos todos com o capitão caminho da pouzada, e iam connosco, muita gente infinda, e a agua da chuva era tanta, que as ruas iam cheias; e o capitão mor ia ás costas de seis homens; e andámos tanto pela cidade, que o capitão mór se enfadou d’andar, e se queixou a um Mouro honrado, que é feitor d’Elrei, o qual ia com ele para o apozentar.

“E o Mouro, o levou a sua casa, a um terreiro que estava dentro dela, em o qual estava um estrado coberto de ladrilho, em que estavam muitas alcatifas estendidas, e dois castiçaes, daqueles d’Elrei, muito grandes, de ferro, com azeite ou manteiga, e estavam quatro matúlas (1) em cada candieiro, as quaes davam grande lume; e estes mesmos candieiros costumam eles trazer por tochas.

“E aquele Mouro fez trazer ali um cavallo para o capitão ir para a pouzada, e vinha sem sêla; e o capitão mór não quiz cavalgar, e fomo-nos caminho da pouzada, em a qual estavam já, quando chegámos, certos homens dos nossos com a cama do capitão e outro muito fato que o capitão levára, de que havia de fazer serviço a Elrei.

“No dia seguinte, — 5.^a feira 30 de Maio, — o Samorim mandou de presente ao capitão mór, 20 peças de pano branco, muito fino, com chapas d’oiro, a que eles chamam *beirames*, e outros 20 panos brancos grandes, muito finos em extremo, a que chamam *sinabazos*, e 10 panos de seda, de cores, e 4 pães de benjoim, grandes, quanto o homem podia trazer, e em uma panela de porcelana, 50 papos d’almiscar, e 6 bacias de porcelana, grandes como gamelas grandes, e outras 6 porcelanas côvas, que cada uma levaria 10 canadas d’agua.

“E á terça feira, — 4 de Junho, — tinha o capitão estas cousas para mandar a Elrei, a saber: doze lambeis e quatro capuzes de grân, e seis chapeus, e quatro ramaes de coral, e um fardo de bacias, em que havia seis peças, e uma caixa d’assucar e quatro barris cheios, dois de azeite e dois de mel.

“E como aqui é costume de não levar ao Rei nenhuma cousa, que primeiro o não façam saber áquele mesmo seu feitor, e depois ao *baile*, e como o capitão lho fez saber, vieram e começaram-se a rir d’aquelle serviço, dizendo que não era aquilo nada para mandar a Elrei: que o mais pobre mercador que vinha de Méca ou das Índias, lhe dava mais do que aquilo: e que, se lhe queria fazer serviço, que lhe mandasse algum oiro, porque Elrei não havia de tomar aquilo.

"E o capitão mor, vendo isto assim, houve merencoria, e disse que não trazia oiro, e mais que não era mercador, mas que era embaixador, e que, daquilo que trazia lhe dava, o qual era do seu, e não d'Elrei. Que quando Elrei de Portugal lá tornasse a mandar, que então lhe mandaria outras muitas cousas, e muito mais ricas; que se Elrei Samorim aquilo não quizesse, que ele o tornaria para os navios: e eles disseram que não lhes haviam de levar, nem consentir que lho levassem.

"E depois que se foram, vinham mouros daqueles tratantes, e todos desprezavam aquele serviço que o capitão queria mandar ao Rei... E quando veio a 4.^a feira, — 5 de Junho, — pela manhã, vieram os Mouros, e levaram o capitão ao Paço, e nós outros com ele; e em o Paço andava muita gente armada, e o capitão esteve com aqueles que o levaram, quatro grandes horas a uma porta que lhe não abriam, até que Elrei lhe mandou dizer que fosse para dentro, e não levasse consigo mais de dous homens, que visse ele, quaes queria levar consigo.

"E o capitão disse que queria que entrasse com ele Fernão Martins, o que sabia falar, e o seu escrivão, (1) parecendo a ele e a nós outros, que aquela apartação não era boa".

O Samorim começou por censurar a Vasco da Gama, (2) o não o ter visitado logo que chegou, e mais, ainda, por não lhe trazer presentes de valor, vindo, segundo ele dizia, dum país tão rico; e perguntou-lhe pelas cartas que dizia trazer do Rei de Portugal. Vasco da Gama deu largas explicações e entregou as cartas.

Perguntou, então, o Samorim, quais as mercadorias que havia em Portugal que podessem ter consumo na Índia, e Vasco da Gama respondeu que, apenas chegado a bordo, lhe mandaria algumas amostras, e despedindo-se do Rei, recolheu à pousada. No dia seguinte foi para *Pandarani* e pediu ao Wali embarcação para recolher a bordo: o Wali protestou ser já bastante tarde, pois era sol posto, e Vasco da Gama teve de ficar ainda essa noite em terra, na casa dum Mouro.

No dia imediato, — 5.^a feira 6 de Junho, — o Wali convidou o capitão mór a mandar ordem aos navios para se apróximarem mais da terra, e como Vasco da Gama recuzasse, meteram-o com os outros portugueses numa casa onde estiveram encerrados até sabado 8 de Junho, resolvendo Vasco da Gama, então, escrever ao irmão para mandar alguma mercadoria a terra para contentar o Catual; efectivamente, chegadas as mercadorias soltaram-o e recolheu a bordo, "da qual cousa folgámos muito, e démos muitas graças a Nosso Senhor, por nos tirar dentre taes homens, em quem não cabe nenhuma razão..."

Em terra, com as mercadorias, ficaram Digo Dias como feitor, Alvaro Braga como escrivão, Fernão Martins língua, João Nunes, e o piloto de Melinde.

Passados sete dias, — 13 de Junho, — o capitão mór mandou apresentar queixa ao Samorim, de que os Mouros, obstavam a que a população fizesse compras na feitoria; e as cousas chegaram a ponto "que como qualquer de nós ia em terra, por lhes parecer que nisso nos anojavam, cuspiam no chão dizendo com desprezo — *Portugal, Portugal*".

Não se vendendo ali cousa alguma, passaram as mercadorias para Calicut, onde diáriamente iam soldados e marinheiros dos navios a comprar o que precisavam. Pelo caminho, "recebiam de toda a gente christã

(1) Diogo Dias, irmão de Bartolomeu Dias.

(2) O Samorim estava habituado aos largos presentes dos mercadores do Mar Vermelho que a Calicut vinham anualmente commerciar.

muito gazalhado, folgando todos quando algum ia a sua casa comer ou dormir, e de tudo que tinham lhe davam de muito boa vontade.

“E isto mesmo vinham muitos homens aos navios, vender pescado por pão, e recebiam de nós muito boa companhia; e outros vinham com os filhos e moços pequenos, e o capitão lhes mandava dar de comer”

Soldados e marinheiros negociavam facilmente, trocando camisas, roupas e outros objectos por cravo, canela, pedraria, e lacreados. A gente da terra era pacifica e, assim, o capitão mór decidiu deixar ali uma feitoria para estudar o comércio da região, e ir adquirindo mercadorias para a armada que a seguir a esta ali viesse de Portugal. Nada mais lhe restava, pois, a fazer, e mandou o escrivão Diogo Dias, ao Samorim, com um presente de ambar e coral, e pedindo-lhe um *bahar* de canela e outro de cravo para levar como amostras.

Quatro dias esteve Diogo Dias, esperando que o Samorim o recebesse, e quando por fim o fez, apresentou-se com tão mau modo, recusando o presente, que Diogo Dias ficou desconcertado. Exigiu 600 xerafins para a concessão de licença para retirarem, “que assim era o costume d’aquella terra e dos que a ella vinham”; e mal o Diogo Dias voltou costas, fez occupar a feitoria por gente sua, prendeu os portuguezes que nela estavam, e cortou as communicações com a armada. Tudo isto foi feito a instigações dos commerciantes mahometanos que viam em perigo o seu monopólio commercial com a vinda dos portuguezes à Índia por um caminho novo e directo. A única forma que viam para acabar com este perigo era impossibilitando os portuguezes de regressarem à Europa, e, portanto, destruindo-lhes os navios.

Um preto que os portuguezes tinham na feitoria, conseguiu uma noite escapar-se, tomar uma almadia, e ir a bordo dizer ao capitão mór o que se passava. “E isto foi a uma segunda feira, que eram 13 dias do mês d’Agosto de 1598”.

Vasco da Gama percebeu as desvantagens de adopção duma attitude hostil de sua parte, e procurou contemporisar, mesmo “porque não lhe punhamos, (ao Samorim), tanta culpa como era razão, porque sabiamos certo que os Mouros, que aqui estavam, por uns mercadores de Meca e de outras muitas partes, que nos conheciam, lhes pezava muito comnosco, e estes diziam a Elrei que eramos ladrões, e que como quer que começássemos de navegar por esta terra, que nenhum navio de Meca, nem de Cambaya, nem do *Imgro*s, (?) nem doutra parte, não viriam mais à sua terra...”

No dia 14, não appareceu embarcação alguma a bordo das naus; no dia 15 veio uma almadia com quatro rapazes a vender pedras finas; e o capitão mór fê-los tratar muito bem: logo acudiram outras embarcações a vender várias cousas. No domingo, 19, appareceram uns 25 homens, e então, Vasco da Gama prendeu seis dos principaes como refens e garantia dos portuguezes presos na feitoria, e na 4.^a feira, 23 de Agosto, (1) a armada levantou ferro, largou, e foi fundear, novamente, a 4 léguas para norte; no dia seguinte, porém, aproximou-se novamente da cidade, e a 25 fez-se de vela e fundeou muito longe da terra. No dia seguinte, domingo, 26, appareceu uma embarcação da terra, pedindo para regressarem ao porto, que lhes seriam entregues os portuguezes da feitoria.

Vasco da Gama recuzou, e logo que a viração veio, foi navegando ao longo da costa, para sul, e ao sol posto fundeou próximo da terra.

Na 2.^a feira, 27, pela manhã, appareceram sete almadias com muita

(1) Gaspar Correia diz Novembro erradamente.

gente, acompanhando Diogo Dias e os outros portugueses da feitoria; Vasco da Gama mandou, então, meter numa dessas embarcações o *padrão* que levava e não chegára a colocar, pedindo para que lá o guardassem, e soltou os indígenas que tinha a bordo, à excepção de dois, em refens das mercadorias da feitoria.

Na terça feira, 28, estando ainda fundeada a armada, veio a bordo um Mouro de Tunis, "que nos entendeu", pedindo para o levarem para Portugal. Pelas 10 horas, ainda vieram embarcações pedindo para soltarem os dois cativos: Vasco da Gama recusou, e na quarta feira, 29 de Agosto, "visto como já tínhamos achado e descoberto o que vínhamos buscar, assim de especiaria como de pedras preciosas... logo fizemos as velas e nos partimos, caminho de Portugal, vindo todos muito ledos, por sermos tão bem aventureiros de acharmos uma tão grande cousa, como tínhamos achado".

Na 5.^a feira, 30 de Agosto, (1) pelo meio dia, estando em calmaria, uma légua abaixo de Calicut, "vieram a nós, obra de 70 barcas com muita gente infinda, e traziam adeante, um amparo de pano vermelho, dobrado como loudel, muito forte... E como chegaram dos navios a tiro de bombardarda, tiraram-lhes logo do navio do capitão mór, e assim dos outros navios. E vieram, assim, após nós obra de uma hora e meia; e deu-nos uma trovoada que nos levou para o mar, e quando viram que já não podiam fazer nada, tornaram para terra. E nós seguimos nosso caminho".

A monção do S.E. terminára; e com pouco vento, foram navegando para Sul, ao longo da costa, fundeando de dia por causa da calma.

A 10 de Setembro, 2.^a feira, a armada fundeou junto duns ilheus onde colocou o *Padrão Santa Maria* (2) e assim ficou balizado o caminho pela primeira vez percorrido pelos portugueses em 3 pontos:

S. Rafael — no *R. dos Bons Sinaes*;

S. Gabriel — em *Calicut*;

S. Maria — na Ilha que ficou com o nome do Padrão.

Nesta mesma noite a armada fez-se de vela com vento da terra, e na 4.^a feira, 19 de Setembro, "fomos ter com uma terra alta muito graciosa e de bons ares, a qual tinha junto com a terra seis ilhas pequenas", (3) junto da qual fundearam, e compraram aos indígenas, galinhas e vacas e fizeram aguada. No dia 21, 6.^a feira, apresaram um pangaio que levava assucar e côcos. No sabado, 22 de Setembro, proseguiram, e no domingo, 23, fundeiam na Ilha de Anjediva. (4) Havia nesta ilha um pagode arruinado, mas coberto de palha, "e eles faziam orações a trez pedras negras, as quaes estavam em o meio do corpo da capela".

Na praia, em frente ao pagode, encalharam o *S. Gabriel* e o *Berrio*, para os limpar e reparar, enquanto o *S. Rafael* ficava sobre ancora, para guarda dos outros.

(1) Em Agosto terminára já a monção má.

(2) Ilhas de Santa Maria, vão de 39°, 27' N a 13°, 1°, $\frac{3}{4}$ A maior, naturalmente aquela onde o Padrão foi colocado, é a *Derreá* ou *Derialo* em 13°, 30 N, 6 leguas ao sul de Cundapore.

(3) Proximo á Ilha de Hog.

(4) Na carta do Canará, 4 kil. ao S de Batalá, no antigo reino de Garçopa, hoje Karwar—14°, 45' Lat. N, a 70 leguas ao S de Goa. Tem 1.300^m × 300^m. «Esta Ilha de Anchediva é pequena, de muitos arvoredos, abundante de pescados do mar e marisco; ha nela muito boa agua...»

Estavam assim concertando os navios, quando um dia apparecem duas embarcações com gente tocando tambores e charamelas, e bradeiras no topo dos mistros Vasco da Gama, desconfiado, mandou lhes atirar, e elles fugiram

Um outro dia, porém, «veio um homem de 40 anos o qual falava muito bem Veneziano, todo vestido de pano de linho e uma touca muito boa na cabeça, e um terçado a cinta, e como safu fóra, foi logo abraçar o capitão mor e os capitães, — estava, então, o navio de Vasco da Gama encalhado a limpar, e este em terra, — e começou a dizer como ele era christão, (1) e da parte do Levante, e que viera muito pequeno a esta terra, e como vivia com um senhor que tinha 40 mil homens de cavalo, o qual era mouro, e que ele, assim mesmo, era mouro

Era, de facto, judeu, oriundo duma familia da Posna, na Polonia, e nascera na Alexandria, em 1456 passara a India, quiz vir com Vasco da Gama para Lisboa, onde foi batizado, e lhe chamaram Gaspar da Gama mais conhecido por Gaspar da India Era habil, e Elrei D. Manuel empregou-o muito e fê-lo cavaleiro da sua casa com ordenado e tença Era homem já todo branco, alto e forte, — grande homem de corpo, — e de longa barba Gaspar Correia diz que era judeu e estivera na tomada de *Grada*, passando depois a Turquia, Meca e India, assentando residência em Gora, onde entrara ao serviço do Sabaio

12 — Regresso a Portugal

1498

«Doze dias estive a armada em Anjediva, onde comemos muito pescado, aboboras pepinos... e depois que tivemos os nossos navios limpos e a água tomada quanta nos era necessaria, e a nau que tinhamos tomado desfeita, nos partimos, a uma sexta feira, que foram 5 dias do mês de Outubro, — de 1498 (2)

Três meses menos três dias gastam, agora, na travessia para a Costa Africana, por causa das calmarias e vento contra, — era a monção do SO, ainda, mas já no fim, — adoecendo a bordo muita gente com escorbuto, morrendo lhe 30 homens, «afóra outros que já eram mortos, e os que navegavam em cada nau, seriam sete ou oito homens e estes não eram ainda sãos como haviam de ser... O estado geral era, assim, tão mau, que Vasco da Gama estava resolvido a retroceder, caso o vento contra persistisse

«Quiz-nos Deus por sua misericordia dar-nos tal vento, que em obra de seis dias nos trouxe a terra», e no sabbado, 2 de Janeiro, de 1499 avistam a costa africana Na manhã seguinte, foram directos a terra, (3) e acharam-se em frente «de uma cidade muito grande, e de muitas sobradades, e em meio da cidade tinha uns grandes paços, e arredor da cidade tinham quatro torres, e estava esta cidade bem a carão do mar, a qual e de muros e se chama *Mogadexo*

(1) «Dios salve las naves y los señores capitanes...»

(2) Gaspar Correia erradamente diz 10 Dezembro, de 1498, e não 5 de Outubro

(3) Goes diz 2 de Fevereiro

Por ser de mouros, de passagem, indo "bem junto com ela, tirámos muitas bombardas, e fomos nosso caminho com muito bom vento á poupa, ao longo da costa, andando de dia e parando de noite".

No sabado, 5 de Janeiro, estando em calma, veio subitamente uma trovoadá, que quebrou as *ostágas* ao S. Rafael; e nesse mesmo dia estando parados a concertar o navio, vieram-lhe ao encontro, "de uma vila que se chama Pate, oito barcos com muita gente"; afastaram-os fácilmente a tiro.

Na sexta feira, 7 de Janeiro, (1) fomos pousar dávante Melinde, e logo veio de terra um barco com muita gente, carneiros, e as boas vindas do Rei.

Vasco da Gama, que conservava muitos objectos que de Portugal trouxera, presenteou agora, largamente, o Sheick, que tão bem o tratára, com peças de damascos, panos de Ruão, veludos, setins e damascos.

Aquí foram enterrados mais alguns homens, que o escrobuto matára.

O Sheick ofereceu uma buzina de marfim, muito grossa, "para trazer a Elrei... e um mouro, mancebo, para vir a Portugal".

No sabado, 8 de Janeiro de 1499, as náus entraram no porto de Melinde, embandeiradas, e foi a terra Paulo da Gama, que o Sheick veio receber á praia com grandes demonstrações de alegria.

Os navios limpavam, e o Sheick entregou uma carta escrita em folha de ouro, análoga a outra que mandára o Rei de Cananor, com um colar de pérolas e pedraria, que em Portugal foi avaliado em dez mil cruzados, e uma caixa marchetada de marfim e prata com panos de seda branca e fios doiro, "que nunca os nossos tal viram", e mais 20 aneis de pedraria para a Rainha.

Aos capitães deu o Sheick joias, panos de algodão fino, e no domingo, 20 de Janeiro, (2) — dia de S. Sebastião, — pela manhã, largou a armada de Melinde; passaram em frente a Mombaça no dia seguinte, e na terça feira, 22, o S. Rafael, "deu um toque", no mesmo baixo em que batera à ida, e ali ficou: passaram a gente dêle para os outros dois navios, depois de porem fogo aquele: nisto demoraram cinco dias.

No domingo, 27 de Janeiro, largaram com vento em pôpa, e no dia seguinte, 28, passam à vista da Ilha de Zamzibar, "viçosa de rîos, limões, fructas que nos matos nascem, laranjeiras e outras arvores de espinho que dão muito boa fructa"; a 1 de Fevereiro, (3) uma sexta feira à tarde, fundeiam em Moçambique.

No dia immediato, 2 de Fevereiro, pela manhã, "foram pôr em uma ilha, onde à ida dissêmos missa, um padrão, — S. Jorge, — e foi tanta a chuva que nunca podêmos fazer fogo para derretermos o chumbo para lhe pormos a cruz; o qual ficou sem ela; e nós viêmos aos navios e partimos logo". (4)

No domingo, 3 de Março, fundeavam na Aguada de S. Braz, "onde tomámos muita enxova e lobos marinhos e solitários, dos quaes fizemos salga para o mar"; no dia 12 largam, mas o vento é contra, e voltam à mesma Angra, "e como foi bonança, tornámos a sair, e deu-nos Deus Nosso Senhor tão bom vento, que aos 20 dias do mesmo mez, — 4.^a feira, março, — passámos pelo Cabo da Boa Esperança... à vista dele, vendo

(1) O Roteiro diz: «Ha segunda feira que foram nove dias do dito mez. Gaspar Correia diz 8 de Janeiro, Goes diz 2.^a feira, 7 dias de Fevereiro».

(2) Sexta feira, 12 de Fevereiro, diz Goes.

(3) Goes diz 1 de Março.

(4) Goes diz que chegam em frente de Zanzibar a 28 de Fevereiro, onde fundeiam, largando dali a 1 de Março.

logo a outra volta que fazia á outra banda do Portugal. Do que tomámos muitos sinaes, e mostras e sondas, e as tomámos ao paio; e achámos no mar, umas *cebas* amarelas, como espadanas, e muitos lobos marinhos, que vendo as náus, mergulham debaixo d'água; e correndo com todas as velas, vendo ficar o Cabo para traz, e que já eram passados para Portugal, seu prazer foi tamanho em todos que uns com outros se abraçavam... e todos se puzeram em giolhos, com as mãos levantadas ao ceu, dando-lhe muitos louvores com orações por tamanho bem que lhes tinha feito».

Fazia fresco, o clima era muito melhor, e a gente começou a ganhar saúde; «e esses que aqui chegámos eramos de saúde e rijos, e ás vezes, bem mortos de frio das grandes brizas que aqui achavamos em esta terra».

Então, mandou Vasco da Gama chamar à sua presença o Mestre, piloto e marinheiros, que à ida se insubordinaram e ele prendera, e encarrando com elles, perguntou-lhes:

— Que dizeis, agora, vós outros?

Encolhidos, em molho, olhos no chão, ficam calados; mas um marinheiro mais ousado, — João da Ameixoeira, respondeu:

— Senhor: nós fugíamos como quem somos, vós fizesteis como quem sois. Agora, senhor, em dia de tanto prazer, razão é que sejamos perdoados.

— Pois sim, respondeu o capitão mór, eu vos perdôo, mas em ferros ireis perante Elrei, para que elle vos perdôe.

Então, mandou trazer para a tolda os presentes do Sheick de Melinde, e distribuiu-os pela tripulação e pelos pilotos mouros.

Seguiram com vento em popa, «que nos durou bem 27 dias, de maneira que nos poz em boa paragem da Ilha de S. Thiago... e aqui nos acalmou o vento, e algum que nos iguava, era muito fraco e por davante... e uma 5.^a feira, 25 do dito mês de Abril, achámos fundo em 35 braças, e todo o dia fomos por este caminho».

Aqui se apartou Nicolau Coelho, que foi entrar em Lisboa, a 10 de Julho de 1499, diz Goes, por quem Elrei teve as primeiras novas da viagem.

Vasco da Gama julgava-se na altura do Rio Grande. Na altura da Guiné fez-se na volta do mar, «todol-o quanto poderam pela bolina», com muito trabalho de bomba, porque os navios faziam muita água por irem de bolina, e com o mar coberto «de limos ruivos, que tinham a folha como sargaço, o qual nome lhe pozeram e lhe chamaram sempre. E os nossos pilotos viram a estrela do Norte na altura em que a viam em Portugal, por onde conheceram que estavam perto de Portugal. Então, correram direitos ao Norte, até haverem vista das Ilhas, — Açores, — com que o prazer foi sem conto, e se chegaram a elas, e foram correndo por elas até à Terceira, em que surgiram em fim de Agosto, no Porto de Angra, onde já não podiam sustentar as náus com a bomba, e tão velhas, que era cousa de espanto, como se sustinham no mar; e muita gente morta, e outros que morreram chegando a terra, onde também Paulo da Gama faleceu, que vinha doente depois que passaram o Cabo, e na Guiné caiu de cama, donde nunca mais se levantou».

Vasco da Gama, passára para a náu do irmão, e vinha com elle, entregando a sua a João de Sá, e desembarcou-o ali, em Angra e no dia seguinte, Paulo da Gama morreu «de etheguidade», isto é, tísico, e foi sepultado no Mosteiro de S. Francisco. (1)

(1) Segundo outra versão. Vasco da Gama, em Cabo Verde fretou um navio ligeiro, no qual largou com o irmão para a Ilha Terceira, na esperança de ainda o salvar, e ali foi ter a armada.

Da Terceira saíram logo navios a levar a Lisboa a nova da chegada de Vasco da Gama; o primeiro a chegar foi um António Rodrigues, da Terceira, que ia a sair para o Algarve numa caravela sua, quando os navios de Vasco da Gama chegavam, e arribando sobre elles perguntou donde vinham.

— Da Índia! gritaram dos navios.

O Rodrigues faz logo força de vela, e em 4 dias chega a Lisboa, fundeia em Cascais, salta em terra, corre a Cintra, onde Elrei então estava, chegando ao Paço à uma hora da noite, "ia Elrei sentar-se á mesa para cear".

Tal alvoroço fez o Rodrigues, que conseguiu ser recebido por Elrei.

— Senhor, beijarei a mão de V. A. pela grande mercê que me fará por tão boa nova que lhe trago...

Elrei mandou-lhe dar cem cruzados de alviças.

Vasco da Gama chegou a Lisboa a 29 de Agosto de 1499 e logo Elrei o mandou visitar por Jorge de Vasconcelos, "provedor do armazem de Lisboa, e a seguir pelos parentes e amigos, que lhe pediam que, por motivo de tanta alegria, despisse o luto, que trazia, pela morte do irmão. Então, Vasco da Gama vestiu, "um saio de solia cerrado, e barrete redondo, que parecia bem com a sua barba muito comprida, que a não cortára depois que partira de Lisboa".

Desembarcou defronte da casa da Mina, onde Elrei estava a uma janela, a vêr os navios, acompanhado pelo conde de Borba, arcebispo Calçadinha e outros fidalgos. Quando Vasco da Gama entrou na sala, o Rei recebeu-o de pé com grandes demonstrações de apreço; depois, montaram a cavallo, e o Rei, com Vasco da Gama ao lado, dirigiram-se aos Paços d'Alcaçova, onde Vasco da Gama desceu, a beijar a mão à Rainha.

No dia immediato, Vasco da Gama voltou ao Paço, apresentando a Elrei os pilotos mouros, os cativos e o judeu; e entrando no guarda roupa, onde D. Manuel se estava vestindo, disse-lhe êste:

— D. Vasco, pouco repousastes.

E Vasco da Gama logo agradeceu a mercê de *Dom*.

Foram ouvir missa, e Elrei conservou Vasco da Gama a seu lado, dentro da cortina; passaram, depois, à casa da Rainha, onde compareceu Nicolau Coelho com a arca em que vinham os panos e as joias; Nicolau Coelho abriu-a e espalhou no estrado, aos pés da Rainha, os panos de Cananor e Melinde, os colares e braceletes de pedraria, as cartas de oiro, amostras de especiarias, um grande pedaço de ambar, "que a Rainha mais estimou", almiscar, benjoin, porcelanas e outros objectos comprados em Calicut. Os pilotos mouros, também foram apresentados na côrte, e, depois, mandados vêr as *grandezas de Portugal*, — a côrte em dia de festa, a Batalha, uma sessão rial, touros e cannas, os paços de Cintra, ... "e tudo os pilotos escreviam e faziam suas lembranças".

Elrei concedeu a Vasco da Gama, esquadrelar o seu escudo de armas com as armas reais; o cargo de almirante do mar das Indias para si e descendentes; renda de 300 mil réis anuais; licença para empregar, anualmente, até 200 cruzados em mercadorias da India, e mais tarde, o titulo de conde de Vidigueira; deu-lhe mais, 10 quintais de cada especiaria, para distribuir pelos amigos; um quintal de cada droga e a capitania mor de qualquer armada para a India, que quizesse comandar.

Toda a gente da armada foi recompensada: cada homem recebeu, afóra os seus sôldos, e livre entrada do que trazia, dez arrateis de cada especiaria, "para as mulheres partirem com as suas comadres, e amigas, para todos haverem prazer".

Ao Mosteiro da Senhora de Belem deu o ouro das pareas de Quiloa, do qual Gil Vicente fez a celebre custodia.

No espirito popular, Vasco da Gama eclipsou Bartolomeu Dias e todos os outros navegadores, e contudo, a viagem de Dias tem maior valor por ter destruido a lenda do Cabo Tormentozo, e ter percorrido 1400 milhas de mar absolutamente desconhecido, com peores navios e tripulações menos preparadas.

Mas Vasco da Gama, chega à India, — o objectivo das expedições todas, desde o tempo do Infante D. Henrique, o grande objectivo nacional; e aquele que chega ao objectivo, embora com menos difficuldades e trabalho que os seus predecessores, é que é o triumphador.

Dos 148 homens de que se compunha a armada, ao largar do Tejo a 8 de Julho de 1497, apenas restavam 55; mais de 50 % ficaram pelo caminho, sepultados nas ondas do mar ou nas terras da India e Africa. Mas vencera-se: estava aberto o caminho, por mar, até à India, e balisado, agora, por mais estes Padrões:

S. Rafael, no Rio dos Bons Sinais;

S. Jorge, em Moçambique;

Santo Espirito, em Melinde;

Santa Maria, no Ilheu entre Baçaim e Baticalá;

S. Gabriel, em Calicut.

«Co os quaes, por virtude das Bulas dos Papas Nicolau e Sixto IV, concedidas ao Infante D. Henrique, filho de Elrei D. João I e a Elrei D. Afonso V, sobrinho do dito Infante, filho d'Elrei D. Duarte, tomou licitamente posse para a Corôa destes Reinos, de tudo o que descobrira até ao Reino de Calicut, como ao deante fizeram os outros capitães, até á passagem do Rio de Lopo Infante...».

A venda da carga, feita na casa da India, cobriu 60 vezes as despesas da armada. Nesse tempo, o quintal de pimenta vendia-se, em Lisboa, a 80 cruzados; a canela, a 180; o cravo, a 200; o gengibre a 120; a maça a 300; e a noz a 100.

A noticia do descobrimento ecoou por toda a Europa, produzindo uma revolução no commercio, e dando a Portugal uma enorme importância politica. E D. Manuel acrescentou aos seus titulos, de *Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar em Africa, Senhor da Guiné, — os de Senhor da Conquista, Navegação, Comercio da Etiopia, Arabia, Persia e India*».

Vasco da Gama foi em romaria a N.ª S.ª de Guadalupe, à qual offereceu o collar que o Rei de Cananor lhe dera, bem como alguns panos e drogas.

Elrei e a côrte assistiram a um soléne Te-Deum em que prégou o Bispo Calçadilha, «sobre as grandezas da India e as vantagens do descobrimento».

Um clérigo que foi nesta armada, escreveu «um caderno» de quanto na viagem se passou, mas ao chegar a Melinde adoeceu e não o completou. Este caderno foi copiado por varios, e uma dessas copias viu-a Gaspar Correia, segundo elle diz, entre os papeis de Afonso de Albuquerque.

O mais interessante documento hoje existente da viagem é o *Roteiro* do piloto anonimo, que Alexandre Herculano e Castilho editaram, e nos serviu de base para o presente trabalho.

«O feito illustre da passagem do Cabo Tormentozo pelo grande Vasco da Gama, (que foi uma consequencia necessaria dos descobrimentos feitos no tempo do Infante D. Henrique), foi recebido por toda a Europa com

incrível entusiasmo. A passagem do Cabo da Boa Esperança e os imensos proveitos que a geografia e o commercio dele colheram, excitaram a admiração de todas as nações e de todos os escritores desde os fins do século XV e durante todo o XVI.

"Mas poucos anos depois de Vasco da Gama ter mostrado aos marítimos de toda a Europa admirada e surpreendida, este novo caminho que lhes tinha aberto para os ricos países do Oriente, aventureiros de outras nações se dirigiram aquelas regiões pela via que o grande espirito e valorosa decisão daquele almirante português lhes tinha ensinado; enquanto os eruditos, principalmente do século XVII, não satisfeitos com o que a respeito de Colombo tinham praticado, trataram de diminuir igualmente a gloria do grande feito do Gama. Descobriram a passagem de Herodoto, tantas vezes citada, sobre a circumnavegação da África por uma expedição feita no tempo de *Nêcos*, afim de demonstrar que o valoroso almirante tinha, agora, achado, o que já era conhecido na antiguidade; e, até, o sabio Weneling indicou, que a 1.^a edição de Herodoto tivera uma grande influência na viagem de Vasco da Gama, como se antes de tal publicação os portuguezes instruidos, e numa época em que os estudos classicos eram fructuosamente cultivados entre nós, pudessem ignorar as passagens relativas aos *periplos* da antiguidade, que encontravam nos antigos autores...

A prioridade de passagem do Cabo Bojador pelos portuguezes, e os primeiros descobrimentos desta nação, na costa ocidental de África, tiveram igual sorte: grande e geral admiração dos contemporaneos, universal aplauso dos historiadores e geógrafos dos séculos XV e XVI pela série de descobrimentos feita durante a vida do illustre principe que os intentou e conseguiu, e que foram continuados nos reinados de D. Afonso V e D. João II.

Mas, apenas se espalhou pela Europa a noticia deles, e que, alguns pilotos portuguezes, munidos de cartas nauticas portuguezas, traindo o seu dever pelos convites de premios e procuras de avultados interesses, foram ensinar a derrota daquelas paragens a aventureiros estrangeiros, e os conduziram aquellas regiões, desde então, êsses aventureiros aprenderam o caminho que até ali absolutamente ignoravam; outros, puderam obter dos portuguezes noticias que os habilitassem a poder ali aportar; outros, finalmente, aproveitando-se das cartas e mercenarios que o mesmo governo portuguez varias vezes mandou comunicar a extranhos reinos...» (1).

Carta de mercê de D. Manuel, de 10 de Janeiro de 1502. Vem na integra no *Roteiro* da viagem de Vasco da Gama publicado por Alexandre Herculano. Resumo:

"... Sendo pelo Infante D. Henrique, meu tio, começado o descobrimento da terra da Guiné, na Era de 1433, com tenção e desejo de, pela costa da dita terra da Guiné se haver de descobrir e achar a India, a qual até aos tempos d'agora, nunca por ela foi sahida... e depois, Elrei D. Afonso, meu tio, e Elrei D. João, seu filho, quando com os nossos desejos proseguia a dita obra, com assaz mortes e despezas em seu tempo até ao Rio do Infante que foi descoberto no ano de 1472, que são 1385 leguas de onde primeiro se começou a descobrir. E nós, assim o mesmo desejo querendo conseguir a mesma obra que o dito Infante e Reis nossos antecessores tinham começado, confiando que Vasco da Gama, fidalgo de nossa caza era tal que por o que cumpre ao nosso serviço e em cumprimento de nosso mandado porpoeria todo o perigo de sua pessoa e arrisca-

(1) Santarem — Memória sobre a prioridade dos descobrimentos portuguezes na côrte da África Ocidental — Paris 1841.

mento da sua vida, o enviámos com nossa armada, por capitão mor dela, enviando com ele, seu irmão Paulo da Gama, e Nicolau Coelho, êsse mesmo fidalgo da nossa caza, a buscar a dita India; a qual viagem nos ele assim serviu... e se descobriram as ditas 1885 leguas; ele, só nesta viagem, descobriu 1550 leguas, onde isso mesmo descobriu uma grande mina d'ouro, e muitas vilas e cidades mui ricas, e grandes tratos; e emfim, do seu descobrimento achou e descobriu a India... morrendo em esta viagem Paulo da Gama, seu irmão, e assim, a metade de gente que em toda a dita armada enviámos passando nela muitos perigos... E, por lhe fazermos graça e mercê, lhe fizemos pura e livre e irrevogavel doação, deste dia para todo o sempre, entre vivos validosa, de 300 mil reis de renda em cada ano, de juro e herdade, para ele e todos os seus descendentes, e em parte de pago deles, lhe damos a dizima nova do pescado da Vila de Sines e de Vila nova de mil fontes... em preço e quantia de 60 mil réis, que achamos que vale cada ano... e lhe damos... e pelas nossas sizas da dita vila de S. Thiago, 40 mil réis em cada ano... E, emquanto aos 70 mil réis que falecem para cumprimento dos ditos 300 mil réis, lhe mandamos logo dar e assentar assim de juro e herdade em a caza do paço da madeira desta cidade de Lisboa... Outrosim, o fazemos Almirante da dita India com todas as honras, preminencias, liberdades, poder, jurisdição, rendas, fóros, direitos que com o dito almirantado por direito deve haver e os tem o nosso almirante destes Reinos... e lhe fazemos doação e mercê de juro e herdade deste dia para todo o sempre... os ditos 300 mil réis de renda em cada viagem que enviarmos navios á dita India, entendendo-se cada ano uma vez, possa mandar neles, 200 cruzados e trazel-os nas mercadorias que lhe aprouver, sem delas nos pagar outro direito ou tributo algum, salvo pagar a vintena á ordem de Christo... E bem assim, o fazermos, a ele, dito Vasco da Gama, de Dom, e por seu respeito, isso mêsmo queremos e nos praz que Ayres da Gama e Thereza da Gama, seus irmãos, sejam de Dom, e se possam todos d'aqui em diante chamar de Dom, e assim, seus filhos e netos e todos aqueles que deles descendam...

*

Carta de mercê de 50 mil reaes de tença a Nicolau Coelho, sendo 30 mil de juro, pelos seus merecimentos e em satisfação do descobrimento da India, a contar de 1 de Janeiro de 1500. — Não se transcreve por ser idêntica á anterior; datada de Lisboa 24 fevereiro 1500.

OS PADRÕES

- | | | |
|---|---|--------------------------|
| 1 — <i>S. Jorge</i> — 1484 | Na embocadura do R. Zaire, margem esquerda em 6° 6' Lat. S., na ponta hoje chamada <i>Turtle</i> , foi substituído em 1859 por outro destruído em 1884 por uma inundação. | E' o 1.º
de Diogo Cão |
| 2 — <i>S. Agostinho</i> — 15 agosto 1484 | Em 13° 27' 15" S., no Cabo do mesmo nome ou Cabo Santa Maria. | 2.º |
| 3 —
19 janeiro 485 | — Em 15° 40' 30" S., no Cabo Negro, perto da Manga das Areias. | 3.º |
| 4 —
24 agosto 485 | — No antigo Cabo Padrão, hoje <i>Cape Cross</i> , em 21° 48' S. | 4.º
e último |
| 5 — <i>S. Tiago</i> — Dezembro 486 | Em 26° 27' S., na Serra Parda, Angra dos Ilheus ou Pequena; no extremo SO. | 1.º
Bartolomeu Dias |
| 6 — <i>S. Gregorio ou Cruz</i> — abril - maio 487 | No Ilheu da Cruz; Baía de Alagoa, hoje Algoa Bay 33° 45' S. | 2.º |
| 7 — <i>S. Filipe</i> — setembro 487 | Em 34° 22' S., Cabo da Boa Esperança. | 3.º
e último |
| 8 — ? — 6 Dezembro 497 | — 34° 10' S. Extremo SO da Aguada de S. Brás; logo destruído pelos pretos. | 1.º
Vasco da Gama |
| 9 — <i>S. Rafael</i> — 24 fevereiro 498 | 18° 01' 25" S. Na embocadura do Rio dos Bons Sinais. | 2.º |
| 10 — <i>S. Gabriel</i> — 22 agosto 493 | Deixado em Calicut mas nunca erecto. | 3.º |
| 11 — <i>S. Maria</i> — 15 Setembro 498 | 13° 24' No ilheu entre Bacanor e Bañ-cála; Ilheu S. Maria (Moolky Rocks). | 4.º |
| 12 — <i>Espirito Santo</i> — 12 janeiro 499 | Melinde 3° 16' S. | 5.º |
| 13 — <i>S. Jorge</i> — 2 fevereiro 499 | 14° 57' 20" S., Ilheu S. Jorge, Moçambique. | 6.º |

III

A VIAGEM DE CABRAL

9 de Março de 1500 — 21 de Julho de 1501

- 1 — As monções.
- 2 — A armada
- 3 — A partida — O Brazil — Melinde — 1500
- 4 — Na Índia — Canárias — Calicut — Coulão
- 5 — A primeira escaramuça.
- 6 — O regresso — 1501.
- 7 — O Judeu Zacuto

Navegando ao longo das costas, os nossos pilotos iam tomando as mostras e conhecências de todos os portos, que assim o traziam por Reginuto, para quando, outra vez ali tornassem saberem tudo.

Gaspar Corrêa — *Lendas da Índia I* — 162

Os descobrimentos para o ocidente foram graduais: em 1431 Frei Gonçalo Velho encontra os Baixos das Formigas; em 1432 o mesmo navegador descobre a Ilha dos Açores; em 1492 Cristóvam Colombo vai ao Continente da América central; em 1500 Pedro Álvares Cabral chega ao continente da América do Sul; no mesmo ano e até 1502 os Côrtes Reais descobrem a terra em que deixam o seu nome, no continente da América do Norte.

Visconde de Santarém — *Estudos de Cartografia Antiga*.

Roteiro da Viagem.

9 Março 1500	Partida de Lisboa.
14 " "	Avista a gran Canária.
22 " "	Avista S. Nicolau.
21 Abril "	Avista o M. Pascoal e nessa tarde fundeia a 6 léguas da costa.
24 " "	Entra na baía a que chama <i>Pôrto Seguro</i> , ou Enseada da Corôa Vermelha.
25 " "	Desembarque de Cabral e Bartolomeu Dias.
3 Maio "	O guardião Frei Henrique celebra missa; Cabral baptiza a terra com o nome de <i>Vera Cruz</i> .
4 " "	Gaspar de Lemos parte para Lisboa com a notícia do descobrimento.
	Cabral faz-se de vela para o Cabo da Boa Esperança.
14 " "	Aparece um cometa que desaparece a 22.
24 " "	Nas alturas da Ilha de Tristão da Cunha, grande temporal em que se perdem quatro navios.
16 Julho "	A armada que dobrou o cabo, tresmalhando-se, reúne-se — 6 navios — no parcel de Sofala.
20 " "	Cabral fundeia em Moçambique.
26 " "	Fundeia em Quiloa.
2 Agosto "	Melinde; sai a 7.
10 " "	Pedro Dias, dobrando o Cabo, vai ter à costa ocidental da Ilha de S. Lourenço e percorre, e segue para Bárbara.
22 " "	Cabral avista o M. Delhy e fundeia em Anjediva.
13 Setembro "	Chega a Calicut.
21 " "	Entrevista de Cabral com o Samorim.
17 Dezembro "	O Samorim protela as negociações; Cabral apressa um pangaio.
18 " "	Os indus atacam a feitoria, e o feitor Ayres Correia e 30 portugueses. O Sr. com os filhos de Aires Correia refugiam-se em casa de hindus amigos. Cabral bombardeia a feitoria e larga.
24 " "	Fundeia em Cochim onde o feitor Gonçalo Gil Diniz; guarnição é
9 Janeiro 1501	Cabral larga para
15 " "	Larga para a costa
12 Fevereiro "	Na altura de Melinde
	Sancho de Taveira
	aproveita-lhe
	de Luiz Pires
	O navio de
	S. Braz.
22 Maio "	Dia da Páscoa
Junho "	Passam
21 Julho "	Véspera de

III — A viagem de Cabral

1500-1501

1 — As Monções

Influiu o fenómeno das *monções* por tal forma, nos sucessos da nossa navegação e guerras do Oriente, que se torna indispensável, fazermos-lhe uma referência especial.

Durante os meses de inverno, reina em todo o mar da Índia, Arábia e costa oriental da África, a *monção do nordeste*, que não é mais que o vento geral a que no nosso hemisfério se dá o nome de *alizado*, soprando regularmente da zona de calmas de *Cancer*, até à zona de calmas do *Equador*. Se não sobreviessem outras causas, esse vento seria constante; chegados, porém, os meses de verão, e aquecida a enorme extensão das terras asiáticas, determina-se uma aspiração poderosíssima, que inverte o curso das correntes superficiais, principiando, então, a soprar ali, o vento *Sudoeste*.

Esta alteração estende-se até ao sul do Equador, e desviando-se para *leste*, já em virtude do movimento de rotação da terra, já pela acção do continente aquecido, vai constituir ou reforçar a monção de *Sudoeste*. Assim alternam periódica e quasi matematicamente as duas monções: nos meses de Novembro a Março reina a monção de *Nordeste*, — vento moderado e constante, bom tempo, navegação fácil sobretudo da Índia para a África. Nas proximidades das costas fazem-se sentir as virações e os terrais, alterando cada 24 horas. Era este, então, o período de maior actividade da Índia, quando as barras estavam abertas, e em que se navegava até em barcos pequenos, — fustas e catures.

No fim de Março e em Abril, o tempo entra a variar, e em Maio estabelece-se a *monção de Sudoeste*, que geralmente chega de súbito, com grandes trovoadas, golpes de vento do quadrante do sul e chuvas torrenciais.

De Junho a Agosto a monção de SO. fixa-se: o mar é gróssO e de travessia, as chuvas copiosas, e a navegação impossível para barcos pequenos e de boca aberta; recolhiam então as armadas aos portos e rios para invernar e concertar, e as fortalezas, isoladas, ficavam entregues aos seus recursos, sem esperança de qualquer socorro exterior.

"Em Goa, clima pluvioso, a agua é creadora. A chuva do Mogó (1), em Agosto, e a do Rechiny em Maio, pelas sementeiras dos arrozais.

Os campos reverdece alegremente.

"E o velho drama Vedico representa-se nestes ceus, como nos do Indo, quando o sol, começando a subir imperialmente nas cristas dos montes longiquos, preside á batalha de Indra, com a mão carregada de raios, despedaçando as serpentes das nuvens de Ahi, cujo sangue corre em torrentes pela terra, abundantemente. Rudra comanda os maruts, e a voz tremenda de Vayan, solta-se pelos ares nos assobios do vento e no rôncar das ondas, partindo-se contra a barra da Aguada, inacessivel!... O drama acaba. Vishnu triunfante, morde a terra com beijos ardentes, a terra, que sorri e palpita, fusilando em cada gota d'agua tremente e gerando um espirito ephemero e rutilante".

Em fins de Agosto o tempo muda, e em outubro fixa-se a monção de *Nordeste*.

A duração da monção não é a mesma em toda a costa: a de *Sudoeste* começa a estabelecer-se, a partir do Cabo Comorim, pela costa do Malabar, e pode durar seis meses: sobe pelo Canará, Concão e costa do Guzerate, começando mais tarde e terminando mais cedo. Sendo esta a monção das chuvas, resulta haver menos humidade no norte do que no sul; no Sind até há uma região absolutamente privada de chuvas, e por isso, dezerta.

Descendo para sul, a humidade aumenta, devido não só á maior duração da estação pluviosa, mas, ainda, pela quantidade de água que o vento do mar precipita, indo de encontro à cordilheira dos Gattes occidentais.

O Equador térmico inflete, aqui, para norte, cortando a costa do Malabar acima do paralelo 10°, com a temperatura média superior a 27°. As oscilações médias de verão, e de inverno, e as máximas e mínimas são pequenas, o que contribue para crear a atmosfera de estufa.

2 — A armada

A viagem de Vasco da Gama demonstrou a necessidade de se mandar à Índia uma segunda expedição, forte, não só para resistir aos contratempos da longa viagem, mas ainda para fazer frente aos árabes, caso quizessem fazer opposição, e impor-se ao Samorim, estabelecendo na costa do Malabar, pelo menos, uma feitoria, onde se adquirissem e armazenassem os produtos do oriente, que outras armadas de Portugal viriam anualmente buscar.

Portugal inteiro, deslumbrado com as descrições dos marinheiros de Vasco da Gama, julgava oportuno assenhorear-se dêsse tráfico que prometia riquezas fabulosas, realizando as aspirações do Infante D. Henrique. E, assim, não foi difficil a D. Manoel organizar o que, para aqueles tempos, era uma armada colossal, capaz de fazer frente a todos os mahometanos da Índia juntos.

(1) Oliveira Martins — *Lusiadas* — p. 153.

Para comandante desta armada foi escolhido Pedro Álvares Cabral, filho de Fernão Cabral, alcaide-mor de Belmonte, natural de Lisboa. Era "homem fidalgo, de bom saber, muito certo para isso, a quem, Elrei, muito folgou de lhe dar este encargo, porque ele se ofereceu a Elrei para nisso o servir, por induzimento de D. Vasco, que era seu grande amigo" (1).

A armada compunha-se de treze naus e caravelas, fortes, bem construídas, bem armadas, bem equipadas e providas.

A *nau*, embora de lotação inferior a 400 toneladas, era embarcação sólida bastante para bater os navios do Índico, jogava artilharia dos costados, no convez e sob a cobertura. A pôpa, a prôa, e nos castelos mais tarde luxuosamente ornados de labores e dourados, assentavam os canhões, nos cestos da gavea colubrinas (2). De um a outro castelo corria um baileu ou varanda volante, donde, em combate, atiravam os mosqueteiros, e se passava a abordagem dos navios inimigos.

As *gales*, navios de remos, dividiam-se em *bastardas* e *subtis*; as primeiras tinham vinte e sete bancos a três remeiros, e sete peças grossas, as segundas vinte e cinco bancos e cinco peças.

A artilharia grossa jogava sómente a prôa, e nos costados, entre os remeiros colocavam-se peças menores, a que chamavam *berços*. Havia, ainda, as *fustas* e *galés pequenas* de dezasseis a vinte homens a dois remos com duas peças grossas.

As *gales* também velejavam, e com êsse fim tinham dois mastros com latinos, as *fustas* tinham um só, havia também *gales*, que por se aproximarem mais da armação da nau se chamavam *bastardas*; armavam dois mastros com duas velas redondas no traquete, e cestos de gavea, como as naus.

Os capitães desta armada foram

Sancho de Toar ou Tovar, sota-capitão, filho de Martin Fernandes de Toar,

Simão de Miranda de Azevedo, filho de Diogo de Azevedo, comandante da capitania,

Vasco de Ataíde, capitão da nau *El-Rei*,

Pero de Ataíde, seu irmão, de alcunha o *Inferno*,

Nicolau Coelho, o da viagem de Vasco da Gama, filho de Pedro Coelho,

Bartolomeu Dias, o que primeiro dobrou o *Cabo*, e que levava o encargo de ir reconhecer Sofala,

Pero ou *Diogo Dias*, seu irmão, que fôra escrivão da nau *S. Gabriel*, de Vasco da Gama,

Nuno Leitão da Cunha, capitão da *Anunciada*,

Luís Pires,

Simão de Pina, filho de Diogo de Pina,

Ruy Matoso,

Pedro de Figueiró,

Pero de Ataíde, capitão da *S. Pedro*,

Gaspár de Lemos, capitão da nau de mantimentos,

Vasco de Ataíde,

André Gonçalves, mestre, que fôra na viagem de Vasco da Gama. O *Livro de Toda a Fazenda*, cita, ainda, Aires Gomes da Silva, filho de Pero da Silva e não cita Vasco de Ataíde, nem Nuno Leitão da Cunha nem Pedro de Figueiró.

(1) *Lendas* — p. 146

(2) Oliveira Martins — *História de Portugal* — p. 219.

Na armada iam 1500 homens de armas (1), gente escolhida, oito frades de S. Francisco, para ficarem na Índia; oito capelães com seu capelão-mór Frei Henrique Soares, que depois foi bispo de Ceuta; regressava à sua terra o Gaspar da Índia. Também nela foi Duarte Pacheco, o autor do *Esmeraldo de situ orbis*.

Os Franciscanos eram homens ilustrados, — letrados, — destinados à conversão dos fiéis, “e quando estes não aceitassem esta lei da Fé e negassem a lei da paz, que se deve ter entre os homens, para conservação da espécie humana, e defendessem o comércio e comutação, que é o mais porque se concilia e trata a paz e amor entre os homens... em tal caso, lhes pozesse — Cabral — fogo e ferro, e lhes fizesse guerra...”

Esta foi efectivamente a regra, a directriz de toda a nossa acção no ultramar; — propagação da Fé e exclusivo comercial.

Levava também, Cabral, instruções, para fazer tratados de paz com os diversos soberanos, com a condição de se converterem ao cristianismo e de só comerciarem com os portugueses.

Nesta armada foi, também, Aires Correia para feitor em Calicut, com os escrivães Gonçalo Gil Barbosa, e Pero Vaz Caminha. Cabral levava cartas e presentes de Elrei para os Reis de Cananor e Melinde, e instruções para assentar paz e trato com o Samorim, e levantar fortaleza em Calicut.

Devido às informações que Vasco da Gama trouxera àcêrca do oiro de Sofala, ia Bartolomeu Dias encarregado de ali levantar fortaleza e estabelecer o resgate do oiro, de forma análoga ao que se fazia na Mina.

Fixaram-se os ordenados: ao capitão-mór, dez mil cruzados, e quinhentos quintais de pimenta comprados pelo seu ordenado, pelo preço porque Elrei o comprasse; mais dez caixas forras de todos os direitos, salvo o dizimo para o Mosteiro de Belem. Os mestres e pilotos, a quinhentos cruzados por viagem, trinta quintais de pimenta, e quatro caixas forras; os capitães das naus, mil cruzados por cada 100 tonéis, seis caixas forras e cincoenta quintais de pimenta; aos marinheiros, dez cruzados por mês, dez quintais de pimenta e uma caixa forra; cada dois grumetes vencia como um marinheiro; cada três pagens, como um grumete; contra-mestre e guardiões como marinheiro e meio.

Em cada nau iam dois calafates, dois carpinteiros, dois estrinqueiros, um dispenseiro, um barbeiro-sangrador, e dois clérigos: cada um dêstes, vencia como dois marinheiros.

A gente de armas vencia a cinco cruzados por mês e três quintais de pimenta. Cada nau levava um condestabre e dez bombardeiros; o condestabre a duzentos cruzados e dez quintais de pimenta por viagem, e duas caixas forras; os bombardeiros como marinheiros; cada homem de armas tinha uma caixa forra.

O pagamento de pimenta fazia-se a dinheiro, pelo preço da venda a Elrei, deduzidas as quebras.

Pagou-se adeantado: um ano aos casados, meio ano aos solteiros; O capitão-mór recebeu cinco mil cruzados de ajuda de custo, os outros mil; os homens de armas, seis meses, “e nas caixas, roupas brancas”.

Com estas vantagens e as histórias dos marinheiros da viagem anterior, acudiu tanta gente à matrícula, que toda a dificuldade estava na escolha. Quem diria que anos depois, era preciso recrutar gente à força!

(1) Entre êles João de Sá que acompanhou Vasco da Gama à Índia.

Para feitor da armada e da carga ia como já dissemos, Aires Correia, com um regimento de preços de compra e venda, pêsos, etc.

Na armada embarcaram, também, os pilotos mouros que Vasco da Gama trouxera, e o Gaspar da Índia.

3 — A partida — O Brazil — Melinde

No Domingo, 8 de Março de 1500 os capitães, homens de armas e marinheiros, "todos vestidos de librés e galantes", foram ouvir missa pontifical à ermida do Restelo. Elrei teve junto de si, "dentro da cortina" a Pedro Álvares.

Prêgou o Bispo de Ceuta, D. Diogo Hortiz, o qual, no fim da missa, benzeu a bandeira que Elrei depois entregou ao capitão-mór; organizou-se uma procissão até à praia, levando Elrei, o capitão-mór a seu lado.

Toda a população de Lisboa acudiu ao Restelo nesse dia, "enchendo aquela praia e campos de Belem (1), e muitos batéis, que rodeavam as naus, levando uns, trazendo outros, assim serviam todos, com suas librés e bandeiras de cores diversas, que não parecia mar, mas um campo de flores, como a flor d'aquela mancebia juvenil que embarcava. O que mais levantava o espirito destas coisas, eram as trombetas, atabaques, sextros, tambores, frautas, paudeiros, e até gaitas, cuja ventura foi andarem nos campos, no apascentar do gado, e naquele dia tomaram posse de ir sobre as aguas salgadas do mar, nestas e noutras armadas que depois se seguiram, porque, para viagem de tanto tempo, tudo os homens buscavam, para tirar a tristeza do mar".

Os batéis iam cheios de bandeiras e galhardetes, "que couza formosa de ver, que passavam de mil homens d'armas, e com muitas bandeiras e que fizeram salva com artilharia".

"Os gritos da marinhagem (2), para alar a um tempo os viradores nos cabrestantes, melopeia fúnebre e triste como o mar; o surdo roçar das amarras nos escovens; o apito dos mestres dirigindo as manobras; as bandeiras multicolores soltas ao vento e as velas meio desdobradas nos mastros, formavam o vivo quadro da Nação, que também partia, no ano de 500, já conformada e bem disposta, para uma longa viagem de pouco mais dum século, cheia de escrobutos e naufrágios, ao cabo da qual a esperava um tûmulo, vasto como é o mar, mudo como êle é, nas calmas fúnebres dos trópicos.

Não havia protestos agora, senão esperanças, cobiças, ambições. Não partiam à aventura: partiam à conquista do que tinham descoberto e queriam trazer para Portugal, para casa. Ninguém duvidava do êxito, e o capitão-mór levava cartas solenes do Rei para o Samorim. Em troca delas, da sua aliança, dos presentes que lhe mandava, viriam os rubis e esmeraldas, a pimenta e a canela monopolizada pelo Turco inimigo de Deus. Atraz de uma lenda, atraído por uma viagem, Portugal descobrira os continentes e ilhas do Atlântico e chegara à Índia. Por uma ilusão, consumara a realidade que espantava o Mundo inteiro. O Mundo é uma miragem e os homens sombras levadas pelos sábios ventos do destino..." (3)

(1) Barros — *Dec. I.*

(2) Oliveira Martins — *História de Portugal* — I. p. 220.

(3) *Idem, idem* — I — p. 221.

A expedição saíu do Tejo a 9 de Março de 1500, (1) uma segunda feira, com bom tempo; às 8 horas da manhã de 14, avista a Gran Canária; a 22, avista S. Nicolau; levanta-se, então, vento forte que espalha a armada, tendo o navio de Vasco d'Athayde, de arribar a Lisboa. (2)

Já para fugir ao tempo, já para evitar as calmarias da Guiné e mais facilmente dobrar o *Cabo*, a armada, — "por tal forma se empégou no mar", — que na "4.^a feira da oitava da Páscoa", 24 de Abril, (3) "foi dar em outra costa de terra firme, a qual, segundo a estimação dos pilotos, lhes pareceu que podia deitar para Aloeste da Costa da Guiné 450 leguas, e em altura do Polo Antártico da parte do Sul, dez graus".

Ao monte que avista, põe Cabral o nome de *Monte Pascal*, por estarem na primeira oitava da Pascoa: faz parte da Cordilheira dos Aymores, no Brasil. Os pilotos pasmavam, e supunham ter encontrado uma grande ilha, "assim como as Terceiras e as que se acharam por Christovam Colombo, que eram de Castela, a que os castelhanos chamavam communmente as Antilhas".

A existência de terras para Oeste era uma certeza para os portugueses, havia muito, como já atrás vimos; já em 1498, D. Manuel mandára Duarte Pacheco, a reconhece-las, e, muitas indicações nos levam a crêr que o excessivo afastamento de Cabral para o Ocidente, com o pretexto das calmarias da Guiné, fosse propositado e mesmo incitado pelo próprio Rei, secretamente, por causa da Espanha, que já protestára contra as tentativas das explorações de D. João II para Oeste.

Às 6 horas da tarde, de 4.^a feira, 24 de Abril, (4) Cabral fundeia em 19 braças, a 6 léguas da praia; no dia seguinte, apróxima-se da terra e fundeia na embocadura dum rio, mas a ressaca impede desembarques, sobrevem tempo durante a noite e a armada faz se ao largo, correndo ao longo da terra. No dia imediato, 26, fundeia em 11 braças na entrada duma baía; a 27 Cabral entra nela e chama-lhe *Porto Seguro*, (depois Enseada da Coroa Vermelha), e manda a terra o piloto Afonso Lopes". (5)

Na praia aparece gente inteiramente nua, "não pretos e de cabelo retorcido como os da Guiné, mas todos de côr baça e cabelo comprido e corrido, e a figura do rosto, coisa mui nova, porque era amado... gente mansa, que não fugia nem fazia mal... não houve lingua que os entendesse... cobertos de penas d'aves, de muitas cores, mórmente papagaios".

No dia seguinte, 28, Bartholomeu Dias com Nicolau Coelho, vão a terra fazer aguada, mostrando-se os indígenas curiosos mas pacíficos.

Domingo de Páscoa, 3 de Maio de 1500, o guardião Frei Henrique, celebra missa num Ilheu da baía, num altar improvisado, debaixo duma frondosa arvore, no cimo da qual, os marinheiros amarram uma grande cruz de madeira. Cabral chamou a esta terra, — *Vera Cruz* — nome transformado em *Santa Cruz*, e mais tarde, quando o pau *brazil* (6) começou a ser exportado em quantidade, para a Europa, passou a ser o *Brazil*.

(1) Gaspar Correia diz 25 de Março, dia de Nossa Senhora, de 1500.

(2) Nas Noticias Ultramarinas, o navio desgarrado é o de Luiz Pires; nas *Lendas* é o de Pero Figueiró, que na altura da Guiné um pé de vento faz sossobrar; na crónica de Goes é Luiz Pires.

(3) Relação do piloto anónimo

(4) Damião de Goes.

(5) Gaspar Correia diz que foi Nicolau Coelho, com 10 homens armados de lanças e béstas, «porque então, ainda não havia espingardas». Pero Vaz de Caminha, também diz Nicolau Coelho.

(6) Hirapitanga.

A 4 de Maio é expedido para Lisboa, Gaspar de Lemos, com a notícia do descobrimento, (1) levando consigo alguns casais indígenas, e amostras do pau brasil e outras (2)

Deixando em terra, dois dos 20 degredados que levava, Cabral largou com rumo para o Cabo da Boa Esperança, e a 11 de Maio, aparece no céu um grande cometa, "com um grande raio que demorava contra o Cabo da Boa Esperança, o qual foi visto por todos da armada, por espaço de oito dias"

A 22 o cometa desapareceu e a 24, depois do meio dia, indo a armada na altura das Ilhas de Tristão da Cunha, com mar grosso, e que dia a dia vinha aumentando, "armou-se contra o norte um negrume no ar, ao que os marinheiros da Guiné chamam *bulcão*, com o qual acalmou o vento, como se aquele negrume o sorvesse todo em si, para depois largar o folego mais ferrino. A qual coisa logo se viu, rompendo em um instante, tão furiosamente, que sem dar tempo a que se mareassem as velas, sossobrou quatro, de que eram capitães Ayres Gomes, Simão de Paiva, Vasco de Taide e Bartholomeu Dias... que viraram de quilhas para cima"

"Ao meio dia, a escuridão era tal, que não se enxergava o céu, nem nos víamos uns aos outros. As velas despedaçaram-se, a chuva e o vento eram tão fortes, que batendo no rosto, açoutavam e moíam, como a golpes de varas. As ondas eram tão espantosamente grossas, que diríeis, que o navio, tão depressa se elevava aos céus, como caía nos abismos, e todavia, era por tal forma agitado para uma e outra banda, que era mui dificultoso ter-se alguém de pé, e mui perigoso estar na tolda, pois vinham tão grandes rolos de mar, que ás vezes, dum só jacto, entravam mais de 20 pipas d'agua, que passando por cima do navio, saíam em parte pela outra banda, e levavam consigo tudo quanto encontravam. Não chegava a gente para dar ás bombas, e todo o navio estava repassado d'agua, e avariado, o que era para nós de grande incomodo, porque em quatro dias e quatro noites que durou a tempestade, estivemos de contiuno molhados d'agua salgada, e não havia roupa enxuta para mudar. Comíamos só algum biscoito com um pouco de vinho, e não havia meio de cosinhar. Dormir e repousar, era coisa em que se não falava"

Dispersa pelo terrível temporal, a armada só tornou a juntar-se, — seis velas, — a 16 de Julho, no parcel de Sofala. Os homens andavam assombrados, como idiotas, "por toda a nau de Pedralvares se apartavam os homens, uns com os outros, principalmente a gente comum, tratando de duvida e inconveniente proseguir aquele caminho"

O navio de Pero Dias, foi parar, — 10 de Agosto, — a costa oriental da Ilha de S. Lourenço, e julgando que era a de Moçambique, foram correndo para norte, quando perceberam que era uma ilha, ainda por descobrir, puzeram-lhe o nome do santo do dia — S. Lourenço, 10 de Agosto, — e seguindo para NE, foram ter a Barbara, na costa africana. A gente, ia tão doente, que desembarcaram, para se tratarem melhor, uns 15 homens, os Árabes, porém, trucidaram-os, e o navio levantou ferro, safu e retrocedeu para Lisboa, onde chegou, apenas com seis homens

(1) Em carta escrita por Pero Vaz Caminha, escrivão da feitoria de Calicut, acompanhando um diagrama astronómico feito por Mestre João, físico d'Elrei diz «A mor parte do arvoredo era dum pau vermelho que deitado n'agua, fazia vermelho muito bom»

(2) Goes diz haver no Brasil várias plantas medicinaes, «entre as quaes e a que chamamos do fumo e eu chamava de *...*» nal de aplicação a úlceras, fis uiz de Goes, que depois, sendo

Pedro Álvares, dobrado o Cabo, foi aportar, "a uma terra fresca, de muitas ribeiras e criação, mas deserta". Seguiram ao longo da costa de Sofala, com vento brando e mar chão, e na altura das Ilhas Primeiras, topa com dois zambucos com os quais chegam a falar: num dêles estava um Mouro, de nome Foteima, tio do Sheick de Melinde, que regressava de Sofala, onde fôra resgatar oiro. Cabral tomou dêle larga informação sôbre Sofala e o comércio do oiro e deixou-o ir em paz com as suas fazendas. Com seis navios foi Cabral entrar em Moçambique a 20 de Julho, e o Sheick Ibrahimo recebe-o com demonstrações de amizade e fornece-lhe pilotos para a Índia. (1) Cabral presenteou-o com um balandrau de grãa com alamares de fio de oiro, e um chapéu vermelho com penacho branco.

Aqui morre muita da gente que vinha doente, sendo enterrada no cabo da povoação, no terreno onde fôra sepultado o Damião Rodrigues, o degredado que fôra na armada de Vasco da Gama. Foi cercado, então, êsse terreno com uma sébe, "e lhe poz nome de adro de S. Gabriel, onde depois se fez uma igreja do seu nome". (1)

Na terra ficaram três homens, "com a candeia na mão"; (2) um dêles morreu e os outros dois passaram mais tarde para Melinde.

A armada segue para Quiloa, (3) onde fundeia a 26 de Julho. "A Ilha de Quiloa é mui viçosa de fructos e hortalças, e boas aguas; ha pelo sertão muitas creações de gado grosso e meudo, e muita caça e montaria, e no mar muito bons pescados; é muito fertil de sementeiras. A cidade é muito grande e populosa; as casas são de pedra e cal, de muitos sobrados, terradas, mui bem guarnecidas e caiadas da banda de dentro e fóra, e mui bem alfaiadas pela gente da terra ser rica. As naus em que navegam são de cavilha, cosidas com cairo, breadas com incenso bravo, por em terra não haver breu". (4).

O Sheick, um velho Mouro, de nome Ibrahim, era homem muito considerado em toda a costa; a sua cidade era a maior pelo grande negócio que fazia com Sofala; a sua autoridade estendia-se desde Mombaça ao C. das Correntes.

Apenas fundeado, Cabral manda a terra Afonso Furtado, que vinha para escrivão de Sofala, que Bartolomeu Dias devia instalar, o que se não fez então, por ter aquele desaparecido no temporal; Sofala era, ao tempo, a mais importante dependência de Quiloa.

Furtado desembarcou com sete homens, "dos melhores ataviados da frota", e conseguiu que o Sheick Ibrahim aprasasse uma entrevista com Cabral, no mar.

De parte a parte procurarm desenvolver pompa: "a gente da terra appareceu ataviada de panos de tela d'ouro, brocados e escarlates, sedas e algodões finos, e com espadas, punhaes e agonias ao lado, deles d'ouro e pedraria".

Traziam buzinas, anafis, trombetas e outros instrumentos, de que dos bateis lhe respondiam com os nossos, e das naus que estavam de festa, com artilharia",

A almadia do Sheick e o batel de Cabral, encostaram bordo a bordo, e Pedro Álvares conversou largamente com o Sheick, procurando obter informações de Sofala e do seu oiro; mas o Sheick, desconfiado, iludia as respostas prometendo mandar-lhe, no dia seguinte, quem o informasse.

(1) Gaspar Correia — *Lendas I* — p. 16.

(2) A morrer.

(3) Gaspar Correia diz Melinde, erradamente.

(4) Goes — *Cron. I* parte: c 3.

Mas nem no dia seguinte nem nos outros appareceu o informador, e o irmão do Sheick, que se chamava Muley Omar acabou por dizer a Cabral que estava ali perdendo o seu tempo, e este resolveu largar do porto, — 1 de Agosto. No dia seguinte, 2, fundeou em Melinde, onde o Sultão o recebeu de braços abertos, pois precisava que o auxiliassem contra o seu secular inimigo, o Sheick de Mombaça.

João de Sá, um soldado que ali viera com Vasco da Gama, perguntou pelo Padrão que ali tinham posto e não estava já no seu logar; explicaram que o tinham apeado por imposição do Sheick de Melinde, e mostraram-o escondido numa casa.

No dia seguinte ao da chegada foi Ayres Correia, a terra, precedido por uma esquadra de soldados, com trombetas e atabales, levar ao Sheick a carta e o presente que Elrei D. Manuel lhe mandava.

O Sheick e Cabral avistaram-se no mar, fazendo-se um tratado de paz e amizade.

Recebidos dois pilotos Guzerates, a armada largou do porto, — 7 de Agosto, (1) — deixando em terra dois degredados, João Machado e Luiz de Moura, "para verem se poderiam ir ás terras do Preste João".

4 — Na Índia

Calicut — Cananor — Coulaõ

Cabral avista o M. Dely a 10 de Agosto, e chega a Angediva a 22. As suas instruções determinavam-lhe que levantasse fortaleza em Calicut. "mas Calicut estava duvidoso", motivo porque foi fundear em Cananor, onde o Rei o recebeu com demonstrações de prazer, e lhe cedeu uma casinha de pescadores na ponta N. da baía, onde se estabeleceu o feitor Ayres Correia, com vários artifices que logo começam a construir casas para a gente, feitoria, e uma igreja, da invocação de Nossa Senhora da Conceição. A ponta onde assentaram estas construções foi cortada por um largo fosso e tranqueira com troncos de arvores em duas fiadas, com o intervalo cheio de terra, numa extensão de uns 40,;" guarnição 35 homens, dos quais 15 eram doentes, e o feitor Gonçalo Gil Barbosa. (2) O Davané ficou ali como interprete.

No dia de S. Mateus Evangelista, — 21 de Setembro, — o Rei, com muitos Naires armados, foi visitar as instalações.

Cabral só tarde percebeu que Cananor era fraca terra, e apenas lhe podia fornecer gengibre.

O Samorim, logo que soube da chegada da grande armada e do estabelecimento dos portuguezes em Cananor, apressa-se a mandar pedir a Cabral para ir a Calicut. Cabral manda-lhe Diogo de Azevedo, que tinha nomeado escrivão da feitoria, com 4 portuguezes, e o interprete Davané de Taibo. Azevedo foi bem recebido pelo Samorim, que declarou consentir no estabelecimento da feitoria, contanto que não montassem outra em outro logar da Índia.

(1) Barros — Dec. I — Livro IV — C. 3 — Goes — Cron.

O tratado de paz
foi assinado em
Melinde a 2 de
Agosto de 1498
e o Sultão deu
a Cabral uma
carta de recomendação
para o Rei de Portugal.

Cabral, nomeava agora Gonçalo Gomes Ferreira para feitor em Cananor e levando Ayres Correia, largou para Calicut a 13 de Setembro de 1500, indo surgir defronte duma casa de madeira muito lavrada e pintada, a que chamavam o *Çarame*, e onde o Rei costumava ir à tarde tomar o fresco.

Do pôrto não se via a cidade, como já dissemos, pois ficava "a um terço de legua para dentro, entre palmares e grandes arvoredos". Ao longo da praia, além do *Çarame* apenas havia palhotas de pescadores.

O Samorim veio para o *Çarame*, com Diogo de Azevedo e o intérprete, assistir à chegada dos navios, e mandou visitar o capitão mór e pedir-lhe para desembarcar. Cabral exigiu refens, o Samorim mandou-lhe quatro Naires, e Cabral desembarcou.

"Os portugueses vestindo as suas melhores roupas, e armas, julgavam impor de ricos ao monarca do Oriente".

"O brilho das armaduras era ofuscado pelo rutilar da pedraria, cujas chamas impediam a vista. (1) O Rajáh vinha num palanquim ou andor, trazido aos hombros pelos nobres, assentado sobre almofadas de seda, entre colchas lavradas de fio d'oiro caíndo em pregas franjadas, com borlas cravejadas de pedras preciosas e panos de carbazo de linho finissimo e cuja alvura sorria ao lado da vermelhidão sanguinea das sedas e brocados. Corria a compasso o andor, coberto por um palio de seda franjado d'oiro, e dentro deste duplo sacrario via-se o Rajah, negro, rutilante de pedrarias. Cegava ve-lo. Aos lados do palio iam os pagens com os leques de penas de pavão, agitando o ar, e á beira do palanquim, os que levavam as insignias de soberania: a espada e a adaga, o estoque d'oiro, a flor de liz simbolica, o gomil para a agua, e, finalmente, o copo onde o Rei cuspiá o betele, cujo mascar faz os dentes cor de rosa, e dá muito bom bafo. Em toda a volta e prolongando-se na cauda da procissão, charangas de musicos atroavam o ar, com as suas trombetas de prata e oiro, suspensas por cadeias em bambús altos, com as trombetas enormes, umas rectas outras curvas, levantadas para o ar, e que davam aos musicos o aspecto de elefantes com trombas douradas, cujos pavilhões se viam cravejados de rubis e esmeraldas.

"Vinha uma grande trompa d'oiro, levada por dois homens a cavallo; os musicos negros, nus, com manilhas nos braços e pernas, e á cinta um pano cobrindo as vergonhas. Nús iam os Naires e mais tropa do Rajah, esgrimindo aos saltos, em pyrrhicas singulares, parecendo atacados de furia, com as suas armas variadas, alfanges curvos para os golpes de cutilada, espadas rectas e ponteagudas para as estocadas, espadas triangulares, arcos e molhos de frechas de bambú delgado, lanças com aneis tilitantes e guisos, correndo, saltando, e gritando em brados.

— Cucuya! — como na hora do combate.

Ao longe, o povo miudo, numa impassibilidade de Orientaes, olhava.

A recepção do Embaixador fez-se no *Çarame* do Rajah, á beira-mar, casa de madeira, "a qual casa era feita sobre uns esteios, oitavada, e toda aberta em varandas e coruchéos e galantarias de maravilhosos labores, e marchetada de marfim, e chapeada de folhas de prata e oiro; e assim as portas, coisa mui rica, que Elrei mandou fazer para mostrar mór estado. (2)

(1) Oliveira Martins — *História de Portugal*.

(2) Gaspar Correia — *Lendas da Índia*.

Era todo rendado de labores com coruchéos e pináculos que se destacavam nitidamente no fundo azul do céu, tão azul como o mar onde se balouçava, fundeada, a armada negra de Cabral.

Na extensa praia, apinhavam-se as choças dos pescadores e embarcações encahadas, pôr entre as quais a multidão observava.

«O corpo da cidade era para dentro, por debaixo de palmares e grandes arvôres, onde ficavam as casas d'Elrei; e o mais da povoação da cidade é ao longo da praia, de pescadores e gente de serviço das naus, e os mercadores e nobres vivem para dentro, que a cidade é mui grande».

«No Cerame, o Samorim sentára-se sobre o vélo preto, (1) insignia de realza, no seu throno de prata com braços d'oiro, e as espaldas cravejadas de rubis, diamantes e esmeraldas, no meio da sua corte, recostado em macias almofadas de seda, sobre fôfos tapetes da Persia, sonolento e imóvel.

«Negro e nú, um veu de linho branco descia-lhe em pregas desde o umbigo até aos joelhos, com a ponta caída, e nela enfiados aneis d'oiro e rubis; da extremidade pendia uma perola enorme.

«Os dedos, os braços, estavam cobertos de aneis e manilhas, e das orelhas caíam arrecadas d'oiro cravejadas: á cintura trazia um cinto d'oiro. Ao pescoço colares roliços, de ouro também, e duas voltas de um fio de perolas, grandes com avelans, que desciam até ao umbigo, suspendiam um enorme coração d'oiro encastrando a mais bela, a maior esmeralda. Nos cabelos compridos e apanhados em nó, em volta da cabeça, havia perolas e pingentes, e a coroa era um deslumbramento».

O tesouro inteiro de Calicut saíu à luz. Estava êle «arraiado de tanta e tão boa pedraria, que não sómente lhe fez espanto quando a ele chegou, mas inda, as chamas que dele saíam, lhe impediam a vista».

Ao lado do Rajah, em pé, viam-se os pagens nús, com panos de purpura, os pagens da espada e adaga, o da copa de ouro, com a toalha a tiracolo, e o da boceta cravejada de brilhantes com o sal delido em água de rosas onde remolhava as folhas de betele antes de as dar ao brahamane mór, que detrás das espaldas do trono as passava religiosamente ao Samorim para as mascar...

Cabral apresentou os presentes que trazia: uma grande bacia e gomil de prata lavrada e dourada, almofadas de brocado, panos d'Arraz, veludos, selins, e apresentou as saudações de Elrei D. Manuel. Contudo, não se entenderam bem.

Passados três dias, Ayres Correia foi a terra e obteve do Rajah a cêdência duma casa, que outróra fôra feitoria dos chins, no tempo em que êstes ainda navegavam até aqui, e por isso tinha o nome de *China-Cota*, e nela se estabeleceu a feitoria, ficando nela por feitor, o Ayres Correia, com 40 homens. (2)

Junto à casa da feitoria morava um Mouro de nome *Cwaja Béquí*, (Cojebequí), «que era um dos mais ricos homens da cidade, a quem, por se afeioar à nossa Nação e ser muito amigo e servidor dos portugueses, destruiu, depois, Elrei de Calicut e lhe tomou fazenda que valia mais de 800 mil cruzados; o qual Cojebequí, sendo eu moço, vi depois neste Reino, onde veio requerer a satisfação de suas perdas a Elrei D. Manuel, e a pedir-lhe mercês, as quaes ele lhe fez, e deu officios honrados na India, com que se tornou contente para sua terra».

(1) Oliveira Martins — *História de Portugal*.

(2) Cem diz Gaspar Correia; 60 diz Barros; e 70 Goes.

5 — A primeira escaramuça

Desde que chegaram à Índia, os portugueses pensaram em monopolisar o comércio das especiarias, e, naturalmente, como êsse comércio se achava, havia séculos, nas mãos dos Mahometanos, êstes trataram de se defender contra os novos concorrentes procurando atraír a si o Catual, o que conseguiram fácilmente; e assim, Cabral, ao cabo de 2 meses de estacionamento no porto, apenas conseguira carregar dois navios.

Era à sua população mussulmana que Calicut devia a sua hegemonia comercial; e por isso foi ela, também o baluarte da resistência contra a intervenção dos portugueses no seu tráfico. Bem o compreendeu o seu príncipe e negou-se a expulsá-los, como lho exigiram os portugueses; daí as constantes hostilidades.

A população mahometana de Calicut não podia, portanto, deixar de nos oferecer a resistência que ofereceu; devia ela ser já bastante numerosa: Varthema no começo do século XVI calculava-a em 15 mil; Thomé Lopes, pela mesma época, calcula-a em 4-5 mil: a diferença é tal, que não permite fixar um número aproximadamente.

A população mussulmana de Calicut era de duas categorias: a dos naturais da terra, convertidos, e os descendentes dos primeiros conversos, conhecidos pelo nome de Moplás; e a segunda, a dos estrangeiros Árabes, Persas, etc., que lá se tinham ido estabelecer, chamados Pardetís: na mão dêstes estava todo o comércio da cidade.

Após repetidas queixas ao Samorim, sem resultado apreciável, Cabral acaba por exigir daquele, a proibição dos mahometanos carregarem os seus navios antes dos navios portugueses se acharem atestados. (1) O Samorim, naturalmente, recuzou, embora com suavidade e em bons termos, apresentando várias razões, das quais não era a menor, o facto de serem os negociantes mahometanos que tinham enriquecido o país. (2)

Estavam, pois, as coisas neste ponto, quando o Samorim pediu a Cabral para fazer apresar uma náu de Cambaya que vinha de Ceylão com um elefante pertencente a um mercador de Cochim, que recuzava vender-lho: Cabral, para lhe ser agradável, mandou saír Luís Pires, que apresou o navio, e o elefante foi desembarcado e entregue ao Samorim.

O negociante foi reclamar ao Samorim, exigindo o valor do elefante e ameaçando de se queixar ao capitão português; irritado por esta ameaça e instigado pelos que o cercavam, o Samorim, que dera ordem para os mouros não poderem carregar sem primeiro carregarem os navios portugueses, revogou essa ordem.

Vendo-se apoiados, os mouros passaram a ser insolentes para os portugueses da Feitoria e retiraram as embarcações que serviam os navios.

“E faz este começo de guerra”, diz Gaspar Correia.

O Cwaja Bequi (3) preveniu logo o feitor e êste o Cabral que lhe

(1) Cabral tinha apenas conseguido carregar 4 navios, — Goes.

(2) Zinadin diz ter Cabral exigido a expulsão dos Mouros de Meca e Cairo, que eram mais de quatro mil. Thomé Lopes confirma isto, mas Barros diz que foi Vasco da Gama, na 2.^a viagem.

(3) Este mouro era como cabeça mor entre os mouros *naturais da terra*. Os mouros estrangeiros tinham por chefe o Cwaja Cacemo, e os dois eram naturalmente rivais. Um dos mouros que o Samorim mandara para bordo como refém, era irmão do Cwaja Bequi; tinha êste um filho pequeno, que costumava acompanhar o pai quando êste ia à Feitoria; como Aires Correia tivesse consigo dois filhos pequenos, — Antonio e Aires — os três depressa se fizeram amigos e companheiros de brincuedos. O Cwaja Bequi preveniu o feitor da атаque à Feitoria.

ordenou que recolhesse a bordo o pessoal da Feitoria Era, porém, tarde, os mouros vigiavam a Feitoria, e não deixavam sair embarcação alguma para o mar, e esta tensão de relações manteve-se até que a 17 de Dezembro Cabral apresou uma nau que estava carregando pimenta, pertencente a um rico mouro chamado Cwaja Cacemo Micide

A noticia do apresamento propalou-se rapidamente pela cidade, e a população declarou-se em aberta hostilidade

Um veneziano que ali residia havia muito, chamado Bonadjuto Albao (1), corre a Feitoria a prevenir o feitor

O Cwaja Cacemo foi quem dirigiu o ataque a Feitoria — 18 de Dezembro de 1500 — (2) e, apesar da desesperada resistência dos portugueses, foi ela tomada e Aires Correia com trinta portugueses mortos (3), outros tantos conseguem fugir para a praia onde Sancho de Toar, que acudira com bateis, os recolhe

Uns dez, entre elles os dois filhos pequenos de Aires Correia que não conseguiram alcançar a praia, foram recolhidos por Cwaja Bequi que os abrigou e protegeu na sua casa, salvando os. Os dois pequenos Correias foram, mais tarde, dois dos bons soldados da India

Entre os salvos por Sancho de Toar figuram Frei Henrique, muito ferido, os quatro frades que com elle estavam, e Nuno Leitão

Cabral, prontamente exerce represalias, apresa dez navios arabes que estavam no porto entre os quais um do Cacemo, bombardeia e incendia a povoação, — 19 de Dezembro de 1500

Estava travada a guerra que a rivalidade comercial provocara. Por este tempo chegára a Cochim um cristão siriano chamado Miguel Jogue, e o Rajah Trinumpara manda-o ao encontro de Cabral, oferecendo-lhe o seu porto para nele commerciar Cabral, aceita prontamente, e fundeia em Cochim a 24 de Dezembro. O Rajah de Cochim, menos rico e importante de que o de Calicut, era-lhe contudo muito superior em honestidade e em lealdade

Cochim é uma ilha comprida, arenosa e baixa plantada de coqueiros, e separada doutra ilha, — a Ilha de Vaypin, — por um fundo canal com um $\frac{1}{4}$ de milha de largura. A cidade ficava na margem desse canal, e nela residia o Rajah num edificio bastante mesquinho, no lugar onde hoje fica Matanchoesi

«Esta cidade de Cochim (4) está situada a par dum rio que se mete no mar junto dela, e fazem a ilha. O porto é limpo e seguro. Os edificios são como os de Calicut, e das outras povoações do Malabar. Ha nela muitos mercadores mouros e gentios. A terra é pobre, contudo graciosa e o principal trato que tem é pimenta. O estado do Rei é muito somenos em gente e riqueza que o de Calicut, ao qual naquele tempo obedecia, e era obrigado a servir nas guerras que tinha com os outros reis, e elle era tão sujeito que quando succedia rei novo em Calicut, vinha fazer a sua entrada em Cochim, e como entrava na cidade, depunha logo o Rei ficando em sua mão tomar-lhe o Reino, ou da-lo a quem elle aprouvesse, mas com o favor dos nossos, se izentou destes trabalhos e se fez muito rico e poderoso»

Para evitar traições Cabral exige refens que elle são prontamente entregues e então, assinou-se um tratado de aliança, pelo qual os portu-

(1) Residia na Índia havia 27 anos fora para ali com Francisco Marzilo conselheiro na
Alexar, - - - - - Veio para a Europa com Afonso de Albuquerque e
volto - - - - - de Almeida

isoneiros diz Gois, 51 diz a carta de Elrei de Portugal para o de Castela 60 e 70 diz Ferishta

(1) Gois — Cronica de Elrei D Manoel

guêses se obrigavam a fazer Samorim, o Trimumpára; montou-se logo feitoria (1) na qual ficou por Feitor Gonçalo Gil Barbosa, tendo por escrivães Lourenço Moreno e Sebastião Álvares, e por língua Gonçalo Madeira, de Tanger; ficaram ainda 5 degredados, para o serviço de feitoria.

A Rainha de *Coulão* e o Rajah de *Cananor* prontamente mandaram oferecer carga para os navios. *Coulão* tem a sua história ligada ao estabelecimento da primeira cristandade síriaca na Índia: foi, durante muitos anos, um dos principais portos do Malabar, e residência real. E' designada por *Coilon* numa carta do Patriarca Nestoriano Jesuyalius de Adiabene, morto em 660; aparece em documentos árabes de 851 com o nome de *Coulam-Mall*, sendo nessa época frequentada por navios chineses; durante os séculos XIII e XIV foi grande pôrto de comércio do Malabar com a China e a Arábia.

E' o *Coilum* de Marco Polo, e o *Columbum* dos escritores e eclesiásticos da época, um dos quais, Frei Jordanus, foi Bispo de Columbum em 1330. Era um emporium de pimenta, pau brazil e gengibre, o qual, muitos anos depois, ainda era designado por *gengibre columbius*.

Coulão foi muito importante até ao comêço do Século XVI, dizendo Varthema que era um excelente pôrto, e Barbosa, "uma mui grande cidade, com muito importantes negociantes mouros e gentios, cujos navios navegam por todos os portos do Oriente até Bengala, Pegú e Archipelago".

Cabral foi ali muito amimado. Dois indígenas cristãos da cidade de Cranganor, — a 20 milhas ao N. de Cochim, — chamados José e Martins, vieram pedir a Cabral para os levar à Europa, ao que êste acedeu.

A 9 de janeiro de 501, a armada sai de Cochim, levando a bordo um enviado do Rajah, portador dum colar de pedraria e caixas com sêdas para a Rainha. A 15 chega a Cananor, onde completa a carga com gengivre e canela, e monta feitoria em que ficam o feitor e 30 homens, e no dia seguinte, 16 de janeiro de 501, larga para Portugal.

6 — O regresso de Cabral

No caminho de Cananor para a costa africana, Cabral apreza uma nau de Cambaya, que vinha de Malaca com um carregamento de cravo, nós, sândalo, xarões e porcelanas da China, e alguns rapazes e raparigas chinezas. Como a nau pertencesse a um Malik Copim de Barcelor, terra onde não tinhamos ainda ido, Cabral não quiz hostiliza-lo, deixando-o ir livremente, tomando-lhe apenas o piloto, naturalmente para obter dêle informações acêrca da navegação para o Extremo Oriente.

Navegando com bom tempo, na noite de 12 para 13 de fevereiro, nas alturas de Melinde, a nau de Sancho de Toar, um belo navio de 200 toneladas, ricamente carregado, naufraga. Toar passou então para o naveta de Luiz Pires, e nela vai reconhecer Sofala.

O Sheick de Mombaça, depois, fez retirar a artilheria desta nau naufragada, e assentou-a num forte que levantou à entrada do pôrto, e com ela nos hostilizou mais tarde, como veremos.

Cabral chega com quatro navios a Moçambique, capitães: — Braz Matoso, Nicolau Coelho, Nuno Leitão e Pero de Ataíde; ali faz concentrar os navios, que traziam o convés tão aberto, do sol, "que as chuvas passavam abaixo".

(1) Em 503 levanta-se ali forte de madeira, em 506 substituído por outro de pedra. Em Cananor, a primeira fortaleza de madeira é de 505; e a de pedra de 507.

Sancho de Toar que como dissemos, seguia para Sofala resgata, «à sua usança, ouro enfiado em continhas, com que o emprego se dobrou em doze e quinze». E o Sheick presenteou-o com um colar dessas contas, do valor de 300 cruzados, e deu-lhe outro para o capitão-mór valendo mil.

A armada prosseguiu para sul, perdendo o navio de Pero de Ataíde na Aguada de S. Braz, e a 22 de Maio, dia do Espirito Santo ou da Pascoa das Flôres, dobra o Cabo da Boa Esperança.

Em princípios de Junho, entram em Cabo Verde, onde encontram a armada que a 19 de Maio saíra de Lisboa com destino ao Brazil, e a bordo da qual já Américo Vespúcio; e ali encontram também, o navio de Pero Dias, aquêlê que não passara para deante de Mogadoxo.

A 21 de Abril de 1501, (1) vespera de S. João, Cabral entra no Tejo. A cidade estava em festa; ardiam as fogueiras de rosmaninho em volta das quais a população dançava.

O carregamento que os navios salvos da viagem, trouxeram, cobriram ainda, todas as despesas da armada, e os armazens reais encheram-se com as mais variadas cousas: Canela, pimenta, gengibre, benjoim, cravo, noz muscadas, maçã, almíscar, algália, estoráque, cana fistula, almecega, incenso, myrra, sandalo, aloes cânfora, ambar, cana da Índia, laca, mumia, aniba, ópio, porcelanas, sêdas, diamantes, pérolas, rubis, esmeraldas, e um rubi maravilhoso, de uma bellissima côr, e pezando sete quilates e meio.

«Elrei, de sua vinda foi muito alegre, posto com alguma tristeza por causa da gente que morrera nas naus que sossobraram» (2).

A viagem de Cabral tem particular importância, quer pela ruptura com o Samorim, quer pelo descobrimento de Cochim como pôrto, de importância comercial superior ao de Calicut sobretudo, em pimenta. A importância de Calicut, provinha da influência mahometana; adoptando Cochim, os Portuguezes passaram a ter um chefe indigena interessado na sua permanência na terra para se defender de Samorim.

Gaspar Correia descreve a apresentação a El-Rei do Naire trazido de Cochim: «Ao outro dia, estando Elrei no guarda roupa, Pedroalvares levou o Naire dElrei de Cochim e o apresentou a Elrei: o qual ia nú, escanchado com seus panos brancos finos debaixo do umbigo até meia coxa, e por cima destes panos outro de seda de côres, torcido, deitado por cima dos outros ao modo de touca, e no braço da adarga, do cotovelo para cima, três manilhas de ouro, grossas como o dedo polegar, bem lavradas, e orelheiras de ouro, roliças, enfiadas nas orelhas, em que tinha grandes buracos. O cabelo, preto, corredio, comprido como de mulher, atado com nó dado dos mesmos cabelos: homem de 16 anos, de bom rosto preto e delicado, e muito bem disposto e descalço; com sua adarga vermelha e sua espada à sua usança. O qual, em chegando ao meio da casa, ajuntou os pés, e encostou a adarga adeante das pernas, e meteu a espada sob o braço esquerdo, e ajuntou as mãos ambas, como em adoração, e assim juntas as levantou quanto poudé sobre a cabeça, e assim juntas as abaixou ante os peitos, e tornou a tomar a sua adarga e espada, e assim veio até junto da alcatifa...»

Este Naire foi depois batizado, recebendo o nome de Manuel; vivia com o Gaspar da Índia, e ficou muitos anos em Lisboa, correspondendo-se com o Rajah de Cochim; quando morreu, foi enterrado na Sé de Évora.

(1) Gois diz «ao derradeiro dia de Julho de 501, estando Elrei em Cintra, que de sua vinda foi muito alegre».

(2) Gois. *Crónica*. Parte I.—CLX.

trolábio, a trabalhar com as táboas do Regimento e forneceu-lhes "cartas grandes, com riscos de cores diferentes, que mostravam os nomes dos ventos ao derrador da estrela do Norte..." "Com que a dita sciencia de pilotar foi cada vez mais experimentada e sabida, e navegando pondo nas cartas as terras e ilhas nos seus proprios limites da altura do sol por conta das leguas, e derrotas dos ventos e sondas, e mostras, o que de cada vez se mais foi apurando em tanta perfeição, como ora está... e depois, homens scientes e de subltis entendimentos foram mais entendendo e alcançando, com que ora está em toda a perfeição. O que tudo foi principiado por o dito Judeu, chamado Sacuto, grande estrolico, que depois fugiu de Portugal para Gúlfó, como se passáram muitos, e lá morreu em sua erro-nia em que o inimigo o cegou, tendo tanto saber das estrelas ficar cego em tão claro dia como é nossa Santa Fé Catholica; e porque esta cousa passou neste ano de 1502 se poz aqui por memoria..."

*
* *
*

Não deixa de ser conveniente indicar agora sucessos passados na Europa, nesta época, e que mais ou menos se prendem com os acontecimentos da Índia e esclarecem a politica portuguesa.

Em 1501, pensou Elrei D. Manoel em passar à África, seguindo o velho plano de occupação do Norte; fez com êsse destino levantar 26 mil homens, dos quais 6 mil, de cavalo, e os outros, besteiros, espingardeiros, lanceiros, e gente de mar.

Justamente nesta ocasião, porém, recebe um convite do Papa, para ajudar a Senhoria de Veneza contra o Turco, e acedendo, manda D. João de Menezes, a quem faz Conde de Tarouca, com 30 navios e 3,500 homens de armas, e simultâneamente, outra armada para se apoderar do castello de Merz-el-Kibir (Mazalquivir). A armada largou de Belem a 15 de Junho de 1501; no C. de S. Maria, juntaram-se lhe navios do Algarve. Em Merz-el-Kibir, porém, a expedição foi batida, e seguiu para a Sardenha, donde regressou a Lisboa, sem nada ter feito. — Natal, 1501.

Neste mesmo ano, o Rei de Fez foi sobre Arzila, mas o capitão da praça D. João de Menezes, safu-lhe ao encontro e forçou-o a retirar. Tomaram parte neste feito: Pero Leitão e um Froes, que ali morreram, D. Bernardim d'Almeida, filho do C. d'Abrantes, D. Pedro d'Almeida, seu irmão, Pero Moniz da Silva, Ruy de Sousa, Gonçalo Mendes Çacoto, João de Vasconcelos, Sancho de Vasconcelos, João de Figueiredo, Jorge Vaz de Novaes.

*
* *
*

Carta de mercê de trinta mil reaes de tença, por ano, a D. Izabel de Castro, em atenção aos muitos serviços de seu falecido marido Pedro Álvares Cabral. — Évora, 3 de Novembro de 1520.

Carta de mercê de vinte mil reaes de tença, por ano, a António Cabral, em atenção aos serviços de seu falecido pai Pedro Álvares Cabral. — Évora, 3 de Novembro de 1520.

Carta de mercê de vinte mil reaes de tença, por ano, a Fernão Álvares Cabral, moço fidalgo da casa real, filho de Pedro Álvares Cabral, já falecido, galardoando os seus serviços. — Évora, 5 de Novembro de 1520.

Por estes documentos pode depreender-se que o descobridor do Brasil morreu por 1520.

IV

JOÃO DA NOVA

1501-1509

- I — Primeira viagem — 1501-1502.
II — Na armada do Viso-Rei — 1505-1509.

IV — João da Nova

1501-1509

1 — Primeira viagem

Depois da viagem de Cabral, resolveu El-Rei D. Manuel mandar anualmente uma armada à Índia, mas como o tesouro não podia com tal encargo, procurou resolver a dificuldade propondo aos armadores de Lisboa, "que folgassem de contractar e armar para a Índia, o que seria sómente com boas naus grossas para bem carregar para seus fretes", ficando o Estado com o encargo da polícia e segurança dos mares.

Fizeram-se, portanto, contratos, "com mercadores ricos, estantes de muito tempo em Lisboa, que entre si fizeram armador-mór a um Bartholomeu Florentino, homem de grossa fazenda... , sobre que assentaram contracto, que Elrei armasse duas naus e os mercadores outras duas", e El-Rei proveria ao armamento para os navios.

Organisou-se, assim, uma armada de três náus e uma caravela grande, indo por capitão-mór João da Nova, alcaide pequeno de Lisboa, "galego de nação, bom cavaleiro, que em África tinha feito muitos serviços ao Reino". (1)

Os outros capitães eram: Fernão Vinet, feitor dos mercadores, que ia na caravela de Bartolomeu Marchioni, Florentino; Diogo Barbosa, criado de D. Alvaro, irmão do Duque de Bragança, D. Fernando, a quem pertencia a náu; e Francisco de Novaes, criado de El-Rei.

Na náu do capitão-mór embarcou Alvaro Braga, (2) para feitor de Sofala, onde ficaria Diogo Barbosa por escrivão, com mais 22 homens.

A armada largou de Lisboa a 5 de Março de 1501, com rumo para Santa Cruz; corre a costa do Brazil até ao Cabo de S. Agostinho, faz-se na volta do Cabo da Boa Esperança, descobre em 6º S, uma ilha a que põe o nome de *Conceição*, e que por um êrro do Diário de Afonso d'Albuquerque, em 1503, é transformada em *Ascensão*, com que fica, e a 7 de Junho entra na *Aguada de S. Braz*. (3)

Corria ali, "uma fonte d'agua de cima d'uma rocha de pedra, muito boa, que em baixo fazia uma alagoa, onde tomámos aguada". Em volta

(1) Goes — Crón d'Elrei D. Manuel

(2) E o que foi na viagem de Vasco da Gama, como escrivão do *Bérrio*.

(3) Hoje Massel Bay — A ilha de Ascensão ficou 700' a N E de Santa Helena.

dessa fonte havia arvoredo e num ramo duma árvore encontraram os martinheiros, «um pantufo usado, que lhes não pareceu estar ali por jogo».

Efectivamente, dentro dele encontraram uma carta de Pero d'Albuquerque, (1) dando noticias da Índia, e informando que em Mombaça, nas mãos do carpinteiro António Fernandes, ficára outra carta com mais detalhadas informações. (2)

O capitão-mór acrescentou a essa carta a informação de ter ali passado e tornou a colocá-la no mesmo lugar onde a achara. Extranha, curiosa e hábil forma de transmissão de informações.

Feita a aguada e comprado algum gado aos Hottentotes, posto que com violência, pois recusavam vendê-lo, a armada fez-se de vela, com tempo forte, correndo três dias em arvore seca e no caminho descobre a *Ilha de João da Nova*. Na entrada de Julho (3) chegam a Moçambique, mas João da Nova em vista de informações ali colhidas, resolveu não deixar Álvaro Braga em Sofala.

Chegados a Quiloa, recebeu uma carta que ali deixara Pero d'Albuquerque, na mão de Pero Esteves, um dos degredados da armada de Vasco da Gama, e segue para Melinde, onde se demora até 28 de Julho. «Na véspera de Nossa Senhora de Agosto», — 14 à noite — fundeia nos Ilheus de Santa Maria. Durante a noite, os navios descaem, e na manhã seguinte acham-se nas Ilhas de Baticála, e vão surgir ao pórtio de Cananor; o Feitor Vinet contracta logo com uns mercadores, a venda de toda a carga por 15 mil pardaus de ouro, de 360 réis o pardau. Fixou-se a equivalência do *bahar* em 3 ¹/₂ quintais; desembarcou para tratar da carga, Paio Rodrigues com cinco homens.

Enquanto se andava na faina da carga e descarga, uns grumetes e bombardeiros, desafiados pelos mouros duma náu que tambem ali estava, resolveram fugir para elles, aproveitando a ocasião em que andavam nos bateis a proceder à descarga. No batel onde estes homens estavam, achavam-se tambem, dormindo a sêsta, dois homens do Feitor, que tinham debaixo de si, o dinheiro destinado às compras. Os grumetes afastaram o batel da proximidade dos outros; um dos bombardeiros, com um marrão esmaga as cabeças dos dois homens, e os grumetes atiram os corpos ao mar, e largam com o batel para Onor.

O capitão-mór exigiu logo a captura dos desertores, que lhe foram immediatamente entregues e fez-lhes cortar as mãos e enforcar no ilheu que fica ao mar do pórtio.

A armada largou para Cananor, e de caminho apreza duas náus de Calicut, onde encontraram 1200 pérolas de valor, e uns instrumentos náuticos, para eles completamente desconhecidos.

Chegado a Cananor, recebe João da Nova, uma carta do Samorim, que lhe é entregue por Gonçalo Peixoto, um dos portugueses da feitoria que Cwaja Bequí salvára: nessa carta pedia o Samorim ao capitão-mór, para que fosse a Calicut, e attribuia o ataque da feitoria aos Mouros, e oferecendo indemnisação pelos prejuizos causados.

João da Nova, mostrava-se indeciso, mas o Florentino Mice Vinet foi-lhe dizendo:

— Senhor capitão-mór, isso pode ser bom, mas não está em meu coração. Muito melhor me parece o comer do meu cosinheiro, que em comer que ora quer fazer o Rei de Calicut.

(1) Gaspar Correia, diz Sancho de Toar.

(2) Gaspar Correia, diz Moçambique.

(3) Barros Dec. 1-5-10 — Goes, diz Agosto.

Ao que João da Nova respondeu

— Prazendo a Deus lá iremos onde bem lhe souberem bailar como ele fizer o som

Carregadas as suas naus em Cananor, a armada foi fundear em Calicut. Apenas chegados apareceram embarcações com refresco e as boas vindas do Samorim, e nessa noite veio a bordo o Cwaja Bequi prevenir João da Nova para se acautelar, pois seria atacado por zambucos que viam com o pretexto de recolher a carga.

Efectivamente, na manhã seguinte apareceram os zambucos, e João da Nova ordena-lhes para fundearem «a tiro de pedra», o que eles fizeram. Mandou-os revistar, tentaram fugir e João da Nova fez disparar a artilharia sobre elles. Os tripulantes atiraram-se ao mar, as embarcações foram revis-tadas, mas apenas se lhes encontrou pimenta e drogas que traziam para os navios! Fora uma brutalidade.

Mas sem pensar em se desculpar para emendar o êrro, João da Nova agravou-o bombardeando a povoação e metendo no fundo os zambucos que estavam no pôrto, «que tudo ficou destruído».

No mar e em terra, a gente arvora bandeiras brancas, pedindo paz mas João da Nova «hasteia a bandeira de guerra, e manda alegrar a peleja».

Brutalidade não só inútil como prejudicial para o nome português.

Seguiu a armada para Cochim, onde fundeou salvando a terra. O feitor Gonçalo Gil Barbosa, prontamente carrega os navios donde desembarcam os seis homens que haviam de ficar na feitoria com Ruy Mendanha, «homem velho, valente cavaleiro», que passou a comandar os 60 homens que ali ficaram, foram instalar-se na povoação da ponta, que era já feita como fortaleza cercada, e muito bem tapada, com porta que de noite se fechava à chave, e grande cáva e a porta lhe vinham vender o que havia mister».

Ali foram as náus calafetadas, reparadas, breadas, e carregadas em 20 dias, ao cabo dos quais, seguiram para Cananor.

No entanto, o Samorim, desesperado pelo destroço feito por João da Nova, mandou sobre elle, uma grande frota de paraus, que o alcançaram justamente, quando elle saía de Cananor. João da Nova vendo os fez-se na volta do mar, e os mouros, iludidos, supondo que João da Nova fugia deles, «tomaram grande coração», e soltando grandes gritos e lançando foguetes, apertaram sobre elle.

Pelo meio dia, como começasse a viração do mar, João da Nova virou sobre eles com pouca vela, e chegando ao alcance, abriu o fogo, mettendo logo aos primeiros tiros, três paraus no fundo, dos outros, parte descafu para a baía de Cananor, parte fugiu a todo o pano, perseguidos pelo fogo da artilharia, que só cessou ao pôr do sol.

João da Nova regressou então a Cananor, para acabar de carregar, e a 12 de Dezembro (1501) larga para Melinde, onde faz aguada, dobra o Cabo, e a 21 de Maio de 1502, descobre a ilha a que põe o nome de *Santa Helena*, «ilha de bons ares, posto que pequena, muito proveitosa a todas as nossas náus que a ela vão ter, pela boa agua e fructas que nela acham».

Ali levantou uma capela num vale que se ficou chamando, — *Vale da Capela* (1).

João da Nova toca na Ilha Terceira e chega a Lisboa a 11 de Setembro de 1502, com as suas quatro náus, e por elas, «houve Elrei muita riqueza, e os armadores grandes proveitos, com que, depois, fizeram grandes armações para a Índia, com que ganharam e se fizeram grandes e ricos».

(1) Hoje, James Valley.

2 — Na armada do Viso-Rei

João da Nova tornou à Índia na armada do Viso-Rei D. Francisco d'Almeida, que saiu de Lisboa a 25 de Março de 1505, nomeado para cruzar entre o C. Comorim e as Maldivas, e levando no bolso um *alvará secreto* para, quando quizesse, assumir o comando da armada da Costa da Índia.

Ajudou o Viso-Rei a tomar Quiloa — Julho de 1505 — e a fazer a fortaleza.

Seguindo com a armada para Mombaça, foi mandado pelo Viso-Rei a terra a falar com o Scheick, opondo-se os mouros ao seu desembarque; João da Nova respondera-lhes com dois tiros de berço, "com que logo na praia ficou o pago das frechas", e recolheu a bordo. Nessa mesma noite voltou à praia, "a ver se podia tomar lingua", mas nada conseguiu por estar a praia vigiada. No escuro da noite elevou-se a voz de um desertor português:

— Ide dizer ao Viso-Rei que venha a terra, que em Mombaça não ha-de achar as galinhas da Quiloa, mas 20 mil homens que lhe hão de torcer o focinho...

O Viso-Rei resolveu atacar a cidade, e formou a sua gente em duas batalhas: numa delas foi João da Nova que foi dos primeiros a subir aos eirados das casas, donde os nossos lançavam grandes pedras sobre os mouros acumulados nas ruas.

Em Setembro construíram a fortaleza de Angediva e depois, foi João da Nova com D. Lourenço d'Almeida a Onor aprezar um navio com cavalos.

A armada no caminho para Cananor, foi nas alturas de Pandarame atacada pela do Samorim e João da Nova foi dos que se bateu na vanguarda.

De Cochim foi João da Nova mandado com D. Lourenço a Cananor vingar o assassinato do Feitor.

Mandou o Viso-Rei que a náu de João da Nova carregasse para regressar a Portugal; João da Nova reclamou por ter a sua nomeação para cruzar no Guardafui e o Viso-Rei atendeu-o, mas passados dias veio ter com o Viso-Rei recusando ir para o cruzeiro por ter no bolso o alvará que lhe dava o comando a armada da costa da Índia, e "ter sabido que sua capitania que trazia para o C. Comorim, não era cousa de proveito nem de honra", e apresentou o alvará secreto.

O Viso-Rei mandou ao secretário que o lêsse, e examinando a data verificou que fôra passado ainda quando vigorava a nomeação de Tristão da Cunha, e então voltando-se para João da Nova disse-lhe:

— João da Nova, amigo, vós vindes provido no meu regimento para capitão-mór do mar, com armada para andar daqui para o C. Comorim; quanto a essa provisão de capitão-mór do mar, se El-rei meu senhor fôra lembrado dela, ele a recolhera quando me deu este cargo, pois eu trazia comigo meu filho D. Lourenço, e vós, por vossa honestidade, tal não devereis querer, salvo se meu filho viesse provido por vosso alferes.

João da Nova ficou embaraçado; contudo terminou:

— A vontade de El-rei não se deve dar nenhum entendimento.

— Do êrro que nisso faço pedí ao secretário vossos papeis e mandae-os ao Reino, e S. A. vo-lo emendará.

— Senhor, dae-me licença para eu os levar e me tornar a El-rei.

— Isso me apraz, retorquiu o Viso-Rei, ireis na náu de Fernão Pessanha.

João da Nova aprontou-se mas partiu na Flor de la mar, em janeiro de 1506. Tendo passado Moçambique, a sua nau abriu água e teve de arribar à Ilha de Angoche e daí passou a Moçambique, onde pouco depois chegava Tristão da Cunha.

Era este muito amigo de João da Nova, "e pezou-lhe de o achar assim mal aviado e mandou vêr se a nau tinha corregimento". Tinha, mas difícil e demorado, e como ali estava uma nau de Lagos, de que vinha por capitão um André Dias, que depois foi Alcaide pequeno de Lisboa. Tristão da Cunha comprou-a, fez baldear para ela a carga da Flor de la mar, deu a capitania dela a Antonio de Saldanha, para a levar para Lisboa.

A Flor de la mar foi então posta a monte, bem concertada e entregue a João da Nova para ir com Afonso d'Albuquerque, "para que com alguma boa nova e proveito viesse à Índia, no tempo da carregação das naus, e o levar na sua companhia para o Reino, ou lhe dar o Viso-Rei alguma cousa em que se aproveitasse".

Na armada de Albuquerque seguiu pois João da Nova, de Moçambique à Ilha de S. Lourenço, que Tristão da Cunha queria que fosse reconhecida; feito isto, Albuquerque voltou a Moçambique, onde se demorou bastante e proseguindo na viagem, encontrou, nas alturas das Ilhas de Comoro, Tristão da Cunha.

Retrocederam então todos para Moçambique, seguem para Angoche, que atacam e saqueiam, passam a Quiloa, e atacam e tomam Brava. João da Nova "não entrou nesta festa, porque jazia em cama doente". Depois, atacam Socotorá, no que João da Nova tomou parte.

Em Fevereiro de 1507, Albuquerque largou de Socotorá e João da Nova acompanhou-o com a intenção de em Agosto regressar à Índia, como Tristão da Cunha lhe determinára.

Albuquerque vai de Socotorá a Calayate, que ataca e toma, segue para Curiate que também toma e depois para Mascate. Em todos estes ataques João da Nova teve o seu papel.

Então João da Nova resolveu seguir para a Índia, mas Albuquerque entende não o poder dispensar e exige que lhe preste menagem. João da Nova, submisso perante o capitão temível desbarretou-se e estendeu a mão direita que Albuquerque apertou, recebendo as palavras de menagem. João Estão lavrou o termo, e João da Nova, depois de o assinar disse para o capitão-mór:

— Eu, senhor, não me obriguei a andar em vossa companhia senão enquanto fôr de minha vontade, e Tristão da Cunha me mandou que quando fosse tempo me fosse para a Índia e depois para o Reino a contar vossos feitos, e por isso me dou por muito agravado por assim me prenderdes.

— Quando fôr esse tempo que dizeis, não vos tolherei vosso caminho, respondeu Albuquerque.

Foram depois tomar Soar e Orfacam e Ormuz, que ~~atacam~~.

Feita a paz, João da Nova foi um dos capitães mandados a terra a assistir à assinatura do tratado.

Quando Albuquerque ali quiz levantar fortaleza, ~~todos os capitães se~~ opozeram, à excepção de Francisco de Távora e João da Nova, que declararam querer regressar à Índia, e por isso não entram na ~~defensão~~.

Os capitães vendo que se João da Nova recusasse ~~entrar na~~ a fortaleza, Albuquerque seria forçado a retirar. ~~Por isso e por eles não~~ a Índia.

João da Nova, assim empurrado, dirigiu-se a ~~S. Lourenço~~.

— Senhor: Tristão da Cunha me mandou que viesse com vossa mercê e com ela andasse até fazer alguma coisa boa de que levasse nova e me fosse para a Índia, para ir nas náus do Reino. É tempo de partir.

— Senhor João da Nova, respondeu Albuquerque, perdôe Deus a quem bem vos não aconselha, como é pedir-me tal licença, estando eu em tanta necessidade...

João da Nova replicou:

— Vós não me daes licença? Pois eu tenho-a de Tristão da Cunha, que me mandou que me fosse...

— Se fordes sem minha licença que credito vos darão? Bom castigo por abandonardes a bandeira de El-rei Nosso Senhor, sem licença do vosso capitão-mór.

— O meu capitão-mór mandou-me ao ver o fazeis é tornar com novas vossas, — assim não érro.

— Ora para que não erreis vos hei por preso nesta náu e dela não saíreis.

E levantando a voz:

— João Estão, fazei outro auto de menagem. Gomes Teixeira tomae o comando da náu; e vós, João da Nova, recolhei-vos preso ao castelo da prôa.

Passados dias, por intervenção dos outros capitães, Albuquerque mandou-o soltar.

O cerco de Ormuz proseguia; um dia estando todos os capitães na tolda da náu de Albuquerque, João da Nova voltou à carga com o seu pedido de regresso à Índia.

Albuquerque passeava na tolda, de um para outro lado, por entre os capitães, coifiando a longa barba; ouviu-o, e repetiu as explicações que já uma vez lhe dera, da grande falta que lhe faria a retirada dum só navio: era a interrupção do bloqueio, o que constituia um grave êrro, e um crime apoz tantos sacrificios feitos. Pois não viam todos como a cidade estava apertada pela fome e pela sede? Mais um pouco de paciencia e ela se renderia e colheriam todos os frutos dos seus trabalhos. Com certeza que João da Nova não podia desertar numa ocasião destas; seria uma grande vergonha...

Os capitães fitaram João da Nova e faziam-lhe sinais incitando-o; e êle retorquiu:

— Bem vejo que o meu êrro é pedir-vos licença a vós, quando a tenho do meu capitão-mór. Da voossa licença não preciso, pois não sou da vossa armada, nem da vossa obrigação.

Albuquerque, então, estacou e voltou-se de frente para êle:

— Que? Tendes licença? Dizeis que vos ireis sem licença minha? Que? Dizeis que faltareis à obediência que me deveis?

— Se soubêra que havíamos de ter estes debates, em tal vos não fallaria, e já me teria ido. E é o que vou fazer.

Albuquerque que até então se contivera, explodiu "com grande paixão".

— Por êsse grande desacatamento eu vos soltarei os vãos sonhos que trazeis na cabeça, que em ferros andareis debaixo da minha coberta...

— Ferros a mim? Vós é que os merecieis e maiores pelos muitos maus êrros que tendes feito.

Albuquerque, espumando, num daqueles seus impetos que o faziam tão temido, arremeteu com João da Nova, lançando-lhe as mãos aos peitos e sacudiu-o bradando:

— Meirinho! Meirinho! aqui já! Ponde ferros neste traidor!

O meirinho correu, poz a mão no hombro de João da Nova e er Albuquerque largou-o.

Ao abrir as mãos, porém, saíram no convez alguns pêlos das barbas de João da Nova uzava comprida até à cintura, e que Albuquerque rancára.

João da Nova baixou-se, recolheu num lenço os pêlos caídos, e c rando exclamou:

— Isto que me fizestes, ou vós ou Tristão da Cunha m'o pagar perante o conselho de El-rei, dêle e de vós me queixarei para que me quem esta injuria que me fizestes de me arrancarem as minhas barbas!

Mais socegado agora, depois da violência que praticára, Albuquerque retorquiu-lhe:

— Tudo quanto julgarem pagarei. Mas ficae certo, João da Nova, ainda que as barbas todas vos arrancasse, nem assim mesmo El-rei mandaria cortar a cabeça. Perdoe-vos Deus, João da Nova, perdoe Deus que tomaes maus conselhos de quem vos mete no fogo e se af para fóra e fazem de vós cabresto, o que vós mal entendeis.

Foi levado pelo meirinho, metido sob a coberta, mas pouco dep removido para o castelo da prôa; passados dias foi mandado para a nau com menagem assinada, de se não afastar do capitão-mór.

Passado tempo, os capitães voltaram a incitar João da Nova para girem; este porém, a quem as palavras de Albuquerque — «e fazem de cabresto» — tinham ficado a ruminar, respondeu-lhe:

— Muito me peza, mas não entro mais em tais combinações; tenho minha menagem assinada e não a quero perder. É perante El-rei que apresentarei as minhas demandas com o capitão-mór.

Depois, os capitães fugiram, e Albuquerque viu-se só com Francisco de Távora e João da Nova: levantou então o bloqueio e mandou João Nova para a Índia.

Chegado a Cochim, João da Nova apresentou-se ao Viso Rei, «fazer grandes exclamações contra Albuquerque», apoiado pelos outros capitães, mas o Viso Rei não os atendeu e mandou-os processar, — Outubro 1508. Mas em carta de 20 de Novembro dirigida a El-rei, o Viso Rei crevia que João da Nova «se agravára» por El-rei não lhe ter conservado cargo que lhe dera e que comprara por seu dinheiro, e deu conta de si que testemunham grandes feridas de que tem os sinais, e muito trabalho. Afonso d'Albuquerque que com êle teve grandes diferenças, me escreve que vos tinha muito bem servido».

Na grande batalha naval de Diu — 3 de Fevereiro de 1509 — João da Nova teve o seu papel, indo numa galé incendiar as naus inimigas. Nas discussões que em seguida se deram entre o Viso Rei e Albuquerque, João da Nova colocou-se ao lado do Viso Rei, pelo que êste, quando retornado para Portugal quiz leva-lo comsigo. João da Nova, porém, estava gravemente enfermo, em Cochim, onde por fim morreu, tão pobre e desamparado que foi Albuquerque quem lhe fez o enterro, «e com tochas o levá á cova».

Assim acabou êste homem que é o tipo dos capitães desta época: audáz, sincero, rude, com todas as grandes qualidades e todos os enormes defeitos dos homens de então.

V

VASCO DA GAMA

(2.^a Viagem)

10 de Fevereiro de 1502 — 1 de Setembro de 1503

- 1 — A Armada.
- 2 — Sofala — Quiloa.
- 3 — Melinde.
- 4 — Na Índia.
- 5 — Vicente Sodré — Regresso

Arrebatava-os o murmúrio das sereias do mar, cantando na vaga espumosa que se parte contra as rocas da Arrabida e de Cintra, dançando na areia branca ao sopro do vento...

Oliveira Martins — *Port. nos Mares* p. 11.

10 de Fevereiro de 1502 — Saí de Lisboa.
 28 " " " — Avista C. Verde.
 Fim de Maio — Dobra o Cabo.
 4 de Junho — Moçambique.
 12 " " — Quiloa.
 ? " " — Melinde.
 18 de Agosto — Saí de Melinde — Avista a Costa da Índia Baticalá.
 20 de Outubro — Cananor.
 27 " " — Saí.
 29 " " — Calicut.
 10 de Novembro — Bombardeia Calicut.
 12 de Fev. de 1503 — Larga para Calicut.
 1 de Setembro — Lisboa.

Vasco da Gama

(2.^a viagem)

1502-1503

I—A Armada

As informações trazidas por Cabral permitiam, agora, fixar a orientação da política a adoptar na Índia

Tinham-se precisado os seguintes pontos: os hindus não eram cristãos, havia umas colónias de cristãos nestorianos em diversos pontos do sul da Índia, comunidades sem valor algum político. Cochim era o rival nato de Calicut: tínhamos ali feitoria e um inimigo no Samorim. Consolidar a primeira, punir o segundo, converter o maior numero de hindus ao cristianismo, eis os objectivos da armada que D. Manuel mandou preparar, e cujo comando confiou a Pedro Alvares Cabral.

Vasco da Gama, porem, estava ancioso, por reaparecer nos mares da Índia a testa duma armada importante com a qual pudesse punir o Rajah de Calicut, que tão grandemente o ofendera nos seus brios de fidalgo, e então apelou para o direito que D. Manuel lhe dera de assumir o comando de qualquer armada que se organisasse para a Índia e foi-lhe logo entregue esta, "mesmo porque Pedro Alvares não era bem afortunado nas causas do mar".

Segundo Gaspar Correia, a armada era assim composta:

S. Jeronymo, capitania, capitão Vicente Sodre, (1)
tio de Vasco da Gama

Leonarda — Capitão D. Luiz Coutinho

Leitôa (nova) — Capitão Fernão d'Atouguia

Batecabelo — Capitão Gil Fernandes de Sousa

S. Paulo — Capitão D. Alvaro de Ataíde.

S. Miguel — Capitão Gil Matoso

} Naus grandes

(1) — O apelido Sodre vem da Inglaterra para Portugal no reinado de Afonso V, na pessoa de Fradique Sodre, cujo filho foi Vedor de D. Manuel, e alcaide mor de Tomar. Vasco Gonçalves Sodre foi morador da Graciosa em 1510.

<i>Bretoa</i> — Capitão Francisco Mareco.	} Navios pequenos que deviam ficar na Índia
<i>S. Rafael</i> (naveta) — Capitão Diogo Fernandes Correia, feitor de Cochim.	
<i>Vera Cruz</i> (naveta) — Ruy da Cunha.	
<i>S. Helena, ou Esmeralda</i> — Capitão Pedro Afonso de Aguiar.	} Caravelas
<i>S. Marta</i> — Capitão João Rodrigues Badarças	
<i>Fradeza</i> — Capitão João Lopes Perestrelo.	
<i>Salta na palha</i> — Antão Vaz.	
<i>Estrela</i> — Antonio Fernandes Roxo.	
<i>Garrida</i> — Pero Rafael.	

Segundo o Livro de Toda a Fazenda, Vasco da Gama levou 20 embarcações em 3 armadas:

1. ^a armada: Saíu a 10 de fev. de 1502	}	D. Vasco da Gama.
		Pedro Afonso d'Aguiar — Francisco da Cunha
		João Lopes Perestrelo — Ruy de Cantanhede.
		Gil Matozo — Luiz Fernandes.
		Antonio de Campos — Diogo Pires.
2. ^a armada: 10 Fev 1502	}	D. Luiz Coutinho.
		Vicente Sodré, tio de Vasco da Gama.
		Pero d'Athayde — Braz Sodré, irmão do Vicente.
		João Roiz Badarça — Pero Rafael.
		Estevam da Gama, primo de Vasco da Gama.
3. ^a armada: Que partiu a 1 de Abril	}	Thomaz de Carmona — Lopo Dias, criado de
		D. Aleixo. — Lopo Mendes de Vasconcelos
		— João de Buena Garcia, italiano.
		Em Moçambique armaram uma caravela que levavam desarmada; capitão João Serrão.

Desta armada voltam a Lisboa 10 navios em 1 de Setembro de 1503. Embarcaram 800 homens de armas, "tudo homens honrados".

O soldo dos soldados era a 3 cruzados por mês, e quando em terra, mais um para mantimento, dois quintais de pimenta para o Reino, em cada ano e meio, comprados à sua custa e pagando frete, bem como o quarto de vintena "que era de vinte, um" para a Senhora de Belem.

Dos cinco navios pequenos destinados a ficar na Índia seria capitão Estevam da Gama, o qual só partiu a 1 de Maio.

Nesta armada iam muitos fidalgos, e os embaixadores de Cochim e Cananor (1).

A armada, excepto os cinco navios de Estevam da Gama, reuniu em Belem, onde El-Rei a visitou e largaram a 7 de Fevereiro de 1502; a 10, segundo João de Barros Goes e Osorio, a 25 de Março segundo Gaspar Correia.

Estevam da Gama partiu com sua armada a 1 de Abril.

Vasco da Gama voltava á Índia com ideias de vingança, e deu provas dessa frieza sanguinária, impassível e cruel, que efectivamente existe no

(1) — Esta armada levava as seguintes instruções: Economia nas provisões; ração de vinho a cada marinheiro, 3 quartilhos; fazer aguada em Beziguiche; para os navios se não perderem salvarão ao capitão-mór; quando este quizer virar fazer 2 tiros, sinal que os outros navios repetirão; se a frota tocar em Melinde entregará ao Sheick carta e presente de D. Manuel; irão a Cananor. Para com as naus de Calicut nada de contemplações; em Cochim entregará cartas e presentes.

temperamento quasi africano do português. Grande sobre as ondas, (1) em luta com os temporais, é a imagem da Nação, cuja grandeza está na coragem e na teima com que soube vencer o Mar Tenebrozo. Um terremoto agita o mar da Índia quando o Gama pela segunda vez o trilhava; e o Almirante, imagem da bravura épica do povo portuguez, acreditou e disse, que até as próprias ondas tremiam com medo nosso, — com medo d'ele!

A 28 chegava a Cabo Verde. Nas alturas de Guiné, adoce-lhe muita gente, com as calmarias, entre a qual, Fernão d'Athouguia, capitão de Leitôa Nova, sendo substituído por Pero Afonso d'Aguiar, capitão da Santa Helena, e para esta passa Pero de Mendonça.

A 6 de Março fazem aguada em Bezeguiche, e daí vão com vento favorável às costas do Brazil. A 29 perdem de vista a Ursa maior, «o sol estava a prumo, de sorte que cousa alguma tinha sombra ao meio-dia, e no dia 2 de Abril já não tínhamos no ceu ponto algum de referencia. Nêsse mar vi peixes que voavam como passaros, a distancia dum tiro de besta... e vimos gaivotas pretas com pescoço branco... (2)

A 11 de Abril ao meio-dia, tinham o sol ao norte, e a 20, o vento saltou para o sul, forçando-os a andar cinco dias fóra de rumo; foram avistar a costa do Brazil e correram até ao C. de S. Agostinho donde atravessaram para o de Boa Esperança que dobraram em fins de Maio, com grandes temporais de chuva, saraiva, relampagos e trovões, que duraram seis dias, espalhando a armada, ficando o Almirante só com duas naus e três caravelas. Os outros navios correram separados para Moçambique; o navio de Pero de Mendonça afunda-se á entrada do parcel de Sofala, salvando-se a gente nos navios do Marecos e do Badarças.

A armada concentra-se por fim em Moçambique — 4 de Junho — sendo Vasco da Gama bem recebido pelo Sheick, que não era o velho Zacoeja, que morrera já, e aí armaram a caravela que levavam desarmada, a *Pomposa*, cujo comando foi dado a João Serrão.

António do Campo, dobrado o Cabo, é arrastado para uma grande baía onde fundeia: é a que mais tarde Lourenço Marques reconhece e fica com o nome dêste. Desta baía traz António do Campo a informação de que três grandes rios desaguam nela os quais teem origem comum, numa grande lagôa interior, informação que fez com que a baía fôsse muito tempo conhecida pelo nome de *Baía de Lagoa*, nome que hoje perdeu para nós, mas que os ingleses ainda conservam.

2 — Sofala — Quiloa

Pero Afonso Aguiar é mandado de Moçambique reconhecer Sofala, com duas caravelas.

A baía de Sofala tem uma barra de meia légua, e era em parte obstruída por um banco de areia logo à entrada, e vários outros dentro. A terra, longe do fundeadouro, é baixa e alagada e coberta de mangal. Havia nela negociantes árabes que prestaram informações acerca do oiro do interior.

Pero Afonso presenteara o Sheick com uma peça de grã e panos de côres, um grande espelho de Flandres, e vários outros objectos entre os quais contas miúdas, cristalinas «com que muito folgou Elrei».

(1) Oliveira Martins — *Historia de Portugal*.

(2) Viagem de Vasco da Gama a Calicut — *Narrativa Flawenga*, ed. de 1881.

O Sheick presenteou o Aguiar com um anel de ouro, e "ram continhas de ouro enfiadas, a que lhes chamam pingos"; um, de 3 maticais (1) para Elrei: outro de 1000 para o capitão-mór e outro de 500 para o Aguiar.

Pero Afonso fez lavrar "um escrito" do que se passou, e um tratado de paz e amizade, trocou as mercadorias que levava, por ouro, e regressou a Moçambique onde ainda encontrou o capitão-mór. Este, deixando ali João Baixo, por feitor, com dez homens e fazendas, para negociar com Sofala, (2) e João Serrão na Pompoza com 30 homens e duas peças de artilharia miúda, larga para Quiloa, onde chega a 2 de Junho, indo surgir na frente da cidade, "que está em ilha, que a cerca em roda agua de mar da parte da terra é pouca agua, que com a maré chega pelo jiolho".

A cidade tinha boas casas de alvenaria com seus terraços: assentadas na praia, cercada de muro e torres, com uma população de doze mil almas.

A terra, em redor, de pomares e hortas, "as melhores laranjeiras que nunca se viram e canas de assucar e figos e romãs, e muita abundância de gado e mórmente de carneiro, que tem gordura na rabada, quasi tamanha como o corpo, e muito gostosa".

"As ruas mui estreitas e sombrias por as casas serem altas de quatro sobrados, que todos por cima se podem correr pelos terrados assim serem as casas muito juntas, e no porto estão muitas naus. O Sheick de Quiloa era mouro, que não tinha mais terra que a propria cidade".

Combinou-se uma entrevista no mar, e Vasco da Gama propoz ao Sheick Ibrahim que se avassalasse; este "tornou-se muito triste, dizendo cousas de boa amizade era ser amigo como irmão, e em sua cidade e reino bem agazalharia os portuguezes, e tudo lhes mandaria dar por dinheiro mas que pagar cada ano dinheiro ou joia, não era modo de boa amizade porque era sujeição tributária, que era como homem cativo..."

Vasco da Gama então ameaçou prendê-lo e bombardear a cidade. O Sheick, receoso, avassalou-se. Lavrou-se termo, (3) dando o Sheick refens um tal Mafamede Ancone, homem importante, e mais dois outros mouros. Este Mafamede, contudo, resgatou-se por um colar de pedraria de dez mil cruzados, e outros objectos de ouro.

"Na cidade haviam mui formosas mulheres, as quais por serem encerradas dos mouros, eram cativas e maltratadas, pelo que nestes fugiam muitas que se vieram para os Portuguezes, que escondidamente metiam nas naus". Soube-o Vasco da Gama, mandou-as prender, "pa-

(1) O material valia 500 réis.

(2) O negócio de fazendas em Sofala era muito rendoso: «por um pano que valia 150 reis davam um pezo do ouro que valia 750...». Ali souberam que no interior de Sofala havia minas de ouro donde se podia extrair anualmente 2 milhões de maticais «vale cada matical um ducado e um terço, e que nos anos passados estando o paiz em paz as naus de Meca, de Judá e de outros lugares, tiravam das minas os ditos dois milhões» — viagem ás Indias orientais por Thomé Lopes, na Noticia para a História e geografia das noções ultramarinas — Tomo II.

(3) Goes, Chron. pag. 89 diz que a vassalagem foi imposta como pagamento anua de 2 mil maticais d'ouro. Em cada 126 contos de hoje. No tempo da conquista o matical valia 500 reis (S. Codin Lendas II-3); Goes diz 420 (Chronica de D. Manuel I, 371; Barlenga diz que uma onça são 6 1/2 maticais; Barros diz equivalerem 30 maticais a 14 mil réis. O matical de May (4069 gramas) tem 8 tauges de 500 reis; três maticais comprehendem uma peca de 8 mil reis, que em Moçambique vale 12 (Bowalo-Moçambique 77). Os 1500 maticais de Quiloa valeriam pois mais de 700 mil reis brancos, que á razão de 5 4 reis são 3.780 mil reis. Decatuplicando, em virtude do poder comprovado do dinheiro, tomamos uma equivalencia de 19-20 contos da moeda de hoje. Este era o cálculo de Oliveira Martins. Ha agora a incluir a diferença do valor da moeda do tempo de Oliveira Martins para hoje, ou seja muitas vezes mais, o que dá 190-200 contos.

vam de duzentas», e pôr em terra, reservando apenas «algumas meninas que não fôsem tocadas de homem».

Alguns maridos, porém, recusaram receber as fugitivas e ficaram assim umas quarenta, que Vasco da Gama teve de se resignar a receber a bordo e levar para a Índia, desembarcando-as em Cochim e Cananor. As «meninas não tocadas de homem», levou-as para Portugal.

3 — Melinde

A armada largou de Quiloa a 2 de Julho, encontrando à saída, Pero Afonso d'Aguiar vindo de Sofala, e juntos entraram em Melinde, onde o Sheick veio logo visitar o Almirante, acompanhado pelo degredado Luiz de Moura, que Cabral ali deixára.

O Sheick recebeu os presentes que D. Manuel lhe mandava, abasteceu a armada e entregou a Vasco da Gama um colar destinado a El-rei, do valôr de dez mil cruzados, e ao capitão-mór deu outro de menor valôr, e um catre de Cambaya, «lavrado de oiro e cascas d'Aljofre, cousa mui formosa», afóra uma arca de panos ricos para a Rainha, um sobreceu lavrado de branco, «a mais sutil cousa feita á agulha que nunca outra tal fôra vista, que fora feita em Bengala, terra onde se fazem cousas d'agulha mui maravilhosas.. »

A 18 de Agosto 502 a armada partiu de Melinde e no dia seguinte avista a armada de Estevam da Gama, que saíra de Lisboa dois meses depois de D. Vasco.

Todos juntos, vão ao C. de Santa Maria, — o Ras Mory — na ponta oriental da I. de Socotorá; a 30 de Julho vão correndo ao longo da costa de Mahra Gahra (Marabia), na Península arábica; a 5 de outubro avistam a Estrêla polar e a 21 a costa indiana, que vão percorrendo na direcção do Sul.

4 — Na Índia

Na travessia da costa Africana para a Indiana, o tempo apresentou-se escuro e o mar grosso, vendo-se as caravelas obrigadas a correr com todo o pano, porque o mar de pôpa as alcançava, e foram entrar em Dabul onde meteram as velas latinas e concertaram a artilharia.

Saindo de Dabul, a armada foi correndo ao longo da costa e surgiu na frente do rio de Onor, onde se tinham ido refugiar três embarcações que o lingua Gaspar dizia pertencerem a um célebre corsário, o Timoja.

Vasco da Gama mandou a Estevam da Gama que entrasse no rio em bateis, e foi este encontrar algumas tranqueiras, donde lhe atiraram bombardadas. Os Portugueses desembarcaram, e os Mouros fugiram. Incendiando a povoação e alguns navios que estavam no porto, a armada seguiu para Baticálá, (Bathcal), onde estavam muitos navios carregados de arroz, ferro e assúcar; a povoação foi tributada em duas mil cargas de arroz anuais por dali terem feito fogo aos navios, e proseguiram para Cananor.

Antes de chegarem à altura de M. Dely, um pé de vento quebrou o mastro grande da *Leitoa* e o da *Esmeralda* em que ia *Pedro Afonso* d'Aguiar. As lanças que iam na gavia caíram no convex matando quatro homens e ferindo outros, «e tal homem houve, que ficou trancado de oito lanças». O capitão-mór foi então surgir na enseada de *Marabia* para reparar as avarias.

Na altura do M. Dely. — o Ely de Marco Polo, — a armada pairou esperando as *naus de Meca*, "e queriam destrui-las afim de que o Rei de Portugal fôsse o único senhor das especiarias da India". Aí apresaram uma grande nau que vinha de Meca, e pertencia a um irmão de Cuaje Cassem, o feitor do Rei de Calicut, (1) a qual foi saqueada e incendiada após desesperada resistência dos Mouros que durou dois dias; foram mortos mais de 300 mouros e as creanças que nela iam mandou-as Vasco da Gama para a sua nau e levou-as para Portugal "para fazer deles frades".

A 20 de outubro entra em Cananor, onde o capitão Ruy de Mendanha e o feitor vem logo a bordo, informando terem sido mui bem tratados pelo Rajah, que por esse facto atraira sôbre si os odios de Samorin.

Vasco da Gama foi visitá-lo, entregando-lhe uma carta de D. Manuel e um presente de seis peças de setim cramezim e outras de veludo e brocado e uma espada esmaltada d'ouro. O rei retribuiu com um colar, braceletes e aneis, para a Rainha.

Fixaram-se os preços para compra e venda em conferência com os negociantes, bem como os pesos, ficando tudo regularizado e definido.

Então o Almirante fixou os navios que haviam de ficar na Índia formando armada sob o comando de seu tio Vicente Sodré: esta armada ficaria cruzando na costa e guerreando toda a navegação que não pertencesse a Cananor, Cochim ou Coulão, e esta mesma devia apresentar *Cartas* assinados pelos feitores autorizando-os a navegar.

Para feitor de Cananor e desta armada, foi nomeado Gil Barbosa, que estava em Cochim com Sebastião Alvares e Diogo Godinho por feitores, e para Cochim foi Diogo Fernandes Correia, e James Teixeira, feitor de Cananor foi nomeado capitão duma caravela, e Ruy Mendanha doutra.

Desembarcaram tanoeiros, cordoeiros, calafates, carpinteiros e outros artífices, para procederem às reparações das armadas que ali viessem, e nos armazens ficaram mercadorias para compra do gengibre; contrataram-se indígenas para os diversos trabalhos, e uma guarda de Naires. Além do gengibre o Feitor deveria adquirir e armazenar arroz, mel, manteiga, côco, azeite e peixe sêco.

Organizada a Feitoria, Vasco da Gama despediu-se do Rei e largou a 27 de outubro de 1502 (2), indo fundear a 29 em Calicut.

O pôrto estava completamente vazio, do que o capitão-mór "houve grande paixão"; o Rei, para o apaziguar mandou-lhe um Brahamane com uma bandeira branca e propostas de paz. Este Brahamane, para que lhe não fizessem mal, vestira um habito de frade e levava 20 mil cruzados de ouro para resgate de doze mouros que Vasco da Gama capturara como refens e caução da indemnização da feitoria.

Vasco da Gama "mandou arrecadar o frade", recebeu o dinheiro, e respondeu ao Rajah que a indemnização era mesquinha; este, então, mandou mais 20 mil pardaus, e o capitão-mór respondeu que estavam perdendo tempo, e fazendo aproximar os navios da cidade, bombardeou-a, enforcou nas vergas os prisioneiros que fizera, mutilou os cadáveres, fez-os meter nas embarcações apresadas, as quais, soltas, foram com a enchente, levadas para terra!

A 2 de novembro o bombardeamento proseguiu, foram saqueados e queimados todos os navios que estavam no pôrto, e a armada largou, ficando sôbre Calicut, Vicente e Brás Sodré, Pero d'Athayde, Pero Rafael,

(1) Ao Soldão da Babylonia, diz a crónica de El-Rei D. Manuel: esta nau chamava-se *Mery*, capitão Joarfaquin.

(2) Goes diz 28 dezembro de 1502.

João Rodrigues Badarças, Antão Vaz e António Fernandes Roxo, com 200 homens, entre os quais muitos besteiros, "que então ainda não havia homens de espingarda", artilheria e munições

Ja a armada saindo quando apareceram ao mar duas grandes naus e vinte e tantas zambucos e pageres de Choromandel carregados de arroz e e roupas. Apresados e saqueados, o capitão-mór fez cortar os narizes, orelhas e mãos aos prisioneiros, — uns oitocentos — fê-los meter nos pageres e atira-los para a praia!

O clamor da população a ver os infelizes mutilados foi um horror!

Levantou-se uma onda de indignação e todos correram a alistar-se sob o comando de Cuaja Cassemo

Estava o Almirante para largar para Cochim, quando o Rajah de Cananor lhe manda dizer que, "um mouro possante", capitão de oito naus, carregara no seu porto e pirtura sem pagar as fazendas nem os direitos reais. O Almirante despacha logo o Sodré e este encontra os navios à saída do porto, em calma

O comandante mouro, Coja Mehemed Marcar, (os nossos chamam-lhe Coja Marcar ou Cuaja-Mamemmarcar), natural do Cairo, era homem rico duro, voluntarioso, conhecido em todo o Estreito e costa da India (1)

Sodré intimou-o a que fôsse a terra pagar o que devia o mouro desesperado, e proferindo "grandes deshonras contra o Rei", cumpriu contudo a ordem, e foi a terra pagar o que devia, mas ao embarcar, dirigiu novos insultos ao Rei, do que este se queixou ao Sodre. Sodre fez chamar o Mamemmarcar a bordo do seu navio levou-o a praia fê-lo despir e amarrar a um mastro, zurzir por dois pretos com "dois arrevers" alcatroados no cu e na barriga que era muito gordo, tantos açoutes até que ficou como morto, e por fim meteram-lhe na boca "sugidade e por cima um pedaço de toucinho cosido"

O mouro oferecia dez mil pardaus de ouro para lhe não meterem porcarias na bôca mas Sodre recusou

— Dinheiro paga mercadorias, e castigo mas palavras!

O Rajah foi quem ficou radiante, dando mil pardaus de ouro ao Sodre, e estabelecendo-lhe uma pensão diária de um pardau de ouro "para galinhas para a sua mesa". Esta moeda foi depois paga, também, a todos os capitães que entravam naquele porto

Vasco da Gama no caminho de Calcut para Cochim, "foi fazendo

(1) Ahmed Marcar ou Coja Mehemed Marcar, e seus irmãos Cunji Aly Marcar Aly Ibrahim Marcar e seu tio Mahamad Aly Marcar, eram os principais mercadores de Cochim ao principal, Cunji Aly, chamavam os nossos, o *Cunhale*. Tendo lhe os portugueses apreendido uns navios fizeram-se capitães das armadas de Samorim e apparecem em todas as guerras daquela costa. Estabelecem-se em Pudepatan e Cotcale donde saíam às presas por fim j de Calcut o que levou o Samorim a pedir ei

O Baly Aeem, foram outros tantos inimigos que os portugueses arranjaram por extorsões que lhes fizeram. Em 1523 a pirataria tornou-se tão atrevida perante a brandura de D Duarte de Menezes, que queria entregar o governo ao successor sem guerras, que estes piratas vieram à vista de Cochim, onde o governador estava, com bandeiras tangeres e foguetes, gritando e zombando. O governador, da janela, viu-os e sorrindo dizia

— Pouca vergonha de ladrões!

O Cuty Aly foi batido em 527 em Bacanor por Lopo Vaz, e em 528 D João d Eça bateu-o e prendeu-o em Mangalor, mas elle resgatao-se, prometendo cessar a pirataria, promessa que so cumpriu em 529 ajudando a salvar o navio de Bastião Ferreira que naufragara em Tanor e dele diziam os portugueses da epoca, «mouro nosso grande amigo, o mór que nestas partes tiveram os portugueses e houve disto tal galardão, que se fez corsario pelo mar, em parás armados»

quanto mal poudes, no que achou no mar», e informado ali pelo Feitor Gil Barbosa das bondades do Rajah para com os portugueses, foi a terra visitá-lo entregando-lhe uma carta de El-rei D. Manuel, uma taça de prata gravada contendo 2 mil cruzados, e outros presentes mais, entre os quais uma corôa de ouro, «muito lavrada de antretalhos, forrada de setim de côres, cousa mui formosa». O Príncipe recebeu uma espada, um colar de ouro e uma tenda. As cinco naus grandes e os seis navios pequenos, ali carregaram especiarias e drogas; regularizou-se o serviço de Feitoria, onde ficaram 10 homens para serviço de Feitor, outros dez para o Almojarife e três para cada escrivão.

Duarte Fernandes, o *Tassalho*, foi nomeado almojarife do armazem das caravelas.

Descarregou-se coral, cobre, mercúrio, vermelhão, bacias de Flandres, tecidos, facas, espelhos e sedas; fixaram-se as tabelas de preços os pesos e medidas.

Conhecida em Coullão a liberalidade do Almirante, a Rainha apressou-se a mandar pedir a Vasco da Gama para que ali mandasse carregar, pois que de Coullão é que ia para Cochim a pimenta que os portugueses aqui carregavam.

Vasco da Gama, não desejando afrouxar as relações com o de Cochim, declinou o oferecimento, aconselhando a Rainha a entender-se com o Rajah. Este fez dificuldades a qualquer acôrdo mas por fim acedeu a que a Coullão fôsem anualmente dois navios portugueses: para lá foram logo expedidos Diogo Fernandes Piteira e Francisco Marêcos, com João de Sá Pereira por Feitor e mais dez homens estabeleceu-se a feitoria em Calle Coulam, «que é cinco léguas do porto».

Estavam os navios carregando em Cochim quando constou que o Samorim aprontava uma armada sob o comando de Cuaja Cassem e de Cuaja Ambar, «capado mouro que era chegado de Meca», para atacar os navios portugueses.

O Rajah aconselhou o Almirante a sair do porto antes da armada inimiga chegar: Vasco da Gama, porém, recusou desdenhosamente, compreendendo que se fugisse, o prestígio português caíria para sempre. Mandou uma caravela a Cananor, a chamar o Vicente Sodré, que correu logo, e mandou sair as caravelas do rio e com toda a armada, — eram dez navios carregados, — largou para o mar. A armada de Calicut vinha ao longo da terra, «com pouco vento terreno, que eram tantas velas que os mouros não viam o cabo porque vinham umas atrás das outras em grande fio». Seriam 30 naus e inúmeras fustas e zambucos, umas 70 embarcações: na frente, a nau do Cuaja-Ambar (Cajambar).

5 — Vicente Sodré — Regresso

O Sodré, sem sombra de hesitação, ordena às caravelas que se metam ao longo da terra, «em fio», e uma vez entre o inimigo e a costa dispararam toda a artilharia: cada caravela levava 4 peças grossas em baixo, 6 falcões na tolda, dois à pôpa, e dez berços na tolda e nas perchas. Os outros navios levavam seis peças no convés, duas menores à pôpa, em cima 8 falcões e berços e no porpau duas peças pequenas.

Na caravela mais avançada ia Pero Rafael que foi quem abriu o fogo: os outros navios imitaram-no; a capitania inimiga teve logo um mastro deitado abaixo e a pôpa despedaçada: três naus, das grandes, receberam tiros abaixo da linha d'água, «com que se foram emborcando e foram ao fundo»,

ficando a gente a nado, agarrada aos destroços e aos remos dos parás, impedindo assim a marcha destes, e fazendo-os embarçar uns nos outros, o que dava um excelente alvo á artilharia portuguesa. Os mouros respondiam como podiam com a sua artilharia, "que deitava pelouros como balas".

Estava a armada do Cuaja-Ambar destróçada, quando appareceu a de Cuaja Cacemo, umas cem velas, na sua grande maioria zambucos. Como um leão bravo, Sodré solta todas as velas e investe com a capitania inimiga: os navios grandes do inimigo, vendo este movimento endireitam sobre ele, que se não desviou uma só linha, com a artilharia prestes e seguido por Lourenço Ravasco e Vasco Fernandes Tinoco.

Ao passarem pelos nossos, os navios mouros despejam toda a sua artilharia, mas pouco dano causaram por se manter toda a gente em baixo «não parecendo senão os bombardeiros e os homens que os ajudavam. «Acabando de passar os nossos navios e velas iam todos cobertos de frechas com muitos buracos nas velas e enxarcias quebradas»; mas os dos mouros, ficaram quebrados, assombrados e desmastreados.

As caravelas, "que correram ao longo da praia", vendo que os mouros não traziam artilharia grossa, entraram com eles sem receio, e ao passarem, mataram-lhes muita gente, e quebraram-lhes os mastros. Como os navios inimigos aproassem á terra para se escapar, foram os bateis pelas pôpas e afundando-os".

O vento, porém, caiu e a nossa armada ficou imobilizada, ao que a inimiga, a remos, ia fugindo a salvo. As caravelas, porém, «se foram atoadando com os seus esquifes, com que se achegavam às naus grandes», e Pero Rafael tal esforço fez, que se chegou á nau de Cuaja Cacemo, derribou-lhe a verga que caíndo dentro do navio derrubou e matou muita gente.

Largaram os bateis com falcões e berços, levando cada um, 20 homens armados de béstas, e foram bater as naus que sem vento, não conseguiam fugir, e tanto lhes atiraram, que os mouros se lançaram ao mar. Vieram os parás inimigos sôbre os bateis, mas os portugueses, ás lançadas, entraram-os "e encerraram-os".

O Cuaja Cacemo fugiu para terra como muitos outros, e Pero Afonso d'Aguiar tomou-lhe a nau: entraram nela Pero Rafael e Gil Matoso e encontraram na camara muitas mouras e creanças, e o tesouro do Cuja Cacemo que se dispunha a seguir para Meca; entre o tesouro havia um corpo de Mafamede que levava para oferecer ao *Cançarrão*, que era de ouro massiço e pedraria, que valia muito dinheiro, que o capitão mór recebeu, bem como as meninas algumas formosas, para a Rainha; e tudo o mais largou aos capitães bem como a gente, que acharam nas naus e nas cousas e muitas mulheres assim metidas em camaras por baixo....

Pelo meio dia chegou a viração do mar, "ao que o capitão mór atirou um berço e pôs bandeira na quadra, sinal de chamar, e se foi na volta de Cananor, dando a Nosso Senhor muitas graças e louvores por tamanha mercê, e andou com pouca vela porque o alcançassem, e em todos fizeram, salvando com gritos e prazeres, o capitão mór felix e todos, dando-lhes muitos louvores e contentamento de suas honras."

Vicente Sodré, porém, não estava satisfeito, e deitou-se ao mar, bradou para o capitão mór "que não era bom governo por cá, sem lhe mostrarem alguma cousa da moeda que havia em cá, e não se podia fazer para tornar aos mouros tomar algum sinal".

Assentindo o capitão mór, o Sodré foi
badas, reuniu-as, bem como aos zambos
quando veio a maré, incendiou-as, e elas
faziam espantoso fogo».

A armada entrou triunfante em Cananor, onde toda a gente desembarcou e foi á igreja "dar louvores a Nosso Senhor".

Gil Fernandes Barboza tomou então conta da Feitoria, com os escrivães Bastião Alvares e Diogo Nunes.

Este Gil Fernandes tinha um sobrinho, o notavel Duarte Barboza, que em Cochim onde estava com o tio aprendeu rapidamente a lingua malabar "que falava melhor que os proprios da terra".

Vasco da Gama fez aqui desembarcar 42 peças de artilharia e 20 falcões e outros tantos berços com seus reparos e munições, para as futuras fortalezas. Mandou fazer um muro por fóra da tranqueira com porta que se fechava á noite. Na Feitoria ficaram 230 homens, voluntarios, "com a cobiça dos prezos que esperavam fazer".

Vicente Sodré, ficou na India com uma armada, "com plenos poderes como sua pessoa, e lhe mandou que todo o verão corresse a costa, fazendo todo o mal ás cousas de Calicut", e com ele ficaram como capitães dos navios, Braz Sodré, seu irmão; Pero d'Athaíde, bom fidalgo, João Lopes Perestrelo, Antonio Fernandes Roxo, Ruy de Mendanha (1) e Gomes Ferreira, "que fôra feitor".

Vasco da Gama larga para Portugal a 12 de fevereiro de 1503, (Goes diz 12 de dezembro de 1502), com 14 navios carregados, e com bom tempo, sem tocar em porto algum, dobra o Cabo, e torna a avistar a estrela polar a 13 de agosto; avista os Açores onde não toca, e vai entrar em Lisboa a 1 de setembro de 1503, com dez naus carregadas de grande riqueza.

El-rei mandou-o logo visitar por D. Nuno Manuel, capitão da sua guarda, Vasco da Gama desembarcou e a cavalo e acompanhado de muitos fidalgos foi á Sé, onde se apresentou a El-rei: depois da missa cavalgou a par de El-rei com o qual foi ao Paço de cima do Castelo. Na sua frente um pagem, levava numa bacia os 2 mil maticaes de ouro das pareas de Quiloa, dos quais lhe mandou fazer a custódia que ofereceu ao Mosteiro de Belem.

"E por honra de tão ditoza viagem, El-rei fez aos capitães grandes mercês e á gente, logo, pagamento de quanto lhe deviam e dar despacho immediato a suas arcas e cousas, todas livres..."

A carta de mercês a D. Vasco da Gama é datada de 20 de fevereiro de 1504; refere-se aos serviços por ele prestados, e particularmente o ter avassalado o Sheick de Quiloa, "...Rei mouro, o primeiro da entrada da India, para não achar tão inteiro nas cousas do nosso serviço como por suas cartas e mensagens nos tinha enviado dizer, submeteu a nosso serviço e obediencia e o fez por força, nosso tributario em 1500 maticais d'ouro em cada ano, de que logo a paga daquele primeiro ano lhe fez, o qual tributo e faxas nos trouxe e entregou com as cartas de obrigação que lhe fez em sua lei, como proprio e leal vassalo..." Estevam da Gama chegou a Lisboa 6 dias depois do irmão.

(1) Em vez destes 3 ultimos, Goes diz Pero Rafael, Ferrão Rodrigues Badarças e Diogo Pires.

VI

AS ARMADAS DE 1503—1505

- 1 — Os Albuquerque — 1503 — 1504.
- 2 — Antonio Saldanha — 1503 — 1505.
- 3 — Vicente Sodré — 1503 — 1505.
- 4 — Duarte Pacheco — 1504 — 1505.
- 5 — Lopo Soares d'Albergaria — 1504 — 1505.
- 6 — Manuel Teles — 1504 — 1505.

«Nos homens sinceros e sinceramente expontaneos, os actos e os sentimentos misturam-se, por vezes, de um modo incoherente para os que, julgando por si proprios, pensam que todos, calculadamente procedem como actores, representando um papel».

Oliveira Martins — *Vida de Nun'Alvaes*, pag. 352.

VI—As armadas de 503—505

1503-1504

1—Os Albuquerque

«Elrei, tendo mui grande cuidado do feito da India, que lhe tanto importava a cumprir cada ano prover com armada, sem aguardar pela que havia de vir, ordenou prover armada para este presente ano de 503 enviar, determinando abastecer a India de armadas e gente, com que dela se fosse apoderando e assenhoreando, até de todo a meter sob seu mando e senhoria»

Com este fim organisaram-se, pois, duas armadas

Afonso de Albuquerque, capitão-mór, com Vicente de Albuquerque, seu sobrinho, e Duarte Pacheco Pereira, esta armada largou de Lisboa a 6 de abril de 1503 (1)

Francisco de Albuquerque, capitão-mór, com Nicolau Coelho (2), e Fernão Martins d'Almada (3).

Nesta armada foi um Antão Lopes, Valenciano, que estivera na armada de João da Nova, com a missão especial de desembarcar na Costa oriental d'África e penetrar na Abissínia

Esta armada saiu de Lisboa a 14 de Abril Nela embarcou João de Empoli, como feitor da nau de *Florentim Marchioni*, um negociante de Lisboa

As duas armadas dobram o Cabo, com terra a vista, e foram dali até a India, sem tocar em porto algum, nem avistarem terra, «e os pilotos não sabiam já por onde iam»

Francisco de Albuquerque chega em Agosto a *Amboina* com Nicolau Coelho, e ali encontram Pero d'Athayde e os seus que escaparam da tormenta de *Curia Muria* onde se perderam os *Santas* e todos todos, com

(1) O Livro de Toda a Fazenda da Real Casa da Índia e Duarte Pereira

(2) O da viagem de Vasco da Gama.

(3) Morre na viagem.

António de Campo, vão avistar o M. Dely, seguindo então para Cananor que alcançaram em fins de Agosto, e "onde os Portuguezes faziam procissões, descalços, pedindo a N. Senhor, que levasse as naus a salvamento".

Logo veio a bordo o Feitor Gil Fernandes Barbosa, que informou da situação de Cochim, para onde, por isso, logo seguiu Francisco de Albuquerque, com Pero d'Athayde e António do Campo, "dando-se pressa, para que o primo, Afonso de Albuquerque, lhe não ganhasse aquela honra".

Ao passarem por Calicut, descarregaram toda a artilharia sobre a terra, e no sabado, 2 de Setembro de 503, chegam a Cochim, onde se lhes reúne Duarte Pacheco. O Rei ainda estava em Vaypim, e foi com grande regosígio que recebeu a nova da chegada da armada, pois, "a olhos longos estavam esperando as naus".

A gente do Samorim, essa apressou-se a retirar para Cranganor, perseguida pelos portuguezes que nêles fizeram grande destruição, especialmente na Ilha de Cheri Vaypim. Na Ilha de Vaypim se encontrou Francisco de Albuquerque com o Rei de Cochim o qual veio á praia, a recebe-lo, abraçando-o e bradando:

— Portugal! Portugal!

No que era acompanhado pelos seus Naires.

Francisco de Albuquerque entregou ao Rei cartas e presentes de El-Rei de Portugal, e dez mil crusados tirados do dinheiro que trazia para compra de pimenta, liberalidade que assombrou o Rajah, "porque esta gente do Malabar é uma das mais dadas a interesse". E o Rei veio para a cidade nos bateis de Francisco de Albuquerque, que tratou logo de obter licença para ali construir fortaleza, ao que o Rei acedeu, ainda que contrariado (1).

"Cochim, diz Frei João dos Santos, é uma cidade bem assentada, sem haver nela, outeiro nem ladeira alguma. Está situada junto do mar, ao longo dum formoso rio, de mui bôa agua dôce, posto que ali na barra é salgada, por causa das marés. Este rio desce dumas serras a que chamam *Gale*, cujas aguas são excellentissimas e regam muita parte das terras de Cochim, fazendo por elas ribeiras e ilhas mui frescas, onde ha grandes folgas e passatempos, de que os moradores de Cochim se logram... Aqui carregam as naus, a pimenta que se recolhe no Malabar e a canela que vem de Ceylão. Noutros tempos, tambem ali vinha muita canela que se colhia nas matas de Cochim, chamada *canela do mato*, que tinha pouco valor. Aquí carregam as naus de Portugal, a principal carga de roupas, drogas, etc., que de toda a parte ali acudia. Subindo o rio uma légua, fica *Cochim de cima*, povoação de gentios, principalmente de naires, que era a nobresa, com mouros e judeus. Nela residia a côrte do Rei, que sempre foi nosso amigo.

Este Rei, ás vezes, desce ao Cochim portuguez onde o capitão o recebe... No interior de Cochim viviam as comunidades de *crístãos de S. Tomé*, de côr baça".

*

* *

A 27 de Setembro de 503, começou Francisco de Albuquerque a construção da fortaleza, "na ponta dum palmar alagadiço, que um esteiro rodeava d'agua do mar, que ficava como ilha".

(1) Goes diz, pelo contrário, que acedeu de bom grado.

A fortaleza ficou quadrada, e feita de estacaria de palmeira em duas fiadas, com o intervalo cheio de terra; espessura duas braças; em cada angulo, um baluarte onde jogava a artilharia: chamaram-lhe — *Manuel*. Ao lado construiu-se a igreja — *S. Bartolomeu*, — talvez por se concluir a 17 de Dezembro.

Afonso de Albuquerque, só chegou a Cochim a 30 de Setembro, e ainda auxiliou a construção; porém, com o seu senso prático, viu que precisava tomar a ofensiva, e deixando o primo a construir a fortaleza, largou para onde estava acampada a gente de Samorim, — Bendurte, — a 5 léguas de Cochim, ao longo do rio, com 800 homens, "mui luzida gente", e oito mil Naires comandados pelo Príncipe herdeiro; ao mesmo tempo, Duarte Pacheco seguia por mar.

A' aproximação dos portugueses, o inimigo fugiu.

O filho de Duarte Pacheco, — Lizuarte, — "homem mancebo bem disposto, de 20 anos de idade, de grandes forças, e mui dextro em todas as armas e mórmente de uma espada de ambas as mãos", perseguiu-os, alcançou-os, meteu-se por meio d'elles tão impetuosamente, que os seus o não puderam acompanhar; e, só, com a grande espada num rodopio formidável, cercado de inimigos, abatia-os como o ceifeiro abate as espigas duma seára.

Acudiu-lhe o pai com alguns soldados, e encontrou-o cercado de cadáveres: "havia morto que era cortado em dous pedaços, sem ter outra ferida; e o pai, que não cuidou que tal filho tinha, chegado a ele, o beijou na face, e lhe deitou a bençã, que ele tomou de joelhos".

Francisco de Albuquerque, ao vêr o destroço feito pelo valente rapaz, armou-o, logo ali, cavaleiro, dizendo-lhe:

— Toda a honra deste campo tendes ganhada...

"No campo ficaram, dos inimigos, mais de oito mil homens, e dos nossos, sómente trez e muitos feridos".

El-Rei D. Manuel, tal prazer teve com esta vitória, que a comunicou á Camara do Porto, em carta de 8 de Julho de 505.

No entanto, a fortaleza concluia-se e chegava Antonio do Campo que fôra buscar a artilharia que Vasco da Gama deixára enterrada em Cananor, e assentaram-a para os lados da barra e do mar, a 1 de novembro de 503, com grande festa "de trombetas, folias e banquete", após uma missa solene dita pelo capelão Frei Domingos, e procissão.

O Rei veio no seu elefante, acompanhado por muitos Naires, vêr a festa.

A seguir tratou-se da carga para as naus: o Rei da Pimenta contratou com o de Cochim, vender-lhe toda a pimenta que o seu territorio produzisse, e este obteve dos portugueses o compromisso de só a êle a comprar, e formando assim um monopolio, o de Cochim ficava seriamente interessado em que os portugueses se conservassem na sua terra.

Vendo caminhar mal as coisas para si, o Samorim mandou um emissário a Albuquerque, o qual respondeu que nada queria com êle, antes de lhe entregár os portugueses da feitoria, — *em troca*.

O Samorim, então, dirigiu-se ao Rei de Cochim e este consentiu de Francisco de Albuquerque que se movesse a feitoria em Cananor, para onde foi mandado Pero Rafez, com Rui de Arau o por seu vão, e oito homens de serviço. Duarte Pacheco foi com o seu campo para embocadura do rio de Cranganor, onde logo conseguiu quatro mil arrobas de pimenta.

Mas o Samorim, sempre de má fé, não se contentou com a carga descessem os rios para Cochim, só a intenção de impedir a...

carregar as naus em Cranganor. Antonio do Campo comunicou a Francisco de Albuquerque, as dificuldades que lhe faziam, e este expediu Pero Rafael na sua caravela, com João Badarças e Antonio Fernandes em bateis, para a barra do rio de Calicut, afim de obstar a que os paráos fossem apressar os tones de pimenta.

Reconhecendo ser impossivel carregar ali em socego, Afonso de Albuquerque com Vicente de Albuquerque, Nicolau Coelho e Antonio do Campo, foram carregar a Coullão e Cale-Coullão, na embocadura do rio por onde corria a pimenta, e mandaram Antonio de Sá a tratar com a Rainha, estabelecendo-se um acôrdo, e montando-se logo ali feitoria.

Coullão, em tempos a mais rica cidade do Malabar, fôra suplantada por Calicut, desde que os mouros nêla se estabeleceram; era bom porto para a epoca, e tinha muitos mercadores; havia neste reino mais de doze mil casas de cristãos de S. Tomé, com muitas igrejas, e na cidade havia uma que se dizia ter sido construida pelo proprio Apostolo, cujo corpo estava sepultado em Meliapor, no Reino de Narsinga.

Em treze dias, Afonso de Albuquerque carregou os navios, deixou na Feitoria por feitor, Antonio de Sá, de Santarem, com Rui de Araujo e Lopo Rebelo por escrivães, Frei Rodrigo por capelão, e 20 homens de serviço, entre os quais, Rui de Abreu e Gonçalo Gil, e segue para Cochim onde Francisco de Albuquerque com os outros capitães completaram as suas cargas.

O Feitor de Cochim, Diogo Correia, faz apresar uma tone com pimenta, que ia de Calicut para Cananor, morrendo na luta seis malabares. O Nambeadarim reclama, mas Francisco de Albuquerque não faz caso, e nomeia Duarte Pacheco, para ficar na India, como capitão-mór do mar, com quatro caravelas, passando a sua nau para Pero de Ataíde; na fortaleza deixou 600 homens de guarnição.

Pacheco recebeu instruções para se manter na defensiva e trabalhar para conseguir libertar Pero Rafael e os outros portugueses.

A 20 de Dezembro de 503, os dois Albuquerque largam de Cochim, para Cananor onde acabam, de atestar os navios com gengibre, e deixando ali Gonçalo Gil Barbosa por feitor, largam — 31 de Janeiro de 504 — indo avistar o M. Dely; passam os ilheus de S. Maria e sem tocar em porto algum, vão dobrar o Cabo da Boa Esperança.

Neste percurso desaparecem Francisco de Albuquerque e Nicolau Coelho, sem que nunca mais se ouvisse falar neles, e assim acabou Nicolau Coelho esse modesto capitão que por tres vezes foi á India, e em que tão pouco se fala, por não ser de familia de nobresa. Pero de Ataíde naufraga nos baixos de S. Lazaro, ao S. de Ouíloa, salvando-se toda a tripulação nos bateis, que foram ter a Moçambique, onde Pero de Ataíde morre.

Dobrado o Cabo, Afonso de Albuquerque entra na Aguada de Saldanha, e, amarrada a um poste cravado no chão, e envolta num encerado, encontra uma carta de Antonio de Saldanha, informando ter ali passado em Outubro, com a *Setubal* e a *Taforeia*.

Finalmente, em Julho de 504, Afonso de Albuquerque chega a Lisboa. Nesta primeira viagem á India, obteve êle a grande soma de informações e de experiencia, que lhe havia de servir depois e lhe serviu então para formular um plano de occupação que expôs a El-Rei quando este o recebeu, no qual predominava a occupação do territorio, o monopolio comercial e, portanto, a necessidade de se fecharem os caminhos da India para a Europa, pelo Persico e pelo Mar Vermelho.

Aceitando os planos de Albuquerque, resolveu El-Rei dar uma nova forma á exploração da India.

2—Antonio de Saldanha

1508-1504

Após a partida de Albuquerque de Lisboa, aprontaram-se três caravelas cuja capitania foi dada a Antonio de Saldanha, Castellhano, Vedor da Rainha D. Maria, "homem que bem entendia as coisas do mar". Os capitães que com ele foram eram Diogo Fernandes Piteira, de Setubal e Rui Lourenço Ravasco. Esta armada destinava-se a cruzar no Estreito de Méca, para cortar a saída á pimenta e drogas pelo Mar Vermelho donde iam, via Cairo, para Veneza.

Esta armada saiu de Lisboa, em Maio de 503; antes de chegarem a S. Tomé, já o Piteira se separára da companhia; largando de S. Tomé a armada, sobreveio tempo, e o Ravasco desgarrrou-se do Saldanha e este entrou, sósinho, "uma angra d'areia branca, com uma ilha . . ." Ao fundo desta grande bafa ergue-se uma grande massa de rocha, de 3,600 pés de altura, terminada num extenso planalto, e tudo coberto de magnifica vegetação.

Saldanha, que não sabia onde se achava, trépa áquella montanha, e dali avista para SE a extensa toalha de agua que se chamou, depois, *Baía falsa*, o isthmo que liga a península do Cabo ao Continente, a serie de lagôas, que de ali se lhe afiguraram ser um rio, e que como tal figuraram largo tempo nas cartas da Africa do Sul, e, finalmente. — o Cabo. "E o piloto fez ponto na sua Carta, que está em 12 leguas, dobrado o Cabo para a parte de Portugal, e lhe poz o nome de *Aguada de Saldanha*, (1) como hoje em dia se chama, mui sabida."

Ahi fizeram aguada, caçaram Soliticarios, Solitarios, (2) lobos marinhos e tartarugas.

Apareceram alguns "cafres nus" aos quais compraram vacas e cabras, em troco de cascaveis, espelinhos e contas de vidro, — hotentotes.

Saldanha seguiu para Moçambique onde tocou, e em Melinde encontra Rui Lourenço Ravasco, que ali estava havia um mês e meio. Ravasco contou a sua viagem: tocára em Moçambique e Quilôa; passára em Zanzibar, "formosa bahia, amparada de todos os ventos, com ribeira de boa agua e fontes; terra mui viçosa, de grandes arvoredos, onde estiveram folgando um mez, tomando muitos zambucos que pareciam carregados de mantimentos... e deles tomaram muita prata em manilhas e cadeias... e muitos dentes de marfim grosso, com que alastráram o navio, e o lastro de pedra que traziam, lançaram fóra".

Rodeando a ilha, foram surgir diante da cidade, "que é muito grande e de formosas casas e bom porto . . ."

O Sultão exigiu-lhe que entregasse as prêças que fizêra; Ravasco respondeu-lhe que se avassalasse. O Sultão fê-lo atacar por quatro paráos que Ravasco com dois tiros desfez; e Gomes Carrasco, escrivão da nau com um Lourenço Feio, apresaram um batel com 4 indígenas. Acudiu á praia uma grande multidão ameaçadora, gritando furiosa: Ravasco bombardeou a cidade, e um dos pelouros foi, "por acerto", matar o príncipe.

O Sultão pede então paz e avassala-se, ficando de pagar cem maticais de ouro por ano — duzentos e vinte cinco escudos — e cem carneiros, e pagou

(1) A *Baía da meza* é a verdadeira *Aguada de Saldanha* e não a que erradamente aparece 15' ao N. com aquelle nome, nas cartas modernas.

(2) Soliticarios — Pinguins.

logo o primeiro ano. Ravasco seguiu para Melinde, cujo Sultão lhe pediu para o ajudar contra o de Mombaça. Ravasco acedeu e seguiu para lá; de caminho apreza uma nau e três zambucos em que iam doze mouros dos principais de Brava. Logo que êle chega a Mombaça, o Sultão avassala-se, ficando tributário em quinhentos maticais (mil cento e vinte e cinco escudos). Volta então para Melinde, onde encontra Antonio de Saldanha.

Concertados e limpos os navios, seguem os dois para o Guardafui — Março de 504 — e daí, para o Estreito, indo ao pôrto de Meté, "que é além do Guardafui"; e como os indígenas os hostilizassem, bombardeiam a povoação. Correndo o Estreito, atravessam para o lado da Pérsia e na *Ilha da Carregueira* apreizam três naus de Cambaya. Daqui seguem para Anjediva, onde invernam, encontrando-se então com a armada de Lopo Soares, que chegava de Portugal.

Diogo Piteira, êsse fez a viagem por fora de S. Lourenço, com navegação muito difícil, pelo que lhe morreu muita gente, tendo de invernar nessa ilha, onde apenas obtiveram peixe; ali ficaram até Agosto, mês em que partiram para a Índia, chegando a Anjediva a 24 de Abril de 504. Estava êle ali fundeado, quando avistaram a armada de Lopo Soares, que de Lisboa saíra a 22 de Abril dêsse ano, "e houveram mui grande medo, cuidando que era armada de Rumes, que vinha de Meca".

Juntos largaram para Cananor e Cochim. Como Lopo Soares dali expedisse bateis para baterem uma armada de paráos do Samorim, nêles foram o Saldanha, Ravasco e Piteira. Quando Lopo Soares largou para Portugal deixou na côsta cinco navios em que ficaram aqueles três capitães.

António de Saldanha foi, depois, capitão de Sofala, e nessa qualidade construiu a barbacã que rodeou a fortaleza e, entre uma e outra, casas para a gente; e dentro da fortaleza, uma cisterna.

3 — Vicente Sodré, 1.º capitão-mór do mar

1503-1505

Vimos Vasco da Gama deixar na Índia o Sodré, como capitão-mór do mar; depois de acompanhar a armada do tio até deixar de vêr terra, Sodré dirigiu-se a Baticálá, e daí correu a costa para Cananor, apreizando dois zambucos. A partilha da preza fez-se pela seguinte regra, que durou muito tempo no Oriente: metade para El-rei, o que foi entregue ao feitor; a outra metade foi distribuída, dando-se quatro partes aos mestres, quatro aos pilotos, duas aos bombardeiros, uma aos homens de armas e duas aos marinheiros.

Avisado pelo feitor de Cananor de que o rajah de Calicut se dispunha a atacar o de Cochim, caso este recusasse entregar-lhe os portugueses que ali tinham ficado, Sodré largou para Calicut, e á entrada do pôrto apreizou quatro *gundras*, "que são uns barcos das Ilhas Maldivas, onde se faz o fio de cairo de que se fazem as amarras e as enxarcias de toda a navegação da Índia (1)". Carregaram cairo e caury, "que são uns buzios brancos que se acham entre as ilhas... que é grande mercadoria para Bengala porque corre por moeda", de peixe sêco, "que chamam *enoxamu*, que é os lombos de peixes bonitos, que os secam ao sol", e panos de seda e oiro.

(1) Gaspar Correia — Lendas Parte I, Tomo I — pag. 340.

Nessas gundras iam uns mouros de Calicut que foram amarrados e metidos numa delas, e cobertos por folhas sêcas de palmeira, a que pegaram fogo crueldade inutil

Seguiu Sodre para Cochim, onde declara ao Rajah que visto o Samorim querer guerrea lo por causa da feitoria, a mudar para Cananor. O Rajah, que sabia ser Sodré 'homem de forte condição e cobiçoso por dinheiro, e não ficára senão para enriquecer', aconselhou o a ir para o Estreito queimar as naus de Meca que êle olharia pela feitoria

O feitor, Diogo Fernandes Correia procurou opôr-se a que o Sodre se afastasse e com Rui Mendanha e Gomes Ferreira fizeram todos os esforços para que não saisse dali Sodre, porém, "que era homem furioso e assomado, destemperou com todos, dizendo que lhes não pedia conselhos . e que todos logo se embarcassem e se fossem para Cananor"

Sodre foi a Cananor e dali saiu com 3 navios e 5 caravelas com 200 homens de armas e marinheiros, e correu a costa até Cambaya apresando as embarcações de Calicut que encontráva carregadas de pimenta e roupa

Vasco da Gama, fidalgo amava as façanhas brutais e estrondosas, o tio queria mais á pirataria e ao roubo Depois de muito piratear foi descansar a Angediva onde se encontra com Antonio do Campo, que viera de Portugal com D. Estevão da Gama, e "era homem de forte condição para a gente, que se dêle muito queixava", pelo que Estevão da Gama vira se forçado a suspender lo da capitania, entregando-a a João Fernandes de Melo

Quando Estevão da Gama se encontrou com Vasco da Gama, ao sair este de Melinde, quis Antonio do Campo queixar-se, mas Vasco da Gama recusou ouvi-lo Vindo a armada da costa africana para a India, o tempo espalhou-a o navio de Fernando de Melo, que era de mau governo, foi ter "a uma ilha das primeiras de Maldiva", onde descansaram uns dias por ser a terra mui viçosa, mas os homens, sequiosos de coisas frescas, entraram "a comer côcos e pescados e beber agua ruim, que e enxarcada, e fazer desmandos com mulheres, com o que morreram muitos e morreu o capitão João Fernandes de Melo, pelo que ficou em sua capitania Antonio do Campo, que estava muito doente"

Dal' fôram ter a Angediva onde se encontraram com João Serrão, que trazia a caravela armada em Moçambique, "porque D. Vasco deixara recado em Melinde, que se al' viesse ter, que se fosse para a India, porque soubera que andava na costa fazendo muitos roubos"

Pouco depois, appareceu tambem, Vicente Sodré, vindo de Cambaya — muito rico das prezas que fizera, e apenas o tempo o permitiu, largam todos para Cananor, a concertar

Sodre presenteou largamente o Rei e os principes, "com que todos ficaram contentes", e reparados os navios largou para o mar, — Março de 1503 — com três navios Vicente Sodré o irmão Braz Sodre e Pedro de Ataide, e três caravelas Pero Rafael, João Rodrigues Badarças e João Lopes Perestrelo (1)

A armada soltou rumo para Socotorá, "que é terra de Mouros", e onde se conservava a tradição do Apostolo S. Tome, e feita al' aguada, dirigiu-se para a costa da Arabia, onde apreza navios de Cambaya e Calicut, que iam para Meca A 20 de Abril de 1503 chegaram a altura das Ilhas de Curia Muria, onde invernam

A população previne Sodre de que em fins de Abril ou começo de Maio costumavam cair ali fortes temporais de vento norte, tão violentos, que nenhum navio se podia aguentar

Sodré não fez caso do aviso; o temporal veio no ultimo dia de Abril de 1503, e os dois navios dos Sodrés foram atirados à costa, morrendo toda a gente.

Pedro de Ataíde com as três caravelas escaparam, porque tinham atendido o aviso dos mouros, passando-se para a outra costa da Ilha; e a 13 de Agosto largam para Angédiva, onde chegam a 6 de Setembro; dias depois, chega ali, também, Antonio do Campo, da armada de Vasco da Gama.

A 12 de Setembro saem de Angédiva, encontram João Serrão nas alturas do M. Dely e, juntos, fundeiam em Cananor.

Pedro de Ataíde passa para o navio de Antonio do Campo, que vinha muito doente, e larga para a costa, apresando, perto de Calicut uma nau de Meca muito rica e mata todos os Mouros, "amachucando-lhes a cabeça a machado". Era muito importante a carga desta nau pois só a parte de Elrei montou a 100 mil pardans.

Numa carta de Pero de Ataíde para Elrei, datada de Moçambique em 20 de Fevereiro de 1504, diz êle, que após a partida do Almirante D. Vasco, largára Vicente Sodré para o Guardafui; no caminho tomára um zambuco com pimenta e assucar, etc.; no Guardafui apresara quatro naus com cravo, benjoim e canfora; Braz Sodré quando apresava algum navio dava-lhe uma tóa e levava-o assim; tirava de dentro o que lhe agradava e depois é que fazia o inventario para as partilhas. Foram a *Quicanunea*, porque Vicente Sodré não quiz invernar em Barbara nem em Zeila; estando ali fundeados sobreveiu tal temporal, que as naus dos Sodrés foram atiradas à costa, morrendo os Sodrés e parte da gente. Pero de Ataíde com a gente que salvou, — uns 50 homens, — foram recolhidos pelas caravelas.

Depois de dois meses de invernada ali, largaram Fernão Rodrigues primeiro e Pero de Ataíde depois, conseguindo chegar a Cananor.

No dia seguinte chegou ali, também, Francisco de Albuquerque que fez carregar os navios de Pero de Ataíde e Antonio do Campo, mandando a este que seguisse logo para Portugal, e oito dias depois largou aquele; encontram-se os dois em Cananor e proseguem juntos. Pouco antes dos Baixos de Padua, separou-se Antonio do Campo, e Pero de Ataíde entrou sósinho em Lisboa.

Francisco de Albuquerque indo dali para Moçambique, naufragou a 27 de Junho; salvou-se no batel e foi a Moçambique onde obteve do Scheick que mandasse embarcações buscar a gente que ficára no lugar do naufragio; com aquelas embarcações foram Pero de Azevedo, sobrinho de Vicente Alvarez e outro português. Ao saírem do porto de Moçambique encontram Antonio do Campo que vinha entrando, e pediram-lhe para os acompanhar com o seu navio, o que êle recusou. Depois, Pero de Ataíde pediu-lhe que os recebêsse a bordo para os levar a Portugal: recusou receber mais de três homens e nada mais, e fez-lhes "perrarias me tem feito aqui Antonio do Campo, como se eu fôra infiel e não de Portugal..." Pede a Elrei em premio dos seus serviços, a Alcaldaria mór de Tomar que Vicente Sodré tinha. Pede mais a Elrei que não ajuize dêle pelo que Antonio do Campo disser.

Em Cochim, apenas Sodré dali largára, recebia o Rajah uma nova intimação do Samorim para lhe entregar os Portuguezes que ali estavam; e como não fôsse obedecido, invade o territorio de Cochim com 50 mil homens.

Como fôsse começo de inverno, as operações militares foram insignificantes: o de Cochim concentrou-se na sua cidade, o de Calicut em Panane. Apenas entrou o verão, porém, começaram as operações, e o de Calicut põe-se em marcha.

A Ilha de Vaypim «é ilha ao longo do mar, da boca do R. de Cochim até ao R. de Cranganor, que são 5 leguas de comprido e a logares, tem 3 de largo... Entre eles têm esta I. de Vaypim por terra santa, assim como entre nós é a terra de Jerusalem». Proximo desta, fica a I. de Repelim, «em que houve o primeiro Rei que teve este Reino de Malabar».

Nesta I. de Repelim havia, então, «uma pedra branca... que o primeiro Rei mandou trazer da Serra, e nela poz letras, que diziam a divindade de sua memoria, e a poz em uma casa do seu pagode, que fez, onde a tinham com muita veneração, onde todos vinham tomar a sua benção, que haviam por coroação, abraçando a pedra, com que ficavam perfeitos Reis e senhores das terras em que se aposentavam e sucediam».

Esta pedra branca era pura e simplesmente, o **linga**. O Rajah de Calicut não atacou a Ilha, «porque nesta provincia do Malabar, entre elles têm esta I. de Vaypim por terra santa, assim como entre nós é a terra de Jerusalem».

A 31 de Março de 1503, o exército de Calicut chega em frente da I. de Repelim e a 2 de Abril tenta passar o vau, que Narayan, o principe herdeiro de Cochim defende com 500 homens; não conseguindo passar à força, o Samorim compra alguns dos chefes inimigos, e então, bate e mata o Narayan.

O Rei Trimumpáca, com alguns fieis e os Portuguezes, acolhem-se à I. de Vaypim, e o Samorim apossa-se das terras, que reparte pelos seus capitães. O susto foi tal em Cochim, que muita gente fugiu para o arraial do de Calicut a submeter-se. Ora entre esta gente que fugiu, iam dois lapidarios milanezes, João Maria e Pedro Antonio que tinham passado para a India com Vasco da Gama, na segunda viagem deste, e aqui se tinham deixado ficar, e estavam, ao tempo, com Diogo Fernandes Correia, «por serem bons fundidores de artilharia». Passando-se para o Samorim, estes dois Venezianos foram ali ensinar a fundir artilharia.

4—Duarte Pacheco, 2.º capitão-mór do mar

1504—1505

Duarte Pacheco foi a primeira vez á India na armada de Cabral, sem comando, e depois, na naveta de Luís Pires a apresar naus de Camburga na costa da India. Era um homem, «que sabe ser muito bom cavaleiro mas demasiadamente colerico e agastado». Partindo a armada dos Albuquerque e Pacheco correm a costa até Cambaya, fazendo prêsas; recebeu o arroz de páreas de Baticalá e recolheu a Cananor, deixando fóra do porto, crusando, as caravelas.

Uma manhã uns 20 zambucos de Calicut, iludindo o cruzeiro das caravelas entram no porto onde Duarte Pacheco estava sósinho, e atacam-o. Pacheco vendo a quantidade de embarcações larga a amarra e faz-se de véla, e como tinha vento rijo de feição passou veloz por entre os navios inimigos, salvando-os á passagem, dum e doutro bordo: um dos tiros penetrou numa das naus inimigas abaixo da linha de agua, afundando-a. Os mouros responderam ao fogo, e Pacheco teve tres mortos e alguns feridos, mas os navios inimigos fugiram para o mar e perseguidos pelas caravelas, uns afundam-se, outros atiram-se á costa.

Recolhendo a Cochim, o capitão-mór, *por enxamata*, escreveu ao Samorim queixando-se dos seus o terem atacado estando elle tão socegada-

mente fundeado e pedindo ao Samorim para os punir; e o Samorim, furioso pelo desastre e mais ainda pela troça, ameaçou o feitor Alvaro Rafael e os dez portugueses que com elle estavam de os fazer matar, visto, dizia elle, Pacheco ter quebrado as pazes.

Pacheco receando pelos prisioneiros, mandou Pero Rafael ver se conseguia libertar o irmão Alvaro e os outros; Pero Rafael sai numa caravela e vai pôr-se ao pairo em frente a Calicut á espera duma oportunidade.

Esta não tardou a apparecer-lhe na forma dum forte temporal de vento e chuva sob a protecção do qual entrou no porto sem ser sentido. Os portugueses achavam-se em casa de Cuaça Bequi que os recolhera, o qual avisado por um indigena que Pero Rafael mandou a terra, facilitou o embarque dos portugueses e Pero Rafael saiu sem ser visto, do porto, e recolheu a Cochim "tirando muita artilharia, em que mostrou o bom recado que levava"; eram 13 os portugueses salvos, entre os quais os filhos de Aires Correia.

Furioso com o desaire, o Samorim faz atacar Cochim pelo passo de Palinhar, onde as caravelas não podiam chegar: mas Pacheco organisa a defesa, levantando tranqueiras, armando bateis com berços e provendo as caravelas de baileus á prôa e á pôpa, metendo rêdes no convés e gáveas nos mastros e levando-as para o passo de Palurt. Havia então em Cochim um mouro chamado Maomed Marcar (Mamemmarcar), possuidor de mais de 20 naus, o qual tinha, por contracto com o Rajah, o exclusivo de importação de mantimentos. Cochim todo palmares, não produzia o arroz necessario á população, de forma que era este mouro quem fazia a fartura ou a fome na terra, gosando por isso de uma importancia enorme.

Instigado pelos outros mouros, começou a dificultar os abastecimentos, fazendo crêr á população, — o que em parte era verdadeiro, — que os culpados eram os portugueses. Pacheco mandou-o chamar e ameaçou-o de o fazer enforcar se isto continuasse e forçou-o a entregar-lhe como refens, a mulher e os filhos, que Pacheco mandou guardar em Vaypim. A este tempo o Samorim invadia as terras de Cochim — 27 de Março de 504 — e chegava á Ilha de Repelim com gente por terra e umas 200 embarcações com archeiros e "algumas bombardinhas de gancho". Pacheco foi collocar-se com a sua caravela a montante do passo de Combalan.

No domingo de Ramos, 31 de Março (1), «a horas de jantar», viêram sobre a caravela de Pacheco 80 paráos e travou-se a luta de artilharia que durou até á noite, retirando então o inimigo com muita gente ferida. Na "terça-feira das oitavas da Pascoa" parte dos navios inimigos foi bombardear Cochim. No domingo, 14 de abril repetiu o inimigo o ataque ás naus de Combalam e Palimbar. Na sexta-feira 19 de abril, o Senhor de Repelim veio atacar a estacada que Pacheco atravessara no rio, sendo repellido; na quinta-feira 25, repetiram o ataque á estacada; no domingo 28, Pacheco apresa-lhes três paráos; foram proseguindo os ataques com identico resultado e a 18 de Maio chegou a Cochim a nau *Setubal* com muito armamento e munições. No sabado 25 de Maio, o inimigo renovou os ataques á estacada. Pacheco reforça esta, pondo em cada extremidade uma caravela e um batel grande: numa das caravelas estava Pero Rafael com 26 homens, na outra João Rodrigues Badarças com 23; nos bateis Diogo Feio, Lizuarte Pacheco, Rui de Mendanha e Diogo Pires ou Pereira. Na tranqueira, dominando o vau, Ferrão Correia com 35 homens; Pacheco fica com uma caravela com 23 homens; com as outras ficam João Lopes Perestrelo, Antonio Fernandes o Roxo, João Serrão, Pero Nogueira. Na fortaleza estava o feitor

(1) Gois diz 16 de Março de 1504.

Diogo Fernandes Correia com 39 homens incluindo Lourenço Moreno e Alvaro Vaz, escrivães. Por detraz da estacada, o Príncipe de Cochim com dez mil indígenas, e á rectaguarda dêle o Rei com outros dez mil, e com êle os *Reis* de Tanor, Chalé e Repelim.

— «Toda a festa ha de ser de artilharia! disse Pacheco rindo.

E efectivamente, no grande poder da artilharia estava o segredo e a força dos portugueses, e assim se explica que Pacheco com um cento de portugueses batesse 50 mil de Calicut.

A estacada foi atacada em toda a sua extensão por 40 paráos e pela gente que veio pelo lado de terra; a artilharia, porém, levou a melhor, os paráos foram afundados, e os atacantes, que vinham por terra, batidos, deixando no terreno uns mil homens, ao passo que os portugueses apenas tiveram 5 mortos e 30 feridos.

Na sexta-feira 5 de abril e na quarta-feira seguinte, 10, o Samorim repete o ataque com resultado identico e quando chegou o fim de Maio e as chuvas começam, vê-se forçado a retirar, após uma tentativa frustrada, sobre os vaus de Eddapali e Valanjáca, por lhe entrar o cólera no arraial.

Foi estabelecer os quartéis de inverno em Cranganor, mas Duarte Pacheco, para o não deixar socegado, executa successivas razias que vão até perto de Cranganor; assim passam os nossos, junho e julho, apesar das chuvas torrencias e tornando-se notaveis nestas correrias, Lizuarte Pacheco, Rui de Mendanha, Lopo Cabral, João de Araujo, Pero Fernandes Botelho, Pero Alvarenga, Diogo de Castro, Cide de Sousa, Alvaro Rafael, Diogo Feio, Diogo Pires o Badarças, Perestrelo, Antonio Fernandes, Duarte Ferreira, João de Aguiar. Nessas incursões e razias perdemos 16 homens.

A 3 de julho, feita a paz, Pacheco recolheu a Cochim, mas o Samorim, sempre traidor, manda paráos armados para os rios; Pacheco vai sobre eles, entra no rio da Pimenta onde faz grande devastação. Em Agosto o Samorim procura passar no vau de Palinhar, mas é repellido. Em Cananor, aproveitando esta desordem, os mouros carregam navios para o Mar Vermelho e matam um homem da Feitoria; Pacheco larga para ali a 26 de julho de 504, apresa 5 naus carregadas de pimenta. No começo de Setembro sai a cruzar na costa até que a 14 de Setembro chega Lopo Soares e o Samorim apressa-se a pedir paz, o que aquele regeita. Pacheco embarca numa das naus de Lopo Soares e regressa a Portugal, onde chega a 22 de julho de 505, sendo recebido com grandes honras e levado pelo Rei a seu lado, em procissão, da Sé a S. Domingos, e é lhe concedido brazão de armas e *Dom*. Mas a sorte deste heroi, diz Gois, «foi de calidade, que se pode dêle tirar exemplos para os homens se guardarem dos revezes dos Reis e Príncipes, e da pouca lembrança que muitas vezes teem d'aqueles a quem são em obrigação...».

A façanha de Cochim foi o batismo do novo Imperio, e Pacheco demonstrou á Índia que os portugueses não eram apenas piratas. Em paga dos serviços prestados, é nomeado capitão de S. Jorge da Mina, «mas por capitulos que dêle deram o mandou Elrei trazer ao reino em ferros e sem lhos tirarem dos pés, esteve muito tempo preso na cadeia... até que o soltaram tão pobre como era quando foi para a Mina».

Esquecido e miseravel, foi morrer a Santarem, e com tão pouca sorte ainda depois de morto, que o logar da sua sepultura veio parar em taberna, segundo diz Gomes Ferreira.

Uma carta de Alvaro Vaz dirigida a El-Rei, e ~~data~~ de Cochim a 22 de Dezembro de 504, resume: Que desde a partida de Albuquerque até á chegada de Lopo Soares a 14 de Setembro de 503 a unica coisa que se fez foi resistir ao Samorim e tratar da carga das ~~naus~~. Aconselha o empre-

na Índia, de lustras e bergantins nos cruzeiros, para poderem fazer frente aos zumbucos; que na fortaleza de Cochim são precisos, permanentemente, 20 a 30 mil cruzados, pois assim se obterá facilmente 50 mil quintais de pimenta em Cochim e Couão. Só com dinheiro na mão se podem bater os negociantes mouros. Cochim, Couão e Cale Couão bastam para fornecer a pimenta precisa»

Narra os diversos ataques inimigos a Cochim.

5—Armada de Lopo Soares d'Albergaria (ou Alvarenga) Manuel Teles — 3.º capitão-mor do mar

1504-1505

Lopo Soares saiu de Lisboa a 22 de Abril de 504 (1) com uma armada de nove naus e quatro navelas, capitães: *Pero de Mendonça, Manuel Teles Barreto, Afonso Lopes da Costa, Tristão da Silva, Vasco de Carvalho, Pero Diniz de Setubal, Leonel Coutinho, Lopo Mendes de Vasconcelos, Pero Afonso d'Aguiar, Filipe de Castro, Vasco da Silveira, Lopo d'Abreu da Ilha, Cristovão de Tavora e Simão d'Alcaçova.*

Nesta armada iam mil homens d'armas, «gente limpa e bem armada», com muitas munições de guerra.

Dobrando o Cabo com tempo rijo, a nau de Lopo Mendes abriu água, pela cinta, o que o forçou a arribar a Melinde onde concertou e aí recolheu os naufragos da nau de Pero d'Athayde.

A armada reuniu-se em Moçambique a 25 de Julho «dia de S. Tiago»; saiu a 1 de Agosto, tocou em Melinde onde recolhe os 16 portugueses naufragos da nau de Pero d'Athayde; no fim do mês avista a costa da Índia e vai fundear em Anjediva onde encontra António de Saldanha e Ruy Lourenço Ravasco, «que houveram mui grande medo, cuidando que era a armada de Remes que vinha de Meca». A 1 de Setembro chegou a Cananor, onde o feitor Gonçalo Gil Barbosa o informou do que se passava em Calicut.

O Samorim enviou logo propostas de paz, a que Lopo Soares respondeu que falariam quando fosse a Calicut; e Soares para lá largou dias depois, 7 de Setembro 504, enviando-lhe o Samorim um presente por dois dos prisioneiros com Cwaji Béqui. Soares recusa o presente declarando nada aceitar sem a restituição de todos os prisioneiros e a entrega dos dois fundidores italianos.

E como passassem alguns dias sem resposta, bombardeia a cidade e larga para Cochim, onde chegou a 14 de Setembro, um sábado, entregando ao Rei o presente que D. Manoel lhe mandava—uma espada e adaga preta chapeada de ouro esmaltado, algumas peças de veludo de seda e 20 mil cruzados. Tratou-se logo de carregar os navios para o que tinha já o Rei 20 mil quintais de pimenta; e para cruzar na costa saíram Pero de Mendonça e Vasco de Carvalho.

Quatro naus foram a Couão receber a carga que o Feitor António de Sá reunira. O Samorim, no entanto, voltou a mandar recados a Lopo Soares e enviou-lhe um colar de pedraria e duas manilhas no valôr de dez mil

(1) 22 de Abril diz o Livro de toda a fazenda, Barros e Goes — Este ultimo não menciona Cristovão de Tavora nem Simão d'Alcaçovas.

cruzados, «cuidando que com esta isca tomava os pêxes», alegando a paz que firmara com os Albuquerque. Lopo Soares respondeu que respeitaria o contracto de paz feito, mas não aceitava recriminações. A este tempo regressavam de Coullão os navios que ali tinham ido carregar, acompanhados por Duarte Pacheco.

Em Cranganor, que se bandeava com o Samorim contra nós, estava agora um irmão dele, chamado Maimate com 35 paraus e em terra o Nanbeadim com dois mil homens, provocando os portugueses. Lopo Soares largou para lá com 3 navios e 18 embarcações armadas em que iam mil portugueses e outros tantos Nuares, bateu o inimigo e aprezou-lhes cem naus.

«Esta cidade de Cranganor é grande, situada na terra de Malabar, a 4 leguas de Cochim, costa Calicut, de longo da qual passa um rio que a cerca por algumas partes. Habitam nela gentios, mouros, judeus e cristãos. É de grande trato e de que todo o reino toma o nome. Vem a ela mercadores da Syria, Egypto, Persia e Arabia, por caso de muita pimenta que nela há. Quando os nossos vieram à Índia, era esta cidade governada pelos Mouros da terra, a modo de Republica, contudo estava à obediência do Rei de Calicut. Mas depois que os governadores dela viram suas coisas na declinação por causa da guerra que faziam a Elrei, eles se lhes rebelaram sem lhes mais quererem obedecer. Os cristãos que nela moram tem igrejas como as nossas, e nos altares e paredes pintadas cruces como em Coullão, sem nenhuma outra imagem nem sinos».

Segundo a Cochim, Lopo Soares nomeia Manuel Teles de Vasconcelos capitão-mor do mar com seis navios, capitães Ruy de Mendanha, Duarte Ferreira, Lopo Cabral, Alvaro Botelho, Alvaro Rafael e Cide de Sousa. na feitoria de Cochim ficam 120 homens, em Coullão 50, em Cananor 80 e na armada 300 (1).

A 26 de Dezembro Soares larga para Cananor, quando ia na altura de Pandarane saem-lhe ao encontro 17 naus e uns 40 paraus, Lopo Soares travou combate com eles e desbaratou-os tendo 15 portugueses mortos e 127 feridos (2), mas do inimigo morreram mais de 1 500 e foram tomadas quasi todas as naus, que estavam carregadas.

A 1 de Janeiro de 505, chega a Cananor, acaba de carregar e larga para Portugal, a 1 de Fevereiro chega a Melinde, toca em Quiloa, sai a 10 de Fevereiro, toca em Moçambique e a 23 de Julho entra em Lisboa com 13 naus carregadas, nessa mesma ocasião entravam a barra tres caravelas vindas da Mina com ouro e duas naus de Flandres, «que foi a mais rica maré que nunca entrou em Lisboa até aquele tempo». Perdeu-se na viagem Pero de Mendonça.

Manuel Teles (3), no seu officio de capitão-mor do mar, largou logo a correr a costa nas alturas do Monte Formoso aprezou três naus que iam para Meca, tão ricas, que só a parte de El-Rei rendeu 80 mil pardaus. Chegado a Cananor, Manuel Teles mandou de presente ao Rei as mulheres e crianças apanhadas nas naus e foi a Cochim descarregar na Feitoria as presas, incluindo 80 mil fardos de arroz. Tornou, porém, logo a sair para a costa, onde andou até Maio em que as chuvas o forçam a recolher a

(1) Em Cananor, Cochim e Coullão ficam guarnições de homens feridos e doentes, e amarelos, opados, que era a doença da terra, porque o principal alimento era arroz, porque não havia tempo para fazer pão.

(2) Neste combate figuram, Tristão da Silva, Afonso Lopes da Costa, Alvaro Lopes Leonel Continho, Duarte Pacheco, Pero Afonso, Aguiar, Oscar de Carvalho, Antonio de Saldanha, Rui Lourenço, Pero Rafael e Diogo Pires.

(3) Com ele ficaram na India Cristovão Zuzarte, Pero Pázel, Diogo Pires.

Cochim: o valor das presas feitas foi enorme: "só a rocamalha apresada numa das naus rendeu mais de cem mil pardaus, que é estoraquenique, que é a maior mercadoria que trazem para as partes de Malaca, que muito vale na China".

Em Cochim fez-se a partilha: junto tudo num monte, tiram-se mil serafins para a construção da igreja de Cochim; outros tantos para a de Cananor; dois mil para a Senhora de Guadalupe e outros dois mil para S. Tiago da Galiza; tirou-se o quinto para El-Rei, a *joia* para o capitão-mór; depois, o capitão-mór recebeu 20 partes, cada um dos outros capitães 12; mestres e pilotos de navios de gavea, 10; 6 para os das caravelas; 4 aos condestaveis e outro tanto aos mestres e gageiros; 6 aos bombardeiros; 3 aos artífices e marinheiros; cada dois pagens como um marinheiro; cada grumete como pagem e meio; aos homens de armas uma parte e meia e tendo escravo para ajudar a pelear e dar á bomba, duas partes; aos que ficaram em terra uma parte; aos homens de armas e oficiais mecanicos o dobro; ao feitor, almoxarife, escrivão e clérigo, tres partes; "e por aprazimento de todos se deu de joia aos capitães dos navios, a cada um 300 serafins e aos das caravelas 200. Com que todos ficaram ricos e bem andantes, e houve grandes debates na gente da terra que todos queriam ir na armada quando os navios fossem..."

VII

O VISO REI D. FRANCISCO D'ALMEIDA

1505-1509

VII — D. Francisco d'Almeida

Viso-Rei

1505-1509

1 — O novo Govêrno da Índia — A partida da armada — O Cabo — 1505

Cinco anos tinham passado sobre a viagem de Cabral: havia já uma fortaleza em Cochim, feitorias em Cananor e Coullão, e navios portugueses cruzavam no Mar da Índia "aprezando náus de Meca".

Tinha-se reconhecido toda a costa africana; sabia-se quais eram as estradas comerciais que ligavam o Oriente à Europa; Veneza assustada incitava o Sultão do Egito contra nós e sob a ameaça que este fazia de destruir os Lugares Santos, o Papa mandava representar ao rei de Portugal contra os perigos que ameaçavam a cristandade; (1) ao que o rei de Portugal respondia tranquilizando-o, pois que a ação portuguesa ia, pelo contrário, alargar a esfera de influência cristã e aniquilar o Mahometano. Desatendido, o Sultão manda preparar no Mar Vermelho uma armada para bater e expulsar os portugueses do Oriente.

Por seu lado, El-rei D. Manuel, "vendo que as cousas da Índia de cada vez iam em tanto crescimento de seu grande Estado e acrescentamento de seu Reino e vassalos, com tantas riquezas... e vendo o muito que lhe cumpria este primeiro cimento ter firme alicerce... e por a viagem ser tão comprida e a Índia tão alongada de Portugal, e não podendo prover nas cousas que cada dia podiam acacer e succeder, com a brevidade que cumprisse... por haver de aguardar espaço de um ano e meio que as armadas punham de viagem..." resolveu colocar na Índia uma autoridade com poderes para resolver e proceder segundo as circunstâncias.

Posta a questão em conselho, e discutida "com muitas práticas".

(1) Em Junho deste ano de 1505 chega a Portugal, Fra Mauro Hispano, *guardião de* Mosteiro de M. Sinac com carta do Papa Julio, pedindo conselho sobre o que responder ao Soldão da Babylonia que ameaçava, destruir os logares Santos caso os portugueses abandonassem a Índia.

assentou-se em mandar à Índia uma grande armada, sob o comando de Tristão da Cunha, "que tinha todas as qualidades que Elrei requeria... e lhe deu a governança da India por trez anos".

Começou-se logo com actividade a preparar a armada, "em que Tristão da Cunha provia e mandava tudo, com muita ajuda que lhe fazia D. Vasco da Gama, que era o principal em todos os negocios da India".

Tristão da Cunha, porém, adoeceu dos olhos tão gravemente que quasi cegou, e por isso El-rei escolheu outro homem, um fidalgo de grande gravidade e ponderação, D. Francisco d'Almeida, filho do 1.º Conde d'Abrantes, "homem muito inteiro e experimentado, que andara em Castela, na guerra de Granada".

D. Francisco d'Almeida tinha então uns 45 anos de idade, muito considerado e mostrando-se sempre capitão prudente, valente soldado, administrador habil e fino diplomata. Estava então em Coimbra com o irmão, D. Jorge, bispo daquela cidade e foi chamado a Lisboa onde El-rei lhe expoz o que dele pretendia. Deu-lhe então o título de *Viso Rei* que começaria a usar desde que construísse a primeira fortaleza na Índia; fixou-lhe a quantia de 30 mil cruzados anuais para as suas despesas, e mais mil e quinhentos quintais de pimenta, duzentos de cobre, e vinte mil cruzados para mesa e mercês.

Estabeleceu-se que das prezas que na Índia se fizessem se formariam 5 partes: duas para compensação das despesas regias, uma para o Viso Rei e duas para aqueles que as fizessem.

A política a seguir fixou-a depois o Viso Rei nas seguintes palavras:— Que toda a nossa força seja no mar; destruamos estas gentes novas, — os Árabes, Afghans, Etriopes e Turcomanos, — e assentemos os velhos e naturais destas terras e costas. Com as armadas, asseguraremos a polícia dos mares e protegeremos os indígenas, em cujo nome reinaremos, de facto, na Índia; e o Império marítimo assegurará o monopólio português contra o Turco e o Venesiano. Imponhamos pesados tributos, exageremos o preço das licenças — *cartazes* — para os navios navegarem nos mares da Índia, e isso afastará a concorrência. Substituamo-nos pura e simplesmente ao Turco, abandonando quaisquer ideias de conquista para não padecermos dos males de Alexandre. Todavia, ocupar-se iam alguns portos das costas, para servirem de bases de operações navais e comerciais.

Até então, os navios iam, carregavam e regressavam; mas nos intervalos, os Mahometanos, livres, descarregavam o seu comércio pelo Mar Vermelho e pelo Persico; tinham-se creado, para evitar este abuso, os capitães-mores do mar, mas a experiencia demonstrara insufficiente a medida: era preciso desembarcar o domínio português até então fluctuante: eis ao que ia o Viso Rei.

Armaram-se oito grandes náus para carga, seis navetas, oito caravelas latinas, ao todo vinte e dois navios, afóra duas galés e um bergantim que embarcaram desarmados. O *Livro de toda a fazenda*, menciona 28 náus e caravelas.

O provedor destes navios foi João Serrão.

O *livro de toda a fazenda* menciona:

Bom Jesus — capitão D. Fernando d'Eça ou de Sá; nesta embarcou o Viso Rei.

S. Gabriel — capitão Vasco d'Abreu.

Flor de la Mar — capitão João da Nova.

S. João — capitão Francisco de Nhaya.

Espirito Santo — capitão Pero Este.

S. Tiago, Galega — capitão Pero Barreto.

Bota Fogo — capitão João Serrão

Santa Catarina — capitão Gonçalo Paiva (1)

Os outros capitães foram Lourenço de Brito, para Cochim, Pero Ferreira Fogaça, para capitão de Quiloa, Manoel Pessanha, para capitão de Anjediva, «que todas estas fortalezas mandava El-rei que se fizessem»

Capitães *de fóra*, que deviam regressar a Portugal com os navios de carga, o comendador Fernão Soares, Antão Gonçalves, alcaide-mór de Cezimbra, Diogo Correia e Ruy Freire

Vasco Gomes d'Abreu iria cruzar no Guardafui, João da Nova cruzaria entre Cabo Comorim e as Ilhas Maldivas, mas levava um alvará no bolso nomeando capitão-mór da armada da costa da Índia, do que lhe resultaria um conflito com o Viso Rei Lopo Henriques, Bastião de Sousa, Lopo Sanches, Diogo Serrão, ficariam na Índia em navetas; Filipe Rodrigues, Lopo Chanoca, Gonçalo de Paiva, Antão Vaz, Lucas da Fonseca, João Homem «o cavaleiro», ficariam em caravelas

Nesta armada, iam ainda, D Fernando de Sá, Pero da Nhaya, Pero Ferreira Fogaça, Lopo de Deus, Fernão Bernardes «o castelhano», Gonçalo Vaz de Goes, «e outros muitos fidalgos e cavaleiros para se renderem as capitania das náus que haviam de voltar para o Reino» (2)

Alguns nomes mais de gente desta armada, chegaram até nós Diogo Lopes, escrivão da náu *S Jeronimo*, Bastião de Vargas, feitor da *Conceição*, Diogo Ayres, escrivão da *Bota Fogo*, Filipe Rodrigues, capitão do navio de Lourenço Fernandes; Paulo Pinelo, feitor da nau *S Rafael*, Felipe Brancacho, feitor da náu *Leonarda*, João de Buonagarcia, feitor da náu *Magdalena*; Alvaro Lopes, escrivão da nau *S, Cristovam*, Bastião Lopes, escrivão da *S Miguel*, João d'Alcaçova, na *Flor de la Mar*, Pero Fernandes, escrivão da caravela *S Catarina*, Diogo Velho, escrivão da *Taforea*; Gonçalo de Paiva, Pero Cão, Pero Lopes Diogo Pires, Diogo Pereira, Diogo Froes, Martim Gomes, pedreiro, Luiz Fernandes, carpinteiro, Luiz Alvares, pedreiro, João Gapres, Bastião Rego, Gonçalo Afonso, Gaspar Guadalajara, Antão Gonçalves, Martim Vaz, João Serrão, Antonio de Sousa, João Freire, Lopo Cabreira, Gonçalo Martins, escrivão, Jacome Alemão, bombardeiro, — deste ultimo dizia Manuel Pessanha que era o melhor e mais valente de quantos vira, Fernão Valente, feitor da armada, Mestre Diogo, vigario geral da Índia, Lopo de Goes Henriques, que o Viso Rei deixou em Quiloa numa naveta, Francisco Figueira, que o Viso Rei nomeou para feitor de Moçambique com um escrivão e quatro homens, Gaspar Pereira, secretario do Viso Rei, João Negrão, um bravo soldado, Diogo Barrão, Amador de Sousa, Fernão de Castro, Fernão Ferreira, outros valentes soldados que se distinguiram em Quiloa, Duarte Pereira, feitor para Anjediva, Rodrigo Rebelo, «fidalgo honrado».

Nesta armada embarcaram 1500 homens d'armas, «tudo gente limpa», com muitos carpinteiros, calafates, ferreiros, cordoeiros e outros artífices

(1) Como adeante se — — — — —
pitães, são eles «S Jeronim — — — — —
tovam», «S Miguel», «Flo — — — — —
caravelas

(2) Gois — Cron de El rei D Manuel d' — — — — —
naus D Francisco d Almeida D — — — — —
meida João da Nova, Pero d A — — — — —
reira Fogaça, Lopo Sanches, Fel — — — — —
Fernão Bernardes, das caravelas Gonçalo Vaz de Gois, Gonçalo de Paiva, Lucas da Fon — — — — —
seca, Lopo Chanoca, João Homem, Antão Vaz

para ficarem na India, pois as instrucções eram para que na India houvesse sempre, pelo menos, trinta velas. Os navios iam abarrotados de mantimentos, e cada um levava "sua botica bem provida com um barbeiro, sangrador e mestre para curar e dois capelães para confessar."

Pagaram-se soldos a 1500 homens d'armas, 200 bombardeiros e 400 marinheiros; dos homens d'armas, uns quatrocentos eram moradores d'El-rei com tres cruzados de soldo e tres quintais de pimenta por ano, e um cruzado de mantimentos por mez quando desembarcados. Iam nomeados feitores, almoxarifes, escrivães, quadrilheiros de presas, ouvidor com meirinhos, "que foi Pero Godinho, homem afamado."

Datada de Lisboa 27 de Fevereiro de 1505 e assignada por El-rei, é a carta dos poderes dada a D. Francisco d'Almeida e cujo resumo é o que segue: "Ficará na India tres anos onde toda a gente lhe obedecerá como a El-rei; tem poderes para resolver todos os casos civeis ou crimes e julgar sem apelação todas as pessoas sejam elas quem fôr; poder absoluto nas questões de fazenda, carga, descarga, compras e vendas; para nomear e exonerar, fazer tratados de paz, fazer guerra por mar e por terra a todos os reis e senhores da India."

Convem conhecer o *Regimento* dado ao Viso Rei, o qual é datado de Lisboa 5 de Março de 1505:

Mando de partida: Manda pagar o soldo adeantado á gente, na casa de Guiné e India, fazendo os escrivães os correspondentes averbamentos e recolhendo todos aos navios no Restelo; os capitães farão então o alardo da gente pelos livros de inscripção, assentando-se os nomes, alcunhas e apelidos de cada um, estado, filiação e o mais que fôr necessario para a identificação. Enviar-se-ha nota dos que faltem ao Feitor e escrivão da casa da Guiné e India, para procedimento.

Regra do fogo: Recomendações sobre o assunto, para evitar os incendios.

Regra dos mantimentos: Disposições para a sua guarda e economia; no fim de cada mez dar-se-ha balanço "ás batalhas que tendes."

Chaves dos paioes: Uma na mão do capitão outra na do dispenseiro.

Concerto do vinho dos marinheiros: Aos mareantes e companha se darão 3 quartilhos a cada um logo pela manhã, para todo o dia gastarem "como lhe bem viesse."

Caminho e rota: De Lisboa soltará o rumo para a Ilha de Cabo Verde, onde, se precisar, tomará agua; não precisando, irá tomal-a na Aguada da Costa de Beseguiche: dali partirão pelo caminho que melhor lhe parecer; precisando depois, de agua, irá tomal-a á Ilha da Cruz.

Salvas ao capitão mór: Salvarão ao capitão mór como é de uso, para evitar que as naus se percam umas das outras, mas havendo todo o cuidado em evitar abalroamentos, salvando de sota vento (julavento), ou barlavento (balrravento) como a cada um fizer mais geito sem perder caminho.

Sinais: Para virar, dois fogos; para seguirem a capitania, um fogo; para tirar moneta, tres fogos; para amainar, quatro fogos. Quando algum fôr desaparelhado fará muitos fogos para que os outros lhe acudam. O navio que não poder obedecer ao sinal, fará seis fogos na pôpa e dispara alguns tiros de bombarda. No caso de ordem para amainar, nenhum navio proseguirá a marcha sem que o capitão mór faça tres fogos.

Navio que se separe antes das Canarias: Arribará a Setubal ou a Lisboa, mandando logo aviso ao feitor da casa da India; e navio que se desgarre passadas as Canarias irá á Aguada de Beseguiche; se quando a armada dali largar faltar algum navio, deixará gravada uma cruz no trônco

da arvore mais proxima do desembarcadouro na Ilha de Palma, "tirada a casca da arvore que appareça a cruz no branco do pau." Como, porém, já Lopo Soares levou eguaes instrucções, se ao chegar ali a armada, virem alguma cruz, fará nela duas aspas para a differença; ali deixará 3 ou 4 cartas nas mãos doutros tantos indigenas para as entregarem aos capitães que chegarem; nessas cartas recomendará a quem apparecer, que siga para o Cabo da Boa Esperança, dando de prémio ao indigena 6 manilhas, "as quaes manilhas levarão da casa da Cuiné."

Que leve toda a frota a grande recado: Que todos os capitães, mestres e pilotos mantenham grande vigilancia e a observação de todas as regras, sobretudo nas paragens em que se perderam as naus de Pedro Alvares Cabral. Se algum navio desgarrado fôr ter a Beseguiche e ahi não encontrar o sinal convencionado, depois de esperar oito dias retirará deixando sinal e carta.

Navio fóra da conserva do capitão: Navio que desgarrar, depois de dobrar o Cabo, irá directamente a Moçambique onde esperará 10 dias; findos eles, deixando em terra estacas cravadas no chão com cartas aladas, seguirá para Melinde, onde deixará outras cartas. Achando em Moçambique recado e sinaes, seguirá para Melinde e dahi para Anjediva e Cochim. Se ahi chegar antes do capitão mór, informar-se-ha do estado da terra e começará logo a descarga e carga.

Caso encontre naus de conserva de Lopo Soares ou Francisco de Albuquerque, receberão deles as informações da India, ajudal-os-hão no que eles precisem; nau que se ache em mau estado entre o Cabo e Moçambique procurará arribar a este porto; se entre Moçambique e India procurará arribar á India.

Sofala: Para ali se fazer fortaleza vae com esta armada Pero da Nhaya com navios, gente e dinheiro. Fundeada a armada na bafa de Sofala, irá dentro num navio pequeno o capitão mór com Pero da Nhaya, e as caravelas. Procurará tratar com o Rei e prender os Mouros mercadores, mandando para Portugal, na primeira oportunidade, 10-12 dos principaes. Escolherá logar para fortaleza que logo construirá; feita esta, seguirá a armada para Lisboa; encontrando no caminho navios de Melinde, Cochim ou Cananôr, não os hostilizará.

Quiloa: Entrará no rio, desembarcará e atracará procurando apoderar-se de todas as riquezas do logar, "porque somos certificado que assim o Rei como os mercadores que aqui estão, teem mui grandes riquezas; e nisso tende bom recado, que de vós confiamos para tudo se aproveitar e tomar e será entregue ao nosso feitor, de vossa mão." Se o Rei tiver pago regularmente as pareas e tributo não se lhe fará mal algum, mas em todo o caso, "com seu prazer ou sem ele, fareis a fortaleza, podendo-se fazer sem perderdes tempo de viagem para carregação das naus." Se a cidade tiver de ser tomada á força, prenderá o Rei e filhos e os remeterá para Portugal na primeira oportunidade. Consta haver naquela cidade muito oiro e mercadorias e por isso recomenda "para tudo se arrecadar de maneira que se não perca nada." Nesta fortaleza ficará por capitão Pero Ferreira com gente e artilharia, alcaide Duarte de Melo; no mar uma caravela e um bergatim.

De Quiloa seguirá logo para a India; encontrando algum navio que vá para Melinde, mandará nele ao Rei um degradedado com a carta que leve para ele. De Quiloa expedirá um par de *barynes* a explorar a costa até ao Guardafui. Em Anjediva desembarcará e fará fortaleza e armará as galés que leva desarmadas as quais ficarão a cargo de João Serrão; Lopo Sanchez acompanhará o Viso Rei a Cochim até estarem prontas as galés que se

armem em Anjediva. Na fortaleza ficará Manuel Pessanha; e João Serrão lhe ficará subordinado.

Construída a fortaleza e armadas as galés, e caravelas, o Viso-Rei seguirá para Cochim, passando de caminho por Calicut que bombardeará; enviará carta d'amizade a Cananor.

Cochim. Em Cochim saberá do Feitor qual o procedimento do Rei, situação geral da Índia, carga e visitará o Rei a quem entregará a carta e presentes que leva. Na fortaleza de Cochim ficará D. Alvaro por capitão e nela meterá o que for preciso. Dadas as instruções para as naus se carregarem rapidamente passará o Viso Rei a Coullão onde visitará o Rei agradecendo-lhe o bom tratamento feito aos Albuquerque: aí deixará Feitor, officiaes e os frades que leva. Logo que tenha trez naus carregadas nomeará capitão-mor para elas e mandal-as-ha partir para o Reino: a largada deverá ser até ao fim de Janeiro.

Segue-se uma serie de regras para a carga e descarga, procedimento dos feitores e escrivães, relações a enviar, preços de venda das mercadorias. Não havendo carga para todos os navios, ficarão na Índia os que não possam ser carregados. A especiaría será comprada pelos Feitores e officiaes que para isso receberão dinheiro; os mareantes e companhia entregarão ao Feitor da armada o dinheiro a que monta as quintaladas a que teem direito e esse dinheiro juntamente com o de Elrei será entregue pelo Feitor Vasco Queimado aos feitores para as aquisições de pimenta; das especiarías que as partes carregarem, metade pertencerá á fazenda real. Seguem instruções sobre a distribuição da carga.

Ninguém pode desembarcar nos portos à excepção dos Feitores das naus e seus escrivães, mas o capitão-mor poderá conceder algumas licenças a quem entender: os contraventores perderão soldos e quintaladas e serão degredados para S. Helena ou S. Tomé, e sendo peões serão tambem açoutados.

Os capitães das naus podem comprar e trazer varias mercadorias; os capitães das fortalezas, feitores e officiaes das Feitorias nada poderão trazer. Fixa a maneira de nomear os Feitores. Ninguém pode trazer escravos para Portugal.

Terminada a carga o capitão-mór irá a Cochim e Anjediva a ultimar a fortaleza; deixará alguns navios na Índia e seguirá para o Mar Roxo para construir uma fortaleza na embocadura a fechar a passagem da especiaría por ali para a Europa, de modo a "todos os da Índia perderem a fantasia de mais poderem tratar senão comvosco, e assim por estar perto da terra do Preste João".

Para o Mar Roxo levará consigo Manuel Pessanha e Lourenço de Brito, e na fortaleza que fizer na embocadura, ficará Manuel Pessanha por capitão, caso não vá Pero Nhaya; ali ficarão os navios necesarios à defeza e ataque às naus dos mouros; ficará ali como alcaide-mor Fernão Sanches. Se Manuel Pessanha for com o Viso Rei para o Mar Vermelho, ficará em Anjediva, por capitão, seu filho João Rodrigues e com ele João Pegas e Sancho Sanches. Feita fortaleza, para lá passará o filho de Manuel Pessanha, indo para Anjediva Lourenço de Brito ou, se este preferir Coullão, Vasco Gomes d'Abreu.

De regresso à Índia, fará fortaleza em Coullão onde se fará casa para os frades pegada à Igreja. Autorisa o Viso Rei a fazer paz com Calicut se isso agradar ao Rei de Cochim; se não fizer paz, queimal-a-ha até a destruir. Mandará navios cruzar nas costas de Dabul, Chaul, Cambay e Ormuz a aprezar navios, afim de obrigar os reis daquelas terras a fazerem-se tributarios.

Não deixará tratar mal os naturaes da terra e a gente da armada deve ser "bem mandada e castigada e a tragaes assim redonda e certa que não façam nenhum desmando nos logares onde vos acentardes".

Em Cochim mandará fazer embarcações de remos.

Procurará estabelecer relações com o Rei de Cambaya afim de ali obter as mercadorias precisas para Sofala.

O Viso Rei terá "todo nosso inteiro poder para proverdes nas causas da justiça e nossa fazenda". Nomeia para todos os cargos, fixa ordenados — *acostamentos* — a alguns senhores indígenas.

Mandará alguns homens a descobrir Malaca, e outras terras, e para Portugal 2 ou 3 sacerdotes cristãos de Coulaõ que voluntariamente queiram fazer a viagem.

Que averigue se no caso de morrer o Rei de Cochim, o Reino poderia ser incorporado na coroa de Portugal.

Estabelece a maneira de repartir as prezas: para o capitão a *joia* que ele quizer, de valor até 500 cruzados; 1/5 para Elrei; do que ficou, 43 para Elrei para as despesas das armadas e o terço restante para se dividir pela gente toda, sendo 10 partes para os capitães.

Diogo Fernandes, o feitor de Cochim, regressaria a Portugal dando-lhe a capitania d'uma das naus de carga.

Mandará a Narsinga um enviado com uma carta de Elrei que para isso lhe é entregue. Na armada vão selas para o que for preciso.

Feita a carga das naus mandará duas caravelas a descobrir Ceylaõ, Pegu, Malaca e outros logares, devendo ir pessoas competentes para colher informações e colocar em terra *padrões*, "os quaes padrões mandareis fazer aos pedreiros que lá vão".

"Na banda d'alem e na boca do Mar Roxo", particularmente no Guarui, também se assentarão Padrões.

Manda levar mantimentos às localidades onde haja falta, para abastecimento das populações a preços moderados, e que se tratem bem os indígenas.

Na India ficarão Vasco Gomes d'Abreu e João da Nova em navios grandes, e outros navios menores.

Recomendações especiaes sobre a limpeza e queima dos costados das naus, "porque as naus se comem de buzano".

Se as naus de carga não tiverem gente bastante para as tripular, completar-se-ha com indígenas.

Tendo resolvido, agora, que Pero da Nhaya vá para Sofala, não é preciso que o Viso Rei ali vá, devendo seguir directamente do Cabo da Boa Esperança para Quiloa. (1)

O Viso Rei fica autorizado a alterar as disposições deste Regimento quando queira ouvindo, porem, antes, "as pessoas com quem mandamos que vos aconselheis." Lisboa 5 de Março de 1505. Antonio Carneiro, o fez.

Segue-se um aditamento sobre punições, jôgo, determinação para que os navios se demorem pouco nos portos e aquisição das armadas. Assinado: Elrei, com rubrica e guarda.

No dia 24 de Março de 1505, Elrei D. Manuel com a corte ouviram na Sé a missa de pontifical rezada pelo Bispo D. Diogo Ortiz: a ela assistiu o novo Viso Rei com os seus capitães, homens d'armas e marinheiros.

(1) Este aditamento foi o resultado de se ter perdido a nau de Pero da Nhaya ainda no Tejo.

Terminada a missa, um Rei d'armas pegou na bandeira real de damasco branco franjado d'ouro, com a cruz de cristo em setim cramezim, que o Bispo benzera, e foi leval-a a Elrei, que saindo de dentro da cortina a empunhou e entregou a D. Francisco d'Almeida.

Então o rei d'armas, bradou:

— D. Francisco d'Almeida, Governador, Viso Rei da India, por Elrei nosso senhor!

O Viso Rei ergueu a bandeira ao ar e passou-a ao filho, D. Lourenço, "mui gentil homem e de muitas perfeições, e sobre todas extreme nas forças, e mui dextro no jogo de todal-as armas e manhas corporaes que havia, e muito se prezava no jogo d'alabarda, pela muita força que tinha, e que muito usou em Castela, andando lá com seu pae... mui doutrinado e de toda a cortezia e bom ensino".

O Viso Rei neste dia vestia "um tabardo frizado, e pelota de setim preto, e barrete de duas voltas, e uma cadeia d'ombros mui delgada e uma mula guarnecida de veludo preto, franjada de fio d'ouro. O Viso Rei era de meão corpo, honrada presença, e um pouco calvo e de muita autoridade". Á porta da Sé cavalgou, com os capitães, seguindo a outra gente a pé. Após ele marchavam os oitenta alabardeiros da sua guarda, de alabardas douradas, jaquetas de veludo preto com mangas de setim roxo, espadas douradas à cinta, calças de gran, bigarradas e cortadas, sapatos brancos, e na mão o barrete de setim roxo com penas brancas. Marchavam em duas fileiras de 40 homens, com o capitão, a cavalo, à estardiota, no meio, vestido com uma roupela de setim roxo, e com o barrete na mão.

Entre o Viso Rei e a Guarda, ia D. Lourenço, montado num cavalo branco, à brida, com guarnições de brocado razo chapeadas de rosas de prata branca e testeira com trunfa de penachos. Vestia um pelote francês de grandes mangas, de brocado de pelo, forrado de setim encarnado, com muitos golpes tomados com rosas de ouro esmaltadas; um rico colar de hombros e um cinto d'ouro esmaltado. Calças inteiras, brancas, forradas de brocado raso, cortadas até ao joelho; nos pés sapatos franceses. Deitado sôbre o hombro esquerdo, e preso por uma fita de tafetá azul, o chapéu de guedelha de setim cramezim com penacho branco e argenteria de ouro, pôsto em uma rica medalha. Ia descoberto e mostrava "os grandes, crespos e louros cabelos, de mui formozo rosto e corpo". Na mão direita levava a bandeira real.

À frente de D. Lourenço, iam 24 moços de esporas, vestindo gibões franceses de setim branco e encarnado com muitos cortes, calças brancas forradas de encarnado e cortadas, sapatos de veludo azul, espada dourada na mão, gorros de veludo azul com penas brancas, lançados às costas, e presos por fitas encarnadas.

À frente dos alabardeiros iam os atabales e trombetas. O Rei e a Corte foram para as janelas do Paço, assistir ao desfile do cortejo, e o povo, apinhado nas ruas aclamava-os ao passarem gabando a beleza dos vestuários e, sobretudo, o garbo do filho do Viso Rei.

— Bendita a mãe que te pariu! gritavam as regateiras fitando o belo moço.

Chegados ao cais, o Viso Rei embarcou no seu batel toldado de veludo roxo e branco franjado de ouro e com a bandeira com as suas armas. D. Lourenço saltou para a prôa, onde ficou de pé e com a bandeira real empunhada.

Embarcaram os capitães e soldados e tudo largou para as naus, "que estavam formozas de bandeiras e estandartes, apavezadas, e fizeram grande salva d'artilharia".

Passava do meio dia quando a armada, descendo o rio, foi fundear em Belem, onde no dia seguinte El Rei a foi visitar e, seguidamente, como o vento soprasse favorável, desfraldam velas, levaram ancoras, e largam: «o que foi a 25 de março, dia de Anunciação de Nossa Senhora, do ano de mil quinhentos e cinco».

Com a armada do Viso Rei devia partir a de Pero de Nhaya de cinco navios, para ir levantar fortaleza em Sofala; mas como a sua nau abrisse uma água, não poudé então partir, só o fazendo em Maio seguinte.

Com tempo esplendido, a armada do Viso Rei foi ao porto de Dale, na Guiné, onde esteve nove dias a fazer aguada; partiu dali a 25 de abril, e entrando nas calmarias da Guiné, com a calema, a nau de Pero Ferreira, mal construída, abriu uma água tão grande que se afundou, salvando-se, contudo, a tripulação e parte da carga. A viagem arrastou-se nesta calmaria oito longos dias, e como algumas das naus fossem muito zorreiras, o Viso Rei tomou consigo os treze navios mais veleiros, e deixou para trás os outros sob o comando de Bastião de Souza.

A 29 de abril cortam o Equador, onde abandonaram o navio do Fogaça que abriu também água e se afundou salvando-se apenas a gente e um caixão com a prata da capela do Viso Rei.

Para fugir ás calmarias da Guiné e dar resguardo ao Cabo, a armada «meteu-se tanto ao pêgo que o dia não era de seis horas, com tormenta, e frio, e neves».

Uma manhã, a capitaina, que ia na frente, descobriu umas ilhas pela prôa, e assignalou-as com um tiro de peça; mas o tempo, crescendo, não deixou reconhece-los, e ao cair a noite era temporal defeito. Eram as paragens onde Bartolomeu Dias se perdera; durante a noite a armada espalhou-se, e ao amanhecer, da capitaina, apenas se viam sete velas.

Diogo Correia, um dos que não dera pelo sinal para pairar, correu toda a noite, e só tornou a aparecer no dia seguinte, depois do meio dia. Lopo Sanches dobrou o Cabo, e foi, com água aberta, encalhar entre o Cabo de S. Sebastião e Sofala, morrendo alguns homens; êle, com o resto da tripulação, conseguiu chegar á terra e foram ao longo da praia até Sofala, onde o Sheick os recolheu e encaminhou para Moçambique e daí para Quiloa onde encontraram ainda o Viso Rei. Este, dobrara o Cabo a 26 de junho (1), a 175 leguas ao mar; procurou aproximar-se da terra, e a 2 de julho deu-lhe uma trovoadá que lhe rompeu as velas e as da nau de Diogo Correia. Desta última nau caíram nessa ocasião ao mar três homens; dois morreram afogados, e o terceiro, que se chamava Fernão Lourenço, como fosse noite gritou para os da nau, que tivessem tento nele que se aguentaria toda a noite no mar para o recolherem na manhã seguinte; e assim succedeu!

2 — Tomada de Quiloa e Mombaça — Chegada a Anjediva

1505

A 12 de Julho, com oito navios apenas, o Viso Rei avista as Ilhas Primeiras, expede para Moçambique Gonçalo de Paiva com Fernão Bermudes para saberem novas, e a 22, no quarto de prima, fundeia em Quiloa.

(1) No Hemisfério Sul o verão vai de Outubro a Março, e o inverno de Abril a Setembro.

"Quiloa está em uma Ilha (1), junto á terra firme, em que está uma vila de Mouros, de mui formozas casas de pedra e cal, com muitas janelas á nossa maneira, muito bem armadas, e com muitos terrados; as portas, de madeira, mui bem lavradas, e mui formosa marcenaria; de redor, muitos pomares e hortas com muita agua doce. Tem rei mouro sobre si, e daqui tratam com os de Sofala, donde lhe trazem muito oiro e daqui se estendiam por toda a Arabia Feliz. Antes que Elrei Nosso Senhor mandasse descobrir a India, os mouros de Sofala, Cuama, Angóxe e Moçambique, estavam todos á obediencia do Rei de Quiloa, que era um poderoso Rei entre eles; em a qual vila havia grande soma d'oiro, porque nenhuns navios não passavam para Sofala, que primeiro não viessem dar na ilha; e os mouros dela são deles brancos, e deles pretos..."

"A cidade está em uma ilha (2) junto da terra, e segundo vimos outras cidades e povoações de Mouros, todas estão ou em ilhas ou junto ao mar. Parece que tiveram o mesmo modo de conquista daquela terra, que nós na India, senhorando-se sómente da fralda do mar. Esta cidade foi muito prospera; as cazas todas de pedra e cal, com seus telhados. Eu vi umas taracenas com seus arcos, onde eles dizem que pezavam o oiro que vinha de Sofala aos Báres. Estes mouros teem algum trato nas Ilhas de Comoro e pela terra dentro, em marfim que compram aos cafres..."

Apenas fundeado, o Viso Rei mandou pedir ao Sheick, então o Mir Abraham, as páreas em divida, enviando-lhe ao mesmo tempo um presente de cousas de Portugal. O Sheick recusou o presente, respondendo que pagára pareas a Vasco da Gama forçado, e que nunca a tal acederia por sua livre vontade.

Esta attitude do Sheick fora-lhe aconselhada pelos mouros mercadores, cujo chefe, Mafamede Anconi ou Mahomet Anconi, pretendia crear embaços ao Sheick e substituí-lo.

Ao romper da alva de 24 de Julho, véspera de S. Tiago, à hora da preamar, o Viso Rei desembarcou 300 homens e a bandeira real levada por Pero Cão e foi colocar-se numa pequena altura enquanto os batéis voltavam a bordo buscar mais gente.

D. Lourenço de Almeida, com 150 homens, marchou ao longo da praia até às casas do Sheick, que à aproximação das fôrças fugiu com o Mahomet Anconi.

O Viso Rei fez então tocar as trombetas "dando Santiago com grande alvoroço de todos". As ruas eram estreitíssimas, ladeadas de casaria alta, terminada em terraços ou eirados, dos quais os mouros lançavam tal quantidade de pedras "que desatinavam os nossos, que recebiam grande dano por irem muito apinhados". Apoz duas horas de luta nas ruas a cidade estava despejada e começava o saque; as casas do Sheick foram seguradas para Elrei, que assim tomou também parte no saque, representado pelo Feitor da armada Fernão Valente.

D. Francisco de Almeida depois de armar alguns cavaleiros recolheu a bordo ao anoitecer, "maginando no que faria se Elrei não quizesse tornar". O problema era realmente de solução difícil, mas, felizmente, na manhã seguinte Mafamede Anconi mandou pedir um salvo conduto ao Viso Rei para lhe vir falar e concedido êste, apresentou-se e expoz a situação política da terra, demonstrando ser o Sheick um usurpador e apresentando a sua candidatura. O Viso Rei reuniu os capitães a conselho e assentou-se na

(1) Livro de Duarte Barbosa — Quiloa foi fundada no ano de 1500 pelo Príncipe Persa, Shiraz.

(2) Relação da viagem do Padre Monclaros.

substituição do Sheick o Mafamede Ancomi foi em seguida chamado ao chapiteu da nau, e aí o Viso Rei investiu-o no poder e fê-lo assinar um tratado de paz e vassalagem, foi isto no «dia de Santa Ana 26 de Julho»

Uma vez resolvida a questão da autoridade indígena, o Viso Rei começou a construção da fortaleza, aproveitando com êsse fim, um grupo de casas grandes e sólidas que ficavam sobre a praia e envolvendo-as com uma forte muralha, ficou a fortaleza quadrada, com 60 braços de lado, uma torre quadrada com um sobrado do lado da povoação, e outra do lado do mar. Dentro, levantou-se a torre de menagem com dois sobrados, e janelas em todas as faces, donde podia jogar artilharia. Nas casas alojou-se a guarnição, material e mantimentos. Na muralha exterior fizeram-se 20 bombardeiras para outras tantas peças grossas, afora falcões e berços. Com tal rapidez se trabalhou, que em desasseis dias se estava no andar das ameias e no dia de S. Tiago, o capelão da armada disse missa dentro dela, prègando Mestre Diogo, que ia para vigário geral da Índia. A fortaleza chamou-se *S. Tiago de Quiloa*.

Ficaram de guarnição 100 homens, afora feitor, alcaide, capelão e alguns degredados. capitão foi Pero Ferreira Fogaça, no mar ficou uma naveta com Lopo de Goes Henriques e 50 homens. Os armazens ficaram cheios de viveres e fazendas para o negócio com Moçambique. Os sòldos ficaram a cargo do novo Sheick.

No saque da cidade apanhara-se grande quantidade de fazendas, o Viso Rei entregou-as a Antão Gonçalves para as ir vender a Sofala, levando o dinheiro para a Índia.

Francisco Figueira foi nomeado feitor para Moçambique, com um escrivão e 4 homens, e ali preparou tudo para se poderem reparar os navios que lá fôsem ter, mas no entanto chegavam de Moçambique Gonçalo de Paiva e Fernão Bernardes, com cartas que ali deixaram. Pero de Albuquerque e Lopo Soares com notícias da Índia e a 3 de Agosto chegava João Serrão capitão de *Botafogo*, que com o tempo se separara da armada.

Antes de largar dali, o Viso Rei ordenou a Gaspar Pereira, o secretário, que escrevesse tudo quanto se passara em Quiloa, e assinasse esse escrito com dez capitães e fidalgos porque, dizia êle, «sou muito esquecido, e assim cumpre, para que alguns ruins não furtam a verdade». Era o começo das hostilidades pois o Viso Rei começava a perceber de que força era o secretário, como teremos ocasião de ver, e já não tinha com êle expansões, «e nos conselhos não lhe consentia que falasse nem desse voz».

A 9 de Agosto, «vespera do bemaventurado S. Lourenço», a armada largou para Mombaça iam apenas, treze navios, pois os outros ainda não tinham aparecido.

«*Mombaça* (1) está situada dentro da terra, cercada da guaa que fica em ilha, e para a banda da mão direita faz grande bahia em que estão as naus, a cidade mui nobre, de casaria terrada e rica de grandes labores de madeira, cercada de muro toda em roda fechada de portas com muitas torres e cubelos, assentada ao pé d'um outeiro com muitas mesquitas».

O pòrto propriamente dito, fica do lado NE da ilha em frente da cidade, mas o pòrto principal chamado *Kulindini* (logar fundo) é do lado oeste e fica 1 1/2 milha da cidade, um canal liga os dois portos.

A entrada da barra havia um cubelo com oito peças de artilharia montadas as peças da nau de Sancho de Toar que o Sheick fizera retirar do mar, da outra banda, dois cubelos.

(1) Em 4° 3' S e 39° 41' E — Também se chamava *Kisina* — *Mvita* — *Ilha da Guerra*, a ilha tem 3 milhas de comprimento por 2 de largura.

"A povoação, de Mouros tratantes e naturaes, de muita riqueza, pela grande escala que teem pela terra dentro".

Na manhã de 3 de Agosto, o Viso Rei faz sondar a barra por Gonçalo de Paiva; do baluarte atiram-lhe, o navio responde e um dos projecteis caindo no paiol da fortaleza fá-la explodir, e os mouros fogem. Reconhecida a barra, o Viso Rei entrou com os navios pequenos, e apenas fundeado mandou João da Nova a terra, para comunicar com os habitantes; estes, porém, receberam-o à pedrada: João da Nova disparou dois berços de metal que levava, "com que logo na praia ficou pago o jogo das pedras". Durante a noite ouviu-se gritar da praia em bom português:

— Olá dos navios! Ide dizer ao Viso Rei que venha em terra, que em Mombaça não hade achar as galinhas de Quiloa, mas vinte mil homens, que lhe hão de torcer os focinhos!...

Era um desertor português que andava com os mouros. Apesar de todas as bravatas, como a noite é boa conselheira, o Sheick, na manhã seguinte mandou pedir perdão ao Viso Rei; este respondeu-lhe que se avasalsasse; o mouro recusou e o Viso Rei disse ao enviado:

— Amanhã, eu e estes fidalgos lhe mostraremos, que os soberbos que não querem as coisas por bem, as aceitarão por mal.

As caravelas então aproximaram-se da terra e começaram a bater em brecha os muros da cidade, arrombando-os em diferentes pontos.

Ante manhã do dia seguinte, "vespera da Assumpção de Nossa Senhora", — 14 de Agosto — os soldados embarcam distribuidos em duas colunas; uma de 700 homens, "tudo gente mui luzida" sob o commando directo do Viso Rei, tendo como capitães Manoel Pessanha, Fernão Soares, Vasco Gomes de Abreu, João da Nova, Diogo Correia, Filipe Rodrigues, Francisco de Sá, Fernão Bernardes, Antão Gonçalves; outra de 600 homens comandada por D. Lourenço de Almeida, com os capitães Lourenço de Brito, D. Álvaro de Noronha, Rui Freire, Bastião de Sousa, Lopo Chanoça, Gonçalo de Paiva, Antão Vaz, Lucas da Fonseca, João Homem.

Rompia o sol quando os batéis largaram para terra, e nessa manhã macia e doce, "era grande formuzura ver as ricas armas e guiões": o de D. Lourenço era farpado, verde e branco, com letras dourado, e levava-o o seu alferes Diogo Cão.

Os mouros abrigados pelo muro, armados de cofos, terçados e arcos turquescos, dispararam uma nuvem de frechos sobre os assaltantes. D. Lourenço, penetra pela brecha mais próxima da praia, saltando por cima das pedras e entulho, empunhando e manejando a sua grande alabarda que abate num momento uns poucos de mouros, causando neles "tamanho espanto, que o não queriam ver".

O Viso Rei entrou por outra brecha e foi direito às casas do Sheick, onde os mouros, entrincheirados, se defendiam vigorosamente; mas D. Francisco de Almeida mandou tocar as trombetas, gritou *Santiago*, e os portugueses investiram com o inimigo, arrancando-o das casas e levando-o deante de si, pelas tortuosas e estreitas ruas da cidade, apesar da chuva de projecteis que outros mouros sobre elles lançavam de cima dos terraços.

D. Lourenço, no entanto, penetrára por outras ruas, mas forçado a retroceder, veio reunir-se ao pai que por seu turno teve também de retirar, não podendo romper por causa dos tiros dos terraços.

Voltando à praia, o Viso Rei mandou ordem aos navios para recommencarem o bombardeamento com maior intensidade, fez recolher a bordo os feridos e enterrou 14 mortos.

Vieram mantimentos para terra, a gente descansou e comeu, e depois do meio dia renovou-se o ataque.

João Negro, um valente soldado, conseguiu subir com alguns homens ao terreço duma casa, que duas mulheres defendiam, e como as cozas ficavam muito juntas, foram saluando dumas para as outras e, assim, expulsaram os mouros dos terreços, de forma que as colunas de D. Francisco e D. Lourenço podiam penetrar mais facilmente nas ruas.

Uma das, estava obstruída pelo desmoronamento das outras; era tal Vazante, que levou o guia de João da Noz, depois do estalo, seguido por alguns homens, e dali protegem o acesso dos outros. O contra-mestre de um de João da Noz com dois homens, (1) conseguem subir ao terraco dando uma grande explosão os outros.

Diogo Correia com Filipe Rodrigues e alguns homens, atravessam a povoação e saindo do outro lado, foram até à Massaria que incendiaram; Gomes e Aires com Diogo Barão atravessaram também a cidade e vão contar o sucedido aos senhores que procuravam fugir para o sul.

O Viso Rei com o Rei vão levando diante de si os monjes que se vão refugiar nas casas do Sacerde; mas D. Lourenço entra de repente com eles, levando a seu lado João Homem, «umto religioso cavalheiro, que trabalhava com uma espécie de armaras as mãos». Apez dasas dois seguem Lourenço e Antonio de Brito, Manuel Pessanha, Amador de Souza, Fernando de Castro, Fernando Ferreira, Pero Cão, Pero Lopes, Diogo Pires, quasi irmãos, Diogo Velho, «umto de Tezura», Diogo Pereira, Diogo Feres, Martinus Gomes, pedreiro, Luiz e Gil Fernandes, carpinteiros, Luiz Alvares, outro pedreiro, João Jacques, Ezequiel Pego, Gregorio Afonso, Casafelguez, Gaspar, João d'Albuquerque, Amão Gonçalves, Pero São, «da joia da bandei-za», Martin Van, «da joia do guão», João Serrão, Antonio de Souza, João Freire e outros «que foram os alcaides a cuidar com os monjes as lous- cadas».

Logo de Nova York, Nova York e outros em parêntese os tempos de

O Viso Pal chegou até à saída da cidade, e tendo o inimigo forte a sua frente, reconheceu que as tropas do Sinaloi não mandavam todas as tropas brutas, e deu ordem para que fossem retiradas as tropas do Sinaloi. Para evitar que não se encontrassem, ao passo que estavam muito perto de serem mortos, o Viso Pal deu ordem de que fossem retiradas as tropas do Sinaloi. Para evitar que não se encontrassem, ao passo que estavam muito perto de serem mortos, o Viso Pal deu ordem de que fossem retiradas as tropas do Sinaloi.

Por outro lado, a ideia de que os negros "não tinham de brigar por causa da cor, e se desparavam com os outros grandes brancos, em que se lembravam bem disso se estivessem um dia de manhã que ele negava, que não sabia contar, e a quem, por isso o Tio Rô disse: "negro não conta..."

— 3 —

274-1086

11. ~~11. The following is a list of the names of the persons who have been~~
~~deceased persons who have been~~
~~deceased persons who have been~~

202

1. The following are listed in order of their appearance in the report to the

doutros que não chegaram até nós: Diogo Lopes, escrivão da náu *S. Jeronimo*, Bastião de Vargos, feitor da *Conceição*, Diogo Ayres, escrivão do *Bota Fogo*, Filipe Rodrigues, capitão do navio de Lourenço Fernandes, Paulo Pinelo, feitor da náu *S. Rafael*, Filipe Brancado, feitor da náu *Leonarda*, João de Buona Garcia, feitor da náu *Madalena*, Alvaro Lopes, escrivão da náu *S. Cristovam*, Bastião de Goes, escrivão do *S. Miguel*, João d'Alcaçova, da *Flor de la Mar*, Pero Fernandes, escrivão da caravela *Santa Catarina*, capitão Gonçalo de Paiva.

Passados dias, o Sheick mandou recado pedindo paz e avassalou-se em dez mil cruzados d'oiro, de que pagou logo 50 mil, isto é, 5 anos.

D. Lourenço foi mandado pelo pai colocar um Padrão à entrada da barra, à direita, o qual, como de costume, consistia numa coluna de mármore branco encimada com a Cruz de Cristo; tinha duas braças de altura e a grossura da côxa dum homem; "o qual Padrão D. Lourenço tomou só, nos braços, e o poz em pé no buraco, do que todos se espantaram, que não sabiam que ele tinha tal força".

O Sheick, agradecido ao Viso Rei por não lhe fazer mais mal, foi a bordo da náu visitá-lo e levou uma caixa com panos de sêda e ouro, um colar de perolas do valor de 30 mil cruzados, cem marcos de prata, e um terçado no valor de 50 mil cruzados, e tudo ofereceu a D. Lourenço, dizendo ao Viso Rei:

— Senhor, tu és tão grande, que não tenho que te dar.

D. Lourenço retribuiu o presente do Sheick com vários objectos de Portugal: um roupão de veludo cramezim aveludado, forrado de brocado raso, com botões de esmeraldas nas mangas, algumas peças de brocado de pêlo e de setins de várias côres, uma adarga forrada por dentro de setim cramezim e com borlas de ouro, uma lança de ferro dourado com um estandarte de damasco bipartido, branco e vermelho.

Feitas as despedidas, chegava Vasco Gomes d'Abreu que se desgarrára na viagem; o Viso Rei expedia Antão Vaz na caravela, para Melinde a visitar o Sheick, e êle largava de Mombaça com a armada a 26 de Agosto. Dali foi entrar *Angra de Santa Helena*, "que está abaixo 8 léguas de Melinde", onde encontrou as caravelas de João Homem, Lopo Chanoca e João Nunes, os quaes informaram de que antes de chegarem ao Cabo, tinham descoberto 3 ilhas, a que puzeram os nomes de *Santa Maria da Graça*, *S. João* e *S. Jorge*; e dali tinham ido à Ilha de Zamzibar, onde foram bem recebidos.

D. Francisco d'Almeida largou de Santa Helena a 27, e foi fundear em Anjediva a 13 de Setembro de 1505. Ali fez armar duas caravelas e um bergantim que vinham desarmados a bordo, mandou João Homem na caravela a Cananor e Cochim, a anunciar a sua chegada, e aprontar a carga para os navios e mandou que ficassem cruzando na costa, Lopo Chanoca e Gonçalo de Paiva.

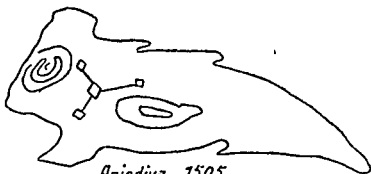
A Ilha de Anjediva é de rocha, de paredes aprumadas, e para chegar acima havia uma escadaria talhada na rocha. Começou-se a construir a fortaleza dia de *Santa Justina* — 26 de Setembro — nome com que por isso ela ficou, aproveitando-se os alicerces duma construção antiga. A fortaleza consistiu numa grande cortina bordando a praia, no sopé de dois morros mais salientes, apoiando os extremos em cubelos: a meio, uma torre de menagem e à frente dela um outro cubelo; foi de pedra e cal.

Em 20 dias estava concluída, com palhotas para a guarnição — 60 homens — que sob o comando de Manuel Pessanha ali ficaram, muito contrariados, "por ser ele, (Manuel Pessanha), homem ravinioso e de forte condição"; como feitor ficou Duarte Pereira.

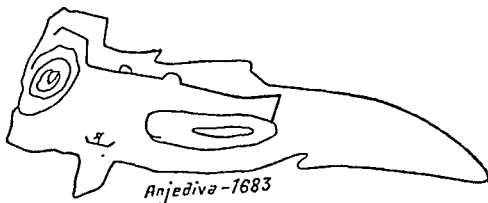
A capitania da náu de Manuel Pessanha passou para Rodrigo Rebeião, «fidalgo honrado», e que depois prestou grandes serviços na Índia, sobretudo com Albuquerque. (1)

Emquanto isto se fazia, chegava Manuel Teles, que entregava ao Viso Rei cem mil Serafins de presas que fizera, o que admirou bastante D. Francisco d'Almeida, «de os nossos darem um tão grosso dinheiro». E como Manuel Teles mostrara servir tão bem, foi mandado cruzar em frente de Calicut com dois navios e duas caravelas.

A notícia dos sucesos de Quíloa e Mombaça espalhiara-se prontamente pela costa Indiana pelo que o Mil Ráo, rei de Onor e os mouros de Cintacóra apressaram-se a mandar visitar o Vice Rei. Da parte de Mil Rao veio um mouro de nome Timoja, homem muito esperto e corsario afamado na costa; este, procurou induzir o Viso Rei a atacar Cintacóra, vassalo do Sabaio de Gôa e D. Francisco expediu para ali o filho, D. Lourenço, com Sebastião de Sousa, João da Nova e Antão Vaz; mas nada tiveram que fazer, porque o Senhor de Cintacóra avassalou-se sem resistir.



Anjediva - 1505
Fortaleza de S. Justina



Anjediva - 1683

O Viso Rei informado, depois desta expedição, de que o Timoja era um verdadeiro pirata, admoestou-o e proibiu-lhe terminantemente que continuasse pirateando, retirando o Timoja, por isso, pouco satisfeito.

Passados alguns dias, aparece á vista de Anjediva uma nau de Ormuz com cavalos; perseguida por uma das nossas caravelas, foi meter-se em Onor. Dias depois chegava Lopo de Goes que fora mandado de Quíloa a Sofala vender fazendas, e com ele Pero Barreto de Magalhães, João Vaz de Almada e Jorge Nunes da armada de Pero de Nhaya.

(1) Em 1507 na armada de Tristão da Cunha veio ordem de Portugal para se demorarem no Viso Rei e mandar a ordem a seguir abaixo e a fortaleza que se edificou.

João Homem, que o Viso Rei mandára a Cananor, Cochim e Coulão, foi informado nesta ultima povoação, pelo feitor Antonio de Sá, de estarem ali 34 naus de Calicut carregadas com pimenta. João Homem que "era cavaleiro, e mal sofrido", mandou tirar os lemes e as velas daquelas naus, ajudado neste trabalho por Pero Rafael que ali estava na sua caravela e entregarem tudo ao Feitor, seguindo João Homem para Cochim em busca do Viso Rei; não o encontrando ali, seguiu avante, aprezando nas alturas de Cananor duas naus de mouros, e em cada uma delas meteu tres portugueses; seguindo seu caminho, os mouros duma das naus caem sôbre os tres portugueses, que matam, e fogem com o navio; o Viso Rei ficou tão zangado que logo quiz tirar a João Homem o comando da caravela, mas a pedido dos fidalgos perdoou-lhe; João Homem porém, nunca mais tornou a entrar em graça.

Prontas as três galés que ali se armaram, foram tripuladas por degredados que vinham de Portugal e mouros aprisionados no caminho, e deu as capitâneas a João Serrão, André da Silveira e Filipe Rodrigues (1), e ordenou ao Ouvidor que passasse "cartas de perdão" áqueles degredados, apesar dos protestos de Gaspar Pereira, que dizia ser das suas atribuições o passar as cartas de perdão.

3 — Cananor, Coulão, Pandarane

1505

D. Francisco de Almeida largou de Anjediva para Onor, na quinta-feira 16 de outubro de 505 e no mesmo dia fundeou em frente do porto; no dia seguinte mandou vigiar o rio por Fernão Soares e exigir do Rei a entrega dos navios com cavalos que ali se tinham refugiado. Veio uma resposta evasiva, trocaram-se mais recados, e, farto de esperar, D. Francisco passou para uma das caravelas e entrou no porto com os bateis cheios de gente. D. Lourenço de Almeida desembarca e ataca a tranqueira inimiga, toma-a e incendeia 14 navios surtos no porto. O Rei, então, manda o Timoja a pedir paz, que o Viso Rei concede mediante declaração de vassalagem, pagamento de mil pardaus anuaes e, imediatamente, 23 mil sara-fins de indemnisação pelo caso do navio dos cavalos.

De Onor o Viso Rei passou a Cananor, onde chega na quarta-feira 22 de outubro, topando no caminho com João Homem que voltava de Coulão. Em Cananor quiz o Viso Rei deixar Lopo Cabreira, que do reino vinha nomeado feitor para ali, mas o Feitor Gonçalo Gil Barbosa aconselhou-o a não deixar ali feitoria sem fortaleza e por isso, fez o Viso Rei construir a 30 de outubro, a fortaleza que se chamou *Santo Angelo* sobre os alicerces que o feitor Gil Barbosa começara, sob a côr de fazer feitoria.

Capitão desta fortaleza foi Lourenço de Brito, feitor o Lopo Cabreira, alcaide o castelhano Guadalajara, guarnição 150 homens e 2 navios no mar. Começou aqui D. Francisco de Almeida a assinar *Viso Rei*.

Achava-se nessa ocasião em Cananor um enviado do Naraxinha Ráo, de Bisnagá, (Vijayanagára), que então dominava grande parte do Sul da India, o qual vinha propôr o casamento duma princesa de Bisnagá com o príncipe, filho do Rei de Portugal.

"Este Reino de Narsinga (2) é muito grande e muito povoado, e muito

(1) Goes diz Simão Martins e Jacome Dias.

(2) Goes — Chron. de El-Rei D. Manuel — 1.^a parte.

abastado de arroz e legumes, carnes, pescados, frutas e caças de monte e ribeira e muito viçoso de hortas e outros arvoredos, e de fontes e ribeiras. Ha nele, minas de ouro e diamantes. As cidades que tem ao longo do mar são povoadas de mouros e as do sertão de gentios.

A mór cidade deste Reino e a principal, se chama Bisnagá, que terá uma bôa legua de circuito, de muro mui forte e bem armado, e tem muitas praças e muito boas casas de pedra e cal e outras palhaças e muito grandes e fortes pagodes. Ha nêle tanta gente que não cabe pelas ruas, ha muitos mercadores cristãos, gentios, mouros e judeus de diversas nações, porque de todas as partes do mundo podem ali vir comprar e vender. Acha-se nesta cidade, toda a qualidade de mercadorias, com que os mercadores podem entrar no reino sem pagar direitos, se levam cavalos de Ormuz, Persia ou Arabia, os quais El-Rei compra todos, os que não levam cavalos, pagam os direitos costumados.

Esta liberdade dá El-Rei de Narsinga aos mercadores, para que lhe levem muitos dêstes cavalos, e não ao Reino Daquem (Deccan), e a outros senhores com quem muitas vezes tem guerra, o que é causa de entrarem cada ano, naquella cidade, tres e quatro mil cavalos, na qual, El-Rei, tem uns muito grandes e mui sumptuosos paços, assim de casas com pateos e jardins e tanques em que ha muito pescado.

E' gentio e serve se com mui grande Estado; vive mais polidamente em seu comer e vestir, que os Reis do Malabar. Continuamente tem guarda de muitos soldados e muitos porteiros, e falam lhe com difficuldade assim os grandes senhores como a outra gente. Estes Reis não casam, mas teem mais de 300 mancebas, todas filhas de grandes senhores do Reino, que estão no Paço aos mezes e o outro tempo em casa dos pais.

Quando o Rei de Narsinga morre, queimam-lhe o corpo numa grande fogueira de sandalo, aquila e outros paus cheirosos, e queimam, com ele, todas estas mulheres, e quantos privados teem, e todos os officiaes da sua caza, o que fazem com tanto amôr, que pelem sobre quem primeiro hade chegar a fogueira, em que lançam muita moeda d'ouro, crendo que tudo aquilo vae com eles ao outro mundo, e que tem la disso necessidade. Fazem estes reis guardar muito inteiramente justiça aos estrangeiros principalmente aos mercadores. Afora 30 mil cavalos da cavalaria d'Elrei, tem espalhados pelo Reino mais de 80 mil. Os peões são sem conto, pois facilmente se juntam n'um exercito mais de 900 mil.

D Francisco, conhecendo a importancia que o cerimonial tem para os orientaes, desenrolou a pompa que poude, para receber o enviado de Narsinga. A tolda da sua nau foi armada com panos d'Arraz e Flandres, os alabardeiros formavam com os seus uniformes de gala, preto e roxo, e alabardas douradas os porteiros com as suas maças de prata aos hombros. Em bancos cobertos por lambeis, sentaram se os capitães vestidos de gala e descobertos, e o Viso Rei tomou logar n'uma cadeira de espaldar, "rica e nobremente vestido".

O enviado de Bisnagá oferecia todos os portos a excepção de Baticala (Bathcal), para os Portuguezes montarem feitorias, e para firmar a amizade entre os dois Reinos oferecia o Rei "uma sua irmã moça e de bom parecer" para noiva do Principe herdeiro de Portugal. Entregou presentes ao Viso Rei retribuui com peças de ouro e prata que levava de Portugal. Antes de largar de Cananor chegou ao Viso Rei a noticia de que os Mouros de Cochin tinham morto o Feitor Antonio de Sá e 12 Portuguezes que ali estavam. A causa da historia dos lemes e velas que narrámos ja, Pero Rafael estava na caravela nada poude evitar, mas queimara 5 naus e saíra para Cochin.

O Viso Rei chegou a Cochim a 1 de Novembro, dia de Todos os Santos. Em Cochim já não reinava o Trinumpate, mas seu sobrinho Nambadara, mais afeiçoado aos Portuguezes, a quem o Viso Rei coroou solenemente, com a corôa d'ouro que trazia de Portugal; e como ali recebesse noticia de que os Mouros de Dabul tinham ido sobre Anjediva, expediu para lá o filho, D. Lourenço, no bergantim e com 4 caravelas e duas galés; ao chegarem, porem, já os Mouros tinham retirado. Deixando em Anjediva Jorge Mendes com esses navios, D. Lourenço foi a Couvão onde queimou 27 embarcações e recolheu a Cochim.

Tratou então o Viso Rei da carga das naus para o Reino, que foram oito, capitão-mor Fernão Soares e capitães Sebastião de Souza, Rui Freire, Manuel Teles, Antão Gonçalves, Diogo Correia, Gonçalo Gil Barboza, que fora feitor de Cananor, e Diogo Fernandes Correia que fora alcaide e feitor de Cochim; estas naus largaram a 26 de Novembro 505 para Cananor onde completaram a carga, partindo seguidamente para Portugal; a 1 de Fevereiro de 506, foram ter a uma terra desconhecida, cuja costa percorreram durante 17 dias, sabendo depois, que era a ilha que os antigos chamavam da *Lua* e os nossos *S. Lourenço*; chegam a Lisboa a 23 de Maio 506.

Logo que o Samorim soube da chegada do Viso Rei, fez os seus preparativos de guerra, e organisou uma armada de 400 navios com 10 mil homens de peleja, cujo comando deu a um habil e valente mouro chamado Abdul-Raman; o Viso Rei apenas recebe esta informação, sai de Cananor com oito naus, outras tantas navetas, sete caravelas, quatro galés, e um bergantim, em que leva 2000 homens, dirigindo-se sobre Calicut.

Ao chegar em frente do porto, avista a armada inimiga encostada à terra, a qual se esforça, seguidamente, por se colocar a barlavento da nossa; percebendo-lhe a intenção, o Viso Rei faz-se na volta da terra com os navios maiores, dando ordem às galés e caravelas para irem cortar o caminho ao inimigo; estas galés e caravelas armadas com 3 peças grossas à prôa, dois falcões à pôpa, e mais trez na coxía abriram logo fogo. Os paráos de Calicut, em grande numero, procuram isolar as galés, que fugiram a refugiar-se junto das caravelas cujo fogo fez deter os paráos: e as duas armadas agora ao alcance de tiro eficaz, começaram a bombardear-se e a batalha generalisou-se. Um pelouro, que entra na caravela de Lopo Chanoca, mata-lhe 4-5 homens; outro derruba o mastro de mezena do navio de João Homem matando o mestre; um outro quebra um camelo da caravela de Cide de Souza; outros vão destruir as caravelas de Gonçalo de Paiva, Lucas da Fonseca e Antão Vaz. Em compensação, a nossa artilharia muito mais poderosa e batendo em cheio na multidão de paráos apinhados afunda uns 50 ou 60 e quebra os mastros e vergas das embarcações maiores. Combatia-se em calma, e, portanto, com grande vantagem do inimigo que possuía mais navios de remos.

Logo, porem, que com a tarde veio a viração, e as caravelas poderam mecher-se, o seu fogo afundou umas vinte naus mouras; as navetas largando todo o pano, e com trombetas e gritas, atiram-se sobre o inimigo. Manuel Teles, Pero Barreto, João da Nova, Diogo Correia, João Vaz d'Almeida, fazem proezas, despedaçando, e afundando. "Tudo era fogo, e fumo, e gritos", diz Gaspar Correia.

As navetas passavam, correndo, por entre as naus dos mouros, disparavam a artilharia sem abalroar, e voltavam para traz a repetir a manobra. As naus dos mouros chegavam-se às nossas caravelas, e cobriam-as de pedras e frechas, por ficarem estas muito mais baixas, mas em compensação, a artilharia das caravelas atirando aos altos das naus, despedaçavam-as por cima e matavam-lhes a gente.

A um sinal do navio do Viso Rei, as navetas foram meter-se entre as naus dos mouros, afundando logo de entrada umas quatro. Vendo o destroço que ia já na armada inimiga, e a confusão que nela estabelecera a nossa artilharia, o Viso Rei ordenou a D. Lourenço d'Almeida para, com Filipe Rodrigues, Ruy Freire e Bastião de Souza atacarem a capitania inimiga, ao mesmo tempo que os navios grandes aproximando-se mais das naus inimigas as batiam fortemente com a sua artilharia.

Atraz de D. Lourenço largaram D. Diogo de Miranda e o irmão D. Manuel da Silva, D. Francisco da Cunha, D. João Pereira, D. Estevam Coutinho, Fernão Pessanha, D. Cristovão de Lima, Leonel da Costa, João Coutinho, "todos fidalgos mancebos", e Fernão Coutinho, Gil de Goes, Martim Afonso de Melo, Fernão Pestana, Artur de Brito e o irmão Cristovão de Brito, D. Antonio de Melo, Lizuarte de Melo e outros.

D. Lourenço adeantou-se aos outros, atravessando por entre os navios inimigos, tangendo trombetas, direito à capitania inimiga que tinha uma gavea como as nossas, baileus muito altos, e muita gente de peleja, e sob os baileus muita artilharia. Ao atravessar por entre a armada inimiga o navio de D. Lourenço recebeu cinco pelouros nos costados, e muitas flechas e pedras que lhe derrubaram alguns homens; mas seguindo ávante, foi abalroar a capitania inimiga, largando os marinheiros as escotas e ferrando o pano; as ancoras da nau inimiga, que estavam suspensas prenderam-se na costura da enxarcia do navio de D. Lourenço e este ficou seguro, com a pôpa sobre a prôa inimiga. Então, D. Lourenço, agil como um gamo, saltou para dentro da nau dos mouros e maneando a sua formidável alabarda, foi abrindo caminho; a seus lados, Lizuarte de Melo com uma espada de ambas as mãos, e D. João Pereira e Leoniz Coutinho "que estes pelejavam com espadas grandes", iam derrubando quantos mouros alcançavam. Seguidos por uns 30 fidalgos, estes trez foram abrindo caminho entre os mouros, que eram mais de seiscentos, incitados pelo seu capitão, "mui soberbo sobre o baileu de pôpa, falando aos seus..."

A este tempo Bastião de Souza conseguiu tambem abalroar a capitania pela outra borda, e os mouros começavam franqueando, quando uma pedra lançada da gavea, veio bater sobre o capitão mouro, derrubando-o; logo uns 4 ou 5 mouros agarraram nele e descendo-o para um catur que tinham por pôpa largaram para terra; immediatamente a luta na capitania cessou, e pouco a pouco foi terminando nos outros navios.

Vendo o desbarato completo do inimigo o Viso Rei depois de dar graças a Deus, mandou fazer sinal para que todos surgissem: estavam entre a costa e o Ilheu de Pandarane, "e então mandou aos bateis que fossem matar a gente que andava no mar a nado"; era o regabofe dos marinheiros, e a matança durou até ao sol pôsto.

Então, "D. Lourenço e todos os capitães vieram ao Viso Rei *dar-lhe a boa viagem*, e ele, falando a todos, palavras de grandes honras e muitos louvores, os tornou a mandar para os seus navios, muito lhes recomendando a cura dos feridos".

Neste combate tivemos setenta e tantos mortos e uns duzentos feridos, alguns gravemente, e que ficaram aleijados, o que o Viso Rei teve em consideração pois "dobrou o mantimento para ajuda de sustentamento de sua pobreza, do que depois foi feita acusação contra o Viso Rei, e Elrei não houve por bem o que o Viso Rei fizera". Sempre a eterna miseria dos governantes para com os que sacrificam a saude e a vida pela Patria!

O Viso Rei seguiu para Cananor, desembarcou com toda a gente a ouvir missa e recolheu a Cochim.

Em Novembro de 1505 quando se apromptou a armada de Fernão

Soares para repressar a Portugal, o Viso Rei mandou o filho, D. Lourenço, ás Maldivas, "que estão a 60 leguas de Cochim", aprezar as naus que por entre elas navegavam para Malaca, Sumatra, Bengala etc. Com D. Lourenço foram Pais de Sousa, Lopo Chanoca, Nuno Vaz Pereira, e outros, nove ao todo. Descendo até ao Cabo Comorim, foram pelo tempo forçados a entrar no porto de *Sabalicão*, "a que os nossos chamam *Gala*, que é na Ilha de Ceylão"; o Rei, receando que os portugueses lhe queimasse os navios que estavam no porto, entabou negociações com D. Lourenço que mandou a terra a tratar, um cavaleiro de nome Fernão Calivo, e Pais de Sousa. O Rei recebeu os enviados em grande estado, vestido com um *bajji* de seda, e na cabeça uma carapuça com corôa de ouro, muito ornada de pedraria; os dedos das mãos e pés cheios de anéis rutilantes de pedrarias e nas orelhas grandes arrecadas de diamantes e rubis.

O Rei, a instancias de Pais de Sousa avassalou-se pagando anualmente 400 bahares de canela; D. Lourenço assentou em terra um *Padrão*, e recolhendo a Cochim, trouxe consigo um elefante pequeno, que foi para Portugal na nau de Vasco Gomes de Abreu, o primeiro que da India foi. Esta nau com a de João da Nova, largaram de Cochim em Fevereiro de 1506. Seguidamente D. Lourenço é mandado visitar a fortaleza de Angediva onde estava por capitão Manuel Pessanha, e depois de a abastecer seguiu para Cananor, ajudar Lourenço de Brito a construir a sua fortaleza. Ali foi ter com êle um homem que disse chamar-se Luis Varthema, lombardo, que percorrera grande parte da Europa e Ásia, e lhe disse que prevenisse o Viso Rei de que em Calicut se preparava grande armada para escoltar as naus que haviam de ir a Meca; informou-o ainda de que os bombardeiros milanezes que tinham desertado para o Samorim lhe tinham fundido mais de 400 peças de artilharia.

D. Lourenço largou de Cananor com uma armada de 11 navios, capitães Rodrigo Rebelo, Filipe Rodrigues, Fernão Bermudes, Nuno Vaz Pereira, Lopo Chanoca, Gonçalo de Paiva, Antão Vaz, João Serrão, Diogo Pires, Francisco Pereira Coutinho e Simão Martins, com 200 portugueses; a caminho para Calicut encontrou a armada de Samorim, que com as naus dos mercadores que protegia, montavam a 34 naus e 124 paraus.

D. Lourenço, "ficou suspenso", com a desproporção de forças, contudo atacou á vista de Cananor, as duas naus maiores, e afundou-as: as outras, vendo isto, retrocederam para Calicut ou fizeram-se ao mar. A peleja durou todo o dia e parte da noite, que foi de luar muito claro, morrendo 6 portugueses, "e mais de 3 mil inimigos". Foram afundadas 10 naus e muitos paraus e aprezadas 9 naus de mercadores carregadas de especiarias e duas grandes bandeiras de Calicut; D. Lourenço recolheu a Cananor.

Um europeu, de nome Ludovico de Bolonha, ou Luis Varthema, de que atrás falamos, passou do Egito á India, e encontrou-se em Calicut com três dos bombardeiros italianos desertores da armada portuguesa, que o informaram de que o Samorim, fazia grandes preparativos militares para ir contra os portugueses, e que mandára enviados especiais ao Soldão do Cairo para o vir ajudar. Ludovico vai de Calicut para Cananor e Cochim onde informou o Viso Rei, dos grandes preparativos, o que leva êste a mandar sair para a costa D. Lourenço com 11 navios. A 16 de Março de 1506, encontra a armada de Calicut a caminho de Cananor; esta armada era composta por naus de Ponane, Capate, Pantalayné Couião e Darnapathanan, e tripulada por mouros e turcos. D. Lourenço ataca-os e desbarata-os, matando, ao que se diz, mais de 3 mil homens,

Acabava esta destruição quando a D. Lourenço chega noticia de que uma outra armada de Calicut, conduzida por um renegado português de nome Antonio Fernandes, um dos degredados da armada de Cabral, e que este deixára em Quiloa, agora mahometano e com o nome de Abdala fôra sobre Angediva que bloqueou durante 4 dias, sendo por fim repellido por Manuel Pessanha.

Depois disto, o Viso Rei julgou inutil a fortaleza ali e mandou-a demolir

4 — Coullão — João da Nova — Destruição de Onor — Os cristãos de Cochim — Fortaleza de Cochim

1508

Ao passar em frente a Calicut o Viso Rei salvou a terra, mas com pelouros, "que lhe acrescentaram os prantos que na cidade se faziam pela gente que morrera na armada", proseguindo para Sul, topou com Pero Rafael que o informou do que se passava em Coullão, para onde o Viso Rei expediu logo o filho, com Manuel Pedro, Rui de Mendanha, Lopo Cabral, Pais Rafael e Jan Homem

D Lourenço chegou a Coullão de surpresa e apanhou no porto doze naus de Calicut com drogas e roupas de Malaca, Pegú, e Bengala, afora onze com pimenta e especiarias, vendo-se em fôrça, os mouros de Calicut tentaram resistir, mas ao cabo de duas horas de fogo abandonaram os navios e fugiram para terra D Lourenço desembarcou e com a sua grande alabarda acutilou os mouros que na praia tentavam opôr-se ao desembarque O filho do Viso Rei fazia proezas com um golpe de alabarda abria um homem de alto a baixo, e os mouros aterrorizados debandaram, D Lourenço deixou-se ficar um grande espaço na praia encostado à sua alabarda, tendo atrás de si o seu alferes com a bandeira de damasco branco e vermelho, farpada, a fluctuar, então mandou as trombetas que tocassem a recolher Embarcaram e foram celebrar a victória a Cochim

O Viso Rei, por seu lado apressava o carregamento das naus, que todavia se não fazia com a rapidez que elle desejava A Rainha de Coullão para fazer pazes mandou pedir ao Viso Rei para ali mandar alguns navios a carregar e oferecia como indemnisação das perdas da feitoria mil quintais de pimenta O Viso Rei aceitou, e como lhe constasse que a Rainha possuia dois rubis de grande beleza, e El-Rei lhe recomendara que lhe mandasse algumas pedras de valor á Rainha de Portugal, fez comprar as duas pedras pelo Gaspar lingua por 40 mil cruzados de mercadorias O Viso Rei mandou então carregar ali três naus

Ao passo que se andava nestes trabalhos, o secretário Gaspar Pereira, mal disposto com o Viso Rei por este lhe não dar a importância que elle queria, tratou de urdir uma intriga para lhe crear dificuldades, e encontrando em João da Nova um espirito rude mas simples, incitou-o a exigir do Viso Rei a posse da capitania mór do mar, cargo para o qual trazia na algibeira um alvará que o nomeava João da Nova, efectivamente, apresentou o alvará ao Viso Rei, e mandando-o este ler verificou-se que fôra passado na hipótese de ser governador da Índia Tristão Cunha O Viso Rei, então, observou-lhe

— João da Nova, amigo Voz vides provido no meu Regimento, para capitão-mór da armada que hade andar daqui para o Cabo Comorim, o que assim será quando fôr preciso, quanto a esta provisão, não tem valor

algun, pois se Elrei dela se lembrasse quando me nomeou, a teria recolhido, pois eu trazia comigo meu filho D. Lourenço...

João da Nova, não se conformou e pediu licença ao Viso Rei para regressar a Portugal, ao que êste acedeu.

A seguir veio Vasco Gomes de Abreu com análoga pretensão, e com o mesmo resultado.

Em Janeiro de 506 partiam finalmente as naus da carga, de que foi capitão-mór Fernão Soares. D. Lourenço com 10 navios foi acompanhá-las até se acabar o terreno, e com a viração correu a Anjediva a visitar a fortaleza, de roda da qual havia já uma grande povoação indígena que se lhe queixou de virem ali piratas de Onor roubá-los. D. Lourenço foi a Onor e exigiu do Rei a entrega dos culpados, e êste desculpou-se dizendo que era o pirata Timoja; intimou-o D. Lourenço a não o tornar a receber, e como o Rei recusasse, D. Lourenço entrou no rio com os batéis e queimou-lhe a povoação. Os indígenas fugiram para Batalalá, de forma que, quando D. Lourenço ali chegou, foi recebido a tiro: a povoação foi tomada e queimada. Recolhendo a Cochim, pouco tempo esteve ali o jovem capitão, pois logo nos fins de fevereiro (506) largou em direcção a Cambaya a escoltar as naus de mercadores que receavam a passagem por Dabul; No regresso, D. Lourenço afunda algumas fustas deste pôrto na altura dos Ilheus Queimados, e junto a Anjediva apreza 12 embarcações carregadas de arroz; em abril recolhe a Cochim.

Aqui, fizera o Viso Rei construir "grande ribeira para corregimento dos navios, e porque a gente, então, era muita, fez-se grande povoação, com muitas cazas sobradadas de madeira, dispostas em arruamentos, onde também os da terra vieram estabelecer boticas onde vendiam comida a baixo preço, porque por um vintem de prata davam 20 moedas de prata a que chamavam *tacas*, "que é como uma escama de peixe ou de sardinha," e por uma destas moedas davam 10 a 12 figos, e 4 e 5 ovos; e por um vintem, trez e quatro galinhas, e por uma *tara*, peixe que fartava dois homens e arroz para um dia comer, jantar e cear».

Pão não havia, pois ali não se encontrava trigo.

Faziam-se muitas mulheres cristãs, "por conversação que com elas tomavam os homens", e "porque eram mui lustrosas e mais devassas, que por muito pouco preço se não denegavam e mórmente moças virgens, que suas mães traziam a vender suas honras».

Para corrigir êste abuso, o Viso Rei proibiu os clérigos que fizessem cristãs, mulheres que não fossem "mulheres lustrosas e formosas, para que os homens perdessem o sentido das gentias».

Tornava-se indispensável fazer fortaleza em Cochim ao que o Rei se opunha; não queria o Viso Rei romper com êle, pois sempre fora nosso aliado, e por isso adoptou um estratagemma: fez lançar fogo à povoação dos portugueses por várias vezes, e de cada uma apresentava grandes queixas ao Rei, lamentando-se e mostrando os inconvenientes das construções de madeira e palha. Uma noite ardeu a igreja e grande parte da povoação até próximo das casas do Viso Rei, e então o Rei cedeu: a 3 de Maio de 506, o Viso Rei assentava a primeira pedra da fortaleza com grande solenidade, pois o Viso Rei com o filho, D. Álvaro de Noronha e Lourenço de Bríto deram as primeiras enxadadas para a abertura dos alicerces; todos os fidalgos pegaram em cestos para tirar a terra da excavação e a obra começou.

A fortaleza ficou quadrada com 50 passos de vão em cada face: nos angulos do lado da praia cubelos de dois sobrados, quadrados até ao primeiro sobrado e depois oitavados, terminando em ameias e cobertos por pasta de chumbo com suas grimpas. "*nuylouções*".

Nas duas quinas do lado da terra ergueram-se torres quadradas, com dois sobrados também; de uma torre a outra corriam varandas que as ligavam; em baixo eram as casas para as mercadorias, e em cima os aposentos do capitão, alcaide-mór e guarnição. A porta ficou para a praia, e nas muralhas abriram-se bombardeiras.

No primeiro cubelo da praia, à altura de dois homens embutiu-se uma chapa de cobre com a data. Do lado de dentro fizeram-se varandas e ficou um pátio de 20 passos de lado com um poço ao centro.

À porta da fortaleza fez-se alpendre e assentaram-se bancos lavrados, onde o Viso Rei vinha à tarde conversar com os fidalgos e tomar a viração. Fora da fortaleza, ao longo do rio fez-se a Ribeira para a variação das embarcações.

Logo que a torre de menagem foi coberta, o Viso Rei entregou a fortaleza a D. Álvaro de Noronha, que para ela vinha nomeado de Portugal, e nesse dia fez-se uma grande festa para a qual foi convidado o Rei, o Príncipe e a gente principal. O Viso Rei veio receber o Rei à praia e conduziu-o à fortaleza, a cuja porta o capitão lhe apresentou as chaves; e o Viso Rei explicou-lhe que a fortaleza era sua, e que aquele capitão ficava ali para lhe guardar a barra do rio e o defender a êle; o Rei mostrou-se satisfeito com a explicação.

Concluída a fortaleza, o Viso Rei tratou de despachar as armadas que haviam de ir cruzar no mar.

D. Lourenço com Manuel Teles, Gonçalo de Paiva e Pero Rafael em caravelas; André da Silveira, numa galé; André Galo, num bergantim novo; 300 homens tripulação; largou de Cochim a 1 de Agosto de 506.

Rodrigo Rebelo, com Diogo Serrão, Rui de Mendanha, Duarte Ferreira, Lopo Chanoca, Antão Vaz, Lucas da Fonseca, iam em caravelas: João Serrão, n'uma galé e Filipe Rodrigues num bergantim; levaram 400 homens e largaram de Cochim a 10 de Agosto.

Esta última armada correu ao longo da costa tocando em Calicut, Cananor, Anjediva, Baticalá e voltando para Cananor, encontrou-se na altura dos Ilheus Queimados com Pero Quaresma e Cide Barbudo que vinham de Sofala; estes informaram que morrera Pedro da Nhaya; que João da Nova, já perto do Cabo, tivera de arribar a Moçambique com água aberta, e invernara nas ilhas de Angoche, e que as naus do Reino tinham partido de Moçambique o 10 de Julho.

O Viso Rei mandou concertar as naus de Barbudo e Quaresma, bem como as naus *Judia* e *Condona* que eram da armada do Viso Rei e cujas capitánias deu a Vasco Gomes de Abreu e a Francisco da Silva que quizeram recolher a Portugal.

Depois, nomeou Lourenço Moreno para feitor de Cochim, e expediui para Sofala Duarte de Melo, levando Nuno Vaz Pereira que ali ficaria por capitão com 30 homens mais, e ordem para Francisco de Nhaya ficar nos navios do trato com que viera de Portugal.

A armada de D. Lourenço que largara a 1 de Agosto de Cochim, gastou, por imperícia dos pilotos, 18 dias no mar sem conseguir avistar as Maldivas onde se destinava e foi entrar em Columbo, o principal pórtio da I. de Ceylão, onde estavam muitas naus carregando canela e elefantes pequenos, «que é grande mercadoria para toda a parte e mormente para Cambaya». As tripulações das naus de Calicut, que ali estavam, apenas viram entrar os portugueses, fugiram para terra, e D. Lourenço apressou-as. O Rei de Columbo apressou-se a fazer visitar D. Lourenço e fez um tratado pelo qual se obrigava a carregar anualmente uma nau de canela, e dar dois elefantes.

5 — Uma carta de Gaspar Pereira

Sumário das cartas do Viso Rei de 27 de Dezembro de 1506

Cochim, 11 Janeiro 1506 — A El-Rei.

Senhor — Pela primeira frota de que foi Fernão Soares, mandei a Vossa Alteza dous grandes cadernos, ambos de um teor, de tudo o que se cá passara e acontecera, e um por ele mesmo, e o outro por Alvaro Lopes, escrivão da nau de que Antão Gonçalves era capitão, e ambos em senhos cofres fechados para os não verem. O que depois de sua partida passou, vai neste. E assim mando neste cofre o treslado dos registos todos que me pareceu necessario, e o treslado das dividas dos que compraram as cavalgadas, assim dos que lá vão para se arrecadarem deles, como dos que cá ficam. E vão noutro caderno os creados de Vossa Alteza que se acháram nas cousas que se cá fizeram. Se mais vagar tivesse iria tudo muito melhor, segundo o desejo que o bem fazer tenho, mas não é possível, segundo as grandes pragas que cá vão, fazer-se mais nem tanto, que Vossa Alteza me deu dois escrivães e eu tenho quatro e não podem tanto fazer.

Quinta feira 18 dias de Dezembro de 1505, dia de Nossa Senhora, acabou a Leonarda de carregar, como no caderno ou dous de um teor, que a Vossa Alteza mandei, foi dito, na derradeira cousa que nele ia, porque cada cousa, como o disse, se passava, escrevia e escrevo.

Sexta feira 19 do mez, a mesma nau Leonarda gastou aqui o dia, em se arrumarem e acabarem de despachar dos negocios que em terra tinham, e á noite de todo despachados se recolheram para ante-manhã partirem, e ficou o feitor dele em terra, para com o feitor daqui fazer suas contas e pagar a carga que a nau levava, posto que a nau Conceição houvesse de dar alguma, porque outra tanta o feitor de Cananôr á dita nau Leonarda havia de dar, sem lhe pagar nenhuma cousa; e ao sabado pela manhã se fez á vela, e ficarão neste porto dando pressa a carregar S. Gabriel e Madalena, e a caravela de que Lopo Chanoca é capitão, que viera do rio de Chitua.

Esta sexta feira, sabado e domingo, depois de missa e pregação, se carregaram quanto mais podiam estas duas naus, dando-se a isso grande pressa como sempre fizeram, tendo de continuo muito grande cuidado nisso o Viso Rei, com muitos recados que ao Rei e mercadores e vedores de fazenda mandava, e gente que ajudasse a trazer os bateis, e paráos da terra carregados ás naus, que os nossos bateis eram já poucos, estando sempre sua pessoa em olho quando do peso vinham, porque passou por esta fortaleza a perguntar quanta pimenta levavamos, e quanta lá ficava, e assim mesmo á noite estava sempre esperando 2 ou 3 horas por Diogo Fernandes, feitor, e escrivães para saber a que pezavam, e quanta ficava para o outro dia, o qual feitor tanto trabalhou e trabalhamos com esta carga, como se dizer não pode nem crera, salvo quem o viu, e assim os outros que o ajudam tem mais trabalho.

Trabalhou-se em todos estes dias, e assim nos outros que atraz ficam, na obra desta fortaleza, que é um maravilhoso muro as paredes dela, tendo de continuo mui grande cuidado do Viso Rei disso, com todo o tomar da carga, porque ele tinha e mandava ter tal maneira, e assim o feitor que a carga bem negociava, que uma cousa não estorvava a outra.

Todos os dias do mundo se erguia e ergue o Viso Rei duas, e ás vezes tres horas ante manhã, e eu logo na obra com os mestres, e D. Alvaro, e

estes fidalgos e cavaleiros vossos creados que se aqui acertam com ele, com enxadas nas mãos a fazer cova e tirar areia, e carretar pedra, e os pedreiros a fazer parede, e assim andam até 2 horas do sol saído, por as grandes calmas; e ás tardes tornam os mestres á obra, segundo a pressa e desejo que o Viso Rei e todos, de que esta fortaleza feita, teem.

Fôra já de todo acabada, mas a pedra vem de fóra, e pouca, e faz-se tres e quatro dias que não vem nenhuma. Nestas mesmas horas se ergue de continuo o feitor, e dentro no castelo ouve primeiro uma missa, e se vai logo ao peso, e lá come e peçam até á noite, e depois fazem suas contas, e vem sempre ás 2 e 3 horas da noite, e daqui ao pezo é perto de meia legua.

Em todas as outras obras se trabalhava muito no carregue da caravela de que fizeram Francisco Pereira capitão, em que cá andava Xisto Zuzarte, e no fazer da galé de que é capitão Diogo Pires, aio de D. Lourenço, ainda que os calafates e carpinteiros temos cá mui poucos, sendo cousa mais necessaria que alí que se pôde; o hospital e tercenas eram já nestes dias, que a primeira escrita partiu, de todo acabados; o mastro que tiraram a nau S. Gabriel mandou o Viso Rei cortar pelo meio, e cerraram-na serradores indios, e fez-se dele muito e bom trabalho para a galé.

Domingo 11 de Novembro á tarde, tendo já o Viso Rei mandados fazer prestes tudo o que cumpria para D. Alvaro de Noronha, capitão desta fortaleza, ir com os bateis ajudar a este Rei de Cochim e fazer a guerra que no outro caderno vae, que ele tantas vezes requerera, veio recado do mesmo rei que sol posto partissem daqui, e assim foi e tinha o Viso Rei mandado o dia adeante a Lopo Chanoca com sua caravela entrou dentro neste rio, e a requerimento de El-Rei, que se fôsse para riba junto com o Castelo Manuel, que Diogo Fernandes depois da ida de Lopo Soares fez, e ali esperasse pelos bateis, e faria o que D. Alvaro lhe mandasse. Com D. Alvaro fômos no batel da Madalena alguns dos fidalgos e cavaleiros e outra gente que aqui estavamos, e ele fa por capitão de toda a gente dos bateis e caravela. No batel de S. Gabriel fa por capitão Lourenço Soares, porque Vasco Gomes d'Abreu, seu irmão, ficou nas naus por mandado do Viso Rei, e na barca de uma das naus fa Duarte Tavares, vedor do Viso Rei, e Diogo Pires, aio de D. Lourenço fa por capitão de um catur, que são os bateis de cá, e assim eram dois bateis e um catur, e o esquife, que não havia ali mais naus; na caravela fa muita gente e trombetas, assim nele como nos bateis, foram todos os creados do Viso Rei que aqui estamos, salvo alguns velhos que com o Viso Rei ficaram; com D. Alvaro foram as trombetas do Viso Rei, e foi mestre Diogo nosso vigario e prégador, e em chegando a par das casas de El-Rei, fômos com D. Alvaro, alguns, a falar-lhe, e mandou-lhe que fôsse dormir no Castelo Manuel, que ele, Rei e os seus, partiriam á meia noite e nos chamariam Gonçalves Pêgas, que por capitão do castelo está, tinha recado como havíamos de ir, e ali com ele ceámos e dormimos, até que El-Rei, depois de meia noite veio em muitos catres, e zachuecos, e parãos, com infinidade de gente e seus tanques. A caravela achámos aquem do castelo de riba, e D. Alvaro a mandou que se fôsse contra a ilha donde o Rei era a fazer a guerra, e ali surgisse. Ante manhã fômos ter no começo da ilha que se chama Repelin e será daqui a ela 2 leguas, e fômos com os bateis e caravela. A ilha é muito comprida, e os indios e estes naires, e outra gente que El-Rei levava, começaram a saír junto com a agua com nosso favor, e pegaram fogo ás casas que perto de aqui eram; em sendo já bem manhã, mandou o Rei recado a D. Alvaro que se fôsse junto com a terra ao longo da ilha, e fosse sempre avante, que ele iria logo lá dar comnosco, assim andámos, e eles ao longo da terra,

detraz e deante de nós saíam alguns paráos a pôr o fogo e ir por terra ao longo do mar á nossa vista, ainda que longe do mar foram em alguns logares por fogo aos catures e torres de El-Rei e de seu cunhado, o que no outro caderno vae dito que a esta fortaleza veio e queria fazer a guerra; doutros vassalos e amigos de El-Rei, que em sua ajuda vinham, foram muitos sem conto, e parece-me, e assim julgaram todos, que seriam 5500 até 6000 pessoas as que El-Rei de Cochim levava, em que eram mais das duas partes Naires, que são os fidalgos de cá, e iam quasi todos com suas galanteria e usança de guerra, que é nas cabeças panos de seda vermelha, e assim cingidos em redor de si, que é sinal de guerra; e El-Rei desta maneira ia, e uma luva na mão, e um pagem que lhe levava a cabeleira de rabos de cavalo e vaca, com uma carapuça de seda pintada, forrada de dentro de laminas de corno, que são fortes como cascos; iam com ele, no catur, os vedores de fazenda todos quatro; alguns dos seus catures e paráos cercaram da outra parte da ilha, e cuidámos que El-Rei era da mesma outra banda, porque assim o dizia Paramgora, o que a Portugal foi, e D. Alvaro, e quando vimos que o Rei não aparecia nem gente de terra não vinha a fazer mal aos que El Rei de Cochim levava, esperamos pelo rei, e daí a pedaço veio atraz de nós; D. Alvaro levava mandado que não saísse em terra nem deixasse nenhuma gente nossa sair, salvo se o Rei saísse, e então fizesse de si o que o mesmo Rei fizesse, porque o Rei tinha dito ao Viso Rei, que lhe pediu os bateis, que não queria que nenhuma gente nossa saísse em terra, e com esta condição lhos pedia e com ela lhes outorgou, salvo se ele saísse.

Em o Rei chegando a nós, estivemos quedos junto com a terra, e saíram alguns dos seus, e subiram pelas palmeiras e colhiam tengas, a que nós chamamos cocos, e enchiam os toneis, e cortaram algumas palmeiras, e queimaram dessas casas que junto com a agua estão, e dizem eles que o cortar das palmeiras é o vencimento. E disse o Rei a D. Alvaro que mandasse atirar as pedras ás bombardas, e mandasse contra a ilha atirar assim sem elas, para fazerem medo aos contrarios, e salvasse que levava gente nossa em completo e ajude, e assim se fez por tres vezes. Depois lhe tornou a dizer que atirassem com as pedras e alto por essa ilha, que poderia ser que daria por algum deles; diziamos-lhe que passaria a Ilha e não prestava; todavia não quiz, e então tiraram por 3 ou 4 vezes daquele maneira. Perguntou o Rei se comeramos já, e quando lhe disseram que não, disse a D. Alvaro que lhe rogava que não comessemos nem bebessemos nenhuma cousa, que era muito mau sinal, que depois de acabado á vinda comeríamos. Disto pesou bem aos nossos, que não os deixavam sair, nem tinham que fazer, e a calma era grande e tiraram-os o comer, levando-os por doudisse de agouros, que tem tantos a gente de cá e que se não póde crer o D. Alvaro que viu que vieram tres dos d'El-Rei de Cochim feridos, disse a El-Rei que era tarde e não faziam nada, e os contrarios não haviam d'ousar de sair até ao mar, porque sabiam que nós, com as bombardas, estavamos ali; que seria bom que saísse El-Rei em terra, e que todos saíramos e veríamos que gente era dentro, e pelejariamos com eles: iriam dos nossos para saírem em terra, 200 pessoas.

Porque me parece maior frieza ter que contar isto do que for vel-o passar, digo que o Rei não quiz sair em terra, e mandou por uma vez recolher os seus, os quaes sem nenhuma ordem saíam em terra sem capitão nem quem os mande, e quando vem ao recolher, vão esses que El-Rei acerta a mandar, e dão uns gritos a saudar que entre eles costumam quando chamam a recolher, e vem se todos á uma ordem, correndo, e desta maneira foi a primeira vez que vieram junto com a agua, já muitos nas terras entra-

dos; tornam uns, que eram em terra, a correr digo atraz, e saíram das terras outros e foram para lá, e andaram outro pedaço, e trouxeram feridos dos d'El-Rei de Cochim uns 2, e então disse El-Rei a D. Alvaro, que mandasse atirar as bombardas para a Ilha, de longe, com as pedras, e assim se fez, um grande pedaço. Lourenço Soares ficou mais arriba de D. Alvaro; era com ele Parangora, e diz que naquela parte acudiram alguns da Ilha aos nossos que El-Rei levava, e eles lhe atiraram do batel, e com uma frecha feriram um bombardeiro pelos peitos, porque ia desarmado.

O rei se partiu, e a meu parecer triste, e tinha razão, que lhe feriram dos seus, sete ou oito, e mataram-lhe quatro ás cutiladas, segundo depois cá soubémos, todos naires; e se mal nos contrarios fez, até agora o não sei; e segundo eles dizem, de dentro da Ilha aconteceu isto, que á vista nossa não viu nenhum dos contrarios; ficámos todos os bateis atraz, que não podíamos tanto como eles remar; o Rei se viu directamente a Cochim, e passou por onde a caravela estava, que o salvara com muitos tiros, e outro tanto fez João Pegas no castelo, quando El-Rei que junto com ele passou.

Lopo Chanoca foi no esquife da caravela que D. Alvaro e outros fidalgos que com ele iam se meteram em uma torre muito grande da terra; D. Alvaro mandou tornar Lopo Chanoca para a caravela, que estava assím mal, que pelo rio andavam muitos catures e parãos grandes, e deles com bombardas, e de Mouros e outros da terra, defronte desta, que é d'El-Rei de Calicut, e todos acudiam a esta guerra, uma vez e outros a furtar, que todos os paus e tripeças das casas que queimaram, levaram, que cousa de mais valia não havia. Quando D. Alvaro, viu o Rei que se ia, mandou dar ás trombetas, e viemos, e fomos ter com João Pegas ao castelo Manuel, onde achamos o jantar prestes, e daí nos viémos directamente á fortaleza, e chegando ás casas d'El-Rei fomos alguns, com D. Alvaro, vel-o e falar-lhe, e mandou-nos dizer á porta do terreiro, que era muito mau dia e má hora aquela tarde, que passára um gato havia pedaço, que ao outro dia pela manhã poderiam falar. Achámos junto com o peso uma tona da terra carregada de pimenta, levamol-a á terra com os bateis até á fortaleza, onde chegámos já de noite, e demos contas ao Viso Rei destas sensaborias, e achámos nova que pesaram pouca pimenta, de que nos mais pesou do que pesámos de lá ter ido, nem o Viso Rei de nos ter mandado.

Segunda, terça, quarta e quinta feira se não passou cousa que de escrever seja, tirando as paixões e fadigas que o Viso Rei e assim, o feitor e o capitão desta fortaleza e todos levámos em acharmos que a guerra, que este rei e os seus naturaes cuidavam que aos outros, seus contrários, iam fazer, nos caía a todos em casa, que daquele dia por diante, até hoje *1.º de Janeiro*, que esta escrevo, não se pesou nem pesa mais por dia, quando muito, que até 300 quintaes, e dantes que a guerra fosse, se fizeram muitos infindos dias, em que se pesavam 800, 900, e 1000 quintaes e mais; a que agora recebe, é nova e molhada e de mil ruindades. Tudo isto receou o Viso Rei primeiro, e no outro caderno meu já lá é..., D. Alvaro vae agora cada dia pela manhã ao peso, e está nele até á noite, e eu muitos dias vou lá com recado ao rei sobre esta carga destas derradeiras naus.

Sexta feira, 26 do mesmo mez de Dezembro, veio D. Lourenço na náu Flor de la Mar, de que é capitão João da Nova, e com ele veio a Taforeia, capitão Bermudes, o qual D. Lourenço com a dita náu o Viso Rei tinha mandado para a carregar e mandar a Portugal, como no outro caderno vae dito, e contaram do ponto em que a fortaleza estava, que era já de todo feita, e que a casa da feitoria não era ainda mudada, por o rei dizer que não era maneira. E assim contaram os rebates que houveram com

os mouros, e disseram que, depois de cá ser João Serrão com a galé, se levantaram outra vez os mouros e deram na casa da feitoria com suas armas para matarem o Feitor e escrivães, e roubarem a casa, e que não fôra nada, e que o rei se pozera a tudo muito bem pela nossa parte, e disse que era vindo Outolim, que fôra regedor, e a que a S. A. tem escrito muitas cartas, e ha dias que era desavindo do rei, e que trazia dois naires, e que mandára dizer a Lourenço de Brito que não temesse, que ele estava com muita gente para o ajudar contra os mouros, e que ficára amigo com o rei para dali por diante viver em Cananor como dantes; e contou D. Lourenço da carga que se dava mal, e a palavra boa, e põe todas estas cousas se lá eram de melhor saber dizer do que eu, que as não vi passar, escrever deixo o mais.

Nesse dia mandou o Viso Rei a Lopo Chanoca que se fosse para R. Chatua, porque era nova que levavam d'ali muita pimenta para Calicut, e foram com ele muitos fidalgos e cavaleiros, partiu ao sabado, 17 dias.

Domingo, 28 de Dezembro, veio Candagora, o vedor da fazenda, porque tinha já dito por muitas vezes dito a Gaspar e a seu filho, e a mim, que era bem que lhe dessem alguma cousa por tanto ter trabalhado na carregação, e que Lopo Soares lhe dera 60 cruzados e uma manilha d'ouro que tinha 40 cruzados, e o Viso Rei lhe tinha prometido dar-lhe muita cousa, como ele fizesse por nos darem os 20.200 quintaes que dizia, e este domingo eles eram já todos nas naus, que passavam deles, e vinha pedir o dinheiro, e o Viso Rei dentro na camara com ele e comigo, e Gaspar, e seu filho, lhe mandou por Diogo Pires, que ahi estava, dar 100 cruzados com muitos agradecimentos do trabalho que levava, e que mais lhe mandaria dar se trabalhasse por fazer vir 4 ou 5 mil quintaes ainda de pimenta para a Flor de la Mar, tinha dito que fazia, e sobre isso deu suas mãos e promessas, como eles costumavam fazer, e as mais das vezes mentir.

Terça feira, 30 de Dezembro, veio o rei á fortaleza a ver o Viso Rei, e com ele vieram Cherina Marcar e Mamale Marcar, que são os mouros mercadores que aqui sempre deram e dão carga, e então viu o rei a D. Lourenço, que ainda não vira, com grande garzalhado, gabando-o muito, esteve perguntando por sua idade, e assim o rei como os mercadores contaram ao Viso Rei que era nova que El-rei de Calicut armava muitos paráos e naus, e que era certo que carregava 4 naus de pimenta para Meca, e que de Chitua a Tramafatam lhe levavam pimenta, e de dentro de Cananor muito arroz, e que ele, Viso Rei, estivesse avisado, e mandasse guardar aquele rio, e que se temiam que lhe tomassem as naus que agora aqui tinham carregadas, que lhe pedia que as mandasse pelas suas acompanhar; o Viso Rei disse que não cresse que fosse tão fero o rei de Calicut que houvesse de cometer guerra, nem sair fora, nem mandar de Calicut, e que bem sabia que as naus carregavam, mas que teria cuidado de maneira que não sairiam, e que o rio tinha mandado guardar, e que as naus deles mandaria acompanhar por Vasco Gomes, que para Cananor tinha de partir cedo, e que dali por diante que Bermudes, ou Rodrigo Rebelo os acompanhariam; disseram que era pouco uma nau; disse o Viso Rei que uma só das que aqui tínhamos, ou uma caravela, guardava todas as suas, e as tomara sobre sua cabeça, e se lhas tomassem lhe pagariam 10 por cada uma, e sobre isso, por serem mais seguros, lhes deu o Viso Rei a mão a ambos mercadores, e isto acabado, se recolheu o rei a um tone em que vinha, e se foi.

Quarta feira, derradeiro dia de Dezembro, veio Nuno Vaz Pereira com a sua caravela e batel grande, que fôra da nau Conceição, que se cá desfez, que traz com velas e concerto em sua companhia, e contou o que ele e Gonçalo de Paiva fizeram no queimar das naus, que no outro caderno

vae contado, e assim da forma que daquele rei receberam, e disse que de-
traz vinha uma nau; aquella logo d'ahi a pouco entrou carregada de canela,
e que lhes encontrou uma carta dele Viso Rei, que qualquer capitão que a
topasse a acompanharem até aqui, e por isso viera, e disse que Gonçalo
de Paiva, e Antão Vaz ficaram junto com Cale Coulão ancorados; esta
5.^a feira e sexta esteve ele, e os fidalgos que com ele andam, e outra gente,
despachando-se de negocios, e cousas outras, e arrima para Portugal como
para aqui; e sabado 3 de Janeiro, tornou a partir para Chitua, onde Lopo
Chanoca já era mandado.

JANEIRO DE 1508

Quinta feira, 1.^o de Janeiro de 1506, sexta e sabado trez dias dele, se
não passou nada que para escrever seja; dava-se e dá-se muita pressa a
esta carga, e D. Alvaro todos os dias vae ao pezo, e está nele até noite;
como a canela veio, se começou dela a pesar e carregar em S. Gabriel,
posto que para pimenta tivesse o feitor Diogo Fernandes recebido vinte de
partes que nela carregaram; foi a nau de todo acabada de carregar do-
mingo, 4 dias do mez, e prestes para hoje segunda, 5 dias, partir á meia
noite, e se ir a Cananor tomar mantimentos, e esperar por Diogo Fernan-
des que vae na Madalena, e ver se a Leonarda pode logo com ele Vasco
Gomes partir; e eu dei a Vasco Gomes, perante o Viso Rei, um dos trez
regimentos que por Antonio Carneiro me foram entregues para os capitães
mores de torna viagens, no qual o Viso Rei poz dois capitulos que se lá
verão.

Domingo, 4 dias de Janeiro, mandou dizer o Rei ao Viso Rei que o
queria vir ver; que era vindo Mangate Caimal, que é um grande senhor
destas partes, e de muita gente, o qual nas primeiras guerras fora por El-
rei de Calicut contra nós, e depois tornou-se amigo doutro rei daqui, e
veio muitas vezes ver Diogo Fernandes a esta fortaleza, e sempre lhe da-
vam alguma cousa; este dizem que é mui necessario ser nosso amigo, e
quando á nossa parte contra Calicut se lançou, por se mostrar muito seu
amigo, poz no pé direito duas manilhas de ouro, que cá não pode trazer,
salvo o príncipe herdeiro de Calicut, que há de ser sobrinho ou irmão do
rei da parte da mãe.

O Viso Rei mandou no castelo armar panos e cobrir assentos e ves-
tiu-se ele e D. Lourenço, e assim os outros, e veio o Rei em um andor, e o
Mangate Caimal deante dele em outro andor rico mais que o d'El-rei; tra-
zia muita gente. O Viso Rei saiu a receber, abaixo, fóra da fortaleza com
grandes abraços e muita honra o Mangate, e subiram para riba, onde
3 cadeiras estavam em um estrado postas. O Rei e o Viso Rei se assenta-
ram, e o Mangate esteve sempre de pé, que se não assentou, que é cá
costume perante o Rei nenhum outro, se não for Rei, se não sentar á
vista dele, ainda que grande senhor seja, salvo os brahamanes, que são cle-
rigos seus, que logo se assentam; e assim é costume, perante El-rei nenhum
que Rei não seja, ainda que seja brahamane, não põe os pés em alcatifa:
arredam-a com as mãos e põem os pés debaixo dela. O Mangate trazia no
braço direito duas manilhas d'ouro, muito grossas, arriba do cofovelo, como
se cá costuma, e nas orelhas uns aneis d'ouro com pedras, e no pé direito
duas anilhas d'ouro, uma muito larga e grande, outra mais pequena e grossa,
e em ambas muitos rubis e pareciam bons.

E na mão um pau que costumam cá os Reis e grandes senhores, de
terras e justiça, trazerem. Depois de sentados disse o Viso Rei a Baltazar,

filho de Gaspar, que era lingua, que lhe dissesse que havia muitos dias que o desejava ver, que folgaria muito de se verem muitas vezes, e de fazer por ele e por suas causas o que lhe requeresse, porque sabia que era bom amigo e vassalo d'El-rei de Cochim, e assim que tinha bem feito acerca das cousas d'El-rei seu senhor de Portugal, segundo Diogo Fernandes lhe tinha dito. Nisto faláram um pouco, em que ele contou quanto a serviço do Viso Rei estava e o que fizera; e depois disse, que ele sabia certo que El-rei de Calicut havia cedo de vir contra ele a destruil-o, porque contra os Portuguezes e contra El-rei de Cochim não queria ser em sua ajuda, e que também sabia, que agora cedo, ia El-rei de Calicut a uma romaria, onde mandava chamar todos os vassalos e amigos para haver conselho, e fazer guerra a Cochim e aos Portuguezes, e, porque ele não havia de ir a ela, lhe parecia que lhe fariam por isso mal; e muita cousa desta passaram.

O Viso Rei disse que não cresse que El-rei de Calicut tão mau conselho houvesse, que se isso fosse, ele Viso Rei mandaria entanto, D. Lourenço seu filho, com muita gente que nestas partes trazia, a tomar-lhe a terra por outro cabo, e disse-lhe que ele lhe daria toda a ajuda que lhe cumprisse, até sua propria pessoa, e outros bons e honestos oferecimentos se passaram. O Viso Rei, por assim lhe dizerem que era costume, lhe mandou dar 3 covados de gran e um alquicé, e 20 cruzados, e uma jarra de vidro cheia de agua rozada, que por mim perante todos lhe foi dada.

O Rei e os mouros disseram ao Viso Rei que as naus tinham prestes para irem com a pimenta, como lhe ele tinha dado licença; que se temiam que não iriam muito seguros com uma só nau; disse o Viso Rei que ele lhe pagaria 10 naus por cada uma que lhe tomassem, e assim se despediram, e foram ao castelo ver a egreja e o Viso Rei com eles, e antes de nela entrarem atirou toda a artilharia da fortaleza, que é muito boa, e atiraram as bombardas grossas, que é uma a *Ortiga*, junto com a agua, e indo as pedras pelo mar dando golpes, espantou-se muito o Mangate Caimal de taes tiros, e dizia que não podia tal ser no mundo.

Este dia falou perante mim o Viso Rei com o feitor da Leonarda, e lhe disse que fosse no S. Gabriel a Cananor, e que nas naus dos mouros iria muita canela para a sua nau; e se já não tivesse tomada a pimenta que lhe escreveram que ali haveria, que acabasse de carregar do que ali houvesse, e lá se fariam as repartições do soldo á libra, e porque ele tinha dado o dinheiro para a pimenta, lhe daria alvará em que o haveria por carregado na Flor de la Mar a algum bom partido, e se daria aos mercadores do terço que a El-rei à sua parte vinha.

Segunda feira, 5 de Janeiro, se fez prestes Vasco Gomes para partir essa noite, — a N. S. praza a ele e aos outros levar o salvamento — Nas obras desta fortaleza e nas da galé e caravela que em terra está a carregar, trabalham de continuo, e o Viso Rei ante manhã na obra a fazer cavar e trabalham todos; é grande mal que não temos pedra e temos poucos calafates e carpinteiros, e andam sempre nas naus: estas cousas saberão lá melhor dizer a V. A.; a grande pressa não dá para mais dizer...

Quarta feira 6 dias, pela manhã, se partiu Vasco Gomes, e com ele as trez naus de mercadores com seus seguros; o feitor da Leonarda se não foi, ficou por ir na Magdalena, e recebeu aqui 400 quintaes de pimenta, duzentos de Diogo Fernandes e duzentos de Lourenço Moreno; esta 4.^a feira tomou carga a Magdalena que de todo acabou de ser carregada; e estes dias ia D. Alvaro cada dia ao peso ante manhã com o feitor e escrivães; e este dia foi lançada a caravela, de que é capitão Francisco Pereira, ao mar, que se acabou de carregar, e acharam que fazia muita agua, tornaram outra vez em secó a tomar-lha.

Sexta feira 9 dias de Janeiro, vieram as duas caravelas a saber Nuno Vaz Pereira e Lopo Chinoça, que atraz fica dito que eram idas a Chitua, e trouxeram as velas, principalmente as de Lopo Chinoça mais, todas furadas de bombardadas e contaram que de Chitua onde estavam, por ali não haver que fazer, se fizeram à vela, e iam para Panane, e indo junto com a terra a par da boca do rio, lhe suram 80 paríós todos com muita gente, e com suas flechas e com muitas bombardas, e atraz deles duas naus grandes, e que os paraos os vieram directamente demandar, e andavam em calma, e que se fizeram ao mar o mais que poderam com as ditas caravelas para as colherem no pégo e virarem sobre elas com a viração, e que os paraos se vieram todos juntos cerrados as caravelas, vindo um deles com uma bandeira no mastro, e traziam trombetas, e vinha um homem com uma toalha nas mãos chamando os todos que se juntassem, e indo assim, acalmou o terreno de todo, e os paríós se chegaram e amainaram as velas, e dizem que as caravelas seriam a tiro de besta uma de outra, e que começaram os paríós a atirar assim com artilharia como com frechas, e as caravelas atiraram isso mesmo, e dizem que primeiro deram na caravela de Nuno Vaz, à qual mataram logo em chegando dous homens, e um era o piloto, e o outro um marinheiro, e outro marinheiro lhe feriram e no mastro lhe deram uma grande bombardada que o passou d'uma banda a outra, e a verga foi por muitos logares rachada, e outros deram na caravela de Lopo Chinoça e mataram-lhes 4 homens, que dizem a seu parecer ser de bombardados, e um foi Francisco da Silva, que alguns disseram que se lançara ao mar quando se o fogo na caravela acendeu outros que de uma bombardada morrera, porem foi lhe achado na caravela junto com o lugar onde ele estava posto o seu saio que tinha vestido e ele nunca appareceu, e os outros 3 mortos foram um bombardeiro e um menino e um negro, e dizem que destes se lançaram ao mar alguns, o fogo contam que se levantara da estando um degredado armeiro, que João da Nova trouxe, carregando as camaras das bombardas debaixo da cobertura, ia uma delas muito quente, e com alguma farsca de fogo dentro, metendo a no barril para a encher se acendera o fogo, e dera emriba, e rebentara toda a cobertura, e queimou muitos emriba mas não que morressem logo aí, mas vieram de maneira que entre os do fogo e das bombardas, não vieram mais de 4 homens sãos Das que nela iam foi ferido Lopo Chinoça em um pé e em uma mão, de flechas, e Ruy Lopes de Carvalho de uma flecha na cabeça, que não levava capacete e de uma bombardada em uma coxa Foram os queimados Antonio de Figueiredo e Alvaro de Brito e vieram outros muitos escalavrados um pouco, Bastião Soutomaior de uma mão, e Alvaro Chinoça dos pés e chamuscado, e vieram todos os marinheiros e bombardeiros e outra gente d'armas queimados, alguns muito e outros pouco, e um grumete da caravela, segundo todos disseram, o fez tão bem na peleja que o Viso Rei o fez marinheiro, e lhe mandou dar com isso por mez da vantagem dos outros marinheiros Nestas duas caravelas iam muitos enviados de Viso Rei, que me podem ser bem, pois servem por eles aqui, na de Nuno Vaz Pereira, Antonio Lopes Pereira, e Luzam, e Luz Mendes da Silva, e o escrivão dele, Pero Vaz, da Duqueza, e Francisco de Miranda, Antonio de Matos, Cristovão Raposo, e na de Lopo Chinoça, Francisco da Silva morto, e Antão de Figueiredo, Alvaro de Brito, Valentim Rebelo, Rui Lopes de Carvalho, e Bastião de Soutomaior

Eles disseram que dos índios lhes parecia que morriam mais de 80 pessoas, e que se a cousa fosse que o vento não acalmara, e o fogo se não levantasse na polvora, que mataram e tomaram a maior parte delas Depois soubemos por Elrei o mandar dizer ao Viso Rei, e assim Charina Marcar,

que morreram dos seus cento e tantos, e foram feridos muitos; dizem que a peleja durou muito, tanto que os índios se alargaram e foram para a terra; e que, em se eles vindo aquele mesmo dia á noite, acharam S. Gabriel que ia em busca deles para Lopo Chanoca chegar com ele a Cananor, e que lhe contaram tudo e trouxeram carta de Vasco Gomes para o Viso Rei, em que lhe dizia que se arredaria da terra, e lhe parecia que o não cometeriam, e que quando o comessem que bem prestes e aparelhado ia para tudo; Deus queira que o salvamento a Cananor, ele e as naus dos mouros que daqui partiram, queiram levar, e d'ahi a Portugal as nossas, que até as pôr em Cananor, ficou o Viso Rei aos mouros, como dito atraz fica.

Os feridos e queimados foram logo postos em terra, e o Viso Rei em pessoa os apozentou, a saber: os creados do Viso Rei sobre si em pouzador e camas boas, e a Lopo Chanoca na fortaleza, e os outros no hospital, onde todos foram e são cada dia por ele visitados e mandados bem curar; e de noite manda dous ou trez homens a quartos vigiar e dormir no hospital, e os fizicos sempre prestes, e Mestre Diogo de Azevedo, nosso vigario e prégador, sempre de noite a meudo, e de dia, que os ia e vai vizitar e requerer que se confessem e façam testamento, e assim com estes como com todos os doentes é o trabalho sempre bem, e em suas pregações faz muito serviço a Deus e a V. A., e proveito a nossas consciencia e honras.

Sabado, 10 de Janeiro, se finaram dous dos que vieram queimados da caravela de Lopo Chanoca, um criado de Bastião de Souto Maior, e o armeiro degredado.

Este dia, á tarde, mandou o Rei nova ao Viso Rei, que os Mouros de Calicut determinaram todavia de partir cedo em 4 naus que tinham carregadas de especiaria para Meca, e que diziam que pois já eram partidos de todo, pois que ali não podia ser, se queriam aventurar-se a perder-se, e que porventura escapariam e as não topariam os nossos, ou pelejando se salvariam; tornou-lhe em resposta o Viso Rei que bem sabia que não haviam ousar partir, e que seu filho D. Lourenço havia agora cedo de ir com as naus e caravelas da armada e iria guardar tudo.

Neste dia se deu o regimento a Gonçalo Fernandes, que aqui está, que veio com os Albuquerque, do que havia de fazer acerca do officio que lhe foi dado das cousas dos defuntos e hospital, e assim se fez o regimento do escrivão deante dele, os quaes officios eu requeri ao Viso Rei que ordenasse, por me parecer muito serviço de Deus e de V. A., e de muito proveito de muitos, porque via que a ninguem de que nisso entendesse se perdia o seu, em algumas cousas que me os escrivães deram entendi ser muito necessario em tal cargo ter homem do officio por si; o regimento me mandou o Viso Rei que fizesse como me bem parecesse, lá vae o treslado, e porque com pressa, nesta não pode ser ir em Flor de la Mar.

Domingo, 11 do mez, mandou o Viso Rei recolher á não Magdalena o Feitor Diogo Fernandes, e outros que nela haviam d'ir, que ante manhã se partissem caminho de Cananor, e mandou ir para ela muitos fidalgos e cavaleiros, creados de V. A., para acompanharem até Cananor, e mandou a caravela de Nuno Vaz Pereira com ela na companhia, e que leva 400 quintaes de pimenta que aqui foram dados ao Feitor da Leonarda, os quaes, até onde a não está chegarem, vão a risco d'Elrei. Este domingo á tarde, estando escrevendo, mandou dizer o Rei ao Viso Rei que queria ir vê-lo, e ver como se ia o feitor, o qual lá é, para com ele vir; não sei se despachará hoje de todo para logo embarcar, e se haverá ahi tempo para o que passarem se escrever, por os despachos serem muitos, aos tempos da partida ha grande pressa com as partes.

Em todos estes dias se trabalhou em todas as obras da fortaleza, e

galé, e caravela, e pezaram sempre a carga, e a Flor de la Mar começou a tomar carga 5.^a feira, 8 de Janeiro, que a Magdalena acabou de todo de carregar, esperamos em Deus que cedo acabe de ser carregada; e nestes dias mandou o Viso Rei apregoar em lingua malabar, que é a que nesta terra se fala, que havia por forras todas as escravas que os portugueses cá tinham, aquelas que o quizerem ser, e que fossem para onde quizessem, e mandou á Beatriz, que se cá tornou cristã, que as recolhesse; e que quem com elas quizesse ir dormir lhe desse trez camas, que são quatro reis e meio, e que fossem comuns a todos; algumas levantaram logo a obediência e deixaram os seus senhores, outras não quizeram.

Este domingo, já bem tarde, veio Elrei por terra em um andor, com os vedores da fazenda a ver o Viso Rei, e Charina Marcar e Mamale Marcar em um tone pelo mar, e foi recebido ás portas do Castelo pelo Viso Rei e D. Lourenço seu filho, e subiram ariba, e assentaram-se a falar, e perguntaram como se passára a historia que atraz fica contada da caravela, e o Viso Rei lhe contou como fora, e eles perguntaram se a nau que ia em companhia das suas iria segura; disse o Viso Rei que disse perdessem cuidado; disse o Rei que Elrei de Calicut mandava todavia partir aquelas naus que ali carregadas tinha; disse o Viso Rei que o seu filho partiria cedo d'aqui e iria em sua busca e lhe teria o passo. Depois de acabado isto, disse Elrei que ele era ali vindo, para, depois de o ver, ver como se partia o Feitor, e para que o Feitor dissesse a ele, Viso Rei, como sempre ele Rei e sua terra foram a serviços d'Elrei de Portugal, e o que por ele passara, com ele, feitor, e L. Moreno, e Rui d'Araujo, que presentes estavam, sabiam, e que assim o dissessem em Portugal a V. A., e que assim diziam que ele Diogo Fernandes, Feitor, tinha nestas partes, assim nas guerras como na paz, bem servido V. A., e a ele aproveitado, e como tinha todas as suas contas feitas e pagas, e toda a terra contente e a ele seus direitos sem nenhuma cousa faltar, e que era digno de muita honra e mercê e que pois, se ele ia, pedia a ele Viso Rei que se lembrasse dele, e de sua terra, e assim o capitão e Lourenço Moreno que por Feitor ficava.

O Viso Rei respondeu que ele sempre, o que a ele e a sua honra cumprisse, e á toda a sua terra e mercadores e vassallos dela, estava prestes, e que Diogo Fernandes era tal cavaleiro e tão honrado, que não podiam deixar de ficar dele todos muito contentes; porem ele, Viso Rei, era obrigado a saber dele, Rei, e de todos os da terra, se o Feitor ficava devendo alguma cousa a alguma pessoa; todos disseram que não, salvo dizerem que o Almirante e Estevam da Gama, e Pero d'Aguiar e Vicente Sodré, compraram aqui 20 bahares de canela, a qual não pagaram; disto disse o Feitor que não sabia nada, por a grande pressa que então fora, que a eles mercadores ouvira dizer que lhe deviam aquela canela; eles disseram o Feitor não ter culpa, porem ficou determinado que se Gaspar da Gama, que era em Cananor, dissesse que lhe eram devidos, que lhos mandasse pagar o Viso Rei, e que lá se arrecadariam do Almirante ou de quem de direito fosse. O Rei se foi abaixo á porta do castelo, e ali estiveram um pouco falando ele e o Rei, e chamou o Feitor Diogo Fernandes e Lourenço Moreno; — Já se vae o Feitor, tu ficas agora, bem sabes nossos costumes e o que temos feito certo, bem me peza de se ir o homem que tanto ha que aqui está e assim falando vieram-lhe as lagrimas aos olhos, que os limpou, e despediu-se do Viso Rei, e meteu-se no andor, e com oito tochas que o Viso Rei mandou com ele, foi caminho de Cochim, e a par da Igreja esteve quedo, e chamou Diogo Fernandes que ia, e disse-lhe que lhe rogava que fizesse com Elrei de Portugal que o tornasse cá a mandar, que era cousa que muito falaria que por amor dele tornasse a esta terra. A isto er pre-

sente; e disse a Lourenço Moreno que folgaria muito por ele aqui ficar por Feitor, por o conhecimento que com ele tinha. Dando a mão a Diogo Fernandes, despediu-se dele, começou a chorar, e então chamou Ruy d'Araujo e Ruy d'Abreu que aqui estava por Alcaide-mor, e despediu-se deles assim chorando, e disse a Ruy d'Araujo que ele era mancebo, e sabia muito bem a fala desta terra, que ele rogava que tornasse a ela por amor dele. Este Ruy d'Araujo affirmo a V. A. ser muito suficiente para toda a cousa, e principalmente para estas partes, que sabe a lingua e usança dela bem. O Rei deu ao Feitor Diogo Fernandes, segundo diziam, cinco fios de bom aljofar, que ao colo trazia, que veio com Elrei este domingo, e trazia dois aneis que deram os mercadores, e por outro esperava. Muita parte desta noite estiveram os Vedores da fazenda d'Elrei no Castelo, que estivemos trasladando umas cartas que Elrei de Cochim a V. A. lá escreve, as quais vão em Malabar e em Portuguez e são duas: N. Sr. acrescente os dias de vida a V. A. ao seu santo serviço de Cochim a 11 dias de fevereiro de 516.

Hoje 2.^a feira, 12 dias do mez, se recolheu Diogo Fernandes e a outra gente á nau para esta noite partirem; a N. Sr. praza a ele e aos outros levar a salvamento.

O vosso, que as reaes mãos de V. A. envie beijar. a) *Gaspar Pereira*.
A Elrei N. Sr.

6 — Ceylão — As brivias do Corregedor — Cananor

1506 — 1507

"Terra mui sadia e viçosa, de grandes fontes e ribeiras mui grandes de excelentes aguas, e por todo o mato abelheiras de mel, caça d'aves e animais de todas as sortes do mundo, e tanta que anda por entre as cazas. A Ilha tem de roda 300 leguas, senhoreada toda de quatro rios, mas este é o principal, porque no reino deste, sómente, nasce a canela. Está no meio desta Ilha um muito alto monte em que está um pico de pedra tão alto, que sempre as nuvens andam abaixo dele, do que nunca se vê a ponta do pico, senão quando o tempo é muito claro. Tem a gente da terra este pico em grande veneração, por cousa santa, dizendo que sobre este pico poz um pé nosso pae Adão, como de feito em cima está em uma pedra, uma figura de pegada de pé, que é de um covado de comprido e meio de largo, que eles dizem que Adão fez com o seu pé. Em cima faz muita largura, tudo pedra viva, sem quebradura alguma. Na mesma pedra está um tanque lavrado de muitos labores, com excelente água da chuva...

"A arvore da canela, a não ha em outra parte senão neste Ceylão. A qual arvore é baixa e de delgada madeira; todo o ano tem folha e está verde, sem a perder, somente tem mais folha em um tempo que em outro, que é no tempo de floreser, e lança uma flor branca em que faz uma baga preta como baga de louro, que assim tem a folha propria como louro. A flor é muito cheiroza; da baga se tira um azeite que se faz duro como sabão branco, cousa mui forte e quente: e quando a baga está madura, que começa de sair, então está a canela de vez em sua maior perfeição, que é em Julho e Agosto. Então a gente da terra a vae cortar, que é a casca do páo, que cortam ao redor do páo por cima e por baixo é um golpe ao largo do pau e a deixam assim ficar. E neste cortar são tão mestres, que um dia, um só homem, cortara 2 quintaes de canela".

Toda esta canela era levada do porto de Columbo, onde então se vendia a um cruzado o bahar, "que são 4 quintaes".

Os mouros a quem D Lourenço apresou os navios pediram ao Rei para intervir, e este mandou recado a D Lourenço que lhe mandou um Fernão Cotrim explicar porque estavam os portugueses em guerra com Calicut, mas que, só para lhe provar a êle, Rei, quanto desejava a sua amizade, lhe entregava as naus, para que êle delas dispuzesse como entendesse, o que sobremaneira agradou ao Rei

Depois disto D Lourenço foi a terra assentar um padirão que levava preparado, na ponta que domina a baía (1), depois do que, largou do porto para Cochim onde chegou quando estavam para partir as 4 naus de carga para Portugal, e nesta armada embarcou Diogo de Almeida, por ordem do Viso Rei, para ir contar a Lisboa quanto vira, pois fora com D Lourenço a Ceilão Este era o costume do Viso Rei em vez de fazer largas descrições, mandava uma testemunha presencial a narrar o que vira, de resto, Diogo de Almeida teria o cuidado de enaltecer o serviço do filho do Viso Rei, o que este não podia honestamente fazer

Outro caso em que procedeu de forma análoga foi no das "brivias do corregedor", como Gaspar Correia diz, "e o caso das brivias foi este"

Na armada do Viso Rei foi para a Índia um Francisco Pinheiro, filho do Dr. Martim Pinheiro, corregedor da Côrte, que teve a ideia de levar para a Índia, para negócio, uma arca cheia de biblias em arabico, Gaspar Correia assevera que a ideia fôra do próprio corregedor que sabia que na Índia havia sinagogas e judeus e que portanto, os livros teriam larga extração e por bom preço

Chegado Francisco Pinheiro a Índia, iniciou o negócio com grande proveito, pois os judeus davam 400 e 500 pardaus por cada livro Em Cochim vivia uma judia, "que era grande letrada na lei", que se interessou na venda, e, como fôra mulher do Gaspar lingua, contou do negócio a este, o qual por seu turno informou o Viso Rei, este é que "ouve disto muita paixão", mandou apreender as biblias e por esta nau que agora ía para Portugal, mandou um homem com uma carta para El-Rei que dizia

"Senhor, este portador dará conta a V A do que fiz nas brivias do corregedor..."

As 4 naus largaram como já dissemos escoltadas por D Lourenço, que depois se foi juntar com Rodrigo Rebelo para irem então escoltar as naus de Cochim que iam para Cambaya, bem como as de Cananor e Coullão, depois do que, Rodrigo Rebelo devia ir com 4 navios ao Guardafui onde ficaria até Março, regressando então à Índia

D Lourenço reunido a Rodrigo Rebelo foram correndo a costa para o Norte, e constando lhe que em Dabul estavam naus carregando para El-Rei, para lá se dirigiram para as apresar, os outros capitães foram de opinião contrária e D Lourenço teve de se conformar e seguiu para as costas de Cambaya — Janeiro de 1507 — e ali se conservou até Março, fazendo muitas prezas

Em Cananor no entanto morreu o Rei, e o seu sucessor era-nos abertamente hostil, pelo que o Viso Rei mandou logo seguir para ali Pero Cão na sua caravela como gente de reforço e Lourenço de Brito para capitão. Ao chegar ali, encontraram já a terra em revolta, mas logo a seguir apareciam duas caravelas que D Lourenço expediu em quanto ia a Anjediva procurar o fornecimento de mantimentos.

(1) Segundo uma relação que vem nas Noticias para a história e geografia das Nações Ultramarinas D Lourenço construiu ali uma fortaleza de madeira onde deixou João da Silva com 200 soldados Não parece provavel não só por nenhum cronista nisso fala, como ainda porque a ilha não tornou a ser visitada por portugueses durante alguns anos

Largando de Anjediva para Cananor, D. Lourenço topou 4 atalayas do Timoja que procuravam fugir-lhe, mas vendo que o não conseguiam arribaram, e o Timoja veio deitar-se aos pés de D. Lourenço pedindo que lhe perdoasse. D. Lourenço, "que era de nobre condição, houve que seria fraqueza fazer-lhe mal"; e Timoja jurou-lhe que não tornaria a hostilizar amigos de portugueses, e chegando a Onor quiz entregar a D. Lourenço como caução da sua palavra um filho; D. Lourenço recusou, e Timoja ficou tão impressionado por êste acto de generosidade, que ficou para sempre fiel e dedicado aos portugueses.

Partindo de Onor, D. Lourenço aprezo duas naus de Calicut onde iam alguns mouros de Onor e recolheu a Cochim. Informado do que se passára em Dabul o Viso Rei repreendeu os capitães pelo conselho que tinham dado ao filho e mandou alguns para Portugal.

D. Lourenço tornou logo a sair para Cananor onde o Viso Rei mandou que invernasse; mas Lourenço de Brito opoz-se dizendo-lhe que se aceitára o cargo de capitão de Cananor, fôra para ganhar honra, "e se guerra houver e v. m. aqui estiver, que honra ganharei?"

D. Lourenço então, descobrindo-se e abraçando o capitão disse-lhe — Senhor, toda a honra que tenho, v. m. m'a deu agora, em louvar os meus feitos. Ficarei aqui, servindo sob as suas ordens.

A esta troca de cumprimentos assistia o alcaide-mór, um castelhano amigo do Viso Rei, de nome Guadalajara, tido como homem de muito espírito que comentou:

— Senhor, ideos norabuena para Cochim, que se uviere guerra y aqui estiviérdes, no prestamos para mas que correr apoz los moros!

D. Lourenço, convencido, regressou então a Cochim; era no começo de Maio de 1507, já com chuva e trovoadas, "onde entrando no rio logo se cerrou a barra".

7 — Armada de 1506

Tristão da Cunha — Aguada do Saldanha — Angoche — Socotorá

1506

"Elrei D. Manoel, como tinha os espiritos grandes, no grande desejo que tinha de ganhar e sojeitar a seu senhorio toda a India, e sendo informado da riqueza da cidade d'Ormuz .. assentou em seu Conselho, mandar conquistar e, ganhar, e; por ser afastado da India, onde residia o Viso Rei D. Francisco d'Almeida que tinha muito que entender e fazer na costa da India, resolveu mandar capitão com armada ordenada, para conquistar o Reino d'Ormuz; para o que escolheu Afonso d'Albuquerque, por ter dele boa informação de serviços que fizera na sua viagem no ano de 1503. E ordenou mandar outro capitão, com oito naus de carga, no que encarregou por capitão mor Tristão da Cunha, que no ano passado houvera de vir por governador da India, se não cegára, como já contei".

Tristão da Cunha, "folgou de vir nesta armada", pois esperava tirar grandes lucros, por se constituir em sociedade com varios armadores. Devendo Tristão da Cunha e Albuquerque partir juntos, deu El-rei o comando superior das duas armadas até Socotorá, a Tristão da Cunha; ali construíam uma fortaleza, depois do que, Tristão da Cunha seguiria para a Índia, e Albuquerque, independente, para a conquista de Ormuz.

Em carta de 1506, que adeante se transcreve, diz El-rei D. Manoel ao

Viso Rei D. Francisco d'Almeida, que manda Albuquerque à Índia, afim de ir a Socotorá, que lhe consta ser uma ilha "de muitos bons portos e cheia de mantimentos, e povoada de cristãos da terra e poucos mouros, paragem principal das naus de Meca"; ali deverá Albuquerque construir fortaleza, e depois irá guardar a bôca do Estreito e assentar trato nos logares que julgue de vantagem, como Zeila, Barbara, Adem; e seguirá depois para Ormuz e Cambaya, "a saber todas as cousas daquelas partes."

Nessa mesma carta ao Viso rei, ordena-lhe que mande navios a Malaca com presteza, "pois se oferecia cá um pejo duma certa armada de Castela, que nos foi notificado que se fazia prestes para neste verão haver de ir em busca da dita Malaca, fazendo duvidoso ser dentro das nossas marcas; e por ser por nós primeiro tomada a posse, que nestas cousas dá muito direito..." E lembra, que despachadas as naus de carga, talvez, etc, Viso Rei podesse ir a Malaca com as naus que tivesse e as de Tristão da Cunha, insislindo por que se faça assento em Malaca, montando ali feitoria e fortaleza, a bem ou a mal; que leve consigo Manuel Pessanha para lá ficar por capitão, com o filho por alcaide e Diogo da Fonseca por feitor; mas que se Manuel Pessanha não poder para lá ir, seja substituído por Lourenço de Brito, indo então Vasco Gomes para Coullão: ali ficará, também, armada no mar sob o comando de João da Nova.

Nos navios de Tristão da Cunha manda uma fortaleza de madeira, já pronta, da qual assentará em Malaca metade, e a outra metade em Socotorá.

Recomenda-lhe que dispense 2 ou 3 navios da armada da Índia para mandar a Afonso d'Albuquerque. Mandará reconhecer "a *Ilha de Sumatra* que ali é perto de Malaca", e consta ser mui rica, e assim, também, a *Ilha do Cravo* e outras.

No regresso, virá por Ceylão, "que é cousa principal da Índia", onde fará fortaleza, querendo-lhe parecer que para ela deverá transferir-se a sede do governo da Índia, "por parecer que estaes ali no meio de todas as cousas".

A armada tinha a seguinte composição:

Capitão-mór	Tristão da Cunha	nau	S. Tiago	outros dizem	Esp. Santo
Capitães	Alvaro Teles Barreto	"	Graça	" "	S. Vicente
"	Leonel Coutinho	"	Conceição	" "	Leitoa Nova
"	Job Queimado	"	Botafogo	" "	
"	João Gomes d'Abreu	"	Luz		
"	João da Nova	"	Flor de la Mar		
Capitão-mór	Afonso d'Albuquerque	"	Cirne		
Capitães	Manuel Teles Barreto	"	Rei Pequeno		
"	Francisco de Tavora	"	Rei Grande		
"	Afonso Lopes Costa	"	Tajorca		
"	Antonio de Campos	"	Espirito Santo.		

Gaspar Correia cita, ainda, João Rodrigues Piteira, Ruy Mendes da Porta da Cruz, e Tristão Alvares, na nau de Tristão da Cunha.

A crónica de El-rei D. Manuel diz: Tristão da Cunha, Alvaro Teles, Leonel Coutinho, Job Queimado, Ruy Dias Pereira, alferes-mór, João Gomes d'Abreu, Alvaro Fernandes, d'Alvito; João da Veiga, Tristão Alvares e Tristão Rodrigues.

As naus de Tristão da Cunha eram todas destinadas a carga.

Como, então, grassasse a peste em Lisboa, foi muito difícil a organização das armadas, porque "a gente andava tão assombrada, que não sabia dar conselho".

Tristão da Cunha saíu de Lisboa a 5 de Abril de 1506, e Afonso de Albuquerque dias depois, (1) alcançando contudo, o capitão-mór perto da Madeira. Juntos foram tomar agua a Bezeguiche onde Albuquerque teve a primeira discussão com Tristão da Cunha, porque Albuquerque tinha a bordo muita gente de Tristão da Cunha que ficára em terra quando este largára, e que se apresentára depois nos navios de Albuquerque; este queria que Tristão da Cunha recebesse essa gente o que o Cunha não queria.

De Bezeguiche foram navegando no rumo do Cabo de Santo Agostinho, mas muito vagarosamente por ser a nau de Tristão da Cunha «muito zorreira», o que levou Albuquerque a propôr-lhe que passasse para outro navio se queria que chegassem nessa monção à Índia.

«Um dia, em amanhecendo, o capitão-mór, que ia adeante, houve vista das ilhas a que poz o seu nome, como se chamam hoje em dia, — *Ilhas de Tristão da Cunha*», em 30º, 30' S.; e «como o mar era manso como rio e o vento brando, correram as ilhas, que eram sete, em espaço de 5 leguas... eram de pedra viva, talhadas a pique, todas lavradas do mar, que parece que com as tormentas as cobrira, e de trez delas viram correr agua ao mar, grossa como rio... os pilotos as apontaram nas suas cartas de marear, que de então foram mui sabidas».

Dobram o Cabo com tempo forte, que espalhou a armada: Albuquerque foi ás *Ilhas Primeiras* onde encontrou Francisco de Tavora, e os dois foram surgir em Moçambique em Dezembro.

Neste porto encontraram um André Dias, que mais tarde foi alcaide pequeno de Lisboa, capitão duma nau de Lagos, e um João Pinheiro, capitão duma caravela de Lisboa, os quais tinham saído de Portugal em Maio, isto é, depois de Tristão da Cunha; informaram eles que Leonel Coutinho passára já para Quiloa.

Passados dias, chegou Tristão da Cunha, (2) com as outras naus, á excepção de Manoel Teles que passára por Leste da Ilha de S. Lourenço e chegára a Melinde, onde deixou uma carta dizendo que seguira para Guardafui, Job Queimado que teve de arribar á Ilha de S. Tomé, e Ruy Pereira Coutinho que foi ter á Ilha a que poz o nome de S. *Lourenço* (Madagascar), por a descobrir naquele dia (10 de Agosto), indo entrar numa baía a que chamou *Baía Formosa*; aí aprezou alguns indígenas que levou para Moçambique, e que informaram Tristão da Cunha de que em Madagascar havia cravo, gengibre, prata e cera, o que levou o capitão-mór a querer ir reconhecer essa ilha.

Albuquerque pretendeu opôr-se pela perda de tempo que isso representava, mas Tristão da Cunha obtemperou-lhe:

— Ireis por onde eu fôr...

— Senhor, não farei outra cousa, foi a resposta.

Estava então fundeado em Moçambique, João da Nova, que ali arribára com agua aberta, e se via embaraçado para concertar o navio; como Tristão da Cunha fosse muito amigo dele e seu compadre, mandou-lhe visitar a nau, que era a *Flor de la Mar*, já célebre pelos seus trabalhos e que ainda o devia a vir ser mais; como, porém, os oficiais declarassem

(1) Barros diz 6 de Março de 1506 (Domingo de Ramos); os Comentarios dizem 5 de Abril. Albuquerque só largou dias depois, por lhe ter fugido o piloto, que assassinára a mulher; contudo saíu, fiado na muita experiencia que tinha do mar e num Diogo Francisco Piteira, mestre da sua nau, que fôra já duas vezes à Índia.

(2) Tristão da Cunha era um explorador; a sua grande pretensão era descobrir novas terras; Albuquerque era um estadista, conscio da importancia da sua missão, e resolvido a subordinar tudo a ella.

que o concerto exigia que fosse "posta a monte", Tristão da Cunha comprou a nau de Lagos para a qual fez passar a carga da Flor de la Mar, e entregou-a a Antonio de Saldanha, fidalgo castelhano que vinha na sua nau, irmão de João de Saldanha, vedor da rainha D. Maria, para a levar a Lisboa; a Flor de la Mar foi então concertada e João da Nova mandado nela a acompanhar Afonso de Albuquerque, "e para que com alguma boa nova e proveito se viesse á Índia no tempo da carregação das naus e o levasse em sua companhia para o Reino"

Adeante veremos as perturbações que esta determinação produziu. Apesar da opposição de Albuquerque (1), Tristão da Cunha largou de Moçambique para a ilha de S. Lourenço, com 7 navios, deixando os outros ali, os navios que seguiram foram os de Albuquerque, Antonio do Campo, Manuel Teles, Francisco de Tavora, João Gomes de Abreu, Rui Pereira Coutinho, Tristão Alvares. Chegados á ilha de S. Lourenço, Tristão da Cunha fez saquear uma povoação — *Lalangane* — e correu varios pontos sem resultado de importancia, e Albuquerque voltou então a pedir-lhe licença para seguir para Socotorá, e sem perder mais tempo, largou para Moçambique a preparar navios e mantimentos. E' d'ali que escreve a El-Rei a carta que segue

"Moçambique 6 de Fevereiro de 1507 — Senhor. Escrito tenho a Vossa Alteza todo o passado até nossa chegada a Moçambique, donde partimos caminho de terra de S. Lourenço..." Este e o começo da carta, passamos aqui a resumil-a. Em Moçambique Tristão da Cunha consultara-o sobre o caminho a seguir para o descobrimento da *ilha de S. Lourenço*, opinou Albuquerque que seguissem o mesmo que Rui Pereira fizera, indo ao porto de S. Tiago e explorando o sul da ilha. Largando de Moçambique, as correntes tinham-os levado ao parcel de Sofala, que atravessaram, indo surgir á vista da ilha de S. Lourenço, onde aprezeram um zambuco, os pretos que nele iam, porem, não se entendiam com os que levavam nos navios, perguntaram por especiaría, apenas mostraram gengibre. Aqueles indigenas guiaram-os então a dois portos: no primeiro, apenas desembarcaram, logo os indigenas fugiram pelo que, aprezeram todo o mantimento e incendiaram a povoação. Dali foram a outro porto, "um lugar grande que tomamos, que se chama Serlanguane e jáz dentro duma enseada". Numra pequena ilha junto á costa ocidental de S. Lourenço, desembarcaram, a gente fugiu em zambucos, mas a corrente e escarceu eram taes que todos se perderam, "e o mar ora coalhado de homens afogados, e mulheres e meninos; parece-me senhor, que entre os mortos da ilha e os que se afogaram, seriam bem mil almas e muitos cativos que para as naus tomaram". No saque apanharam alguma prata e ouro, "porque tratam ali as naus de Melinde e Mombaça em escravos e mantimentos, e tinha tanto arroz, que vinte naus o não poderiam carregar". Ali estiveram tres dias fazendo aguada e resgatando vacas e cabras a troca das mulheres e creanças afogadas.

Partindo daquela terra, foram seguindo, "até ver o cabo da terra", que não poderam dobrar, por causa dos levantes e correntes contrarias, voltando por isso para o lugar saqueado. Como fosse já meado de Janeiro, Albuquerque aconselha o capitão mór a que o deixe partir para o Guardafui, ficando ele, capitão continuando o reconhecimento da ilha. Concordou Tristão da Cunha, mas quiz que Albuquerque lhe deixasse a taforea e o Rio Grande, Albuquerque obtemperou-lhe que precisava de todos os navios da

(1) Goes na *Crónica* diz, ao contrario, que com o parecer de Albuquerque, o que parece mais crível, pois de contrario mandaria um ou dois dos seus navios e não iria ele com toda a sua armada, tendo Tristão da Cunha deixado alguns dos seus em Moçambique.

sua armada para o trabalho da construção da fortaleza em Socotorá e cruzar na embocadura do Mar Vermelho, e, largou para Moçambique. Ali encontrou uma caravela de Nuno Vaz Pereira, que ia para capitão de Sofala, com Rui de Xisto por alcaide e Antonio Raposo por escrivão e uma nau de Lagos; "Esta nau de Lagos, escreve ele, que aqui achei e a caravela, andam a tão mau recado, que o não póde V. A. crer, e não será maravilha perderem-se de todo, que as cutiladas e bandos que andam nela são maiores que as de Salamanca, e vejo que tudo isto faz, não se darem por achados do capitão." Aconselha que para o serviço de Sofala se empreguem, apenas, uns dois caravelhões com 4-5 homens de tripulação. "Assim, senhor, que até agora, não lhe tenho visto necessidade nenhuma senão de pessoas que governem bem e que ponham em ordem o resgate, para Vossa Alteza haver quanto ouro quizer; e lembro a Vossa Alteza os fidalgos que com Tristão da Cunha me mandastes, e que agora ficam comigo, de os proverdes nestas capitánias, porque anos de fartura terão passado."

Em Moçambique os trabalhos de reparação de navios levam-lhe, porem, tanto tempo, que largando dali, foi nas alturas das Ilhas de Comoro topar com Tristão da Cunha que regressava de S. Lourenço muito aborrecido por ter ali perdido dois navios — o de Rui Pereira Coutinho, que ali morreu, e o de João Rodrigues Pereira.

João Gomes d'Abreu, no seu navio, deu volta á Ilha e foi surgir em Matatana, desembarcando com alguns homens para explorar a terra; sobrevindo, porém, um temporal, o piloto largou com a nau para Moçambique; Abreu ficou na Ilha até 1507 em que conseguiu passar a Moçambique, Tristão da Cunha, ao largar de Moçambique, mandou a caravela de João Pinheiro a S. Lourenço buscar os naufragos, e ele, largou com a armada ao longo da costa, e mandando um navio visitar Quiloa, foi surgir em Melinde. O Sheick fez-lhe grandes queixas contra os de Mombaça e Angoche pedindo-lhe que o auxiliasse contra eles, e Tristão da Cunha foi a esta ultima ilha "que nunca fora registada por Portugueses." Fundeando em frente da cidade, "que era grande, de formosa casaria de pedra, sobradadas e terradas por cima, sem muro nem cerca, de muitos arvoredos e hortas, e a cidade assentada ao longo duma praia que fazia a barra, onde estavam zambucos. A cidade povoada de mouros, de que era Rei um mouro mercador; que por ser poderoso sobre todos em riqueza, era Rei."

O capitão mor mandou o esquife a terra, mas da praia apedrejaram-o; a povoação foi então bombardeada, desembarcou gente, e saquedada. Dali largou para Quiloa, onde chegou com 3 dias de viagem, sendo capitão da cidade Pero Ferreira. Dois dias depois, largaram para Brava, nesse tempo a mais populosa cidade da costa, "de formosas casarias de muitos sobrados e terrados e formosas mesquitas, assentada em um recorte que a fazia muito vistosa, e toda cercada de muro, e castelos, e tres portas para a praia, em que muito rebenta o mar." A população era de mouros, como já dissemos, ricos pelo commercio de roupas de Cambaia com o continente, donde lhes vinha muito ouro.

Foi mandado a terra Leonel Coutinho que não deixaram desembarcar, e como já era tarde, Tristão da Cunha, resolveu esperar para o dia seguinte. Durante a noite, os mouros, vinham á praia gritar e insultar, tocando tambem tambores e tan-tans, mas pela manhã o Scheick mandou a bordo a propor um accordo. Seis dias se passaram em recados e discussões e ao cabo deles, Albuquerque farto das delongas, insistiu com Tristão da Cunha para que acabassem com aquella situação: este resolveu-se, e no dia seguinte, ante manhã, bombardeou a cidade e desembarcou com mil homens e após

encarniçada luta em que perdeu 40 portuguezes apoderou-se da cidade. O saque durou tres dias e o espolio enorme, carregando-se os navios «de muita riqueza de cobre e marfim, benjoim, almiscar, tecidos de Meca, roupas de Cambaia, e Bengala, objectos de prata e oiro, e muito dinheiro em xerafins e cousas de Estado e mui ricos panos...» Só em prata havia mais de 200 quintaes.

Tristão da Cunha fez separar 100 mil serafins para compensação das despesas da armada, algumas peças de ouro e prata, e pedrarias para a Rainha. A cada capitão deu um quintal de prata, a Albuquerque tres.

«E esta foi a mór riqueza que até aquele tempo se tomou em nenhuma terra.»

Ao pôr do sol a cidade estava em chamas e a armada fazia-se ao mar.

«João da Nova não andou nesta festa, porque jazia doente em cama, e João Rodrigues Pereira, que se agazalhara com ele, mandava como capitão.»

Na vespera de chegarem a *Socotorá* (1), Manuel Teles, «cobiçando ir andar ás prezas no Cabo de Guardafui, para onde era ido seu pai Alvaro Teles, que se foi de Melinde», combinado com o mestre e o piloto, fugiram. Quando ao amanhecer Albuquerque deu pela sua falta, «houve grande paixão, porque logo entendeu o que era», e ao chegar-se ao capitão mor para o salvar, informou-o do caso. Tristão da Cunha observou-lhe que era possível que não tivesse fugido, mas apenas errado o caminho, e que, por isso, seria bom deixar ali um navio com um piloto de Melinde para o encaminhar.

— Manuel Teles leva bom piloto, observou-lhe Albuquerque, para o levar para onde o pai foi...

Nessa tarde, — 9 d'Abril 1507, — a armada fundeou em *Socotorá*, no porto de *Soco*.

Socotorá situada fora do Cabo Guardafui, e comandando o Golfo de Adem, fora descoberta dois anos antes por Diogo Fernandes Pereira, e reconhecida por Antonio de Saldanha (2).

Havia ali uma fortaleza guarnecida por 150 *Fartaquins* bem armados e aguerridos, pertencentes ao Rei de Coxem que ali tinha tambem um capitão de nome Cuaja Abrahão.

O capitão mor, depois de fazer varejar a praia com a artilharia, desembarcou, mas a situação da fortaleza, assente em penedia, fel-o hesitar em a tomar d'assalto pelas grandes perdas a que se expunha, e resolveu tomal-a por surpresa.

Com este fim, Albuquerque com os sobrinhos D. Afonso e D. Antonio de Noronha, Francisco de Tavora, João da Nova, Afonso Lopes da Costa e 300 homens, foi, de noite, esconder-se entre uns rochedos que havia no sopé da fortaleza, e pela manhã, alguns homens vieram de bordo, num batel a fingir que queriam lavar roupa num lago que ficava proximo. Os mouros vendo-os, saíram da fortaleza e vieram sobre eles; Albuquerque então avançou para a porta, disparando ao mesmo tempo uma bombarda que levava, para avizar Tristão da Cunha.

Os mouros ao verem apparecer a gente de Albuquerque, fugiram para

(1) É a antiga *Diascorides*.

(2) Diogo Fernandes levava para Portugal a noticia daquelle descobrimento, e a informação de na ilha haver christãos, o que levára El Rei a ordenar a Tristão da Cunha a sua occupação, vindo por isso já nomeado para ali ficar como capitão, o sobrinho de Albuquerque D. Afonso de Noronha. Estes christãos pertenciam, segundo Marco Polo, á Igreja Grega.

a fortaleza e eles e Portuguezes entraram de roldão nela, onde após um violento combate foram os mouros mortos ou em fuga. Neste combate figuraram D. Antonio e D. Afonso de Noronha, Nuno Vaz de Castelo Branco, João da Nova, Henrique Jacome, Jorge d'Orta, Diniz Fernandes, Antonio de Figueiredo, João Freire, João Pereira, mulato e reposteiro da Rainha, Francisco de Tavora, Afonso Lopes da Costa, Antonio de Campos, Antão Nogueira, Francisco Pantoja, Fernão de Abreu, Leonel Coutinho, João Gomes de Abreu, Job Queimado, João Rodrigues Pereira, Pero Barreto, Rui Mendes, Diniz Fernandes de Melo, Fernão Rodrigues Correia, Duarte d'Almeida e muitos outros. Dizem que foi Gaspar Dias, d'Alcacer do Sal, e alferes d'Albuquerque, o primeiro que subiu ao muro da fortaleza onde pôz o estandarte d'Albuquerque. Os Fartaquins foram todos passados á espada, menos um, piloto, de nome Omar, que depois serviu muito bem Albuquerque na costa da Arabia.

Reconstruiu-se a fortaleza, onde ficou por capitão D. Afonso de Noronha, feitor Pero Fernandes de Liz ou Pero Vaz d'Orta, alcaide-mor Fernão Jacome, de Thomar, Frei Antonio de Loureiro ficou ali como guardião do mosteiro que se devia construir, por ali haver muitos cristãos de S. Tomé, Gaspar Machado e Francisco Saraiva ficaram como escrivães.

Albuquerque estava armando alguns cavaleiros, quando appareceu Tristão da Cunha, que por este facto "ficou seco com ele", só vindo depois, a terra, para ouvir missa e acabada esta se despediam os dois com suas cortezias".

Um domingo, depois da missa Albuquerque perguntou a Tristão da Cunha se ainda não achava tempo de partirem d'ali, e Tristão da Cunha respondeu-lhe que deviam concluir a fortaleza, Albuquerque nada mais tornou a dizer-lhe, até que Tristão da Cunha mandou-lhe dizer que se preparasse para partir d'ali: era nos meados de Fevereiro de 507.

Albuquerque mandou pôr as vergas d'alto, e tomar amarras, ficando n'uma só e mandou ao capitão mor seu sobrinho D. Antonio de Noronha, dizer-lhe que estava a pique com a amarra, mas sem marinheiros, nem bombardeiros, nem artilharia bastante, nem mantimentos...

— Dizei a vosso tio que não seja tão mimoso, observou Tristão da Cunha, e me venha pedir o que houver mister.

— Senhor, respondeu D. Antonio, escusado é meu tio vos vir importunar, pois já vos pediu o que precisava.

Tristão da Cunha então completou-lhe os homens de que Albuquerque precisava para as suas naus e para a de João da Nova que devia ir com ele e depois regressar à India.

Albuquerque largou de Socotorá a 27 de Julho.

Tristão da Cunha continuou ultimando a fortaleza, que se chamou de *S. Thomé*; fez, fóra d'ela uma egreja e casa para os frades que ali deixou com Frei Antonio de Louro, e que para isso vinham "muito providos do Reino, com orgão, e um formoso retabulo da Piedade".

Socotará, a antiga Diascorides, "é montanhoza e abastada de criações de gado e de pescado; é fresca de muitas aguas e mantimentos; ha nela muitas palmeiras e maceiras de nafeza, de que se faz taboado para náos e cazas, e outras arvores de fructo e dragoeiro e assim o alóes socotariano... e assim levam dela muito ambar que se colhe no mar. A gente é baça, tem lingua sobre si, e andam nus,... São cristãos, teem egrejas e altares com cruzeiras arvoradas nelas, sem nenhuma outras imagens... entreteem sacerdotes, e dizem que o Apostolo S. Thomé foi o que ali prégou a Fé... as mulheres, pela maior parte *Marias, Izabeis e Anas*... São muito preguiçosos e fracos e consentiram que mandasse ali fazer El-rei de Caxem, (que

é na Provincia de Farlaque), uma fortaleza em um ponto da Ilha, a que chamam *Soco*, em que neste tempo estava por capitão um filho do mesmo Rei, por nome Cwaja Abrahim, que tinha toda a Ilha sujeita e tributaria.. » (1)

A fortaleza, embora pequena, era bem construída, com suas cavas, torres, cubelos, torre de menagem e alcaide, assente em terreno plano, na falda d'um monte, junto à povoação e a firo de béstia do porto, que se chamava, — *Benim*.

O clima da Ilha era bastante mau, e a gente da armada começou a adoecer, e a morrer; mas não era só o clima que para isso contribuía, mas «o mau comer, que não comiam biscoito, que o capitão mor guardava para a viagem para o Reino, sómente comia a gente milho cosido, que os empanturrava, e principalmente com a conversação das mulheres».

Um dos capelães, chamado João Gomes, «homem de boa inclinação», tomou ali informação acerca da terra do Preste João, e entusiasmado, e sabendo falar arabico, pediu a Tristão da Cunha licença para ir ao continente. O capitão mor recusou, mas quando largou para a Índia — 10 de Agosto 507 — o padre disfarçado em mouro, fugiu no zambuco d'um mercador para Zeila; ali encorporou-se numa caravana, e foi até ao Preste onde se encontrou com Pero da Covilhã que vivia nas suas terras, «que eram como condado, que vindo e se achando com o clérigo, que lhe contou tantas novas, chorou de prazer». Este padre ali ficou, bem tratado pelo Preste que lhe deu creados e mula, e quanto precisava, e ali o encontrou mais tarde, D. Rodrigo de Lima.

Tristão da Cunha chegou a Cananor a 27 d'Agosto de 507 estando a fortaleza então cercada, e a sua chegada oportuna libertou os portuguezes, e fez assentar a paz como adeante veremos.

7 — Cartas

De Gaspar da Índia — Dialogo d'Alcaçova — El-rei — Lourenço de Brito

1506-1507

Senhor, depois que partiu a frota de 1506, que carregou D. Francisco d'Almeida, delas partiram primeiro em Janeiro, delas partiram depois, e quando se partiram todas, a nossa armada que cá nos ficou foram d'armada pela costa de Calicut, e entraram alguns capitães em alguns portos e venderam mercadoria defeza. Depois disso, no 1.º de Dezembro, mandou-me o Viso Rei com Gaspar Pereira na nau S. Miguel, de que é capitão Rodrigo Rebelo, a Cananor, e assim a outros portos, para tirar inquirições para saber o que fizera a nossa gente, e quem vendeu mercadoria defeza e assim chegámos ao porto de Baticála a 28 dias de Setembro e lançámos ancora, e logo o capitão-mór Rodrigo Rebelo, se meteu em um batel com muitos fidalgos honrados, e eu, e Gaspar Pereira com eles, e chegámos com o batel perto da boca do rio em uma ponte, e mandámos chamar o regedor da terra para saber dele se podíamos ir seguros à vila, porque estavam ali muitos mouros de Calicut; nisto chegou um mouro muito honrado em um batel da terra, pequeno, e antes que chegasse a nós, ele

bradou e disse desta maneira: — Eu sou amigo de Bermudes, e comprei seus coraes, — e nos mostrou 3 facas, e disse que Bermudes lhas dera com a bainha de prata, e assim o disse publicamente deante de todos os fidalgos, sem ninguem lhe perguntar nada, e depois veio o regedor da terra, e falámos com ele em uma maneira que podessemos andar seguros na vila, e disse-nos que sim e tornou-nos sobre seu seguro e fomos com ele em um batel da terra por esse rio, caminho da vila, eu e Gaspar Pereira, e perguntamos-lhes no caminho desta maneira a saber: Como D. Francisco d'Almeida, Viso Rei das Indias, nos mandou em todos os portos em que estiveram portugueses e capitães a tirar inquerição, para saber o que fizeram os capitães e outros homens na terra, e que cousa vendiam e compravam, e por ventura se fez essa gente alguma cousa na terra que não fosse razão, que nos dissessem a verdade sob sua fé: respondera-nos o dito mouro muito honrado, e disse que ninguem não fizera em terra nenhum mal, e do que lhe perguntámos de comprar e vender disse-nos nesta maneira como Bermudes, o que ele não nomeou pelo seu nome, — que vendera muitos coraes nesta maneira: que fez muitos coraes em 5 sortes, o mais meudo 100 grãos em um fio, outro maior um pouco, outros 100 grãos em outro fio, e assim fez 5 sortes, e vendeu-os deante do dito mouro, o mais meudo por um pardau o cento em um fio, outro mor um pouco, por dous pardaus d'oiro cada fio, e a terceira sorte maior, por trez pardaus d'oiro cada fio; a quarta sorte vendera por quatro pardaus cada fio, a quinta sorte vendera por cinco pardaus d'oiro cada fio: assim vendera todos os ditos coraes; isto contou o dito mouro, deante de mim e de Gaspar Pereira no caminho, e depois chegámos á vila.

Sexta feira, 2 dias de Outubro, chegou um mouro no dito porto desta maneira, e perguntou-me se Gaspar Pereira tinha alguma cousa para vender; eu lhe disse que não; disse-me o dito mouro que me pedia, por mercê, que dissesse a Gaspar Pereira de sua parte como ele era muito bom mouro e fiel, a saber: que Bermudes lhe dera muito ouro de Mombaça para vender, e o dito mouro disse que o tomou, e que o vendera e lho pagára, e que bem lho podera negar, porem que não quiz, por amor que não estava nenhuma testemunha no meio e disse o dito mouro por amor que lhe vendera o dito ouro a Bermudes, que lhe dera um vestido de grãa; e mais, muitos mouros em o dito porto de Baticála diziam que Bermudes lhes dava muitos seguros para as suas naus, e deles os mostravam. E não sei eu o que tomou o dito Bermudes pelos seguros, para, senhor, saberá V. A., que os ditos seguros que Bermudes deu, deu-os sem mandado do Viso Rei das Indias.

No dito dia mesmo chegou outro mouro, e disse-me que eu estava com estes cristãos, que não tinham fé nem lei, nem guardavam seguro: respondi-lhe que mentia, e perguntei-lhe porque mo dizia; respondeu-me o dito mouro, quando Bermudes estava sobe ancora em Baticála, estava uma nau dentro do rio ancorada perto da vila; aquele dia mandou Bermudes o seu escrivão que tinha áquele tempo, que lhe chamavam Diogo Velho, em terra por seu negocio, e vieram os principaes da terra e rogaram ao dito escrivão que dêsse seguro á dita nau, e assim o ele fez e escreveu um seguro nesta maneira e dizia assim: — Senhor capitão se lá achardes esta nau tomae-a, e se não deixae-a; — e o escrivão deu o seguro aos mouros, e os mouros cuidavam que todos os homens do Viso Rei que davam seguros que eram bons, e fiaram-se nisto, e saíu a nau fóra do rio e logo Bermudes a trouxe e cativou os mouros. Logo os principaes da terra mandaram um embaixador a Bermudes á nau, e mandaram-lhe dizer que se espantavam de tão honrado capitão d'Elrei de Portugal, que seu escrivão lhe deu se-

guro á nau e a tomaram sob seguro; respondeu-lhe Bermudes que o seu escrivão não tinha poder de dar seguro sem seu mandado Assim, senhor, tomou Bermudes a dita nau, com muito pouca mercadoria, e de muito pouca valia, e cativou os mouros, e fez que os mouros da cidade diziam que eram ladrões e não guardavamos nenhum seguro que dêssemos, assim, fazem muitas cousas nossa gente na terra, com que os mouros não se que-rem fiar de nós e não querem tratar connosco Senhor, V A saberá que Bermudes fez mal em tomar a dita nau, e seu escrivão, também, que lhe deu este seguro por algum dinheiro que tomara dos mouros e se eles negarem isto ha rui testemunhas

Senhor, partimos deste porto de Baticála para Cochim, e chegámos em Cananor a 20 dias de Novembro de 1506, em o outro dia veio um mouro que sabia falar em portuguez, e contou deante de Gaspar Pereira e de mim, que era muito amigo de Ruy Freire e que comprára dele por 700 cruzados, ouro e prata de Mombaça, e comprou neste preço cada 10 maticas de prata por um cruzado, e cada matical d'ouro por 16 fanões, que fazem em Lisboa 320 réis e diz o dito mouro que lhe deu em pagamento do ouro e prata muito aljofar e perolas e por 36 cruzados de sinabastos, e segundo me a mim parece, que valem em Lisboa 3 mil cruzados porem, V A, sabe se são perdidos para V A ou não E mais contou o dito mouro, que ele comprou de Diogo Correia também prata por 200 cruzados, a saber, a prata era em manilhas de mulheres de Mombaça, e também o dito mouro contou mais, que comprou de Diogo Correia 72 cruzados coraes, que é mercadoria defeza de V A, e o dito mouro disse que lhe deu em pagamento da prata e dos coraes tudo em aljofar e perolas que valem segundo me parece senhor, em Lisboa mil cruzados

Senhor, assim muitos homens que não buscam senão para se aproveitarem, e não se lembram de nenhuma cousa do serviço de V A, que certo, senhor, que não ha em toda a parte, que a mim me pareça, quem deseja servir a V. A bem, sem cobiça, como D Francisco d'Almeida, Viso Rei das Indias, e Gaspar Pereira e Antonio Real, e se V A quizer dizer porque consentiu D Francisco d'Almeida tantas maldades, que a gente fazem saber a V A, que ele não pode mais, por amor que, quando D Francisco d'Almeida castigar toda a gente que caírem em penas de mercadoria defeza, e mais autos que prestaram muito ouro e prata em Mombaça, havia mister de destruir a maior parte da gente que na India está, e por ventura depois não tivera aqui capitães nem homens que pelejassem contra os mouros, por isso parece-me bem que V A menos castigue alguns homens em sua fazenda, até que venha a fama cá e terem medo, e não farão mais causas contra o serviço de V A; porem, senhor, não manda Viso Rei cá nenhum castelhano, que as principaes maldades eles as fazem, e senhor, beijo as mãos de V A, que cuide que não mande cá capitães mancebos por amor da sua fidalguia porem mande V. A homens velhos que tenham muito sizo, e vossas naus serão mais seguras de se não perderem, e sejam fidalgos ou cavaleiros, e não sejam castelhanos, que são contrarios de V A, que não buscam senão seus proveitos para tornarem ricos, e para se irem a Castela, que certo senhor segundo vejo em suas obras que são muito contrarios a V A, e assim, senhor, sempre as naus da India devem chegar ao porto de Lisboa, que V A meta muitas boas guardas e homens que sejam fieis pois todo o homem folga de juntar dinheiro a V A. De dois anos para cá que vai muito infirido aribar, e muito almiscar, e tocar, e rubis, e perolas e aljofar, que certo senhor, que eu não escrevo isto porque quero dizer mal de ringuera, porem, senhor, de muitos desejos que de servir V A com verdade eu escrevo isto por isso, senhor, be

de V. A., se por ventura alguns homens digam mal de mim deante de V. A. ou escrevam; saiba V. A. que eles falam por amor que não quero consentir seus furtos e suas maldades contra o serviço de V. A.; e assim me Deus ajude, senhor, que não póde um homem escrever em dez folhas de papel quantos furtos e maldades eles fazem; porem, sempre ando em demanda com eles deante o V. Rei por parte de V. A., assim com feitores, e assim com outros officiaes, e assim com os capitães, depois vejo que querem roubar ou furtar a V. A., tanto até, que alguns homens deles me mandaram dizer que me haviam de matar aqui ou em Lisboa. Com tudo isto eu determinei de não deixar de servir a V. A. em todas as cousas que me parece que é necessário, por isso beijo as mãos de V. A. que vos lembreis de mim, que sou homem estrangeiro, que não tenho ninguem que escreva a V. A. por mim, nem menos rogar; por isso beijo as mãos de V. A. que se lembre da minha mulher que é orfã, que não tem outro pae senão V. A., por isso peço a V. A. que lhe mande pagar em caza de Mina, bem assim a sua tença e pimenta que mandei, e com V. A. se não lembrar disto, saberá V. A. que minha mulher morrerá de fome e ficará perdida, e por ventura correrá a sua honra risco, por amor que é grave cousa, quando uma mulher moça não tem que comer. Beijo as mãos de V. A. que me faça uma mercê: que dê favor a Rodrigo Alvares, primo de minha mulher, escudeiro de V. A., e disto receberei muita mercê de V. A.

E saberá V. A. que João Serrão tambem achei que vendeu coraes depois aos mouros, e eu o disse ao Viso Rei como eu o achei em o porto de Baticala, que os mouros o confessaram que os compraram de João Serrão, e tambem lhes disse todas as cousas de Bermudes que achámos por testemunha no posto de Batecala, como ele vendeu mercadoria defeza, e assim doutras cousas que ele fez.

Respondeu-me o Viso Rei que se não podia tomar tão estreitamente com toda a gente na India, porem que ele queria escrever a V. A. todas as cousas, e que V. A. faria justiça o que lhe parecesse bem. Quando V. A. quizer saber parte ou a verdade destas cousas de João Serrão e doutros homens tambem o que fizeram na India, mande V. A. chamar o Diogo Aires, o escrivão da galé de João Serrão naquele tempo, que ele é creado de V. A. e ele vos contará a verdade das maldades que se cá fizeram a V. A. Senhor, quando chegar a nau Julia trouxe novas de V. A. a D. Francisco de Almeida, como folgaria V. A. de assentar trato em Malaca; logo me mandou D. Francisco de Almeida chamar, e falou comigo no dito negocio, porem não tinha D. Francisco de Almeida homem que fosse bom para assentar o trato e que soubesse a lingua senão eu ou meu filho; logo apresentei meu filho diante do Viso Rei, e logo folgou muito, e mandou logo meu filho com Francisco Pereira, e com Estevam de Vilhena a Malaca assentar o trato, na nau de um mouro mercador de Cochim que lhe chamam Nine Marcar, por amor que aquele tempo nossas naus não podiam ir lá, por uma causa que não tinhamos pilotos, e porque não tinhamos os nossos corrigidos; e partiu meu filho a 22 de Agosto, e depois que chegou ao porto de Cholomender, 200 leguas, pouco mais ou menos, de Cochim, ajuntaram-se 2000 mouros e cercaram a casa onde estava meu filho e os outros portugueses, para os tomar e mata-los, e a dita casa onde estava meu filho era dum mouro mercador, irmão de Nine Marcar, mercador de Cochim, e êle é mercador poderoso naquele porto, e armou 1500 mouros de peleja, e pelejaram com os mouros de Calicut tanto até que morreram, de cada banda 3 — 4 homens; logo à noute tomou o meu filho e os outros 2 portugueses, e meteos em uma nau e fez-se de vela; naquele tempo mesmoos mouros cercaram a casa e não acharam o meu filho, e entraram

na casa e roubaram mercadorias por 4 mil cruzados, e assim lhes fez Deus mercê que escaparam da morte; com todas estas paixões eu e meu filho folgamos de servir a V. A., e meu filho até agora não veio nem foi a Malaca, senão está em um porto que lhe chamam Conymate, da outra banda de Choumandel, tanto ávante como Ceylão, escondidos até que achem passagem para Malaca ou para cá.

A 8 dias de Novembro chegou meu filho e os demais portugueses ao porto de Cochim, e contou-nos todas as questões que atrás vão escriptas,

Deus lhe fez muita mercê que escaparam; e beijo as mãos de V. A. que se lembre de mim, que sou homem velho e casado e folgo sempre de servir, eu e meu filho até morrer; e lembro a V. A. de mandar pagar a minha mulher na casa da Mina, em toda a maneira as minhas tenças, e muita pimenta que eu mandei.

E senhor, estas são as sortes de mercadorias que há mister neste tempo para cá: chumbo e cobre, e panos sabido é; porem mande V. A. na casa da Mina cada ano, que comprem 100 quintais ao menos de corais por lavar, como o tiram do mar, a saber: que lhe chamam uma sorte *tora*, e a segunda branca, e a terceira bastarda; porém o que há mister para cá o mais grosso que acharem, e seja de boa côr vermelha e não seja comido de vermes. E mais, senhor, que mandeis comprar cada ano 5 quintais de açafraão, e seja bom, porém não seja carregado de azeite, e se tiver azeite seja pouco, e mais mandai comprar, ou obriguem aonde o acharem cada ano, mil quintais de pedra branca, por amor que vale aqui muito bom preço, e quando poderem achar corais lavrados redondos, e não atonelados, e sejam gravados, e de boa côr vermelha, também é bom que mande V. A. comprar deles dois ou três quintais cada ano. E saberá V. A. que temos o rio de Cochim, como a ribeira de Lisboa para carregar as naus de V. A., a saber, caravelas e vasos até 300 toneis se podem meter a monte, a saber, tirar as taboas velhas e meter as novas; e agora começa D. Francisco de Almeida de fazer uma caravela de novo, por amor, senhor, que temos muita madeira, e muitas coisas que havemos mister, porém, parece-me bom que V. A. mande calafates quantos se acharem, que são mister cá muitos. E senhor parece-me quando V. A. não castigar estes homens que são escritos acima, que caíram nas penas contra serviço de V. A. ou nas fazendas, ou na maneira que a V. A. parecer bem, nenhum não terá medo de V. A., e sempre roubarão e furtarão aqui, e não haverá remédio. E senhor a causa da carregação que a pimenta quebra, os feitores tem a culpa, que eu concertei com os mouros, que elles são contentes de nos pezarem com nossas balanças, e com nossos quintais, e não com os seus, e o feitor não quer, por amor de fazer suas visitas com seus proveitos, para dizer depois que os bahares não concertam com os novos quintais; porem senhor, antes que eu viesse eu tinha vontade de carregar uma nau, e queria-a pezar à minha vontade para V. A. diante dos escrivães da feitoria, e V. A. verá que não quebrará nada, e pela dita nau quando não quebrar, V. A. mandará tomar conta ao feitor pelas outras.

Senhor, aos 16 dias de Novembro me chamou D. Lourenço em sua câmara, e me disse nesta maneira: Sabes Gaspar, como fui a Ceylão, e tive a Miguel comigo, por lingua, por amor que naquele tempo que estava para partir para Ceylão não achei outro lingua, por amor que vosso filho era partido para Malaca em serviço de El-Rei N. S. e vos mandou meu pai ao porto de Badicale a outros negócios, e assim eu cheguei ao porto de Ceylão e bem pudera trazer 10 mil cruzados de pareas a El-Rei N. Senhor, e por ninguém de tal homem como vós, que sabeis todas as cousas, não trouxe nada, por amor que a canela que eu trouxe, toda vale na Índia 250 cruza-

dos; assim sabereis que meu pai me mandou agora com a frota sobre Ormuz, rogo-vos que venhais comigo de boa vontade, e serviremos El-Rei N. Senhor, e ganharemos muita honra. Eu lhe respondi nesta maneira: Bem sabe V. Mercê que cumpre servir a El-Rei N. Senhor em todas as cousas que eu possa, porém bem sabeis que agora há 15 dias que vim do porto de Batecála, e venho muito doente como todo o mundo sabe, porém eu quero falar com vosso pai por amor que elle mesmo sabe que estou muito doente; responde-me elle que me rogava que eu dissesse diante de seu pai que era contente de ir com elle logo; naquelas horas eu fui falar com seu pai D. Francisco de Almeida e disse-lhe nesta maneira como D. Lourenço seu filho falou comigo nesta maneira que está escrito em cima; respondeu-me o que era o que me parecia disto, respondi-lhe como bem sabia Sua Senhoria que sempre de dia e de noite desejar-lhe servir El-Rei N. Senhor, porém agora que estava muito doente e não havia 15 dias que viera de fora; depois, que meu filho Balthazar ser ordenado para ir nesta viagem por lingua, que bastava, por amor que era melhor lingua que eu, e sabia também em muitas cousas, tanto como eu.

Respondeu-me D. Francisco de Almeida: é verdade que vosso filho é bom lingua e bom homem, porém, toda a festa são mancebos, porém parece-me bem que vos vades porque sois lingua e conselho, por amor que Ormuz é gran cousa para começar de os meter em caminho de começar de pagar boas pareas, porque se estais tão doente que vos pareça que não pudeis, antes queremos perder o serviço de El-Rei e não que hajaes mal. Eu lhe respondi e disse-lhe nesta maneira: Pois se parecesse a S. Mercê que eu era tão necessário nesta viagem com a doença que tinha, antes queria ir que perder o serviço de El-Rei; assim, senhor, determinei de ir com D. Lourenço com 6 naus e com 2 galés, e com o bergantim e meu filho comigo, sobre Ormuz, para lhe fazermos tanta guerra até que nos paguem páreas que sejam boas a serviço de V. A., e queremos partir pela manhã. Feita aos 16 dias de novembro de mil quinhentos e cinco. — a) Gaspar da India, escravo de V. S.^a para sempre. — A El-Rei N. Senhor.

20 DE NOVEMBRO DE 1508

Senhor — V. A. me mandou a Sofala para que vos servisse nela; eu, Senhor, quando vim de Portugal vim com Pero d'Anhaya, que Deus haja, na nau Santo Espirito, em que ele vinha, e como chegámos sobre o parcel de Sofala, adoeci de febres, e levei-as até junto com Sofala, e fiquei delas com o estomago muito danado de purgas que me deram, e depois da fortaleza feita tornei eu adoecer de febres com o trabalho do fazimento dela, de que estive para me finar; deixaram-me e fiquei com o estomago muito inchado, porque pareceu bem a Pero de Anhaya que eu me fosse para Portugal, e não achei em que fosse. Vim-me á India assim doente, mas não tanto como dantes, onde fico por mandado do Viso Rei para servir V. A. no que ele me mandar. As cartas de Pero Anhaya e assim um presente d'ouro que Elrei de Sofala manda a V. A. me mandou o Viso Rei que entregasse a Lourenço Moreno, feitor, porque havia por serviço de V. A. que eu fosse estar em Batecalá por feitor, e entreguei-lhe tudo, e o Viso Rei o manda a V. A.; assim como o eu trazia o escrevo a V. A.

É bem, senhor, que dê alguma conta a V. A. das cousas de Sofala, e do ouro que há nela, e donde vem e como o tiram, e o porque agora não vem, porque porventura ninguem o saberá tão certo dizer a V. A. como

eu, porque o soube muito certo. O Reino, senhor, em que ha o ouro que vem a Sofala, se chama Macalanga (1), e é Reino muito grande em que há muitas vilas muito grandes, afora muitos logares outros, e a propria Sofala é deste Reino, senão como toda a terra da beira mar; os reis do sertão não curam nem muito nem pouco, deles se assenhoream os nossos, indo pela beira do mar e pelo sertão até 4 leguas, porque mais dentro não ousam porque os roubam os cafres e matam, porque não creem em nenhuma cousa.

E poderá, senhor, um homem ir a uma cidade que se chama Zimbaue de Sofala, que é grande, em que se sempre o Rei está, em dez ou doze dias de andar ordenadamente como em Portugal, mas porque eles não andam senão desde pela manhã até ao meio dia, e comer e dormir até ao outro dia pela manhã, que partem, não vão a esta cidade em menos de 20 a 24 dias. Em todo o Reino de Macalanga se tira ouro e é nesta maneira: cavam a terra e fazem como mina, que irão por ela por baixo da terra, um grande tiro de pedra, e vão-o tirando por veias com a terra misturada com o ouro, e apanhando, o metem em uma panela que ferve muito no fogo, e depois que ferve a tiram fora e a poem a esfrear, e fora ficam a terra e o ouro, tudo ouro fino: isto não haja V. A. senão por muito verdade, e não o pode nenhum homem tirar sem licença d'Elrei, sob pena de morte.

E este Rei que agora reina, senhor, em Macalanga é filho de Macombe, Rei que foi do dito Reino, que ha nome Kesaringo Monomotapa, que é como dizem Rei Fuão (2), porque o nome do Rei é Menomotapa, e o Reino Macalanga. Já V. A. sabe como 12 ou 13 anos que ha guerra no Reino donde vinha o ouro a Sofala, ela é este o Mocaranga. A guerra, senhor, foi desta maneira: No tempo de Macombe Monomotapa, pae deste Kesaringo Monomotapa, tinha um seu privado que era grande senhor em seu reino, e que governava todo o Reino de desterrar e degolar, e de todos as outras cousas que queria, como Rei, que se chamava Changamir (3) e era justiça mor d'Elrei e o nome desta justiça mor é Emir, assim como dizemos Governador. E este Emir tinha no Reino muitas vilas e logares que lhe o Rei dera, e estando o Emir em suas terras fazia-se grande pelo mando que tinha no Reino e adquirira muita gente a si; e outros privados do Rei, com inveja, começaram a dizer a Elrei que se queria o Emir levantar com o Reino, que o matasse, e a Elrei parecendo-lhe que era assim pela gente muita que o guardava, determinou Elrei de matar o Emir, e mandou-lhe a suas terras, por um fidalgo, uma pucara com peçonha, que a bebesse, porque tem por costume quando o rei quer mandar matar algum homem, assim grande como pequeno, manda-lhe dar peçonha a beber, e bebem-a, e isto publicam como degolar por justiça; e quando ha de beber aquele a quem a dão, está muito contente e muito ricamente vestido de panos de seda, e os panos vão de Sofala; e se a bebe morre logo e herdam seus filhos ou parentes herdeiros todos as suas terras e fazendas; e se não quer beber a peçonha cortam-lhe a cabeça, e não herda nenhum dos seus filhos nem herdeiro nenhum cousa sua, e fica a Elrei.

É este Emir, que Elrei lhe mandou a peçonha, que a bebesse, ele a

(1) Ou Mocaranga como os portugueses em geral diziam; era o povo predominante entre os rios Sabi e Zambezi, e estendia-se para oeste, não se sabe até onde.

(2) Monomotapa era um dos títulos hereditários do grande chefe da tribo Kalanga e significa *senhor da montanha*; esta montanha era o M. Fura perto da qual ficava a residência do Monomotapa.

(3) Ou Tshicanga.

não quiz beber, e deu por resposta a Elrei, que o mandasse pelejar em guerra onde ele quizesse, porque queria antes morrer pelejando que assim com peçonha; e quando lhe mandou esta resposta, mandou ele a Elrei Macombe Monomotapa 4 barris, assim como d'agua do mar, cheios d'ouro e mais 4 vacas mochas, e que lhe não mandasse beber aquela peçonha; e Elrei tornou lhe a mandar que a bebesse, todavia, e o Emir não quiz, de maneira que 3 vezes lhe mandou Elrei que a bebesse. E quando o Emir viu que Elrei assim o queria, ordenou de o matar na cidade onde estava, que se chama Zumbabané, e levou consigo muita gente, e quando chegou junto com a cidade, que souberam os grandes que estavam com Elrei que vinha, foram-o receber, e quando o viram vir daquela maneira, não quizeram estar na cidade e foram-se fora, e o Emir foi-se ás cazas d'Elrei, que eram de pedra e barro, muito grandes e todas terreas e entrou onde estava Elrei com seus escravos e alguns homens; e estando falando com Elrei, lhe cortou o Emir a cabeça a Elrei, e como o matou levantou-se com o Reino e se fez rei, e lhe obedeceram todos, e reinou 4 anos pacificamente. E ficaram a Elrei Macombe 22 filhos, e todos lhe matou o Emir, senão um, o mais velho, que era ainda moço, que ha nome Kecaringo (1), que agora é Rei, e este fugiram com ele para outro reino de um seu tio, e depois que foi de 20 anos se veiu apoderar do Reino com muita gente da de seu pae que se veio para ele, e veio sobre o Emir que matára o seu pae, junto com a cidade, em um campo; e quando o Emir viu que ele vinha sobre ele mandou muita gente pelejar com ele, e o filho d'Elrei matou muita gente ao Emir, e quando o Emir viu que lhe matava tanta gente saiu fora a pelejar com ele, e o filho d'Elrei matou o Emir no campo, e durou a peleja 3 dias e meio, em que morreu muita gente de uma e outra parte; e como Emir foi morto, Kecaringo Monomotapa ficou com o Reino, sómente, que as terras do Emir lhe não quizeram obedecer.

E ficou do Emir um seu parente que se chama Toloa, que agora faz a guerra, com um filho que ficou do Emir, a ele Elrei Kecaringo. E Elrei Kecaringo mandou já muitas vezes dizer ao Toloa que fossem amigos, e o Toloa não quer (2), e diz que pois ele matou seu senhor, que ele o hade matar a ele. E desta maneira, senhor, se levantou a guerra, e está ainda hoje: e por isto, senhor, não vem o oiro que saia de Sofala, porque uns roubam os outros de uma parte a outra, e o ouro, senhor, todo está na terra do Emir, e ao redor dele, ainda que algum ha pelo Reino, mas sómente pouco.

E quando a terra estava de paz, tiravam de Sofala cada um ano, trez e quatro naus, um milhão d'ouro, e ás vezes um milhão e tresentos mil maticaes d'ouro, de um milhão para cima e não para baixo. Eu, senhor, procurei tambem saber, se saia algum ouro do Reino de Mocanga por alguma parte do sertão; não sae por nenhuma parte senão por Sofala, e alguma cousa por Angoche, mas não muito; disseram-se que saíam por Angoche 50 mil maticaes d'oiro cada ano, pouco mais ou menos.

E, assim, senhor, trabalhei por saber de que maneira se poderiam fazer pazes entre estes ambos, o Rei de Mocaranga e o Tolua; disseram-me que se não podia fazer senão por Elrei de Sofala, ou por Elrei de Quiloa, e que a não fizeram todo o tempo passado senão por não vir o ouro a Sofala, porque o não acharam ahí os christãos se ahí viessem ter, por-

(1) Ou Kesarinuto ou Kesarinungo.

(2) Toloa ou Tolua, o filho do Tshicanga, ocupou com a sua ancestral tribu, o distrito de Manica, do que resultou não vir o ouro para Sofala — A guerra passou a ser estado permanente, o Tolua passou a ser independente, e Manica ficou perdida para o Monomotapa.

que como souberam que o Almirante virá á India, logo houvessem os christãos por senhores de Sofala e por isso não fizeram as pizes. E que, senhor, se as mandarem fazer, hão de ser como mandassem a Elrei Kecaringo Monomotapa um presente, e ao Tolua outro; e que o presente hade ser de panos ricos dos que vem a Sofala de Cambaya, e que não será muito de fazerem a paz com eles desta maneira.

Elrei de Sofala, senhor, era mouro, e todos os homens que ha em Sofala são mouros, alguns cafres vivem no redor deles, mas não entre eles: ha, senhor, na primeira aldeia de Sofala, que está na ponta do mar, 400 moradores, e na aldeia d'Elrei outros 400 moradores, e ha de uma a outra, cerca de meia legua; e ha em todo o Senhoria de Elrei de Sofala 10 mil homens, e acodem ao seu atabaque 7 mil horas de um dia a outro; assim, senhor, me afirmam que havia em Quiloa, que vinham e iam, 30 mil homens pouco mais ou menos, e Sofala era do reino de Quiloa. Mombaça, senhor, era de grande vantagem sobre Quiloa assim de moradores como doutra gente. Os direitos, senhor, que tem el-rei de Mombaça dos mercadores que vão a Sofala são estes: qualquer mercador que vem a Mombaça e traz mil panos, paga a el-rei de direitos de entrada por cada mil panos em mitical d'ouro, e então partem-lhe os mil panos pela metade, e el-rei toma a metade, e a outra metade fica ao mercador, e quer os leve fora quer os venda na cidade ha-de lhe levar esta metade, e el-rei manda vender a sua a Sofala ou a Quiloa; e os direitos que tem el-rei de Quiloa são que qualquer mercador que entrar na cidade paga de cada 500 panos que traz, quer sejam ricos quer baixos, 1 mitical d'ouro de entrada, e depois de pagar este mitical pelos 500 panos, leva el-rei $\frac{2}{3}$ de toda a mercadoria que fica e o mercador $\frac{1}{3}$, e o terço que fica ao mercador não o ha-de tirar da cidade, e tornam-lhe a avaliar toda a mercadoria que fica naquele terço e paga de cada mil maticaes, trinta maticaes para el-rei de Quiloa. E dali parte o mercador para Sofala e como lá chega, pagava de cada 7 panos um pano para o dito rei de Quiloa; e quando se torna para Quiloa, quem vem de Sofala, hade vir por força por Quiloa e paga, do ouro que traz, a el-rei, de cada mil maticaes cincoenta maticaes d'ouro; e em Mombaça, á ida não paga nada; e se passa por Quiloa e não entra nela, hade ir todavia a Mombaça, e se não leva alvará de como pagou em Quiloa, ali lhe tomam esses 50 maticaes de cada mil maticaes, e os mandam a el-rei de Quiloa. E o direito que tambem pagara a el-rei de Quiloa, do marfim, é que de cada bahar paga 20 maticaes d'ouro em Sofala, e quando vem a Quiloa paga mais de cada 7 dentes um; e em cada bahar ha 20 farajolas, e em cada farajola ha 23 arrateis; e depois, senhor, que este rei de Sofala, que matou Pero d'Anhaya, reinou, nunca mais dera nenhuns direitos a el-rei de Quiloa, dos que se arrecadaram em Sofala — Scrite em Cochim a 22 dias do mez de Novembro de 1506.

Senhor — Peço a V. A. que olhe a quanto serviço eu tenha feito, e que não tenho nem uma cousa, e que tenho 5 filhos e filhas; e, pois, cá ando servindo V. A., que me faça mercê da feitoria de Cananor, depois que Lopo Cabreira acabar seu tempo, ou primeiro se ele primeiro se quiser ir, no que V. A. me fará grande mercê.

Feitoria de V. A. — a) *Diogo d'Alcaçova*.

NOTA — Em todo o territorio occupado pelos Macalangas havia ouro, mas particularmente em Manica. A maneira de obter o ouro era pela lavagem das areias nos rios ou em certos lagares apoz grandes chuvas. A extração do quarto dos filões e o seu esmagamento não se praticava ao que parece, ou se tal se fazia era em extensão muito limitada ou em localidades muito para o interior.

Jesus — Nós Elrei faremos saber a vós Cide Barbudo, cavaleiro da nossa casa, que este é o Regimento que vos mandamos que guardeis nesta viagem onde ora vos enviamos por nosso capitão-mór da náó e caravela que levaeis, com que is em busca de Francisco d'Albuquerque e de Pero de Mendonça, e da gente que consigo levaram, que prazerá a Nosso Senhor que achareis.

Item — Primeiramente, tanto que em boa hora partirdes de Lisboa, fareis vosso caminho para a Ilha da Madeira, por ser travessa mais curta, e porque como a houverdes, tereis seguro de não tornar, e tomando-vos naquela paragem algum tempo contrario, podereis ali pairar.

Item — Da dita ilha fareis vosso caminho por entre as ilhas de Cabo Verde e a terra, em tal maneira que vos não acoíteis ás ilhas por serdes guardado dos embates delas, e isso mesmo que vos não encosteis à terra firme para vos guardardes das calmarias e assim por meia boroa fareis vosso caminho direito ao sul enquanto vos o vento deixar, e tanto que der em vós o vento escasso, ireis na volta do mar, e enquanto vos não der á prôa o'aloeste não virareis, porque nesta volta vos hade largar o vento com que haveis de dobrar o Cabo da Boa Esperança com ajuda de Nossa Senhora, e se pela ventura vos desse o vento largo cedo fareis tal caminho que subjugueis o Cabo da Boa Esperança em leste até o lés noroeste, e se vos fôr o vento escasso não fareis na outra volta do Cabo até vos demorar no rumo de lés nordeste.

Item — Em toda a viagem tende grande recado e vigiamento por que não percaes a caravela de vossa companhia, e nos tempos da fortuna, (que prasa a Nossa Senhora que não acheis), tereis tal temperança no dar das velas da vossa náó, que a caravela possa ter convosco, e que por maneira alguma se não possa afastar de vós, e para melhor o poderdes assim fazer, sempre á noite e pela manhã a esperareis e lhe direis o caminho que haveis de fazer, e de noite não virareis, nem mudareis caminho do que lhe dado tiverdes ao pôr do sol, salvo se o tempo for tal que não possaes outra cousa fazer, ou sendo tão perto um do outro que a dita caravela vos possa bem ver e seguir, tendo ainda então, tal tempera no dar das vossas velas, que ela sempre possa ser convosco.

Item — Quando de noute houverdes de virar, far-lhe-heis dois fogos, e ela vos responderá com outros dois, e depois de respondido, então virareis.

E para seguir far-lhe-heis um fogo;

E para tirar a moneta trez fogos;

E para amainar quatro fogos;

E para desaparelhar lhe fareis muitos fogos e tirareis bombardas, e a todos vos responderá, e principalmente vos encomendamos que nunca a dita caravela percaes de vista de noite, porque isto se pode muito bem fazer, e sendo tanta a cerração que a não possaes ver, então levareis vós uma lanterna e ela outra, e desta maneira podereis sempre ver um ao outro.

Item — Sabereis que o Cabo da Boa Esperança está em $34^{\circ} \frac{1}{2}$ d'altura do sol, e tanto que fordes na altura dos $34^{\circ} \frac{1}{2}$ graos, fareis o caminho em leste e dar no dito Cabo, porque folgariamos muito de dardes no rosto dele; e se fôr caso que por alguma das bandas o houverdes do mar, seja antes avante que á ré, porque tomando vós á ré, não é a navegação tão segura, e tornando ávante não ha ali mais que tornar atraz, o que ligeiramente se pode fazer; porem sempre trabalhar por dardes no rosto dele, salvo quando achareis tempo tão feito e tão segura a navegação, que não vos fosse inconveniente nem risco dardes á ré do dito Cabo algum pouco,

para d'ali começardes ir descobrindo e buscando a costa ao longo dela, e todas as angras e portos até á Aguada de S Braz, porque nesta pragem achou Lopo d'Abreu a nau Cruz, que diz que viu. Pero isto de tomardes á ré do dito Cabo seja com toda a segurança de o poderdes dobrar sem risco, e segundo o tempo que levardes, quando o dito Cabo fordes demandar, assim fareis trabalhando como ao menos, todavia, vades dar de frecha no rosto dele.

Item — Donde assim tomardes, ou no rosto do dito Cabo ou á ré, fareis vosso caminho, ao longo da costa, para a Aguada de S Braz, e descobrindo todas as angras e portos que virdes e achardes, até á dita aguada, indo a caravela bem chegada á terra descobrindo tudo, e a nau em que lus ficará mais de largo por mais segurança, e em maneira que vos não possaes perder um do outro, por a caravela ir mais a terra ou ancorar em alguma angra onde a vossa nau não possa ir, ou não sendo bem e segurança que lá vá, e indo assim buscando tudo na dita maneira, ireis ambos juntarvos na Aguada de S Braz, e ali pousareis e botareis vossos barcos fóra, e ireis em terra, indo com todo bom recado, e se acaso fôr que aqui acheis alguns sinais d'alguma das naus, assim de Francisco d'Albuquerque como de Pero de Mendonça, (porque nos parece que a nau que viu a nau de Pedro d'Abreu deve de ser uma destas), lançareis dous degredados em terra, dos que leuaes, e vão pelo sertão a ver, com tempo de saber novas de gente das ditas naus, prometendo aos ditos degredados, da nossa parte, que, achando Francisco d'Albuquerque ou Pero de Mendonça, lhe faremos por isso mercê e mais lhe perdoremos, e donde começardes de vir descobrindo a costa até á dita aguada, fareis toda a diligencia e bom cuidado na busca dos subeditos, não vos ficando cousa alguma por buscar até á dita aguada de S Braz, e fal-o-heis assim bem como de vós confiamos, porque a nau que ali foi vista, por os da nau de Pero d'Abreu, não pode deixar de ser de cada um destes. E se pela ventura tomasseis avante do cabo para dentro muito, com o primeiro levante mandareis tornar da dita aguada a dita caravela a buscar a costa até ao Cabo, como o haveis de fazer começando do dito Cabo, e esperareis vós aqui na aguada, com a nau até ela tornar a vós.

Item — Achando aqui sinais, como dito e, e sendo mandados os degredados em terra, esperareis por eles oito dias, e neste tempo tereis vossa nau e a dita caravela muy bem amarradas, principalmente de leste e de lesueste, porque de todos os outros ventos a bahia vos abriga, e não receeis pousar em seis braços, porque ali estareis mais seguros no meio d'a bahia defronte da aguada, e neste tempo que os degredados forem em terra, tereis a caravela á vela quanto o tempo o soffrer, ao longo da costa para o Cabo Talhado, ate chegar a ele o mais perto da terra que poder ser com seu resguardo, e achando bahia ou porto em que possa surgir, surgira e botará a barca fóra, e ira varar em terra com toda a segurança e bom recado ate poder achar algumas novas deles, e achando deles novas, ou não, tornará a vós, e não achando nenhuma cousa, nem vos vindo recado do sertão pelos degredados, então vos partireis em boa hora.

Item — Sabereis que da Aguada de S Braz para o Cabo da Boa Esperança ha 7 ou 8 leguas, e esta uma bahia que se chama Bahia da Ponta Ruiva, em que nos parece, segundo a informação que deram os que vieram com Lopo d'Abreu, que a nau de Pero de Mendonça se perdera nesta bahia ou na de S Braz, pelo qual muito vos trabalha de nestas duas bahias fazerdes grande diligencia.

Item — Se a dita caravela mandasseis tornar da dita Aguada de S Braz para o Cabo, para buscar os subeditos, por não tomardes no rosto

do dito Cabo esperareis por ela na dita aguada como dito é, e com qualquer recado que vos trazer se não achasse nenhuns homens nem recado algum das naus, então vos partireis da dita aguada e fareis vosso caminho para o Cabo das Correntes, descobrindo todas as angras e portos que achardes com grande cuidado, e tanto que com o dito Cabo das Correntes fordes, andareis de dia e não de noite ao longo da costa, e quando de noite achardes surgidouro, surgireis, e senão, parareis em maneira que não passe de noite cousa nenhuma que não vejaes de dia, porque segundo somos informado, parece-nos que Francisco d'Albuquerque se perdeu do Cabo das Correntes para Sofala, e por isso vos encomendamos e mandamos que esta costa busques de maneira que se alguma gente for viva a recolhaes, e esperamos em Nosso Senhor que a aches; e para assim seguides esta carta do Cabo das Correntes para Sofala em todo lugar que poderdes surgir surgireis, e ireis com as barcas em terra e falareis com a gente dela com toda a vossa segurança, para saberdes novas das ditas naus e gente delas.

Item — Sabereis que do Cabo das Correntes para o Cabo do Parcel ha duas ilhas pequenas, pegadas com a terra, que se chamam as *Meicas*, onde nos parece, segundo o que se pode entender, que Francisco d'Albuquerque se perdera, mais que em outra parte; porem, vós não deixareis por isso de correr toda a outra costa, como vos fica mandado; estas ilhas folgariamos, quando na costa não achareis recado, de também buscardes e a terra delas, porque nelas não vive ninguém. E sabereis que nesta terra correm muito as aguas, pelo que tereis muito bom tento que vos não enlheeis na navegação, e levae as alturas do Cabo das Correntes, e do Cabo de Santa Maria, e do Cabo do Parcel, e de Sofala, e de Trisane (?), porque por elas seriam mais desenganados que pela marinharia.

Item. Se nestas ilhas não achareis nenhum recado, seguireis a carta até Tircane, que é uma ilha que está junto da terra, 10 leguas aquem de Sofala, a qual ilha é de mouros, e pousareis nela, e falareis com eles levemente, e não como quem lhe pede conta nem recado d'elles, porque se não cerrem, senão como queira perguntar por novas; e se vos não quizerem dizer nada, e poderdes haver algum à mão, por qualquer maneira que seja, tomae-o e metei-o a tormento, e ele vos dirá a verdade do que souber, das ditas naus e se ha aí alguma gente viva.

Item. Onde quer que achardes alguma gente das ditas naus, a resgatareis e haveis à mão, dando e despendendo em seus resgates todas as mercadorias que levaes, até não terdes nenhuma cousa delas, e de modo o fareis que vos não fique nenhum homem, trabalhando de os haver pelos meios que poderdes, e o escrivão da vossa nau fará livro da despeza das ditas mercadorias, declarando o dia, mez e era em que se dispendeu no resgate da dita gente, e quanto se deu por cada pessoa, para vos ser levado em conta o quanto dispenderdes pelo assento do dito livro. E com qualquer gente ou recado que achardes dela, trabalhando por toda haverdes com dito é, vos ireis directamente a Sofala, e aí dareis a Pero de Anhaya a nossa carta que levaes, e deixareis aí, em Sofala, todos os homens e pessoas que levardes dos que achardes das ditas naus perdidas. E mandamos por este capitulo ao dito Pero de Anhaya que os receba de vós, e os tenha aí até vós por eles mandarmos, ou o que delas se faça.

E se pela ventura o dito Pero de Anhaya tivesse tanta necessidade de mantimentos que não podessem aí ficar, por ter tanta mingua deles que os não podesse manter, n'esse caso vós vos partindo dali o mais prestes que poderdes com vossa nau e caravela, salvo quando por ele fosseis requerido que ficasseis aí ou lhe deixasses a dita caravela, porque n'este caso guarda-

reis o capitulo que* sobre isto adeante vos será assentado do que n'este caso façaes. E partindo daqui fareis vosso caminho por Moçambique, para saberdes se as naus da armada da India, que hão de vir com a carga de especiaria para estes Reinos, são já passadas, e se N. S. vos desse tal viagem que as achasseis aí, reparteis pelas ditas naus os homens que assim levardes, para os trazerem para estes Reinos, os quaes repartireis por elas segundo que em cada uma couber e se poderem agazalhar, e segundo os muitos que cada um trouxer, e mandamos por este ao capitão mor da armada e capitão das ditas naus, que todos os que lhe assim derdes os recebam de vós os tragam para estes Reinos.

Item — Segundo chegasseis ao dito Moçambique, achasseis recado que as ditas naus eram já passadas para estes Reinos, n'este caso vos partireis d'aí com a nau somente o mais cedo que poderdes, e da caravela fareis o que adeante, por um capitulo vos será declarado, e vós ireis à banda d'alem da India, e levareis convosco toda a gente que levardes das ditas naus perdidas, e vós ireis onde quer que D. Francisco d'Almeida, nosso capitão estiver, e fareis de vós e da dita gente, e da nan e da companhia dela, tudo o que pelo nosso serviço e da nossa parte o dito D. Francisco vos requer a mandar, até ida e chegada da frota que leva Tristão da Cunha e em vossa vinda para estes Reinos ou ficada lá na India fareis o que por vosso serviço e da vossa parte vos mandar o dito D. Francisco, com aquela diligencia e bom cuidado que de vós confiamos.

Item — Quando partirdes de Sofala, porque parece que tendes para isso tempo que basta, folgariamos de irdes descobrindo para o mar até à terra de S. Lourenço, fazendo vosso caminho de Lessueste até dardes em terra, porque nestas paragens achou Lopo d'Abreu os baixos, para se saber quanto estão apartados em terra, porque folgariamos de serem bem sabidos, por cumprir assim o nosso serviço para segurança da navegação da India; isto dando-vos o tempo logar para este caminho poderdes fazer, e não se vos gastando o tempo para no mez de Março serdes em Moçambique, como antes vos fica mandado, para achardes a frota que da India ha de vir para estes Reinos prazendo a Deus, e que parece que neste tempo deve dali de ser.

Item — Se pela ventura Pero de Anhaya vos requeresse, quando a Sofala chegasseis, que vós com a não e assim com a caravela estivesseis ali com ele por assim cumprir o nosso serviço, e ter disso necessidade tal porque conviesse de assim o fazerdes, tendo vós achado alguem da gente das naos perdidas, ou não a tendo achado, fareis em todo o caso o que por nosso serviço e de nossa parte vos requerer e mandar o dito Pero de Anhaya, sem em cousa alguma deixardes de cumprir seus requisitos e mandados, porque assim o havemos por nosso serviço, e, não vos requerendo ficada com as naus nem caravela, acudir-lhe-heis do que levardes com o que vos requerer de mercadorias, como artilharia e qualquer outra cousa, ficando-vos a vós aquilo que vos cumprira para a viagem que haveis de fazer e assim a caravela, e assim vos mandamos que o cumpraes.

Item — Por este novo capitulo mandamos ao dito Pero de Anhaya que vos não ocupe, salvo quando tal e tão estricta necessidade de vós tiver por nosso serviço, porque convenha de pura necessidade vos ocupar, porque vós levaeis recado à India de muito nosso serviço, porque cumpre todavia lá passardes como vos mandamos, não convem o serdes reteudo, e portanto lhe mandamos que vos não peja, salvo com esta dita necessidade, e tal porque se não possa ali fazer como dito é.

E havendo vos assim de ficar com ele, mandamos ao dito Pero de Anhaya que por qualquer via, assim do mar como da terra, faça disso logo

avizo por sua carta a Moçambique, para aí achar recado Tristão da Cunha, quando em boa hora ali chegue com a frota, como estaes com o dito Pero d'Anhaya, e não se deter em esperar por vós e fazer seu caminho, e este recado para o dito Pero d'Anhaya por as mais certas vias que possível lhe seja, podendo conseguir assim muito o nosso serviço. E em que maneira e tempo em que do dito Sofala partirdes, mandamos por este, ao dito Pero d'Anhaya, que vos mande entregar todo o ouro que tiver na Feitoria, para o levardes à India, e entregardes a nossos Feitores por ordenança de D. Francisco, nosso capitão mor, ao qual o dito Pero d'Anhaya e nossos feitores escreverão cartas e que por vós lhe enviam; e daqueles feitores a quem o entregardes, por mandado de D. Francisco, cobrareis seus conhecimentos feitos por seus escrivães da receita, em que declare o que de vós recebem e como fica sobre eles carregado em receita, quando por todo serdes descarregado do que assim vos for entregue, porque este ouro convem ser lá passado na India para o cabedal dela, para que muito é necessario: e alem deste capítulo, nós escreveremos também a Pero d'Anhaya.

Item — Havenão vós de ficar assim com o dito Pero d'Anhaya, para qualquer necessidade para que cumprisse, deixando-lhe a gente que levasseis achada, ou não lhe deixando pela necessidade que atraz fica dito, se depois de satisfeita ao que de vós lhe cumpra, se vos ficasse para ainda poderdes ir a Moçambique e saberdes da frota, como antes vos é mandado, falo-lheis; sendo a frota passada vos partireis em boa hora como dito é para a India, e achando-a lhe dareis os homens para os trazer a estes Reinos, e vós vos partirdes para a India como antes vos fica dito.

Item — Partindo vos de Moçambique para a India, como dito é, mandareis a Pero Quaresma que se vá a Quiloa com a caravela, e aí espere por a frota que hade levar Tristão da Cunha, porque aí hade ir buscal-a, e fará tudo o que pelo dito Tristão da Cunha lhe for mandado, e não passará da banda d'alem, e ficará ali em Quiloa aguardando pelo dito Tristão da Cunha para se juntar com ele como dito é, e fazer tudo o que por nosso serviço lhe mandar, e vós vos passareis à banda d'alem de Quiloa, e vos ireis onde D. Francisco estiver, como antes vos fica mandado.

Item — A dita caravela, emquanto ali em Quiloa esperar pelo dito Tristão da Cunha, poderá andar d'ali de Quiloa até Mogadoxo, e fazer quaesquer prezas de navios de mouros que bem poder, não tocando em cousa d'El-rei de Melinde, e assim o defendemos, e assim de Quiloa a Mombaça, e por aqueles logares d'ali em redor, acudindo sobre ao dito Quiloa sempre de maneira que a não possa errar a frota do dito Tristão da Cunha, porque errando-a seria muito nosso de serviço; e o capitão da dita caravela terá um grande recado que em toda a maneira não passe o dito Tristão da Cunha sem o topar. E este seja seu principal cuidado. E emquanto aqui esperar, trabalhará de saber mui bem a entrada do porto de Mombaça, e de o ter mui bem balisado para, se cumprir entrarem algumas naus ou navios dentro no porto, e saber mui bem, e assim o porto de Mogadoxo e quaesquer outros que nesta paragem houver, não passando de nenhuma das partes do dito Mogadoxo nem a Mombaça.

Item — Se em Quiloa deixou D. Francisco de Almeida nosso capitão e gente, se aquele capitão que aí estivesse requeresse a vós, tocando vós ali quando fosses para a banda dalem da India, e assim a dita caravela, que ficasseis ali com êle com os ditos navios, ou lhe desseis alguma gente, mercadorias e qualquer outra cousa, fareis e cumprireis tudo o que por nosso serviço e de nossâ parte vos requerer, porque assim o houvemos por bem, e assim vos mandamos que o cumpraes, ora seja em ficardes ali com eles

com a vossa nau e caravela, como em toda outra cousa, e assim o cumprirá o capitão da dita caravela chegada ali.

Item — De Sofala e de Quilloa vos mandamos que leveis a D. Francisco todo o recado de como as cousas estão, para que, se convier por nosso serviço em alguma maneira prover à cêrca de cada um dos ditos logares, se saiba o que hade fazer por o bom recado que lhe derdes, havendo ali tão estricta necessidade porque convenha assim o fazerdes, como no de Pero d'Anhaya vol-o mandamos.

Item'—A boa regra dos mantimentos que levais vos lembramos, porque bem sabeis que tudo isto importa a nosso serviço e á segurança vossa, porque se nisso não pozesseis grande recado, bem vedes quanto risco se seguiria, e portanto, como cousa mais especial de todas, vos lembramos e mandamos que disso tomeis aquele cuidado que de vós confiamos.

Item — A vigia do fogo em vossa não, e assim na caravela, vos lembramos assim mesmo, para nisso terdes tal recado como convem.

Item — A cura dos doentes vos encomendamos que tomeis grande cuidado, para em vossa nau serem mui bem servidos e curados, e assim o encomendamos ao capitão da caravela.

E nesta cousa da busca destes homens, em que tanto serviço de vós receberemos, vos encomendamos que trabalheis com aquele cuidado e diligencia que de vós confiamos, porque se os achardes, como esperamos em N. S.^a, nos fareis mui grande serviço, e com mui grande valor encomendamos, e por confiarmos de vós que nos haveis de saber nisso mui bem servir, vos escolhemos para isso. E este nosso regimento vos mandamos que vejais muito a miudo e o cumpraes como nele é conteudo, pelo qual mandamos ao capitão da caravela que levais, mestres, pilotos, marinheiros, bombardeiros, e todas outras pessoas e companhia da dita não e caravela, que em todo por todo, em qualquer hora e tempos, e em quaisquer cousas, cumpram vossos regimentos e mandados assim, e tão inteiramente como se por nossa propria pessoa lhe fosse dito e mandado, sob as penas que vos pozer, que em vossas pessoas e bens civil e criminalmente mandaremos dar execução naqueles que forem negligentes e que os não cumprirem que de nenhum não esperamos. Feito etc. — Sem data.

Em carta sem data, mas que deve ser de 1506, dirigida, a D. Francisco d'Almeida, manda-lhe El-Rei:

1.^o — «Pelo regimento nosso que levastes, vos mandamos o que haviéis, de vir fazer na boca do Mar Roxo, para segurança das cousas de nosso serviço.»

Segue dizendo que, não sendo possível ele, Viso Rei, tratar de tudo só por si, aproveita a ida da armada de Tristão da Cunha e a de Afonso d'Albuquerque para os encarregar dalguns serviços do lado do Mar Roxo; «pela informação que temos da ilha de Socotorá, que é junto da boca do Mar Roxo, e 20 leguas do Cabo de Guardafui, a qual nos dizem que é de muito bons portos em todo o tempo, e cheia de mantimentos, e povoada de muitos cristãos da terra e de muito poucos mouros, e é paragem mui principal das naus de Meca, e ficar perto de Zeila, Barbara, Adem e Ormuz, e pela conveniencia de ali se levantar fortaleza», resolveu que Tristão da Cunha com Afonso d'Albuquerque, tomassem aquela ilha, e ali fizessem fortaleza; «com metade d'uma vila de madeira que levam», e ali deixem guarnição, ficando Afonso de Albuquerque com armada, para guardar a boca do Estreito e tomar as naus dos mouros e assentar trato em Zeila, Barbara, Adem e ir a Ormuz e Cambaya informar-se de tudo.

2.^o — Que já por Cide Barbudo lhe mandara ordem para enviar navios a Malaca; repete essa ordem pois que fora informado de que em

Castela se preparava uma armada para lá ir, "fazendo duvidoso ser dentro das nossas marcas; e que, por ser tomada primeiro por nós a posse, que, nestas cousas dá muito direito..., folgaremos de assim se fazer". Que, podendo ser, logo que despacharem a carga para a armada de Tristão da Cunha, conviria que ele Viso Rei fosse em pessoa a Malaca levando esta armada consigo, deixando na India apenas, as galés, caravelas e bergantins; procurará "fazer assento em Malaca, e assim trato, e uma fortaleza." Aconselha-o a levar consigo, nessa viagem, a Manuel Pessanha, em quem tem grande confiança, e que ficará por capitão da fortaleza que se fizer em Malaca, e o filho dele por alcaide e Diogo da Fonseca por feitor; em Anjediva, substituindo Diogo da Fonseca, ficará Vasco Gomes d'Adem, e por alcaide quem o Viso Rei quizer nomear. Se, porém, Manuel Pessanha tiver falecido, irá em seu lugar Lourenço de Brito que vae nomeado para Coullão, onde o substituirá Vasco Gomes.

3.º — Em Malaca ficará uma armada de 1 nau, 1 navio e 1 caravela, e desta armada será capitão mor João da Nova, "pelo conhecimento que tem das cousas do trato, como do mar, e pela boa conta que em ambas estas cousas, de si tem dado": os navios que com ele ficarão são; a nau em que vae agora Francisco de Tavora, e mais um navio e uma caravela. Francisco de Tavora passará para a Ilor de la Mar, que regressará a Portugal com carga de especiaria; a nau de Vasco Gomes virá com o mestre e piloto, ou então nomeará para ela capitão. Se lhe parecer que deve ficar maior armada, designará os navios que entender.

4.º — Para se fazer a fortaleza de Malaca vae na armada de Tristão da Cunha a outra metade da fortaleza de madeira; e vão 30 tiros, 2 bombardas grossas, 4 passavantes, para a dita fortaleza.

5.º — Manda ferramenta e armas. As guarnições para as fortalezas serão fixadas pelo Viso Rei, tirada da que vae na armada de Tristão da Cunha. Mande também os regimentos para as fortalezas.

6.º — Se, quando partir da India para Malaca vir que pode dispensar 2-3 navios, que os mande a Afonso de Albuquerque, á entrada do Mar Vermelho.

7.º — Seguem instruções sobre a escolha do lugar para a fortaleza.

8.º — Em Malaca procurará obter informação completa da terra, commercio, recursos, governo, etc. e assente tudo, regressará á India.

9.º — Que se informe sobre a ilha de Sumatra, "que aí é perto de Malaca, segundo nos dizem, que diz que é mui rica ilha; e assim da ilha do Cravo..." que visite essas ilhas e nela levante padrões, "e fazeres grande cousa que convenha para sinal de guerra."

10.º — No regresso, que venha por Ceylão, onde deverá fazer uma fortaleza deixando nela gente e navios. Parece a El-Rei que em Ceylão deveria Albuquerque fazer a séde do Governo, "por parecer que estaes ali no meio de todas as cousas."

Carta de Pero Vaz d'Orta, de 4 Março 507 para El-Rei: Entre outras cousas alvitra a conveniencia de termos caza em Moçambique, "onde se recolherá muito ouro." Que em Moçambique ha um mouro muito bom chamado "o Alcaide Ibrahim ben Amyro." Acrescenta que vae um homem da terra do Preste João, e recomenda a El-Rei um seu filho que manda a D. Francisco d'Almeida.

Carta de Lourenço de Brito de Janeiro 1507.

Item — Diz que a India está mais perdida do que nunca esteve, e que Calicut navega á sua vontade, e os amigos e servidores de V. A. destruidos, e ele pouco honrado, e que isto é publico, e que o per-

gunte V A a todos cá, nem se creia por cartas assim como a de Mombaça, e que se tomem zambucos sobre sequestro, e que como servilo é andarem as armadas sobre os portos dos inimigos, e l'he tolhem o trato e mantimentos, e que isto diz por tocar tanto no vosso serviço e não por dizer mal

E que não creia que os mouros dela se podem destruir senão em muito tempo, e ao menos ate se não saber a verdade de V A, e das vossas gentes, de que se crê pouco, e que não é sem causa pelo que se faz

1 DE MAIO DE 1507

D Francisco d Almeida, Viso Rei das Indias por Elrei meu Senhor, faço saber aos que este virem que a mim praz, e ei por muito serviço de S A, dar lugar e licença a Gaspar Pereira, escrivão do negocio e despacho deante mim, que possa pôr por si Francisco Lamoreira, creado do Duque de Coimbra, que vinha por menino da camara, de que e capitão Gonçalo Vaz de Goes ou qualquer outra pessoa autá e pertencente que por ele sirva os officios de publico e do auto judicial, que o dito Gaspar Pereira trazia por regimento porquanto os ele não pode por si servir nem subscrever, e ver como todas as cousas de faes officios passam, como o S A em regimento obriga que faça, posto que desse dous escrivães, e isto por ele Gaspar Pereira ser sempre muito occupado em serviço do dito senhor, em cousas de maior sustancia, e haver de estar sempre comigo presente a todas as cousas, como Elrei meu senhor manda e nao poder como dito e, a tantas cousas acudir por os muitos negocios que ha ahí e sobre ele pendem, assim dos que traz por regimento como d outros que de novo resultassem, nos tempos das carregações ha ahí muito que fazer no dito officio publico, e entao é ele o dito Gaspar Pereira mais occupado, que monta em outras muitas cousas porque ele nao pode acudir como deve e é razão, que as partes por este respeito perdem muito das suas fazendas, que deixaram de fazer suas escritas como l'hes cumprem, e assim testamentos e cédulas, e inventarios, e acudindo o dito Gaspar Pereira a isto deixara de fazer o que cumpre ao serviço de S A pelo qual, como dito é havendo respeito a todas as cousas, o desobrigo de hoje em deante do que era obrigado a estes dous ditos officios, e dou porem autoridade ao dito Fr Lampreia que ele por si ponha para os ditos officios e cada um deles tanto quanto o dito Gaspar Pereira trazia e l'he Elrei meu senhor deu por seu regimento, e o dito Fr Lampreia assinará as ditas escrituras de notas de seu sinal publico, e seguirá e guardará a ordenança e regimentos do dito senhor, como fazia o dito Gaspar Pereira, e haverá juramento que pelo dito Gaspar Pereira sera dado, que bem e verdadeiramente sirva e use dos ditos officios cumprindo e guardando os ditos regimentos e ordenações a eles necessarios e obrigatorios etc etc

Sumário da carta do Viso Rei de 27 de Dezembro de 1506 folha 1ª do caderno

Item — Porque se faça uma capela em Belem que se chame da Vitoria, em que esteja a bandeira que foi tomada no desbarato da armada de Calicut e ele mande fazer uma casa na ponta de Cananor

- Item — A causa porque não mandou Cide Barbudo a Malaca, e como foi Francisco Pereira nas naus dos mouros, e o que passou em Choromandel e como escapou e tornou.
- Item — Que se não hade descobrir Malaca da volta do Cabo da Boa Esperança, e diz que ali se haverão as cousas dela e mais barato, e que por aquela costa hade ir quem lá for.
- Item — Como mandou D. Lourenço ás Ilhas da Maldiva e de Ouimdiuel.
- Item — Que tinha prestes a carregar 40 quintaes, e muitas cousas das que vem de Malaca, e que estavam muito cortados com a não ida da armada, e os mouros muito alegres.
- Item — Como se derribou Anjediva, e as causas porque o fez, e dá a Manuel Pessanha o que... ora, até ver se há cousa em que o ponha.
- Item — E a Diogo da Fonseca licença para se vir para Portugal, que o não faz em Sofala por sua idade e por outros respeitos que dirá a V. A.
- Item — Que devele Cide Barbudo, e manda a Sofala Nuno Vaz Pereira com um navio carregado de roupa, e ele fez capitão, e Ruy de Brito alcaide mor, e alguns varios creados para officiaes, e que Nuno Vaz leva poderes para vizitar Quiloa, por ser informado que Pero Ferreira faz cousas que não deve.
- Item — Que parece melhor a fortaleza de Sofala na ponta, e mandar o navio a Quiloa com uma pequena escapula em Moçambique.
- Item — Que a carta de Pero d'Anhiaya que escreveu a V. A. que envia, a qual abriu.
- Item — Que não hade assentar paz com Calicut.
- Item — Que todos os mercadores, de Cochim até Tramapatam se ofereciam a darem certa soma de dinheiro por cada navio, que lhe deixasse navegar, e que haverá nesta costa até 200 navios grandes e pequenos.
- Item — Quanto aos mouros se lançarem da terra, que não vê outro melhor caminho que fazerem guerra aos inimigos, e aos amigos ter-lhe a mão na redea que não levem especiaria, e que os mouros tem lá, que tudo hade ser christãos.
- Item — Que em Choromandel fazem as naus de Malaca grande escapula, e Pegú e Sumatra, donde vem todas as cousas ricas, e que naquela costa entra o verão quando em Cochim entra o inverno, que é na entrada de Maio, e porque, d'ali até setembro, não anda nenhum navio no mar, demandar neste tempo D. Lourenço a costa da Choromandel, que entre esta costa e Ceylão entra um barco em que não ha mais de 10 palmos d'agua.
- Item — A paz de Coullão em que falaram, e que se não aceitou porque vê que pesa a Elrei de Cochim, e que lhe queimaram os navios, e se lhe faz todo o dano; e que ha grande discordia entre Elrei e o principe, porque o Rei quer amizade e o principe não.
- Item — Que se tire inquirição sobre os capitães e officiaes, assim dos que lá ficam como dos que veem, para cada um haver seu galardão, o que cumpre muito o vosso serviço.
- Item — A perda das náos da companhia de Pero Anhaya que se perderam, quer dizer que por mau recado.
- Item — Que está na terra por ser assim mais vosso serviço, e que sobre 50 anos deseja fazer uma renglam de sua mão.
- Item — A capitania que tirou a Lucas da Fonseca e a inquirição que se tirou e que se envia.
- Item — Tambem a de João Homem, e passe para ele a mercê porque serviu muito bem, e as bombardas que houve, e uma delas na nau com seu filho na peleja de Calicut, passe para ele a mercê.

- Item — Que para a feitoria de Cochim cumprem 4 escrivães.
- Item — Jacome Dias; que vem preso pelas cousas Quiloa, e que falem com um marinheiro a quem chamam Afonso Galego.
- Item — Como que será mandar Bermudes, e depois o deixou de fazer, e ele trazia cem perolas, que vieram á parte de V. A., de uma presa que fez D. Lourenço, entre as quaes há uma pêra de 33 quilates, e outras redondas de boa grandeza.
- Item — Fala muito bem em Antonio Real e que sem ele não se pudera reconhecer.
- Item — A joias sobre que Gonçalo Gil emprestou fazenda vossa a um mouro, as quaes tem em poder, as quaes joias ficaram em poder de Lourenço Moreno.
- Item — As cousas dos regimentos extraordinarias que as passou por lhe parecer vosso serviço;
- Item — O descobrimento que fez D. Lourenço de Ceylão; tem ponta como a de Cananor para fazer fortaleza, e muita agua e porto especial, e quer fazel-a ali, e não em Coulão, e Ceylão é no mesmo caminho de Malaca, Pegu, e Sumatra e Choromandel; d'ali a Ceylão ha 70 leguas; cabe aqui, em Coulão, a 16 cruzados o quintal.
- Item — Caso D. Lourenço ir a Ormuz.
- Item — A cruz de Cristo e as armas reaes, e a divisa ficam em Ceylão em padrões.
- Item — A capitania de caravela tirou-a a Lopo Chinoca, porque deu pancadas no escrivão.
- Item — Que ele partir para Ceylão em fim de Setembro, e levava a nau Santo Espirito para carregar de canela, e em um mez esperava fazer a fortaleza.
- Item — A prisão que fez Pero Ferreira ao filho de Pero Anhaya, e que mandou que lhe tomasse tudo porque é homem que sabe pouco.
- Item — A porta que fez Filipe Rodrigues e João Serrão em Baticála, que valeu 700 cruzados e mais, se houvera muitas cousas para seu mantimento, e que espera que valha mais de guerra, pela ruindade que fizeram de não quererem tomar ali feitor, do que de paz, peso que se a pedirem como devem, que serão ouvidos.
- Item — O feito que fez Rodrigo Rebelo em Tiramagam, de que diz que dará conta Cide Barbudo, que foi cousa muito boa.
- Item — As cousas que vem vendendo os capitães e officiaes das naus pelas fortalezas aos doentes, a saber, pão, vinho, queijo, e que lhe dão 2 cruzados por cousa que não vale um real de prata, e aponta no que se fez por Cide Barbudo, e por os de sua nau em Sofala, pede que o proveja V. A.
- Item — O presente do Rei morto de Sofala, que realizou 200 cruzados, e a joia d'ouro que Diogo Mendes dará, e que se despenderam lá as cadeias.
- Item — 60 cruzados de V. A. que lá andam, lembra-os para officios que vagaram, que tudo vier, e capitánias, alcaidarias, e feitorias, e escrevaninhas que devem ser providos antes que outros.
- Item — Que os officios de que proveram dures seus tempos inteiros, e assim que haja por bem os soldos de 7 mil réis que poz a todos os capitães dos navios.
- Item — Que para ele e seu filho, e para os seus d'ambos, toma de vossa fazenda arroz, e manteiga e assucar.
- Item — Que Diogo Mendes envie 9 onças e 3/4 d'ambar, acham negados d'uma cavalgada que a V. A. pertenceu.

- Item — Calafates, estopa, e pregadura pede, carpinteiros mais, e que se façam lá navios, e a caravela que fez que custa 5 ou 6 mil cruzados.
- Item — Que não deixem vender os livros dos judeus (índios) a João Cotrim, posto que tenha alvará de V. A. para isso, porque o ha por deservico de Deus e vosso, propondo que os pagará se V. A. o houver por mal.
- Item — Que acha lá linho e canhamo de que se fazem cordas para béstas e que espera d'haver muito.
- Item — Que o officio de Gaspar Pereira proveja V. A. em pessoa que bem caiba, porque é de toda a sustancia d'ele.
- Item — Os de Sofala que lá enviou não vão para capitão.
- Item — E Duarte de Melo para capitão da caravela Esperança.
E Antonio Raposo e Sancho Sanches para escrivães.
Fernão de Magalhães, Luiz Mendes de Vasconcelos e Pero da Fonseca que andou por capitão do bergantim de Quiloa. Francisco d'Anhaya para arrecadar a fazenda de seu pae e para se tornar.
6 moios d'arroz
10 quintaes d'assucar
1 quíntal d'assucar candil
35 quintaes de pimenta; 4 quintaes de canela; 2 quintaes de cravo.
E de Cananor leva os panos de Mombaça.
E vão por todos 45 homens.
- Item — Que lhe dão muita pimenta, por cobre, e leval-o-hiam todo, mas mandava ter mão por terem pouco, e se podem vender a dinheiro.
- Item — Que ordenou 14 réis por dia a cada homem, porque se não pode ordenar sala, e que a gente sae em terra porque se não pode al fazer.
- Item — E capitão a 60 réis.
E alcaide-mor, e alcaide do passo, e feitor, 30; e escrivães 20; e clérigos e pedreiros e carpinteiros 20; e todos os que estão como os que vem, comem com ele.
- Item — Que em Cananor se faz sala porque ha ahi muitos mantimentos.
- Item — Que se não houver ahi fortalezas que se perderá o trato.
A de Cochim 300 acabada.
E a de Cananor outro tanto.
Anjediva nada.
- Item — Diz caso fez bem Vasco Gomes e seu irmão na peleja dos parãos de Calicut.
- Item — As perolas que envia, que tomou João Serrão com a galé.
- Item — Que Pero da Fonseca é bem servidor; como fez feitor em Anjediva Duarte Pereira, por Diogo da Fonseca o não querer, e lhe deu do seu ordenado 20 mil réis.
- Item — Que as naus que vão para tomar de mercadorias tragam o paiol do pão de tornada debaixo da alcaçova, porque não ocupam debaixo da coberta, que faz muito dano á carga de pimenta, e se o baldeiam para cima danam-se.
- Item — Que com as galés, se tivesse gente para elas fizera muito mais guerra que com todas as naus; pede ferreiro porque o de lá diz que não vale nada.
- Item — Que quer pôz feitor em Onor, porque lhe dizem que tirar dali 3 mil quintaes de pimenta e 2 mil de lacre, por ali haver muito, e que estão verdadeiros servidores com todo o mal que receberam, só por lhe deixarem fazer guerra aos mouros de Goya, e que ha ali bons navios d'armada, e que irão com mil homens onde os mandar, e, está a 14 léguas d'Anjediva.

- Item — Que Gonçalo de Paiva tem bem servido e sempre nos logares de suspeita trazia o farol; passou para ele o officio de adail-mor d'aquellas partes, porque, alem dos seus feitos, sabe que não arreceara de ficar lá se V. A. o houver por seu serviço.
- Item — Que Gonçalo Fernandes encarregou dos resydos, passou o tralado do regimento deles.
- Item — Que á partida de João da Nova soube que na peleja de Vasco Gomes morreu 150 mouros, e o capitão principal, por que se fizeram grandes chautos em Calicut e em Panane.
- Item — Que João da Nova serviu mui bem, e que lhe pagou de servir, pelo que por lho mandar por vosso serviço o fez.
- Item — Duas fustas de 14 bancos pede para fazer muita mais guerra e que sejam abertas pela coxia como bergantim, para se remarem singelo, e 4 esquipações de remos, e que lá se fariam as fustas se tivessem estopa e calafates, e o bergantim que de cá foi acrescentou a 12, bancos e que é o melhor que nunca se viu.
Diz muito bem de Lourenço de Brito e de Manuel Pessanha e de D. Alvaro e João Pegas.
- Item — Que achou no castelo de Cochim 90 quintaes de pimenta que nunca achou quem lhe dissesse cuja era: Vasco Gomes trouxe 80 quintaes dela, a outra trazia João da Nova em Flor de la mar.
Pede mercê para João da Nova, pelo muito que lá serviu.

9 — Em Cananor no inverno de 1507

Combate de Panane — Algumas medidas do Viso Rei

Neste inverno de 1507 os mouros de Cananor, tendo recebido reforços e não podendo os portuguezes recebe-los por mar, resolveram atacar a fortaleza.

Em 27 de Abril, estavam os nossos soldados jogando à bola junto da tranqueira, quando appareceram alguns mouros como que a destruir o jogo, ao mesmo tempo que outros se reuniam por detrás dumas casas próximas, e a um sinal convencionado caíram sobre os portuguezes, que correram a refugiar-se na fortaleza.

Ouvindo a revolta, Lourenço de Brito, que era o capitão, safu com um troço de soldados e poz os mouros em debandada; no entanto, tivemos dois mortos e dez a doze feridos.

Estavam rotas as hostilidades e Lourenço de Brito preparou-se: fez voltar toda a artilharia contra a cidade, dividiu a guarnição em 5 capitánias de 50 a 60 homens, que distribuiu pelo parapeito e das quais foram capitães: Lopo Cabreira, o Guadalajara, Diogo de Pina, Fernão de Brito e Rui de Mendanha; para si, como reserva, deixou 80 homens (1).

Por seu lado os mouros, que, juntos os de Canor com os de Calicut prefaziam, diz Gois, uns 40 mil homens, estabeleciam-se em tranqueiras fóra do alcance da nossa artilharia.

«A distancia d'um jogo de barreiras», ficava o poço d'água de que a tranqueira se abastecia; para ir buscar água precisavam os soldados levar

(1) Entre a gente que neste inverno ficou nesta fortaleza conta-se: Fernão de Brito Lopo Cabreira, Rui de Mendanha, Pais de Freitas, João Temudo, Antonio de Figueiró, João de Castro, Diogo de Pina, Guadalajara e Lopes da Cunha.

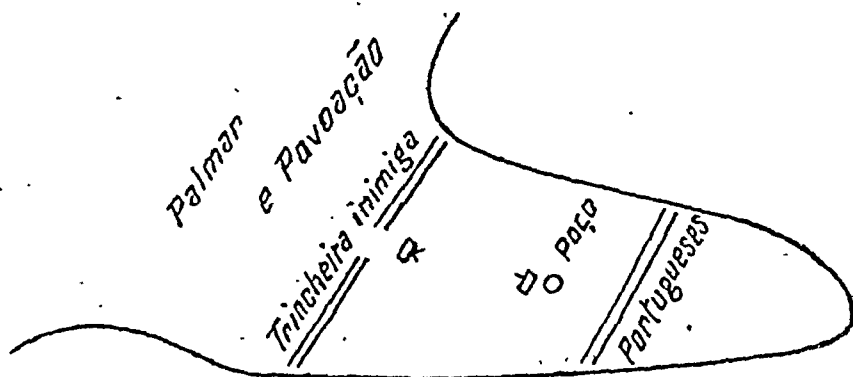
escolta, que sempre tinha de escaramuçar com o inimigo. Êste, uma noite, entupiu o poço com pedras, madeira e terra, e os nossos tiveram no dia seguinte grande trabalho para o desentupir e assentar uma sólida tampa na boca do poço, o que se fez à fôrça e após uma violenta escaramuça, em que tivemos 3 mortos e muitos feridos, e os mouros uns 40 mortos.

Tapada a boca do poço, assentaram nele uma guarita com três falcões que varejavam todo o campo.

Entrou Julho, diminuíram as chuvas, e então começaram os portugueses a fazer sortidas. Em Agosto, já enfadados da guerra o número de mouros foi decrescendo, mas na fortaleza havia 40 portugueses mortos, muitos feridos e fome. Uma tal situação começava a ser desesperada; era preciso fazer mais alguma coisa.

Os mouros tinham ainda as suas naus varadas em terra, próximo da fortaleza; um bombardeiro chamado Pedro Aires, pediu licença ao capitão para as incendiar; foi, mas os mouros presentiram-o e mataram-o. O capitão ofereceu então, um prémio de 100 cruzados a quem queimasse os navios: ofereceu-se um indigena que estava na tranqueira e que conseguiu incendia-las; o prejuizo foi tal que desanimou muitos dos mouros que retiraram.

A 20 d'Agosto, permitindo já o tempo que se navegasse, D. Lourenço d'Almeida saiu de Cochim com 3 caravelas capitaneadas por Gaspar Cão, Rodrigo Rebelo e Nuno Gato, mas o tempo ainda aspero, não os deixou seguir com facilidade, tendo por isso de bordejar.



1.º Cerco do Cananor

A guarnição de Cananor via-se no entanto reduzida à última extremidade; comiam gatos, ratos e tudo a quanto podiam lançar mão; a 15 de Agosto, uma milagrosa maré lançou à praia uma enorme quantidade de caranguejo e camarão, o que a guarnição considerou como intervenção celeste.

Para atacarem com menos perdas, os mouros fizeram pàralemas empregando sacos de pele de boi cheios de algodão com que faziam escudos; Lourenço Moreno como a sua artilheria, mesmo as esperas e os camelos, não tinham efeito sensível nestas defezas; recorreu "a um tiro mais grosso e mais furioso, a que chamam serpes" entregando-o a um bom artilheiro, o condestabre Rutgerte Geldres". Logo ao primeiro tiro um dos grandes sacos foi pelos ares; seguiram-se outros com identico resultado e a artilheria poudé então varejar os mouros que retiraram. Este Rutgerte Geldres regressou depois à Europa e foi para Anvers, a sua terra, onde casou, servindo junto da feitoria portuguesa onde Damião de Gões o conheceu; esteve nas tomadas de Goa e Malaca com Albuquerque.

Animados por estes resultados, os portugueses executaram uma sortida sob o comando do alcaide Guadalajara e em que tomaram parte Rui Pereira, Ferrão Peres d'Andrade e seu irmão Simão, Vicente e Diogo Pereira, Rui de Sampaio, Francisco Pantoja, Pero Teixeira, Francisco de Miranda, Jorge Fogaça e Antonio Pessanha, o bastardo, Alvaro de Brito, Antonio Raposo, Pero Fernandes Tinoco, Gonçalvo Vaz de Goes, Gil Calado e João Gomes, cheira dinheiro. A sortida executou-se numa noite de chuva, no quarto de modorra, e apanhando o inimigo descuidado, mataram mais de 300.

Antes da grande festa de Oman, em Agosto, executaram os mouros um violento ataque pelo mar e por terra: os navios indigenas são facilmente repellidos, mas pelo lado de terra o ataque é mais vigoroso, chegando alguns indigenas a entrar na nossa tranqueira, mas a guarnição conseguiu expulsal-os; não houve, porém, soldado que não recebesse sua ferida. Após a retirada do inimigo, Lourenço de Brito faz bombardear a povoação e derruba a mesquita, onde os mouros estavam reunidos para a oração de 6.^a feira.

A 27 d'Agosto pela manhã os vigias mouros avisaram o Rei de Cananor de que ao Monte Delhi andavam navios portugueses; o Rei, receando agora a vingança que via iminente, escreveu a Sousa de Brito desculpando-se da guerra e attribuindo a responsabilidade dela aos mouros exclusivamente.

Na tarde desse mesmo dia, o sino repicou alegremente; o capitão, ouvindo-o, correu á porta: eram pescadores que vinham pedir alviças, — que chegavam naus do Reino!

Era efectivamente a armada de Tristão da Cunha, e logo tudo mudou: havia gente, havia viveres, havia munições. Treze dias depois, chegava, também, o Viso Rei e o de Cananor correu a cumprimenta-lo. Logo em seguida, o Viso Rei começou a construção da fortaleza em alvenaria e apenas ela chegou a boa altura, expediu Tristão da Cunha para Cochim, ordenou ao filho, D. Lourenço, para ficar ali com a armada, e elle largou para Anjediva afim de desarmar a fortaleza ali inutil; ia, porém, na altura dos Ilheus de Santa Maria, quando chegou a toda a pressa uma atalaya de Cananor informando que o Rei, apenas D. Francisco partira, começara a contrariar a obra recusando fornecer gente para o trabalho. D. Francisco «houve muita paixão», e retrocedeu para Cananor onde encontrou, ainda, Tristão da Cunha, e o trabalho da construção da fortaleza acelerou-se logo. Assente a artilheria, o Viso Rei, deixando ali o filho, largou com Tristão da Cunha para Cochim afim de ali se concertarem as naus dêste, que se achavam muito danificadas. Uma das que em peor estado se achava era a de Alvaro Teles, o capitão que fugira a Albuquerque. Um dia em que o Viso Rei estava debaixo da ramada conversando com alguns fidalgos entre elles esse Alvaro Teles, veio á conversa o mau estado do seu navio, e o Viso Rei disse-lhe que navio e carga mereciam ser queimados pelo mau serviço que elle nela fizera: A isto respondeu o Teles:

— Senhor, essas palavras mór fogo me causam que se poderia pôr na nau.

O Viso Rei nomeou Diogo d'Azevedo feitor de Cananor em substituição de Lopo Cabreira que ia regressar a Portugal; para escrivão foi nomeado Gonçalo Baires.

Completa a carga das quatro naus, em Novembro, recebeu o Viso Rei aviso de que em Panane, (Ponani), estava uma grande armada do Samorim comandada por um mouro de nome Cuti-Aly (Cuteiáli) com o fim de atacar as naus de carga; o Viso Rei expediu logo ordem a D. Lourenço

para o ir esperar á barra de Panane e a 23 de Novembro de 1507 largou (1) para lá, chegando dois dias depois. Com as caravelas e bateis o Viso Rei forçou a entrada da barra que os mouros defendiam com alguma artilheria e desembarcando fez atacar as posições dos mouros que tomou, incendiando seguidamente os armazens e cazas que elles ali tinham.

Tristão da Cunha levou a êste ataque o seu filho Nuno da Cunha, então de 12 a 13 anos, e que mais tarde foi Governador da India: quando desembarcaram, Tristão da Cunha apresentou-o ao filho do Viso Rei, D. Lourenço, dizendo-lhe:

— Peço-vos, por mercê, que me crismeis êste filho com a vossa espada, porque de tal padrinho lhe fique esforço para ganhar honra...

D. Lourenço tirando então a sua espada armou o moço Nuno cavaleiro.

Neste combate foi D. Lourenço ferido numa mão e como exausto de tanto batalhar tirasse o elmo e se sentasse numa pedra, Tristão da Cunha foi abraça-lo exclamando:

— Benta seja a mãe que tal filho pariu!...

O Viso Rei ao lado de Tristão da Cunha sorria desvanecido.

Neste combate morreram 18 portugueses e ficaram mais de cem feridos; entre êstes figuram D. Lourenço, Nuno da Cunha, Fernão Peres d'Andrade, Pero Barreto, Pais de Sousa, Jorge Fogaça. Do inimigo ficaram uns 300 no campo.

O Viso Rei, depois do combate, armou muitos cavaleiros, entre êles o Varthman, Bolonhez, que de Portugal viera com Tristão da Cunha e escreveu depois um *Itinirario* em que descreve êste combate.

O Viso Rei, daí foi a Anjediva cuja fortaleza desfez, mandou o filho a Cambaya, a escoltar as naus dos mercadores de Cochim, Cananor e Couião que de lá deviam regressar, e recolheu a Cananor donde finalmente despediu Tristão da Cunha, que largou a 7 de Dezembro de 501 e chegou a Lisboa em 508 (2).

Em Cananor a fortaleza ia quasi pronta: ficou quadrada, com um cubelo redondo a cada angulo, sobradada no andar do muro; a meio da face voltada para a baía, ficou a torre de menagem, de dois sobrados. O vão, por dentro, era de 40 braças por face. Entre os cubelos, guaritas de vigia; e toda a muralha provida de varandas com telhas. Dentro, aposentos para 80 homens, e entre o muro e a fortaleza, a egreja de S. Tiago. A fortaleza poz o Viso Rei o nome de *Santo Angelo*. "como o castelo de Roma, por assim estar situada sobre agua: o que de todo foi acabado até Março de 508".

Montou-se, também, aqui, uma casa para fabrico de pólvora, por lhe dizerem os bombardeiros, "que a agua de Cananor era muito boa para refinar salitre e que ahí se fazia muito boa polvora"; e como o salitre vinha de Onor, foi por causa dele "que o Viso Rei fez muitas amizades ao Tinoja".

Em Cananor deixou o Viso Rei uma peça grossa, chamada *a ortiga*,

(1) Com êle foram D. Lourenço, Pero Barreto de Magalhães, Francisco da Nhaya, Duarte de Melo, Pais de Souza, Antonio Lobo Teixeira, Pero Cão, Lucas da Fonseca, Lopo Chanoca, Diogo Pires, Simão Martins, Filipe Rodrigues, 700 portugueses e alguns naires de Cochim.

(2) Desta armada ficaram em Moçambique dois navios: os de João da Veiga e de Job Queimado que ali invernaram chegando a Lisboa em 509. Job Queimado foi no caminho atacado e roubado pelo corsário francês Mondragon; êste corsário foi em 18 Janeiro de 509 agarrado por Duarte Pacheco na costa de Portugal e trazido para Lisboa onde se resgatou.

que fez montar na ponte, a qual lançava pelouros de ferro coado que iam até aos Ilheus de Tramapatan, "que são duas leguas de Cananor". No ponta, sobre o mar, tinham os soldados construído uma ermida de Nossa Senhora da Vitória, e junto dela fez-se agora um hospital de alvenaria, "com sua botica e mézinhas" por isso que diziam "os fizicos, que Cananor era muito boa para feridas, e também para os doentes que viessem nas naus do Reino".

"Porque então, os homens, com o trabalho e mau comer, e se desmandarem com as mulheres, bebião muita água, que lhes fazia inchar as barrigas, e amarelos e opadaços, e lhes inchavam as pernas e nunca eram sãos, até que morriam; e destes doentes, havia muitos em Cochim, que o Viso Rei por conselho dos físicos mandou trazer para Cananor, que não os deixavam sair fora da fortaleza, e tornavam á sua perfeita saúde em pouco tempo.



Largando de Cananor, foi o Viso Rei a Cochim, e daí foi ele mesmo escoltando as naus de comércio indígenas até aos Ilheus de Santa Maria, para evitar que os mouros de Panane as hostilizassem; era isto em fevereiro. Nos Ilheus de Santa Maria encontrou D. Lourenço, a quem as entregou, seguindo por Cananor a Cochim.

Uma das causas da quebra da pimenta provinha de falsificarem os mouros, os pèzos, que já de si eram de difícil compreensão.

Veio por isso ordem de Lisboa, para as compras se fazerem pelos pesos portugueses, o que foi muito difícil de encontrar e introduzir, como era de prever. Contudo, o Viso Rei mefeuhombros à empresa e logo que chegou a Cochim, convocou todos os mercadores e perante eles, fez-se um confronto de pesos, chegando-se à conclusão de que o *bahar* de Cochim

equivalia a 3 quintais e 3 arráteis do *pêso velho*, e a dois quintais, 3 arrobas e 10 arráteis do *pêso novo*, sendo o preço da pimenta fixado em mil e quinze réis e meio o quintal. Também então se assentou a que fôsem pagos em Cochim, os direitos que ao Rei tinham de pagar os mercadores nas passagens dos rios.

Justo e sério como era o Viso Rei, resolveu que os escravos que os portugueses tinham e empregavam nas guerras e serviço do Estado, recibessem mantimento por conta do mesmo Estado: de Lisboa, porém, vieram ordens contrariando esta determinação. Também o Viso Rei fixou que os escravos que os portugueses levavam para Portugal não pagassem direitos alguns, por isso que esses escravos prestavam muito serviço a bordo, durante a viagem, no serviço das bombas e outros trabalhos: também em Lisboa não concordaram com esta determinação com que "o Viso Rei ficou muito anojado em seu coração e tinha grandes desgostos". Bem sabia êle que os peores inimigos que tinha, eram os capitães das naus de carga, porque êle os castigava por muitos males que durante a viagem faziam à gente, e por trazerem mercadorias proibidas, isto é, por fazerem contrabando.

Tristão da Cunha, esqueceu dizer, largou para Portugal a 6 de Dezembro de 507. Convém inserir neste lugar, uma carta do Rei de Cananor para Elrei de Portugal, datada de 6 de Dezembro de 507.

6 de Dezembro de 507 — Carta do Rei de Cananor para El-rei

Eu, El-rei Dely, faço saber ao mui alto e muito poderoso e meu Senhor Rei de Portugal, que em principios do achamento do Malabar, suas gentes e naus vieram em Calicut a tratar, onde foram roubados e mortos homens, e dahi se levantaram e foram a Cochim; El-rei meu tio, que entonces reinava o soube, e porque não quiz que em os estranhos reinos dissessem que todos os reis do Malabar eram maus e sem verdade, mandou logo os seus homens a Cochim a rogar-lhe que se viessem por aqui, e Pedralvares, que então era capitão, se veio aqui, e sem mais fazer preço, nem falar em pagamento, lhe mandou meter nas naus 50 bahares de canela, e todas as outras cousas que lhes a eles foram necessárias, e êle capitão os mandou mui bem pagar, e por ele mandou dizer os grandes desejos que tinha, de neste porto de Cananor mandar assentar trato e tratar; e logo o ano seguinte vieram 4 naus endereçadas a Calicut, não sabendo o que lá se passava, as quaes a mim foram desenganadas e carregaram, e lhe foi feita toda a honra e gazalhado, e por isto mais El-rei meu tio haver por certo, com grandes desejos fez que lhe ficassem homens, os quaes mandou bem agazalhar e ter em sua terra, até que veio o almirante que comnosco assentou trato, e deixou feitor e mercadorias, e se foi carregado; e depois o feitor nos pediu lugar para uma Feitoria apartada dos mouros, a qual se lhe deu como ele quiz, por não haver com os mouros diferença nenhuma, e se lhe deu para isso todo o aviamento que ele quiz, até á vinda do Viso Rei, com o que muito cá folgámos, por algumas diferenças que entre as suas gentes cá havia; e logo que chegou, El-rei meu tio se viu com ele no mesmo lugar que lhe tinha dado, e concertou todo o trato e boa amizade que, prazendo, sempre será; e o Viso Rei lhe pediu que lhe deixasse fazer uma fortaleza no dito lugar para as suas gentes estarem mais seguras, e porque queria ali deixar um fidalgo muito honrado por capitão,

para olhar por suas cousas, e El-rei meu tio çom mui sã vontade lha deu, e lhe mandou dar todo o aviamento que para isso quiz, o qual logo ali deixou o dito capitão com sua gente e se foi a Cochim, e neste tempo em Coullão lhe matavam o Feitor e a gente que com ele estava, e assim de caminho chegaram lá suas naus e queimaram muitos zambucos que no porto de Coullão estavam, entre as quaes queimaram seis zambucos grandes do meu Reino, um com elefantes, e os outros carregados de muitas e ricas mercadorias, pelo qual os mouros meus vassallos e mercadores fizeram grandes alvoroços, pela grande perda que tinham recebido, e logo provémos em se a fortaleza fazer a mor pressa, pondo sob suas gentes grande guarda, e alguns mouros que nisso mais acezos andavam os mandámos castigar pelo costume da nossa terra, e d'ahi abrandaram algum tanto, ficando-lhe sempre nos corações a magua das suas perdas, e neste tempo tomáram suas naus neste porto, querendo nele entrar uma nau de um mouro mercador, meu vassallo, que vinha de Ormuz com cavalos, e a levaram a Cochim, dizendo que, porque não trazia seu seguro, e porque o principal trato que neste porto sempre houve, foi o de Ormuz, de cavalos Foi El-rei meu tio disto muito magoado, porque bem viamos que se havia de desfazer o dito trato, como de feito se desfez, e nós perdemos grandes direitos, e depois disto os mouros com suas más vontades por nos embrulhar, mataram um moço cristão novo, natural da terra, e El-rei mandou matar um mouro por ele e fazer outras justiças que se em nossa terra costumam, e neste tempo faleceu El-rei meu tio, e eu reinei com vontade sã e boa para fazer as suas gentes, como sempre se lhe fez, que foi muita honra e gazalhado em meu reino, e os mandei chamar, e assim lho fiz saber, e estando assim antes que fosse coroado, o 1º zambuco que em meu tempo navegou, antes que de meu Reino saísse em o porto de Dely, mo tomaram, sendo o capitão dele em terra, com o alvará de seguro do capitão Lourenço de Brito, que para navegar levára, e tendo-o assim tomado chegou o dito capitão com seu seguro, o qual prenderam e mataram, e a toda a outra gente, e levaram o zambuco a Cochim, e com o nojo disso e doutras cousas passadas, os meus vassallos, antes que eu os podesse reger, por não ser coroado, porque é assim o costume da terra, fizeram um alvoroço e foram sobre sua fortaleza, e logo como soube mandei os meus aguazis que fizeram arredar a gente da fortaleza, e quando chegou andava já a guerra tão acesa, por alguns mortos, e assim estvémos em guerra 4 meses, em que me mataram gente do meu Reino, e logo mandei ao Viso Rei, a Cochim, a dizer que queria com ele paz e ele me mandou dizer que a fizesse com o capitão Lourenço de Brito, que ele disse era contente, e logo com o dito capitão fiz toda a paz e amizade firme para sempre, com todos os assentos e concertos que dantes tinham feito, com muita verdade d'ambas as partes, e por isso tem seu capitão minhas cartas e eu as suas, e destas cousas sou contente, salvo das mercadorias assim nossas como suas, que são assentadas em um preço, de maneira que se não podem aqui carregar naus, porque em todo o mundo andam as mercadorias segundo os tempos e novidades, e eu queria que Sua Alteza provesse dela como poderemos sempre tratar, porque as vezes valem suas mercadorias mais do que estas assentadas, e delas menos, e assim as nossas E assim também queria que algumas pessoas que em meu reino tenho por escravos, e os tem os meus Naires, e que são duas leis de gente, a saber, fives e mucoas, se não tornassem cristãos, nem naires nem brahmanes, porque tornando estes escravos cristãos, poder-se-hia revolver arruido entre os nossos vassallos e suas gentes, porque neles tem suas rendas os naires de minha terra, e não as querem perder, e d'aqui avante com a

ajuda de Deus eu espero de lhe trazer toda a verdade e boa amizade quem se a tão grande senhor deve ter, sendo inimigo de seus inimigos, e amigo de seus amigos, porque El-rei de Calicut isso sabe, tem sempre comigo toda a guerra, e eu com ele; e assim lhe peço que sempre me mande guardar minha honra e acrescentar meu reino, e mande aos seus que meus vassallos sejam deles sempre guardados e honrados como bons amigos.

Por Tristão da Cunha, seu capitão-mór desta armada, que ora vae, mandei um pequeno serviço ao Príncipe seu filho, que Nosso Senhor acrescente e deixe viver. Feita em Cananor a 6 dias do mez Dezembro da era de 1507.

Carta de El-rei de Cananor para El-rei Nosso Senhor.

10 — Kalhat (Calayate) — Kuryat (Curiate) Mascate — Khor — Fakhan (Orfacate)

1507

E' tempo de irmos procurar Afonso d'Albuquerque, ao largar de Socotorá a 10 d'Agosto de 1507. A sua armada compunha-se alem da sua nau, o *Cirne*, das seguintes mais: *Rei Grande*, capitão Francisco de Tavora, João da Nova na *Flor de la Mar*, Manuel Teles Barreto, na *Rei Pequeno*, Afonso Lopes da Costa, na *S. Jorge*, taforea; Antonio do Campo, na *Espírito Santo*, Nuno Vaz Castelo Branco, numa fusta armada em Socotorá. Na armada iam 470 soldados portugueses.

Albuquerque, desde o principio percebeu a inutilidade da fortaleza em Socotorá, e tambem compreendeu que a sua armada era bem pouca cousa para uma empreza de tanto vulto; contudo, nada perdia em ir estudar aquella costa, e foi com prazer que largou de Socotorá.

A 14 d'Agosto passou pelas ilhas de Curia Muria, onde ia naufragando por causa do nevoeiro; navegando com muito cuidado, deram, na altura de Ras-el-Had (Roçalgate), caça a tres barcos de pescadores que conseguiram escapar-se, e a armada foi fundear fóra de Ras-el-Had, em cujo porto encontram 30-40 barcos de pesca de Ormuz, Kalhat (Calaiate) e outros logares da costa, os quais queimaram.

Saíndo deste lugar, encontra outras pequenas embarcações que apreza e queima, e vae fundear a 25 d'Agosto em frente de Kalhat (Calaiate), porto entre Ras-el-Had e Mascate, — «que é feito de casas de pedra, terradas, e muitas cobertas de palha, casas espalhadas e mal armadas; e fóra do logar, á mão direita, um palmar de palmeiras de tamaras, onde estavam uns poços d'agua de que bebiam.

«O logar assentado ao longo dagua, e por detraz grandes serranias de pedra viva e no mar alguns zambucos e naus que veem aqui carregar cavalos e tamaras e peixe salgado, que são peixes serras e bonitos, que morrem muito nesta costa. Do que El-rei d'Ormuz tem grande rendimento, porque este logar é seu, e tem aqui seu capitão com gente que faz paz e guerra, e tem seus arrecadadores de suas rendas, postos da mão de Cojatar (Cuaja-Atar), que é o Regedor do Reino d'Ormuz, que arrecada todas as rendas do Reino; e em todos os logares tem postos seus arrecadadores e seus creados, que são homens capados, e principais officiaes do Reino, que hão eles isto por grande estado.

«Este logar vão tomar todas as naus que vem da Índia, porque este é o primeiro logar. Aqui tem o Rei d'Ormuz, sempre, grande armada d'uns

barcos a que eles chamam *terradas*, que são grandes navios de vela e remo, que andam mui equipados, sem artilharia, sómente muitos frecheiros d'arcos turquescos, e destas traz até 400 velas, e em cada um dez homens de peleja. No tempo da monção, quando as naus correm para Ormuz, e quando tornam para a Índia, lhe veem dando guarda até pasarem fóra deste Cabo, porque se assim não fôsse, perderia muito de suss rendas, que nenhuma nau ousaria passar a Ormuz, porque na costa d'além, defronte deste Cabo, ha uma gente a que chamam Nautiques, que são do senhorio do Rei dos Resbutos, que confina com Cambaya, os quaes Nautiques vivem na costa do mar, em que ha muitas enseadas e rios, coisa mui perigosa de navegar. Andam em terradas mui ligeiras, de vela e remo... e se concertam com os senhores das terras onde vivem... e fazem grande armada e se vem a esta costa de Calayate a roubar as naus que vão para Ormuz..."

Apenas surto em Calayate, com as naus embandeiradas, em ar de festa, vieram de todos os navios que ali estavam, emissários com presentes e boas palavras de cortezia. Pelo lingua Gaspar Rodrigues, fez-lhes Albuquerque dizer que prevenissem o Sheick de que exigia que lhe prestasse vassalagem: ao que este mandou responder, que era vassalo de Ormuz e que, portanto, com esse se deveria Albuquerque entender.

O capitão mor "viu que a resposta do Mouro passava de boa, mas ele tinha vontade de fazer nestes portos todos os males e destruições e mortes que podesse, para que indo a fama a Ormuz, lhe tivessem medo, e com separar o terror fizessem o que ele quizesse"; e portanto, insistiu pela vassalagem immediata.

Os capitães vendo Albuquerque tratar duma questão tão importante como era esta de paz ou de guerra, sem os consultar, sobretudo quando bem percebiam que daqui só poderia resultar guerra «em que eles haviam de pelejar e ser os dianteiros», reclamaram, e então Afonso Lopes da Costa, em nome dos outros capitães expôz a Albuquerque que era opinião dêles que a resposta do Sheick era perfeitamente razoavel, e que só com Ormuz deveriam tratar a questão de vassalagem; os outros capitães apoiaram o discurso de Afonso Lopes, á excepção de João da Nova, que se conservou calado e um tanto aparte.

Albuquerque respondeu:

— Tudo o que falastes, ouvi; assim vos peço por mercê, que tambem me ouaes:

E expoz que não tinha obrigação de ouvir conselhos quando os não pedisse; que quando praticasse qualquer cousa que a eles parecesse mal, podiam fazer-lhe qualquer observação, mas apenas como amigos, porque como capitão mor, conselhos sem os pedir os não aceitava. Parecia aos senhores capitães que deviam entender-se primeiro com Ormuz... "pois Ormuz é mor cousa do que cuidaes, e eu sei bem que nos hade dar muito que fazer, porque está muito verde... e, portanto, cumpre fazer o que eu faço, porque, fazendo nós, por este caminho, mui crua guerra de fogo, sangue, e mortes e cruezas, antes que apareçamos em Ormuz, cuidarão que somos mui poderosos e haverão de nós algum temor que nos faça boa ajuda... façamos nós, grandes biocos e estrondos, que nos hade ser melhor que outra cousa... Quanto a serdes os primeiros nos perigos, isso em vossa mão está, que o meu lugar só a morte mo pode tirar, e a honra que ganharei com os vossos trabalhos, o dono da bandeira que seguís nos pode dar muita mais; e para mim, apenas fica a flor da guerra na voz do povo... mas tambem fica a má paga..."

"El-Rei nosso senhor, me fez vosso capitão mor e eu, por seu regimento e apontamento vos mandarei o que façaes. Pelo que, senhores, vos

muito peço por mercê, que esta só vez baste vol-o dizer, para irdes por meu caminho, que sou vosso alferes; e se vos pareceu que tendes outra obrigação, e desta vos quizerdes tirar, o podeis fazer, largando as naus, porque eu buscarei homens que nélas folguem de servir El-Rei nosso Senhor.”

Os capitães entupiram, e apenas Manuel Teles, que era homem persunçoso, voltou:

— Senhor capitão mor: pela minha parte, vos terei em muita mercê, se me ensinardes o que terei de fazer, se vir cousas que não sejam do meu contentamento.

— Melhor dirieis, »se vir cousas que não são do serviço de El-Rei. Extranha cousa é o pedires-me agora que vos ensine o caminho, em vez de ó irdes perguntar a quem vos mostrou o outro, quando deixastes a bandeira do vosso capitão mor para irdes andar ao salto no Guardafui! Olhae que tendes aquela querela em aberto, que é muito contra a vossa honra. Vede que precisaes fazer obras que vos absolvam daquele pecado, e não deixéis mais a bandeira d’El-Rei nosso senhor, no campo, desamparada!

E dando por terminada a conversa, despediu-os.

Logo que amanheceu, Albuquerque desembarcou, e sem encontrar resistência fez saquear tudo e incendiar a cidade e passar á espada os habitantes, »que não ficou velho nem velha, e pedintes, e pobres, e doentes.”

A 22 d’Agosto a armada levanta ferro e vae correndo ao longo da costa até fundear em frente de Curiate (Kuriyat). Esta costa é toda de rochedo, e a povoação assenta á beira mar encostada a um monte de pedra viva, e formada por casas de madeira e palha; era um porto de exportação de cavalos e tamaras. Era já tarde quando a armada fundeou, ficando mais proximos de terra, os navios de Manuel Teles e Antonio do Campo.

Na manhã seguinte, viu-se de bordo que os mouros tinham tomado disposições defensivas, colocando algumas bombardas numa tranqueira que fizeram num ilheu junto á terra. Albuquerque mandou que Manoel Teles e Antonio do Campo fossem apoderar-se do ilheu enquanto êle com João da Nova, Afonso Lopes e Francisco de Tavora atacassem a povoação. Assim se fez: o combate foi rápido e a povoação ocupada e saqueada. Albuquerque fez arvorar a sua bandeira no alcorão de Mesquita, e installou-se nela. Trez dias ali estiveram carregando mantimentos e quando recolheram a bordo largaram fogo ao que ficou.

De Curiate a armada foi a Mascate (1) »logar grande assentado na praia, em uma enseada que faz bom porto, porque da mão esquerda faz um morro, com que o porto fica redondo, abrigado de todas as partes; e o lugar, de ambas as bandas, vae entestar em grandes serras, que fazem campo em que têm hortas e palmares de tamaras em que estão poços de boa agua, de que bebe a gente. E o lugar, de 700 moradores, com muitas casas de pedra, terradas e mesquitas: lugar povoado de muitos mercados estrangeiros, que vêem aqui carregar cavalos, tamaras e peixe salgado”. Era o porto principal da costa de Oman, e Albuquerque desejava poupal-o para dêle se abastecer, se tivesse de se demorar em Ormuz.

Fundeados a 2 de Setembro de 1507, veio logo de terra uma almadia com dois mouros que em nome do Sheikh pediam para não hostilizar a cidade; Albuquerque respondeu que se avassalassem; passaram dias em

(1) Lat. 23°, 27', long. 55° 60' — Na Costa Oriental da Arabia; é hoje a capital do Sultão d’Oman. Anos depois, foi ali construída uma fortaleza pelos Portugueses; perdeu-a em 1665, sendo seu capitão D. Julianes de Noronha.

recados, até que do interior chegaram uns dois mil homens de reforço, manifestando-se logo a população "tangendo muitos atabaques, dando grandes gritos e lançando foguetes".

— Chegaram-lhes socorros, comentou Albuquerque, e logo nessa noite começou a bombardear a cidade.

No dia seguinte, — 5 de Setembro — logo ante manhã a gente saltou para os bateis e estes vieram todos rodear a nau d'Albuquerque, e do alto do chapiteu dela, o capitão lançou a absolvição geral. Clarava o dia quando os bateis largaram para a praia de voga arrancada, sendo recebidos pelos mouros com alguns tiros d'artilharia; abicaram, desembarcaram e formaram em três corpos capitaneados por Albuquerque, Antonio do Campo e Afonso Lopes da Costa: as trombetas soaram e os capitães bradam:

— Santiago! Santiago!

Afonso Lopes da Costa, Manoel Teles e João da Nova atacaram o flanco direito; Albuquerque com Antonio do Campo e Francisco de Tavora, o esquerdo: o combate foi curto e passaram à espada quanto encontraram; o saque durou três dias; aos prisioneiros mandou Albuquerque soltar depois de lhes fazer cortar orelhas, narizes e mãos, afim de irem espalhar o terror do nome português.

Na manhã de 7 de Setembro Albuquerque poz bandeira na quadra e reunidos os capitães, disse-lhes, que muito apreciava os seus trabalhos e deles daria conhecimento a El-rei, mas que era do seu dever, como capitão mór fazer notar

certos erros para evitar a sua repetição o que poderia conduzir a desastres:

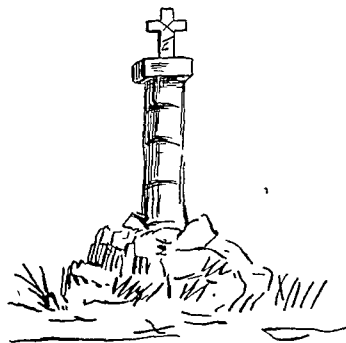
— Porque vós, Senhor Afonso Lopes, tendo-vos mandado que entrando a estancia, corresseis o logar por dentro, afim de vos juntardes comigo, o não fizestes, e fostes atraz dos mouros para o coração da cidade, do que resultou verde-vos em grande aperto: o que mais uma vez prova quanto é indispensavel obedecer ás ordens do vosso capitão mór.

Voltou-se em seguida para João da Nova:

— Vós, Senhor João da Nova, que voluntariamente quizestes vir sob minha bandeira servir El-rei nesta conquista, consta-me que quereis partir sem minha licença, deixando-me nesta guerra privado da vossa nau, que é a mais poderosa de todas; vos mando já, da parte d'El-rei, que me deis essa mão direita....

E João da Nova, tirando o barrete da cabeça, estendeu a sua grossa e cabeluda mão, que Albuquerque agarrou de pronto com a sua mão nervosa; e João da Nova pronunciou as palavras de menagem que o obrigavam a não abandonar o capitão-mór sem sua expressa licença.

João Estão, o escrivão da armada lavrou auto no fundo do qual João da Nova traçou os grandes e grossos traços que constituíam a sua assinatura; terminado êsse trabalho, voltou-se para Albuquerque dizendo:



— Eu, Senhor, não me obriguei a andar na vossa companhia, senão enquanto fôr da minha vontade, e assim me mandou Tristão da Cunha, para que quando fosse tempo largasse para a Índia e dali para o Reino para ir contar os vossos feitos a El-rei; e por isso me dou por agravado, por assim me prenderdes.

— Quando fôr êsse tempo que dizeis, retorquiu Albuquerque, não vos tolherei o caminho. Também, não vos preendi; sómente vos proíbi que vos aparteis de mim sem minha licença, como sei que o tendes assentado com os vossos amigos, que são quem me descobre vossos segredos.

Os capitães ouviram calados, e de sobrolho franzido, “mas ficaram impetuosos com odio ao capitão mór”.

Dias depois houve novo conselho de capitães no qual João da Nova apresentou o protesto que segue:

“Aos 12 dias do mez de Setembro de 1507, estando Afonso d’Albuquerque, fidalgo da casa d’Elrei Nosso Senhor, e capitão mór da sua armada, que ora anda no estreito da Persia e Ormuz, em conselho com todos os capitães e fidalgos da sua frota, dizendo o capitão mór aos capitães, se lhes parecia que era bem e serviço do dito Senhor ir João da Nova com sua nau e gente com o capitão mór caminho de Ormuz ou caminho de Cambaya, por onde lhe parecesse que era mais serviço do dito Senhor, e o tempo lhe desse lugar, e estando nisto João da Nova, capitão da *Flor de la Mar*, que no conselho estava, apresentou ao capitão mór, pelo escrivão da dita nau, um requerimento e protestaçaõ, o qual, o theor dele é êste que se adeante segue:

Do requerimento e protestaçaõ que eu, João da Nova, capitão desta nau *Flor de la Mar* faço ao muito honrado Senhor Afonso d’Albuquerque, capitão mór desta armada, vós, escrivão desta nau, me dareis um e mais instrumentos, se me cumprirem, para El-rei Nosso Senhor, ou para o Viso Rei destas partes da Índia e Persia e Arabia, onde somos, em como é verdade que vindo eu, com Tristão da Cunha, capitão mór, de Moçambique para a Índia, a levar a dita nau *Flor de la Mar* ao dito Senhor Viso Rei, chegando á Ilha de Socotorá com o dito Tristão da Cunha, capitão mór, o Senhor Afonso d’Albuquerque por muitas vezes lhe requereu que lhe quizesse deixar a dita nau *Flor de la Mar*, em que eu venho, para ficar na sua armada que com êle anda. E o dito Tristão da Cunha, nunca o quiz fazer, dizendo que El-rei Nosso Senhor, lhe defendia em seu regimento que lhe não deixasse mais naus das que com êle vinham ordenadas para andar no Mar Roxo; e que, porque El-rei Nosso Senhor lho defendia, lha não queria deixar, porque El-rei no mesmo capítulo dizia, que, com toda a outra armada que levava, queria que passasse á Índia, porque o Viso Rei havia de toda mister para as coisas que lhe mandava fazer; e depois, ao tempo da partida do Senhor Tristão da Cunha para a Índia, que foi aos 27 dias do mez de Julho que ora passou, (1) o dito Senhor Afonso d’Albuquerque, capitão mór, lhe requereu e pediu que, pois lhe não queria deixar ficar a nau, que lha emprestasse por um mez, para ir com ele a Diu e á costa de Cambaya, onde El-rei Nosso Senhor lhe manda ver e fazer trato de paz; e porque isto era em caminho e não estorvava a ida da nau á Índia ao tempo que dela o Senhor Viso Rei podesse ter mister, lhe pedia por mercê, que me deixasse com a nau para ir com ele, pois não perdia meu caminho. E vendo o dito Tristão da Cunha

(1) Quem largou de Socotorá a 27 de Julho foi Albuquerque; Tristão da Cunha só dali partiu a 10 de Agosto; nem João da Nova ao fazer este protesto em 12 de Setembro, sabia naturalmente, ainda, a situação de Tristão da Cunha.

que a nau não perdia tempo, então me mandou, que chegasse eu com ele a Diu e a Cambaya, e por aquela costa; e que isto fosse até que me parecesse tempo que o podesse achar na Índia, e o Senhor Viso Rei podesse haver vista da nau. E porquanto, com o Senhor Afonso d'Albuquerque não tinha mantimentos para a armada, e lhe foi necessário vil-os a tomar a esta costa da Arabia, eu cheguei com ele para lhos ajudar a tomar e servir El-rei Nosso Senhor e a ele. E ora ele está neste porto de Mascate onde tem mantimentos para 2 anos, e daqui quer ir para Ormuz, onde me quer levar; e indo eu lá, não posso ser na Índia ao tempo que me mandou o dito capitão mor Tristão da Cunha, nem posso ser lá para servir o Senhor Viso Rei, a quem eu sou sujeito e obrigado. Que eu lhe requeira, da parte d'El-rei Nosso Senhor e do Senhor Viso Rei, que ele me dê, d'aqui, licença para me ir para a Índia, e ser lá a tempo que possa servir El-rei e o Viso Rei, sob cujo poder vim e sou; e não querendo ele dar-me a dita licença, eu protesto que o Senhor Viso Rei lhe demande, e mais, que toda a perda e dano e de serviço d'El-rei Nosso Senhor, que se disto seguir, ele ser obrigado. Eu não conto mais que Leonel Coutinho, que com ele vae, disse ao dito Tristão da Cunha, que, em Mogadoxo, lhe dissera o mestre de uma nau, que viera da Índia, que em Cananor eram mortos dois mil mouros, o que não podia fazer sem grande dano da armada que lá anda, e sem a Índia estar em grande revolta. E por todas estas cousas, eu lhe faço o dito requerimento, e com sua resposta ou sem ela, vós, escrevão, me dareis o instrumento, e mais se me for necessario. E, assim, aqui poreis o traslado do mandado que me deixou Tristão da Cunha.

E mais, protesto, por toda a perda e dano de minha fazenda e de minha honra, que me disto vier.

Feito por mim, hoje sabado 11 dias de Setembro de 1507».

Segue a copia do mandado:

«Tristão da Cunha, do conselho d'Elrei Nosso Senhor, e capitão mór desta sua armada, manda a vós, João da Nova, fidalgo da casa do dito seuhor, que ora vindes por capitão de Flor de la Mar, que vades com Afonso d'Albuquerque, capitão mór desta armada que ora cá fica, o qual vai a Diu e Cambaya, e por esta costa, a fazer algumas cousas que cumprem ao serviço d'Elrei Nosso Senhor; ao qual aguardareis e fareis tudo o que ele vos mandar como vosso capitão mór; e assim andareis com ele, conquanto vos parecer que vos fica tempo para poderdes ir á Índia e me tornardes nela. E como vos parecer tempo para vos irdes, vos ireis, com as mercadorias e cousas que vos ele dêr para carga destas naus. E porque assim o hei por serviço d'Elrei Nosso Senhor, vos mando da parte do dito seuhor, que o cumpraes, como dito é. Feito por mim, André Rodrigues, escrivão da dita armada aos 21 de Junho de 1507. Este é o mandado de Tristão da Cunha».

Segue-se a isto a,

«Resposta do Senhor Afonso d'Albuquerque, capitão mór desta armada, a este requisito de João da Nova ao capitão mór, a qual segue datada de 27 de Outubro de 1507, e, 46 dias depois do seguinte:

*Escusado fora fazer-me o Senhor João da Nova tal requerimento, se ele quizesa, porque sou capitão d'Elrei Nosso Senhor, sob cuja obediência ele anda. Bem posso tomar, se cumprir a seu serviço, qualquer nau que nesta paragem andar, quanto mais entregando-me Tristão da Cunha com 90 homens, para refazimento dos 400 que Elrei mandava que me deixasse. Porem, porque Elrei Nosso Senhor, e o Viso Rei que em seu logar nestas partes esta, e sob cuja obediência eu ando, saiba a e trabalho em que me Tristão da Cunha deixou, pelo

conseguiu esta nau, — digo que, á partida do dito Tristão da Cunha, eu mandei vêr as naus da minha armada por João Nestão, escrivão da armada ajuramentado aos Santos Evangelhos, se tinham pão, ou vinho, ou azeite, ou farinha, e, dêsse juramento aos dispenseiros se sonegavam algumas destas cousas. Achou que nenhuma coisa para comer havia nas naus, nem mesmo na Flor de la Mar, e a fortaleza de Socotorá, que a meu cargo fica, com tanta necessidade como a armada. Quando me vê assim desbaratado, e a frota sem mantimentos, e 120 homens doentes, sem ter que lhes dar para comer, e como nós, cento homens que Elrei me mandava deixar, cumpre-me mudar de conselho, por se não perder armada e fortaleza, e deixar o caminho de Cambaya, e ao Estreito de Ormuz ir buscar mantimentos, e perdermo-nos antes como cavaleiros, que andarmos morrendo de fome, a pouco e pouco, até darmos com as naus de travez.

Chamei os capitães a conselho; pareceu-lhes bem este caminho. Mandei, então, partir um pouco de pão que ainda tinha, por todos, e quiz pôr-me em tanta necessidade como o mais pequeno. Deu-nos Deus tão bom vento e viagem, que, descobrindo terras novas e tomando logares aos mouros, matando-lhe muita gente e queimando-lhe muitas naus e fazendas, e tomando mantimentos para as naus, e para a fortaleza de Socotorá e para onde Nosso Senhor aprouve desembarcar.

O Senhor João da Nova quiz tentar algumas cousas e determinou sua ida á sua vontade, vendo-me ir sôbre Ormuz, — uma coisa assim tão grande, que prazera a Nosso Senhor, que não olhando a nossos pecados, traremos a tributo e á obediencia d'Elrei, Nosso Senhor; e assim, não quiz tomar quantos mantimentos a Flor de la Mar bem podéra levar.

E quando assim o vi, então, em pessoa, andei com a sua gente e a minha a carretar mantimentos, de arroz e tamaras, e azeite e jarras de pescado, e outras miudezas; e isto fiz em pessoa, por não constranger João da Nova, mas trata-lo com muita cortezia e amor, como ele dirá passado isto. Quiz-se ele estender mais em falar, e pôr em obra a sua partida, e provocaram-o os da nau; e porque nas cousas que tanto toca ao serviço d'Elrei não cumpre dissimular, mas atal-as mui bem, dando-lhe muitos nós, — mandei chamar os capitães e puz em conselho, se a nau e gente devia ou não ir comigo a Ormuz.

Todos disseram que levasse vinte, se os podesse haver (1).

Então tomei a nau e a entreguei a João da Nova sob sua menagem, que me seguisse e fiz esse meu caminho, a qual, ele, em minhas mãos deu e assinado do seu sinal; e assim mandei aos officiais da nau, — mestre, piloto e escrivão. E posto que o Senhor João da Nova nesta pratica e conselho me dissesse algumas descortezias, eu lhas sofri, porque ele tem tão bem servido Elrei em minha companhia, que tudo se deve sofrer. Eu, João Nestão, cavaleiro de casa do dito Senhor, escrivão da armada, que escrevi por mandado do Senhor capitão mór este instrumento, com sua resposta, feito aos 27 dias do mês de Outubro de 1507. — a) João Nestão.

“O qual requerimento, eu, Pero d'Oliveira, escrivão da dita nau Flor de la mar, publiquei ao dito Senhor Afonso d'Albuquerque, aos 11 dias de Setembro da sobredita Era, e lhe pedi a resposta; e ele me disse, que m'a daria depois. E por nós andarmos á vela, e sobre isso chegamos a Ormuz, e ele não teve vagar, lhe não tornei a pedir senão aos 17 dias de Outubro

(1) «... Os capitães lhe disseram que pois sua determinação (de Albuquerque), era ir a Ormuz, e destruir todos os logares que não quizessem vir á obediencia d'El-Rei de Portugal, que não diziam êles Flor de la mar, mas 20 naus, que ali tivera, todas havia de levar consigo...» Comentarios d'Albuquerque. — Parte I. — Cap. 27.

da sobredita Era; e ele me disse, que eu não devia dar instrumento, mas o seu escrivão; e eu lhe respondi, que eu lho publicára, e que a mim era pedido, e que eu o havia de dar; e ele me disse que me fosse embora, que eu não o havia de dar. Eu, com esta resposta, passei o dito instrumento de meu officio, a requerimento do dito capitão. E, porque assim é verdade, lhe dei este, por mim feito e assignado, aos 10 dias d'Abril de 1503. a) Pero d'Oliveira, escrivão da flor de la mar».

Esta última certidão é, como se vê, muito posterior aos acontecimentos; vê-se que foi documento pedido por João da Nova para apoiar as suas reclamações contra Albuquerque.

Albuquerque largou daqui a 16 de Setembro; navegando ao longo da costa, a armada avistou um lugar de boas casas, assente numa vasta planície que entestava com uma serra; entre a casaria elevava-se um castelo com sua torre de menagem; na praia, grande quantidade de gente de pé e de cavallo. Era Sohar.

Apenas a armada fundeou, o Sheick mandou cumprimentar a bordo, oferecendo-se para quanto dele quizessem.

Albuquerque respondeu, «que folgava de os achar tão sizudos, e não doidos, como os outros que ficaram com as cabeças quebradas»; e desembarcou com alguma gente, entrou na fortaleza e nela fez içar a bandeira de Portugal, salvando então todos os navios.

Recebida água e mantimentos, a armada largou para *Khor-Fakan*, (Olfacão), que ficava «em um campo ao pé de uma grande serra, que faz uma aberta, por onde vem gente da serra com cavalos a vender, ... o lagar era estendido ao longo da praia, a fora dele, á mão direita, havia um grande palmar de tamaras com muitos poços de boa agua, e pelo campo, muito gado grosso e miudo».

Na manhã seguinte Albuquerque desembarcou e atacou com três columnas: uma, com Afonso Lopes e João da Nova para ocuparem a praia; outra com Francisco de Távora e Manoel Teles para atacarem o centro e a terceira com D. António de Noronha e António do Campo para atacarem a povoação pelo lado do sertão; o ataque, bem conduzido, durou pouco, e a cidade foi saqueada e incendiada; a armada largou, então, por Ormuz.

II — Ormuz — Batalha Naval

Ormuz, Gerum em Parseo, é uma ilha triangular, salina e sulfurosa, «de quatro a cinco leguas de roda», toda rocha, desprovida de vegetação salvo alguns espinheiros sem folhas.

«É muito seca e esteril de todo o genero de mantimentos, nem tem outros senão os que lhe veem das Ilhas de Queixome, Lara e outras, e assim de Magastan, que é terra firme defronte de Ormuz, e o mesmo é d'agua, porque nela não ha senão trez poças de que se possa beber a uma legua da cidade, onde chamam Turrumbaca; o demais são cisternas e poços salobres.

«Ha nela uma serra pequena, que d'uma banda tem vieiro de enxofre e de outra uma mina de sal em pedra, que as naus levam d'ali por lastro. Tem dois portos de muito bom surgidouro para naus grandes, um da banda do levante, outra do poente. Em uma ponta desta ilha, entre estes dois portos, por respeito das muitas naus que ali veem da Arabia, Persia e India, e doutras partes, se começou pouco a pouco a fazer uma cidade, que veio a ser de grande trato, a que, do nome da Ilha, chamam *Ormuz*, cidade

rara, muito bem ornada de muitas e mui nobres casas de pedra, gesso e cal, com seus sobrados e terrados, em que os Reis teem uns paços em modo de fortaleza, e por a terra ser muito quente, teem todos os moradores no meio das casas umas chaminés com cataventos, com que as refrescam por dentro e se defendem da calma.

"Vem a ela cafilas ou recovas de muitas partes como da Maracante, Tauris, Caxem e outras cidades da Persia e Arabia. que trazem muitas e mui ricas mercadorias e muitos cavalos, que dali levam para a India, e que lá vendem por 200, 300, 400, 500 e 600 pardans, e alguns por mais. Os moradores, pela maior parte são Arabes e Persios, dados a vicios e mui ciosos das mulheres, e com razão, por elas serem muito formosas, as quaes, quando vão fora das casas levam os rostos cobertos de maneira que as não podem conhecer.

Os homens são bem dispostos e grandes cavalgadores. Haveria, então, na cidade, passante de 200 de cavalo, moradores dela, os quaes teem por exercicio jogar a *choca* (1) a cavalo, no que são déxtros, que espantam os estrangeiros que os veem jogar. São muito musicos e dados a trovas; andam bem tratados de suas pessoas, com panos de seda, chamelotes, brocadilhos e algodões. Trazem constantemente, assim na paz como na guerra, armas offensivas e defensivas; ha entre eles homens de muito trato, muito ricos e poderosos.

"Todos os mantimentos se vendem a pezo, até a lenha, e quem falta ao pezo ou medida é castigado sem remissão, e teem este erro por tão grande, que o abominam mais de que nenhum outro genero de pecado. Teem em tudo tanta policia e usam tanto exercicio das letras, que em uma casa que pará isto edificaram na cidade, vem todos os dias lêr um homem douto, chronicas, historia de Alexandre, Dario, e outros antigos e modernos, e livros de doutrina, a qual lição veem ouvir muitos homens assim velhos como mancebos, cousa muito digna de louvar..."

A esta ilha vinham todos os navios, por isso que os portos do continente, muito apacelados, não admitiam naus.

Era um tão grande e rico emporium, que os mouros diziam "que a India era um anel de que Ormuz era a pedra".

Tão grande era o seu movimento commercial, que a alfandega rendia mais de 500 mil serafins por ano, e tão abundantes os seus mercados, que só o que diáriamente se cosinhava nas praças públicas dava comida a mais de dez mil homens.

"Eu vi com meus olhos, diz Gaspar Correia, ao tempo em que fizemos a fortaleza, que foi no ano de 507, doze ruas, que de cada parte tinham mais de vinte boticas em que se fazia malcosinhado, em que pelas portas havia tachos e bacias largas cheias de arroz cosido, e carneiros inteiros assados, e feitas outras invenções de comeres. tão limpo e perfeito, que mais não podia ser, e em tanta abundancia, que já digo, podiam comer dez mil homens. Vi ruas em que estavam mercadores que tinham aljofar a vender, apartadas as sortes, deitado sobre pannos vermelhos, que valia mais de cem mil cruzados; e outras grandes riquezas vi na cidade, de que muito poderia escrever..."

Na ilha não havia agua potável, e para consumo da sua grande população, vinham diáriamente, grandes barcas com ela, e com tal abundância, que em todas as ruas havia casas que às portas a vendiam em púcaros e bilhas, "como na Ribeira de Lisboa".

(1) O Polo de hoje.

A Ormuz chegavam todos os produtos da Índia e do Estremo Oriente, que depois, em longas caravanas de camelos, eram levadas ao Cairo e a Bagdad, à Tartária e ao Turkestan.

Ali vinha a pimenta e o cravo das Molucas, o gengibre e o cardamomo, as madeiras preciosas, — o sândalo e o pau preto, — os tamarindos, o açafraão, a cêra, o ferro, o arroz do Dekkan, os côcos e as pedrarias, as porcelanas da China, o benjoim, os panos de Cambaya, de Chala e Deval, os cinabazos de Bengala e Adem, o cobre, o azougue, os brocados e chamalotes, os cristais e quanto mais mandava Venesa pela Alexandria e Suez no Mar Vermelho.

Era o pôrto que servia a Pérsia, e por onde saíam a sedas, o almíscar, o ruybarbo da Babylonia, e os cavalos persas, esguios e lustrosos, tão apreciados na Índia.

“Os grandes *dhaus* indianos traziam-lhe o arroz e os panos de algodão, levando em troca tâmaras, o sal das suas colinas coloridas, as passas de uva, o enxofre, o aljofar grôssio apreciadíssimo em Narsinga e os perfumes raros.

“A cidade era um encanto (1): terra de luxo e de prazer, côrte de mercadores ricos. As casas encerravam thesouros dentro das suas paredes de marmore, colunatas e eirados, com pateos ajardinados, onde a agua esguichava em repuxos, prazer caro, de nababos.

“A terra, uma salina, era esteril, e tudo vinha de fora; mas defronte, no continente, havia as quintas encantadoras, as hortas verdejantes, onde se iam passar os dias.

“Ali, o plátano magestoso do Oriente, o álamo esguiu e esbelto, o negro cipreste meditativo, destacavam-se, no meio das hortas viçosas, das quintas e jardins de rosas, povoadas de romeiras abrigando nas encostas, à sua sombra, as vinhas férteis.

“Os pomares, regados, coalhados de frutos de oiro e flocos de neve perfumada, de macieiras, pecegueiros e alborquorques; de figueiras de formas extravagantes e amplas folhas; de granadas com os frutos rebentados, a sorrir nos seus grãos côr de rubi...

Mil arvores estão ao seio subindo,
Com pomos odorifus e belos;

.....
Abre a romã, mostrando a rubicunda
Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
Vide, co huns cachos roseos e outros verdes (2)

“Nas ruas, em frente dos bazares, sob tôldos que defendiam da luz e calor do sol, formigava uma população de várias raças, de côres diversas, ocupada em comprar, em vender, mais ocupada, ainda, em gozar a vida no meio duma devassidão torpe.

O calor e os perfumes embriagavam os sentidos, e acordavam todos os instintos sensuais. Amar era o primeiro de todos os comércios. Havia músicas por toda a parte.

A guarnição militar era de trinta mil homens, em que entravam qua-

(1) Oliveira Martins — *História de Portugal*.

(2) Camões — *Lusadas*.

tro mil frecheiros persas; hábeis atiradores; no pôrto havia mais de quatrocentos navios, entre os quais sessenta naus, uma das quais a *Meri*, guzerate, de oitocentos tonéis.

E os navios de Albuquerque, negros, escalavrados pelo mar, as cobertas abertas pelo sol e por onde penetravam nas camaras e paioes os fortes aguaceiros que de quando em quando caíam, dobraram o Cabo Macinde (Maçadão), e navegando só com os traquetes, bandeiras desfraldadas, artilharia pronta, avistaram duas pequenas ilhas desertas, e foram-se aproximando do pôrto. A cidade aparecia agora, ao sol, toda branca e azul, como um sonho, aos olhos curiosos dos marinheiros habituados às pequenas cidades de palhotas.

— Senhor Deus misericórdia!

E pasmavam da pretensão do capitão mor em querer combater uma tão grande cidade!

Era já sol posto (10 Outubro 1507) (1) quando a capitania, toda negra, eiriçada de canhões, estandartes soltos, trombetas soando, passou sem salvar, por entre a multidão dos navios surtos, e foi fundear defronte do paço do Rei, todo tinto da luz do poente, e entre duas grandes naus gigantes preparadas para combate com as suas arrombadas postas e gaveas e baileos de taboado.

Os mouros, de bordo dos navios excitavam-se com gritos, atabaques e trombetinhas, mas vendo a capitania fundear sem disparar um tiro, nem soltar um grito, calaram-se.

Em terra a população corria á praia a ver os terríveis navios que tinham entrado tantos logares como já constava, e o proprio Rei veio á varanda do Paço olhar para a armada.

Os capitães d'Albuquerque, "com o assombramento que tinham" foram á capitania lembrar prudencia, mas Albuquerque observou-lhes secamente, que nesta altura, "lhes cumpria mais boa determinação que bom conselho", e ordenou a Afonso Lopes da Costa e a Manuel Teles, que, de prumo na mão, se chegassem o mais que podessem ás naus dos mouros.

A noite desceu sobre a terra. noite oriental, toda azul, doce como um sonho das mil e uma noites, o firmamento scintilante de estrelas, e pouco a pouco fez-se profundo silencio. Os soldados e marinheiros estendidos no convez, fitavam largamente esse firmamento pensando na patria distante, no velho Portugal que talvez não tornassem mais a pisar, nas mães, nas amantes, nos amigos, e pouco a pouco, iam cerrando os olhos, adormecendo.

E Albuquerque, no chapiteu da nau, recostado numa cadeira de espaldar olhava a cidade toda azulada sob o luar, e escutava o marulhar da agua batendo no costado do navio; ali estava pois ela, a Ormuz desejada, um dos vertices do triangulo de conquista que planeara para nele assentar o imperio colonial portuguez; ali estava a grande porta que abria sobre uma das estradas por onde havia seculos se fazia o trafico commercial entre o Oriente e o Ocidente: estava ali tão perto, que bastava estender o braço e fechar a mão para se apoderar dela.

E haviam agora dois capitães quaesquer forçal-o a desistir? Não! Nem que toda a armada fôsse contra ele, nem assim desistiria. O interesse do seu paiz, a gloria do seu nome, dependiam agora, exclusivamente, da sua tenacidade e da sua energia; podiam revoltar-se os capitães, podiam voltar-se contra ele todas as forças, todas as vontades, todas as energias, bater-

(1) 25 de Setembro, diz Goes.

se-hia contra tudo e contra todos e acabaria por vencer e com as suas mãos ergueria sobre as três pedras angulares, — Ormuz, Goa e Malaca, — o Imperio colossal encimado pela pedra d'armas portugueza.

E toda aquella noite sobre a tolda da nau negra e rota, o grande capitão sonhou...

Ao romper do dia o sol faiscou nas armas da gente que nas toldas das naus se aprestava para o combate. Os capelães lançavam bênçãos e absolvições e os bombardeiros faziam passar para fóra das portinholas os colas das bombardas cujas bocas Albuquerque fizera cair para que os mouros as vissem melhor.

O lingua Gaspar Rodrigues foi mandado a bordo da *Meril* pedir um homem para ir a terra levar um recado ao Rei; e foram os dois: a multidão que já pejava o caes, acompanhou-os ao palacio e o Rei recebeu-os. Era uma creança de 12 anos, de nome Sufu-d-din tutelado pelo primeiro ministro Khuaja-Atar, um Persa, e pelo tesoureiro ou Ministro da Fazenda Rais Nuru-d-din.

Gaspar Rodrigues pediu em nome d'Albuquerque, que fosse alguém a bordo, competente para tratar com ele. Os ministros interrogaram naturalmente o lingua: que pretendia Albuquerque? Porque viera ele correndo a costa fazendo tanto mal? Vinha atacal-os?

O lingua respondia como podia, garantindo as boas instenções de Albuquerque; dizia que era preciso não o irritar e aceder de bom grado ao que propuzesse, e que comesassem por mandar a bordo alguém com autoridade para com ele tratar.

Nenhum dos Ministros quiz ir; ofereceu-se um armenio, "homem autorisado e bem vestido, que viajara muito e estivera já em Veneza": chamava-se Khwaja-Beiram (1), e largou logo para bordo com o lingua.

Apesar de ter visto muito na sua longa vida, o Khwaja-Beiram, ao entrar na nau do capitão mór, estacou, impressionado.

Albuquerque "que tinha mui honrada presença", todo vestido de negro, coifa de veludo cortada, calças de grã, e coberto com um roupão de grã, com a sua grande espada doirada ao lado, estava sentado numa vasta cadeira de espaldar assente sobre uma alcatifa, e aos lados, em tamboretos razos, os capitães e fidalgos; a tolda estava armada com panos de Flandres, e pendurados dos mastros e bordos do navio grandes trofeos de armas, adargas, espadas, lanças e punhaes; no convez, os armeiros limpavam grandes corpos d'armas brancas e espadas, ao passo que os bombardeiros lavavam as guelas das bombardas: espetados em caixotes de areia, os bota-fogo acesos, "fediam".

"Um pouco turvado", o Khwaja-Beiram aproxima-se do capitão mór e erguendo os braços curvou-se a seguir numa profunda cortezia oriental.

O Rei só desejava paz, porque a paz era condição essencial do commercio fonte da riqueza e do bem estar: que pretendia o grande capitão?

— Senhor, Sufu-d-din, rei d'Ormuz, me manda para que digas o que queres?

Albuquerque ordenou ao mouro que escrevesse a sua resposta para que a não delurpasse, e disse:

Era capitão do Rei de Portugal, "o mór Rei que havia no Mundo, porque era Senhor de todo o mar"; veio a Curiate

, paz e amizade,

(1) Veio mais tarde a Portugal.

e hostilisaram-o sem motivo; o mesmo lhe fizeram em Curiate e Mascate: porque? por serem maus e soberbos: pagaram. Só em Sohar encontrou gente sízuda e ficaram amigos: Em Orfacam tornou a encontrar gente doida que puniu.

Agora, chegava a Ormuz para assentar boa paz e amisade para sempre, contanto que da muita riqueza que por mar lhes vinha pagassem uma quantia razoavel de pardaús ao Rei de Portugal que era o Senhor dos mares. E assentando nisto só teria de que se louvar, porque de contrario tudo se transformaria em fogo e sangue e destruiria toda a navegação para aquele porto. "E disto lhe mandasse, logo, sua certa resposta."

O Armenio, ouviu, escreveu, e fazendo profunda cortezia, retirou; e Albuquerque voltando-se para os capitães que se entreolhavam constrangidos disse:

— Eu, senhores, não sou homem para acabar um feito tão grande como este com dessimulações e moralidades, mas como cavaleiro... Pois estamos em lugar onde se não póde fazer outra coisa, cada um se vá para a sua nau fazer prestes, e ouvindo um tiro de bombarda acuda e faça o que me vir fazer.

O Rei ao ouvir o recado que o Khwaja Beiram lhe levou "ficou muito torvado e com muito temor, que era homem mancebo. Khwaja-Atar e Rais Nuru-d-din eram de parecer que "melhor são os concertos feitos em paz, que misturados com guerra", mas os outros conselheiros do Rei foram de opinião contraria: que tributarios, nunca: já bastava o Persa.

Foi chamado o capitão da *Meril*, a nau de Cambaya que tinha 800 homens e muita artilharia, e como ele declarasse que tomava a seu cargo a capitania portuguesa, os conselheiros mais se enfureceram contra os partidarios da paz. Para ganharem tempo nos preparativos foi contudo expedido o Armenio novamente para bordo, pedindo espera de alguns dias para se meditar a resposta.

Albuquerque respondeu que esperaria e pediu ao Armenio para levar a terra na sua companhia um Duarte Ligeiro que era encarregado das compras para os navios, e a este recomendou que reconhecesse bem a terra.

Chegados a terra o Duarte Ligeiro foi acompanhado por um homem do Armenio ao mercado fazer as compras e regressou a bordo informando Albuquerque "que vira os mouros soberbos, e todos armados, e por acenos lhe diziam que haviam de cortar as cabeças a todos."

No entanto, a bordo, iam-se fazendo os preparativos para combate fazendo "entulhos de maçame e estopa por dentro das naus, para os pelouros que entrassem, e em cada batel feitas arrombadas, e em cada um seu camelo; e pelas naus pipas serradas, cheias d'agua para resguardo do fogo; nas gaveas homens fortes com dardos, lanças e muita pedra; lançaram-se "regueiras" para o lado oposto ás naus dos mouros, para se alarem quando houvesse risco de fogo, para lançar ancoras junto ás naus dos mouros com as quais pelejariam, pondo a nau d'Albuquerque a sua junta da *Meril*; carregou-se a artilharia, distribuiu-se a gente pelos postos de combate nos chapiteis e convezes; e nisto gastaram o dia todo.

Na tarde desse mesmo dia veio do continente a armada que os de Ormuz esperavam de socorro, mais de 300 terradas com muitos frecheiros, mas como atravessassem do lado oposto da ilha, da armada não os viram, sentindo apenas o grande alvoroço que na cidade houve com a sua chegada.

Albuquerque previu logo que na manhã seguinte começaria o combate, e deu as ultimas instrucções: — que os bombardeiros só fizessem tiros certos e os tiros vindos, por cima, a matar: as duas esperas que tinha no

porão do seu navio entregou-as a Nuno Vaz de Castelo Branco para que com elas atirasse a umas varandas que estavam na parte superior das cristas do rei, onde ele costumava estar e onde de certo appareceria a ver a peleja.

No dia seguinte, ao romper da manhã, appareceram a dobrar a ponte da cidade, as terradas, cheias de frecheiros d'arcos turquescos, vogando rapidamente, soltando grandes gritos, acompanhados de tingeres d'atabaques e trombetas e disparando muita artilharia.

No batel do capitão mor estava Duarte de Sousa com 30 homens. Albuquerque ordenou-lhe que abrisse fogo, e ele disparou um camelo que dando nas terradas, fez nelas restolhada de 7-8 que despedaçou, ficando os mouros a nado. » Identicos tiros fizeram Jorge Furtado, que estava no batel de João da Nova com 20 homens, e Ayres da Silveira no batel de Afonso Lopes da Costa. Foram afundadas assim umas 50 terradas, mas as outras chegaram a lançar nuvens de frechas que cobriam os bateis mas com medo dos tiros da nossa artilharia foram-se acolhendo por entre as naus dos mouros.

Uma hora ante manhã Albuquerque mandou virar o cabrestante, e foi-se a sua nau aproximando da *Meril*, e logo que chegou a distancia efficaç, salvou-a com 4 peças grossas cujos tiros a atravessaram, e com os berços e falcões tanta gente lhe matou, que os outros se refugiaram em baixo.

Nuno Vaz com dois tiros de espera deitou abaixo as varandas da crista do Rei, e como a *Meril* com a sua artilharia fizesse grande mal á nau d'Albuquerque, voltou se contra ella deitando-lhe abaixo o mastro grande que ao cair quebrou metade do navio. então parte dos mouros atiraram-se ao mar e a capitania abalroou com ella saltando-lhe dentro, o primeiro, Pero Gonçalves piloto da frota seguido por Pero Fernandes, marinheiro, Gaspar Dias, Afonso d'Albuquerque, Braz da Silva, «um mancebo fidalgo», com o irmão, Manuel da Silva, D. Antonio de Noronha, D. João de Lima e mais 30 homens que se atiraram aos mouros ás lançadas até os fazerem recolher á pópa da nau onde os atacaram e mataram parte, e parte se lançou ao mar.

Então um Bernaldim Martim com outros rapazes, que sabiam de bombardeiros, voltaram as bombardas da *Meril*, que eram de ferro e de camaras contra as duas naus inimigas mais proximas, o que fez com que as tripulações tambem se atirassem ao mar.

Então Albuquerque, fez alar a sua nau para fora e foi ajudar a bater as outras com a sua artilharia.

Francisco de Tavora meteu se entre duas naus grandes que lhe deram muito trabalho, Fernão de Souza com um tiro atrovessou uma nau abaixo da linha d'agua, afundando-a e elle, saltando para o batel foi matar os mouros que andavam a nado, mas vieram sobre elle tantas terradas que teve de se acolher á nau que a esse tempo rendera outra do inimigo e lhe puzera fogo. Gaspar Dias, d'Alcacer do Sal, ao saltar dentro d'uma nau inimiga, levou uma cutelada que lhe cortou a mão «que logo ali ficou com a espada apertada».

Afonso Lopes da Costa tomara e incendiara outra nau, e o irmão, Antonio Lopes, que andava num batel atacava com successo as terradas que vinham meter-se entre as naus.

Manuel Teles e Antonio de Campos, que estavam mais á terra, tiveram grande trabalho por se meterem entre dez ou doze naus de mouros, e elles nas naus com Diogo de Freitas e Duarte de Melo nos bateis fizeram grande desgaste no inimigo afundando duas das suas, fazendo fugir a gente das outras para terra.

João da Nova, na *Flor de la mar*, que era a mais poderosa de todas, ficou mais fora, entre muitas naus, e ali se conservou, limitando-se a fazer fogo e recebendo muito do inimigo.

Albuquerque vendo o desbarato que ia nos navios inimigos, pezou-lhe o vel-as a arder, e mandou o contra-mestre da sua nau Duarte Afonso com Duarte Pereira dizer aos capitães que não incendiassem os navios "que era grande perda", e seguidamente expediu D. Antonio, Jorge Bento de Castro, Jorge da Silveira, Nicolau Suzarte, Antonio de Sá, João Teixeira, João Pessanha e outros bons cavaleiros, em bateis, fazer o mal que podessem, e os mouros que já vacilavam desataram então a fugir para terra.

João da Nova, largou a amarra, e atracou uma grande nau pertencente a Malik Ayaz, de Diu, e como não recebeu o aviso d'Albuquerque, poz-lhe o fogo; a tripulação largou a amarra e a nau caiu sobre outra e arrastou-a consigo para a costa onde encalharam, e os bateis foram apoz elas matando a gente.

Era já quasi «vespera», não havia já nau de mouros que resistisse, e Albuquerque alando-se pela amarra que mandára lançar entre as naus, aproximou-se da praia e começou bombardeando as cazas do Rei. Os outros navios imitaram-o atirando à cidade, "que tinha na frontaria de praia mui nobres cazas em que foi feita grande destruição, e muitas derribadas, e muita gente morta dos pelouros, em que, da vespera até noite, o trabalho foi dos bombardeiros".

João Leitão, o escrivão da armada, com o piloto Pero Gonçalves fizeram proezas, sendo muito feridos.

Francisco de Melo, Pero Gomes, Rui Dias, "filhos de homens honrados d'Alemquer", com Simão Teles, Gomes Teixeira, Duarte de Melo, Pedro Alvares, Antonio Togado, Francisco de Tavora, Jorge Barreto, perseguem as terradas que procuram refugiar-se na ilha de Queixome (Oishm).

Antonio de Campos, com o sobrinho Nicolau Zuzarte e Antonio d'Abreu, atacaram uma nau defendida por valentes Fartaquins, só a tomando depois de reforçados por Afonso Lopes da Costa, Antonio Liz, Antonio d'Azevedo, Braz da Silva e Alvaro Fernandes.

O mar ia coalhado de destroços a que os mouros a nado se agarravam, os grumetes e os soldados nos bateis perseguiram-os, mas por fim, "eram tantos, que os soldados já enfadados de matar, os deixavam ir".

Khwaja Atar, "num parão muito esquipado com suas arrombadas de colchas vermelhas, rodeado por uma guarda de turcos — Khorassones, assiste ao combate, até que vendo os navios desbaratados, foge para terra.

A's 7 horas da tarde, a batalha estava terminada. "Os bombardeiros fizeram aquele dia de tal maneira, — porque N. S. os quiz ajudar, — que não tiráram tiros que não metessem navios no fundo, e mataram muita gente..."

Os arrabaldes da cidade ardiam; então Khawaja Atar fez içar uma bandeira branca no palacio, e mandou a Albuquerque dois mouros de Oran, recenchegados a Ormuz, a pedir a paz.

Albuquerque respondeu que se o tivessem atendido quando apresentou as suas propostas, não teriam chégado áquella extremidade; que mandasse dez dos principaes mouros da cidade como refens, e depois conversariam.

Caia a noite, a armada inimiga ou estava destruida ou aprezada... Albuquerque mandou capear com bandeira e tocar a recolher e todos se acolheram às naus; metendo-se no seu esquite, o capitão-mor percorreu então os navios falando aos capitães e troçando-os ligeiramente do susto que tinham tido quando ele se propuzera atacar a cidade. Louvou os que

Ahi, o proprio Rei tomou a bandeira e com Jorge Barreto subiram aos terraços onde a bandeira foi içada e então toda a artilharia das naus salvou — Segunda feira, 10 de Outubro de 1507.

Nessa tarde Albuquerque chama os capitães a conselho, para fixarem o tributo, — as pareas, — a exigir do Rei: houve largo debate, porque uns aconselhavam que pedisse muito, para que o Rei recuzasse, e outros que pedisse pouco, para ficar mal visto, o que tudo Albuquerque entendia perfeitamente, e resolveu ele, que se pedisse pouco porque o Rei não fazia opposição e obter-se-hia a compensação com outros pedidos posteriores; e fixou a importancia em 15 mil serafins anuais, isenção de direitos a todas as mercadorias que o Feitor importasse ou exportasse.

Francisco de Tavora foi a terra com o Gaspar, lingua, e levado à presença do Rei que estava com o Cwaja Atar e Rals Nurudin, expoz ao que vinha: tratado fixando o tributo, logar para a construção duma fortaleza; em compensação os portuguezes obrigavam-se a defendel-o dos seus inimigos. Entregaram-lhe uma nota escrita destas condições e retiraram.

O Rei e os Ministros ficaram satisfeitos pois acharam pouco o que o capitão mór exigia em comparação do que esperavam, e apressaram-se a redigir o tratado nos termos exigidos por Albuquerque, fazendo se "em pasta d'oiro enrolada como pergaminho e nelariscadas as letras em lingua persia, que era a natural da terra, em que Elrei assignou e os Regedores, e os quatro principaes do Reino"; fez-se outra em papel branco da Persia, grosso, com letras douradas em persico e outra igual em portuguez assina-das por Albuquerque.

No dia seguinte estava tudo pronto, o que João Estão, o escrivão, veio a bordo comunicar, e Albuquerque mandou a terra Afonso Lopes da Costa com Francisco de Tavora, D. Antonio de Noronha e João da Nova, para assistirem à assinatura — Setembro de 1507.

Trocaram-se presentes: o Rei mandou a Albuquerque uma cinta rica com terçado e adaga guarnecidos de ouro e, pedraria, que valia mais de 5 mil serafins e vinte peças de setins e damascos da Persia: com o presente veio Rais Abdalah para ver Albuquerque, assinar o tratado e leval-o para terra.

Albuquerque mandou ao feitor que recebesse o presente e o guardasse para o mandar a El-rei.

Tratou-se então do resgate das naus aprezadas, para o que vieram a bordo os mouros com o Armenio: o capitão mór disse-lhes que não podia restituil-as, pois as dera aos capitães e soldados que as tinham tomado, mas que se entendessem com eles, o que fizeram, resgatando-as por cem mil serafins.

Albuquerque, a pedido dos capitães fez a divisão desse dinheiro: cada capitão 5 mil serafins, o que fazia 60 mil serafins (eram 12 capitães); os quarenta mil restantes foram distribuidos pelas tripulações segundo o Regimento das prezas que era:

Pagem — 1 parte.

Grumete — 2 partes.

Marinheiros — 2 partes.

Homens d'armas, idem.

Escrivães, marinheiros, dispenseiros, guardiães, estrinqueiros, com parte e meia.

Contramestres, bombardeiros, como 2 grumetes.

Condestaveis, mestres, pilotos, e moços fidalgos, com 10 partes.

Aleijados na guerra como meio fidalgo.

E feita a divisão ficou a parte a mais de 10 serafins, «e todos ficaram contentes».

Poucos dias passados, o capitão mór mandou dizer ao Cwaja Atar que visto agora ser de obrigação do Rei de Portugal defender o Reino de Ormuz dos seus inimigos e para isso deixar gente em terra e navios no mar, era necessário construir uma fortaleza na ponta da cidade, perto das casas d'El rei. Cwaja Atar respondeu que fizesse como entendesse.

Albuquerque reuniu os capitães a conselho: estavam, porem estes, já fartos de guerra, com a algebeira cheia, e desejosos de se irem para a Índia: ficarem, agora ali a construir fortaleza e depois a guarnecel-a e a cruzar no mar, não lhes podia agradar. Obtemperaram pois à ideia de construção de fortaleza: que Ormuz estava conquistado, o Rei tributado, um tratado feito; era já muito; devia contentar-se e finalmente, que não mandando o Regimento d'El-rei, que trazia, que fizesse fortaleza, a não devia fazer.

Albuquerque replicou mostrando o final do Regimento que dizia: — E de todo o contheudo neste Regimento, vos, Afonso d'Albuquerque, amigo, fareis tudo aquilo que vos parecer mais nosso serviço.

Vendo esta determinação do capitão mór, os capitães combinam-se e redigem um requerimento para que fossem antes carregar no Estreito por ser mais proveitoso para o serviço real, assinado por todos os capitães excepto Francisco de Tavora e João da Nova que recusaram, o primeiro por ser muito amigo d'Albuquerque e o segundo porque, dizia elle, nada tinha de ver com estas cousas, por isso que pelas instruções do seu capitão mór Tristão da Cunha, devia seguir logo para a Índia.

Os capitães incitaram então João da Nova, a pedir licença para partir, porque partindo este, a armada ficaria fraca e Albuquerque não poderia levar por deante a sua tenção.

Albuquerque foi prevenido de tudo isto, mas dissimulou, e no dia seguinte chamando os capitães informou-os de que contratava na terra pedreiros e trabalhadores para a obra, para poupar a gente da armada cujo trabalho se reduziria, assim, a ir com os bateis a Turumbaque buscar pedra, e para evitar desordens, iriam dois capitães com eles cada dia.

Os capitães discutiram este plano, contrariando-o, e, vendo Albuquerque que pela mansa nada conseguia, falou claro:

— Vejo que andaes enfadados nestes trabalhos porque os serviços que se fazem sem vontade do coração, só são trabalho: não quereis compreender que o maior serviço que podemos prestar a El-rei é levantar aqui uma fortaleza, sem trabalho de gente, e de graça porque a despesa safrá dos 100 mil cerafins que o Rei d'Ormuz pagou para despesas desta armada, no que espero gastar apenas metade, mandando a outra metade por João da Nova ao Viso-Rei para pimenta.

Feito isto, concertarei a armada que tanto disso carece, porque lia tanto tempo que anda no mar, e iremos com ela ao Guardafiu «onde andaremos á galhofa das prezas». E portanto, se isto houverdes por trabalho, entregae-me as náos, que eu meterei nelas capitães que julgue de servir a El-rei Nosso Senhor, no que lhes eu mandar.

Ergueu-se João da Nova:

— Senhor! Tristão da Cunha me mandou que viesse com Vossa Mercê e com ele andasse até fazer alguma cousa boa de que levasse a nova para a Índia, a me ir nas naus do Reino para a levar a El-rei.

E porque Nosso Senhor, e vossa mercê tem acabado em tanta sua honra um tão grande feito, como o é ter ganhado o Reino d'Ormuz, espero que o Viso Rei e El-rei me farão muita mercê de tão

grandes novas e por isso me fará mercê dar-me licença para me ir, porque se mais tardar não chegarei a tempo que possa ir para o Reino.

Albuquerque esteve um bocado calado, e depois respondeu:

— Senhor João da Nova, perdoe Deus a quem bem vos não aconselha a pedir-me tal licença, em tempo em que estou em tanta necessidade de navios e gente. As novas que pensaes levar seriam falsas, pois não tem o remate preciso, que agora lhe quero pôr com a fortaleza que segurará que se não perca o ganhado com tantos trabalhos: O que estes senhores não entendem, pois trabalham para que este remate se não faça.

Pelo que, vos peço, por mercê, que não me venhaes pedir tal licença porque vol-a não dou.

João da Nova retorquiu:

-- Assim, senhor, mal faço em vos pedir uma licença que tenho do meu capitão mor...

— Se fordes sem minha licença, nem carta minha que crédito vos darão? replicou Albuquerque já encolerizado; sereis castigado então, por abandonardes a bandeira d'El-rei na guerra, e sem licença do vosso capitão mor!

— O meu capitão mor, retorquiu João da Nova teimoso, mandou-me que viesse comvosco e tornasse com as novas, e assim eu irei pedindo-vos licença.

Albuquerque, então, já colerico mas falando "repousadamente":

— Ora para que não ireis, vos hei por preso nesta nau e dela não saíreis sem minha licença, sob pena de perderdes a menagem que vos hei por tomada. João Estão, escrevei o auto de menagem.

E seguidamente mandou João da Nova prezo para o castelo da proa, e que Gomes Teixeira que estava na nau de João da Nova, assumisse o comando.

Gomes Teixeira não quiz aceitar a capitania por ser amigo de João da Nova, e Albuquerque franzindo o sobrolho, perguntou-lhe:

— Senhor Gomes Teixeira, a quem servis naquela nau? A João da Nova ou a El-rei? Pois se servis a El-rei como nós todos, eu, capitão mor desta armada, vos mando que torneis á capitania. (!)

XII — A construção da fortaleza de Nossa Senhora da Vitoria

As Intrigas do Cwaja Atar — Começo das hostilidades

1507 - 1508

Logo no dia seguinte a este incidente, mandou os bateis de Antonio do Campo e Manuel Teles á pedreira buscar pedra, guardados por Afonso Lopes da Costa: os capitães obedeceram.

No dia seguinte foram os bateis de Francisco de Tavora e João da Nova, e de guarda D. Antonio de Noronha, e assim sucessivamente nos dias seguintes.

Para feitor, encarregado de arrolar e pagar aos trabalhadores foi escolhido um Duarte Diniz, o qual, enquanto se juntava a pedra foi dirigir a preparação do barro e argamassas.

(1) Sobre todas estas questões ver a carta de Albuquerque ao Viso Rei paginas adeante.

Havendo pedra já bastante para os alicerces, o capitão mor foi a terra com toda a gente da armada, e chamando João de Flandres, bombardeiro, "que era bom mestre destas obras", encarregou-o de traçar os alicerces da torre de menagem, "que havia de ser de trez sobrados, e tão alta que descobrisse toda a cidade, e mais alta que o alcorão, porque do terrado de cima, se cumprisse, assim como de todos os sobrados, havia de atirar artilharia grossa"; cada lado da torre teria, no primeiro sobrado, 12 covados de vão.

Abriu-se o alicerce com 20 pés de largo, a 6 de Outubro (1) de 507 e Albuquerque por suas mãos assentou a primeira pedra na esquina da entrada da torre dizendo:

— Em nome de Jesus Cristo e de sua santa madre, Nossa Senhora da Vitoria, que sempre nos dê ajuda contra os inimigos da fé...

Todos os capitães secundaram Albuquerque, resoando as trombetas e aclamando os soldados e marinheiros a Nossa Senhora da Vitoria.

"E assim foi posto o nome á fortaleza-, e com tanta gente no trabalho, que nesse mesmo dia ficou todo o alicerce cheio.

Pagava-se diariamente aos trabalhadores, de forma que não faltava gente para trabalho; e Albuquerque sempre em cima de todos para que não faltassem os materiais; e como a gente da nau tinha muito mais trabalho mandou-lhes abonar dez pardaos de sôlido a cada um e aos mestres, contra-mestres e pilotos de 20 a 50. Abonou 300 serafins aos capitães para darem meza à sua gente, a qual não deixava vir a terra.

O feitor Duarte Diniz instalou-se em terra com roupas de Cambaya e drogas tomadas nas naus apreçadas, que vendia ao povo; com o feitor ficaram o escrivão Jerónimo de Ortega, e Rodrigues, língua.

A obra progredia á olhos vistos, com grande desgosto do Cwaja Atar que agora se arrependia de ter concedido a licença para a fortaleza, pois começou a recear que os portugueses uma vez ali estabelecidos se apossassem dos cargos, e êle ficaria com o seu poder diminuído. Dava-se êle muito com o feitor Duarte Diniz e com o escrivão Jerónimo de Ortega, presenteando-os a miudo, e por intermédio deles veio a saber das discussões *que se davam entre os capitães e da sua contrariedade por terem que fazer a fortaleza; julgando, pois, que neles encontraria apoio, tratou de contrariar a conclusão da obra, forçando Albuquerque a desistir.*

Cwaja Beiram poz Albuquerque ao facto desta intriga e êste tratou de se precaver, apressando os trabalhos, metendo dentro da tórre oito grandes tanques de madeira, tirados das naus dos mouros, que fez encher de água.

O madeiramento dos sobrados da tórre foi feito com os mastros e taboado das naus dos mouros, apreçadas.

Foram os donos das naus queixar-se ao Cwaja Atar que na presença do Feitor e do língua, se mostrou irritado contra os portugueses e declarou que se soubesse que eles não escrupulizavam em se apoderar dos objectos dos mouros, êle se teria oposto à sua construção.

O língua Gaspar Rodrigues ameaçou-o de referir ao capitão-mór as más palavras que êle lhe dirigia, e o Cwaja retorquiu-lhe que lhe podia ir dizer quando quizesse que nada temia.

Gaspar Rodrigues comunicou a Albuquerque a attitude do Cwaja Atar, e Albuquerque percebeu bem que êste se desmandava agora, por saber das questões que tinha com os capitães; e para ver se conseguia levar

(1) 24 diz Goes— Esta fortaleza perdemos-a em 1637, sendo capitão Simão de Melo que se rendeu.

as cousas a bom termo, nesse mesmo dia foi ver os trabalhos da fortaleza e apartando-se com Afonso Lopes da Costa, Manuel Teles, Jorge Barreto de Castro, disse-lhes:

— Ora veem vossas mercês em que ponto temos esta obra, Deus louvado! disse-me se não é melhor acabar-se esta fortaleza do que ir ao Cabo Guardafui?

O capitães responderam que era isso assunto para discutirem todos juntos; que pediam para que soltasse o João da Nova e reunisse conselho.

Albuquerque acedeu, e João da Nova foi solto para a sua nau, reasumindo o comando, mas os capitães combinaram responder a Albuquerque que era preferível ir para o Guardafui abandonando a fortaleza, e enviaram-lhe o requerimento seguinte:

Do requerimento e protestaço que nós, Afonso Lopes da Costa, Francisco de Tavora, Manuel Teles Barreto e António do Campo, capitães d'Elrei nosso senhor, fazemos ao muito honrado senhor Afonso de Albuquerque, nosso capitão-mór, vós, João Nestam escrivão desta armada, nos dareis a cada um seu instrumento e mais, se nos necessarios forem, para Elrei nosso senhor ou para o senhor Viso Rei, em como é verdade que nós fomos mandados por Elrei nosso senhor, com ele, a estas partes, principalmente á Ilha de Socotorá a fazer uma fortaleza; e depois, a guardar o estreito do Mar Roxo; que a nosso senhor aprouve que a fortaleza que havíamos de fazer a achamos feita pelos mouros, e lha tomamos. E por a terra ser tal, e não haver nenhuns mantimentos senão os que vão de fora, e nas náos os não haver, na dita fortaleza não ficaram mantimentos senão para dois mezes e meio até trez, que ha que de lá partimos. E agora o dito capitão mor tem tomada esta cidade de Ormuz e porto sob o senhorim e tributo d'Elrei nosso senhor, e em toda a paz e socego, e feito nela uma feitoria, e sem ser nenhuma como necessaria. E ele, senhor capitão mor, se foi a fazer fortaleza, sendo muito pouco serviço de Elrei nosso senhor fazela, mas antes, é muito seu deserviço e perda de sua fazenda isso de gente e mantimentos que nela ficar, por muitas razões e respeitos, ao que ele não quer olhar nem mesmo a um capitulo que traz no seu Regimento, que diz que quando alguma fortaleza em algum logar podesse fazer, tenha muito grande resguardo n'isso, e a faça em tal logar que a gente que nela ficar, possa ser com toda a segurança, que se não possa nela fazer comer de seus serviçaes; e que, se porventura se tomasse, (como que Deus defenda), que ligeiramente se possa cobrar e livre de qualquer cerco; não se aventurando a faze-la salvo em logar e parte em que seguramente se possa manter e defender pela gente que nela ficar; porque bem deve de ver quanto tal relevo a seu serviço e a sua honra: as quais razões e respeitos nós daremos a Elrei nosso senhor, ou ao senhor Viso Rei quando por eles nos for mandado. E mais não lhe lembra, que na dita fortaleza de Socotorá, alem de lhe ficarem muito poucos mantimentos, a gente que nela ficou, ficava a mais dela dentro, ou quasi toda pela má disposição da torre e mantimentos dela. E mais que na dita ilha ficaram muitos mouros, e andaram provocando os da terra contra nós, e os da terra andavam muito escandalisados de nós, pelas muitas vacas e gado que lhe tomámos contra suas vontades, porque não teem nenhum outro mantimento senão leite e manteiga, por que se mantenham, — o que lhe os mouros não faziam: por onde teem muita rasão de serem como eles, e os ajudam contra nós. E mais, a fortaleza que ele senhor capitão mor aqui quer fazer, não se poderá acabar, para nela se deixar gente e artilharia daqui a 5 ou seis mezes; e ele, se até ao fim deste mez de novembro, em que estamos, não partir daqui, não poderá já partir este ano, no que Elrei nosso senhor receberá

grande perda, por se não guardar o estreito do Mar Roxo, que nos sua alteza mandou entrar; e a fortaleza de Socotorá correria grande risco. Pelo que, nós lhe requeremos da parte d'Elrei nosso senhor, e do senhor Viso Rei, que ele dito senhor capturou, se parta logo daqui e vá prover a dita fortaleza de Socotorá, como por Elrei nosso senhor lhe é mandado em seu regimento, e vá guardar o Estreito, em que vae tanto serviço d'Elrei como sabe, — que não viemos cá a outra cousa. E assim lhe requeremos da parte de Elrei nosso senhor, que ele mande logo daqui esta nau Flor de la mar ao Senhor Viso Rei, e lhe escreva por ela qual é o ponto em que tem esta cidade para sua senhoria prover como lhe bem parecer serviço d'Elrei nosso senhor, porque assim lhe é mandado pelo dito senhor, em um capitulo do seu regimento: — que sendô caso que, com a graça de nosso senhor, algum rei submetesse sob seu senhorio, ou fizesse tributario, logo sem nenhuma tardança o faça saber ao Viso Rei, ou outro qualquer como que fizer, para ele aprovar, se lhe parecer bem a seu serviço.

E porquanto, ele senhor capitão mor, para a guarda do Estreito lhe não é necessaria a dita não, porque lhe fica toda a sua armada com que partiu de Portugal, que requeremos que a mande á India para se renovar, e se não perder sem ser necessario. E mais, por ela pode mandar as mercadorias e as párcas e embaixadores ao Viso Rei, que dali irão mais seguramente a Portugal que d'aquí donde diz que as quer mandar; quanto mais, que sabe que Elrei nosso senhor ficava em muita necessidade de dinheiro e que pelo esforço de Sofala, a sua armada não trazia o dinheiro que lhe era necessario para a sua carga: e que este lhe será muito necessario, mais de que mandal-o a Portugal.

Que, portanto, lhe requeremos da parte d'Elrei, nosso senhor, que ele o mande á India. E não o querendo ele, dito senhor capitão mór isto tudo assim fazer, como em nosso requerimento se contou, — nós todos protestamos por todas as perdas, danos e proveitos da fazenda d'Elrei nosso senhor, e mais não somos dignos de nenhuma culpa. E de tudo isto, com sua resposta ou sem ela, (se a dar não quizer), nos dareis os ditos instrumentos, com protestaçõ de de replicar se cumprir.

Feito e assinado por nós, neste porto de Ormuz. — (a) Afonso Lopes da Costa, Antonio do Campo, Francisco de Tavora.

Albuquerque, no dia seguinte, estando os capitães na obra tornou a perguntar-lhes se entendiam em sua consciência, que deviam abandonar a construção da fortaleza e largar para o Guardafui: todos, à excepção de Jorge Barreto, disseram que sim, e no dia seguinte entregaram-lhe novo requerimento:

“Do requerimento e protestaçõ que nós, Manuel Teles Barreto e Francisco de Tavora e Afonso Lopes da Costa e Antonio do Campo, capitão d'Elrei nosso senhor, fazemos ao senhor Afonso d'Albuquerque, capitão mor, vós, João Estão, escrivão desta armada, nos dareis a cada um seu instrumento, e mais se nos necessarios forem, em como é verdade que nos fazemos um requerimento ao senhor capitão mor, no qual requerimento, vós, como levas vassallos d'Elrei nosso senhor, e que nos doemos do seu serviço e da honra de Portugal, lhe fizemos, que fosse ao Mar Roxo, em que tanto seu serviço vae, e, assim, que mandasse a Flor de la mar com as parcas ao senhor Viso Rei, e fosse prover a fortaleza de ¹, como por S. A. lhe era mandado e outras cousas que em ¹.

mento se continha. O qual requerimento lhe fizemos pelo tempo se passar, que a maior perda que Elrei, nosso senhor, nestas partes pode receber, é em perder o tempo do qual requerimento o senhor capitão mor se inclinou o todo mal contra nós, dizendo que fizemos traição em lhe tal requerimento fazer, e outras muitas injurias que, a cada um em especial e a todos em geral, nos tem feitas, e faz, até nos ter prezos em nossas naus e nos tirar nossas liberdades. Das quaes injurias e traições, que diz que fizemos em lhe tal requerimento fazermos, nós protestamos d'Elrei nosso senhor, ou o senhor Viso Rei, emendar nossas honras com todo comprimento da justiça e, assim, pela fazenda do senhor capitão mor Afonso d'Albuquerque, nos ser restituída nossa injuria, como a capitão d'Elrei, que somos, e segundo as nossas pessoas. Do qual requerimento que lhe nós assim fizemos, vós, João Estão, nos destes em resposta que não nol-o haveis de dar, porquanto o capitão mor vol-o defendia. Do qual requerimento e deste, nós vos requeremos da parte d'Elrei nosso senhor e do senhor Viso Rei, que vós nos deis a cada um seu instrumento, com a resposta do senhor capitão mor, ou sem ela, se a ele não quizer dar. E não querendo, vós, João Nestão, dar-nos os ditos instrumentos, nós protestamos que Elrei nosso senhor, ou o senhor Viso Rei, vos dará aquela pena que merece, o escrivão que vae contra seu officio em tal caso; e protestamos de replicar, se cumprir o feito neste porto d'Ormuz e assinado por nós todos a 8 dias de Dezembro de 1507. Afonso Lopes da Costa, Manuel Teles, Francisco de Tavora e Antonio do Campo.

Saibam quantos este instrumento de requerimento virem, que no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de 1507, aos 11 dias do mês de Dezembro, dentro do porto da cidade de Ormuz, me deu Francisco de Tavora, capitão do *Rei Grande*, um requerimento dizendo-me que lhe desse instrumento com a resposta de Afonso d'Albuquerque, capitão mor, o qual o teor, este é que se segue:

Do requerimento e protestação que eu, Francisco de Tavora, fidalgo da casa d'Elrei nosso senhor, e capitão da nau *Rei Grande*, faço a vós João Nestão, escrivão desta armada de Elrei nosso senhor, vós me dareis um e quantos instrumentos mister fizerem, com a fé das testemunhas por mim nomeadas, em como é verdade que segunda feira 19 dias do mês de Novembro de 1507, eu fui no batel da minha nau, com toda a gente dela, a buscar pedra para a fortaleza que nesta cidade d'Ormuz se faz. E tanto que o dito batel foi carregado de pedra, eu, por mais despacho, e por me parecer serviço d'Elrei, me alarguei para me vir com a pedra á dita fortaleza, como devíamos fazer. E tanto que assim me alarguei, o senhor Afonso d'Albuquerque, capitão mor, me chamou que me tornasse. Eu, obedecendo ao seu mandado, como a capitão com Elrei nosso senhor, tornei.

E tanto que assim tornei, ele, capitão mor, me não disse nada, e se foi a passear com Pero Vaz d'Orta, feitor, ao longo da praia. Depois, se veio meter no seu batel, que carregado estava, e se alargou ao mar, e eu com ele. E tanto que fomos largos, ele, capitão mor, por lhe eu e todos os capitães termos feito um requerimento que se fosse d'aqui ao Cabo Guardafui, a fazermos o que Elrei nosso senhor mandava em seu regimento, e mais, que mandasse a Flor de la Mar para a India, com as parcas que esta cidade pagára, para se carregarem especiarias para irem para Portugal e que mandasse recado ao senhor Viso Rei do que tínhamos feito. Ele, ca-

pitão mor, pelo sobredito requerimento que lhe tínhamos feito me tinha odio; e como homem que me queria mal, me disse muitas palavras injuriosas, quantas lhe aprouve, dizendo que eu era um fidalgo ruim e traidor, e que me enchia a boca de merda, e que lhe fugira do Serame, quando deante desta cidade pelejavamos, querendo ele, capitão mor, tomar um paia. E assim me disse outras muitas palavras, chamando-me traidor, e me fez entrar no batel, pondo as mãos em mim, irosamente, não como capitão mor, mas como inimigo. e honra que me queria injuriar, desafiando-me, e que eu mentia como traidor e ruim fidalgo.

E não contente disto, me mandou levar á sua nau onde, outrosim, me disse o que quiz, e dahi me mandou para a minha nau, prezo, mandando ao ventre e piloto dela e assim a toda a companhia, que me não obedecessem nem fizessem o que lhes eu mandasse. A's quais palavras que me assim disse, a tudo eu fui mui obediente, como a meu capitão mor, que era. E não quizera que me fora feito, nem ditas as sobreditas cousas, por cem mil cruzados d'oiro, as quaes antes quizera perder. E protesto me serem julgados dele, capitão mor, por me assim injuriar, e mais, haver o castigo em Elrei nosso senhor, vir que ele, em tal caso merece, por me assim chamar traidor e dizer que fugira, dizendo-lhe eu que se não deshonrasse dente do serame, e não perdesse quanta honra tinha ganhada, e que saltassem, em terra e que pelejassemos. E assim em Mascati, — uma das ilhas que tomámos deste reino d'Ormuz — que foi o lugar em que nós em maior afronta vimos, eu, com a gente da minha nau saltei em primeiro em terra; e assim em todos os logares que tomámos servi Elrei nosso senhor, como mal e bom fidalgo que sou, e não como traidor, como ele, capitão mor me disse. Pelo qual peço a vós, escrivão, da parte d'Elrei nosso senhor, que me dê o dito instrumento, com a fé das testemunhas por mim nomeadas, para Elrei nosso senhor, ou o senhor Viso Rei tudo ver, e fazer o que fôr justiça, como prestação de, por sua fazenda e rendas, dele, capitão mor, eu haver os ditos cem mil cruzados da injuria, e lhe ser dado o castigo que em tal caso, Elrei ou senhor Viso Rei virem que ele merece. E com sua resposta ou sem ela vós, escrivão, me dareis o dito instrumento, como prestação das custas, e de replicas, se cumprir.

*
* *
*

Aos 18 dias do mez de Dezembro de 1507 anos, deu a mim escrivão, Afonso d'Albuquerque, capitão mor, a resposta a este requerimento. E' este que se ao deante segue:

Eu pudéra mui bem escusar de responder a este requerimento que me o senhor Francisco de Tavora faz, ou instrumento que pede contra mim, de agravos que lhe fiz, porque, em taes casos, não ha mister instrumento nem resposta minha, senão inquirição de testemunhas, como eu logo mandei fazer: quero-lhe, porem, responder, para que Elrei nosso senhor o castigue, como vir que é seu serviço.

E' verdade que estes quatro capitães que Elrei mandou comigo de Portugal, se ajuramentaram, e todos em conselho trabalham quanto podem por amar as cousas d'Elrei em que ando trabalhando, com deshonrosos requerimentos e desacatamentos contra a minha pessoa, e vizes allas, e outras cousas semeadas na cidade, por si e por homens seus, para o desconcerto e desasocego da minha armada, e do assento das cousas d'Ormuz,

E posto que eu não castigue com todo o rigor, como eles merecem, em algum tempo disse a Elrei nosso senhor, e por que o não fiz: porem de todas as suas cousas tenho tirado inquerições e feito autos disso.

E expondo ao que Francisco de Tavora diz; que eu lhe tenho má vontade por um requerimento que me fizeram. Não creio eu que êle, nem ninguém, em mim tal conhecesse nem sentisse; e na resposta que, por palavra, lhe mandei dizer por João Nestão, se verá como meu coração estava cheio de odio contra êles: antes lhes mandei pedir, por mercê, que estas coisas em que andavam comigo, tivessem tal segredo, que os mouros as não soubessem, para não entenderem que os capitães andavam comigo nestas embrulhadas, em tempo que tanto cumpria ao serviço d'El-Rei, nosso senhor, todo o socego e corrente na sua armada, todos em um querer com o seu capitam, sôbre quem tudo pende, por termos tão grande pressa nas naus e os mouros não terem nenhum receio senão em nos serem leais, verdadeiros, todos em me querer, e de uma vontade: — e mais, Coje Atar perguntára já, que documento é êste em que os capitães andam com o capitão-mór? — Eu lhe mandei que dissessem que era sôbre as naus que eu lhes dêra e em que êles tinham parte, e que se agravaram disso. Porém êles são tão sizudos e ajuizados, que sabiam como os capitães trabalharam para não fazer fortaleza em Ormuz, e por me tirarem dali no mez de novembro e dezembro para lançar a perda à armada; e assim, que tirasse de mim cem homens e os mandasse para a India em a Flor de la mar, e outras cousas mui feias e de pouco serviço d'El-Rei, que eles tinham postas em um requerimento, que os mouros mais bem sabiam, e sob a côr do serviço d'El-Rei, por danarem minha honra, trabalhavam, quanto podiam, por danar os mouros d'Ormuz.

E quanto ao que diz Francisco de Tavora, que eu lhe queira mal, pelo nosso seguimento, bem sabe como ele mesmo me veio descobrir que os capitães me queriam fazer um requerimento, e que ele assignaria nele; e eu lhe respondi, — rindo e sem nenhuma paixão, — se lhe parecia bem, que o fizesse, que tomasse prazer e folgasse. E depois disso, apartadamente, muitas vezes falei com ele, dando-lhe mui bons conselhos, e mostrando o caso ser mui leve.

Em minha conversação lhe mostrei sempre sinal de amor e amizade, e contudo, não o pude tirar dos induzimentos e maus conselhos de Afonso Lopes da Costa, Antonio do Campo e de João da Nova.

Por este requerimento, cheio de engano, mereciam eles mui grande castigo por estas razões: a primeira, não quizeram saber minha determinação, nem o que esperava fazer; e sabendo meu fundamento, com mais honestidade poderiam fazer o que queiram. A outra, é não me quererem tratar com aquele amor e cortezia que eu a eles faço.

Quando por causa do serviço d'El-Rei nosso senhor chamava-os a todos a conselho e assim a outros senhores; isto parecera a uns e a El-Rei nosso senhor bem, e fôra obra de capitães obedientes, para o seu capitão mór fiar os erros, que de El-Rei mandou fazer de seus conselhos. A outra, trez dias antes que me este requerimento fizeram, os tinha chamado a conselho. Quando estando a perguntas um João da Nova, um Antonio de Campos disse-lhes: — Senhores, dizei-me vosso parecer: será melhor e mais serviço d'El-Rei irmos na volta do C. de Guardafui, ou segurar as cousas d'Ormuz? — Cada um me deu ali o seu parecer. Eu lhe dei a minha voz. Jorge Barreto e eu fomos em seguida a Ormuz, e estes capitães foram nas voltas do Cabo. Alguns deles, depois de me ouvirem, se volveram comigo em ser mais sã conselho segurar as cousas de Ormuz, com a fortaleza que andava fazendo. Disse eu então: — Senhores, esta cousa é tão grande, que

cumprer tomar bom conselho Cuidai bem nisto, e chamarei outros capitães que aqui não estão e outras algumas pessoas a conselho e faremos o que mais for serviço d'El-Rei.

E assim me despedi deles Estes senhores não quizeram isto aguardar, nem lhes pareceu que, com este socego e concordia se tomaria a determinação sem causar mal ao serviço d'El-Rei E dali a trez dias com suas danadas vontades me fizeram um requerimento como a um almoxarife, ao qual eu não respondi por eles me não mostrarem poder de El Rei nosso senhor para me tal fazerem, e o requerimento ser todo, que faça eu num requerimento, pondo capítulos dele no seu requerimento, seguindo me cousas conforme suas danadas vontades, estando eu debaixo do regimento d'El Rei, fazendo cousas de grande estado seu, gloria de sua victoria e que eles me deviam ajudar, e não estorvar E isto expondo ao instante que aponta Francisco de Tavora no seu que contra mim pede E quanto ao que diz Francisco de Tavora, da maneira que foi à pedreira e se veio e que soia assim fazer, que lhe pareceu serviço d'El Rei fixar-me e riu-se com o seu, e tudo isto determinado por ele, como ele confessa e diz digo que é verdade que eu mandei dizer a Francisco de Tavora que se fizesse prestes para irmos á pedra, e tomei o meu batel e o aparelhei para tambem ir á pedreira Francisco de Tavora, porem ajuramentado como os outros em fazer todos a descortezia, como saiu, passando eu os seus erros com muita paciencia, se partiu com o seu batel caminho da pedreira e não quiz esperar por mim Dali a pouco cheguei á pedreira onde ele estava e lhe não disse nada, mas, antes, mui despejado para ele, rindo e folgando com ele, andámos por ali passeando, como todos viram E nisto veio o feitor a cavalo, por terra a me falar em cousas do serviço de El-Rei nosso senhor, e me apartei para detraz dum penedo com ele e depois de o despachar me tornei nos bateis, e Francisco de Tavora ia já um bom pedaço fóra no seu batel, sem meu mandado, deixando-me ali só

Mandei-lhe capear e charrear, por um bom pedaço não quiz tornar Volveu-se, não lhe disse nada, antes calei tudo porque dias havia já que conhecia a semente que Antonio do Campo tinha semeado nos corações dos capitães, dizendo que eu lhe mostrara uma carta em que lhes roubava suas honras, escripta ao Viso Rei e assim dalguns fidalgos e cavaleiros da armada, indignando-os todos contra mim

De-maneira que chamei todos os capitães e lhes mostrei a carta com muitas justificações e boas palavras, mostrando não ser verdade o que Antonio do Campo lhes andava dizendo

Todavia, suas descortezias e desacatamentos contra mim não deixaram de fazer E, assim, pareceu bem a Francisco de Tavora partir se e deixar-me só E assim me meti no meu batel e nos viemos ambos com a pedra e no caminho disse eu, alto, do meu batel

— Senhor Francisco de Tavora, com mais cortezia e acatamento vos aguardo eu, quando vos vindes para mim Entre duas pedras me deixais em terra de inimigos e partides sem um mandado e sem mim?

Francisco de Tavora se levantou, descrendo de Deus e de Santa Maria, com palavras deshonestas e descortezas dizendo — Vós não me haveis de castigar, nem trazeis poder de me castigar Tornae á náó, senão, se nos fazemos á vela, hei de vos fugir

Então lhe mandei que se passasse ao meu batel, e lhe disse que se lembrasse que era um fidalgo pobre, chegado de novo, que ^{quizesse} perder com El Rei, nem andar comigo naquelas boas palavras e conselhos Respondeu-me que ^{quizesse} não queria nada de El-Rei senão ir-se para

Isto tudo se passou assim; e o al que diz no seu instrumento, diz o que lhe apraz.

Descarregada a pedra, volvi à minha nau com ele, e ali mandei chamar os capitães, porque os via já andar tão danados, inclinados a todo mal e desasossego dos casos de Ormuz, que me pareceu serviço d'El-Rei tomar alguns nisso para não serem nossas cousas tão publicas aos mouros, porque as cousas dos capitães contra mim e contra as cousas do serviço d'El-Rei eram já tão claras, que se não podiam curvar doutra maneira, senão com o cutelo da justiça d'El-Rei ou com a paciência de Job.

E portanto os chamei e lhes disse a todos o que hei aqui por escusado apontar, por quanto mandei a João Nestão escrivão da armada, que o escrevesse: e lhes mandei que cada um folgasse e houvesse prazer em sua nau, e quando quizessem ir a terra, que m'o fizessem saber, porque, encontrando algum caso, (o que Nosso Senhor defenda), por estarmos em terra de inimigo saiba eu que tenho um capitão em terra. E quanto ao trabalho da fortaleza, eu havia por escusado suas pressas, para socego de nossos filhos, porque não era tão grande o trabalho que houve na fortaleza, que não houvesse por muito maior o que eles cada dia faziam contra mim. E assim mandei a Francisco de Tavora, porque me ameaçava com a fugida da nau, que, por então, não entendesse no mando da nau e da gente. E isto respondo porque negar a Sua Alteza donde as cousas nascem.

E no que diz Francisco de Tavora no seu instrumento que se foi donde eu estava por lhe parecer mais serviço d'El-Rei, porquanto eu: onde eu estou não sou eu o ministro e juiz das cousas do serviço d'El-Rei, e de quem ele as confiou e não ele? Pois como diz que lhe pareceu serviço d'El-Rei e se foi, é bem de entender Sua Alteza estas embrulhadas, das quaes praza a Deus não nasçam outras peores.

Quanto a algumas palavras que diz no seu instrumento que lhe disse, não é meu costume dizer palavras injuriosas aos fidalgos que andam debaixo da minha capitania, mas palavras de cortezia e de repreensão, boas e honestas, que os taes não devem ser castigados doutra maneira de seus capitães.

Quanto ao que diz que o desafiei, não era necessario desafiar a quem eu trago poder para mandar seus erros; é certo que, cousas me disse ele, que deixava eu de lesa vontade a capitania e o poder que trazia sobre ele, para lhe mostrar que, não sendo seu capitão mor, me não falasse ele assim.

Quanto a ter-me dito deante de Serame que não perdesse quanta honra tinha ganhado, que saltassemos em terra — pelejassemos, — certo é ser ele tal cavaleiro, e tem tão bem servido El-Rei Nosso Senhor, que digno é de toda a honra e mercê que se lhe fizer.

E poderá ser que diria o que diz: mas eu não lho ouvi, antes determinei meter os mouros pela porta do castelo dentro. Indo eu no batel de Manuel Teles, mandei ao seu batel e ao de Flôr de la Mar, que puzessem as proas em terra comigo. Mandei então ao batel em que ia, quẽ puzessem as proas em terra deante da porta de Serame e porta do castelo, onde matei muitos mouros, e os meti pela porta do castelo dentro, e deixei o Serame. Era ali Antonio do Campo no seu batel, e mais não sei. Dali arranquei apoz os galeões que fugiam, e então me seguiram os bateis todos, e ali me feriram Manuel Teles e outros fidalgos que comigo eram no batel.

E quanto ao que diz que saltou primeiro em Mascate do que ninguem, ele é tal cavaleiro, que em todas as cousas d'afronta sempre folgou ser dos primeiros: porém, seria contra minha ordença e mandado que ninguem saísse primeiro que a minha bandeira, para ter a minha gente e me fazerem corpo, e não que cada um seguisse por onde quizesse e desembarcasse onde lhe aprouvesse.

Mando a João Nestão que quanto a este instrumento do V. pappeiro de Tavora; e por escusar escandalos, não é necessario dar-lhe nenhuma resposta nem ele sua réplica, sómente sua justiça que aquil pede e julga se possa ir já ante El-Rei Nosso Senhor que sea poder e alçada me deu e me fez capitão de sua armada; porque assim o hee por cõvynção do Rey Nosso Senhor.

Eu João Nestão, escrivão da armada que este escrevi, (n) foyto jto (n)to,

fronteiro de Ormuz chegára um enviado do Sheick Ismael que vinha receber as pareas anuais em divida, e por isso lhe rogava dissesse o que lhe havia de responder.

Albuquerque mandou logo entregar ao Cwaja Atar, dois pelouros de bombarda e duas lanças de fogo, pedindo-lhe para que tudo mandasse ao enviado a quem diria que o Reino de Ormuz era hoje pertença de El-rei de Portugal e que o seu capitão, que ali estava, lhe pagaria as pareas naquella espécie de moeda: — que as viesse receber.

Cwaja Atar transmitiu o recado ao Embaixador, que parece ter retirada de pronto, pois mais se não ouviu falar dele.

A isto seguiu-se mandar Albuquerque pedir a Cwaja Atar a entrega dos quatro desertores, ao que aquelle respondeu não estarem já em seu poder tendo passado para o continente, mas que os ia mandar prender; em compensação pedia a Albuquerque para soltar a gente da terra que estava presa a bordo dos navios: Albuquerque acedeu, e enviou-lhe 80 prisioneiros que tinha; mas o Cwaja Atar não correspondeu a esta liberalidade e não mandou os desertores portugueses.

Albuquerque resolvido a jogar as ultimas suspendeu os trabalhos, e mandou recolher a bordo a feitoria e os portugueses que estavam em terra.

O Rei, surpreendido, mandou logo perguntar porque se interrompiam os trabalhos e Albuquerque respondeu que visto Cwaja Atar se ter resolvido a burlar-o e contrariar-o, andando de má fé, já não queria fortaleza ali, nem manter amisade, mas guerra a todo o transe.

Os capitães exultaram por julgarem ter encontrado um meio de colocar mal o capitão mor e enviaram-lhe *um escripto* em que lhe censuravam o que estava fazendo, arriscando-se a perder tudo quanto ganhara, e que como isto era contrário aos interesses de Elrei, lhe notificavam que se fizesse a guerra a sustentaria só, porque eles declaravam terminantemente que o não ajudariam; a data deste documento é de 5 de Janeiro de 508.

Albuquerque pasmou da incoerência dos capitães que primeiro queriam que se abandonasse a fortaleza e agora que se sustentasse; que antes queriam a guerra e agora recuzavam entrar nela, e dirigindo-se à *Taforea* de que era capitão Atonso Lopes da Costa, onde mandou chamar os capitães, perguntou-lhes nitidamente: desembarcariam e combateriam se ele mandasse? Sim ou não?

Responderam terminantemente que não!

Albuquerque accentuou pausadamente:

— Não esqueaes essa palavra; lembrai-vos sempre de que declarasteis não pelejar onde pelejar o vosso capitão mor em cujo poder e obediencia vos poz Elrei, porque é caso de traição.

Francisco de Tavora voltou-se para êle protestando de que êle não fizera tal afirmação: pela sua parte, acompanharia sempre o capitão mor; se este fizesse guerra, tel-o hia a seu lado, obedecendo-lhe a quanto mandasse. (1)

Despedidos os capitães recolheram ás suas naus, e tendo meditado

(1) Apezar disto Francisco de Tavora, a 5 de Fevereiro de 1508 escreve ao Viso Rei queixando-se de Albuquerque lhe ter «lançado a perder honra e fazenda» e que «quando bem esperava me tem deshonrado a mim e a toda a minha linhagem. A menor palavra que me disse, chamou-me traidor, muitas infindas vezes, .. Lá escreve ele a V. S.^a uma carta, e é o contrario de todos que vos escreve, porque nunca teve conhecimento de V. S.^a, e queria mal a quem lhe falava em V. S.^a: estes são os capitães que Elrei manda para lhe danarem todo o trato da India!»

na gravidade do caso, arrependeram-se e mandaram pedir por Fernão Soares a Albuquerque que lhes perdoasse e que obedeceriam ao que mandasse. Albuquerque deu-se por satisfeito.

No dia seguinte ordenou a João da Nova e Francisco de Tavora, que fossem com as suas naus para o lado oposto da cidade aproximando-se quanto podessem da terra, prontos a bombardear-a, e mandou aproximar os outros navios do palácio: feito isto, intimou a entrega imediata dos desertores sob a ameaça de bombardear a cidade.

Cwaja Atar respondeu mandando muita gente à fortaleza, a qual matou alguns dos portugueses que ali ainda estavam, fugindo outros. Albuquerque abriu fogo, o que fizeram, também, as naus que estavam do outro lado:

Era a guerra declarada.

XIV — Insubordinações — Prisão de João da Nova e outros capitães — Partida de Albuquerque para a Índia

1508

Dois dias e duas noites durou o bombardeamento, causando grande mal na cidade, a que os mouros respondiam também com baterias que improvisaram; na armada, porém, começava a faltar a pólvora, os reparos, muito velhos, quebravam, e as naus abriam, a ponto de ter o capitão mor de fazer cessar o fogo, passando então a bloquear a ilha obstando a que para lá fosse água da Ilha de Queixome (Kishm); e como via que as coisas se complicavam e teria talvez grande demora, mandou preparar Manuel Teles para ir a Socotorá a levar mantimentos à guarnição daquela fortaleza, e ordem a todos os navios que encontrasse para virem sobre Ormuz.

Então voltou João da Nova à carga, pedindo para o deixar partir, com o mesmo successo que tivera das outras vezes.

O bloqueio exasperou a população a quem faltavam já víveres e sobretudo água, porque os proprios poços de Turumbaque os mandára Albuquerque destruir.

Escaramuçou-se, contudo, em volta destes poços sendo feridos D. Antonio de Noronha, Nuno Vaz de Castelo Branco, Gomes Teixeira e outros, ao todo uns cincoenta. Dos mouros morreram muitos, entre eles um filho do Rais Nurudin.

A população da cidade, já esfamada e sedenta vociferava agora, abertamente contra Cwaja Atar, que vendo perdida a sua popularidade, mandou o Armenio Cwaja Beiram a Albuquerque pedir paz: Albuquerque respondeu que nada tratava sem a entrega dos desertores, da fortaleza e duma indenisação pelas despesas da armada. O Rei acedia a tudo menos à restituição da fortaleza e, portanto, nada se assentou: as condições mais uma vês desesperavam de partir.

Havia falta de água na armada, pelo que o capitão do Campo com o feitor Pero Vaz d'Albuquerque partiu bonde. Como encontrasse

Campo voltou a Ormuz prevenir Albuquerque que largou logo para lá com êle e com Francisco de Tavora, repeliu os mouros, fez a aguada e regressou a Ormuz.

Continuando o bloqueio, avisaram Albuquerque de que João da Nova se aproximava de noite da terra, onde falava com os mouros que diziam que Cwaja Atar daria quanto quizessem para que retirassem, mas que Albuquerque com a sua teimosia prejudicava tudo: e que João da Nova comunicára isto aos outros capitães, combinando todos revoltar-se, devendo João da Nova iniciar o movimento.

Albuquerque, forçado pelas circunstâncias, fingiu ignorar o que se passava, até que um dia, estando todos os capitães na sua nau, e incitado por estes, João da Nova voltou à carga pedindo para se ir embora para a Índia.

Albuquerque, passeava na tolda da nau de um para outro lado, em frente dos capitães a quem ao mesmo tempo falava, coçando a longa barba. Sempre passeando repetia mais uma vez a João da Nova as razões porque o não podia dispensar: a sua nau era a mais poderosa de todas, um unico navio que se fosse e o bloqueio tornar-se hia impossível; a cidade chegara à ultima extremidade, não tardaria a render-se...

Mas João da Nova, cabeçudo, surdo a toda a reflexão, e incitado pelos olhares que os outros capitães lhe lançavam acabou por disparatar:

— Bem vejo senhor que faço êrro em vos pedir uma licença que tenho do meu capitão mor.

Os outros capitães apoiaram, e Albuquerque vendo a insubordinação a estoirar, parou de subito defronte de João da Nova, ameaçador:

— Que? Que? João da Nova? dizeis que tendes licença para me abandonar e que me desobedecereis?

— Se soubera que havíamos de ter estes debates, nem uma só palavra a tal respeito vos diria e já me fora ido. E num rompante de decisão: E assim o farei!

Albuquerque muito enfiado avançou um passo para êle:

— A esse grande desacatamento eu responderia cortando-vos esses vãos sonhos que trazeis na cabeça, que em ferros andareis sob a minha coberta.

— Ferros mereceis vós por outros môres erros que tendes feito.

Albuquerque então, agarrando-o pelos peitos, sacudiu-o, gritando:

— João, Estão! Meirinho! Meirinho! A ferros, a ferros com este traidor.

O meirinho correu e poz os ferros a João da Nova. Os capitães asombrados, ficaram imóveis.

Ao lançar as mãos ao João da Nova, como este tinha a barba muito longa, Albuquerque agarrou-lha tambem, e com os sacões que lhe deu arrancou-lhe parte da barba, e, quando João da Nova prêso, Albuquerque abriu as mãos, caíram no convez os cabelos.

João da Nova baixou-se, apanhou os cabelos, meteu-os no lenço, "e com muitas lágrimas, disse:

— O que me fizeste, vós e Tristão da Cunha, isso pagarão... porque perante o conselho d'Elrei me irei queixar desta injuria que me fizestes em me arrancardes as minhas barbas...

Albuquerque já com os nervos distendidos retorquiu:

— Tudo o que vos julgarem pagarei... Perdoe-vos Deus que tomaes maus conselhos de quem vos mete no fogo e se afasta para fora e fazem de vós cabresto...

João da Nova foi metido sob a coberta; mas o calor ali era tal que

sufocava, e a pedido de Francisco de Távora e de Jorge Barreto foi passado para o castelo da prôa, e pouco tempo depois voltou para a sua nau com menagem assinada de que se não separaria do capitão-mor sem licença.

Percebeu então que fôra ludibriado pelos colegas que lhe não tinham acudido, e queixava-se abertamente disso.

Os capitães pela sua parte estavam vexados por ter o capitão mor percebido que eles faziam de João da Nova "cabresto", e um dia, em conversa a propósito das dificuldades e trabalhos que havia em fazer aguada, Afonso Lopes disse que todos estes trabalhos provinham dele, capitão-mór, se não ter contentado com as propostas dos mouros; o que dava em resultado toda a gente andar cansada e aborrecida e desse aborrecimento resultara João da Nova querer-se ir embora, e com muita razão...

Albuquerque interrompeu-o:

— O aborrecimento de João da Nova foram os maus conselhos que lhe deram e que ele não entendeu; e quanto aos acordos com os mouros, o juiz disso sou eu e mais ninguém, porque para tal tenho poderes.

Afonso Lopes, azedo, retorquiu irónico:

— Por maiores poderes que tenhaes, não tendes o de nos fazeres cortar as cabeças, e, portanto, sempre em ultima instancia lá está Portugal.

E Manuel Teles, também presente, acrescentou:

— Homens somos que, por mais poderes que Elrei vos dê, outro resguardo devíeis ter comnosco por sermos quem somos.

— Não me deu Elrei poderes para vos fazer cortar as cabeças, mas lá ireis dar-lhe contas do que fizestes; dae-me as vossas mãos.

E ergueu-se muito enfiado, chegando-se a eles.

Os três, intimidados, deram-lhe as mãos e Pero de Alpoim, o ouvidor, tomou conta deles, levou-os às suas naus e entregou as capitánias aos mestres. Mas passados três dias, a rogo de seu sobrinho D. António de Noronha, o capitão mor soltou-os.

O bloqueio proseguia, com grande aborrecimento dos capitães, já dispostos o tudo. Da praia, de noite, os mouros gritavam, para que dos bafês da ronda os ouvissem, que a culpa da guerra era do capitão-mór que se não contentara com tão boas pareas como o Rei pagava, procedendo em opposição com os interesses do próprio Rei de Portugal.

Afonso Lopes da Costa, o mais atrevido e indisciplinado de todos, tomou então a resolução de fugir: não queria, porém, ir só: falou a João da Nova, falou a António do Campo e a Manuel Teles. João da Nova, que apesar de ser um audaz, era de nobre carácter, recusou:

— Muito me peza, mas não o posso fazer que tenho menagem dada e não a quero perder, porque espero ir ante Elrei fazer minhas demandas contra o capitão-mor.

Os outros abandonaram-o e nessa noite, quando partiram para a ronda, fizeram-se na volta do mar e largaram para Mascate, onde tomaram água, seguindo para a Índia: no caminho aprezeram uma rica nau de Cambaya que vinha de Meca.

Quando Albuquerque, na manhã seguinte, foi na sua nau dar a costumada volta à Ilha e apenas encontrou Francisco de Távora e João da Nova e soube que os outros tinham fugido, "houve mortal paixão". Voltando logo ao ancoradouro, chamou a bordo os dois capitães, e os mestres e pilotos, "e fez piedozas exclamações contra os capitães fugidos", apelando para todos os presentes testemunharem, quando preciso, "agora, que Ormuz estava com tal apêto que com mais 20 dias de...". E mandou os aprezoar, se via obrigado a levantá-lo. E mandou os aprezoar, rando as suas fazendas perdidas para a corôa.

Então tomou menagem a Francisco de Távora de que não se separaria dele e disse a João da Nova que iria em sua companhia até ao Cabo Roçalgate e daí iria para a Índia, e deu licença para que com este embarcassem Jorge Barreto, Nuno Vaz de Castelo Branco, Braz da Silva e outros feridos. E com eles, Pedro Álvares, "creado do Conde de Vila Nova, que era sua valia" com cartas para o Viso Rei contando o que se passava, e pedindo-lhe para castigar os desertores, do tamanho insulto que fizeram em deixarem a bandeira do seu rei na guerra e fugirem a seu capitão-mor". A João da Nova entregou cartas para o Viso Rei (1).

No dia seguinte, estando para largar, veio então um recado do Cwaja Atar: que acedia a tudo menos a entregar os desertores porque já estavam mouros. Albuquerque respondeu que dissessem ao Cwaja que elle se iria por então embora, mas que voltaria; e que quando voltasse, a fortaleza devia estar concluída, ou elle a acabaria com os ossos dos mouros principais; e quanto ao quatro desertores, os havia de queimar dentro da mesquita grande com quatro mil homens e mulheres, e as pareas passariam a pagar duplicadas. E fez-se à vela com o rumo para o Cabo de Rozalgate — Abril de 1508 —; João da Nova, durante a noite fugiu-lhe. Só com Francisco de Távora, foi Albuquerque seguindo seu caminho, e antes de chegar a Socotorá aprezou uma nau que ia para Meca.

Em Socotorá a guarnição da fortaleza estava miserável de doenças e fome e o capitão, D. Afonso de Noronha à morte; a chegada das duas naus levou enorme alegria áqueles desgraçados. Dali expediu Francisco de Távora a Melinde para comprar mantimentos, e bom taboado para o concerto dos navios, e elle, Albuquerque, foi cruzar no Guardafui, e onde o Távora o encontrou quando voltou de Melinde.

O Távora trazia comsigo Diogo de Melo e Martim Coelho que encontrara na costa de Melinde — dia de Nossa Senhora de Março de 1508. Eram dois bons navios e com bastante gente. Albuquerque partiu logo para Socotorá onde no entanto a população se revoltara contra os portugueses. Apaziguada essa revolta, Albuquerque e o Távora concertaram os seus navios e fizeram um bergantim cuja capitania deu a Nicolau de Andrade "bom para isso", e em Agosto de 1508 saiu para Calayate, com a ideia de lhe fazer guerra.

Por um mouro ali aprisionado soube Albuquerque que o Emir Ôcem (Mirocem), capitão do Turco, com uma armada de naus e galés, e na companhia de Malik Ayaz fora a Chaul onde batera uma armada portugueza, e regressara a Diu: era a noticia do celebre combate de Chaul; mais o informavam de que em Ormuz a miseria era enorme pela falta de mantimentos, e de água; que o Rais Nuru-d-diu estava agora contra o Cwaja Atar, por este lhe ter expulso os filhos da cidade, e que os Rustazes se tinham revoltado contra o Rei por causa de Cwaja Atar, abandonando a cidade:

Albuquerque largou logo para Ormuz. A esse tempo já o Cwaja Atar construíra dois baluartes nas casas do Rei e barricara varias ruas tudo sob a direcção dum renegado portuguez.

Apenas Albuquerque fundeou, veio um mouro dizendo que queria mostrar uma carta que o Rei recebera do Viso Rei e na qual este reprovava todo o procedimento de Albuquerque, prometendo punil-o logo que ele chegasse à India, e que por sinal de amizade mandara soltar todos os prisioneiros que Albuquerque mandara para a India.

Albuquerque percebeu que tudo isto era já o resultado das más informações que os capitães teriam dado ao Viso Rei, mas como o Viso Rei ter-

(1) Carta de 2 de Fevereiro de 508 — 6 de Fevereiro de 508 — 15 de Fevereiro de 508.

minava o tempo de governo nesse ano de 508 e ele tinha no bolso o decreto que o nomeava para lhe suceder, resolveu esperar, entretendo o tempo, por aqueles mares, seguindo para a Índia na ocasião própria para assumir o governo

Deve ser por esta época, que Albuquerque recebe a carta do Viso Rei que segue

D Francisco d'Almeida V Rei das Índias, por El-rei meu Senhor, faço saber a vós, muito honrado Senhor Afonso d'Albuquerque, que na boca do Mar Roxo andaes por capitão mor, e assim a outro qualquer capitão-mor ou capitão que de Portugal venham, que eu tenho sabido a guerra que foi entre Afonso d'Albuquerque e Ormuz, depois de ter com ele assentado as pareas, e serem vassallos do dito senhor, e por o assim haver por muito serviço de S A, eu escrevi a El rei d'Ormuz que, se quizesse todavia, pagar, e estar pelo que estava assentado, que lhe daria boa paz, e a todas as suas gentes e naus de seus portos, ao qual dei tempo que me respondesse, antes que viesse o tempo da outra e das pareas, e porque poderá ser que, não sabendo que isto assim está, vós, Senhor Afonso d'Albuquerque, tornareis lá, a fazer guerra, vos notifico este recado que la tenho mandado, e peço-vos por mercê, assim a vos como e outro qualquer capitão-mor, ou capitães, que este virem, que, durante o dito tempo, não façaes guerra a nenhuma cousa d'Ormuz, nem que estejam em seus portos, e assim vos mando da parte d'El-rei meu senhor, pelos poderes que de S A tenho, e, se no tempo que as pareas se hão de pagar, porque ainda então os tempos não servem para vir para a Índia a me trazer resposta se vós la fosseis chegado ou chegados, requerer-lhes-heis as ditas pareas que estão assentadas, e, se vol-as der, far-lhes-heis muita boa paz e amizade, em todas as cousas, e não tentareis fazer fortaleza em terra, e as pareas são 15 mil serafins d'ouro por ano, e pagam-se na entrada d'Outubro, como vereis pelo assento que eles lá teem, e não vol-as pagando, fareis o que vos parecer que é mais serviço d'El-rei meu senhor, e, fazendo-vol-as, fareis com as naus o que S A vos mandar, e os dinheiros mandareis cá, porque cumpre muito a serviço do dito senhor (Doc sem data)

Albuquerque bloqueou novamente a Ilha, indo os bateis das armadas abastecer-se de água à Ilha de Lara, tendo de guerrear com os mouros

No entanto recebia ele informação de que Cwaja Atar mandara organizar uma armada em Julfar, e que o Sheick Ismael mandara uma expedição em auxílio de Ormuz, a qual chegara já a Nabonda, lugar a 3 leguas de Ormuz, e donde lhe vinha a água, e aí esperavam oportunidade para passar para a Ilha Albuquerque deixou a Diogo de Melo em observação a Julfar e ele largou para Nabonda onde desembarcou de noite, travando combate em que morrem dois capitães do Sheick Ismael e saqueou a povoação. «E porque este feito foi grande, sendo tantos mouros, e os nossos tão poucos, correu grande fama pela terra dentro e o proprio Sheick louvou muito os portuguezes e mandou mensagem d'amizade ao capitão mor», mas quando este mensageiro chegou já Albuquerque partira para a Índia

Neste combate estiveram Gaspar Machado, Luizado, Antonio de Sá, Bartolomeu Pereira, João Coelho, Antonio Quimado, Francisco de Tavora, Ferreira de Melo, Jorge da Afonso da Costa, Balino de Miranda, Sizuarie

Antonio Fragozo, João Teixeira, Antonio Vogado, Martin Couto, Diogo de Melo, Diniz Fernandes de Melo, Diogo Camacho, Antonio da Silva, Cristovão de Magalhães, Cristovão d'Azevedo, Vicente Freire. "E contei estes, porque todos foram feridos, porque o feito foi de verdade."

Recolhidos a bordo, soube Albuquerque que Diogo de Melo, que estava de guarda á agua na I. de Lara fora atraído a uma embuscada e morto com mais dez homens. Nessa mesma noite "com a lua nova" caiu um temporal sobre a armada, correndo os navios a abrigar-se por onde podéram, e a *Cirne* abriu uma agua tal, que 80 homens a dar às bombas a não esgotavam; vendo-se em tal apuro, Albuquerque fez-se de vela e com ele toda a armada e largaram para a India, chegando a Anjediva com muito trabalho. Demorou-se aí um día e seguiu para Cananor, onde chegou quando estava reunida a grande armada que o Viso Rei tencionava levar a Diu.

Andava havia dois anos e oito mezes no mar: "do que deu muitos louvores a Nosso Senhor," sem o menor descanso, lutando contra tudo e contra todos; ia roto, despedaçado e, sobretudo, desesperado — "bramindo de colera!"

XIV — A chegada dos desertores a Cochim — O castelo de cima — O negocio da pimenta

1507

Precisamos agora voltar atraz e ir a India ver o que se passou desde que deixámos Cananor em Março de 1507.

O Soldão do Cairo, privado agora da sua principal origem de rendimentos pela interferencia dos Portuguezes no commercio oriental, organizou uma armada de 12 navios com 1500 homens, sob o comando de Mir Ocem: esta armada no seu caminho ataca Imbo, cujo scheick mata, e Ioda que saqueia, e vae fundear em Diu, onde se entende com Malik Ayaz, para ele se juntar contra os Portuguezes. Este contracto ou aliança chega ao conhecimento do Viso Rei que manda logo sair D. Lourenço com 8 navios a guardar as feitorias de Cochim e Cananor.

No entanto, em Abril, chegavam á barra de Cochim Afonso Lopes da Costa, Manuel Teles e Antonio do Campo: supoz-se em terra que seriam navios da armada de Tristão da Cunha que tinham ficado para traz. Os trez capitães desembarcaram, foram á igreja fazer oração, e seguiram para a fortaleza a cuja porta o Viso Rei estava sentado sob a ramada, com pouca gente, porque quasi todos tinham ido com D. Lourenço.

Afonso Lopes da Costa falou em nome dos trez.

"Senhor, vedes-nos aqui todos trez fugidos d'Afonso d'Albuquerque, que é tal em seus feitos e condições que antes aqui queremos estar em ferros,..." acrescentou que isso seria o menos, mas o peor era o que ele fazia contra o serviço real: guerreou e affectou o Reino d'Ormuz por forma tal, que o Rei dava um conto de serafins, e talvez mesmo desse dois, para que ele o deixasse, mas Albuquerque não aceitou! E ao mesmo tempo que, assim, ostensivamente regeitava o que Ormuz oferecia, recebia a ocultas dinheiro e ricas peças, de fornía a fazer a paz com um tributo pequeno e ficar ele rico! E como os capitães lhe fossem á mão, "se fez tão forte e iroso contra nós, e tão izento, fazendo coisas tão demasiadas e deshones-

tas, que parece que nenhum temor tem de Deus, nem d'El-rei, como homem que com algum errado fundamento não haja de tornar a Portugal"—insinuações que faziam de pretender Albuquerque fazer-se Rei d'Ormuz! — E proseguia: "os que com ele ficaram, andam amotinados e se levantaram contra ele, ou se deitaram com os Mouros, porque a todos trata como negros cativos". Nunca quiz deixar vir João da Nova para a Índia para que o Viso Rei ignorasse as suas intenções, a ponto de por este reclamar licença para partir para a Índia, "o injuriou, e lhe arrepelou as barbas, e deu bofetadas nas nossas presenças. E não valendo nossos rogos, lhe mandou deitar ferros, e meter na bomba da sua nau, e porque nós disto nos agravámos e lho dissemos, como era razão, nos fez taes injurias, que se não fomos verdadeiros cristãos e leaes Portuguezes, como homens desesperados, por nossas mãos fizemos o que nunca se fez a nenhum capitão que mandasse gente." Não o fizeram por temor de Deus e d'El-rei e confiados na justiça do Viso Rei. . .

Enquanto Afonso Lopes falou, de pé, com os outros dois aos lados, o Viso Rei, sentado, riscava o chão com a bengala que tinha na mão, franzindo de quando em quando o sobreolho.

Quando Afonso Lopes terminou, esteve um pedaço continuando a riscar o chão sem dar palavra. Por fim, encostando a face á mão com o cotovelo apoiado no castão da bengala, levantou os olhos e fitando os capitães disse lentamente :

— Emfim como deixastes a bandeira d'Elrei meu senhor, quando no serviço em que ele vos mandou do Reino, a ele ireis dar disso contas. Tenho muito pezar de quanto tendes dito dum homem como Afonso d'Albuquerque, que El-rei encarregou de um tamanho serviço, se nele ha os desvarios que dizes: não houvestes, porem, bom conselho no que fizestes, porque por peor ainda que ele fizesse, não desculparia isso o vosso erro, que é digno de grande castigo. De Manuel Teles me não espanto, porque a sua nau está acostumada a ir para onde lhe apraz e sem temer, tornou para o seu capitão-mor, que por isso o devia bem castigar e lhe não deu nenhum castigo.

Afonso Lopes replicou :

— Senhor, quando V. S.^a souber a verdade, fazer-nos-ha muita mercê por sermos martyres pacientes, sem acudirmos por nossas honras.

— Bem vejo que viestes confiados na muita bondade d'El-Rei nosso senhor, respondeu o Viso Rei, sem temor de terdes deixado a sua bandeira no campo. Se eu tivesse poderes como em Italia, já o vosso caso tivera sentença executada.

Afonso Lopes estendendo ao Viso Rei um rolo de papeis :

— Senhor, veja V. S.^a os meus papeis. . .

E o Viso Rei erguendo-se :

— Guardae-os. Afonso d'Albuquerque hade vir e com ele ireis a juiz que vos ouça; ide no entanto a Cambaya juntarvos a D. Lourenço.

Os capitães saíram e foram meter mantimentos e partiram, mas não conseguiram passar para Chaul a tempo de tomar parte no combate.

E o Viso Rei mandava a João Seromenho que investigasse quanto se passára entre os capitães e Albuquerque afim de organisar um processo que iria para Lisboa.

Pelos rios que vinham de Cranganor, escapulia-se grande quantidade de pimenta para Calicut; com o fim de obstar á passagem das embarcações mandou o Viso Rei construir um f. . . o vau . . . do prin-

cipal rio, forte que se chamou o *Castelo de Cima*, artilhado com 2 tiros grossos no andar inferior, que batiam bem os rios, e quatro falcões no andar de cima: guarnição 10 homens, e por capitão um Luiz Alvares, homem já de idade, bom cavaleiro, que tinha muitos serviços.

Esqueceu-se por então o Viso Rei de mandar lavrar o alvará de nomeação deste homem, e o Secretario Gaspar Pereira, "atrevido em seu cargo", fez um alvará nomeando um protegido seu, confiado em que o Viso Rei o assignaria; este, porem, recusou por ter já nomeado o Luiz Alvares, e o Secretario, sentido, vingava-se dizendo mal do Viso Rei.

A questão importante da India era, como já temos dito a da pimenta cujo monopólio o Rei de Portugal pretendia: ora sucedia que o Rei de Cochim aproveitando-se das boas relações em que estava comnosco exportava pimenta para Cambaya, e dahi as naus daquêle reino levavam-a para Meca, donde seguia para o Cairo e Veneza, em tal quantidade ás vezes, que fazia baixar os preços em Lisboa.

Era preciso pôr cobro a isto, e o Viso Rei impoz que as naus de Cochim só pudessem levar a Cambaya até mil quintais de pimenta; esta medida, porem, não tinha, na realidade, efeito útil, porque a maior parte da pimenta que ia ao Mar Vermelho não era a que corria por Cambaya, mas a que as naus de Mar Vermelho iam buscar a Sumatra fugindo aos nossos cruzeiros, navegando por entre as Maldivas.

Com o fim de se informar do negocio que Malaca fazia com os portos da costa de Choromandel, mandou o Viso Rei ali uns quatro homens competentes, recomendando-lhes que, podendo, passassem ao Pegú e Bengala para trazerem informações do commercio que ali se fazia, e da cristandade de S. Tomé da costa de Choromandel. Destes homens voltaram mais tarde dois, com as informações desejadas.

15 — O combate naval de Chaul

1508

Como atraz dissémos o Viso Rei mandára D. Lourenço a Cambaya, em Janeiro 508, com 12 navios; 5 *navetas* de que eram capitães D. Lourenço, Pero Barreto, Manuel Pessanha, Gonçalo Pereira, Pero d'Ornelas; 3 *caravelas*, capitães Pero Cão, Lizuarte Pacheco, Diogo Lobo; 2 *galés*, com Paio Rodrigues de Sousa e Diogo Pires de Melo; 1 *bergantim*, capitão Francisco d'Athougua; nesta armada iam 600 homens.

Correram a costa, e como soprassem ventos noroestes, foram abrigar-se em Chaul, com o fim de ali juntarem todas as naus de carga, para as comboiar para Cochim.

Uma manhã appareceu a bordo do navio de D. Lourenço um brahamane trazendo-lhe um presente de uvas, que ele retribuiu com um pano de seda; mas quando D. Lourenço supunha que tudo isto era apenas uma questão de cortezia, ficou muito admirado do brahamane lhe pedir para o ouvir em segredo.

Acedeu D. Lourenço e então o brahamane disse-lhe vir de Champanel, onde por cartas de mercadores de Diu se sabia, terem ali chegado naus de Rumes (1), que diziam vir expulsar os portugueses da India, tendo Malik Ayaz preparado armada para os acompanhar.

(1) O Senhor do Egypto, Cansú Alguri, mandára como atraz dissémos, o seu capitão Hocem com 13 navios a Diu; dali, acompanhados por Malik Ayaz saíram para Chaul. Malik não é nome mas titulo: significa *príncipe*; na India era o correspondente a *Emir*.)

D. Lourenço comunicou logo aos capitães esta informação; Pero Barreto e Lizuarte Pacheco, foram de parecer que deviam saír logo do porto e ir ao encontro dos Rumes porque, no mar, os nossos navios e a nossa artilharia teriam vantagem; mas os restantes capitães contrariaram este parecer, «com outros mui desvairados, e não concluíram nada.»

A D. Lourenço também parecia preferível saír para o mar, mas a maioria opinava não merecer a pena «porque não seria muita a detença em saír mar fóra.»

No entanto o Mir Ocem, chegava á barra de Chaul, guiado por Mamad Marcar, aquele mouro que Sodré tão grosseiramente ofendera: vinham á vela, com traquetas e mezenas, cinturas nas vergas, bandeiras e estandartes desfraldados, gritas e tangeres, com a capitania em frente.

Eram seis naus grandes de duas gaveas, — a capitania tinha trez, — trez navetas, um galeão de Mamad Marcar, seis grandes galés de alto bordo, todos bem armados, com artilharia grossa de metal e de ferro, a maioria dela, de camara. Vinham mais, as 34 fustas de Diu, capitaneadas por Malik Ayaz.

Quando ao longe apareceram, ainda os portugueses supuseram que seria a armada de Albuquerque, de que havia novas ter partido d'Ormuz; mas um velho cavaleiro observou para D. Lourenço:

— Dou ao démo tal Afonso d'Albuquerque, que entra sem nos mandar recado. Estes Albuquerquees que entram, não trazem cruces nas velas. . .

A armada inimiga foi entrando no rio a um de fundo, com a capitania na frente, todos os navios com bandeiras vermelhas e brancas com luas pretas, e tocando varios instrumentos. Perceberam, então, os portuguezes, que eram Rumes, «com que, então, houve muita torvação e desacordo.»

A nau de D. Lourenço estava a meio do rio, e as outras, entre ela e a terra; as galés, caravelas e o bergantim com pranchas lançadas para terra.

A capitania inimiga, logo que chegou perto da nau de D. Lourenço, disparou um tiro que atravessou esta de lado a lado; responderam-lhe e a capitania inimiga recebeu oito balas que lhe mataram e feriram muita gente; mas retorquindo de pronto, feriram uns trinta homens do navio de D. Lourenço, e mataram Ruy Pereira, que era capitão do convez da nau de Duarte de Melo.

As outras naus inimigas, á medida que entravam iam disparando, travando-se, «um fogo de bombardas mui temerozo.»

Os navios de Malik Ayaz deixaram-se ficar fóra.

A capitania Rume passou para deante da nossa armada, e foi surgir em frente da povoação dos mouros, muito perto da terra, seguida pelas outras naus.

A nau de Mamad Marcar, que vinha na cauda, recebeu um tiro que lhe quebrou o leme, e descaiu para cima das galés que vinham atraz, embaraçando-se com elas e vindo para cima das nossas: os nossos bateis foram sobre eles, entraram na nau e galés, e os Rumes atiraram-se ao mar.

Então, os capitães reuniram a bordo do navio de D. Lourenço; Pero Barreto, Manuel Pessanha, Rodrigo Rebelo, Lizuarte Pacheco, foram de parecer que atacassem immediatamente o inimigo, não lhe dando tempo para ele se preparar, pois estavam desconcertados com a recepção que a artilharia lhes fizera, e era de crêr que, vigorosamente atacados, fossem rapidamente batidos. D. Lourenço era desta mesma opinião, mas ao tratar-se da distribuição dos papeis não houve meio de se entenderem, sendo tanta a discussão, «que quasi vieram ás brigas, com que não foram ao feito, e ficou para o outro dia o fazerem com a viração, — o que foi grande erro.»

Combinaram que D. Lourenço e Pero Barreto, que eram os navios maiores, abalroassem a capitania inimiga; Manuel Pessanha, Gonçalo Pereira, Pero d'Ornelas e Lizuarte Pacheco, tomariam conta, cada um, de sua nau; Rodrigo Rebelo ficaria de largo, fazendo fogo; e Pero Cão e Diogo Lobo com as caravelas, galés e bergantins, se atirariam ás galés dos Rumes.

Era condestavel da nau de D. Lourenço, um alemão chamado Miguel Arnão, soldado valente, muito habil no seu officio, e que tinha dois irmãos, tambem bombardeiros, o qual ao vêr a resolução de D. Lourenço de abalroar, lhe observou que não devia pôr em risco a sua vida e as da sua gente, quando ele, com os seus bombardeiros, sem risco, podiam meter a capitania inimiga no fundo, para o que, bastaria levar a nau de D. Lourenço a boa posição de tiro.

Alguns capitães, porém, opozeram-se: bastaria abalroar, diziam eles, para os Rumes se lançarem ao mar, e ficariam eles senhores do navio e do que continham; metêl-os no fundo era perder o saque.

“Ao que todos bradaram que assim fosse, cubiçosos de ganhar honra e dinheiro, que lhes parecia que achariam.”

O dia decorreu, e a noite desceu; nos navios portuguezes a gente passou a noite preparando-se para o combate do dia seguinte e nos navios inimigos as musicas continuaram.

No dia seguinte ao romper do sol, resolveu-se Malik Ayaz a entrar com 60 fustas armadas com artilharia e muita gente; o vento, porém, era escasso, e vieram a rémos até á boca do rio. Pero de Souza e Diogo Pires de Melo foram com as galés tomar a boca do rio, e a apoial-os largou Diogo Lobo, na caravela latina. As fustas tentam, debalde, entrar por ser a corrente muito forte pois o rio vazava com força; esperaram pela enchente, e quando esta começou, tentaram a entrada á força de rémo, mas foram repelidas pelo fogo das galés.

Paio de Souza abalroou uma galé inimiga e penetrou nela, seguido por Ambrosio Pessanha e Fernão Peres d'Andrade; Diogo Pires tomou outra, e os capitães das caravelas, mais duas. Mamad Marcar foi morto por um pelouro.

D. Lourenço, na tolda da sua nau esperava impaciente, pela viração; logo que esta chegou, “deu o traquete”, o que tambem fez Pero Barreto, que era o seu companheiro, para abalroar a capitania dos Rumes; mas a nau de Barreto virou em revez, detendo-se muito a virar. D. Lourenço, fazendo tocar as trombetas, adeantou-se sobre a nau inimiga para a abalroar, mas o seu contra-mestre, vendo a outra nau mais atrazada, e receando abalroar só, largou uma ancora e a nau estacou e foi virando; a tripulação não tendo percebido o que se passára, sobressaltou-se, houve grande revolta, e o contra-mestre atirou-se ao mar.

Ficaram as duas naus muito perto uma da outra e travaram luta a tiro de bombarda, tendo os nossos a vantagem de ter o vento do seu lado, o que atirava o fumo para cima dos inimigos.

Pero Barreto que conseguira no entanto virar, vendo estacar a nau de D. Lourenço, fundeou e travou, tambem, combate a tiro de artilharia.

D. Lourenço, novo como era, impacientou-se por se vêr immobilizado, e ordenou a Manoel Teles, que no batel fosse tomar duas naus de Rumes proximas; os outros navios, vendo isto, procederam analogamente, sem contudo deixarem de trocar tiros de artilharia com o inimigo.

Veio a noite pôr fim ao combate, e os capitães reuniram no navio de D. Lourenço, ainda furioso contra o contra-mestre, que lhe fizera perder o combate.

Em todos os navios havia gente morta e ferida, artilharia rebentada, e em todos eles escasseava já a pólvora. O conselho de capitães foi de parecer que com a maré da noite, que era de luar, saíssem para fóra a vêr se aparceria Afonso de Albuquerque.

Mas Pero Cão, que era aio de D. Lourenço, e bom cavaleiro disse-lhe:

— Senhor, não saíes de noite, que parecerá cousa de homens fugidos, que vão desbaratados, ao passo que de dia, com vento terrenho veremos melhor nosso caminho e daremos resguardo a Malik Ayaz, que está na barra.

Pareceu isto bem a todos, menos a Lizuarte Pacheco:

— Senhor, estes Rumes estão muito danificados, e mais fracos hoje, pelo que me parece que daqui não deveis tornar pé atrás sem acabar êste feito ás maos, pois não ha já pólvora, nem pelouros.

Este alvitre foi o que agradou ao espirito cavalheiresco do filho do Viso Rei, e com êle concordaram Pero Barreto, Rodrigo Rebelo; e D. Lourenço levantou o conselho.

— O melhor é irmos pelejar ás lançadas como hontem bradaveis.

Pela meia noite, com a enchente, Malik Ayaz entrou a barra, e com a grande força de corrente, passou veloz por entre a nossa armada, que ainda lhe afundou umas 13 fustas.

A barra ficava desimpedida, e logo de manhã, D. Lourenço deu o traquete, e seguido pelos outros navios, começou descendo o rio com a vazante. Mas a nau de D. Lourenço não virou de todo, e atravessada veio descendo com a corrente, e de subito encalhou numa estacada que estava a meio do rio e onde os pescadores costumavam fixar as rêdes de pesca. Com o pêso da nau, os paus vergaram, mas não quebraram, e a nau, preza por eles e empurrada pela forte corrente de agua adornou. Os outros navios passaram com rapidez, impelidos pela corrente, até que vendo preza a capitania, surgiram já a grande distancia dela. Logo saltou gente nos bateis para lhe acudir, mas não conseguiram vencer a força da corrente.

O mestre da nau disse, então, para D. Lourenço:

— Senhor, esta nau já não sairá daqui, senão quando vier a enchente. Ide-vos...

— Não! foi a resposta de D. Lourenço.

Os Rumes, ao vêr a nau naquella posição, abriram fogo sobre ela, e uma das suas naus suspendeu, e veio surgir perto demolindo-a a tiro, no que a imitaram algumas das fustas de Diu; e a nau abriu por varias partes. Então o Mestre tornou:

— Senhor, a nau está perdida; salvae-vos no batel...

— Não! repetiu D. Lourenço.

A tripulação veio a êle para que retirasse; e êle:

— Pois que sois tão meus amigos, e que estimaes mais a minha vida que a de vós outros, porque não farei eu o mesmo estimando mais as vossas vidas que a minha? Partí vós primeiro; eu irei depois.

Alguns dos homens, então, meteram-se no batel da nau e foram-se: outros ficaram.

Nisto, um pelouro deu no navio abaixo da linha de fluctuação, a agua penetrou, encheu o porão, e o navio assentou, direito, no fundo, ficando a agua raza pelo convez. Os Mouros soltaram grandes gritos de vitória, e uma sua nau veio abalroar com a de D. Lourenço, saltando nela mais de cem homens armados. D. Lourenço saiu-lhes ao encontro com a sua espada de ambas as mãos, e em pouco tempo, derrubou mais de 20 inimigos;

animados pelo seu exemplo, os que com ele estavam investiram com os Rumes e fizeram-os saltar para o mar.

Segunda investida fez o inimigo, ao mesmo tempo que do alto da sua nau que comandava a portuguesa, arremessavam, com resultado, pedras, zargunchos, frechas. A luta durou algum tempo, encarnçada, feroz, diminuindo sucessivamente o numero dos nossos, ao passo que o dos Rumes aumentava com os reforços que doutros navios chegavam. D. Lourenço, incansável, continuava brandindo a formidável espada, cercado por um monte de cadaveres. Os inimigos receando já, chegar ao alcance da sua espada, recolheram aos seus navios, e afastando-os, começaram a bombardear a nau de D. Lourenço. Este, de pé, no chapiteu, encostado ao seu montante tinto de sangue, olhava tristemente em torno de si, quando, de subito, um pelouro furioso, vem quebrar-lhe as pernas, e o Herói caiu:

— Senhores, companheiros, irmãos, minha vida é acabada!

“E deu a alma”.

O troar da artilharia inimiga proseguia furioso, violento, num temporal; e os soldados, erguendo o corpo do moço capitão, enfiaram-o por um escotilhão; com o peso das armas o cadaver mergulhou, e como o fundo da nau estava roto, afundou-se na vaza por tal forma, que tendo-o, depois, os Rumes procurado, não o puderam encontrar.

Malik Ayaz aproximou-se da nau e intimou a gente que restava, a render-se: tomalos-hia sob a protecção do Rei de Cambaya. (1)

Os Rumes arvoraram logo as suas bandeira na gavea da nau de D. Lourenço, e a pedido dos captivos portugueses, Malik Ayaz mandou uma fustinha a bordo dos navios portugueses que se conservavam fora do porto, com uma carta de Cide Barbudo, um dos prisioneiros, dizendo estar D. Lourenço morto. (2)

A armada portuguesa largou para Cochim, e Malik Ayaz com o Mir Ocem para Diu, onde aquele mandou as cativos para uma quinta, no continente, a 5 léguas, onde foram bem tratados.

A nossa armada, na altura dos Ilheus Queimados, encontrou a de Afonso Lopes da Costa, António do Campo e Manuel Teles, e recebendo destas munições, foram a Dabul, onde souberam ter já Malik Ayaz passado para Diu; então, retrocederam para Cochim.

Mas agora, os capitães, discutiam qual seria aquele que iria dar ao Viso Rei a notícia do resultado do combate. Deitaram sortes, e esta coube a um Duarte Camacho, capitão da caravela de Pero Cão.

(1) Alvaro Lopes, mestre da nau; Pero Felipe, Diogo Barreto, Gonçalo da Fonseca, Antonio de Oliveira, creado do Viso Rei; Francisco, escravo do Viso Rei; Alvaro Pires, meirinho da camara; Gonçalo, homem d'armas; André Gonçalves, Antonio Catalão, «que morreu em Diu em resultado dos ferimentos»; Vasco, creado do Feitor Tomaz Nunes «que morreu de corrença em Gogo na viagem para Champarin onde Elrei de Cambaya está»; Tristão de Gá. Numa carta deste para o Viso Rei, datada de Godahar, 10 de Setembro de 1508, em que dá a lista dos prisioneiros, diz que o Alvaro Lopes fizera uma caravela para o Malik Ayaz, e dissera que sabia fazer engenhos para bombas: «Tenho grão medo que se faça Mouro, e mais 4 ou 5 como ele». A carta termina pela seguinte forma: «Não digo mais porque não tenho mais papel» — e em nota diz ter ficado em Chaul um moço chamado Estevam Garcia, que se fizera mouro.

Os cativos foram, ao todo, 24. Entre eles um grumete André Gonçalves, do Porto, que se tornou notavel pela energica defeza da gavea da nau.

(2) Mortos neste combate: Francisco de Novaes, feitor da armada; Ruy Pereira Sonto Maior, do Algarve, Antonio e Ruy de Sousa, Antonio de Gá, Estevam de Vilhena, de Setubal, Ruy Sampaio, Antonio Barreto, João Vaz d'Almada, André da Silveira, Manuel Teles Barreto, Ruy de Mendanha, João Serrão, Gonçalo de Goes, Gonçalo Mendes, João Rodrigues Pessanha, Jorge Pessanha, filhos de Manoel Pessanha, Antonio de Sampaio, Diogo Velho, e outros, ao todo 80.



Estava o Viso Rei sentado a uma janela da fortaleza que dava para o rio de Cochim, quando viu aproximar a caravela que entrou e surgiu sem salvar; viu despegar-se dela um esquife que se dirigiu para a praia.

O Viso Rei, então ergueu-se, meteu-se para dentro, sentou-se numa cadeira dizendo para o capitão da fortaleza, que com êle estava:

— Esta caravela me traz a nova que tinha no coração...

Nisto appareceu o Camacho no limiar da porta, muito enfiado, torcendo o barrete nas mãos, hesitante e confrangido.

— Camacho, disse o Viso Rei, ainda que meu filho seja morto, porque não salvaste à fortaleza de Elrei?

O Camacho adeantou-se, e ajoelhando disse:

— Senhor. Nossa Senhora perdeu o seu bento filho, pôsto na Cruz, entre dois ladrões; e vós perdestes o vosso pelejando contra os Turcos do Soldão.

O Viso Rei, fez-se mais pálido, e respondeu:

— Ora vós ide a descansar, e mandai à caravela que faça sua costumada salva, que eu mandarei na Igreja fazer sinal pelo defunto, e acudirá gente, e lhe dirão pater nosteres pela alma...

E erguendo-se, e mudando de tom:

— Porque quem o frangão comeu, há de comer o galo, ou pagá-lo...

E como os que o rodeavam e tinham acudido à fortaleza procurassem consolá-lo, êle proseguiu desculpando-se:

— Eu não me posso escusar da dôr que a carne me dá como pai; mas espero que Nosso Senhor me ajudará, e com a sua ajuda e a dos meus amigos, me dará ainda alegria, e depois a morte; que acabando a vida será para mim o maior descanso. Vão-se vossas mercês embora, que as palavras de conforto são das mulheres para as suas amigas quando pranteiam os seus filhos mortos, em casos como ora foi este meu.

E, fazendo-lhes uma cortezia, recolheu à sua câmara.

Lá fora o troar da artilharia do Camacho, salvando, misturava-se com o dobre a finados na igreja, e o velho Viso Rei, de joelhos no seu genuflexorio, com o rôsto entre as mãos, soluçava.

Dá a pouco, porém, anunciam-lhe a vinda do Rei de Cochim; e D. Francisco acompanhado por quatro tochas acesas, correu à praia a recebê-lo, com rosto seguro e contente, como se não tivesse nenhuma dôr.

O Rei, que esperava encontrá-lo succumbido, ficou pasmado; contudo procurou consolá-lo; mas D. Francisco respondeu-lhe:

— Senhor, meu filho dei eu a Elrei meu senhor, para o servir na guerra, e Deus o levou... agora, tenho dele saudade porque já o não hei de vêr senão no outro mundo... Eu espero ir buscar os que o mataram, e mui cedo...



No dia seguinte chegou a armada, e os capitães avisados do que se passava, salvaram, com dois tiros cada navio e desembarcaram, e o Viso Rei recebeu-os de pé, na sala, mandando ao seu encontro, à porta da fortaleza o capitão D. Álvaro.

Interrogou-os sobre a batalha e despediu-os recomendando-lhes a reparação rápida dos navios. Nem uma só pergunta fez acerca do filho. Naturalmente, depois, Pero Cão, o aio, contar-lhe-hia como morrera.

Não tomou luto nem fez alteração alguma no vestuário que costumava usar: saio de sólia, uma boleta aberta de sólia, e na cabeça, uma capuça branca, e uma cana na mão.

Até então, os seus hábitos eram: ouvir missa de manhã cedo, a seguir, visita à Ribeira para ver o andamento dos trabalhos, regresso a casa, onde dava despacho, jantar, e à tarde, sentado à porta da fortaleza, conversava com os capitães, depois do que, dava nova volta à Ribeira, e recolhia. Agora, porém, passava os dias na Ribeira, apressando o concêrto dos navios. Deu-se grande desenvolvimento ao fabrico de munições dirigido por um levantino que trouxera de Portugal, "homem maravilhoso, nestas artes de fogos materiaes".

Este levantisco, porém, inchou de vaidade, e tão soberbo se tornou com a importância que o Viso Rei lhe dava, que ninguém o podia aturar. Embebedava-se nas tabernas e recusava pagar o que consumia; dormia à fôrça com as mulheres e batia-lhes; o Viso Rei resolveu recambiá-lo para Portugal. O homem, porém, um dia forçou num palmar uma rapariga Naíre o que levou a família a trazê-lo preso ao Viso Rei, com grande gritaria e ameaças de revolta. Foi enforcado, com grande satisfação dos Naires que ficaram fazendo a mais alta ideia de justiça do Viso Rei.

XVI — Armadas — Execução de Gaspar Pereira

1507-1508

Em Abril de 1507, partiram para a Índia, segundo a Crónica de D. Manuel, 14 naus em 4 capitánias:

Capitão-mór — Jorge de Castro, na nau Conceição — partiu a 12 de Fevereiro.

Filipe de Castro, seu irmão — " " " " "

Capitão-mór — Jorge de Melo Pereira, na nau Belem — saiu a 13 de Abril.

Henrique Nunes de Leão, na nau S. Antonio — saiu a 9 de Abril.

Capitão-mór — Fernão Soares, nau

Ruy da Cunha, nau S. Gabriel — saiu a 20 de Abril.

Gonçalo Carneiro

João Colaço

Capitão-mór — Fernão Gomes d'Abreu — ia para capitão de Sofala — saiu a 15 de Abril.

Pero Lourenço — saiu a 15 de Abril.

Lopo Cabral — " " " " "

Ruy Gonçalves Valadares, nau S. Simão — saiu a 15 de Abril.

João Chanoca — Este perdeu-se na embocadura do rio Senegal.

Martim Coelho } Para andarem d'armada na Índia, 3 anos
Diogo de Melo } saíram de Lisboa na 3.^a feira 20 de Abril.

A caravela de João Chanoca, por ser muito boa de vela, «levava o farol, e se perdeu por má vigia, uma noite, no rio Senegal».

Esta armada foi á angra de Bezequiche onde fez aguada, e chegou a Sofala a 8 de Setembro, onde estava Nuno Vaz Pereira que fôra substituir Pero da Nhaya; aquele entregou a capitania a Ferrão Gomes d'Abreu e seguiu para Moçambique na nau S. Simão, em companhia de Diogo de Melo e Martim Coelho, largando de Sofala a 19 de Setembro. Com calmarias, só avistaram as Ilhas Primeiras a 5 de Outubro, encontrando ali Jorge de Melo Pereira com quem foram fundear em Moçambique a 24 de Outubro. Ali encontraram Diogo de Melo, Ruy Gonçalves, Henrique Nunes de Leão, e então souberam que nenhum dos outros navios conseguira dobrar o Cabo.

De Moçambique largaram para a India, Diogo de Melo e Martim Coelho a 18 de Novembro, mas como encontrassem fóra tempo contrario, arribaram a Moçambique, e ali invernaram todos, chegando pouco a pouco os outros navios.

Resolveram, então, que largasse para a India, afim de avisar o Viso Rei, Ruy Soares, comandante de Rhodes, que ali ficára da armada de Tristão da Cunha á espera do navio de Pero Quaresma, para irem em busca de Afonso de Albuquerque que em Portugal supunham perdido. A 20 leguas de Moçambique encontraram a nau de João Gomes d'Abreu, que se desgarrára da armada de Tristão da Cunha, e como João Gomes estivesse já morto, Ruy Soares deu a capitania d'aquella nau a Jorge Botelho de Pombal, que ia no seu navio, e os dois foram invernar a Lamu: ali estiveram 7 meses fundeados, com muito trabalho, por ser costa brava, seguindo então para a India: no caminho, a nau de Jorge Botelho perdeu-se numa angra proximo a Pate, salvando-se a gente numa caravela de que era capitão Manuel Alvares, que então vinha de Melinde.

Atravessando para a India, Ruy Soares atacou uma nau que ia para Meca, com 500 mouros, «de que se desfez com muito grande trabalho.»

Vasco Gomes d'Abreu, deixando em Sofala, Ruy de Brito Patalim por capitão de fortaleza, e mandando Duarte de Melo a Moçambique, seguiu também para este ultimo porto dias depois, mas desapareceu no caminho, não havendo nunca mais noticias dele. A noticia deste desaparecimento chegou a Moçambique a 13 de Março de 1508, depois de terem Diogo de Melo e Martim Coelho largado para o Cabo de Guardafui, e os outros três capitães, Jorge de Melo, Felipe de Castro e Fernão Soares, largaram para a India no meado de Agosto, deixando a fortaleza construida até ao segundo sobrado, uma igreja da invocação de S. Gabriel e uma casa para hospital.

Andava o Viso Rei nos trabalhos de preparação d'armadas, era nos fins de Maio, quando a Rainha de Couão lhe mandou dizer que por detraz do C. Comorim passára uma nau e ali fundeara.

Ofereceu-se Garcia de Sousa a ir lá numa caravela a vêr o que era, e dobrado o C. Comorim encontrou Fernão Soares, que no caminho combatera uma nau de Pacem, que conseguira escapar-se lhe e agora estava ali fundeado á espera de tempo favoravel para a navegação. Seguiram então para Cochim e entregam ao Viso Rei cartas d'El-rei em que lhe agradecia tantos serviços prestados e o chamava a Portugal, a descansar, mandando-lhe que entregasse o Governo da India a Afonso d'Albuquerque. O Viso Rei mostrou-se satisfeito, e resolveu regressar a Portugal nas naus de 1508, e comunicou esta resolução aos que o rodeavam; estes mostraram-se, porem, contrariados, uns por serem realmente amigos de D. Francisco, outros por serem inimigos d'Albuquerque.

Afonso Lopes da Costa, em nome dos outros, tomou a palavra:

— Senhor, El-rei manda o que á sua vontade, mas com o tempo se verá o fructo que d'ahi sairá; podeis ficar certo de que vendo as asperezas e fortidão d'Afonso d'Albuquerque, só ficará na India, quem fôr obrigado á força.

— Afonso Lopes da Costa, repreendeu o Viso Rei, não haveis de repochar d'erro as cousas mandadas por El-rei.

A intriga, porem, fervilhava, e um dos principaes contra o Viso Rei era o Secretario Gaspar Pereira, o que aquele soube; um dia em que estavam sentados á porta da fortaleza, o Viso Rei, varios fidalgos e Gaspar Pereira, D. Francisco mandou a um pagem que fosse buscar umas cartas que estavam "debaixo da cabeceira de minha cama", e logo que lhas deram mostrou as a Gaspar Pereira perguntando-lhe:

— Muito honrado Gaspar Pereira, dizei se estas cartas são vossas?

Gaspar Pereira, afogueado, não se atreveu a negar; e o Viso Rei mandou que lhe trouxessem uma cadeira de espaldar, fel a colocar no centro do circulo dos fidalgos, mandou a Gaspar Pereira que nela se sentasse, e com ar alegre disse lhe:

-- Senhores, aquele que ali está é Gaspar Pereira, que El-rei, meu Senhor, fez Secretario da India para Evangelista dos meus feitos e dos de todos que nestas partes servimos; e, se ele, de Vossas mercês tem dito o que diz de mim, todos merecemos muita pena. Ora pois, -- acrescentou voltando-se para o pagem, -- lêde lá isso alto.

O moço leu as cartas em que Gaspar Pereira dizia verdadeiras infamias e de tal ordem, "que todos estavam corridos de as buvir."

— Gaspar Pereira, disse o Viso Rei ao findar a leitura, não quero de vós mais vingança que esta, se o vosso coração sente a dôr que manifesta o vosso rosto envergonhado. Na Ribeira de Lisboa põem um homem á vergonha, e lhe penduram ao pescoço, um peixe que furtou; é o que vos sucede agora que estaes empicotado, tendo ao pescoço estas cartas, na presença de tão honradas testemunhas. El-rei vos fará muitas mercês por tão bons serviços, e vós ireis já para a Feitoria de Cochim, onde vos não faltarão parceiros que vos ajudem e a quem ajudeis.

E nomeou ali mesmo o novo Secretario, Antonio de Sintra.

XVII — Cartas de Albuquerque

1508

"Ormuz 2 de Fevereiro de 1508 — Ao Viso Rei D. Francisco d'Almeida.

Senhor — As cousas que até aqui me são acontecidas e tudo o que tenho passado, de que sou obrigado a dar conta a V. S., se fez uma carta para Elrei e outra para V. S."

Seguidamente, queixa-se dos capitães que lhe fugiram, -- Manuel Telles, Afonso Lopes da Costa e Antonio do Campo, -- "deixando-me em tanta afronta e perigo," sendo por causa deles que falhou o bloqueio da cidade d'Ormuz, e vendo-se só, a braços com a armada inimiga, de mais de 70 navios e 4 mil homens; "se estes homens me não fugiram em menos de quinze dias," a cidade se renderia e haveria à mão os marinheiros desertores. Mas, agora o inimigo, soberbo com o que se passára atrevia-se a tanto, que até lhe queimara uma fusta que acabára de fazer, e praticava "outras desobediencias e descortezias com que tratou minha pessoa."

Os capitães fizeram quanto puderam para que ele poupasse a gente d'Ormuz, «mas eu me puz rijo nisso,» isto é na exigencia da entrega dos desertores; os capitães mandaram-lhe então, «um assignado de todos cinco,» protestando contra a guerra a Ormuz, e que se insistisse nela, elles se recusariam a combater, o que «me pareceu cousa tão feia e digna de tão grande castigo, e de tão grande infamia de cavaleiros, que fiquei fóra de mim, e me pareceu, segundo as cousas passadas, que elles eram de fala com os Mouros, e concertados com Cwaja Atar.»

Que sabe que os capitães pretendiam fazer crer ao Viso Rei, que elle Albuquerque, tem emulação do mesmo Viso Rei e lhe não quer obedecer por este motivo pede ao Viso Rei que mande escrever o que os capitães depuzeram contra elle, para que possa depois rebater essas acusações; entende, e por isso pede, que sejam todos elles punidos severamente, por traição e indisciplina; e que lhe mande navios e gente afim de ultimar a conquista e que as capitánias desses navios se reservem para os fidalgos e cavaleiros, «que no cerco andaram comigo, acutilados e feridos, sem nenhum bemfazer de mim, porque não tenho eu mando nem poder para agalardoar os taes serviços, nem as taes pessoas onde V. S. está, que o poder tem de todas estas cousas. Deverão elles aguardar o tempo em que suas maldades podessem encobrir com meus erros, mas, graças áquele poderoso Deus, que não podem elles esconder nem negar quantos grandes e assassinosos serviços tenho feito depois de me entregarem a minha armada, e quão dignas de memoria e de mercê são ante El-rei: o primeiro é aceitar esta armada, quando m'a entregou Tristão da Cunha, sem nenhum mantimento, armas pontas e podres, de cabos, velas, enxarcia, mui desbaratada; polvoraz toda molhada, bombardeiros mui poucos; officiaes de carpintaria, taenheiros, um ou dois; lanças todas podres; bestas sem nem um tiro nem barbaute para cordas; com 150 homens à morte de doença de Socolará, lousa toda perdida, com arcos podres e quebrados; sem haver entre nós senão um pouco de biscoito, que me ficou, e parti por todas as naus, podendo todas ter, o mui, pão e agua para oito dias. Deu-me Deus tão bom vento e viagem, que arribei sobre a cidade de Calayate, e lhe fiz dar e vender, por força, muitos mantimentos de graça, e por maus conselhos dos capitães, deixei de lhe por as mãos e ficar à obediencia d'Elrei nosso senhor. E dali me parti, e fui sobre a vila de Curiate e a combati e entrei por força d'armas, e a trouxe toda à espada; ali me carreguei de mantimentos, dando escala franca à gente, de todas as outras cousas, de que houveram muito proveito. E dali me levantei, e fui sobre a vila de Mascate, e a combati e entrei por força d'armas, trazendo-a toda à espada e a fogo, onde tomei muitos mantimentos, e a gente muita riqueza. E dali me levantei, e fui sobre a vila de Soaz, e determinei de pôr artilharia grossa em terra e a combater; não ousei esperar o combate, e se vieram meter todos em minhas mãos, e se fizeram vassallos d'El rei, e receberam bandeira e me fizeram certa disso, e a vila paga tributo, com que se pagam os frecheiros que o alcaide da fortaleza tem para guarda dela. E dali me levantei e fui sobre a vila de Orição, e entrei-a por força d'armas, e segui o alcance, mais de uma legua, à gente do lugar, e matei muita gente, e puz fogo à vila. E dali me fui sobre a cidade d'Ormuz, e surgi junto com a sua armada, mui grande e de muita gente, e ao outro dia ao meio dia, mandei levar zabra à minha nau, com os baús armados, e surgi no meio da sua armada, e assim o mandei aos capitães que o fizerem, e pelejei com ella, e pelejei e desbaratei muita gente, e meti-lhe as naus no fundo, em que se afogou muita gente: queimei-lhe o arrahalde e quantas nau-

tributo e 5 mil para gastos da armada. O assento que fiz com eles, em pouco espero de o levar a V. S., e nele verá se sou eu capitão, para ver os capitães e gente que debaixo da minha bandeira andar, me deixarem em guerra e me fugirem; e assim, em todos estes feitos, que atraz aponto a V. S., nos quaes eles foram em pessoa e conheceram em mim que era capitão para saber desbaratar os inimigos.

E todos os outros negocios e cousas que fiz, os acabei com muita descripção e temperança e como El-rei de mim confia. E se alguma coisa tenho errado, em meu officio, é sofrer tanto a esses capitães que me fugiram, que vieram a dar a conta de si que V. S. vê, e em tal tempo; melhor o fariam, quando estavam fartos d'uvas, de pecegos e de melões, pois agora cumpria aos capitães mostrarem seus desejos e boas vontades para servir El-rei, e não darem com um tão grande negocio no chão, cuidando que me empeciam a mim, não lhe tendo eu feito nenhum mal, nem cousa que tenha nome, senão com muita dessimulação e temperança passar suas desonestidades e descortezias, sem ajuntamentos e conselhos ajuramentados, aos Santos Exangelhos, e isto com tanta desordem e com tanto alvoroço que me cumpriu afastal-os de mim, e antes acarretar a pedra e a cal e o barro só e ao pescoço, que os trazer em minha companhia entre mouros mui agudos e avizados, que entendiam tudo mui bem. E por detraz de mim me alevantavam, que queria eu prender Cwaja Atar, para o resgatar por 60 mil dobras; e semearam na cidade, que fazia eu aquela fortaleza para os destruir e asenhorear, e outros requerimentos que me faziam, para me forcarem a alevantar daqui e se não fazer meu assento aqui, como me El-rei tinha dito; e isto, senhor, começaram comigo, depois que lhe mostrei essa carta que mandava a V. S. por uma nau de Onor, em que vos escrevia minha determinação e o que me parecia das cousas de cá. Viram por ela como, depois da entrada no Mar Roxo, havia de volver a invernar aqui a esta cidade, e fazer nela meu assento, e mandar-vos as naus grossas, e os navios pequenos ficarem comigo, com determinação de me pôr a cavalo e fazer a gnerra na terra firme; e as ilhas que por aqui jazem de redor, proveitosas a serviço d'El-rei, trazel-os a seu senhorio. Esta era a minha tenção até vir recado de V. S. do que de mim houvesse de fazer. E para isto que digo, senhor, não me era necessario dinheiro. senão gente, porque tenho esperança em Deus, desta Ilha e da de Baharem haver 50 mil serafins de oiro cada ano. Esta determinação minha, não poderiam eles sofrer, — saberem que haviam de ficar os navios pequenos comigo, bem como eles e toda a gente; e por todas as más vontades desejavam de me deitar d'aqui fora, e fizeram-o de feito, como V. S. vê, porque agora me haviam por mais assentado e mais senhor d'Ormuz, e não poder deixar de o levar nas mãos.

E, ainda outro erro fizeram contra o serviço d'Elrei, mui grande; mostrarem á gente, que do tributo que aqui se deu a Elrei, haviam eles de haver parte, e que era tomadia e não tributo, mostrando á gente que eles ficavam por fiadores, e que os tinha roubado do seu, defendendo-me eu sempre com V. S.^a, porque o julgue e determine, pois eu, o tributo d'Elrei, o não havia por tomadia nem preza, e que eles não haviam de ter dele parte; que lá iriamos, onde V. S.^a estivesse, que as páreas, como tributo d'Elrei não se haviam de gastar nem dispende; que a V. S.^a deviam ir, e lá o determinasse como lhe parecesse bem. Meteram com isto a gente em tanta desordem, que quasi me não queriam servir, e por força me fizeram dar á Flor de la mar, a cada homem, 10 cruzados, tão alvoroçados os achei contra mim, e assim o capitão. Era, senhor, já isto de maneira, que entre eles mesmos havia aí razões uns contra os outros, e parece-me, se-

nhor, que com estas cousas e com outras, largas de contar, não tardáram os mouros a se levantar contra Elrei nosso senhor. Veja V. S.^a lá, se são estas cousas dignas de castigo.

Tendo eu, senhor, as cousas de Ormuz postas em socego, depois da guerra acabada, espalmei as minhas naus, e as puz em monte, e lhe dei todas as cousas de que tinha necessidade, de quanto os mestres delas me requereram, e estavam tanto a ponto, e tão sãs, e tão bem aparelhadas, como se saíram da Ribeira de Lisboa. E este corpo desta armada, assim concertada e aparelhada por mim, e por meu trabalho e cuidado, não me pôde Elrei fazer este serviço... com a qual armada, com a ajuda de Deus, eu esperava fazer mui grandes serviços a Elrei nosso senhor, e a V. S.^a, e não como algumas outras pessoas teem feito, lançando as naus d'Elrei a travez, e suas armadas feitas em pedaços pelas ribeiras do mar; e eu creio que este serviço que aqui digo, será bem recebido d'Elrei e de V. S.^a, e será dado castigo aqueles que as ordenanças d'Elrei e sua armada pizeram em desbarato.

Tambem lembro a V. S.^a como eles me fugiram, tendo eu nova de que em Cambaya se fazia armada para vir sôbre mim.

Com a ajuda do mui alto Deus, não me meteu isto em desbarato, mas como capitão d'Elrei nosso senhor, mandei largar outra ancora á minha nau, para verem os mouros que a armada d'Elrei não havia medo a nenhuma cousa que viesse sobre ela; e por isso, senhor, deve V. S.^a tornar mui rijo a estas cousas, que são feitas em vosso tempo e debaixo da vossa governança e mando, pois Elrei nosso senhor bem o mandára, que mandou publicar a todos os capitães por Rui Gomes, juiz da Mina, bem como aos mestres e pilotos, que nenhum fosse tão ousado, que deixasse seu capitão mór, nem se apartasse dele sob pena de caso maior e perdimento de fazenda.

E porque V. S.^a saiba mais meudamente como Ormuz quebrou comigo: com eles se lançaram quatro homens desta armada, um grego calafate da Flor de la mar, um biscainho calafate de minha nau, um grego marinheiro de minha nau, e um português, marinheiro da caravela de Antonio do Campo, que, já dias havia, que andavam neste trato de os recolherem a si; esperavam, (os de Ormuz), despachar primeiro uma nau d'Elrei, que será de 800 toneis, que aqui lhe tomei no desbarato da sua armada e lhe tornei a dar; e neste tempo me esbofetearam o pedreiro, mestre da fortaleza, e outro dia me esbofetearam o mestre que fazia a fusta, e outras honradas deshonestidades que esses frecheiros faziam por essa cidade. Coje Atar, ora me mandava requerer que me não fosse d'aquí, que haviam medo das naus de Meca, que se tornassem á cidade, a senhoriariam, ora me mandava dizer que fazia bem em me ir d'aquí. A estas cousas lhe respondi o que me parecia, até me fazer forte na torre que comecei; passado isto, partiu a nau *Ateri*, do que me eu muito arrependi. Então, recolheram logo os cristãos a si, e me tiraram logo os pedreiros e trabalhadores que andavam na torre; quando achei menos os cristãos, mandei-lhe dizer que me mandasse os homens da armada d'Elrei; responderam-me que se não haviam de perder, e que logo mos entregariam; tomei conselho com os capitães, e isto, senhor, por fazer sempre o que devo, e lhes dar parte de todas as cousas, como sempre fiz, tendo eu já seu conselho por mui danosa cousa para o serviço d'Elrei e por minha honra, todos me disseram que se me não dessem os meus homens, que lhe devia fazer a guerra; e ao outro dia me mandaram um assinado seu, deles todos cinco, em que me diziam que não devia fazer guerra a Ormuz; e que, se a fizera, não haviam de ser comigo, nem ra por meu

mandado, tendo-me eu já pôsto com Coje Atar, que se me não desse os homens da armada d'Elrei, caía em desobediência e desacatamento, e que quebrava o contracto e assento que com êle tinha feito, e que lhe lembrasse que nunca tomava homens seus, mas antes, os que captivava na guerra, próprios creados seus, m'os mandára pedir e lhos dera. E que soubesse certo, que eu não era capitão para deixar perder uma agulheta da armada d'Elrei, e para não dar muito boa conta dos homens que me Elrei entregasse.

Respondeu-me que os tinha atados de pés e mãos e que logo m'os entregaria, que os tinha em um lugar na terra firme: que lhe desse cinco dias de espaço e que m'os mandaria trazer: aprouve-me aquilo. Neste tempo mandou que não trouxessem o paráo da água, senão de noite, para me pôr em necessidade d'água, cuidando que os seus frecheiros me tolheriam as aguadas donde a traziam. Quando as coisas estavam já assim claras, fiz-lhe uma noite reprezalia nos paráos de acaretar água e em mais de 300 homens, e tomei um creado seu, que vinha de passar os 4 homens à terra firme; feita esta represália me mandou tornar a pedir êste homem, que queria mandar por êles: e mandei-lho.

Acabados os 5 dias, disseram que já eram vindos, e mostráram-os a Gaspar Rodrigues, lingua, e por êle me mandou dizer Coje Atar, que lhe mandasse os mouros todos em terra, e lhe mandei pôr todos em uma ponta d'areia, junto com a fortaleza. Pareceu-me aquilo ruindade, e mandei pôr em terra 150 homens armados a redor deles, e eu em um esquife à beira d'água. Foram com um recado ou dous, e vieram com outros tantos; enfim, mandou-me dizer que me mostraria um do Cerame, e deixou-me estar ao sol, boas duas horas ou três. Por fim, não me quizeram dár os homens, e neste tempo de dilação, tapavam todas as bocas das ruas com pedra e cal, e delas com madeira e varavam as naus em terra.

Quando vi esta determinação, sua, — pôr-se em armas contra mim, — confiando na artilheria grossa para lhe derrubar as paredes da sua fortaleza, e entrar com êles, mandei chegar os navios pequenos a terra. A poucos tiros não tive camelo nem coronha de bombarda grossa que não fôsse feita em pedaços, por ser tudo pôdre. Mandei arredar os navios e pô-los em cêrco em redor da Ilha, e quiz primeiro apalpar onde haveria água para as minhas naus, porque não a havendo, estava mais desbaratado que Ormuz. E saltei em Queixome (Kishw) uma ilha que está perto desta cidade, donde se trás a mór parte da água, e levaria comsigo 200 homens, e saltei em uma vila mui grande, e desbaratei-a e matei-lhe muita gente, e tomei d'ali, muita carne e mantimentos, e água para as naus. Não eram ali mais capitães comigo, que Francisco de Tavora e Antonio do Campo. Dali a dois dias dei em outra vila muito maior, nesta mesma ilha, e fui sentido de noite; e quando amanheceu, dei no lugar, não achei gente nenhuma nele.

João da Nova, que ia por uma parte por onde o mandei, com a sua gente e Jorge Barreto por outra parte por onde o mandei cavalgar o lugar, com 50 homens, se vieram, êle e João da Nova, ajuntar no cabo do lugar, numa casa forte onde estavam os capitães da Coje Atar, que guardavam a vila; cuidando de se defender na casa, os entraram por força d'armas Jorge Barreto e João da Nova, e pelejaram com eles e os mataram e a muitos cavalos e outros alguns, que a minha gente solta por essas ruas traziam à espada. Foi ali ferido João da Nova, e lhe mataram um homem, e lhe feriram dois ou três outros; e dali houvemos assaz mantimentos e água por dias. Fugidos esses capitães e levados os navios donde os tinha postos, já não pude dali em diante tomar água sem me ferirem alguma

gente, os daquela armada que esses capitães deixaram sobre mim, e se foram, sem a querer desbaratar. E assim me levantei do cerco, sendo o chanto na cidade, cada noite, da sede e fome que padeciam, que não foi cousa para crer, tendo já os poços entupidos e cisternas com mouros mortos, e cavalos, e camelos, e mulheres e meninos e mortos e decepados mais de mil homens. acuda V. S.^a em pessoa, ou me mande homens e navios, porque creio, senhor, que este tirano de Coje Atar ha-de roubar a cidade e ir-se, e se V. S.^a lhe parecer que sou escusado para isso, lembre-se que Elrei em meu regimento carrega sobre mim o socorro e guarda de Socotará, o qual eu não posso fazer, porque esses capitães me levaram os navios e gente. Estas duas naus que me ficam, em Agosto serão com V. S.^a E se m'os mandaes, sejam fornecidos de mantimentos, porque a gente que neles virá não lhe darão de comer nesta terra por seu dinheiro. Beijeirei as mãos de V. S.^a tomar arte feito, que esses capitães fizeram mui rijo, porque não vão com outro esforço de cá senão parecendo-lhe que ha-de V. S.^a folgar com sua ida e com todo o meu desbarato, e mandar l'êr esta carta perante eles, para me fazer merce. E beijeirei as mãos a V. S.^a de mandar guardar esta carta para Elrei nosso senhor a ver, porque se não faça já em sua vida tão feia coisa como esta.

João da Nova vai de mim agravado, é certo, senhor, que quem ha de servir Elrei pode contentar mui poucas pessoas, serviu sempre mui bem neste caminho que fiz, e é digno de muita mercê e honra ante Elrei e V. S.^a Fico escandalisado dele, porque o apartei para com ele tomar meu conselho, e esses senhores que lá vão, o tornaram a meternabriga comigo.

Este cavaleiro, creado do Duque de Coimbra, que esta minha dara a V. S.^a, — era Gaspar Dias, de Alcacer do Sal, — lhe deceparam uma mão, na peleja que houve com Elrei d'Ormuz. deve-lhe V. S.^a fazer mercê e satisfazer-lhe o seu aleijão. — Feita em Porto de Ormuz, a 2 de Fevereiro de 1508 — (a) *Afonso d'Albuquerque*

No mar, 6 de Janeiro de 1508 — Ao Viso Rei

Senhor — Para apagar os alvoroços da Flor de la Mar e desobediencia em que os achei contra mim, estando em guerra de inimigos, tendo-os cercados, ouvindo-nos eles muito bem, e nos atirando suas bombardas da fortaleza, para nos estremar, — (e com este socego, senhor, se faziam cá as cousas de serviço d'Elrei), — esses capitães que lá vão, dignos de muita pena, quiz antes este alevantamento pagar com dinheiro, que com o cutelo, que eles bem mereciam, e lhes mandei dar 540 cruzados, com a condição de V. S.^a houvesse, (concordasse), que do tributo d'Elrei e pareas houvesse de haver a gente partes, como se fosse preza ou tomadia. Os capitães para indignarem a gente contra mim, disseram-lhes que haviam de haver partes, e que eu os roubava do seu.

Sempre me defendi, que V. S.^a era juiz destas cousas, que eu, o tributo o não havia por preza nem tomadia. Os capitães, todavia, acenderam este caso quanto poderam, dizendo a gente que eles queriam ficar por fiadores e outras cousas feias. Este dinheiro que assim dei, vai lá uma arrecadação dele, e mais Pedralvares leva mil serafins para, com o dinheiro que tem recebido, e com este, lhe ser feito pagamento de oito meses.

Tambem, senhor, neste negocio d'Ormuz, não vos faça ninguem entender que eu fiz paz com Ormuz, porque tal não é. mas depois de o ter desbaratado e vencido, metendo-se eles em minhas mãos, lhe tornei a entregar a governança do Reino, que o regessem e governassem em nome d'Elrei de Portugal, D. Manuel, e lhe lancei o tributo de 15 mil serafins.

d'ouro, e com outros pontos de muita instancia, segundo se verá pelo asento e entrega que tenho feito com eles, da governança do Reino, o qual eles hão de entregar a V. S.^a ou a Elrei nosso senhor ou a quem seu poder tiver, com toda a obediencia e acatamento, cada vez que lhe for requerido. E, portanto, senhor, não foram pazes que fiz, mas Reino ganhado por força d'armas, submetido á obediencia d'Elrei nosso senhor, tornado a receber das minhas mãos, com a obrigação do tributo que lhe puz.

Da maneira que agora fica, creio que o tributo sempre o pagará, mas a entrega do Reino será por força d'armas. E com esta pobre armada, que debaixo de vossa lança e obediencia nestas partes anda, eu esperava, não me fazendo os capitães portuguezes traição, o tornar a tirar outra vez, do poder dos tiranos e metel-o nas mãos dos mui bons homens cidadãos e pacíficos, que não tomaram nunca os homens da armada d'Elrei, para os tornar mouros. Aviso disto V. S.^a porque não quiz meter minhas cousas em mãos dos meus inimigos, que, enfadados de pelejar, danaram o serviço d'Elrei. . .” No mar, 6 de Fevereiro de 1508. — (a) *Afonso d'Albuquerque*.

No mar, 15 de Fevereiro de 1508 — A Elrei.

Senhor — (Resumo) — Comunica que antes de partir de Ormuz, lhe propoz Cwaja Atar que perdoasse e lhe deixasse ficar os dezertores, e considerasse a cidade casa d'Elrei de Portugal: a isto respondeu Albuquerque que não deixaria de guerrear a cidade até lhe entregarem os dezertores. Insistindo de terra com os recados, Albuquerque mandara lá Ayres de Sousa Chichorro com o lingua Gaspar Rodrigues: os mouros apenas apresentaram um dos dezertores, marinheiro da caravela de Antonio do Campo. Diz estar convencido de que Ormuz pagará o tributo com regularidade, mas nunca consentirá de bom grado na construção da fortaleza, que, por isso, só poderá ser feita á força, o que exige armada com gente bastante e mantimentos que na ilha não há. Toda a especie de mercadoria tem grande valor em Ormuz. Pagou soldos ás tripulações, no valor de 8-9 mil cruzados, sendo 5 mil dados pelos mouros e 4 mil do cobre d'Elrei, que ali vendeu. Tem em cofre 405 mil serafins das páreas, que quer entregar, intactos, ao Viso Rei com mais 2 mil cruzados que empregou em perolas, que se lhe afigura terem sido muitos caras. Vae a Socotorá fornecer de mantimentos a fortaleza, e dali irá com as duas naus, que lhe restam, ao Estreito de Meca dar uma vista d'olhos a Adem e ahi tenciona invernar, ou em Socotorá. Em Agosto, mandará os navios para a Índia, e ficará em Socotorá, conforme o seu Regimento, salvo mandado o Viso Rei outra cousa.

XVIII — Chegada de Albuquerque a Cananor

Em Cochim o Viso Rei fazia dar aviamento à carga das naus, com grandes complicações porque como os capitães e tripulações das naus de carga trouxessem de Portugal muita coisa para negócio, e como estes negócios prejudicassem fortemente o negócio régio, verdadeiro monopólio, teve o Viso Rei de proibir que as tripulações viessem a terra; daqui resultava, naturalmente, um intenso e violento *praguejar* contra o Viso Rei, sobretudo depois que se soube que o Viso Rei escrevera para Portugal, dizendo ser indispensável proibir o negócio aos capitães e aos oficiais de justiça e fazenda, compensando-os com melhores ordenados.

Completa a carga das naus do Reino foram despachadas: duas larga-

ram primeiro sob o comando de D. Álvaro de Noronha e dias depois largaram cinco sob o comando de Fernão Soares; uma, a *Belem*, capitão Jorge de Melo Pereira, ficou na Índia.

D. Álvaro, capitão de Cochim regressou a Portugal num daqueles navios, sendo substituído na capitania por Jorge Barreto.

De Cochim passou o Viso Rei para Cananor (1), onde chegou Albuquerque, como vimos, de Ormuz. Apenas fundeou, Albuquerque salvou e fez arrear a bandeira da gávea, "o que foi coisa bem atentada" e desembarcou, e chegando à porta da fortaleza encontrou o Viso Rei que saíra a recebê-lo; abraçaram-se, foram juntos à igreja fazer a oração e daí para as casas onde morava o Viso Rei, onde Albuquerque lhe relatou quanto fizera e passara, o caso dos capitães desertores, lamentando nessa ocasião, que o Viso Rei os não tivesse punido. O Viso Rei observou-lhe que os não podia punir sem primeiro os ouvir, e que tendo concluído ser Afonso Lopes da Costa o mais culpado, o prendera e mandara para Portugal, ao passo que conservava presos António do Campo e Manuel Teles, embora com menagem, porque precisava deles para a expedição a Diu, mas que quando dali regressasse, se todos fôsem vivos, liquidaria a questão.

Albuquerque ofereceu-se então para o acompanhar também a Diu

— Vossa mercê vem tão cansado dos seus grandes trabalhos, respondeu o Viso Rei, que seria peccado tal consentir. Vá-se em boa hora a Cochim, a descansar, com a gente que quizer levar, que saibam os Mouros que se eu lá ficar, (em Diu), teem em Cochim o Viso Rei para os castigar. Leve Vossa mercê o *Cirne*, e mande-o varar e concertar.

Albuquerque regressou para bordo do *Cirne* e o Viso Rei foi logo embarcar na *Flor de la mar*, que João da Nova concertara.

Apenas Albuquerque recolheu a bordo, foi logo visitado por alguns fidalgos, que tendo sabido que elle ficaria governando a Índia quando D. Francisco acabasse o seu tempo, vinham adorar o sol nascente com grandes oferecimentos e lisonjas para prepararem o caminho. Para lhe serem mais agradáveis, informaram-o de quanto os capitães desertores tinham dito contra elle; insinuaram que o Viso Rei gostava de ouvir dizer mal de Albuquerque, e tanto fizeram, que Albuquerque começou a arrepender-se de ter ido a terra cumprir o Viso Rei. Tudo isto complicou mais Gaspar Pereira, o secretário indispuesto com o Viso Rei, que em Cananor, insinuara que este declarara que não entregaria o governo sem nova provisão de Elrei.

Incidado por esta forma, Albuquerque "tomou muita paixão" e no dia seguinte indo a terra, e depois da missa, quando, como era costume, foram para a "ramada" à porta da fortaleza, Albuquerque "muito sêco" disse para o Viso Rei:

— Senhor. Muito me espanto que V. S.^a, que como Viso Rei é tão obrigado ao primôr da direita justiça, não punisse três capitães que desertaram ao seu capitão-mór abandonando a sua bandeira em frente do inimigo... pelo que rogo a V. S. que os mande prender.

— Senhor Afonso de Albuquerque, respondeu-lhe o Viso Rei, vós e eu, já falámos nisto... Quando eu voltar de Diu, então farei justiça, e se eu lá ficar, vós a fareis.



(1) O primeiro capitão de Cananor foi Lourenço 663, sendo seu capitão António Cardoso.

Estas ultimas palavras disse-as já sacudidamente, e levantando-se, dirigiu-se para a praia e embarcou.

A intriga, então, desenvolveu-se de parte a parte entre os partidarios dos dois, e tanto fizeram, que Albuquerque muito incitado, requereu por escrito ao Viso Rei a entrega do governo, e mandou o requerimento por Antonio de Cintra, que exercia as funções de secretario por Gaspar Pereira ter ficado em Cochim, para que o lesse.

— Dae ao senhor Afonso de Albuquerque quantos instrumentos e papeis ele vos pedir, respondeu o Viso Rei a Antonio de Cintra, e muito bem concertados, porque lhe muito cumprem, e passae uma provisão para o Feitor Gaspar Pereira tirar do meu vencimento um ano e lh'o dar, porque este tempo que aqui sirvo é de sua governança, que ele deve vencer e eu não.

E voltando-se para Albuquerque:

— Senhor, eu cuidei que vinheis tão cansado dos trabalhos, que não quizesseis logo entender nestes de governança e folgasseis ficar descansando até eu voltar. Porque este trabalho tenho entre mãos, por ser pae dum filho morto, pelo que vossa mercê não deve querer tirar-me a esperança, com que vou, de vingança... Sede vós juiz deste caso, pondo-vos no meu lugar... Vossa governança na mão a tendes; eu somente fico por óspede até tornar. Muito vos peço, por mercê, que nisto não haja mais debates. Vá-se vossa mercê a Cochim, que tambem lá lhe não faltará trabalho, e despache as suas coisas para o Reino, porque amanhã á noite, quero deitar estas naus d'aqui.

Lourenço de Brito que assistia á conversa interveiu:

— Senhor, melhor é Cananor (1) para folgar, e se vossa mercê quizesse aqui ficar seria grande mercê, porque iria eu ver como são estes Rumes.

— Senhor, respondeu Albuquerque ao Viso Rei, eu nem escolho, nem tomo nada, somente faço o que manda Sua Alteza.

E despedindo-se, saiu aparentemente satisfeito e nesse mesmo dia largou para Cochim. O Viso Rei despediu as naus do Reino pelas quais escreveu a Elrei a carta que segue:

«Muito alto, e muito poderoso Rei, meu senhor.

Grande paixão é para mim escrever a V. A., porque não posso deixar de tocar cousas, que cortam a minha alma... e fazia fundamento, que das cousas que de cá vos escrevia Gaspar Pereira, muito fiel e verdadeiro servidor, e homem de mór marca que os chronistas...

Meu filho é morto como a Deus aprouve, e meus pecados mereceram. Mataram-o Venezianos e Mouros do Soldão... da qual cousa ficaram os Mouros destas partes mui favorecidos, e com esperança de grande socorro, e parece-me que não podemos escusar de este ano nos vermos com eles de verdade, que será a cousa que eu mais desejo...

A' feitura desta carta, que são 20 de Novembro, tenho novas de Lourenço de Brito, que lhe mandára dizer Timoja, de muitas naus d'armada que vem da costa d'alem, destas gentes que chamam Rumes; e assim me escreveram que em Diu se faziam naus e galés da propria marca das nossas; porem, quantas quer que elas sejam, eu sairei d'aqui, em fim de Dezembro, e ilas-hei buscar a Diu, e dar-me-ha Nossa Senhora mercê achar o

(1) Cananor: o seu 1.^o capitão foi Lourenço de Brito; perdeu-se a 6 de Janeiro de 1663, sendo seu capitão Antonio Cardoso.

mar cheio deles, porque com estes poucos vossos criados, em que está toda a nossa força, desarmados e alejados de feridas, e descontentes dos setenta por cento que lhe la fazem de quarto e vinten, eles e eu mostraremos o que ha em nós

Mandei desfazer seis navios, que ja outro ano não poderam navegar

Em uma carta me escreve V A, que não creia cousas que me digam e que de mim lhe disseram mal . sei que se murmurou de pessoas a quem eu não sou digno de desatar a correia do sapato

Eu tinha escrito a V A, o porque não deixara vender as brivias, (brilias) do Corregedor . pois assim quereies, va minha alma com a vossa, porque eu certifico a V A, que os judeus de cá, não o eram senão de ouvido, com algumas mentiras que a mulher do Gaspar sabia em sur lei, as cegas os fazia crer, mas agora, pela doutrina destas brivias, são letrados inteiros

O lacre que V A diz que lhe mande, será maravilha a ver-se, porque estas naus partem cedo, e as naus que o trazem do Pegu e Martaban veem tarde e espero por boa soma defe, porque o tenho mandado trazer Mercê me fara V A, em mim ter confiança .

E assim, V A me manda que a pimenta va limpa e seca Sei que se contentou da que levou Tristão da Cunha, e muito mais da que agora vae, prazera a Nossa Senhora que sempre assim será.

E porque V A me mandou que o pezo se fizesse com nossas balanças e pezos, eu o tenho achado . com bons izames e avaldação, e achámos que peza o bár de Cochim trez quintaes e trinta arrateis do pezo velho, e nos custa o quintal mil e quinze reis, o muito, e dá-se tal avrimento, que com duas balanças, ate vespera, pezarão mil quintaes

Trago á carga paraos grandes com gente da terra, por não quebrantar tanto a gente do mar, que tem muitos trabalhos no corregimento das naus

Este Janeiro, mandei notificar com pregões, que todos trouxessem pimenta, e que logo lh'a pagaria na mão, do que os mouros houveram pezar, porque são eles os regatões dela, que os donos da pimenta são gentios, e a vendem aos mouros fiada, a troco de mercadorias, e isto fiz porque cuidem eles que temos grandes tesouros

E assim me diz V A que houve prazer da tomada de Quiloa e Monbaça

Assim me diz e manda a maneira que hei de ter no pagamento desta gente, e defende que não tome o direito de carga. . e as cousas estão ca como V A não cuida, . se cumprisse vosso mandado ao pé da letra, por isso mereceria castigo

Assim me mande V A que vossas despesas faça com toda provisão... não se devia V A esquecer dos galardões e mercês que merecem os que ficaram alejados, e descontentes pelos eu não poder satisfazer

...e fôra bem que vos lembrara a este propósito, que a gente de cá se devem dous e três anos de soldo, e que morrem de feridas, e trabalhos...

Diz V A das mercadorias defezas, que mandei pagar em Anjediva

Houve noticia de algumas que vinham nas naus, e porque eu sobe tantos serviços, ouve que não era boa fazenda para V. A levar penas, então mandei apregoar que as descobrissem e entregassem ao feitor e lhas mandei pagar, e creio que foi pouca coisa

Lá irá, agora, a fazenda de Ruy Mendanha, que é dessas Apostaria que lha mande V A tomar, porque não é razão, pois tanta perdeu no vosso serviço, por culpa do vossos capitães

Quanto à paz de Coulão, eu lha aceitei porque muitos meses me ro-

gavam com ela, e não porque me parecesse proveitosa a vossô serviço... Escusada é outra carregação fora daqui, porque em Cochim há pimenta que nunca de Portugal viram naus, que a acabem de levar, e as outras especiarias e ricas drogas viriam a esta costa, e daqui a Cochim, mas não ousam por induzimento dos mouros, que lhes metem medo.

Eu tenho mandado a Malaca e àquelas partes, cartas e seguros, e contudo não veem.

Ácerca da fortaleza em Coulão, quantas mais fortalezas tiverdes, mais fraco será vosso poder; toda vossa força seja no mar, porque se nele não formos poderosos, o que V. A. defenda, tudo logo será contra nós; e se o Rei de Cochim quizesse ser desleal, logo seria destruído; porque as guerras passadas eram com bestas, agora a temos com venezianos e turcos do Soldão.

Quanto ao rio de Cochim, já escrevi a V. A. que em Canganor seria bom um castelo forte, em uma travessa desse rio que vai para Calicut, porque lhe tolherá que não passe para lá um alqueire de pimenta.

Entendamo-nos com o que temos no mar, que são estes novos inimigos, que espero na mizericórdia de Deus que ele se lembrará de nós, que tudo o mais é pouca cousa.

Sabeis certo, que emquanto no mar fordes poderoso, tereis a Índia por vossa, e se isto não tiverdes no mar, pouco vos prestará fortaleza na terra. E no lançar os mouros para fora da terra, bem lhe achei o caminho, mas é longa história, que se fará quando V. A. quizer e fôr servido.

Quanto á pimenta e drogas que vão a Levante, custa a V. A. que não vão desta costa, senão de Malaca, Sumatra e Pedia, onde nasce muita pimenta longa e redonda; e muito bem sei por onde passa e em que tempo; até agora não lhe pude mandar tolher a passagem, porque não tenho o principal.

Quanto a me mandar que entenda com os cousas de Malaca, se V. A. fosse bem informado de mim, e do que cá faço, desnecessario era de m'ó lembrar.

Destruamos estas gentes novas, e assentemos os velhos e naturaes desta terra e costa, e depois iremos ver terras novas, e tudo se lá fará quando cá for o campo nosso, que eles nos rogarão com elas; porque, daqui a Malaca é monção afastada, e tempos limitados, adversos uns dos outros.

Quanto ás cousas de Ormuz, lá viu V. A. como ficaram, e o estado em que as deixou Afonso d'Albuquerque, que perdoe Deus a Tristão da Cunha, porque o não trouxe á Índia, que todo o vosso serviço fora acabado, e soberam eles na costa d'alem que estavamos cá todos em guerra, e esqueceram-se disso.

Acerca das cousas do Mar Roxo, de que diz que o não avisei, mal posso eu dar conselho do que não sei, e o que agora entendo é que se desamparaes o de cá, para mandardes lá; porque a armada que ao Estreito ha de ir, ha de entrar com levantes, que são em Dezembro e Janeiro e tornar em Março com os proventos; e se lá quizer invernar, estará até Agosto; e ficarão em muito risco de os tomarem.

Culpa-me V. A. porque vos não escrevi e porque não mandei o Tinoco a Narsinga. Parece que daes as minhas cartas a quem vol-as nega, ou com vossos grandes cuidados se vos passam da memoria.

Culpa-me V. A. que o não aviso das cousas de cá. Todo o necessario lhe tenho meudamente escrito, afóra o que vae no tombo do Gaspar Pereira... O castelo de Cochim, é feito de pedra e cal, assim como dirão esses que de cá vão; tem porta para o rio, onde tem viração de melhores ares, que os paços de Sintra...

Já V A por minha carta terá sabido que fiz o castelo de Cananor e desfiz Anjediva. Com o castelo de Cananor, os mouros muito se apas-
tam. Se V A ha de entender nas cousas da Índia de verdade não é seu
serviço entender em outros guerrejões, e se em cada dia se ha de armar lá
uma invenção, sem informações do que por cá vae, perder-se há tudo em
pouco tempo.

Isto digo a V A por meu descargo, posto sei que vos que ha de des-
prazer, e lhe escrevo por não ficar comigo a culpa.

A aljofar e perolas que me manda que lhe envie, não as posso haver,
que as há em Ceylao e Cale, que sao fontes delas. Os sinabastos por-
celanas e cousas deste jazz sao de muito longe. Se meus pecados me ti-
verem cá mais tempo trabalharei por haver tudo. As escravas que me diz
que lhe mande tomam se de presas que as gentias desta terra sao pre-
tas e mancebas do mundo como chegam aos dez anos.

Sofala é tao grande cousa como la diziam, eu vol a tinha granjea-
do como Nuno Vaz Nela mas V A mandou o que foi de vossa vontade.
A fortaleza e feitoria que em Moçambique mandastes fazer nao era de
vosso serviço e não provejo Sofala com captao que el' ha bem mister
nem dou Regimento ao de Moçambique do que faça nem captao porque
quando de cá chegasse, o que eu mandasse, chegaria o que V A enviasse
que o botaria desonradamente fora, e minha obra ficaria em balde. Bem e
que venham vossos capitães ordenados como em Moçambique.

Do limite das licenças dos escravos não posso nada mais fazer que
aquilo que me requerem vossos capitães, que lhes sao necessarios para le-
varem as naus a Portugal porque eles nao trazem gente bastante nem
amarras, nem rapelinhos, nem mantimentos, nem as cousas que lhes são
necessarias. A mór parte da vossa gente com assaz medo e desconfiança
por verem os desfavores que lhe de lá veem, se nao lhe pagarem seu orde-
nado, estão descontentes, e dariam as quintaladas, porque os deixassem ir
deste trabalho.

se a vossa armada no mar for poderosa haveremos trigo em
abundancia a 25 reis o alqueire, comprado a troco de mercadorias em
Chaul, arroz de graça e comprando se por mercadorias se achara muito
e custará o fardo 120 reis, que tem quatro alqueires e meio. Também
haveremos breu em abastança até 400 reis o quintal, linho em abastança
e mais barato que lá, temos cordoaria com todos os petrechos e cairo em
abastança.

Esta carta expõe admiravelmente o que se passava na Índia e todo o
plano politico do Viso Rei "que toda a nossa força seja no mar".

As suas ideias de dominio colonial sao bem delinidas quando diz
"Quantas mais fortalezas tivemos mais fracos seremos".

O final da carta mostra uma certa má vontade contra Albuquerque e
é sobremaneira injusta quando insinua cobiça no homem mais desprendido
de bens de fortuna que nunca houve na Índia, no homem que recebendo
os mais ricos presentes dos soberanos nunca ficou com cousa alguma
para si, distribuindo tudo pelo Rei, pela Rainha e pelos capitães e soldados.

Logo que Albuquerque largou de Cananor para Cochim, o Viso Rei
despediu as naus do Reino, recolheu toda a gente da armada, e estava
embarcado quando appareceu Francisco de Tavora pedindo licença para
o acompanhar a Diu, ao que ele acedeu.

Uma carta de Antonio de Cintra o secretario que substituiu Gaspar
Pereira, para Elrei, com data de Cananor, 8 de C de 1505, presta
algumas informações sobre a entrevista de Albuquerque e o Rei, e
por isso a transcrevemos.

Senhor — Depois de ter acabado de escrever a V. A., chegou aqui a Cananor, Afonso de Albuquerque com a sua nau *Cirne*, e Martim Coelho e o navio de Diogo de Melo, que finado é; e vinha nele, D. Antonio, seu sobrinho, (d'Albuquerque). Pela persunção, que tínhamos, dos Rumes, se fez toda a frota á vela, por mandado do Viso Rei; e ele, com elas, na nau *Flor de la Mar*, em que ora anda, foi tão de supito e tão depressa, que V. A. houvera prazer de a ver, porque se fizeram em terço de meia hora, treze naus á vela e duas galés, de que os mouros de Cananor me disseram que ficavam muito espantados: nas quaes iam 1100 homens que V. A. ora cá traz, tirando as naus dos mercadores que ainda aqui estão, a saber: Fernão Soares, e Ruy da Cunha e Vasco de Carvalho.

Sabido ser o *Cirne* e sua companhia, depois de algum prazer haver tomado de bombardas e salvas, o Viso Rei veio, e toda a frota com ele, e Afonso d'Albuquerque e os dois navios que com ele vinham, vieram pou-sar deante de Cananor.

Logo naquele dia veio Afonso d'Albuquerque á *Flor de la Mar*, onde estava o Viso Rei e foi dele muí honrado e amigavelmente recebido, e depois dalgumas, poucas, palavras passadas presentes todos, repassaram aos bateis e se vieram a terra, á fortaleza, onde estava Lourenço de Brito; onde com o Viso Rei, Afonso d'Albuquerque e Lourenço de Brito, estavam todos os outros fidalgos e cavaleiros que na armada andavam; cearam, e d'aquí se levantaram, e apartados Afonso d'Albuquerque e Lourenço de Brito com o Viso Rei, sós, salvo eu que era presente, disse o Viso Rei a Afonso d'Albuquerque que ele estava de caminho para o outro dia, se ele não chegára; que lhe pedia que o mais depressa, que podesse, se fizesse prestes, se o *Cirne* vinha em disposição de andar no mar, ou se sua vontade fosse dis-posta a isso. Foi respondido por Afonso d'Albuquerque que o *Cirne* fazia tanta agua, que se não podia ter no mar, senão com as 4 bombas, e que ele vinha muito cansado do trabalho do mar; mas, contudo, se o Viso Rei o mandasse, iria. Foi-lhe respondido pelo Viso Rei mais, que se ele quizesse ir, que fosse; quanto ao *Cirne*, se quizesse outra nau, ou das de sua conserva que trazia, ou das que o Viso Rei tinha, lha daria, ou se com ele queria ir na nau, haveria nisso muito prazer.

Afonso d'Albuquerque disse que se o deixava o Viso Rei em sua es-colha, que escolhia ficar em terra, que vinha muito cansado e quebrantado.

O Viso Rei disse que de tudo que ele fosse contente e quizesse, que ele folgava muito. A todas estas cousas foi presente Lourenço de Brito só, e eu, que era deante.

Senhor. A meu parecer vós tendes agora a India no maior risco pelo caso de Afonso d'Albuquerque, que pelo dos Rumes; porque a gente é muito descontente dele, principalmente os capitães.

Creia V. A. que quem houver de governar a India, ha-lhe de cozer o estomago mandar Duques, e hade ter coração de gastar quatro mil cruzados cada ano na sua meza, e ter muita creação sua e de seus avós. Chamo creação a ter muitos creados. A governança da India é maior cousa que nunca fizeram saber a V. A.

Creia V. A. que tem muito poucas pessoas que lhes baste o coração para governar. Os homens cá, ora dizem que se querem lançar com os mouros, ou se querem levantar contra os capitães, Causa-o muito, o serem mal pagos de seus soldos. Até agora, houve tanto que foram remedeados e governados. Praza a Deus que daqui á vante assim sejam, para que ele e V. A. sejam servidos.

Senhor — Alguns destes capitães que vão para Portugal me disseram

que queriam requerer ao Viso Rei que se não fosse para Portugal este ano que vem, posto que a nau viesse em que ele hade ir, até fazer saber a V A o estado da India, e com o recado que V A lhe mandasse se poderia ir, e eu sabia sua determinação que, ainda que lhe dessem todo o mundo, se a nau chegára ou se Afonso d'Albuquerque viera a tempo que podesse ir nas naus que são partidas, não ficára pelo V. A assim ordenar A causa porque isto lhe queiram regressar, a pode V A perguntar a Ruy da Cunha, porque ele e um dos que nos disseram

Senhor — João da Nova, Manuel Teles, Francisco de Tavora, Antonio do Campo com todas as suas gentes e assim outros muitos fidalgos e cavaleiros e capitães, andam tão mal vindos com Afonso d'Albuquerque que, se lhes não fora dito por mim por mandado do Viso Rei que, em cousa pequena nem grande, em Afonso d'Albuquerque não apontassem nem falassem, o dia logo que chegou, creio que algum mau recado houveram feito para, agora, com o mandado do Viso Rei andam submelidos

Senhor — Eu não afirmo muito a V A a ida do Viso Rei este ano que vem, ainda que a nau venha posto que sua determinação seja aquela que V A manda Porque se a nau viera ou Afonso d'Albuquerque chegára primeiro 15 dias, apesar de todos os regimentos e forças de todos os capitães fidalgos e cavaleiros que na India andam, mas agora, que não é tempo de partir, hade ca invernar por força, este ano

Eu afirmo que Afonso d'Albuquerque se hade governar de maneira, segundo a malquerença dos homens com ele, se o Viso Rei se quizer ir, vindo embora o tempo de carregação, não possa

Prazem a Deus que não seja eu verdadeiro, e ele se amistara de maneira com as gentes, governara de maneira, que sejam dele contentes e se não fossem contentes e o Viso Rei se fosse, creia V A que não ficariam 80 pessoas na India, tirando os officiaes Não sei quanto V A disso seria servido, contudo V A faça fundamento que o Viso Rei se hade partir este ano que vem

Senhor — Lourenço de Brito pediu ao Viso Rei que deixasse Afonso d'Albuquerque neste porto de Cananor, porque a sua vontade era inclinada e desejosa de vos servir nesta viagem Foi dito pelo Viso Rei a Afonso d'Albuquerque e se queria ficar nela, escolheu que não, e que queria ficar em Cochim

Mandou lhe o Viso Rei dar suas pousadas e escreveu que fosse muito honradamente agasalhado e vestido Amanhã, que são 9 dias de Dezembro parto para Cochim, e o Viso Rei para Diu em busca dos Rumes com toda a gente que com ele vae, mui contentes deste ano tal serviço vos fazerem que deante de V A mereçamos mercê — Beijo as vossas mãos de V A — Cananor, 8 dias de Dezembro de 1508

Segundo Goes chron de D Manuel, Albuquerque com alguns seus partidários e com Afonso de Sintra, que servia de secretario por ter ficado Gaspar Pereira doente em Cochim, foi a nau do Viso Rei e ali Antonio de Sintra abriu e leu a provisão que Albuquerque lhe deu em que Elrei lhe dava o governo das Indias quando o Viso Rei terminasse o tempo, e Albuquerque exigiu a entrega do governo O Viso Rei recusou-se a isso antes de ter ido bater os Rumes, para o que preparára a armada, Albuquerque ofereceu se para o acompanhar, o Viso Rei agradeceu e recusou, que fosse descansar para Cananor ou Cochim Albuquerque optou por Cochim e para lá partiu e meleu-se numas casas de Antonio Real

Depois de partir Albuquerque para Cochim largaram para o Reino as naus de carga das quaes se perderam as de Ruy da Cunha, e Fernão Soares, por quem Albuquerque mandava a El-rei duas grandes pérolas e

um colar que Cwaja Atar dera por conta dos páreas e 4 Persas, mancebos nobres, frecheiros, que captiváram em Ormuz; aqueles dois capitães perdem-se sem mais se saber deles; os outros 5 chegam a Lisboa.

Em Cochim, a 20 de Setembro de 1508 esteve o Viso Rei em Conselho com estas pessoas abaixo numeradas sobre a maneira que teria em carregar nestas duas naus de Elrei Nosso Senhor, que partiram o ano passado de 507, a saber: se se carregaria primeiro nelas as quintaladas obrigatorias de cada ano e assim as obrigatorias dos mareantes, que são emfim dos 3 anos, e homens d'armas, ou se carregaria primeiro o dinheiro que algumas pessoas em Lisboa meteram no cofre a partido e desembargo, e não cabendo tudo, quaes lhe pareciam que deviam ir primeiro e eram mais obrigatorias, porque nas 4 naus de S. A., que o ano passado partiram para cá, e se lá faziam fundamento, não vão mais que duas por se tornar a recear de caminho com a pimenta de *Leitoa*, e a *Belem* ficar cá, e a fim dos 3 anos em que Elrei é obrigado a dar embarcação aos mareantes e homens d'armas, são agora acabados; todos tomam juramento aos Santos Evangelhos de dizerem a verdade; assim lhes foi perguntado pelo dito juramento que tomaram que dissessem se lhes parecia bem irem despachados nos direitos de Elrei o dinheiro e desembarque que vem de Lisboa a partido, ou não.

Item: D. Alvaro, capitão de Cochim, disse que lhe parecia que primeiro as quintaladas obrigatorias na India se carregassem, e acerca dos direitos, que lhe parece que não deve ir nada despachados neles.

Item: Manuel Pessanha disse que as quintaladas primeiro, e que deviam ir despachadas nos direitos as dividas outras e o dinheiro de partido, porque vão a risco das partes logo daqui.

Item: André Dias, feitor, disse que lhe parece que primeiro devem ir as quintaladas obrigatorias que Elrei fazia fundamento de irem nestas naus que partiram o outro ano, que são até 5 mil (6) quintaes, não contando as do fim de 3 anos, e depois pelo proprio irem as outras deixadas, e não bastando que não pelos direitos.

Item: João Vaz d'Almada, disse que as quintaladas todas primeiro, e depois nos direitos d'Elrei nem os ditos desembargos.

Item: Antonio Real, alcaide mór, diz que as quintaladas todas e o all nos direitos.

Item: Antonio de Cintra, escrivão da feitoria, disse que lhe parece que assim todas as quintaladas, como dinheiros de partido e desembargos deve tudo ir nas naus, assim nos proprios como nos direitos, que tudo é muito obrigado, e os desembargos diz pelos obrigatorios.

Item: Felipe Bramcacho diz que primeiro as quintaladas todas e depois o all nos direitos, e nos direitos das naus dos mercadores.

Item: Pero Cão, capitão da caravela Conceição, disse outro tanto.

Item: João de Sá, escrivão da dita feitoria disse que as quintaladas todas primeiro e depois o all nos directos, porque é muito serviço de Elrei no tempo em que estamos, pagarem-se os homens.

Item: Francisco de Babadilha, disse que tudo fôsem, assim das quintaladas como dinheiros e desembargos nos direitos, e das naus dos mercadores se cumpriu.

Item: Jorge Barreto, disse outro tanto.

Item: Gonçalo Mendes, capitão de S. João, disse outro tanto.

Item: João da Nova, capitão da Flor de la mar, outro tanto.

Item: Antonio de Mendonça, outro tanto.

Item: Jorge de Melo, capitão da Belem, outro tanto.

Isto pareceu assim a todos, porque disseram que eram dividas que devia Elrei de pagar, e era melhor irem logo a risco das partes, porque acontecendo algum perigo, que Nosso Senhor defenda, não fique Elrei obrigado a pagar depois; e todos assignaram, eu Gaspar Pereira o escrevi.

XVIII — A batalha naval de Diu

8 DE FEVEREIRO DE 508

A 12 de Dezembro de 508 o Viso Rei largou de Cananor com 17 velas, sendo 12 navios de gavia, duas galés, dois caravelões e um bergatim para Diu, «em busca do Mirocem, capitão do Soldão de Babylonía.»

Os navios de gavia eram:

Naus grossas { Flor de la mar, capitão, João da Nova, nele embarcou o Viso Rei;
Belem, capitão, Jorge de Melo Pereira;
Santo Espirito, capitão, Nuno Vaz Pereira (recem-chegado de Ceylão);
Taforea Grande, capitão, Pero Barreto de Magalhães;
Taforea Pequena, capitão, Garcia de Souza;
Rei Grande, capitão, Francisco de Tavora;

Nav. de gavia { Rei Pequeno, capitão Manuel Teles;
Rosa, capitão Antonio do Campo;
Andorinha, capitão D. Antonio de Noronha;
S. Antonio, capitão Martim Coelho;

Nav. pequenos { Caravela, Luiz Preto;
Caravela, capitão Pero Cão;
Caravela, capitão comendador Ruy Soares;
Caravela, capitão Felipe Rodrigues;

Mas duas galés eram capitães Paio Rodrigues de Sousa e Diogo Pires de Miranda; dos caravelões Alvaro Pessanha e Lizuarte Pacheco, e do bergatim Simão Martins.

Cada nau grande tinha 60 homens de tripulação, cada um dos pequenos 40, cada galé e caravela 25 e o bergatim 20.

Embarcaram 1200 soldados portugueses e 400 malabares, e mais de 700 escravos «valentes homens já usados a pelejar ajudando os seus senhores.» Em Cochim e Cananor ficam 80 homens e 40 officiaes de diversos officios e os doentes; na costa ficou Pero d'Ornelas com o Camacho e Diogo Botelho em caravelas latinas, e Gonçalo de Castro num bergatim: nestes navios 80 homens.

A armada ia provida, «de muita e formosa artilharia e muita polvora e artificios de fogo, e toda a gente bem armada, que até os escravos levavam laudeis, e em todos os navios muitos besteiros, mormente nas galés, caravelas e caravelões, que ainda neste tempo se não usava espingardas; e em todos os navios muitos bombardeiros, que só na nau do Viso Rei iam 30, porque a nau levava 18 peças grossas por baixo. Em toda a armada iam 150 peças grossas, afóra falcões e braços que eram muitos, e tudo muito bem provido, com tudo apontado, como cumpria .. e em todos os navios, muitas cousas para doentes e boticas, e fisicos, e cirurgiões, e barbeiros sangradores, e enfermeiros ordenados. .»

A armada foi a Onor onde o Timoja a visitou e ofereceu refrescos dali, foi meter agua e lenha em Angediva onde o Viso Rei deu um grande jantar a todos os fidalgos, em cima, junto ao tanque dagua, e nesse jantar falou-se

no grande mal que as fustas de Dabul tinham ali causado, pelo que o Viso Rei assentou de, no caminho, castigar Dabul. Reunidos os capitães, pilotos e mestres, disse-lhes qual a ordem porque entrariam no rio as galés, caravelas, caravelões e o bergantim, porque as naus ficariam fóra, e a gente delas embarcaria naqueles navios e nos bateis que levariam tiros pequenos. Largando de Anjediva, ao chegar em frente de Dabul fizeram o que o Viso Rei determinou, e com a viração e enchente entraram no rio as caravelas, após elas os caravelões, e depois as galés em que ia o Viso Rei e entre elas os bateis com muita gente.

O desembarque fez-se facilmente porque não houve opposição dos mouros que se foram colocar no muro que circundava a cidade para o lado do mar, onde tinham bombardeiras com alguns maus tiros de ferro, que não chegaram a disparar. O muro estava derrubado por partes e logo foi entendido pelos nossos que não encontrariam resistencia. O Viso Rei não chegou a desembarcar e deu escala franca. Morreram aqui Paio de Souza e Jorge Guedes.

De Dabul a armada largou a 5 Janeiro 509 para Chaul, onde o Viso Rei não quiz entrar e foi fundear em Bombaim, onde apenas encontraram alguns indigenas porque tudo fugira.

Daí o Viso Rei expediu um destes prisioneiros para Diu, com uma carta para Malik Ayaz em que lhe participava que ia sobre Diu buscar a gente que ali se acolhera depois da batalha de Chaul.

A armada largou de Bombaim com vento contra, de fôrma que só avistou Diu a 31 de Janeiro de 509.

— Eis vem o Pae com animo estupendo
Trazendo furia e magoa por antolhos...

A 1 de Fevereiro fundeou na costa, longe da cidade por lhe escassear o vento, mas no dia 2 ao meio dia, como soprasse uma viração fraca do mar, o Viso Rei fez-se de vela com toda a armada embandeirada, cinturas nas vergas, padezes postos, as galés de mantas armadas e toda a gente em cima, com armas "que com o sol reluziam as armas como estrelas, tangendo trombetas e atabales, que de quando em quando o vento fazia soar em terra."

A armada foi avançando toda posta em ordem e fundeou fóra do alcance da artilharia da cidade.

Durante a noite os Rumes reuniram conselho e assentaram que com a maré da noite, que era ante manhã, saíssem fóra e fossem surgir encostados á terra o mais possivel, com as amarras para o mar e regueiras para a terra, porque assim ficariam a coberto da artilharia de terra: estavam eles preparados para no caso dos nossos navios abalroarem eles abalroassem tambem, e largando as amarras do mar se alassem ás regueiras da terra, arrasando os nossos navios a encectar, onde os nossos se perderiam e eles ficariam salvos em terra.

A armada dos Rumes eram: dez galés grandes, tendo cada uma três tiros grossos á proa e falcões no convez e tripuladas por remeiros a soldo; dez naus grandes, como as nossas, de duas gaveas, uma poderosa nau de Malik Ayaz que dispunha de 3 ordens d'artilharia; quatro naus da terra com muita artilharia e muita gente; 150 paraos de Calicut com muita gente e artilharia comandados por um sobrinho de Mamad Marcar; 120 fustas de Malik Ayaz com muita artilharia e gente de peleja e 20 de Dabul. A gente de guerra do Mir Ocem com 800 Massulmos e outros tantos soldados de varias nacionalidades, afora Malabares de Calicut e gente de Malik Ayaz.

Logo que amanheceu viram-se as galés sair do porto só com os traquetes, umas após as outras, muito encostadas á praia; o Viso Rei viu logo que não vinham com intenção de abalroar, todavia manda pôr todas as amarras a pique, as guarnições nos postos de combate nos chapiteus e convezes.

As galés inimigas surgiram ao longo da praia e amarraram-se de popa e proa, ficando com as proas para o mar, e logo junto delas surgiu a capitania com Mir Ocem e todas as naus. A nau de Malik Ayaz surgiu do lado de fóra duma rocha que ha na barra. A armada era toda comandada por Mir Hashim, — “o Mirocem, capitão mór do Soldão do Grão Cairo e Babylonía” — e as tripulações eram uma mistura de Turcos, Dalmatas, Venezianos, Egypcios, Mouros da Índia e Hindus.

Vendo que os Rumes não atacavam, tendo vento e corrente a favor, o Viso Rei reconheceu que estavam com receio, e exultou, e pondo bandeira na quadra, mandou o bergantim chamar também os mestres e pilotos com os capitães e fidalgos e expoz a situação e o plano da batalha:

— Senhores cavaleiros e fidalgos, meus bons amigos!

Nós somos aqui chegados com o querer de Nosso Senhor em busca destes infieis... E porque eu sou o mais culpado neste trabalho, pelo que me tanto toca, vos peço me outorgueis a deanteira no abalroar a capitania dos Rumes...

Nuno Vaz de Castelo Branco, em nome de todos respondeu que estavam promptos para batalhar, mas que o Viso Rei, não podia ir na deanteira, nem abalroar com nau inimiga alguma. E assentou-se no plano de batalha:

O Viso Rei na Flor de la mar, colocar-se-hia no meio da barra cortando as comunicações á armada inimiga com o porto, passando por isso a maior parte da gente de sua nau para reforçar os outros navios;

Nuno Vaz e Jorge de Melo abalroariam a capitania dos Rumes; Pero Barreto, Francisco de Tavora, Garcia de Souza, Manuel Teles, Antonio do Campo, D. Antonio abalroariam as naus que mais geito lhes fizesse;

As caravelas, as galés e João da Nova, no batel da Flor de la mar com um tiro grosso, iriam colocar-se no travez das galés batendo-as com artilheria, e ancoradas, lhes fariam fogo, cortando-lhes as amarras do mar, para caírem umas sôbre as outras.

Se os Rumes com o terreno viessem a abalroar, se faria a armada à vela, e saíssem para o mar para com a viração lhes ficarem a barlavento; se, porém, eles não saíssem com a viração, iriam abalroalos quando ele fizesse sinal, que seria o largar a bandeira de gavea, que havia de ter enrolada, e a bandeira real que havia de estar na ponta do gurutpe; que se fossem a abalroar, os mestres deixassem ancoras por popa, a que se tornassem a alar quando preciso, para que os mouros se não aferrassem com os nossos navios e cortando as amarras os levassem para a costa.

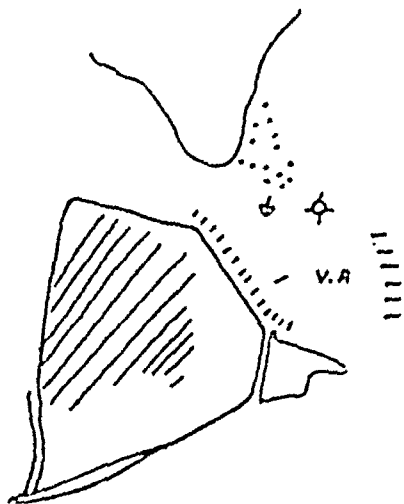
Os capitães recolheram logo aos seus navios a preparar tudo, tomando providencias para conter o perigo do fogo; dispondo de homens valentes nas gaweas com lanças d'arremesso e pedra, e nomeando outros para fornecerem pedras e lanças áqueles; e valentes homens com arpeos nas pontas dos gurutpes para os largarem quando preciso; os guardiãos com as gentes; debaixo das cobertas vigiando, e no caso de entrar algum pelouro, vedar logo o buraco com sacos cheios de cimento; e por toda a nau muitas tinhas cheias de agua e grandes para acudir a qualquer começo de incendio, e muito aviso sobre a pólvora; e prohição de incendiar as naus inimigas.

Até então não se dera ainda

... E estava tudo tão soce-

gado, que as embarcações que de terra iam levar refrescos aos mouros passavam tranquilamente por meio da nossa armada sem ninguém lhes fazer mal. E nisto se passou o dia e a noite, "concertando cada um suas almas e armas".

Logo que anoiteceu o mestre da Flor de la mar foi deitar uma tóia na boca do rio, e quando veio a maré alou-se a ela e amarrou-se com as ancoras por popa e proa, de forma que a nau com a maré não virasse, e as galés, caravelas e batel de João da Nova, foram ocupar as suas posições, e tudo se fez sem serem sentidos, porque os mouros passaram a noite com tangeres e gritos



No dia seguinte, — 3 de Fevereiro de 1509, dia de S. Braz, — sendo manhã clara, que os mouros viram as nossas disposições, ficaram perturbados, e logo as primeiras galés voltaram as proas para as nossas para lhe atirarem, o que não puderam fazer, porque ficando atravessados aos mares, davam tão grandes balanços que punham as vergas na água.

O Viso Rei expediu então o bergantim às naus com uma nota escripta em que dizia que visto que os Rumes não atacavam, logo que a viração chegasse e ao sinal que o Viso Rei fizesse, "lhe vamos dar a merenda".

Quando a maré começou a encher, o bergantim tornou a percorrer os navios com um alvará do Viso Rei fazendo cavaleiros todos os que tomavam parte na batalha, fidalgos, os que já fossem cavaleiros; perdão a todos os degredados; indemnisação aos senhores dos escravos que morressem ou ficassem aleijados; escala franca excepto navios e artilharia.

Jantou toda a gente, depois do que, o Viso Rei desceu á sua câmara a orar, voltou acima ao chapiteu da sua nau, onde se sentou numa cadeira esperando a hora. E sendo meio dia, que começou ventando a viração do mar, — que era à popa para os nossos, — o Viso Rei mandou desfraldar a bandeira, e logo a gente da sua nau, toda bradou:

— Senhor Deus misericórdia! Santiago!

E todos os navios repetiram o formidavel grito:

— Senhor Deus misericórdia! Santiago!

Desfraldam-se todas as bandeiras, e estandartes, e soam os atabales e trombetas.

— Santiago! Santiago!

E levaram as ancoras que estavam a pique, e deram os traquetes, e o Viso Rei fez uma primeira salva de 18 tiros cujos pelosos deram na nau de Malik Ayaz, na capitania os mouros e em outras, e entrando pelo rio foram despedaçar algumas fustas inimigas. Todos os navios portugueses abriram logo o fogo, e apanhando as galés dos Rumes atravessadas fizeram nelas grande destroço; em seguida, largaram a abalroar indo na frente Nuno Vaz Castelo Branco (1) na *Santo Espirito*; Jorge de Melo, na Belem, devia

(1) Para esta nau passaram João Gonçalves Castelo Branco, de Coimbra, António de Sousa, de Santarem; um filho de Manuel Pessanha, João Gomes Cheiradinheiro; e para a nau de Jorge de Melo, Fernão Peres d'Andrade; Simão d'Audrade foi para a nau do cunhado, Francisco de Tavora.

Nuno Vaz repartiu as capitánias da sua nau pela seguinte forma: proa a Rui Pereira, com João Gonçalves Castelo Branco, António de Sousa, de Santarem, João Gomes Cheiradinheiro, Henriques Machado, Francisco de Madureira, Simão Velho de Sousa e Francisco Lampreia; a capitania do convés deu a Rui de Nabais; e a da popa reservou para si.

acompanha-lo, para juntos atacarem a capitania dos Rumes, mas como tivesse espancado antes o mestre, este, para se vingar dele, tirando-lhe essa honra, propositadamente provocou qualquer embarço ao levar da ancora e o navio ficou para trás

Nuno Vaz abalroou sósinho a capitania Rume, mas com tal fortuna que o seu Condestavel, um João de la Câmara, disparou um tiro que atravessou a nau inimiga abaixo da linha de flutuação, começando ela logo a meter tão grande porção d'água, que meteu a proa e se afundou, levantando-se grande grita e ficando os mouros a nado

Vendo a nau afundada, Nuno Vaz seguiu ávante, e meteu-se entre duas naus de Rumes, a que lançou os harpeus, e logo lhe acudiram, a ajuda-lo, Jorge de Melo, Pero Barreto e Francisco de Tavora

A peleja proseguu furiosa, com grande estrondo de artilheria e tanto fumo que se não viam uns aos outros, e tantos gritos «que era o dia de juízo», e nuvens de frechas que os Rumes lançavam mas os nossos postados nas gaveas, lançavam grande quantidade de pedras, forçando os mouros a meter-se debaixo dos chapiteus, e então os portugueses entraram com eles às lançadas e cutiladas, forçando os a atirar-se ao mar, enquanto outros, cortando as amarras, procuravam arrastar os nossos navios para a costa, mas então os nossos largavam os harpeus, e deixavam-os ir sós, batendo-os ao mesmo tempo com a artilheria

O fumo era tanto que «escureceu a claridade do sol, e as gentes não se viam uns aos outros»

Pero Barreto aferrou outra nau do Emir Ocem e rendeu-a com muito trabalho, Antonio do Campo tomou um dos galeões Pero Cão chegou com a sua caravela a um galeão e sem o aferrar saltou sobre a rede com 38 homens que levava, como na caravela apenas ficassem os pagens e grumetes, levou-a a corrente, Pero Cão e os seus sobre a rede, com os inimigos por baixo tratando os muito mal, correu à portinhola para entrar por ela e metendo a cabeça um mameluco lhe levou dum formidável golpe d'espada! Os outros que ainda andavam sobre a rede conseguiram por fim penetrar na nau e mataram quantos mouros nela estavam Todos os outros navios portugueses aferraram com inimigos exceto o do Viso Rei que não passou o baíreio para dentro e donde ás bombardadas meteu uma nau dos Rumes no fundo e alguns paraos de Calicut e fustas do Malik Ayaz

Malik Ayaz conservou-se sempre na praia com um terçado nu na mão matando os que fugiam para terra e mandando reforços para os navios

«A agua era toda tinta em sangue!»

João da Nova e os capitães das caravelas, vendo o trabalho que os navios faziam, conseguiram aferrar as primeiras galés e entraram-lhe dentro, mas os mouros eram tantos que voltando sobre os nossos, os conseguiram pôr fora, e fazerem-se ao largo, e então os nossos navios com a sua artilheria trataram de os afundar, mas João da Nova opoz-se a isso, porque queria tomar os navios e não afundá-los Um pelouro entrando no navio de António de Campo matou lhe três homens e feriu-lhe muitos, e outro no de Garcia de Sousa entrou por cima do chapiteu atirando-lhe cinco homens ao mar

No chapiteu da nau de D. António de Noronha iam doze homens que juraram entrarem juntos quando abalroassem, chegando o navio a uma nau de Rumes deu nela tamanha pancada, que recuou, dos 12 homens que iam para saltar apenas 5 conseguiram alcançar o chapiteu da nau dos Rumes, e saltando do chapiteu para a tolda, meteram-se por entre o inimigo às lançadas por tal forma que despejaram a tolda; nesta ocasião Marum

Coelho chegou e abalroou e entrou na nau e os Rumes deitam-se ao mar. Dos cinco homens que tinham entrado na nau, três foram mortos e os dois, que escaparam, um, António de Carvalho, ficou aleijado duma perna e foi depois feitor em Calicut, e o outro, João Gomes Cheiradinheiro, foi mais tarde capitão das Maldivas, onde o mataram os mouros.

Proseguindo a batalha, como os Rumes largassem as amarras para dar à costa com as naus, João da Nova com o bergantim e as caravelas, meteu-se ao longo da terra e com a artilheria desfazia as popas das naus, matando muita gente. Manuel Teles, Pero Barreto e D. António de Noronha, logo que se desembaraçaram começaram a ajudar o João da Nova.

Malik Ayaz, vendo os Rumes abalroados, mandou o seu capitão do mar, Cide Aly, «torto, que não tinha um olho», largar com a sua armada e a de Calicut sobre as pópas dos nossos navios: o vento e maré eram-lhes, porém, contrários, não os deixando romper, apesar dos esforços que faziam remando com quanta força tinham os remadores, excitados pelos gritos dos capitães. Vendo isto o Viso Rei, mandou ao seu condestável, que era hábil, que abrisse fogo, e com seis tiros grossos as vinte fustas que vinham na frente foram afundadas: as que se seguiam embaraçaram-se umas com as outras e nesta confusão receberam três ou quatro pelouros que acabaram de as desordenar, e todas fugiram a refugiar-se no rio, perseguidas pelos pelouros «que em saltos pelo mar iam apoz elas». Apoz nova tentativa com idêntico resultado, as fustas foram refugiar-se por detraz do baluarte que estava a meio do rio. A nau do Viso Rei, quando nessa noite se deu balanço às munições, tinha disparado 600 tiros grossos.

«A confusão das gentes que ali combatiam era inistrincável (1); os pavilhões da Cruz e do Crescente erguidos nos mastros dos navios, abrigavam os sentimentos mais extravagantes, e as crenças mais disparatadas. E não se combatia pela Fé e pela Pátria: disputava-se com furor o saque da Índia, e a cobiça torna irmãos os homens de todas as fés, os filhos de todas as raças.

Havia alemães e franceses por bombardeiros a bordo das naus portuguesas, havia índios bombardeiros e até mouros. Havia, do lado oposto, na confusão dos navios, desde o Nubio até ao Árabe, desde o Ethiope até ao Afghan; havia mussulmanos de toda a casta, persas e romanos do Egipto, — mercenários de toda a parte, a que se dava êste nome genérico; havia o venesiano renegado ou católico, mas sobretudo mercador, que por ordem da sua República vinha, como artilheiro, defender no mar da Índia, os interesses solidários dos seus sócios no comércio oriental.

Em volta da população confusa da esquadra dos Rumes, apinhava-se nos seus juncos, a massa obscura dos índios, de Diu e Guzerate, ou de Calicut, no Concão. Os navios portugueses eram poucos, mas sólidos, bem construídos e artilhados; as naus, sobretudo, vomitavam ondas de fogo das amuradas e nos castelos da pôpa e prôa fusilava a artilharia menor, baptizada com os nomes da montearia feudal, — águias, sacres e falcões; leões e serpes; pedreiros por atirarem balas de granito; berços, camêlos, colubreinas, e esperas.

A bordo das galés, o capitão sobre o chapiteu, — Jesus! S. Tomé! Avé Maria! — incitava os soldados, que de espada e rodela se juntavam à prôa para a abordagem. O navio, ligeiro e impellido com força pelos remadores, caindo perpendicularmente sobre o contrário, rasgava-lhe o ventre com o esporão, despedaçava-lhe os remos, crivava-o de projéteis, incendiava-o com panelas de pólvora.

(1) Oliveira Martins — *História de Portugal* — vol. I.

Sentados, os forçados negros e nus, remavam poderosamente, obedecendo aos gritos do Comitre que, de espada em punho, corria a coxia entre a plateia dos bancos, distribuindo cutiladas.

Sob a coberta, junto ao paiol, o capitão do fogo distribuía a pólvora, tomando-a às gamelas dos caldeiros, e os bombardeiros, com os morrões e e bota-fogos a bom resguardo, esmeravam-se em carregar e meter a preceito em bateria, as suas peças.

Cada um dos outros navios portugueses abalroou o que lhe era destinado como poude, e a batalha generalizou-se, com grande estrondo de artilharia, e luta corpo a corpo, "porque os mouros eram muitos, atrevido-se com os nossos, que eram poucos, pelejando mui fortemente com zagunchos grossos e de ferros compridos, cofos e terçados e pilhas de arcos troquiscos, com que aos nossos faziam grande mal; mas posto que todos estavam juntos e abalroados, a artilheria não cessava de ambas as bandas; o fumo e o fogo eram tantos, que se não viam uns aos outros, e os gritos tantos, que era o dia de juízo, e os nossos navios e enxarcias estavam cobertas de frechas pregadas: os nossos, das gaves, tinham grande opressão porque nas gaves dos Rumes tinham muitos frecheiros que muito os feriam; mas alguns faziam grande guerra com pedras que deitavam, em tanta maneira, que os Rumes se acolhiam debaixo dos chapiteos, com que os nossos entravam com eles ás lançadas e cutiladas, e muitos com espadas d'ambas as mãos, que tanto apertaram os Rumes, que fizeram, a uns, colher por baixo, e outros, deitar ao mar».

Os parás de Calicut, vendo o desbarato dos Rumes, apenas anoiteceu, contornaram a Ilha de Diu, saíram ao mar e foram-se para Calicut levar a notícia do desastre que logo daí correu pela costa a Cochim e Cananor.

O capitão dos Rumes o Mir Ocem fugia a nado para terra, onde montou a cavalo e a galope foi para Almedabad onde estava o Rei de Cambaya, com medo que Malik Ayaz o entregasse aos portugueses.

Era noite quando a batalha terminou e a armada voltou para as suas primitivas amarrações, e o Viso Rei com um roupão de gran vestido foi a bordo dos navios; entrou em todos, abraçando os capitães e dirigindo palavras de louvor e agradecimento a todos, e recomendando o tratamento dos feridos.

Morreram na batalha mais de cem homens, entre os quais Paio Rodrigues de Sousa e Alvaro Pessanha, e tivemos uns tresentos feridos, entre eles Lizuarte Pacheco, Garcia de Sousa, Rui de Novais, Pero Cão, Fernão Soares, Henrique Machado, dois filhos de Manuel Pessanha, Nuno Vaz Pereira, D. António de Noronha, Manuel Teles, João Gomes Cheira dinheiro. Este último tinha 18 feridas, e o Viso Rei sentando-se-lhe na borda da cama:

— Rogai a nosso Senhor que vos dê vida, porque achareis em mim obras de amigo. Efectivamente nomeou-o depois capitão das Maldivas, onde morreu num combate com os mouros.

Tomaram-se 2 galeões, 4 naus, 2 galés, onde havia muitas armas, artilharia, dinheiro e fazendas.

Era tal a deversidade de gente desta armada, que se achava nos navios livros em latim, italiano, alemão, francês cartaginês e português. Tomaram-se 3 bandeiras reais do Soldão de Babylonia "com a divisa trazia por ser sujeita à casa santa de Jerusalem, que era um calis com uma hóstia levantada no meio dele». Estas bandeiras vieram para Portugal para o convento de Tomar.

Dos inimigos morreram mais de três mil; dos Mamelucos, que eram 800, só escaparam 22.

Malik Ayaz passou a noite a preparar a defesa, pois supunha que no

dia seguinte o Viso Rei atacasse, mas vendo os batéis percorrer os navios, e a gente empregada em concertar estes, logo percebeu que, por enquanto, não se daria o ataque, e mandou que almadias fôsem à armada vender galinhas, ovos e frutas. Vendo que os não hostilizavam, mandou trazer à cidade os cativos que tinha e disse-lhes que estava disposto a fazer quanto o Viso Rei mandasse; que não fôra a Chaul para ajudar os Rumes, mas para salvar os portugueses caso os Rumes vencessem, e se estes fôsem vencidos se apoderar dos Rumes que fugissem para terra: que eles bem sabiam que se êle os não tem recolhido, os Rumes o teriam levado para Alexandria, e, pois que êle os salvara da morte e os tratara bem, lhes pedia que agora, o ajudassem o tratar da paz com o Viso Rei. E nessa tarde, mandou um seu capitão a bordo da nau do Viso Rei, dizendo que a cidade e o que nela havia estava à sua disposição, e que, mandando o Viso Rei, logo viria com as chaves a seus pés. Com os primeiros mandou um Cide Aly, o torto, natural Granada.

O Viso Rei ficou satisfeito, pois não desejava empenhar-se num novo combate, agora com a cidade, cujos meios de defeza desconhecia, e respondeu que mandasse Malik Ayaz, de pronto, os cativos portugueses de Chaul, e depois falariam.

Partido o emissário, o Viso Rei disse para os capitães que não tomava posse da cidade porque sendo ela do Sultão de Cambaya, crearia neste um novo inimigo poderoso, e que viria logo a libertá-la, empenhando-nos nós, assim, numa guerra de certo prolongada e inútil. "Elrei meu senhor, não há mister da Índia senão pimenta e drogas, para o que basta ser poderoso no mar, o que lhe assegurará que outro lhe não tome a terra. Era bom tomar-mos esta cidade, que com a de Ormuz nos dariam bases de operações e impediríamos que os Rumes nelas encontrassem o apoio de que precisam; mas somos tão poucos, que se agora aqui tivéssemos de deixar gente, nos faltaria para outros pontos; para fazermos alguma cousa, primeiro precisâmos apoderar-nos do Reino do Malabar com boa amizade. O que os mouros receiam sobretudo, é que nos apoderemos da terra expulsando-os a êles, e é isto que pretendo que eles não creiam e, portanto, uma das razões porque vou ver se consigo fazer paz com êste Malik Ayaz sem necessidade de lhe tomar a cidade.

Acabava o Viso Rei de expor as suas ideias aos capitães quando à borda apareceram numerosas fustas com mantimentos e uma com os cativos.

O Viso Rei mandou que tocassem as trombetas e atables quando eles subiram à nau, e veio-os receber ao portaló, abraçando-os e chorando.

— Senhor, nós somos desventurados por ficamos vivos, enquanto vosso filho morreu...

E o Viso Rei com as lágrimas correndo em fio pelas suas longas barbas, mas procurando mostrar-se forte:

— Meus filhos, isso já passou; alegremo-nos agora com esta boa vitória que Deus nos deu.

E subindo à tolda sentou-se numa cadeira, sem poder estancar as lágrimas.

— Ver estes homens, disse ele para os fidalgos, reavivou a minha dor e fez-me correr as lágrimas que se tinham estancado naquele funesto dia de Chaul. Em seguida mandou agradecer a Malik Ayaz o ter-lhe mandado aqueles homens e os refrescos, e que folgaria de fazer dele um amigo.

Tratou-se então de concertar os navios e dar destino às prezas feitas: Diniz Fernandes de Melo foi examinar as galés dos Rumes que estavam boas, e fazer lançar as más na costa.

Acharam-se seis em muito bom estado, recolheu-se toda a artilharia dos Rumes, — 600 peças de metal, quasi todas falcões de camra, e o resto camelos e esperas, e saqueadas as galés incendiaram-as

Mandou depois o Viso Rei pedir a Malik Ayaz a entrega de todos os Turcos ali refugiados. Malik Ayaz entregou os, — eram uns 400 que foram distribuidos pelos navios, menos os feridos, que mandou levar para terra e queimados. O Malik Ayaz protestou e mandou dizer ao Viso Rei que isso seria deshonra para ele, mas D. Francisco respondeu-lhe que não tinha a queixar-se quem tratara e albergara inimigos dos Portuguezes. Malik Ayaz submeteu-se.

Depois de assentes e ordenadas estas cousas, o Viso Rei mandou um dia armar a tolda da sua nau e poz bandeira na quadra a chamar os capitães. Reunidos estes, appareceu o Viso Rei vestido com um roupão de grã, forrado de pano tecido d'ouro e gorro de veludo crimezim e sentando-se na cadeira veio o barbeiro que lhe aparou as barbas, em seguida deu de jantar aos capitães findo o qual lhes disse que, como já lhes dissera não queria atacar a cidade, mas que obrigaria o Malik Ayaz a um bom tratado de paz e fazel o pagar as despezas da armada.

Os capitães aprovaram esta resolução, e o visor Rei mandou logo pedir a Malik Ayaz 300 mil serafins. Malik Ayaz exigiu este dinheiro dos mercadores da cidade que prontamente lho deram e mandou-q ao Viso Rei pelo Cide Aly, pedindo ao mesmo tempo licença para vir a bordo cumprimental-o.

O dinheiro foi distribuido pela armada, recebendo cada capitão de navio grande 5 mil serafins dos pequenos 3 mil, galés e caravelas 2 mil, caravelões 1500, bergantim 500, aos fidalgos deu-lhes a 500, 300, 200 segundo os seus serviços, aos soldados e marinheiros 50 a cada um e aos escravos 20. Aos mestres, pilotos e condestaveis pagou como aos fidalgos, aos bombardeiros, gajeiros 50. Cada ferido recebeu mais um serafim, a João Gomes cheira dinheiro e Antonio Carvalho 5 mil serafins a cada um, cada cativo, 200 serafins, e as mesmas mercês fez aos mortos, nomeando um curador para receber as quantias e entregal-as às familias, deu dez mil serafins para hospitaes e egreja e mandou pagar todos os saldos em divida até ao dia em que chegaram a Cochim.

No dia seguinte veio a bordo Malik Ayaz acompanhado apenas pelo Cide Aly e um pagem. Os capitães vieram recebê-lo ao portaló, as trombetas e atables soaram, e Malik foi levado à tolda onde o Viso Rei que estava sentado se poz de pé.

O Mouro curvou se a pegar lhe nos pés, e o Viso Rei poz-lhe a mão na cabeça não o deixando baixar-se, e sentou-se. O Mouro recuou trez ou quatro passos, tomou das maos do pagem um rico terçado d'ouro com guarnição de contas, beijou o e pol-o no tapete aos pés do Viso e o mesmo fez a uma adaga e a um cofo, «tudo mui rico com muita pedraria».

— Senhor, a mor riqueza da honra são as ricas armas, e estas te pertencem, como grande capitão que és. E entregar as armas, é sinal de rendição, e eu estou rendido perante o teu grande poder, bem como aquella cidade que é tua, pelo que te venho pedir paz e amizade para sempre.

O Viso Rei respondeu-lhe

— Malik Ayaz tanto saber e sizo tens, que sendo estrangeiro, El-rei de Cambaya te fez seu capitão, e te deu o senhorio desta cidade, que é a melhor do seu Reino, o qual credito não quero que percas por minha causa. Como amigo te rogo que d'hoje em diante sejas bom amigo dos Portuguezes, e nunca mais nesta cidade recolhas Rumes, nem inimigos dos Portuguezes. E assim teremos paz.

Malik Ayaz jurou logo cumprir como o Viso Rei desejava e pediu ao Viso Rei carta que o Viso Rei mandou logo fazer, selada com o selo das armas de Portugal.

Malik Ayaz então despediu-se e largou para terra onde mandou também fazer a sua carta em folha d'ouro, e mandou para bordo refrescos e pediu ao Viso Rei que desse licença para que a gente da armada fosse vizitar a terra, ao que aquele assentiu.

Os navios carregaram ali muito mantimento, e D. Antonio de Noronha largou para Socotará com provisões para a fortaleza onde estava o irmão, D. Afonso.

Malik Ayaz dois dias depois voltou a bordo vizitar o Viso Rei, e como soube que ele repartira pelos capitães o que lhe dera, levou-lhe um fio de perolas com uma medalha de rubis cercado um grande "diamão", que em Portugal foi avaliado em 60 mil cruzados e as perolas em 40 mil, e apresentou-lho:

— Senhor. Isto não podes dar a ninguém, por ser cousa para mulher. Pelo que muito te peço que seja para uma tua filha que tens em Portugal, e estes panos, para seu vestir de noite, que são panos que nestas partes só vestem as Rainhas...

O Viso Rei agradeceu muito o colar "que era maravilhozo", prometendo-lhe que só o usaria a sua filha ou a Rainha sua senhora.

Malik Ayaz pediu que lhe deixasse ali Feitor e feitoria, e foi logo nomeado Tristão de Gá, um dos cativos, como escrivão e quatro homens de serviço, que todos foram entregues pelo Viso Rei a Malik Ayaz, que se foi satisfeitissimo. E o Viso Rei e fidalgos ficaram examinando o precioso colar que mandou logo empacotar e entregar ao Feitor da armada dizendo-lhe:

— Esta peça é d'Elrei Meu Senhor, e as armas que lhe ganhei com esta armada e cem mil serafins que se empregarão em pimenta e outros cem mil para pagar a estas gentes o que se lhes deve. E vinha agora este Malik Ayaz, como o diabo, a tentar-me para que tomasse o que não era meu, e danar a minha honra, que mais estimo que todas as riquezas de Diu... Não cubiço riqueza, que minha filha achará marido, pois em Portugal temos quanto nos baste para mim e para ela.

Estava a armada havia 16 dias em Diu: e então largou 18 Fev. (Goes diz 20 Fev.).

Vendo-a partir, Malik Ayaz veio numa fustinha à pressa; e vendo-o vir, o Viso Rei esperou-o, mas sem subir a bordo Malik Ayaz saudou-o e despediu-se, e a nau de Viso Rei aprou à barra e partiu.

Levou consigo as galés e naus dos Rumes que aprezára, e sendo na barra de Chaul surgiu e exigiu de Digar que lhe entregasse os Rumes que tinha. Vieram setenta: D. Francisco d'Almeida mandou-os mutilar, lançou-os em duas das galés apreçadas que incendiou, — "com que ficaram em cinza —"; confirmou então as pazes com Nizam Maluk e cobrou as pareas.

Seguindo dali, ao passar por Onor appareceu-lhe o Timoja com dez fustas carregadas de refrescos e musicas: O Viso Rei deu-lhe de presente quatro Rumes e Timoja falou-lhe na vantagem de tomar Goa, mas o Viso Rei deixou isso para depois e foi a Batalalá — 25 Fev. — onde o Rei o visitou e ficou tributario em 2 mil fardos d'arroz; seguiu depois para Cananor que estava de festa à sua espera, e as naus dos Mouros que estavam no porto, "com fingidos prazeres também puzeram bandeira, havendo grande medo que se estivessem tristes o Viso Rei por isso lhes fizesse mal". Vieram os Mouros da terra vizitar o Viso Rei, "vestidos de festa, com muitos tangeres."

Ahi o Viso Rei mandou enforcar quarenta Rumes; e os que se fizessem cristãos, esses, foram degolados. A outros mandou pôr nas bocas das hombardas, que, disparando, os despedaçaram: «negocio tão barbaro, diz Corts, que parece quiz Deus que por castigo de uma tamanha deshumanidade, que morresse ele, depois, às mãos da mais barbara gente...» Aconteceu, porem, que quando iam degolar um destes, desatou a falar portuguez e a dizer-se portuguez. Foi um espanto. Veio o homem ao Viso Rei e declarou ser filho dum Diogo Felique, boticario da rua nova em Lisboa, que sendo rapaz, ainda, fugiu ao pae e fora para o Levante onde os Turcos o converteram e andava desde 1486 com eles, sendo actualmente mestre de navios de remo.

se faz guerra senão aos amigos e que se teme de se levantarem se cedo se não prevê.

Item: Que com isto lhe parece que se farão os capitães de vossos navios ricos, e V. A. não será servido, antes se perdera todo o negocio.

Item: Que onde ha trato lhe não parece tão necessario guerra.

Item: Que no Mar Roxo haveria ele por muito boa, porque aquella cerra a porta, e que pela ventura se lhe pareceria bem isto que lhe a ele parece mal e vosso descanso não o mandaram como mandaram.

Item: Que mande logo V. A. entender no descobrimento da terra de S. Lourenço, porque ha nela muitas mercadorias e muita prata, e que vá pessoa que saiba que cousa é trato, e vá para logo passar dali a Malaca, porque de Mouros dizem que de 2 em 2 anos vem ali navios grandes, de homens vestidos, e que mande V. A. estreitamente que se não faça guerra.

Item: A fortaleza de Cananor.

Item: Diz muito bem de Gaspar Pereira.

Item: Fala em Castelhanos que não vão lá, e que um é alcaide da melhor fortaleza que ha no Mundo, que é Cananor.

Item: Pede a V. A. que se lembre de seus filhos e de quanto serviço tem feito sem receber mercê.

Item: Fernando Coutinho, que o deixou o Viso Rei por alcaide em Cananor, pede a capitania acabando Pero Ferreira o seu tempo.

Item: Pero Quaresma como foi a Sofala carregado de panos por mandado de Pero Ferreira.

XIX — A prisão de Albuquerque

1509

Albuquerque com a nau quasi cheia dagua chegou a Cochim, e esteve três dias fundeado na barra á espera que lhe preparassem umas casas, sendo visitado a bordo por Gaspar Pereira, Ruy d'Araujo e outros que ali estavam e mostrou-lhes a nomeação de governador, ainda por efectivar, visto o Viso Rei lhe não dar posse ou *residencia*, como então se dizia.

Três dias depois de desembarcar, Gaspar Pereira foi visitá-lo comunicando-lhe que, de Cananor, o Viso Rei lhe mandára uns quesitos para Albuquerque responder; este retorquiu que nada tinha que responder a acusações de traidores e desertores senão perante Elrei.

Dali a dias Jorge Barreto foi tambem visitá-lo, mas como Albuquerque sabia ser êle um dos que dizia mal dêle, recebeu-o friamente e depois dêle sair mandou-lhe recado pelo capitão, para que não voltasse porque sabia que era seu inimigo.

Jorge Barreto ficou zangado com o recado e queixou-se a Gaspar Pereira, que procurou Albuquerque e o aconselhou a que não tratasse duramente o capitão da fortaleza e que fosse visitar o Rei de Cochim.

— Jorge Barreto é meu inimigo capital, e aconselhou os capitães que me fugissem e dêle vem os artigos dos quesitos de acusaçào que o Viso Rei me faz: Com Jorge Barreto não quero conversas. Não me torneis a falar em tal.

A êste tempo recebia êle uma carta de Lourenço de Bríto, capitão de Cananor, aconselhando-o a acautelar-se com os mexeriqueiros de Cochim, que o andam intrigando com o Viso Rei; e apoz esta carta, recebeu outra de Pero Fernandes Tinoco, em que lhe dizia que não confiasse no que o

que não se ingerisse na questão da pimenta, nem fizesse reuniões em sua casa.

Passados dias, o feitor do Rei de Cochim e vários mercadores estando na feitoria conversando com o feitor André Dias, comentando o facto do Viso Rei não entregar o Govêrno a quem Elrei mandava, o feitor comunicou a conversa ao Viso Rei que por sua vez mandou dizer a Albuquerque que lhe proibia quaisquer intelligencias com o Rei de Cochim.

Formaram-se partidos: Jorge Barreto capitaneava o do Viso Rei, Francisco de Tavora o de Albuquerque, mas os partidarios do Viso Rei tiveram artes de levar êste a chamar o Tavora ao seu partido, fazendo-lhe concertar a nau e outros favores, e o Tavora passou, tambem, a dizer mal de Albuquerque. Uma noite em que estavam vários fidalgos em casa de Francisco de Tavora, Jorge de Melo pronunciou-se contra o Viso Rei e o Tavora foi-lhe à mão; trocaram palavras injuriosas e no dia seguinte mandou desafiar o Jorge de Melo. Acabava, êste de receber o desafio, quando chegou um pagem dizendo que o Viso Rei o chamava.

Jorge de Melo disse ao pagem que já ia, e tomando a espada e um bedem dirigiu-se ao lugar para onde o Tavora o desafiára, mas em vez dele encontrou o alcaide mór que o prendeu.

Albuquerque foi logo falar ao Viso Rei pedindo-lhe a liberdade do Melo, e o Viso Rei mostrou-se solícito em satisfazer o pedido; e que não precisava Albuquerque incomodar-se a ir-lhe falar, bastava um simples bilhete seu; e aproveitou o ensejo para lhe pedir que acabassem as questões entre ambos, que o deixasse concluir umas cousas que tinha entre mãos, e lhe entregaria logo o Govêrno.

Albuquerque entendeu que o Viso Rei mudava de tática e pertendia agora, com boas palavras, ir ganhando tempo, até chegarem as naus.

Era já Maio, inverno cerrado, quando appareceram no mar quatro naus: era Diogo Lopes de Sequeira que saíra de Portugal dois meses depois de Jorge de Abreu com 4 naus, capitães Serafim Teixeira, Diogo Martins e Gonçalo de Sousa. Sequeira fôra encarregado de reconhecer a Ilha de S. Lourenço e verificar se lá havia o cravo e drogas que Tristão da Cunha levára, e ir a Malaca: reconheceu a Ilha e seguia para Malaca quando forçado pelo tempo teve de arribar a Cochim. Trazia grandes poderes e instruções para ninguém lhe estorvar a viagem.

O Viso Rei recebeu o Sequeira com muita amizade, mandando fornecer-lhe casas em terra e dando ordem para lhe darem aos navios o preciso, pois só podiam partir na monção de Agosto; e ainda o Viso Rei lhe deu mais um navio, capitão Garcia de Sousa, irmão de Gonçalo de Sousa. Albuquerque visitou-se com Diogo Lopes de Sequeira, e procurou leva-lo a servir de medianoiro com o Viso Rei; êste, porém, explicou-lhe, em segredo, que não queria entregar o Govêrno antes de ter tudo pronto para embarcar para o Reino, e o Sequeira nada disto disse a Albuquerque porque para ser bem aviado precisava estar do lado do Viso Rei.

Os amigos de Albuquerque que esperavam estar nomeados para diversos cargos nos maços de papeis que o Viso Rei recebera de Portugal, não o largavam, incitando-o a exigir a entrega do governo, o que Albuquerque não queria fazer; mas tanto insistiram que Albuquerque, um dia, estando o Viso Rei na ribeira com Diogo Lopes, disse-lhe, que o tempo ia passando e ele lhe não entregava o governo, faltando assim ao que prometera.

— Senhor Afonso d'Albuquerque, voltou o Viso Rei afogueado, eu sou homem pouco de demandas, e entendo pouco de réplicas. Nada mais vos posso responder e aconselho-vos que não andeis incitando as gentes

contra mim. Ale vos entregar o governo o vosso Viso Rei sou eu e haveis de me acatar em tudo.

— Senhor, respondeu Albuquerque, bem sei que sois o Viso Rei, e por isso mais vos cumpre guardar a justiça de El-rei e não contrariar as suas ordens fazendo vos mais poderoso do que ele, tomando me o que ele me deu. A todos os presentes requiero que vos peçam que cumpraes as determinações d'Elrei.

O Viso Rei, que estava sentado, levantou-se.

— Já agora é necessario levar convosco outro caminho ora apresentae-me a provisão d'Elrei.

— Se Elrei nosso senhor cuidára que não haveis de obedecer a seus mandados, de certo m'í teria mandado.

— Tal não faria Elrei sabendo, como sabe, os respetos porque o faço e pois que não tendes provisão d'Elrei, e requereis aos fidalgos que me contrariem, é isso um modo de uniao e levantamento que podeis crer, outro que o fizesse lhe mandaria cortar a cabeça ao pé da picota com pregão de traidor. E, portanto ide vos para casa onde ficareis prezo em vossa menagem, que dareis assinada.

Albuquerque recolheu preso a casa e fez constar a prisão ao Rei de Cochim, bem como as causas dela, incitando-o a intervir tambem junto do Viso Rei.

Os inimigos de Albuquerque agora que o viam preso, rejubilaram e procuraram vexal-o. Jorge Barreto encontrando um seu moço das compras espiçou-o, João da Nova esbofeteou-lhe o pagamento, por não tirar o barrete ao passar por ele, e o proprio Viso Rei mandou açoutar um Antonio Fernandes, preto, que era uma espécie de Vedor da casa de Albuquerque mandou prender um Duarte de Sousa «homem muito cavaleiro, que muito servira em Ormuz, e da criação de Albuquerque», e dar-lhe tratos para confessar o que ia fazer a casa do Rei de Cochim, prendeu o confessor de Albuquerque, um virtuoso frade de S. Eloi que sempre com ele andara por tambem ter ido a casa do Rei de Cochim, e interrogado pelo Viso Rei lhe dissera que não desse ouvidos aos inimigos de Albuquerque porque os seus maus conselhos lhe tinham posto um grande encargo na sua honra e consciencia.

Jorge Barreto, Antonio do Campo, João da Nova, Manuel Teles, e outros que eram com D. Lourenço quando o mataram, queriam mal a Albuquerque por este dizer que D. Lourenço morrera por culpa dos seus maus conselhos, juntando-se a Manuel Pessanha e Antonio de Sintra assinaram um requerimento pedindo ao Viso Rei que por forma alguma entregasse o governo a Albuquerque e que mandasse instaurar processo contra ele. Levaram eles este requerimento ao Rei de Cochim para tambem assinar recusou alegando que o verdadeiro governador da India era Albuquerque. Os do requerimento foram logo transmitir ao Viso Rei o que o Rei de Cochim dissera, e aconselharam-o a mandar Albuquerque para Malaca, com Diogo Lopes de Sequeira. Recusado isto, os partidarios de Albuquerque levaram o Rei de Cochim a falar com o Viso Rei que lhe declarou estar apenas á espera da armada do Reino para ver que ordens vinham de Portugal.

Então o Rei pediu-lhe que mandasse soltar os presos que a este tempo eram já João de Chistão, Duarte de Sousa, Ruy de Araujo, Gaspar Pereira e Nuno Vaz de Castelo Branco.

Vendo o Rei de Cochim já a meter-se nisto, o Viso Rei mandou aprontar a nau de Martim Coelho, para ir levar Albuquerque para Caniñor. O capitão da guarda foi buscar Albuquerque, meteu-o no batel e

largou para bordo, não lhe deixando levar mais nada, que um creado com a caixa dos papeis.

Embarcando no batel, Albuquerque disse para Antonio de Sintra que viera assistir á prisão:

— Dizei ao Viso Rei que a mim não faz ele ofensa, mas a Elrei, porque eu sou governador da India, feito por Elrei, e desfeito por ele, e agora manda-me para Cananor para me matarem á traição.

As casas de Albuquerque e dos seus amigos foram derrubadas, e quanto Albuquerque tinha, roubado.

Chegando a Cananor, Martim Coelho levou-o para terra, e os homens de guarda formaram do lado da igreja com medo que Albuquerque nela se refugiasse.

— Homens, não tenhaes comigo modos de beleguins, que eu não roubei nem matei!... Eu não fujo para as egrejas; só lá vou para rezar.

E entrou na de Nossa Senhora da Victoria a orar, e dahi foi, só, para o castelo, onde á porta o veio receber Lourenço de Brito, o capitão.

— Senhor Afonso d'Albuquerque, disse-lhe este, eu não sou vosso carcereiro, mas vosso servidor, e com muito pezar de ver os vossos trabalhos.

Albuquerque nunca mais quiz sair de casa nem receber pessoa alguma, mas recebia de fora muitas cartas de oferecimento de serviços.

Por seu lado o Viso Rei, livre agora das questões de Albuquerque, tratou do concerto das naus de carga, o Cirne, Flor de la Mar e Belem, reparou os navios de Diogo Lopes, de forma a este poder largar em Agosto com os seus quatro navios e o de Garcia de Sousa no qual embarcaram Ruy de Araujo e Nuno Vaz de Castelo Branco, que tambem estava preso pelas questões de Albuquerque.

Estavam então em Cananor alguns fidalgos e cavaleiros que se decidiram por Albuquerque e lhe fizeram saber, que se quizesse sair da fortaleza, o aposentariam numas casas onde o guardariam, e nelas estaria como governador, até chegarem as naus do Reino.

Albuquerque que estava muito contrariado na fortaleza, aceitou, e no dia de S. Barnabé, 11 de Junho, mandou pelo pagem pedir licença para ir á missa e saíu, «com um gibão de tafetá preto, uma loba de chamelote vestida, e um barrete preto, redondo, muito metido na cabeça, com umas contas na mão, e o seu pagem, com um livro de rezar, atraz, se foi á igreja de Nossa Senhora da Vitória, e não quiz ir á igreja grande porque lá iria o capitão, e mandou buscar um padre, que lhe disse missa».

Sabendo que Albuquerque estava na Senhora da Vitória, juntaram-se logo lá os amigos, e quando Albuquerque saíu, encontrou-os sob o alpendre, e todos lhe disseram que viesse alojar-se nas casas que lhe tinham preparado, e eles lhe jurariam obediência como governador da India.

Albuquerque seguiu-os á casa indicada, onde tinha sempre 4 portugueses de guarda, e mandou dizer ao capitão da fortaleza que lhe perdoasse, mas que ali estaria até chegarem as naus do Reino. O capitão respondeu que lhe entregaria as chaves da fortaleza se ele as quizesse.

O Viso Rei soube logo o que se passava, mas não se intrometeu nisso, limitando se a mandar Simão de Andrade a Cananor, recomendar que se aprontasse a carga para as naus.

Estavam todos anciosos pela chegada da armada do Reino, quando a 8 de Setembro (509), appareceu no mar, muito longe, uma nau, o que causou grande alvoroço na povoação, correndo toda a gente á praia e indo em almadias ao encontro do navio: este entrou no porto muito embandeirado e salvando e logo dele se desprende um batel com muita gente e bandeira

á prôa «com que logo conhecem que era nau do Reino». O batel acostou ao caes, mas antes chegava uma almadia, donde saía um homem correndo e bradando :

— Alviçaras, Senhor Governador! Vem de Portugal 15 naus, e o Marechal vosso sobrinho, por capitão mór delas!

Os sinos da egreja repicaram, toda a gente gritava entusiasmada, e no entanto chegava outro batel de onde desembarcava Gomes Freire, o capitão da nau, que depois de fazer oração na egreja, foi a casa de Albuquerque a quem abraçou :

— Senhor, não cuidava que aqui achasse Vossa Senhoria!

— Mas espantai-vos como sou vivo.

Gomes Freire deu informações sôbre a armada do Marechal, e da pressa com que êle vinha porque em Moçambique soubera por Alvaro Barreto e Tristão da Silva das questões havidas, pelo que vinha muito zangado, e trazia poderes superiores do Viso Rei.

XXII — A armada do Marechal

1509

Com o fim de destruir duma vez o Samorim, mandou D. Manuel preparar a armada, que a 22 (1) de Março de 1509, saiu de Lisboa, sob o comando do Marechal D. Fernando Coutinho, de 18 navios com 1,600 soldados portuguezes.

Marechal, capitão-mor — Nazareth.

Capitães, Francisco Marecos — S. Francisco.

Jorge da Cunha — Magdalena.

Braz Ferreira — Ferroa.

Rui Freire — Garça.

Leonel Coutinho — Flor da Rosa.

Fernão Chamorro — Ignora-se.

Maras Alemão — Santa Clara.

Luís Coutinho — Santo António.

Pero Afonso de Aguiar, sota capitão

Francisco de Sá — veador da Fa-

zenda do Pôrto

Gomes Freire

Alvaro Fernandes

Jorge Lopes Bixorda

Francisco de Sousa Maneias

Rodrigo Rebelo Castelo Branco

Sebastião de Sousa, de Elvas.

Ignora-se os nomes
dos navios

O Marechal veio tomar terra com toda a armada, ao M. Formoso, e veio surgir no pôrto com a viração, com as naus todas embandeiradas e salvando.

No dia seguinte, pela manhã, o Marechal com os capitães desembar-

caram, recebidos no cais por Albuquerque com o capitão Lourenço de Brito.

O Marechal que já sabia que Lourenço de Brito era do partido do Viso Rei, disse-lhe logo ali:

— Folguei de achar aqui o Senhor Governador, pelo muito alvoroço que trazia de o ver, mas não quizera achá-lo maltratado em vosso poder, ao que deverieis ter obstado por ser contra os mandados de Elrei.

— Senhor, respondeu Lourenço de Brito, do que errei darei contas a Elrei nosso Senhor, e aqui e de agora entrego esta fortaleza a V. S.^a, porque já estou enfadado de trabalho, e me mande tomar a minha residência (1).

O Marechal tomando Albuquerque pela mão, foi andando a Nossa Senhora onde oraram e daí para a casa do governador.

Nessa tarde, estando presentes todos os capitães e fidalgos, o Marechal entregou a Albuquerque as cartas de Elrei que para êle trazia e disse-lhe que dessa hora em diante era êle o governador da Índia.

O primeiro acto de Albuquerque foi mandar vizitar o rei de Cananor, e recomendar-lhe o gengibre para a carga das naus. Depois, nomeou Rodrigo Rebelo capitão da fortaleza, por Lourenço de Brito querer ir para para Portugal.

Albuquerque embarcou na nau do Marechal, e a armada largou para Cochim.

XXIII—A entrega do Govêrno—Morte do Viso Rei

Chegados a Cochim, no sábado, 4 de Novembro, desembarcaram o Marechal, Albuquerque e capitães, e foram à igreja; daí o Marechal foi a casa do Viso Rei, ficando Albuquerque no alpendre da igreja rodeado pelos seus amigos, "que todos choravam com grande alegria, e onde também vieram os presos que foram soltos com a nova de ser chegado o Marechal a Cananor".

O Viso Rei veio receber o Marechal à porta e depois de se abraçarem sentaram-se sob a ramada.

— Senhor, disse o Viso Rei, Deus me fez muita mercê em vos trazer a tempo de vos entregar êste cargo, e Vossa mercê da sua mão o entregue a quem quizer.

E tomando as chaves da mão do capitão apresentou-as ao Marechal, e ao mesmo tempo entregou-lhe o Regimento e patente da nomeação de Albuquerque, dizendo:

— Faça agora V. S.^a o que Elrei aí manda, porque eu, até agora, não me atrevi a fazê-lo.

— Esses papéis, respondeu o Marechal, devieis ter entregue a quem eram destinados, pois Elrei os não mandou para vós.

— Se Elrei, por isso me acoimar, eu lhe deitarei a culpa às costas; tencionava passar por Cananor e entregar ali o govêrno a Afonso de Albuquerque. Agora não quero ser mais do que sou. Estou com as naus carregadas para partir, se me dá licença, e me não houver mister para tamanho feito como o que traz a cargo no caso de Calicut: Sua Alteza manda de lá e não sabe o que se passa por cá.

(1) Era grande partidário do Viso Rei: entregou a fortaleza ao alcaide-mor e foi para Cochim.

— Se eu não viera e Vossa merce deixasse as provisões de Elrei esquecidas, não podies fazer maior ofensa a vossa honra, porque tanto que visteis a patente de meu tio logo ficastes sem cargo .

— Senhor, retorquiu o Viso Rei, o jantar está prestes, se dele for servido. .

O Marechal agradeceu mas recusou, dizendo estar já convidado e retirou

O Viso Rei a 5 de Novembro embarcou na nau Graça com todos os seus creados, e com elle António do Campo, Manuel Teles e Jorge Barreto João da Nova, doente, ficou em terra, e pouco tempo depois morreu, tão pobre e desumparado, que foi Albuquerque quem o mandou enterrar «e com tochas o levou á cova» Os navios que partiram com o Viso Rei foram, a Graça, a Belem, com Jorge de Melo, a Santa Cruz, com Lourenço de Brito

Estava ainda o Viso Rei apressando o carregamento dos navios, quando chegou D António de Noronha, sobrinho de Albuquerque que fora de Diu levar mantimentos a Socotorá, e Tristão de Ga, de Diu com dois navios carregados de mantimentos, e em sua companhia Sidi Aly, o torto, com seis fustas armadas trazendo um presente de cousas ricas de Malik Ayaz para o Viso Rei, que o não quiz aceitar e o mandou ao governador, que por seu turno as mandou entregar ao Feitor da armada do Marechal para as levar a Elrei

O Marechal, agora, também procedia acintosamente, dificultando o carregamento da nau do Viso Rei, e demorando-o a ponto de o Viso Rei lhe mandar dizer que visto demorar-se tanto, estava pronto a acompanhá-lo a Calicut, para não estar ali sem fazer cousa alguma, ao que o Marechal respondeu que agradecia mas dispensava, porque tinha mais do que a gente necessaria para ir contra Calicut pois que se da Índia não escrevessem tanta mentira para Portugal, não mandaria Elrei tanta força para tomar cousa tão insignificante como Calicut

E dizia-lhe que as suas naus estavam despachadas e podia partir, o que assim fez com os seus 3 navios a 10 de Novembro de 1509, com excellente tempo, e foi, sem tocar em porto algum, até á aguada do Saldanha onde entrou a 20 de Fevereiro para tomar água e lenha e para apressar este trabalho o Viso Rei passava os dias em terra, recolhendo a noite a bordo.

O caminho para a água ficava distante da praia «quasi 2 tiros de besta» e corria a travez do mato, dentro do qual havia muitas povoações de Hottentotes, creadores de cabras e vacas de que havia grande quantidade, — «gente enxovia, sem senhor»

A aguada era distante como dissemos, e nascia de uns pedregais no fundo duma ribeira secca, formando lagoas, assombreadas por grandes arvoredos, logar agradável onde por isso ali o Viso Rei vinha comer e passar as horas do calor

A tripulação dos navios entaboula relações com os indigenas resgatando cabras e vacas a tróco de cascaveis, contas, espelhos e pedaços de ferro, genero de negocio que estavam habituados a fazer com os navios que ali costumavam vir Apreiciam sempre armados de paus «como meias lanças, agudos e tostados, tão forte como ferro, e fundas, de que eles são mui certos, homens forçosos e andavam pelo mato escondidos junto do caminho por onde os nossos acarretavam a agua»

A 1 de Março 510, estavam para largar ja da baia, quando um Diogo Fernandes, o *Labaredas*, que mais se familiarizara com os indigenas foi a uma das suas povoações que ficava proximamente onde hoje se acha a po-

voação de Mombaya e resgatou ali um gordo carneiro. Vindo com ele para a praia desejaram outros marinheiros também comprar carneiros, e o Labaredas levou-os à povoação.

Um Gonçalo Homem, parente de João Homem, meteu-se-lhe em cabeça levar um dos Hottentotes ao Viso Rei para que este o visse; o indígena que não entendia o que dele queriam, recusa acompanhá-los; agarraram-o; ele grita, acodem outros, e o Labaredas e companheiros teem de fugir escalavrados e perseguidos até à Aguada.

Manuel Teles e Pero Barreto que veem chegar os homens, são de parecer que é indispensavel dar uma lição aos indígenas para que eles não percam o respeito aos brancos; Lourenço de Brito é de opinião que não se deve ligar importancia ao caso, formam-se partidos mas leva a melhor o dos exaltados e nessa noite pela uma hora desembarcaram 150 homens armados no lugar onde hoje fica o forte Crug.

O Viso Rei não quer deixar de ir e ao desembarcar na praia murmura:

— Onde levam 60 anos!...

A gente formou em dois troços, um guiado pelo *Labaredas*, e outro por um *Brita lanças* e seguiram pelo caminho da Aguada e chegaram à povoação ao amanhecer. Os pretos receberam os portugueses à frechada, com os paus tostados e à pedrada, mas os nossos levam a melhor, entram a povoação e tomam todo o gado; logo nesta entrada são mortos Manuel de Lacerda, Fernão Pereira e outros.

Reunido o gado, os portugueses encaminham-o para a praia mas os Hottentotes acompanham-os pelo mato perseguindo-os à pedrada e frechada; caem alguns homens; outros fazem frente aos pretos que fogem, mas voltam apenas os portugueses proseguem na marcha.

Nisto os pretos soltam longos assobios, sinais a que os animais estavam de certo habituados e compreendiam, porque estacam e apesar de espicaçados se não movem: e os indígenas, então, metendo-se entre eles, aproximam-se dos portugueses e azagaíam-os.

Pero Bento, ofegante, aproxima-se do Viso Rei que ia na deanteira:

— Senhor que nos levam o gado!...

— Ora daí ao demo o gado, que o hão de levar, e a nós com ele.

Cansados da corrida no terreno arenoso, alguns homens ficam para traz e são logo trucidados, e outros proseguem e chegam à praia, para embarcar.

As embarcações tinham desaparecido!

Fora o caso que, por causa da resaca, o mestre Diogo d'Unhos, que ficára tomando conta delas, as levára para outro lugar mais abrigado, mas mais distante. Avisados por um marinheiro, todos para lá correm, sempre perseguidos pelos pretos.

Nisto, o Viso Rei recebe uma pedrada num dos joelhos, e cai. Jorge de Melo, que era um homem de grandes forças levanta-o e toma-o às costas, dizendo-lhe a rir:

— Senhor, em taes tempos, bom é ter amigos!...

Não acabara, quando um pau tostado lançado por um preto, de longe, atravessa a garganta ao Viso Rei que com o embate vai ao chão. D. Francisco deita as mãos ao pau e arranca-o, mas com uma golfada de sangue expele, também, a vida.

Jorge Barreto quiz ainda erguel-o e leval-o, mas os pretos afastam-o; Lourenço de Brito, Martim Coelho e Diogo Pires, o aio de D. Lourenço defendem o cadaver do Viso Rei e caem mortos sobre ele, e mortos foram nesta desastrosa jornada 65 homens, entre os quais, alem dos citados,

Pero Barreto de Magalhães, Manuel Teles, Antonio do Campo, Francisco Coutinho, Pedro Teixeira, Fernao Pereira, Gaspar d'Almeida,

Ao cair da tarde desse funesto dia 1 de Março de 510, Jorge de Melo, (1) que assumiu o comando da armada, desembarcou com Jorge Barreto e alguns homens a procurar o cadaver do Viso Rei, acharam o nu e com o ventre aberto Enterraram o e puzeram sobre a covã um grande monte de pedras o lugar da sepultura era entre o Sopé do actual *Devil's Peak* e o areal proximo do *Salt River*, no *Woodstock-beach*

E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ceus,
Serei eterna, e nova sepultura

Camões — *Lusiadas* — C V — est 45

“Foi D Francisco mui perfeito e puro no serviço d'Elrei Nosso Senhor, com que fez grandes e bons assentos em todos os tratos e negociações de compras e vendas com os mercadores como hoje em dia se usam Homem amigo dos serviços dos homens, que a todos pagou os vencimentos que se lhes devia, em tudo tão perfeito que não sei se nunca a Índia terá outro egual ,

Homem intelligente sabedor, de grande respeitabilidade, honestissimo difficil de contentar “nas qualidades dos homens” tendo como politica o lema “que toda a nossa força seja no mar,” e que era indispensavel “destruir estas gentes novas, — arabes, ethiopes turcomanos e afghans — libertando os naturaes No seu plano, com as armadas assegurar a dominio do mar, e protegendo os indigenas governaria em nome d'elles, com preços exaggerados para as licenças de navegação, (cartazes) expulsaria as naus de Mouros, a quem as nossas armadas dariam caça, ao longo das costas, algumas fortalezas para proteger as feitorias

Não estavam, porem na alma portugueza as tradições de dominio maritimo e mercantil exclusivo, como succedera com Carthago, e agora com Veneza, e o que é mais o espirito português era formado pela Religião e pela Cavalaria, exigir, portanto dos soldados da Africa que não desembarcassem dos navios, convencer os a prescindir do governo, era querer o impossivel Proibir, como o Viso Rei pertendia que soldados, capitães e magistrados da Índia negociassem, era alienar todas as boas vontades, porque só vinham à Índia para enriquecer e depressa (2)

Transformar os capitaes e governadores em simples agentes commerciaes de Sua Alteza, o melhor mercador da pimenta, era pertender da nossa gente uma fleugma de que só os Holandeses foram capazes, e ainda assim, à custa de salarios que suprimiam tentações

A hostilidade de D Francisco de Almeida contra Albuquerque proveio, em grande parte, da falsa apreciação que aquele fez do caracter deste, e dos pontos de vista diferentes que os dois tinham sobre a administração dos negocios da Índia

O Viso Rei reconhecendo a necessidade de destruir o commercio Malio

(1) Por alcunha o *Fricota* 4º filho de Vasco Martim de Melo neste desembarque empunhava a bandeira real Em 512 volta a Índia e na sua nau vai Gaspar Correia “ainda moço de pouca idade.”

(2) Oliveira Martins — *Historia de Portugal*

metano de forma que os Portugueses o pudessem monopolizar, não possuía contudo, designios ambiciosos de engrandecimento territorial, e não compreendia a importancia de levantar fortificações para defeza contra os inimigos do lado da terra.

"Que toda a nossa força seja no mar."

As suas vistas eram sobretudo pacificas, e a sua administração, no que respeita às questões comerciais, foi prospera.

O maior erro que cometeu, foi receber os capitães que tinham desertado a Albuquerque em Ormuz, com benevolencia, em vez de os punir; a circumstancia dele reprovar abertamente a redução de Ormuz não é justificação sufficiente para os favores que dispensou aos culpados de tão grave indisciplina. Uma vez dado este falso passo, comprehende-se que passasse a ser o joguete daqueles que protegeu, e formasse um juizo absolutamente errado das intenções e valor de Albuquerque, a quem constantemente chama *doido*, porque realmente se convenceu de que ele não possuia as qualidades necessarias para administrar inteligentemente a Índia. Mas a forma como procede para demorar a entrega do governo ao seu successor, demonstra uma degradação no seu character, que o tornou incapaz de continuar exercendo o alto cargo de Viso Rei nesse tumultuoso ano do seu governo.

Para concluir com o governo do Viso Rei, transcrevemos ainda alguns documentos deste periodo, de interesse:

Carta de Pero Fernandes Tinoco a Elrei.

15 Janeiro 15...

Senhor — Se me D. Francisco tivera mandado de Cananor com os embaixadores d'Elrei de Narsinga, já esta carta fora escrita de Narsinga com muitas outras cartas minhas para V. A., em respostas da embaixada d'Elrei de Narsinga para V. A. tambem, e isto mesmo já V. A. hoje verá pelas primeiras naus que de cá partiram, e tambem pelas segundas, e muito mais por João da Nova que parte derradeiro; porque, Senhor, da partida das embaixadas d'Elrei de Narsinga dali de Cananor, á partida de João da Nova de cá, passaram cousa de noventa dias, e eu fora a El-rei de Narsinga em quinze dias, e dahi avante, cada oito dias mandara por correios, que cá ha, cartas para V. A., e assim mesmo para D. Francisco, do que se devia cá fazer e do que lá se fazia contra Calicut, e contra Coulão e contra Cananor se bolisse comsigo; e tambem D. Francisco escreveu-me o que cumpria eu fazer, e por esta maneira que eu lhe falei muitas vezes seria Calicut destruido e Coulão e Cananor pediriam misericordia; porque, Senhor, não se póde dizer mais (quem mais deseje a guerra) se El-rei de Narsinga se V. A.: e como V. A. lá verá esta bem, tudo isto se fizera e muito mais no primeiro dia que cheguei a El-rei de Narsinga, e não fariam os Índios o mal que teem feito, se D. Francisco me mandasse de Cananor, como V. A. lhe mandou que me mandasse logo, vendo que era vosso serviço;... isto tudo, Senhor, não ficou por vingar de lho eu não dizer muitas vezes, e mais delgadamente do que aqui escrevo a V. A., e ele não quer sair de sua teima, que era escarnecer de El-rei de Narsinga, e rir-se dele, e que não havia de lá mandar ninguem; e o Gaspar (da Índia) era com ele neste conselho, e sempre veio isto dizendo como partimos de Lisboa pelo mar, de maneira que nunca se quiz tirar desta opinião,... e com isto escreveu a El-rei de Narsinga como eu ali estava com a embaixada de V. A. e com um presente, e que iria quando ele mandasse que eu fosse, e este despacho deu aos seus embaixadores e até agora não veio mais recado nenhum e esperamos cada dia por ele, e os embaixadores sabiam como eu ali estava com a embaixada de V. A. e apontaram tres ou quatro vezes a D. Francisco que mandasse alguem com eles; e eu, Senhor, quando aquillo soube, mandei-lhes dizer por

Lourenço de Brito que me mandasse com eles, e que mandaria recado para as naus trazerem a V. A. e assim lhe mandei dizer outras cousas, e ele não quiz e se punhi a responder aspero a isto, que eu já não ousava de lhe falar, nem ousar, porque alem de me responder palavras más, ameaçava-me que não me mandaria a Narsinga, e por isso, Senhor, lhe não falo ja em nenhum como de Narsinga. . D. Francisco não pôde cá engulir nenhum homem, que venha feito por V. A., e quanto vem feito faz quanto pôde por desfazer e fazer outro de sua mão, daqueles que trouxe consigo. E assim desfez João Pegas, que V. A. mandou para estar por alcaide mor com Lourenço de Brito, e fez alcaide mor de Cananor, Guadalajara, um castelhano d'Albuquerque, porque vive no Crato, e isto mesmo fez Bernardes, capitão de Coullão, porque tambem vive no Crato, e fez em Quiloa um creído seu escrivão de Feitoria, e deu cá em Cochim uma galeota a Diogo Pires seu creado, e tirou-a a Jacome Dias a quem V. A. a mandara dar, e deu as quadrilharias de Quiloa e Mombaça a estes mesmos, e a mim, Senhor, buscava escama de dizer que no regimento de Narsinga nem que ele possa lá mandar quem quizer, e passou comigo historias sobre isso, para ver se com esta desesperança me tornava para Portugal para ele então mandar cada um desses que trouxe consigo, e que alçou até ás estrelas. E eu Senhor . . ca acho-me debaixo dos pés destes seus que aqui digo, que ca fazem o que querem e desfazem o que V. A. faz. devia-me ele de fazer sequer, aquela honra que ele cá faz aos que lá lhe encomendaram — Diogo de Melo seu parente, e D. Francisco de Monsanto, — e isso mesmo ca faz aos que trouxe consigo, e não sendo eu embaixador de V. A., somente encarregando-me tanto a ele, e ele mandar-me com os homens d'armas a Cananor, a carregar pedra para a fortaleza, e a Nuno Vaz de Serpa, que lhe encomendou Diogo de Melo, trat-o na cabeça, e deu-lhe a caravela de Ian Homem, e a Rodrigo Rebelo, porque lho encomendou D. Rodrigo de Castro, deu-lhe a nau de D. Fernando, que Deus haja. E ainda que estes dois homens sejam muito bons fidalgos, como são, e merecem tudo isto e muito mais, ele lho não fez senão por respeito destes outros, porque D. Francisco não os conhecia antes, e a mim, a quem ele e seus irmãos hã tanto tempo conhece e que V. A. tanto encomendou, trata-me como hã todos vos dirão, e não dá nada pelo que V. A. lhe disse, e quando eu lho aleguei perante fidalgos e cavaleiros, não deu por isso uma palha, e respondeu que tambem lhe encomendara V. A. Lopo Sanches, dizendo-me com isto palavras injuriosas. . e se ele, Senhor, houvesse de mandar a Narsinga quem quizesse, ja lá estava Guadalajara, ou algum dos seus, porque em Quiloa nos contou Guadalajara a muitos, como D. Francisco mandara falar com El-rei de Quiloa segredos, e Gaspar Pereira me contou que estava em casa d'El-rei de Quiloa fazendo algumas cousas do seu officio um dia á noite e que entrara Guadalajara com Gaspar por lingua, e que estando Gaspar Pereira com El-rei de Quiloa lhe dissera a Guadalajara que saísse para fóra, que havia de falar com El-rei coisas de segredo que lhe mandara dizer D. Francisco d'Almeida, e Gaspar Pereira respondeu que ele havia de ali estar pelo officio que trazia, e Guadalajara não quiz, e fel-o sair para fóra e ficou com El-rei por grande espaço. Ora veja V. A. se devem andar os vossos segredos das Indias por um castelhano d'Albuquerque, que V. A. nunca viu nem conhece, mandando para cá official proprio, que é Gaspar Pereira... mas a condição, Senhor, de D. Francisco, com Guadalajara e Bernardes, e Diogo Pires seu creado, e D. Lourenço, fazem tudo quanto querem. . Gaspar Pereira é contrario a Narsinga. . Gaspar Pereira, lopo que partimos de Lisboa logo começou a tratar mal Guadalajara, D. Lourenço, Diogo Pires e outros de D. Francisco e diziam-lhe que não cuidasse

que trazia Regimentos, porque tudo D. Francisco fazia como entendesse e muitas coisas feias; e D. Francisco não o prezava nem curava dele, e escarnejava dele e do officio que ele cuidava que trazia... E quando tomámos Quiloa, fez D. Francisco quadrilheiro, o seu creado Diogo Pires, e Pero Lopes, de sua criação, e também Pero Cão, e por escrivães Francisco Rodrigues seu creado, e outros de V. A. Esta cavalgada, Senhor, era toda governada e mandada por Diogo Pires e Pero Lopes, quadrilheiros, e por Francisco Rodrigues escrivão, e também era escrivão Pero de Figueiredo... Faço saber a V. A. que lhe convem tornar em fazer a India de novo, e seja com homem que vos tema e cumpra vossos mandados... a) Pedro Tinoco.

Alvará que o Viso Rei mandou ao Rei de Ormuz por copia.

D. Francisco d'Almeida, Viso Rei das Indias, por Elrei meu senhor, faço saber a vós, muito honrado senhor Afonso d'Albuquerque, que na boca do mar Roxo andais por capitão mór, e assim a qualquer outro capitão mór ou capitães que de Portugal venham, que eu tenho sabido a guerra que foi entre Afonso d'Albuquerque e Ormuz, depois de ter assentado com êle as pareas e serem vassallos do dito senhor; e por assim o haver por muito serviço de S. A., eu escrevi a Elrei d'Ormuz que, se quizesse, todavia pagar e estar pelo que estava assentado, que lhe daria boa paz e a toda a sua gente e naus de seus portos, ao qual dei tempo que me respondesse, antes que viesse o tempo da outra paga das pareas; e porque poderá ser, que não sabendo que isto assim está, vós, senhor Afonso d'Albuquerque torneis lá, a fazer a guerra, vos notifico êste recado que lá tenho mandado, e peço-vos por mercê, assim a vós como a qualquer outro capitão mór, ou capitães, que este virem, que durante o dito tempo, não façais guerra a nenhuma cousa d'Ormuz, nem que esteja nos seus portos, e assim vol-o mando da parte d'Elrei, meu senhor, pelos poderes que de S. A. tenho. E, se no tempo em que as pareas se hão de pagar, porque ainda então os tempos não serão para vir para a India a me toque resposta, se vós lá fosseis chegado ou chegados, requerer-lhe-heis as ditas pareas que estão assentadas; e se vol-as der, faz-lhe-heis muito boa paz e amizade em todas as cousas, e não atentareis em fazer fortaleza em terra; e as pareas são quinze mil serafins d'ouro por ano, e pagam-se na entrada d'Outubro, como vereis pelo assento que eles lá teem. E não vol-as pagando, fareis o que vos parecer mais serviço d'Elrei meu senhor; e pagando vol-as fareis com as naus o que S. A. vos manda, e os dinheiros mandareis cá, porque cumpre muito ao serviço do dito senhor. (Não tem data).

D. Francisco d'Almeida, Viso Rei das Indias por Elrei, meu senhor, mando a vós, Lourenço de Brito, fidalgo da casa do dito senhor, e seu copeiro mór, e capitão da fortaleza de Santo Angelo de Cananor, que recebais de Martim Couto, capitão mór (sic) da armada que ora anda nesta costa, Afonso d'Albuquerque, e o tenhaes na torre de menagem, sem que nenhuma pessoa fale com ele; e tereis tal maneira, que nunca possa escrever nem mandar recado a Elrei de Calicut, nem de Cochim, nem de Cananor, porque traz um grande dano ao estado e fazenda d'Elrei meu senhor. E se, porventura, Lourenço de Brito fôr vindo, por esta minha carta mando a qualquer capitão que na dita fortaleza estiver, que a cumpram e guardem como nela é contheudo. Feita em Cochim, aos 9 dias de Setembro de 1509.

E por letra de D. Francisco d'Almeida: E, para o servirem e falarem com ele, irão aquelas pessoas que vos bem parecerem. — (Por letra de Antonio de Sintra). E eu, Antonio de Sintra o corriji. — a) O Viso Rei.

Carta de Viso Rei para o Rei de Ormuz

Muito honrado e grãde Rei d'Ormuz — Nós, D Francisco d'Almeida, Viso Rei das Indias pelo muito alto e muito excelente e poderoso D Manuel, pela graça de Deus Rei de Portugal, etc , meu senhor, vos fizemos saber que, quando a esta costa da India chegámos, desde Anjediva, vos mandámos recado, por uns mercadores mouros, que se quizesseis ser vassalo de Elrei, nosso senhor, e pagar-lhe o que fosse de razão, que dariamos boa paz a vós e a vossas cousas e naus que do vosso porto viessem E depois, vo-lo tornámos a mandar dizer, por um mercador de Cananor, e assim o mandamos dizer a Caizar, mercador de Batecalá que vol-o escreveu E o ano passado, vo lo escrevemos por nossa carta, por um piloto mouro, natural da vossa terra, que foi nosso cativo E de tudo, nunca vimos vossa resposta, nem sabemos se alguns destes nossos recados vos foi dado

E agora, havera trez meses, nos foi dada uma carta do capitão Afonso d'Albuquerque, pela qual nos fazia saber que ereis vassalo d'Elrei nosso senhor, e lhe pagaveis pareas e tinha convosco feito assento de toda a amizade, — com o que muito folgámos E logo alguns mouros me disseram que eram do vosso Reino, que em vosso poder tínhamos cativos, mandamos soltar como por eles sabereis E agora chegam a nós 4 capitães dos que lá eram com Afonso d'Albuquerque, e nos disseram que se tornara a romper a guerra entre vós e elle, e que tudo fora por sua culpa — do que muito anojados estamos Pelo que os ditos capitães se vieram em nossa busca a queixar-se dele e o não quizeram mais ajudar contra vós, e foram de nós, por isso, muito bem recebidos Pelo que nós o mandámos chamar para que venha dar razão do que fez, e lhe daremos por isso, aquela pena que suas culpas merecerem, porque na boca de Elrei meu senhor, nunca foi achado engano, e assim manda a mim, e a todos os seus capitães e gentes, que se faça E, porque, estes capitães me disseram, que apezar de toda a guerra, vós sempre dizeis que folgaríeis de estar na paz e vassalagem de Elrei meu senhor, se isto é verdade e estaes nesse proposito, assim como eu de vossa virtude e bom sizo fio, mandae isso dizer por vossa carta e darvos-hemos boa e verdadeira paz que durará para sempre, a vós e a vossas gentes, e todas as vossas naus e portos, e a resposta disto vos pedimos que logo nos mandeis, porque será bom para todas as coisas Muitos Mouros do vosso Reino, que estes capitães de lá traziam cativos, o dia que a nós chegaram, os mandámos soltar livremente, porque cremos que a nossa paz estará, agora, mais firme que nunca E os homens que nos mandades com recados virão seguros e a nau em que vierem, e gentes e mercadoria E o tempo em que esta resposta me mandades, será por todo o mez de novembro, porque não a mandando até então, haveremos que não quereis estar pela paz assentada E lá vos mandaremos dois alvarás nossos, de um theor, que mostreis aos capitães que ahí vierem E houvemos por bem, de tudo isto vos escrevermos duas cartas de um theor, asseladas do selo redondo das armas reaes d'Elrei meu senhor, e por nós assinadas Cada uma vae na sua nau Feita em Cananor, a 10 dias de março de 1508

Carta de Elrei D. Manuel para o Arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa

ALCOCHETE, 19 JUNHO 508

(Novas que mandou Elrei ao Arcebispo do que Tristão da Cunha fez na India)

Reverendo em christo padre arcebispo primaz, amigo; Nós Elrei vos enviamos muito saudar, como aquele de cujo virtuoso acrescentamento muito nos prazeria; pela vinda da armada em que foi por capitão mor Tristão da Cunha, fidalgo da nossa casa e de nosso conselho, o qual o ano passado de 1506 enviámos á India, e assim a fazer algumas cousas de nosso serviço na banda de Ethiopia e boca do Mar Roxo, e sabermos, tambem, todas as cousas nossas naquelas partes ficavam louvores a Nosso Senhor, e assim como dele Tristão da Cunha e dos creados nossos e gente que com ele enviámos nesta viagem, fomos servido. E porque elas, todas são cousas para nossos Reinos e todos nossos naturaes tomarem muito prazer e alegria e contentamento, por serem tão grandes começos de muito acrescentamento de nossa santa Fé, e assim, de muito mais acrescentamento de honra de nossos Reinos e senhorios, etc.

Item: O dito Tristão da Cunha, nosso capitão mor, tomou uma cidade de Mouros, que se chama Oja, a qual é perto da cidade de Melinde contra o Mar Roxo; e esta cidade era grande e nobre e de honrados edificios de casas e havia nela Rei, e foi entrada por força d'armas, e o mesmo Rei dela morto, e se guerreou toda, e morreram nela muitas almas de Mouros; e segundo somos certificado, foram aqui queimadas muitas riquezas, porque pela bravura da costa se não poderam recolher ás naus, e o dito nosso capitão mor houve por melhor, por-se o fogo a tudo.

Item: Vendo o Rei doutra cidade junto desta, que se chama Xer, o desbarato e vencimento desta, receando-se d'outro tal lhe ser feito, se veio com 2 mil homens oferecer ao dito Tristão da Cunha, nosso capitão mor e meter-se em suas mãos, e fazer nosso tributario, e foi pelo dito nosso capitão mor recebido á nossa mercê, e fica nosso servidor e tributario, e logo pagou o tributo daquele ano, em moeda de murcelos de prata, moeda corrente em Veneza.

Item: Alem desta Xer, deu o dito Tristão da Cunha, nosso capitão mor, em outra cidade de Mouros que se chama Brava, e em Socotorá, e mais principal do que esta outra chamada Oje, e esta foi muito bem defendida pelos Mouros.

Esta ilha é grande e mui povoada de christãos; estes christãos posto que o não sejam perfeitamente, teem muitas cousas do conhecimento da nossa Fé, e hão-se por christãos; jejuam nas quaresmas e adventos, sem comerem carne nem pescado, nem tem nenhum homem mais de uma mulher; teem egrejas e altares e cruzeiros nelas; teem a maior parte das festas principaes que temos assim dos Apostolos, e se nomeiam muitos pelos nomes deles; pagam dizimas ás egrejas, as quaes são recolhidas por officiaes que para isso teem; e estes teem o cuidado de reparar com as dizimas as egrejas, do necessario, e o sobejo se distribue pelos pobres; os que servem as egrejas veem trez vezes no dia a elas, a saber: a oras de matina e de vespas e de competras; teem em grande veneração a cruz, se algum

a leva ao pescoço, pode seguramente andar por toda a terra da ilha sem se temer d'alguma cousa, posto que inimigos tenha, nem se teme da justiça.

Nesta ilha ha muitas tamaras, em maneira que d'aqui se faz delas carregação para outras partes, e assim muitos outros mantimentos e refrescos convenientes para a gente que no mar anda, assim para a que na ilha estiver, e ha nesta ilha algumas drogarias de muita estima.

A esta ilha chegou o dito Tristão da Cunha, nosso capitão mor, com a frota que levava, por levar mandado nosso para nela haver de assentar uma vila de madeira que de cá levava, para mais facilmente poder lavrar uma fortaleza que na dita ilha mandavamos fazer, por o havermos por cousa mui conveniente e necessaria, assim para o cerrar e tolher a entrada do Mar Roxo aos navios dos Mouros que da India viessem, como para todo o bem dos outros nossos tratos d'aquelas partes por serem em meio devido.

E tanto que á dita ilha chegou (Socotorá), sem saber que nela havia fortaleza, nem isso mesmo o tinhamos dantes sabido, viu uma povoação junta de até 200 (ije) vizinhos, e pegada nela viu uma fortaleza assaz forte, perto do mar, com torre de menagem de 2 sobrados, e outras torres, e de mui bons muros altos, e baluartes com bombardeiras e seteiras, e muito formosa cava em redor; e nesta fortaleza estava um filho dum Rei da Arabia, fronteiro da dita ilha, o seu senhorio se chama Fartaque, o qual Rei é muito estimado naquelas partes da Arabia, por sua gente ser mais guerreira, e havida por mui esforçada entre toda a outra, e quasi sua vida toda ser de guerra, e andarem a soldo á maneira de *Soyças*, segundo a informação que dela se houve. E este filho deste Rei isso mesmo era havido por mui cavaleiro entre eles, e era homem que andava em muitas partes a soldo com caregos de gente, e este tinha consigo na dita fortaleza 200 cavaleiros, de gente escolhida da casa de seu pae, os quaes de 2 em 2 anos se revezavam a estar ali de guarnição; este modo de guarda, segundo a informação que temos e que se soube na terra, se fazia por esta ilha ser muito estimada deste Rei e entre todos os Mouros, principalmente por senho-rearem sobre christãos, e assim por a dita ilha ser de muito proveito e estar no logar em que está.

Aqui desembarcou o dito Tristão da Cunha, e poz sua gente em terra, e este filho do Rei dos Fartaques, que na guarda da fortaleza estava, o saíu logo a receber á praia com mão armada, com esperança de lhe defender a saída, e os nossos apertaram com ele em tal maneira que toda a sua gente se não poudo recolher á fortaleza, e o dito filho do Rei e capitão principal ficou de fóra com alguns, e entre as portas da dita fortaleza, voltando a pelejar com a nossa gente, por ser dela alcançado, foi morto como todos os que com ele ficaram e se acharam, e combateu-se pelos nossos a fortaleza, aos que nela se recolheram, em tal maneira, que ela fosse tal assim de Mouros, como de boa gente que nela estava para poder sofrer um bom cerco, louvores a Nosso Senhor, o nosso capitão mor e os fidalgos e creados nossos e gentes que com eles iam, apertaram e combateram em tal modo que mui asinha foi entrada. E posto que dos nossos assim fosse entrada, e muitos deles dentro já na fortaleza, não houve algum dos inimigos que dentro na fortaleza estavam que se quizesse render, nem pedir a vida, nem misericórdia, e pelejando, todos foram mortos.

As armas essas eram como as dos Turcos, a saber: arcs, lanças, espadas e laudeis.

Estes Mouros d'aqui, tinham algumas filhas dos christãos da terra desta, por força, as quaes são agora tornadas a seus paes e a sua liberdade,

e louvado Nosso Senhor muitos tinham já recebido a agua do santo baptismo da mão dos sacerdotes que para logo enviámos, e se esperava que todos a recebessem.

A cabeça deste filho do Rei de Fartaque e capitão principal que foi morto, mandou Tristão da Cunha pôr em uma torre das da fortaleza, e vendo-a os christãos da ilha recebiam disso prazer e todos os corpos dos Mouros que morreram na tomada da fortaleza, mandou juntar e foram queimados, e os que escaparam e andavam fugidos, assim dos do logar pegado com a fortaleza, como dos que nela se não poderam recolher, mataram-os os christãos da ilha, já andando pela terra favorecidos desta vitória que Nosso Senhor aos nossos deu, e vingando-se dos vituperios e sujeições que eles tinham recebido.

Aqui, nesta fortaleza, (Socotorá), fica por capitão D. Afonso de Noronha, fidalgo da nossa casa, o qual já de cá para isso foi ordenado por nós, com gente conveniente para a guarda e defeza desta fortaleza de creados nossos e outra gente necessaria, e muita artilharia grossa e meuda, e quanto convem para logar que de tão longe tem o socorro.

Fica aqui, tambem, capitão no mar, Afonso d'Albuquerque, fidalgo da nossa casa, assaz auto para semelhante cargo por sua cavalaria e experiencia que tem das cousas do mar, com a frota que para esta costa da boca do Mar Roxo ordenamos, e assim for necessidade, boa gente e artillheiros quanto parece que convem e pode sobejar para tolher a passagem da India para o Mar Roxo, e assim para fazer guerra a quem aqueles a quem lhe temos mandado que a faça, e que não folgassem de ser nossos servidores.

Item : Os capitães das armadas que naquelas partes trazemos, a saber, nesta parte o dito Afonso d'Albuquerque, e os outros da banda d'alem da India, louvores a Nosso Senhor, andam senhores do mar em maneira que nenhuma nau nem navio navega nas partes onde andam, salvo com seguro dos nossos capitães, nem todos os do Malabar, que são as gentes da Ribeira da India, salvo da mão d'aqueles que navegam o mar por licença do nosso Viso Rei.

Item — Foram estas viagens em que foi o-dito Tristão da Cunha tomadas muitas naus de mouros, naquela paragem de boca do Mar Roxo, em que se tomou muita riqueza assim de especiarias como de panos e doutras cousas, das quaes muito grande parte se não poudo alojar nas nossas naus, e segundo a informação que temos, passante de mil panos foram lançados ao mar, dos que vieram de Cambaya, dos quaes se vestem as gentes da parte da Arabia.

Item — Na terra e ilha de S. Lourenço que o dito Tristão da Cunha foi ver quando logo de cá foi, e onde fez grandes estragos nos Mouros, a qual ilha é a que achou Afonso d'Albuquerque, se acha muito gengibre, e se afirma que desta ilha sae todo o cravo. Esta ilha está na paragem das minas de Sofala, e assim mesmo se afirma haver estas especiarias em outras muitas ilhas de redor desta, a qual como destas especiarias que assim somos certificados haver nesta ilha, é mui grande e de muita estima, não sómente pela muita valia da especiaria, e muito como dela se poder tirar e despender pelo Mundo, assim como o gengibre, mas por serem em paragem que parece que o caminho de ida e vinda se pode fazer em mais curto tempo que o da India.

Item — A' partida de Tristão da Cunha, o Viso Rei, em pessoa, veio dar em um logar principal que se chama Panane, perto de Calicut, e em que mais naus e negocios de mar havia que em outro algum que ele tivesse, no qual estavam com seu medo recolhidas, 17 ou 18 naus grossas e que

dizem que eram as principaes que na terra havia; as quaes o dito V. Rei queimou todas, e quando saiu em terra para mandar queimar as naus, como para dar nos mouros que de proposito já o esperavam, os ditos mouros o vieram a receber, e dizem que de parte a parte, a coisa foi mui bem pelejada; porem, louvor a Nossa Senhora, o dito Viso Rei com os que assim consigo levava, os desbarataram e mataram muitos d'elles, e assim dos nossos houve bom golpe de feridos e entre os mouros mortos morreram 12 capitães d'El-rei de Calicut, os quaes se afirma que antes de á peleja virem, votaram dentro em suas mesquitas de ou defenderem a terra ou morrerem; segundo o que fizeram, cumpriram bem o seu promelimento e como bons cavaleiros.

Item — O Viso Rei fica mui bem, e assim todas as gentes que com ele ficam no mar em que ele agora andava com nossa armada, e assim na terra nas fortalezas de Cochim e Cananor, e assim ficavam mui bem todas as fortalezas desta outra banda da costa do mar Roxo para cá, e as gentes que nelas estão, e tudo está assentado assim como cumpre a nosso serviço.

Item — Um Rei que se chama de Onor, que he na costa da India, por desejar haver amisade com o Viso Rei, e haver d'ele favor e de nossas gentes, e não receber dano, nos fez serviço de um logar seu, porto de mar e de trato, o qual logo mandou entregar a nossos officiaes, e lhe deu a posse dele, e da mão de nossos officiaes fica arrendado já por mil pardaus, que é a moeda que lá teem, que vale tanto cada pardau como um espadim de ouro. E porque isto é causa tão nova e tão desacostumada, como vedes, louvores de Nossa Senhora, que Reis de tão longe haja de fazer serviço de suas terras proprias e desmembral-as de seu senhorio, havemos por bem entre estas outras novas vol-o fazer saber.

Item — O dito Tristão da Cunha partiu da India com toda a armada bem carregada, da qual ainda não é chegada toda a frota, e sómente 3 naus que com ele vieram trazem 22 até 23 mil quintaes de especiarias e drogarias, e outras mercadorias reaes de aljofar e pedraria, e outras doutra sorte, e podera carregar outra tanta frota se ahi houvera para a carregar, porque, bento Nosso Senhor, não passa quasi nada para Meca nas naus dos mouros, e esperamos com a ajuda de Nosso Senhor que com a tomada da Ilha de Socotora, e nossas frotas que ahi temos ordenadas, daqui em diante não passe nenhuma cousa

Item — Antes que Tristão da Cunha da India partisse chegou nova pelos mouros como Ormuz era rendida a Afonso de Albuquerque, e ficava nossa tributaria, e assim outra cidade principal daquelas partes, e esta nova se deve haver por certa por vir pelos contrarios, e ser tanto em seu desfavor e quebra, e por outra via não podia vir, por a armada que traz Afonso d'Albuquerque andar tão afastada que por gentes nossas não podia ser trazida, por os tempos daquelas terras serem em tal maneira que os mais se não podem navegar, salvo em certos tempos para cada parte, e os mouros houveram este recado por terra.

Este Ormuz é na boca do mar da Persia, e é o em que ha quasi todo o aljofar da India, e assim é o porto principal da dita Persia para a India e para todas as outras partes dela; e ha nelas muitas riquezas de panos de seda e ouro, e toda a policia do Mundo assim de cheiros como de toda outra cousa; e esta se ha pela mais principal e que está em mais fama e nome que todas as cousas d'aquelas partes, e afirma se e se ha por certo que agora, antes que se submelesse a nosso senhorio, pagava tributo ao Sofy. E isto se sabe por geral informação de todos os mouros d'aquelas partes.

E certo que devemos dar muitos louvores a N. S. por vermos em nossos dias as terras d'aquelles que tão grande nomeada teem pelo Mundo, que é este Sofy, e que tão grande parte subjugada da Azia, e tão perto parece estar de entrar na Europa, e quasi parece que nenhuma cousa lhe tem resistencia, vermos que dos portuguezes nossos vassallos e naturaes, tão longe de nossos Reinos e quasi 4 mil leguas d'aqui, são subjugadas.

E porque em todas estas cousas recebemos de N. S. Deus tanta mercê e de nossos Reinos se consegue tão grande louvor e fama e cada dia esperamos que mais nelas nos dê seu favor e ajuda etc.... Escripta em Alcochete á 19 dias do mez de Junho de 1508. a) Rei . . .

Carta de Tristão da Cunha on de Gá, "que tudo se chama" Séptembro de 1508?

Diz que os captivos que ali estão, em Diu, são :

Alvaro Lopes, mestre da nau;
 Pero Felipe
 Diogo Barreto
 Gonçalo de Tarouca
 Antonio d'Oliveira, creado de V. S.^a;
 Francisco, escravo de V. S.^a;
 Alvaro Pires, meirinho;
 Castro, creado de Vicente Pereira;
 Gonçalo, homem d'armas;
 André Gonçalves;
 Gregorio, {
 Afonso, { mouros;
 Domingos, {
 Fernando

e eu, "que me assinarei em baixo" Ant. Catalão, da Galé de Pais de Souza, "o qual se nos finou em Diu de uma lançada que lhe deram numa perna";

Vasco, creado de Tomaz Nunes, feitor, "o qual se nos finou de correnza, em Gaza, neste caminho onde iamos para campanir, onde Elrei de Cambaya está; o qual mandou a Malik Ayaz, que nos levasse lá para nos vêr; e, dali, creio que me hão de mandar a V. S.^a como embaixadores seus, e creio que hade mandar connosco um mouro de Grada, que é lingua entre nós e eles; e deu, — este mouro falar muito com V. S.^a. Se eu fôr, falarei mais longe.

Senhor. Os Rumes estão desbaratados de tudo, d'armas, de dinheiro e de artilheria, porque Malik Ayaz lhe emprestou 16 mil serafins, e tomou-lhe, em prenda, 24 bombardas grossas, que traziam.

A 8 de Setembro, chegam 5 ou 6 naus d'Adem, e deram por nova, que não havia lá nau d'Afonso d'Albuquerque, nem doutros Rumes que hajam de vir este ano. Não se pôde crer o medo que hão a V. S.^a de vir cá. E porque acertou apparecem 2 zambucos ao mar de Diu, e cuidaram que eram de Portugal; e logo naquela hora, se começou a despovoar a cidade de Diu, até que conheceram que eram da terra; e tambem dizem que, pois vosso filho morreu, não deixará de se fazer muita guerra este ano.

Sobre isto, Malik Ayaz tem as 24 bombardas grossas dos Rumes, e mais tem outras duas grossas, que mandou fazer na terra, mais tem 10 ou 12... e mais tem 50 ou 60 berços dos nossos — uns que trouxe das naus que se perderam em Curia Muria, e outros que tirou da nossa nau, agora; e mais tirou duas bombardas grossas e um dos falcões».

Logo que êstes prisioneiros chegaram a Diu, mandou-lhes Malik Ayaz perguntar se algum sabia concertar as bombardas grossas tomadas na nau. E Alvaro Lopes fez logo um camelo a um deles, e mais disse que fazia engenhos para bombas. «Tenho grão medo que se faça borrão, e mais 4 ou 5 como ele. Malik Ayaz tem 30 navios pequenos, para andar d'armada, muitos remeiros e veleiros; e mais 2 naus que fez este inverno, de duas cobertas cada uma delas, também para andar d'armada. Fez este inverno uma torre á entrada da barra, dentro da agua.

«Tem 400 homens d'armas a saber: abexins, alarves, corações e turcos.

«Logo á primeira, quando viemos, havia cá fama, que se haviam de juntar todos os reis mouros da India, e que haviam de ir saber V. S.^a. Já, agora, não falam sobre isto tanto, porque lhes tinham por nova, que haviam de vir 40 naus de Rumes, e agora tem nova certa que não hão de vir.

Não digo mais, que não tenho mais papel. Muitas graças a Deus para sempre. E feita no logar de Gadahar 10 dias de Setembro de 1508.

Carta de Antonio de Cintra, que substituiu Gaspar Pereira no cargo de secretario do Viso Rei D. Francisco d'Almeida. — E' de 8 de Dezembro de 1508.

Senhor—Recordo-me que, quando de Abrantes, de V. A. me parti, o que por ela me foi mandado, foi que todas as cousas de vosso serviço largamente vos escrevesse. E, porque, Senhor, do estado da terra toca mais ao Viso Rei, pois nisto traz tão grande cuidado, como cumpre o vosso serviço, vol-o fará saber, de maneira que V. A. seja de tudo muito bem informado, e do negocio, somente, da casa, mercadorias devidas, farei por esta saber a V. A....

Item—Em Cochim, 6 mil quintais de cobre.

Item—De vermelhão e chumbo, grande quantidade, de maneira que, durante os trez anos que se seguem, não era preciso mandar mais, das trez cousas.

Item—Coral não ha nenhum, pois o que veio com Fernão Soares, no S. Gabriel foi logo vendido, o tosco, a 600 fanões a faraçola, e o bastardo, meudo, a 150. Parece boa mercadoria, mas consumiu-se depressa por ser pouca; sendo muita succeder-lhe hia como ao cobre.

Item—Pedra hume vale a 26 fanões a faraçola. E' preciso que não venha muita para conservar o valor. Poder-se há gastar anualmente, navegando á vontade as naus de Cochim e Cananor, mil quintais. Pedem algum açafraão.

Item—Azougue, vale a 90 fanões a faraçola. Não pode informar do successo que dá pois os homens que de Portugal o trazem, entregam a menos 1/3 e alguns metade. As mercadorias da India tem os valores que seguem:

Item—O babar de pimenta — agora 3 quintais e 3 arrateis do peso novo, — vale 150 1/2 fanões. Paga de direitos, ao rei de Cochim 9 1/2 fanões, total 160 fanões. Deduzindo 36 fanões, valor duma faraçola de cobre que se dá pelo babar de pimenta, dá-se, em dinheiro, 124 fanões.

Item—O babar de canela vale 240 fanões.

Item—Do cravo, 480 fanões em mercadorias, e a dinheiro, 400.

Item—As maçãs como o cravo.

Item—O babar da noz, 145 fanões.

Item — A faraçola de canfora, 100 fanões,

Item — Deve-se de soldos á gente que anda na India, não contando a que veio com Afonso d'Albuquerque, e excluindo 25 mil cruzados que o Viso Rei mandou pagar, — 20 mil de quintaladas carregadas á custa dos soldos, e 5 mil que ele mandou pagar em dinheiro a algumas pessoas, — 60 mil cruzados, "os quais com a ajuda de N. Senhor, hão de este ano ser pagos, porque temos o V. Rei, dieto, grande appetite".

Do porto de Cochim vão este ano para coreeiros, por todo o mez de Novembro, 40 mil quintais de pimenta, que são muito bons de semear, e muito trabalhosos para quem os ha-de carregar. Não digo isto por mim, porque, porque posto que de V. A. trouxesse (ordem) para haver outros tanto ordenado quanto Lourenço dissesse tinha de escrivão, e depois de acabado o tempo de escrivão, ficar por feitor, — V. A. houve, agora, por bem, não haver mais de 60 mil reaes por ano, de ordenado, que é menos ainda que de lá trouxe...

*

Reprova a criação de dois tesoureiros etc.

*

Data — d'avante Calicut, a 28 de Novembro de 1508.

*

Senhor — Depois de ter acabado de escrever a V. A., chegou aqui, a Cananor, Afonso d'Albuquerque, com sua nau Cyrne, e Martim Coelho e o navio de Diogo de Melo, que finado é; e vinha nelé, D. Antonio, seu sobrinho.

Pela presunção, que tínhamos, dos Rumes, se fez toda a frota á vela, por mandado do Viso Rei; e ele, com elas, na nau Flor de la mar, em que ora anda, foi tão de supito e tão depressa, que V. A. houvera prazer de a ver, porque se fizeram em terço de meia hora, 13 navios á vela e duas galés, de que os mouros de Cananor, me dissem, que ficam mui esfaretados.

Nos quais iam 1100 homens, que V. A. ora cá traz, tirando as naus de mercadores, que ainda aqui estavam, a saber: Fernão Soares e Rui da Cunha e Vasco Carvalho. Sabido ser o Cirne e sua companhia, depois d'algum prazer haver tomado, de bombardas e salvas, o Viso Rei virou, e toda a frota com ele; e Afonso d'Albuquerque, e os dois navios que com ele vinham, vieram pousar diante de Cananor.

"Logo naquele dia, Afonso d'Albuquerque veio á Flor de la mar, onde estava o Viso Rei, e foi dele mui honrada e amigavelmente recebido; e depois d'algumas poucas palavras passadas, presentes todos, se passaram aos bateis e vieram a terra, á fortaleza, onde estava Lourenço de Brito, com todos os outros fidalgos e cavaleiros que na armada andavam, cearam, e dali se levantam; e, apartados Afonso d'Albuquerque, Lourênço de Brito, com o Viso Rei, sós, salvo eu que era presente, disse o Viso Rei a Afonso d'Albuquerque, que ele estava de caminho para o outro dia, se ele não chegasse; que lhe pedia que, o mais depressa que podesse, se fizesse frente, se o Cirne vinha em disposição para poder andar no mar, ou ser sua von-

tade fosse disposto para isso. Foi respondido por Afonso d'Albuquerque, que o Cirne fazia tanta agua, que se não podia ter no mar; que davam a 4 bombas; e que ele vinha tão cansado e trabalhado no mar; mas que, se o Viso Rei o mandasse, que ele iria».

O Viso Rei respondeu-lhe que não, mas se ele quizesse ir, que fosse; e que quanto ao Cirne se quizesse entre qualquer nau, lha daria, ou, se com ele queria ir na sua nau, teria nisso muito prazer. Ao que Albuquerque respondeu, que se o Viso Rei o deixara escolher, preferia ficar em terra, pois vinha muito cansado e quebrantado.

O Viso Rei retorquiu que fizesse como quizesse.

Agora, comenta o Antonio de Sintra:

“A meu parecer, pelo que sou obrigado, vós tendes a India, agora, em maior risco, pelo caso d'Afonso d'Albuquerque, que pelo dos Rumes, porque a gente é muito descontente dele, principalmente os capitães.

Creia V. A. que quem houver de governar a India *hade-lhe coser o estomago mandar Duques*, e hade ter coração de gastar 3 mil cruzados, cada ano, na sua mega, e hade ter muita criação sua e de seus amos. Chamo criação a ter muitos creados.

A governança da India é maior cousa, do que nunca fizeram saber a V. A. Creia V. A. que tem muito poucas pessoas que lhe bate o coração para governar.

Os homens, que ora dizem que se querem lançar com os mouros, outra vez se querem levantar contra os capitães.

Cansa-os muito o serem mal pagos de seus soldos. .

“Alguns desses capitães que vão para Portugal, me disseram que queriam requerer ao Viso Rei que se não fosse para Portugal este ano que vem, posto que a nau viesse em que ele hade ir, até fazer saber a V. A. o estado da India; e com o recado que V. A. lhe mandasse se poderia ir. . A causa porque isto lhe requeriam, e pode V. A. perguntar a Rui da Cunha, porque ele é um dos que me disseram Senhor João da Nova, Manoel Teles, Francisco de Tavora, Antonio do Campo, com todas as suas gentes, e assim muitos outros fidalgos e cavaleiros e capitães, andam tão mal avídos com Afonso d'Albuquerque, que, se lhe não fosse dito por mim, por mandado do Viso Rei, que, em cousa pequena nem grande, com Afonso d'Albuquerque não apontassem nem falassem, o dia logo que chegou, creio que algum mau recado tiveram feito; para, agora, com o mandado do Viso Rei andam submetidos.

Senhor — Eu não afirmo muito a V. A. a ida do Viso Rei este ano que vem, ainda que a nau venha, posto que sua determinação seja aquela que V. A. manda; porque se a nau viera, ou Afonso d'Albuquerque chegara primeiro 15 dias», o Viso Rei teria embarcado; mas agora, já não é tempo de partir e tem de ali invernar por força. Está convencido de que quando o Viso Rei se quizer ir, os capitães não deixarão por causa d'Albuquerque, que está muito malquiste. Mas se o Viso Rei se fôr, não ficarão 60 pessoas na India.

Quando muito propagou ao Viso Rei ficasse Albuquerque em Cananor, e ele acompanhasse o Viso Rei. Propoz o Viso Rei isto a Albuquerque que recupou, preferindo ir para Cochim. Deve partir para Cochim a 19 de Dezembro, e o Viso Rei para Diu.

D. Francisco d'Almeida, Viso Rei das Indias, por Elrei, meu senhor, mando a vós, Lourenço de Brito, fidalgo da casa do dito senhor e seu copeiro mór, e capitão da fortaleza de Santangelo de Cananor, que rece-

baes de Martim Coelho, capitão da armada que ora hade andar nestas costas Monso d'Albuquerque, e o tenhaes na torre de menagem, sem que nenhuma pessoa fale com elle. E tereis tal maneira, que nunca possa escrever, nem mandar recado a Elrei de Calicut, nem de Cochim, nem de Cananor, porque trar grande dano ao Estado e fazenda d'Elrei meu senhor. E, se porventura, Lourenço de Brito fôr vindo, por esta minha carta mando a qualquer capitão, que na dita fortaleza estiver, que a cumpram e guardem como nela é contendo. Feita em Cochim aos 9 dias de Setembro de 1509.

E para o servirem e falarem com elle, irão aquellas pessoas que vos bem parecerem. E eu, Antonio de Cintra, o corregi. — O Viso Rei.

Eu, Afonso d'Albuquerque, digo que eu tenho dado minha menagem a Elrei Nosso Senhor em sua prezença, de não dizer a'ninguam o provimento da capitania mor da India que ora tem D. Francisco d'Almeida, por sua vinda a estes Reinos ou por seu falecimento, segundo que dele levo um alvará, salvo ao tempo em que houver de haver effeito para eu ficar no mesmo cargo; porem, o declaro assim por este, e dou minha fé e menagem de o assim cumprir e guardar; e as provisões disso, eu as levo, e vias deu o dito Antonio Carneiro, cerradas e seladas assim como o houve por bem o dito Senhor e assim como foi sua mercê que se fizesse, feita em Lisboa 27 de fevereiro 1500. a) a". dalbecq.

Antes de fechar este volume queremos nele inserir o seguinte artigo do Senhor Luciano Pereira da Silva, sobre o Roteiro da viagem de Vasco da Gama, publicado no *Século* de 25 de Janeiro de 1925 — artigo que, com grande pezar nosso, só agora nos veio parar ás mãos:

O roteiro da primeira viagem do Gama

Na Biblioteca Municipal do Porto, existe um manuscrito, proveniente da colecção do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, em que se lê a narrativa da viagem de Vasco da Gama, em descobrimento do caminho marítimo da Índia. Redigida por um dos que foram na famosa expedição, é a única narrativa, hoje existente, de autor que tivesse tomado parte neste heroico e espantoso feito. Não é autografo, é uma cópia em letra dos começos do século XVI. Impressa pela primeira vez no Porto, em 1838, é hoje obra universalmente conhecida, pois foi já traduzida para francês, inglês e alemão. Os investigadores estrangeiros que, com tanto interesse, a têm traduzido e comentado, consideram o manuscrito da Biblioteca do Porto como um dos mais valiosos e emocionantes documentos da história da civilização mundial.

Tão precioso documento foi publicado em 1838 por Diogo Kopke, professor de matemática na Academia Politécnica do Porto, com o título *Roteiro de viagem que em descobrimento da Índia pelo Cabo da Boa Esperança fez Dom Vasco da Gama em 1497*, tendo-lhe juntado um prefacio e notas, tudo de grande valor, segundo a opinião unanime dos traductores. A primeira tradução do *Roteiro*, para francês por Ferninand Denis, appareceu no tomo terceiro da estimada obra de Charton, *Voyageurs Anciens et Modernes*. Paris, 1855.

No anno de 1858 começou a Academia das Sciências de Lisboa a imprimir, sob a direcção de Rodrigo Feiner, as *Lendas da Índia*, de Gaspar Correia, onde a primeira viagem do Gama é contada de maneira completamente diferente do que se lê no manuscrito da Biblioteca do Porto. Três annos depois, tendo-se esgotado a primeira edição do *Roteiro*, fez Alexandre Herculano uma segunda edição com o título: *Roteiro da viagem de Vasco da Gama em 1497, Lisboa, 1861*. Na advertencia, com que procede a nova edição, exprime Herculano este juizo a respeito das *Lendas da Índia*. «Em relação á viagem do descobrimento como em relação a tantos outros pontos da nossa historia, as *Lendas* levam decidida vantagem ao que escreveram Barros e Castanheda». Esta opinião é já hoje insuscentavel, no que diz respeito á viagem do descobrimento. O eminente historiador acrescenta ainda: «É o *Roteiro* que completa o trabalho do cronista, e que, com elle, torna hoje perfeitamente conhecido em todas as suas circumstancias, um

dos principais assuntos da historia das nações modernas». Mas não é possível harmonizar as *Lendas* com o *Roteiro*, e é a este ultima que tem de dar-se a preferencia.

A edição de Herculano foi logo seguida de nova tradução francesa, por Arthur Morelet, com o titulo: *Journal du voyage de Vasco da Gama em 1497*. Lyon, 1864.

Em 1869 appareceu, entre as publicações da "Hakluyt Society" de Londres, o livro de Henry Stanley, *The three voyages of Vasco da Gama and his vicereignty*. É a tradução inglesa dos capitulos de Gaspar Correia relativos ás três viagens do Gama, acompanhada de introdução e notas. Entusiasmado com as *Lendas da India*, de que teve á mão uma copia manuscrita, julga Stanley apresentar a verdadeira historia das expedições do Gama e pôr definitivamente de parte o que dizem Castanheda, João de Barros, Damião de Gois e Jeronimo Osorio. O seu estudo é bastante superficial e contém muitas apreciações erradas.

Por motivo da celebração do quarto centenário do descobrimento do caminho marítimo da India, publicou-se um novo volume da "Hakluyt Society", de Londres, intitulado: *A journal of the first voyage of Vasco da Gama, 1497-1499*. É a tradução do *Roteiro* para inglês, com introdução, valiosas notas documentos, ilustrações e mapas muito úteis, feita por Ernesto Ravenstein, da Sociedade de Geografia de Londres. Neste mesmo ano e por identico motivo, imprimiu-se em Muuich a obra do dr. Franz Hümmerich, *Vasco da Gama, und die Entdeckung des Seewegs nach Ostindien*, em que se trata da personalidade de Vasco da Gama e das suas três viagens á India, com estudo critico das fontes incluindo-se a tradução completa do *Roteiro* para alemão. Tendo residido em Lisboa e no Estoril, como preceptor dos filhos do ministro da Alemanha em Lisboa, o conde de Bray-Steinburg, nos anos de 1893 e 1894, moço ainda, tendo visto Belem, Tomar, Alcobaça e a Batalha, o dr. Hümmerich apaixonou-se, com entusiasmo juvenil, pela época heroica das nossas emprezas marítimas. Assim se originou o livro, feito com elevado critério e profundo estudo com que concorreu para a celebração do centenário, e que ainda hoje se deve considerar o melhor que se tem escrito sobre Vasco da Gama e as suas viagens.

Por ocasião do mesmo centenário imprimiu-se, tambem, no ano de 808, em Alemquer, um folheto de 60 páginas, intitulado: "*Vasco da Gama, quando partiu?* Problema cronológico posto por Frederico Diniz de Ayalla". O assunto, anunciado no titulo, é o menos importante do opusculo. O autor, seguindo na esteira de Stanley, entusiasmado tambem com as *Lendas*, adopta, como dia da partida do Tejo, o dia 25 de Março, Gaspar Correia indica o dia de Nossa Senhora de Março, tanto para a saída da armada do Gama, como para a de Alvares Cabral, mas não pode restar hoje duvida que isto é inexacto. A armada de Vasco da Gama largou do Tejo em 8 de Julho de 1497 e a de Alvares Cabral em 9 de Março de 1500. A grande novidade, porém, do opusculo é a afirmação e pretendida demonstração de que o *Roteiro* não é cópia de um autentico diário escrito por um dos companheiros de Vasco da Gama; é uma narrativa forjada nos fins do século XVI ou principios do século XVII, uma pura falsificação, que não merece o menor crédito. Os argumentos de Frederico Ayalla já hoje tem resposta cabal, que adiante expomos.

Tendo-nos o sr. dr. Jaime Cortezão manifestado, há tempo, que desejava incluir entre as publicações da Biblioteca Nacional de Lisboa, de que está sendo um tão notavel director, uma nova edição do *Roteiro*, e me queria encarregar de reunir os materiais para esta terceira edição dissemos-

Ihe que da melhor vontade trabalharíamos para tão importante obra, preferindo, porém, que pessoa mais competente se encarregasse da difícil tarefa. Não se pode erigir melhor monumento a Vasco da Gama do que essa projectada obra, em que deve juntar-se tudo quanto se tem publicado de valor, e quanto se possa ainda averiguar, sobre esta narrativa, d'ella emanada de testemunha dos acontecimentos, para pôr na luz pública a verdade, como é preciso, esse glorioso feito dos lusitanos.

Tendo sabido que o dr. Hümmerich, actualmente professor em Munique, com quem temos o prazer de trocar correspondencia, tinha novos trabalhos sobre o *Roteiro*, cuja impressão immediata na Alemanha offerecia difficuldades, obtivemos que elle nos enviasse os seus estudos, em numero de três, para serem publicados no volume décimo da *Revista da Universidade de Coimbra*, como combinaramos com o illustre e activo collaborador da *Revista*, dr. Joaquim de Carvalho. Já estão d'elles completamente impressos, e as respectivas separatas já foram presentes á Academia de Sciencias de Lisboa, quando o sr. Pedro de Azevedo fez a proposta do dr. Hümmerich para sócio correspondente da Academia. A impressão do *Roteiro* fôrto vai adiantada, incluindo já a parte que trata da autografia e da autenticidade do manuscrito da Biblioteca do Porto, duas questões importantes de que vamos occupar-nos. Ao dr. Hümmerich muito agradecemos ter nos fornecido tão importantes elementos para a edição projectada pelo director da Biblioteca Nacional, com os seus três Estudos, de que daremos brevemente uma noticia completa na revista *Lusitania*.

O autor do *Roteiro*

em 20, e navegaram com vento á pôpa durante 27 dias, de maneira que se julgavam em boa paragem da ilha de Santiago de Cabo Verde, a menos de cem léguas de distancia. Alvaro Velho termina assim a sua narrativa: «a uma quinta-feira, vinte e cinco dias do mês de Abril, achamos fundo de trinta e cinco braças, e todo o dia fômos por este caminho, e o menos fundo foram vinte braças, e não podemos haver vista de terra, e os pilotos diziam que éramos nos Baixos do Rio Grande». Aqui acaba o *Roteiro*. Porque termina assim abruptamente a descrição do regresso, quando costeiavam a Guiné, nas alturas do Rio Grande? As conjecturas, até agora feitas para explicar o silencio em que fica o resto da viagem até Lisboa, algumas das quais incluem censuras a Nicolau Coelho, têm de cessar perante uma nova interpretação.

É sabido que na Biblioteca de Munich existe uma preciosa colecção de manuscritos que foram enviados de Lisboa, nos começos do século XVI, pelo impressor Valentim Fernandes, ao conhecido humanista de Augsburgo, Conrado Peutinger, nos quais se trata de dar extensa noticia das terras descobertas e ocupadas pelos portugueses na Africa e India. A descrição da costa ocidental africana desde Ceuta até á Serra Leôa, que agora nos interessa, foi redigida no ano de 1501. Na parte relativa á costa da Serra Leôa, publicada por Kunstmann, em tradução alemã, nas Memórias da Academia de Munich, 1861, faz Valentim Fernandes duas referencias a um Alvaro Velho do Barreiro, e já Ravenstein perguntava se este não seria o mesmo Alvaro Velho, autor do *Roteiro*, segundo Kopke. Tratando de comprovar esta identificação, começa o dr. Hümmerich por notar que, em frente de Melinde, o autor do *Roteiro* compára a povoação africana com uma pequena vila próxima do Barreiro: «Esta vila de Melinde está em uma angra e está assentada ao longo de uma praia, á qual vila se quer parecer com Alcochete». Seria muito extraordinário que, por simples coincidência, houvesse um Alvaro Velho do Barreiro, e ao mesmo tempo um outro Alvaro Velho que, estando em Melinde na armada do Gama, se lembrasse logo do aspecto da vila de Alcochete, que dista apenas quatorze quilómetros do Barreiro. Os dois são a mesma pessoa, como confirma a análise do manuscrito em que se contem a descrição da costa da Serra Leôa, redigida em português, chegando o dr. Hümmerich a resultados inesperados.

Valentim Fernandes cita duas vezes o nome de Alvaro Velho. Primeiramente quando diz que em todas as aldeias da Serra Leôa há um idolo, chamado *Cru*, o qual é uma árvore, o Manipeiro, e conta que Alvaro Velho perguntara a um negro idoso porque criam em aquele pau e não em Deus, que criou o ceu e a terra, etc., respondendo-lhe o negro que bem sabia daquele Deus e criam neste pau porque sabiam bem que êle era mandado de cima. A segunda vez é quando descreve, para além do rio das Palmas, o idolo *Chinchim*, de forma humana, guardado por cobras enormes, de dez pés de comprimento, por dois palmos de grossura, que se alimentavam do sangue das vítimas, e conta como Alvaro Velho do Barreiro «que esteve alguns oito anos nesta terra» (refere-se á região da Serra Leôa), tendo ido vêr o idolo e as grossas cobras; disse que nunca se vira em tamanho perigo, apesar de lhe afiançar o capelão do Chinchim que nada tinha a temer. Os oito anos (alguns oito anos) que Alvaro Velho demorou por aquelas regiões cabem bem nos que decorrem desde 1499, em que terminou a viagem do Gama, até o ano de 1507, em que Valentim Fernandes redigiu a sua exposição a Conrado Peutinger. A hipótese de terem esses oito anos sido anteriores a 1497 deve registrar-se por causa do episódio em que se narra a justiça crúa do rei negro Mansa Falup, o qual arrancou, êle próprio, um olho a uma irmã por esta lhe ter furtado um

pouco de arroz, e este episódio é expressamente referido ao ano de 1500. Além disso, as mais informações prestadas pressupõem 11 dezenas de anos, de trato dos portugueses junto da Serra Leão, descoberta por Pedro de Cintra, entre 1460 e 1463. Segundo o dr. Hümmerich, que fundamenta minuciosamente e com seguro critério o seu juízo a descrição enviada por Valentim Fernandes a Peutinger é baseada, na parte em que trata das regiões situadas ao sul do rio Gambia, numa memória escrita por Alvaro Velho, em que elle expoz o resultado das suas observações, sobre a terra e os habitantes, plantas, animais, clima e cultura, objectos de comércio, costumes e religião, colludadas nos oito anos em que percorreu aquellas paragens, e demoradamente conviveu com os Bolões e os Teminis.

Como foi elle parar a estas costas da Guiné? O dr. Hummerich reconstitui assim os factos. Alvaro Velho termina o seu *Roteiro*, dizendo que a armada do Gama reduzida então á nau *S. Gabriel* e caravela *Berrio*, se aproximava em 25 de Abril de 1499, da ilha de Santiago, e que nesse dia acharam fundo de 35 a 40 braças e não puderam avistar terra, e os pilotos diziam que estavam nos Baixos do Rio Grande. Nos oito anos seguintes um Alvaro Velho reside precisamente na costa da Serra Leão que segundo Valentim Fernandes, se estende desde aí até ao Cabo do Monte Mero, acaso? De modo algum. Os navios portugueses andavam naquele dia 25 de Abril procurando terra. Desembarcaram depois para meter água e lenha, o que não faziam desde 12 de Março. E quando os dois navios retomam a sua derrota, Alvaro Velho fica em terra, por doença, por desastre, por qualquer motivo imprevisito, e por lá se emprega, quer como feitor, quer como capitão ou mestre de alguma caravela que andasse em comércio de troca por aquellas paragens. O *Roteiro* interrompe-se então porque a viagem terminou para o seu autor. Em compensação, durante o tempo que por lá ficou, até principios ou meido do ano 1507, escreveu a descrição da costa ao sul do rio Gambia que Valentim Fernandes aproveitou.

Os editores portugueses do *Roteiro* insistem, com a maior sinceridade, em depreciar a fôrma como elle esta redigido. Kopke diz que a evidência intrínseca do estudo e narrativa indicam a humilde situação do seu autor. Herculano chama-lhe uma narrativa rudemente escrita, onde a gramática e a clareza da dicção são, a cada momento, preteridas. Os commentadores estrangeiros, menos exigentes quanto a forma, mais attentos á substancia, exaltam as finas qualidades de observação do autor. Ravenstein é de opinião que elle não pode pelo estylo literário, pôr-se a par de Barros ou Castanheda, mas isso não prova, de modo algum, que elle fosse de humilde condição. A sua narrativa é nitida e precisa, e mostra que elle era um homem de discernimento, perfeitamente capaz de dar um intelligente relato de tantos factos novos que vieram cair sob a sua observação. O dr. Hummerich tem por Alvaro Velho uma consideração ainda maior, desde que o julga autor tambem da memória sobre os povos occidentais africanos que serviu de fonte a Valentim Fernandes, na qual melhor se revelaram as suas inclinações para estudos de etnografia, manifestando faculdades superiores. Considera-o um homem nada vulgar, sem cultura literária mas de larga visão e claro entendimento, com manifestos interesses, tanto pelas civilisações do Oriente como pelo estado primitivo dos negros africanos, sabendo descrever quanto vê e ouve, com simplicidade e exactidão. Não podemos, pois, deixar de admirar este homem, que acompanhou Vasco da Gama nessa espantosa viagem de circumnavegação da Africa até Calcut, tendo sempre o cuidado de bem observar e registar no seu diario os factos capitais da famosa expedição, e logo a seguir se demora oito anos na costa da Guiné, onde compõe um notavel trabalho de etnografia africana.

A autenticidade do «Roteiro»

Frederico Ayala publicou, em 1898, como dissémos já, um opúsculo, cuja novidade principal é a afirmação que o *Roteiro* é um documento forjado. Com que fim e vantagem se deu o falsificador a tal trabalho não julga necessário explicar. Começa por dizer que o *Roteiro* é uma falsificação, por não possuir as qualidades de um verdadeiro *diário*, qualidades que formula arbitrariamente. Ora Alvaro Velho escreveu o que quiz, como e quando poudo, sem pensar que, quatro seculos depois, um critico exigente lhe havia de ditar as regras do seu relato. Em seguida lança Ayala, a proposito da partida do Tejo, uma sequência de interrogações admirativas, de pura retórica sentimental. Não podemos aqui, nem vale a pena, entrar em pormenores sobre esta parte. Damos apenas uma amostra: «Nem a figura pensativa e confiada de Vasco, de pé sobre o tombadilho, e a que o pálido luar vinha dar o realce duma visão queda e sublime, despertou em Alvaro uma palavra sequer de admiração ou de pátrio desvanecimento?!» E' claro que Alvaro Velho, como iá na nau de Paulo Gama, difficilmente poderia apanhar êste instantaneo do capitão-mór em pé no tombadilho do S. *Gabriel*, pensativo e confiado, á luz do pálido luar...

De maior valor é já a consideração seguinte: «Para avolumar a suspeita de que o *Roteiro* é um documento, pelo menos dos fins do primeiro quartel do século XVI, basta lêr a descrição de certos reinos ao sul de Calecut, com o preço e procedencia de várias mercadorias, e até um vocabulário da lingua indigena, que segue ao interrompido diário». Com efeito, ao relato da viagem juntou Alvaro Velho dois apêndices: o primeiro é uma relação geográfico-comercial, o segundo uma lista de muitos termos da linguagem de Calecut, os quais Ayala não julga possivel terem sido obtidos na primeira viagem. Precisamente êstes dois apêndices são objecto dos dois primeiros Estudos do dr. Hummerith, incluídos no volume decimo da *Revista da Universidade de Coimbra*. O vocabulário da linguagem indiana foi fornecido, durante a viagem de regresso, pelos Malabares que Vasco da Gama apanhou em Calecut e trouxe comsigo para testemunhas do seu descobrimento. A relação geográfico-comercial foi fornecida por aquele judeu que Vasco da Gama tomou na ilha de Angediva e trouxe também comsigo, o qual depois, com o nome de Gaspar da Gama ou Gaspar da India, prestou relevantes serviços ao rei D. Manuel no Oriente. Assim, os dois apêndices são antes duas boas provas da genuinidade do *Roteiro*.

Outro argumento de Frederico Ayala, é a brusca interrupção da narrativa quando chegam aos baixos do Rio Grande, mas, como já sabemos, isso resultou simplesmente de ter aí terminado a viagem para o autor, que então ficou na Guiné.

O seu grande argumento, porêr, que classifica de prova a mais esmagadora, e a falta de exactidão, várias vezes notada, na correspondência entre os dias do mês e os dias da semana, apontados no *Roteiro*, julgando êle sempre que é o dia da semana que está errado, o que pode não ser a verdade. E' evidente que Alvaro Velho escreveu a narração de muitos factos depois de êles se terem passado. Não admira que alguma vez se enganasse, como hoje, apesar da abundancia de calendários e jornais que andam nas mãos de todos, qualquer de nós se engana frequentemente. Nota Ayala que, no ano de 1498, se diz no *Roteiro* que os dias 10 de Janeiro e 16 de Setembro foram em quinta-feira, quando a verdade é que foram em quarta-feira sucedendo o inverso em 23 de Agosto. A tróca, de

quarta-feira por quinta-feira não é de admirar, e pode até explicar-se como erro de cópia, fácil de cometer. Mais grave é, porém, o que sucede no mês de Fevereiro de 1499, quando, segundo afirma Ayala, se diz que os dias 9, 14 e 27 foram, respectivamente, numa segunda-feira, sexta-feira e domingo, e a verdade é que foram num sábado, quinta-feira e quarta-feira. A isto acrescentaremos nós o leitor que depois de lêr esta explicação, fundamentada em cálculos correctamente feitos, fôr estudar o *Roteiro*, convencer-se-há até de que todas as datas daquele mês estão erradas. Isto precisa maior análise. Vamos expor a resposta clara e sigaz que a este respeito dá o dr. Hümmerich.

A armada do Gama partiu, no ano de 1498, da ilha de Anjediva, para de novo atravessar o Oceano Indico, de regresso á Pátria como expressamente se diz no *Roteiro*, «a uma sexta-feira, que foram cinco dias do mês de Outubro». A duração da travessia até avistarem terra africana em Magadoxo, é dada adiante: «Andamos tanto tempo em esta travessa que três meses menos três dias gastamos nela». Tendo partido em 5 de Outubro e durando a travessia três meses menos três dias, deve concluir-se que foi em dois de Janeiro de 1499 que avistaram terra africana mas no *Roteiro* lê-se: «E foi uma quarta-feira, dois dias do mês de fevereiro da era de 1499 anos». Ora este dia dois de fevereiro foi num sábado e o dia dois de Janeiro é que foi em quarta-feira. Daqui deduz o dr. Hummerich, e muito bem, que ha nesta copia do *Roteiro* troca do mês. Engano do autor ou erro do copista, a palavra *fevereiro* tem de substituir-se por *janeiro* como corrobora a sequênciã da narrativa. Com effeito logo adiante se lê: «E ao sábado que foram cinco dias do *dito mês*», e em cinco de fevereiro foi terça-feira, o sábado foi em cinco de janeiro. O *dito mês*, é, pois este ultimo. Conclusão semelhante se vai deduzindo das datas, successivamente mencionadas no dito mês, até á ultima: «E a um domingo, que foram 27 dias do dito mês, nós partimos daqui com mui bom vento á popa». E' ainda do mês de janeiro que se trata, cujo dia 27 foi, na verdade um domingo. E o que vem comprovar cabalmente tudo isto é a chegada a Moçambique: «E ao primeiro dia de fevereiro á tarde fomos pousar diante as ilhas de Sam Jorge em Moçambique». Se chegaram ás ilhas de Sam Jorge no primeiro de fevereiro, é bem claro, finalmente, que tudo o que antes se narra teve lugar em janeiro. Assim, tudo se acerta e põe na evidente luz da verdade, emendando uma unica vez a palavra *fevereiro* para *janeiro*, a primeira vez que aparece neste ano de 1499. A sequencia dos acontecimentos encadeia-se assim perfeitamente. A prova que Ayala classifica de mais esmagadora só pode afinal, ser esmagadora para elle porque mostra quão superficial foi o seu estudo do *Roteiro*.

As datas da partida de Lisboa, e chegada á India, da esquadra do Gama, dadas pelo *Roteiro*, são confirmadas pelas cartas de Girolamo Serinigi, o commerciante florentino estabelecido em Lisboa á data do regresso a Portugal dos expedicionarios com quem falou, as quaes desmentem Gaspar Correia. As objecções de Ayala desfazem-se em fumo. O *Roteiro* tem claramente estampado na fronte o selo da autenticidade, para quem o lêr sem opiniões anticipadas, como afirma Hummerich.

«As *Lendas da India*, de Gaspar Correia, são, pelo menos, enquanto se não provar o contrario no que toca á primeira viagem do Vasco da Gama, a narração exacta e fiel do assombroso acontecimento» — diz Ayala. Ora, está bem provado o contrario. Aplicando á narrativa da primeira viagem do Gama, por Gaspar Correia, a luz intensa do seu seguro critério, fundamentado em largo estudo, conclui o dr. Hummerich que ella está inçada de falsidades, como a sua narrativa da viagem de Alvares Cabral.

Correia foi para a Índia em 1512, e tem autoridade para os acontecimentos de que foi testemunha ou esteve em condições de obter seguras informações, mas não a tem para os primeiros descobrimentos.

Rodrigo Felner, no seu prefácio ás *Lendas da Índia*, acaba por formular este juízo a respeito da obra de Gaspar Correia: "é preciso não dissimular que se encontram nela alguns erros cronológicos; algumas opiniões singulares que não poderão ser admitidas senão depois de maduro exame, e uma propensão para o romanesco e maravilhoso, não impróprios das Lendas, antes nelas bem cabidos, porém incompatíveis com a gravidade da historia". A' conta desta propensão para o romanesco deve ser levada a conjuração (de que não ha vestigio no *Roteiro*), tramada contra Vasco da Gama quando vão subindo a costa oriental africana, a qual êle subjuga, chamando o mestre, o piloto e os três principais marinheiros á sua câmara, onde os põe traiçoeiramente a ferros, lançando depois ao mar todos os petrechos da arte de navegar, e proclamando que, dali em diante, mestre e piloto só Deus! Os astrolábios e cartas de marear atirados pela borda fóra por mão do capitão-mór, o piloto Pero de Alenquer, companheiro de Bartolomeu Dias na descoberta do cabo da Boa Esperança, posto a grossos ferros, e tudo o mais, é pura lenda, uma destas lendas que naturalmente se formam sôbre empreendimentos de espantosos perigos, como a primeira expedição á Índia, e que cada um avoluma ao sabor da sua fantasia. Ravenstein classifica de absurda a longa narração, feita por Correia, da suposta revolta, a que chama "the absurdly elaborate account of Correa". Impossível entrar aqui em maior desenvolvimento. Mas ouçamos a tuba canora de Camões, sempre inspirada na verdade "nua e pura", que, nos feitos portugueses vence toda a grandiloqua escriptura: "

*Crês tu, que se êste nosso ajuntamento
De soldados, não fora Lusitano,
Que durara êle tanto obediente,
Por ventura, a seu Rei e a seu Regente.*

*Crês tu, que já não foram levantados
Contra seu Capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, ce ira?
Grandemente por certo estão provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
De aquella Portuguesa, alta excelência,
De lealdade firme e de obediência.*

Concluindo, o manuscrito da Biblioteca Municipal do Porto é a fonte de maior valor para a história da primeira viagem de Vasco da Gama, aquella que foi o seu grande feito. Neste dia em que se comemora o quarto centenario da morte do grande capitão, não deve esquecer o nomê do seu companheiro e primeiro cronista, Alvaro Velho do Barreiro. Da actividade deste homem conhecemos apenas o que fez nos dez anos que vão de 1497 a 1507, e que é muito. Tendo tomado parte na famosa viagem, de que foi cronista, demora-se, a seguir, oito anos na costa da Guiné, onde escreve também quanto observou sobre costumes e religião das populações indígenas, trabalho que serviu ao impressor Valentim Fernandes para o relato

que enviou ao humanista Conrado Peutinger, com a descrição da costa da Serra Leoa. Aí a sua curiosidade etnográfica não foi isenta de risos. Elle próprio declara que nunca se viu em tamanho perigo como quando foi vêr as enormes serpentes que guardavam o ídolo africano, êle que corria já todos os perigos da viagem do Gama! Se é preciso classificar de pobre o seu estilo (êle seguramente nunca aspirou aos primores de um João de Barros!), cabe-lhe a grande glória das suas qualidades de homem de acção observador fino e ousado, que soube escrever, simples e precisamente, quanto poudo vêr e averiguar com a sua sagaz curiosidade

Luciano Peretra da Silva.

2.º VOLUME

INDICE

Itinerario da viagem de Vasco da Gama, 8 Julho 1497 a 18 Setembro 1499	5
Calendarario de 1497-1499	9
II — A Viagem de Vasco da Gama, 1497-1499	
1 — A partida	15
2 — Da Lisboa á Ilha da Santa Helena, 1497	21
	21
	29
	32
6 — No Zambezi	31
7 — Moçambique	36
8 — Mombica	41
9 — Melinde	44
10 — Chegada á India — Calicut 1498.	47
11 — A visita ao Samorim	53
12 — Regresso a Portugal, 1499	61
— Os Padrões	68
III — A Viagem de Cabral — 1500-1501	69
Roteiro da viagem	73
1 — As monções	75
2 — A armada	76
3 — A partida — O Brazil — Melinde	79
4 — Na India — Calicut — Cananor — Coullão	83
5 — A primeira escaramuça	86
6 — O regresso	88
7 — O Judeu Sacuto	90
IV — João da Nova — 1501-1509	92
1 — Primeira viagem	95
2 — Na armada do Viso Rei	98
V — Vasco da Gama — 1502-1503	103
1 — A armada	105
2 — Sofala — Quiloa	107
3 — Melinde	109
4 — Na India	109
5 — Vicente Sodré — Regresso	112
VI — As armadas de 1503-1505	115
1 — Os Albuquerque	117
2 — Antonio de Saldanha	121
3 — Vicente Sodré — 1.º capitão mor de mar — 1503-1505.	122
4 — Duarte Pacheco — 2.º capitão mor de mar — 1504-1505	125

VII — O Viso Rei D. Francisco d'Almeida 1513-1519	131
1 — Novo governo da Índia — A partida da armada — O Cabo — 1505	133
2 — Tomada de Quilloa e Membaça — Chegada a Arrediva — 1505	141
3 — Cananor — Ceilão — Pandarane — 1505	143
4 — Ceilão — João da Nova — Destruição de Quor — Os cristãos de Cochim — Fortaleza em Cochim — 1506	153
5 — Uma carta de Gaspar Pereira — Sumário das cartas do Viso Rei — Dezembro de 1506	156
6 — Ceilão — As bréviás do Corregedor — Cananor — 1506-1507	166
7 — Armada de 200 — Tristão da Cunha — Agrada de Saldanha — Angochê — Socotora — 1506	168
VIII — Cartas de Gaspar da Índia, Diogo d'Alcáçova, Elrei, Lourenço de Brito — 1506-1507	173
IX — Em Cananor, no inverno de 1507 — Combate de Panane — Algumas medidas do Viso Rei	195
X — Kollat — Kurrat — Mascut — Kêr — Fakhar — 1507	202
XI — Quor — Batalha naval	206
XII — Tratado de paz — Outubro 1507 — Indisciplina dos capitães — Prisão de João da Nova	217
XIII — A construção da fortaleza de Nossa Senhora da Vitória — 1507-1508	220
XIV — Insubordinações — Prisão de João da Nova — Partida de Albuquerque para a Índia — 1508	231
XV — A chegada dos desertores a Cochim — O castelo de cima — O negócio da pimenta	236
XVI — O combate naval de Chaul	238
XVII — Armadas — Exercício de Gaspar Pereira — 1507-1508	243
XVIII — Cartas de Albuquerque — 1508	246
XIX — Chegada de Albuquerque a Cananor	247
XX — A batalha naval de Dia — 1508	251
XXI — A prisão de Albuquerque — 1508	252
XXII — A armada de Marcebal — 1508	253
XXIII — A entrega do governo — Morte do Viso Rei	255
— Carta d'Elrei D. Manuel para o Arcebispo de Braga	256

2.º VOLUME

ERRATAS PRINCIPAIS

<i>Página</i>	<i>Linha</i>	<i>Onde se lê</i>	<i>Deve ler-se</i>
6	13	1499	1498
7	23	Anjediva	Angediva
»	25	»	»
17	36	as freiras	os freires
19	33	empregnado	impregnado
21	40	corregemos	corregemos
25	8	d'Albuquerque	d'Alemquer,
29	19	(4)	suprimir
»	39	(5)	(4)
30	19	como	com
31	16	clinas	climas
»	20	bonança	borrasca
33	27	Castanhede	castanheda
»	31	Aynada	Aanada
»	45	estabelecerem	estabeleceram
36	31	mandado	mandando
38	10	tendo	sendo
»	43	caravelas	caravanas
41	30	(3)	suprimir
»	37	(4)	(3)
»	42	—	(4)
53	nota	Gomes	Goes
»	»	Ferrão	Fernão
60	»	carta	costa
63	18	fugiamos	faziamos
71	33	Regimesto	regimento
79	20	pandeiros	pandeiros
81	14	ferrino	ferino
83	9	Melinde	Mombaça
88	pen. ^a linha	concentrar	concertar
89	1	segua	segura
90	8	aproveitam	aproveitara
95	nota 3	Massel	Mossel
»	»	ficou	fica
96	pen. ^a linha	em	esse
101	3	sairam	caíram
103	nota 3	em cada	cerca d'
»	»	comprovado	comprador
109	42	proseguiam	proseguiram
113	16	assombrados	arrombados
»	21	afundando-os	arrombados